UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA

DIÁRIOS DE GUERRA: MEMÓRIAS E TESTEMUNHOS DOS SOLDADOS BRASILEIROS QUE COMBATERAM NA ITÁLIA DURANTE A 2ª GUERRA MUNDIAL (1944-1945)

Florianópolis
2009

CARMEN LÚCIA RIGONI

DIÁRIOS DE GUERRA: MEMÓRIAS E TESTEMUNHOS DOS SOLDADOS BRASILEIROS QUE COMBATERAM NA ITÁLIA DURANTE A 2ª GUERRA MUNDIAL (1944-1945)

Tese apresentada como requisito parcial à obtenção do título de Doutor em História, Linha de Pesquisa Jogos de Linguagens, Cultura e Poder pela Universidade Federal de Santa Catarina.

Orientadora: Profª. Drª. Cynthia Machado Campos

Florianópolis
2009

TERMO DE APROVAÇÃO

CARMEN LÚCIA RIGONI

DIÁRIOS DE GUERRA: MEMÓRIAS E TESTEMUNHOS DOS SOLDADOS BRASILEIROS QUE COMBATERAM NA ITÁLIA DURANTE A 2ª GUERRA MUNDIAL (1944-1945)

Tese aprovada como requisito parcial para obtenção do grau de Doutor no Curso de Pós-Graduação em História, Linha de Pesquisa Jogos de Linguagens, Cultura e Poder pela Universidade Federal de Santa Catarina, pela seguinte banca examinadora:

Orientadora: Profª Drª Cynthia Machado Campos
Departamento de História, UFSC

Profª Drª Maria Aparecida de Aquino
Departamento de História, USP

Profª Drª Marlene de Fáveri
Departamento de História, UDESC

Prof. Dr. Antônio Manoel Elíbio
Departamento de História, UNISUL

Profª Drª Karla Leonora Dahse Nunes
Departamento de História, UNISUL

Suplentes: Profª Drª Cristina Scheibe Wolff
Departamento de História, UFSC

Prof. Dr. Marcos Monysuma
Departamento de História, UFSC

Aos combatentes da FEB, um dia jovens recrutas, que, movidos pelo amor incondicional à pátria brasileira, atenderam ao chamado da guerra. Embarcaram nos Escalões, cruzaram os mares e foram para a Itália lutar pelas liberdades. Lá, permaneceram nos acampamentos e atenderam à população italiana em suas necessidades. De tropa de reserva, foram alçados contra um inimigo preparado e experiente, mas no bom combate se tornaram combatentes. Trouxeram consigo lembranças, para todo o sempre, dos clarões dos bombardeios, do barulho ensurdecedor que as palavras não explicam. Passaram por jornadas desgastantes no frio, na chuva e na lama. Atônitos, perderam não só os companheiros que ficaram em Pistóia, mas também parte da juventude alegre e descompromissada. Sacrificaram-se, mas tornaram-se testemunhos vivos do cenário quase inenarrável. Com suas memórias e testemunhos, conseguiram compor uma parte da história brasileira. Histórias de vida, de soldados, que ainda tocam os corações de italianos e brasileiros.

AGRADECIMENTOS

BRASIL

A Arlindo Rigoni, meu esposo, pela ajuda e incentivo, proporcionando, no convívio diário, a mesma paixão pelo tema, que rendeu, no processo todo, discussões e reflexões maravilhosas. Não esquecerei.

A Luiz Pirolo, meu genro, a Luciana Tereza e a Eder Mauricio, meus filhos, pela compreensão nos momentos da minha ausência, quando a pesquisa exigiu dedicação exclusiva.

À profª Drª Cynthia Machado, pela orientação segura durante todo o processo de investigação nesta pesquisa. Momentos de fragilidade que venci com a sua ajuda.

Aos professores do Departamento de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Santa Catarina, fontes seguras nos aportes e incentivadores da livre produção textual.

Aos amigos do curso de Pós-Graduação em História, seleção 2005, muitos já mestres e doutores, buscando caminhos para a realização de seus desafios.

À profª Drª Marlene de Fáveri, com a sua obra *Memórias de Outra Guerra,* fonte inspiradora do meu trabalho. O olhar sensível apontando caminhos.

À profª Drª Maria Auxiliadora Schmidt, da Universidade Federal do Paraná, pela oportunidade de fazer parte do seu grupo de estudos e conhecer as reflexões do historiador alemão Jör Rüsen.

À profª Drª Maria Aparecida Aquino, do Programa de Pós Graduação em História da USP, pelo incentivo dado em relação à pesquisa sobre a FEB, no ano de 2005.

A Virginia Leite, tenente enfermeira da FEB, pelo apoio incondicional, ajudando a organizar documentos, fazendo contatos, narrando suas histórias e lembrando das enfermeiras brasileiras que atuaram na guerra.

À Academia Brasileira de Ciências da Educação, pelo apoio da Diretoria e aos meus alunos dos cursos de pós-graduação - a quem tento mostrar o caminho das pedras -, pelo carinho, compreensão.

Aos amigos do Instituto Histórico e Geográfico do Paraná, sempre bons 'ouvidos' a escutar as minhas histórias, onde a cada dia faço mais admiradores da FEB.

À Direção Central da Associação Nacional dos Veteranos da FEB do Rio de Janeiro, amigos e combatentes pelo carinho e confiança depositada no presente escrito. Ao coronel da FEB, Osnelli Marttinelli (*in memorian*), homem de discurso forte, quando disse, em 2007, não me conhecer, mas acreditar no meu trabalho.

À Legião Paranaense do Expedicionário, pela oportunidade de pesquisa e, em especial, às pessoas: do general Ítalo Conti, que detém o bastão da FEB, em Curitiba, dos soldados Geraldino Werner, Aristides Saldanha Vergés, João Trella, Francisco Raabe e Laertes de Abreu, pelo carinho e incentivo dado em todas as ocasiões.

Ao amigo combatente capitão Alfredo Klas, que, corajosamente, expõe os fatos polêmicos ocorridos na sua companhia do 1º batalhão do 11º R.I., durante os ataques ao Monte Castelo, nos episódios de *Guanella e Abetaia,* refutando algumas 'verdades' e imaginários introjetados na História, buscando uma aproximação dos fatos. Argumentos admiráveis.

Aos amigos combatentes da Associação dos Ex-combatentes do Brasil, seção de São Paulo, que sempre mantiveram as portas abertas aos pesquisadores e admiradores da FEB.

À Associação dos Veteranos da FEB de Belo Horizonte, a nos mostrar que a organização e a união fazem a força.

À Associação de Veteranos da FEB de São João Del Rey, com a memória do 11º R.I., sempre prontos a disponibilizar documentos.

Aos combatentes de Juiz de Fora, de Petrópolis, de Florianópolis e de Brasília, sempre dispostos a colaborar com a pesquisa.

Aos filhos e familiares de combatentes, sempre dispostos a descobrir histórias, tentando demarcar um tempo. Ao Edson Hipólito Jr. e a Nair Schmidt.

A Joaquim Caravelas, jovem jornalista e pesquisador da FEB, pelo incentivo.

ITÁLIA

Ao Instituto da História da Resistência de Bolonha e de Parma, aos combatentes italianos que um dia combateram ao lado dos brasileiros.

Às 'comunes' de *Gaggio Montano, Montese, Porreta Terme* e *Vergato* que, no período de 2003 a 2005, disponibilizaram seus arquivos e bibliotecas especializadas ajudando no construto da presente pesquisa.

A Fabio Gualandi, memória viva do tempo dos nossos soldados, que, nos arredores de Monte Castelo e Montese, me guiou pelos caminhos dos pracinhas na Itália e, a cada marco, chorou comigo.

A Anna Gualandi, pela paciência de atender aos que chegam do Brasil.

A Francesco Berti, da brigada *Giustizia e Libertà*, proprietário da Casa *Guanella,* marco histórico para brasileiros e italianos, em cujos jardins conflitos aguerridos aconteceram, defronte ao Monte Castello. A doação de livros e documentos que tratam da participação da FEB foram importantíssimos a este trabalho.

A Giancarlo Maccianteli, que, jovem na guerra, vivenciou episódios marcantes com os soldados brasileiros. Em Bolonha, no ano de 2005, colaborou na escolha exaustiva de documentos para a atual pesquisa.

Ao Dr. Ezio Trotta, pesquisador da comune de *Tolé*. Quando das investigações sobre os soldados do 5º Exército Americano, produziu escritos inéditos que muito ajudaram a entender as relações entre brasileiros e italianos.

A Giovanni Sulla, em Montese. Jovem que não viu a guerra, mas apaixonou-se pelo que lhe contaram.

A Roberto Venturi, de *Porreta Terme.* Italiano que combateu ao lado dos brasileiros e que, com suas histórias, narrou a sua passagem pela FEB, guarda até hoje a fotografia que documentou o momento.

A Caterina Bruni. Um dia, jovem italiana, vivenciou o episódio dos 17 de *Abetaia,* quando, com um grupo de retirantes, em fevereiro de 1945, passou ao lado dos corpos dos soldados brasileiros. Jamais esqueceu.

A Clara Castelli, de *Gaba.* Quando do nosso encontro em Bolonha, fez questão de mostrar o período em que sua família conviveu com os soldados brasileiros.

A Maria Marchi, sobrinha do pároco de Gaggio Montano. No longínquo 1945, quando do seu relato, nos mostrou a religiosidade que moveu os brasileiros na guerra.

A Margareth Cecchelli e Adelfo Cecchelli, editores do *Gente di Gaggio,* quando abriram espaços nesse boletim semestral, para publicações dos artigos sobre a FEB.

À biblioteca de *Gaggio Montano* pela disponibilidade de consulta nas duas ocasiões em que precisamos: 2003 e 2005.

Ao prof. Dr. Ivo Mattozi, da Universidade de Bolonha, pesquisador da transposição didática dos eventos históricos. Quando de um seminário na UFPR, em 2007, disponibilizou textos significativos que ajudaram a refletir sobre as nuances da memória.

Neste lugar,
hoje, onde o verde vale nos faz perder o respiro.
E por ele corta o rio Taro,
renova-se o olhar.
Um dia...
Brigadas *partigianas* e
Soldados Brasileiros das Forças Aliadas,
na união de intentos,
levaram à rendição
imensas forças nazi-fascistas
nos últimos dias de Abril de 1945
da libertação.

Placa existente na entrada da cidade de Fornovo di Taro (Itália).

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO 16
1 RECONSTRUINDO O PASSADO: A MEMÓRIA QUE CONSTRÓI O TEXTO, O BRASIL VAI À GUERRA 47
1.1 DIÁRIOS DE GUERRA: FONTES RELEVANTES NA RECONSTRUÇÃO HISTÓRICA DA FEB 47
1.2 A GUERRA PRECEDE O ESTADO UMA VISÃO SOBRE A 2ª GUERRA MUNDIAL 59
1.3 A ERA VARGAS, PERSPECTIVAS DE UM TEMPO EM QUE O BRASIL VAI À GUERRA 63
1.4 O PERÍODO QUE ANTECEDEU AO GOLPE DE 1937 72
1.5 O GOLPE DO ESTADO NOVO E SUAS DIRETRIZES 84
2 OS INTELECTUAIS, CULTURA E EDUCAÇÃO NO ESTADO NOVO 96
2.1 A GÊNESE DO DISCURSO DOS VETERANOS DA FEB - OS INTELECTUAIS NO ESTADO NOVO 96
2.2 O DEPARTAMENTO DE IMPRENSA E PROPAGANDA (DIP) ÓRGÃO MÁXIMO E EDUCADOR DO REGIME LEGITIMANDO O PODER DE VARGAS 103
2.3 AS REPERCUSSÕES DE UM NOVO IDEÁRIO, A BRASILIDADE, OS INTELECTUAIS E O PODER 110
2.4 O PROPÓSITO DA EDUCAÇÃO NO ESTADO NOVO 127
2.4.1 Segurança Nacional, Militarização, Educação de Jovens. 129
2.4.2 Nacionalizar o Ensino, Educar o Povo como Metas Principais 136
3 A FEB PARTE PARA A GUERRA: LEMBRANÇAS DA PARTIDA 149
3.1 POVO LABORIOSO E PACÍFICO, MAS PRONTO A REAGIR CONTRA QUALQUER AGRESSÃO 149
3.2 ALIANÇAS E INCERTEZAS: O BRASIL PREPARA A FORÇA EXPEDICIONÁRIA BRASILEIRA 158
3.3 OS BRASILEIROS VÃO À GUERRA, MAS ONDE É A LUTA? 164
3.4 A SELEÇÃO DOS HOMENS DA FEB: AS DIFICULDADES DAS JUNTAS MÉDICAS 173
3.5 SOLDADO CONVOCADO OU VOLUNTÁRIO PARA A FEB, TEU DESTINO É O QUARTEL 181

3.6 A LEGIÃO BRASILEIRA DE ASSISTÊNCIA UMA AGÊNCIA A SERVIÇO DO SOLDADO BRASILEIRO 196
3.7 O EMBARQUE RUMO À ITÁLIA DESAFIANDO OS SUBMARINOS DE HITLER 204
3.8 OS CAMINHOS DE UM PRACINHA: A PARTIDA 208
3.9 COBRAS FUMANDO: O BRASIL ESTÁ PRESENTE 218
3.9.1 Nápoles Destruída: a primeira visão da guerra para os soldados brasileiros 229
4 OS DIAS DA LINHA GÓTICA: CRONOLOGIA DOS DIÁRIOS SOBRE OS EVENTOS NO ULTIMO FRONT DE GUERRA NA ITÁLIA 236
4.1 A SOCIEDADE NA GUERRA: AS TRAGÉDIAS QUE APROXIMARAM ITALIANOS E BRASILEIROS 236
4.2 OS AVANÇOS DO PRIMEIRO ESCALÃO EM TERRAS ITALIANAS: A GUERRA CONTADA PELA IMPRENSA OFICIAL 244
4.3 CHEGAM À ITÁLIA O SEGUNDO E O TERCEIRO ESCALÕES DA FEB: A VISÃO DA IMPRENSA BRASILEIRA 251
4.4 AS MANOBRAS DO 6º R.I. NO VALE DO SERCCHIO: O BRASIL ESTÁ PRESENTE 266
4.4.1 O revés de Somacolonia ou o desastre anunciado que a imprensa não noticiou 278
4.5 O BRASIL ESTÁ PRESENTE NO *FRONT*: POPULAÇÃO E CIDADES, AS PRIMEIRAS IMPRESSÕES 289
4.6 OS ACAMPAMENTOS NA ITÁLIA, AGNARO, TARQUINIA, VADA E SAN ROSSORE: ESPAÇOS DE SOLIEDARIEDADE 297
4.6.1 Dia de soldado: vida social, bailinhos, amores e casamentos 310
4.6.2 As Vilas: as famílias e a figura da *mamma*, laços de amizade que se fortificaram 328
4.6.3 O pracinha velho de guerra enfrenta a neve 339
4.6.4 Na linha de frente: o primeiro natal na guerra 345
5 DEMARCANDO AS LEMBRANÇAS 363
5.1 A GUERRA DAS PATRULHAS: COM OS NERVOS À FLOR DA PELE 363
5.1.1 A legendária figura do patrulheiro Max Wolff Filho 374
5.2 BATALHAS DE VIDA E MORTE: O SIGNIFICADO PARA A FEB DA TOMADA DE MONTE CASTELLO E MONTESE 384
5.2.1 Casa *Guanella*: quando correr após fogo pesado não significa covardia 395

5.2.2 Abetaia é nome feio: quando os mortos ficaram insepultos 406
5.2.3 O dia em que o Castello caiu 416
5.2.4 Montese: o último reduto alemão na Itália. Desafio aos brasileiros.....430
5.2.5 Anjos de branco: médicos, enfermeiros e padioleiros salvando vidas na guerra 460
5.3 HISTÓRIAS REUNIDAS: O FIM DA GUERRA 483
5. 4 A IMPRENSA LEMBRANDO QUEM SÃO OS HERÓIS.....494
5.5 A CHEGADA AO BRASIL: A ALEGRIA DELIRANTE DE QUEM SOBREVIVEU 506
5.6 A FEB E SUA MISSÃO PERMANENTE.....520
CONSIDERAÇÕES FINAIS 539
GLOSSÁRIO.....555
REFERÊNCIAS.....557

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FIGURA 1 – A COBRA QUE FUMA.....219
FIGURA 2 – OS CORRESPONDENTES DE GUERRA BRASILEIROS.....220
FIGURA 3 – FRANCIS HALLAWELL.....221
FIGURA 4 – KESSELRING COMANDANTE GERAL DAS TROPAS NA ALEMANHA.....241
FIGURA 5 – MAJOR WALTER READER.....243
FIGURA 6 – HORA DO RANCHO.....256
FIGURA 7 – ALIMENTO AO POVO.....264
FIGURA 8 – GÊNEROS ALIMENTÍCIOS.....302
FIGURA 9 – CENA DE UM CASAMENTO.....324
FIGURA 10 – NATAL NA NEVE.....350
FIGURA 11 – MASCARENHAS DE MORAES E MARCK CLARK.....360
FIGURA 12 – INVERNO 1944-1945.....364
FIGURA 13 – DESARMANDO MINAS (FEVEREIRO DE 1945).....368
FIGURA 14 – A PATRULHA.....372
FIGURA 15 – OUTONO ITALIANO.....394
FIGURA 16 – MAPA DAS OPERAÇÕES BRASILEIRAS.....408
FIGURA 17 – MONTESE ABRIL DE 1945.....449
FIGURA 18 – A RENDIÇÃO EM COLLECCHIO DA 192ª DIVISÃO DE INFANTARIA ALEMÃ (29 DE ABRIL DE 1945).....458
FIGURA 19 – AS ENFERMEIRAS BRASILEIRAS.....469
FIGURA 20 – POSTO MÉDICO EM RIOLA.....472
FIGURA 21 – PADIOLEIROS.....476
FIGURA 22 – BOLONHA LIVRE.....484
FIGURA 23 – CEMITÉRIO DE PISTÓIA (ABRIL DE 1945).....517
FIGURA 24 – LEGIÃO PARANAENSE DO EXPEDICIONÁRIO.....527
FIGURA 25 – TRASLADO DOS MORTOS PARA O BRASIL.....530
FIGURA 26 – MASCARENHAS DE MORAES COMANDANTE DA FEB.....532

LISTA DE SIGLAS

AD - Artilharia Divisionária.
ANVFEB - Associação Nacional dos Veteranos da FEB.
AECB - Associação dos Ex-Combatentes do Brasil.
BE - Batalhão de Engenharia.
BIBLIEX - Biblioteca do Exército.
DE - Divisão de Exército.
DIE - Divisão de Infantaria Expedicionária.
DIP - Departamento de Imprensa e Propaganda.
CPP - Companhia de Petrechos Pesados.
EME - Estado Maior do Exército.
ELO - Esquadrilha de Ligação e Observação.
GC - Grupo de Combate.
LCI - *Landing Craft Infantry*.
PC - Posto de Comando.
PO - Posto de Observação.
PS - Posto de Saúde.
QG - Quartel General.
R/2 - Oficial da Reserva formado no CPOR.
RI - Regimento de Infantaria.
TO - Teatro de Operações.
VO - Verde Oliva.

RESUMO

65 anos se passaram e boa parte da população brasileira da primeira metade do século XX já esqueceu a participação brasileira na 2ª Guerra Mundial; um combate acontecido na Europa, que os mais jovens nem chegaram a conhecer. Nesse sentido, buscaram os ex-combatentes da FEB em uma missão que se diz permanente, não deixar morrer as suas memórias. O objetivo desta tese é localizar os lugares das memórias e compreender a motivação dos difusos discursos. O que buscavam os soldados? Seriam os ideais de ontem expressos nos relatos dos acontecimentos, na busca incessante de um sentido histórico? Pelos caminhos das memórias de guerra, os diários dos combatentes são as fontes primeiras. Mas de onde vinha a força nos escritos que denotavam o exacerbado espírito cívico? A pesquisa seguindo roteiros norteadores recuou no tempo e chegou à primeira metade do século XX, quando os intelectuais buscavam nesta fase as raízes nacionais, desse modo, foram exercendo o papel de vanguarda social e o ano de 1924 constituiu o marco inicial de uma caminhada que chegou ao Estado Novo. Na polifonia de vozes se intercruzam os discursos modernistas, as ações pela militarização dos jovens e a formação cívica dos cidadãos. Os diários de guerra e testemunhos vão denotar o discurso nacionalista, mesmo nos momentos de grandes fragilidades que a guerra proporcionou.

Palavras-chave: Diários de Guerra, 2ª Guerra Mundial, Estado Novo, Nacionalismo.

ABSTRACT

65 years have passed and a big part of the Brazilian population of the first half of the twentieth century has already forgotten the Brazilian participation in the 2nd World War; a fight happened in Europe, that the youngest did not come to know. Accordingly, the ex-combatants of the FEB sought, on a mission they say permanent, not let their memories die. The objective of this thesis is to locate the places of the memories and understand the motivation of the fuzzy speeches. What were the soldiers seeking? Were the yesterday's ideals expressed in the reports of the events, in a constant quest for a historical sense? In the path of the memories of the war, the diaries of the combatants are the first sources. But where did the strength of the writings come from that denoted the exacerbated civic spirit? The research following guiding itineraries went back in time and reached the first half of the twentieth century, when intellectuals sought at this stage the national roots, thus, were performing the role of social vanguard and the year of 1924 was the initial milestone of a journey that reached the “New State” (Estado Novo). In the polyphony of voices, the modernist discourses, the actions for the militarization of the young and the civic education of citizens are intersected. The war diaries and testimonies will denote the nationalist discourse, even in moments of great fragilities that the war brought.

Keywords: War Diaries, 2nd World War, New State, Nationalism.

INTRODUÇÃO

Como afirma Jöhr Rüsen, o historiador alemão defensor da teoria da história como autocompreensão, "Escrever história é tarefa dos historiadores, isso é trivial, como fazê-lo, é um problema."[1] Na ponderação do autor, a escrita da história se perde no profícuo trabalho de reflexão sobre os fundamentos da ciência da história e na busca por uma competência literária que a práxis historiográfica tem solicitado. Do cuidado metodológico à arte historiográfica, o presente trabalho se apoiará nos testemunhos dos soldados brasileiros, seja em seus diários ou nos relatos apresentados durante entrevistas, respeitando-se as peculiaridades de cada um e suas filosofias de vida. Da velocidade cronológica dos momentos vivenciados, surgem momentos singulares da história da Força Expedicionária Brasileira, que emergem com força e emoção.

> A história distingue-se das demais ciências por ser, simultaneamente, arte. Ela é arte ao dar forma ao colhido, ao conhecimento e ao representá-los. Outras ciências satisfazem-se em mostrar o achado meramente como achado. Na história, opera a faculdade da reconstituição. Como ciência, ela é aparentada à filosofia, como arte, à poesia.[2]

Passados muitos anos dos dramáticos dias de guerra, nos idos de 1944 e 1945 (que boa parte da população mais antiga já esqueceu e que os mais jovens não chegaram a conhecer, justamente por ter sido uma guerra fora do Brasil), buscam os ex-combatentes não deixar morrer memórias, indo à defesa de princípios que lhes eram muito caros, como a responsabilidade, a dignidade, a liberdade e a justiça. Com o passar dos anos, a consciência, ainda não adormecida, interpela o passado, em busca de reviver o vivido, no alvorecer da experiência de cada um, clama-se para que tais fatos jamais sejam esquecidos.

O objetivo principal desta tese é localizar os lugares das memórias dos soldados brasileiros, inseridos nos diários de guerra e em testemunhos de homens e de mulheres que formaram a Força Expedicionária Brasileira, combatendo na Itália, nos idos de 1944-1945, durante a 2ª Guerra Mundial. É propósito também verificar como estas memórias foram expressas, bem como desvendar a motivação que

[1] RÜSEN, Jörn. **História Viva.** Teoria da História III: formas e funções do conhecimento histórico. Tradução de Estevão Rezende Martins. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 2007, p.17.
[2] L. Von Ranke, citado por RÜSEN, *op. cit.,* p.18.

levou a difusos registros e discursos. Neste aspecto, a memória se constituirá em um tema relevante para esta pesquisa. No decorrer das reflexões que nortearão os caminhos deste estudo, autores como Mauricio Halbwachs, Michael Pollak, Ecléa Bosi, Pierre Nora, dentre outros, com seus estudos sobre a memória individual e coletiva tornar-se-ão aportes necessários no andamento deste trabalho.

Os lugares da memória dos combatentes brasileiros nesta pesquisa, estão centrados nos depoimentos escritos, seja em forma de diários com uma linha temporal definida pelos seus autores, ou pela narrativa da memória expressa em livros de memórias, em situações episódicas vivenciadas na guerra. Também serão considerados relevantes, os depoimentos registrados pelos pesquisadores durante as entrevistas onde os soldados brasileiros narraram suas histórias de vida. Ainda se incluem como documentos de análise neste estudo as crônicas publicadas pelos componentes da FEB, bem como os seminários e congressos dos quais estes homens tenham participado.

Na primeira tomada da pesquisa, foi necessária uma contextualização do tempo em que o Brasil vai à guerra. Neste aspecto, no aporte necessário da época do governo de Getulio Vargas entre 1930 a 1937, o Estado Novo terá um peso essencial e será fundamentado pelos discursos de Getulio Vargas na coletânea reunida sob o titulo *As Diretrizes da Nova Política do Brasil,* que cobrem o período de 1930 a 1942. Tais documentos retratam momentos importantes para a sociedade brasileira, e dizem respeito aos momentos políticos que antecederam à participação brasileira na 2ª Guerra Mundial.

A consulta a esses documentos será feita sempre que necessária na busca do contraponto entre os fatos políticos da época e a posição dos soldados brasileiros em seus discursos. Estes se constituem em narrativas pessoais e expressas nos documentos a serem abordados, e nos possibilitam a principio as seguintes perguntas: Nesses locais da memória, o que buscam os veteranos da FEB? Seria o reconhecimento dos ideais de ontem, pontos de referência na realidade de hoje? Que valores foram exaltados e recordados? Seria o desejo de que os valores que dizem respeito aos acontecimentos vivenciados em tempos de guerra fossem transmitidos e perpetuados no tempo?

Por meio da análise das fontes, na qual a voz do combatente será considerada a primeira, pelo suporte historiográfico brasileiro e italiano, e pela

aproximação desta pesquisa com os temas da memória, tentar-se-á responder a essas questões.

É pela voz da narrativa e por seus lugares da memória que a história dos combatentes brasileiros na Itália durante a 2ª Guerra Mundial será contada. Será feita uma breve viagem pelo mundo de uma História e de suas histórias, aquelas que mesclam em dados momentos o "eu" narrador, expresso pela autoria desta pesquisa e a "narrativa" dos combatentes. O caminho escolhido nem sempre será harmonioso, pois a longa trilha traçada apresentará turbulências que colocarão o trabalho à prova todo o momento. Delineando a pesquisa, a trama imbricada da história, na voz dos narradores, vai tornar plausível uma história quase impossível, de consciências que interpelam a memória e afloram nas palavras que fazem eco em busca das respostas, mostrando que o abismo entre a História (com agá maiúsculo) e aquela dos mitos, dos sonhos, das utopias, a tal história (com agá minúsculo) já não é tão profundo, porque, na verdade, a História está sendo feita pelos homens e mulheres que um dia ajudarão a escrevê-la.

No âmbito do delineamento tomado, como a narrativa terá a força do construto nesta pesquisa, há necessidade definir os conceitos que regem a complexidade da palavra narrativa, as concepções e o caminho imbricado dela própria, na visão de literatos e historiadores.

Os anos de 1970 foram conturbados pelos debates acirrados entre os historiadores em torno da história e da historiografia (literária), quando se discutia sobre uma história narrativa e uma história problema. O público leigo rendia-se com entusiasmo aos livros de história, nos quais o historiador é visto como testemunho do real, e, segundo os opositores, se faz crer pelas "manhas da narrativa."De outro lado, estava a "história-problema", da comunidade científica, que, alheia aos interesses do público leigo, estabelecia o diálogo apenas com seus pares e fazia circular suas reflexões em revistas ou obras especializadas.

A renovação da história e da historiografia, nesta mesma fase, foi um empreendimento dos historiadores franceses, que demonstravam uma preocupação em relação à explicação histórica e à sua forma de escrita. O despertar epistemológico centrado sobre a investigação das próprias condições da produção do saber, se manifestava nos títulos de livros, coletâneas e ensaios, como ilustra o autor do artigo intitulado História da Literatura: *Faire de l' histoire* (Le Goff e Nora),

L'Atelier de l'histoire (Furet), *L' Ecriture de l'histoire* (Veyne), *L'operation historique* (Certeau). São obras que sublinham a vontade de uma autorreflexão sobre a tarefa do historiador no mundo atual, uma vontade explicitada e reclamada nos três volumes, dedicados à história, organizados por Jacques Le Goff e Pierre Nora.[3]

A revolução paradigmática de ordem epistemológica, então justaposta, foi responsável por um novo olhar sobre a história e historiografia, possibilitando a escrita do tempo presente a partir da investigação histórica. Mas a escolha do discurso do historiador ainda provocava sérios atritos entre os pesquisadores, que, na busca de objetividade em seus trabalhos, deveriam perceber a realidade como uma construção social e cultural.

Os efeitos deste movimento sugeriam a substituição total da história narrativa pela história conceitual, como explica o historiador Elmir: "Se, para os saberes tradicionais, a narrativa, historicamente, é portadora de verdade, a sua presença no discurso douto, inversamente, é capaz de perder o engano, a palavra equivoca e, por conta disto, deve ser expurgada do saber acadêmico."[4]

O historiador Cláudio Elmir aponta dualidades inconciliáveis: "a narrativa faz parte do campo literário, aí, sim subjetividade e ficcionalidade podem se legitimar, sem reservas"[5], diferente do discurso proveniente do espaço "imaculado" da academia. A "narrativa literária se afasta do horizonte da verdade reverenciada pelos historiadores, enquanto a "narrativa histórica" é constituída pela primazia da historiografia, mas, reconhece o autor, que mesmo termos inconciliáveis se encontram."

Diante de conceitos equivocados sobre a palavra narrativa, mesmo sob polêmica, alguns historiadores desestabilizaram o discurso vigente, como o de Lawrence Stone, que, no final dos anos de 1970, ao publicar o seu *The Revival of narrative. Reflections on a new old history,* defende a volta da narrativa contra a desqualificação da história-acontecimento, enfatizada pela nova história. Na verdade, Stone ao entrar nesta querela, como a "vanguarda da profissão", tinha a intenção de entender o abandono de uma tradição que durante dois séculos havia considerado a narrativa como modalidade ideal da escrita da história.

---

[3] OLINTO, Heldrun Krieger**. Histórias de Literatura**: as novas teorias alemãs. São Paulo: Ática, 1966.
[4] ELMIR, Claudio Pereira.. A narrativa e o conhecimento histórico. R.G.S. **História Unisinos**, vol. 8, nº 10, jul/dez. 2003, pp.35-52.
[5] Ibid., pp.35-38.

Ao propor a volta da narrativa, Stone credita novos parceiros e seus métodos como auxiliares da investigação histórica. Neste caso, destaca a Antropologia em substituição à Sociologia e à Economia. A volta da narrativa apregoada por Stone estava de acordo com outros interesses, ou seja, o olhar voltado para os sentimentos, emoções, padrões de comportamento e para possibilitar as descobertas acessíveis a um público não especialista.

O artigo de Stone suscitou a reação de outros historiadores como Eric Hobsbaw em seu "*The revival of narrative: some comments*", em que o autor questiona a adequação do termo, a volta da narrativa, uma vez que Stone a definia a partir de um ordenamento cronológico. No debate que se estende ainda nos anos 1990, o historiador Peter Burke propõe uma integração da narrativa à análise e à medida, que recomenda ao historiador evitar a suposição de onisciência, objetividade e imparcialidade nas suas interpretações. O historiador deveria analisar os acontecimentos a serem relatados a partir da posição de um observador posterior, assumindo que a sua voz se limita a ser uma entre outras. Ainda, segundo Burke, a narrativa poderia lidar não apenas com a sequência de acontecimentos e com as atenções conscientes dos atores envolvidos, mas igualmente com as estruturas, intuições e modos de pensar.[6]

Já, para o historiador Jörn Rüsen, toda pesquisa tem como objetivo transformar-se em historiografia, não só porque seus resultados necessitam ser expressos em linguagem, mas também pelo fato de funcionarem como componentes de uma história. Ao analisar o debate mais recente sobre o estatuto científico da história e sua proximidade com a arte, mesmo na contraposição das perspectivas aplicáveis ao ofício do historiador, diz Rüsen:

> De um lado, tem-se uma consciência crescente da ciência da história acerca de suas pretensões de racionalidade. Essas pretensões se fundam na conquista do método analítico e no emprego de construtos teóricos para a construção explicativa do passado. [...] mas por outro lado, cresce a aceitação de que não tem como abandonar os elementos narrativos da história ("narrativo" entendido, aqui, como uma forma possível de apresentação histórica, dentre outras)."[7]

[6] BURKE, Peter. A história dos acontecimentos e o renascimento da narrativa. *In*: **A escrita da história.** Novas perspectivas. São Paulo: Unesp, 1992, p.341.
[7] RÜSEN, *op. cit.,* p.23-25.

Nessa perspectiva, dentro dos procedimentos metodológicos, a presente pesquisa propõe um olhar mais detido sobre as operações narrativas da consciência histórica, buscando trazer à luz fatores do conhecimento histórico que dificilmente poderiam ser reduzidos à concepção corriqueira da racionalidade científica. Ao buscar a conexão narrativa, que articula os fatos procedentes das fontes, trilha-se por caminhos que transformam o "passado" em "história".

No debate que seguiu-se nos últimos tempos, em que os pontos de vista determinantes da interpretação histórica foram considerados critérios poéticos de sentido, abalou o estatuto científico da história. Também a própria teoria contemporânea da literatura, questionou a pretensa cientificidade da história, mediante o mito da facticidade da história, que se obtém a partir de dados adquiridos interpretativamente pela crítica das fontes. "Sua crítica continua na dependência de uma concepção positivista da ciência."[8]

Na leitura dos diários dos soldados brasileiros, mesmo em seus testemunhos em outros documentos, considerados nesta pesquisa como fontes primeiras, não haverá a pressão de se comprovar a verdade apontada pelas fontes, mas vamos em busca da sua facticidade própria, aquela que aponta, que delineia o passado e se torna influente na vida pratica do presente.

Na esteira das discussões recentes sobre o pensamento histórico, as expressões enunciadas pela oralidade, as literárias e as metafóricas, por exemplo, criaram desconfianças dos especialistas diante do paradigma narrativista, que firmavam seus pontos de vista nos métodos de investigação, afirmando a sua incompatibilidade com a recionalidade histórica.

Quando Rüsen afirma narrativa não é basicamente histórica no sentido coloquial do termo. "Histórico" é o passado interpretado, em relação à experiência, no construto próprio a uma história." Essa função passa a desempenhar o seu papel na cultura contemporânea. "Como nem toda narrativa está relacionada à experiência do passado, há que se verificar os elementos que a constituem".[9] A especificidade da narrativa histórica, está em que os acontecimentos articulados narrativamente são considerados como tendo ocorrido realmente no passado.

Não apenas nessa perspectiva, não são apenas os relatos dos soldados brasileiros sobre o passado longínquo da guerra que marcam as especividades ,

[8] RÜSEN, *op. cit.,* p. 24.
[9] Id.

mas também busca-se o sentido que esta narrativa quer conduzir, para que esta se vincule à experiência do tempo passado e possa se tornar presente.

Que sentido se procura na narrativa dos pracinhas brasileiros? : “Sentido articula percepção, interpretação, orientação e motivação, de maneira que a relação do homem consigo e com o mundo passa a ser pensada e realizada na perspectiva do tempo.”[10] Sentido histórico, nesta pesquisa, vai significar também compreender a relação do relato dos personagens nas suas experiências orientadoras e motivadoras no modo de agir, Nas narrativas, vamos em busca do que Rüsen chama de “cena originária” de constituição de sentido, no qual o passado é tornado presente como história.

Na abordagem das fontes que direcionam a presente pesquisa, o “eu” narrador vai ao encontro da “cena originária”, descrita pelos soldados em seus relatos. São as marcas indeléveis dos sacrifícios a que foram submetidos na guerra em terra estrangeira, o que nos permite então perguntar: Por quê? Como? Onde? São perguntas que vão orientar a narrativa histórica proposta nesta pesquisa, lembranças dos homens, um dia soldados na Itália, compondo lições profundas no passado e que emergem do tempo a orientar o presente.

Quantas vidas e eventos a serem narrados após os 60 anos que marcaram a participação brasileira na 2ª Guerra Mundial. São aspectos da partida dos soldados nos navios, das lembranças dos acampamentos, dos momentos tensos ocasionados pelas patrulhas em território inimigo a provocar uma reflexão da luta empreendida, para dela tirar os ensinamentos que transformaram os ideais e valores em luta continua.

Nesse aspecto, a constituição histórica de sentido nesta pesquisa não vai estar centrada apenas na forma de uma narrativa elaborada a partir de uma prática cultural, oriunda do cotidiano do soldado, mas vai perpassar as mais diversas manifestações humanas vivenciadas pelos pracinhas na guerra e suas lembranças, que, muitas vezes, de forma inconsciente, tenham influenciado a vida concreta dos sujeitos desta história. “Ela (constituição histórica de sentido) perpassa a comunicação do dia-a-dia, na forma de fragmentos da memória e de histórias, de referências a histórias, de símbolos, cujo sentido só transparece na narrativa.”[11]

---

[10] RÜSEN, *op. cit.,* p. 24.
[11] Ibid., p. 160.

Nos lugares da memória onde os soldados brasileiros depositaram suas lembranças, a “cena originária”, vai apontar também os sentidos que delinearam os discursos de pertencimento, momentos extraídos do passado a orientar o presente.

Nessa perspectiva, a narrativa que se inicia nesta pesquisa será formada por histórias dos ex-combatentes brasileiros, hoje quase todos entre 80 e 90 anos, que viveram suas experiências na 2ª Guerra Mundial nos campos da Itália, entre 1944-1945. São momentos singulares, muitos de grande tensão, provocados pelo estado beligerante que, nos relatos emocionantes e apaixonados, evidenciaram da parte desses homens, coragem, participação, saber, persistência, solidariedade e a busca constante pela vida no mundo caótico provocado pela guerra.

Quem são estes senhores personagens da história que se pretende narrar? Do vasto elenco de nomes que serão os testemunhos desta história, é possível destacar os seguintes combatentes: Alfredo Bertoldo Klas, José Edgard Eckert, Miguel Pereira, Alípio Corrêa Netto, Ruy de Oliveira Fonseca, Boris Schnaiderman, Carlos Paiva Gonçalves, Joaquim Xavier da Silveira, Ernani Ayrosa da Silva, José Alves da Silva, Ítalo Diogo Tavares, Joaquim Urias de Carvalho, Leonércio Soares, Ruy Fonseca, Geraldino Werner, Aristides Vergés, Virginia Leite, Guilhermina Gomes e Ilda dos Santos. Muitos já conhecidos da pesquisa anterior, sob o título *Forza di Spediozione Brasiliana: marcos históricos na monumentalística italiana*. Do relato anterior, que ficou inconcluso, buscaram-se para esta pesquisa outros personagens e outras histórias.

Na busca incessante por perceber o perfil destes sujeitos,foram de grande valia as cerimônias comemorativas ocorridas em 1999, por ocasião do Ano do Idoso (o que também ocasionou toda uma produção literária sobre este segmento da sociedade). Das leituras sobre estes temas, que muito ajudaram a compreender esta fase importante da vida, cabe uma pergunta: Como os velhos soldados das histórias que se pretende narrar têm sentido as barreiras impostas pela idade? Recentes pesquisas mostram que muitas vezes não é a idade que os impede de fazer algo, mas os preconceitos.

As pesquisas e entrevistas realizadas por essa autora, por mais de duas décadas com ex-combatentes revelaram uma série de perfis e de imagens. Encontraram-se homens não apenas idosos, mas gente especial, sensível, criativa, exemplos de uma história de vida que valia a pena ser contada. Que lembranças

teriam para contar? Naturalmente, temas mesclados com fatos da vida e do cotidiano da guerra. Talvez, momentos significativos de suas existências que o registro histórico marcou, seja nas entrevistas estruturadas pelo método ou nos manuscritos dos diários que antecederam aos livros, fontes inspiradoras e primeiras na composição desta pesquisa.

"Um desejo de explicação atua sobre o presente e sobre o passado, integrando experiências nos esquemas pelos quais a pessoa norteia sua vida. O empenho do indivíduo em dar sentido à sua biografia penetra as lembranças como um desejo de explicação,"[12] como refletiu Ecléa Bosi em suas pesquisas sobre velhos paulistanos.

Miscelânea de ideais, diriam alguns, colcha de retalhos? Não. Portelli, que pesquisa a história oral, diz sobre depoimento e testemunhos: Esta [...] "tende a representar a realidade não tanto como um tabuleiro em que todos os quadrados são iguais, mas como um mosaico ou colcha de retalhos em que os pedaços são diferentes, mas formam um todo depois de reunidos."[13]

No rastreamento das lembranças, dialogar-se-á com muitos personagens, sejam eles combatentes, seus familiares, amigos e contemporâneos, todos que possam de certo modo contribuir com suas lembranças. São, portanto, fontes narrativas que, contrariando o gosto de muitos pelos arquivos, foram negligenciadas pelos pesquisadores de outrora, tornam-se hoje, sob outro olhar, não somente a história dos acontecimentos, mas a dos homens que a fizeram.

Muitos desses personagens, os ex-combatentes, conseguem ainda manter-se atentos aos acontecimentos que afetam o país. O espírito crítico prevalece nas posturas e nas falas, na ordenação de idéias, que denotam, ao interlocutor mais atento, um discurso muitas vezes patriótico na grande preocupação com a cidadania. Esta última vai impulsionar os discursos que serão destacados nesta pesquisa. Não se trata apenas da consciência cívica que move a memória dos velhos tempos de guerra, nem é tão saudosista, mas prevalece a busca constante do reconhecimento pelos feitos na guerra, dos homens que um dia cruzaram os

---

[12] BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade**: lembranças de velhos. São Paulo: Companhia das Letras, 1994, p.419.
[13] PORTELLI, Alessandro. O que faz a história oral diferente. **Revista Projeto História**, n. 14, São Paulo, 1997, p.25.

mares para lutar em terras italianas, vivenciando momentos marcantes em suas vidas com grandes perdas e sofrimentos.

Decorridos mais de 60 anos do fim da Segunda Guerra Mundial, os combatentes brasileiros, no limiar das suas idades e ainda acreditando serem úteis à sociedade, têm buscado destacar suas experiências de vida nos ensinamentos direcionados à sociedade, principalmente aos jovens.

Descortinar-se-ão, neste trabalho, retalhos de histórias, fragmentos da memória, na voz dos atores que ajudam a engendrar a história. São conexões de memórias, da memória pública, abalizada pela memória individual e coletiva, herdadas ou construídas pela memória nacional, e que proporcionarão a esta pesquisa um inesgotável material para a análise dos discursos vigentes na época, que plasmaram o contexto brasileiro. Mostrar-se-á, de forma determinante, no discurso polissêmico dos pracinhas brasileiros, o peso da convivência com a caserna de orientação estadonovista e de seus ideólogos, que, pelo discurso modernista, encontrava campo fértil no governo de Getúlio Vargas. Um eco de vozes perpassou um ideário a toda a sociedade brasileira, que não ficou imune a estes ensinamentos.

Esses intelectuais, na primeira metade do século XX, buscavam as raízes explicativas da identidade brasileira e exerciam o papel de vanguarda social em nome das idéias e dos princípios, se configurando os paladinos da nacionalidade brasileira.[14] Convocavam todos a uma volta ao passado, à busca da nacionalidade perdida. O ano de 1924 constituiu o marco dos rumos do próprio movimento modernista, quando as orientações iam além da renovação estética, no sentido de elaborar uma literatura de caráter nacional, no primeiro momento, e, depois, de elaborar um projeto de cultura nacional em sentido amplo.

Diante do caminho imbricado que a pesquisa vai antevendo, reflete-se sobre o papel do historiador e de sua posição em relação aos questionamentos da realidade e das experiências. As fontes deixam fluir para o historiador informações sobre o que foi o caso no passado. O fluxo dessas informações são, por princípio, definidas pelas perspectivas da atribuição de sentido, com as quais o pesquisador

[14] VELLOSO, Mônica. **Cultura e Poder político**: uma configuração do campo intelectual. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.

vai às fontes. Suas perguntas, já contêm possíveis respostas. Embora possíveis, não reais.[15]

Na revisão bibliográfica, as leituras reunidas orientam os sentidos e a reflexão, educam os olhares, colocam em xeque alguns conceitos e aquilata-se a escrita. A escolha do próprio objeto de pesquisa pode ser resultante de várias situações. As opções são tantas que se poderia discorrer sobre vários temas, assim tem sido ao longo dos tempos, a opção pessoal em adotar como objeto de estudo a trajetória dos soldados brasileiros que combateram na Itália durante a Segunda Guerra Mundial. São desafios de longa data, que iniciaram na década de 1980, com a publicação dos primeiros artigos sobre o Brasil na guerra.

Nos desdobramentos das pesquisas, sob o singular interesse em historiar os temas relacionados aos pracinhas brasileiros, muitas vezes existe o questionamento até por parte de outros pesquisadores: que interesse teria levado a este objeto de pesquisa? Entre os estudiosos, é quase senso comum que os argumentos que envolvem as questões de guerra geralmente são considerados áridos demais ou pouco atrativos, por imaginarem que estes temas devam ser desenvolvidos por historiadores militares. No Brasil, é reduzido o número de pesquisadores que optam por esta temática em seus estudos. Na verdade, a maior concentração de estudiosos encontra-se nos meios militares, oriundos das academias militares e do próprio Instituto Histórico e Geográfico Militar.

No caso desta pesquisadora, a escolha do objeto de investigação sobre os temas relacionados à participação brasileira na 2ª Guerra Mundial reflete a sua trajetória profissional a partir dos anos de 1980, como coordenadora de pesquisa no Museu do Expedicionário em Curitiba até 1994. Tal situação foi sedimentada, ao longo do tempo, pela publicação de artigos e publicação de livros.

O percurso natural conduziu para o mestrado desenvolvido no Curso de Pós Graduação da Universidade Federal do Paraná e finalizado em abril de 2003 onde definiu-se pela problemática que envolvia os monumentos construídos na Itália após 1995, sob o título é *La Forza di Spedizione Brasiliana (FEB) Memória e História: marcos na monumentalística italiana. O* método de trabalho constituiu-se pela metodologia da história oral, compondo a pesquisa qualitativa. Por meio das entrevistas realizadas na Itália entre 2000 e 2003, nas pequenas comunes

[15] RÜSEN, *op. cit.*.

localizadas na Linha Gótica, chegou-se aos monumentos dedicados aos soldados brasileiros. No Brasil as entrevistas realizadas com os combatentes fizeram o contraponto proposto na problemática.

De grande valor na Itália foram as consultas efetuadas aos autores e os levantamentos monumentalisticos efetuados a partir da década de 1960, dentre as quais os estudos de Patrizia Dogliani sobre História- Memória. A pesquisa tentou determinar as circunstâncias políticas e os fatos que conduziram às homenagens prestadas aos brasileiros.

Foi possível, em *La Forza di Spedizione Brasiliana*, verificar a inserção histórica dos monumentos dedicados aos brasileiros que combateram na Itália, durante a Segunda Guerra Mundial, a partir da década de 1995, vistos como uma reivindicação das populações italianas nos locais onde o Brasil combateu. São conexões que possibilitaram o acesso à nova historiografia produzida pelos especialistas e pelas memórias reconstituídas.

Da pesquisa anterior, das lembranças que ficaram retidas, dos anseios dos pracinhas ao chegar à Itália em 1944 e da permanência destes até 1945, muitas manifestações e passagens não foram avaliadas. Eis que a presente pesquisa possibilita a oportunidade de novas abordagens. Também pelo relato se privilegiará o discurso do retorno ao Brasil, pois o inevitável desaparecimento dos combatentes brasileiros tem provocado uma preocupação por parte dos que atuam nesta área da investigação.

Diante das opções apresentadas, o investigador do século XXI poderia perguntar a si próprio, mas afinal o que se espera do historiador? E, por decorrência, o que esperam os leitores destes escritos que ora se iniciam? Buscar-se-á em todo o percurso da construção desta pesquisa, além da objetividade necessária, dar aos argumentos forma harmoniosa que possa levar o leitor à compreensão dos propósitos deste estudo. Nesse aspecto, os apontamentos de Ariés sugerem uma nova educação do olhar, ver a história voltada para os outros sujeitos e preocupar-se com as histórias prosaicas do cotidiano, como já apregoavam Marc Bloch e Lucien Febvre.

Como Ariés, enfatizar-se-á os questionamentos, perguntar-se-á constantemente: Desde quando? É antigo? Novo? De onde parte?

> Quero conhecer a sua origem e situá-la numa genealogia, quer se trate de um veículo, de um frigorífico, de um garfo, de umas calças, de um preservativo, de um gesto como o beijo, de um sinal como o sinal da cruz, etc. Em geral detenho-me no primeiro degrau [...] Trata-se do início de uma investigação séria, sou tentado a ir mais adiante, a ir mais acima, através de questões em cascata, uma cascata que é preciso escalar."[16]

São esses os desafios que se tomam para esta pesquisa e se propõe a realizar, na forma que se apresentarem, seja pelos diversos questionamentos, seja pelas congruências, mesmo nas discordâncias que o processo de investigação apresentar.

Na seqüência da investigação vão-se delinear os aportes teóricos, que ajudarão a amadurecer a reflexão e o olhar crítico. Nesse aspecto, a ponderação da historiadora Maria Stella Bresciani, em obra recente, é modelar quando retrata a figura de Oliveira Vianna, um dos mais cotados intelectuais do Estado Novo. Na obra, a autora faz uma avaliação da trajetória de Vianna, buscando os fatos, deixando de lado as rotulações e pré-julgamentos sobre o ideólogo estadonovista tão costumeiramente destacados pelos estudiosos. Nesse sentido, Bresciani propõe um diálogo com as fontes, aprofundar a investigação e entrar pelos meandros da argumentação para a compreensão daquele contexto.[17]

A finalidade maior desta pesquisa diz respeito à compreensão dos discursos dos pracinhas brasileiros, vistos por muitos pesquisadores como ufanistas demais. É intenção desse estudo perceber a sutileza desses escritos, a emoção do depoimento, as nuances das entrelinhas, dos silêncios reveladores, que, muitas vezes, falam por si mesmos. Essas falas mostram momentos instigantes para a compreensão da participação brasileira na 2ª Guerra Mundial.

Como soldados voluntários para a guerra, reservistas ou mesmo aqueles que haviam escolhido a carreira no Exército como profissão, os "pracinhas" indubitavelmente foram alinhados nas tradições e discursos que envolviam a vida em caserna. Estas, intimamente ligadas à identidade e à memória da instituição. Perceber essa dimensão coloca o pesquisador diante de acontecimentos e da história do próprio Exército Brasileiro, da sua trajetória antes e depois da Independência do Brasil em 1822, até chegar aos dias mais recentes. Mas o que

---

[16] ARIÉS, Philippe. Uma nova educação do olhar. *In*: **L´Histoire Aujourd´hui.** Tradução de Carlos da Veiga Ferreira. Lisboa: Editorial Teorema, 1986, p. 23.
[17] BRESCIANI, Maria Stella Martins. **O charme da ciência e a sedução da objetividade**: Oliveira Vianna entre os intérpretes do Brasil. São Paulo: UNESP, 2005.

cabe no momento presente é entender de que modo a vivência nos quartéis pode ter incidido no discurso dos veteranos que combateram na 2ª Guerra Mundial.

Percebe-se que poucos historiadores têm se debruçado sobre o tema, pois em sua maioria acabam por historiar o próprio Exército, o que ocorre com os historiadores militares.

Trabalhos recentes, como de Celso Castro em *O Espírito Militar* (1990), *Os militares e a República* (1995) e a *Invenção do Exército Brasileiro* (2002) ajudam na compreensão de períodos diversificados do Exército Brasileiro, a partir da proclamação da República. Também a obra de Miriam de Oliveira: *Berços de Heróis: o papel das escolas militares na formação dos salvadores da Pátria* (2004) e a *Missão Militar Francesa de instrução junto ao Exército Brasileiro* do general. Alfredo Souto Malan (1998) e a Revista do Exército Brasileiro, vol.132 (1995) acrescentam dados de relevância sobre a dinâmica e vivência que nortearam por muito tempo o discurso da instituição.

No artigo de Miriam de Oliveira Santos, sobre as escolas militares brasileiras do fim do século 19 ao século 20 (UFRJ), 2007, ela aponta estas instituições como centros irradiadores do discurso militar, não apenas para o exército, mas para a própria sociedade brasileira:

> Além de determinantes para o Exército, por se constituírem locais privilegiados de transmissão do ideário, as escolas militares eram também importantes para uma grande parcela da população brasileira no final do século 19 e início do século 20. [...] Os alunos das escolas militares eram oriundos de classe média e muitos buscavam o exército não por vocação, mas por ser a única oportunidade de realizar seus estudos superiores."[18]

Tal afirmativa vem de encontro às concepções que ordenamos entre discurso e ideologia. As ideologias, segundo Bourdieu, são determinadas pelos interesses de classe e pelos interesses específicos daqueles que a produzem e pela lógica específica do campo de produção. Destaca-se a ênfase nas funções políticas que os "sistemas simbólicos" têm em detrimento da sua função gnoseológica. Os símbolos seriam produzidos para servir à classe dominante.[19]

---

[18] SANTOS, Miriam de Oliveira. Um olhar sobre as instituições escolares militares brasileiras do fim do século 19 ao início do século 20. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**, Brasília, vol.88, n. 219, p.310-330, 2007.

[19] BOURDIEU, Pierre. **O Poder simbólico.** Tradução de Fernando Tomaz. Rio de Janeiro: Bertrand do Brasil, 1998, p.10-11.

Ao historiar a genealogia do Exército Brasileiro, outros autores buscam mostrar as origens dessas visões de mundo, suas representatividades através dos tempos e de que maneira estas incidem na conduta militar. Na análise desses especialistas, algumas evidências buscam explicar a raiz do discurso calcado nos eventos que ocorreram após a independência do Brasil, em 1822. O exército brasileiro nasceu ao ser dado o "Grito do Ipiranga." e seu destino foi traçado ao ser prescrito, na Constituição de 1824, que cabia sustentar a independência e a integridade do Império.

> Neste ano de 1824, o da primeira reorganização propriamente brasileira, os elementos das três armas, que se achavam organicamente reunidos, foram definitivamente separados. [...] Durante o período regencial, o Exército foi reestruturado três vezes. [...] Entre 1822 e 1851, o efetivo do exército era de doze mil homens."[20]

Foram muitas as ocorrências militares internas e externas das quais o exército participou, com grandes dificuldades. Dessas, é possível destacar a guerra contra Oribe e Rosas entre 1851-1852 e a Guerra do Paraguai, com seus primórdios ocorridos entre 1864-1865, quando foram colocados à prova os esforços de remodelação do Exército, com as novas formas de recrutamento e a doutrina nos processos de combate, duramente criticados dentro do próprio exército.

> Não possuía armas nem efetivos. [...] faltava quase tudo, organização e até instrução militar em dia com os progressos da arte da guerra. Houve suprir tais deficiências com esforço abnegado dos melhores elementos de seus quadros militares e com o patriotismo dos que acorreram aos campos de batalha.[21]

Portanto, no 2º Reinado, não dispunha o exército de um regulamento próprio. Em 1850, são adotados os manuais portugueses e franceses. Somente com a Proclamação da República, em 1889, foi criado o regulamento Benjamim Constant, que dava maior preparo intelectual aos quadros efetivos.

As unidades militares se encarregavam da instrução primária, um oficial ensinava os cabos e soldados a ler e escrever e as quatro operações. E, aos graduados, sargentos suboficiais, a geometria plana. Ainda havia uma escola para

---

[20] MALAN, Alfredo Souto. **Missão Militar Francesa de instrução junto ao Exército Brasileiro**. Rio de Janeiro: Bibliex, 1988, p.23.
[21] MAGALHÃES, J.B. **A evolução Militar no Brasil**. Rio de Janeiro: Bibliex, 1958, p. 82.

recrutas em cada corpo. A instrução consistia de escola de pelotão e manejo, conservação de armas e tiro. A formação do recruta não deveria exceder aos seis meses

Efetivado em 1890, o Regulamento Benjamim Constant apresentava alguns pressupostos doutrinários cujos objetivos visavam ao melhor aperfeiçoamento do efetivo nas escolas militares, melhorar a arte da guerra e conciliar esta última com a missão civilizadora, humanista e moral, que, no futuro, estava destinada aos exércitos do continente sul americano. Nesse ideário, o soldado é um cidadão armado, corporifica a honra nacional, é um cooperador do progresso, da garantia da ordem e da paz públicas e jamais um instrumento servil e maleável, por uma obediência passiva e inconsciente que rebaixa o caráter, aniquila o estímulo e abate o moral. O ensino era positivista e transmitido através de grêmios e associações.

Duas décadas depois da Proclamação da República, o ideário dos jovens militares continuava sob o peso do discurso positivista, mostrando que a Nação deveria ser dirigida por técnicos e não pelos políticos que desorganizavam o país. No início dos anos de 1920, muitos oficiais brasileiros buscaram estágios tanto na Alemanha, como na França. O duro treinamento proporcionado pelo exército prussiano, o mais poderoso seguidor das tradições militares, chamou a atenção de oficiais brasileiros que lá foram se atualizar e, mais tarde, imbuídos destes ensinamentos e pelo espírito combativo e irreverente, foram aqui apelidados de “os jovens turcos.”• Naturalmente, muitas idéias trouxeram esses militares, que aqui no Brasil também ganhavam adeptos, que defendiam uma aproximação maior do exército brasileiro ao da Alemanha.

Havia sempre a preocupação em procurar trazer missões estrangeiras que pudessem instruir os oficiais brasileiros. Em função da forte aproximação com a Alemanha, muitos desejavam que fosse firmado um contrato com uma missão militar deste país, no sentido de instruir as Forças Armadas. Em virtude da Grande Guerra (1914-1918) e pela participação brasileira como aliada da França, os papéis se inverteram. No sentido de modernizar o exército brasileiro, foi assinado um acordo com o governo francês e a vinda da Missão Francesa, em 1920, tornou-se um fato preponderante da nova linha de conduta do Exército Nacional. Tal fato acabou por

• O termo jovens turcos faz menção a esses oficiais brasileiros, à semelhança daqueles que na velha Turquia se insurgiam contra o desmando e a estagnação de seu país. Para melhor compreender este assunto veja DENYS, Odylio. **Ciclo revolucionário brasileiro.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

sedimentar toda uma filosofia e ideologia militar, que perduraria por longos anos, muito próxima à deflagração da 2ª Guerra Mundial.

Nesse período, houve uma elevação do padrão profissional dos oficiais de todos os escalões e da Instituição Militar como um todo, o que redundou em diversos contratos firmados entre 1918 e 1940. Foram criados cursos especiais para a preparação de "Oficiais do Estado Maior", como verificou MOTTA em suas pesquisas: "As tarefas dos franceses serão, assim, fundamentalmente, tarefas de ensino, a realizarem-se no âmbito das Escolas. Certo, elas influíram, também, na orientação das reformas orgânicas que então se iniciaram e os regulamentos que foram sendo elaborados contaram com a colaboração deles."[22]

No dia 7 de abril de 1920, a Missão Francesa era recebida com as festividades e os discursos que os anais registraram: "[...] urgiam novas diretrizes e os altos poderes públicos, indo ao encontro da corrente que se acumulava no seio das Forças Armadas, estas solicitam o auxílio de uma grande Missão da pátria gloriosa do maior gênio da História Militar Moderna". [23] Segundo o registro, a missão francesa iria cooperar na grande obra de transformação eficiente do exército brasileiro.[...] e quando estiverdes progressivamente habituados a encará-las (as questões táticas) da mesma maneira, poderemos dizer que a Doutrina passou para os vossos reflexos,"[24] O documento destaca ainda, a vinda da missão como um grande laboratório para o Exército Brasileiro, não somente para os mestres, mas também aos discípulos, pois estes teriam uma alta missão a desempenhar. A intenção era preparar um corpo de oficiais aptos para, um dia, se fosse preciso, "reproduzir aqui as qualidades dos militares que fizeram do Exército francês um dos maiores do mundo. Tal obra será um orgulho."[25]

Aos poucos, a direção do ensino e as funções de professor vão sendo substituídas por oficiais brasileiros, escolhidos dentre os melhores alunos. No início do ano de 1934, havia na Escola Militar apenas um oficial francês, no caráter de Superintendente no Ensino. Os outros segmentos que constituíam os cursos tinham

---

[22] MOTTA, Jeovah. *In*: SANTOS, Miriam de Oliveira. Um olhar sobre as instituições escolares militares brasileiras do fim do século 19 ao início do século 20. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos,** Brasília, vol.88, 2007, PP. 310-330.
[23] MALAN, *op. cit.,* p.99-100.
[24] Id.
[25] Id.

como docentes os oficiais brasileiros nas categorias de professor, adjunto e estagiário. Nessa fase, já eram muitos os oficiais formados pela Missão Francesa.

A presença da Missão Francesa marcou profundamente o pensamento dos militares brasileiros. Além dos ensinamentos sobre a doutrina militar, a sua organização nos diversos campos que regiam a instituição, os hábitos de vida, a indicação de fontes de leituras demarcariam o conhecimento das ideologias vigentes. Nesse sentido, Bourdieu mostra que as relações de comunicações são relações de poder material ou simbólico, acumulado pelos agentes envolvidos nas relações. "Os sistemas simbólicos" atuam como instrumentos estruturados e estruturantes de comunicação e conhecimento e asseguram a dominação de uma classe sobre a outra a partir de instrumentos de imposição e legitimação 'domesticando' os dominados."[26]

Além das novas questões que chegam com a Missão Francesa, há que se avaliar as tradições do Exército Brasileiro, os novos simbolismos criados e os elementos que sugerem a herança de um passado imemorial, bem destacados na pesquisa de Celso Castro em *A invenção do Exército Brasileiro.* São questões que envolvem identidade e memória, resultantes de um esforço cultural, no intento de torná-los reconhecíveis aos indivíduos. O passado é recriado por referência a um toque simbólico anterior e precisa guardar alguma verossimilhança com o real, sob o risco de não vingar.[27]

Era necessário se contrapor às agitações internas que poderiam desacreditar o Exército como instituição. Nesse sentido, são criadas várias representatividades. Figuras militares ocupam os patronatos, como Luiz Alves de Lima e Silva, o Caxias, que galgou a posição maior: a de patrono do Exército Brasileiro. Em 1926, com o objetivo de reforçar o nome de Caxias, a 1ª Brigada do Rio de Janeiro expediu um documento às suas unidades e o patrono surge como o "maior dos nossos guerreiros", quase evocado como um ser supremo, o que foi reforçado pelos seguintes dizeres:

> [...] quando a política vos quiser enlevar nas suas tramas enganosas procurando vos fazer crer não ser o perjúrio o quebramento dos deveres da disciplina e o insurgimento com as autoridades, não vos esqueçais de que

[26] BOURDIEU, *op. cit.,* p.11.
[27] CASTRO, Celso. **A invenção do Exército Brasileiro**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002, p.11.

> Caxias, espelho da lealdade, não obstante ter militado na política, foi constantemente o baluarte inexpugnável da legalidade."[28]

Nesse aspecto, a função do simbolismo tem o seu desempenho, como diz Bourdieu:

> Os símbolos são instrumentos por excelência da 'integração social': enquanto instrumentos de conhecimento e de comunicação, eles tornam possível o *concensus* acerca do sentido do mundo social que contribui fundamentalmente para a reprodução da ordem social: a integração 'ilógica' é a condição da integração 'moral.'[29]

Segundo Castro, o processo de escolha de outros patronos "corte de heróis" de Caxias, estendeu-se pelas Armas do Exército. A escolha dos padrinho não era movida apenas por interesses históricos, mas buscava inserir a vida dos homenageados nos "espíritos de cada Arma." Os elementos de vida do escolhido eram valorizados e fundamentais para a socialização não somente dos cadetes, bem como dos soldados na construção das identidades militares.

O culto a Caxias não foi exclusividade do Exército, ele foi extensivo à sociedade brasileira. A partir de 1930, o conteúdo das mensagens veiculadas no governo Getulio Vargas sobre Caxias e o Dia do Soldado não enfatiza somente a legalidade e a disciplina, mas também a fusão do Exército com a Nação, tendo como ponto focal o bravo soldado, apresentado como o maior lutador pela integridade da Pátria. No Estado Novo, em 1937, as suas qualidades militares a serviço de um estado forte são exaltadas. Caxias então aparece como símbolo da união militar e, acima disso, da própria nação, passando a representar a "cara nacional da República."[30]

Quase às vésperas da 2ª Guerra Mundial, Getúlio Vargas, em um discurso, ressalta:

> O culto dos heróis e das glórias passadas não pode traduzir-se numa pura contemplação, de passividade estéril. Há de se revestir, antes, a grandiosidade de um compromisso público, projetando diante de nós as figuras máximas da história pátria, a exigirem, pela memória dos seus feitos,

[28] CASTRO, *op.cit,.* p. 21. A ordem de serviço da 1ª Brigada de Exército que o autor faz referência foi retirada da **Revista Defesa Nacional**, n.153 (1926) e depois republicada em 1930.
[29] BOURDIEU, *op. cit.,* p.10.
[30] CASTRO, *op. cit.,* p. 22.

> que saibamos perpetuar-lhes o exemplo e manter o ritmo da prosperidade nacional.[31]

Paulatinamente, esses preceitos vão sendo incorporados no cotidiano dos brasileiros pelas diversas vozes articuladas pelo poder. Muitos destes resistem ainda e estão presentes no imaginário de uma geração.

Das premissas levantadas à guisa de introdução desta pesquisa, na tentativa de analisar a presença do positivismo e do discurso modernista que se manifestaram numa cadeia infinita de enunciados na narrativa dos pracinhas brasileiros, centrados em valores específicos, principalmente os da brasilidade, há que se refletir sobre o contexto da época e a influência desses discursos, ajudando a compor o discurso, forjando identidades. Neste aspecto, a coletânea dos discursos de Getúlio Vargas, no período de 1930 a 1942, avaliadas nesta pesquisa, constitui fonte relevante e esclarecedora.

Para a compreensão da influência do modernismo no contexto político do período a ser enfocado nesta pesquisa, é importante destacar os debates que mostram o ano de 1924 como o marco da reviravolta modernista, com os rumos delineados e apontados por Wilson Martins. Na sua reflexão, são tantas e desencontradas tendências que servem para mostrar que 1924 é o ano decisivo, se não na formulação de uma estética modernista definitiva (jamais houve tal coisa), pelo menos na escolha de um rumo nacionalista, contra o cosmopolitismo primitivo.[32]

Um verdadeiro surto literário ocorre a partir do ano de 1924 e com força maior nos anos subsequentes, ligado aos nomes de Graça Aranha, Mario de Andrade, Oswald de Andrade. O *Manisfesto Pau- Brasil,* publicado a 18 de março de 1924, no *Correio da Manhã*, veio propor a inauguração do processo de redescoberta do Brasil, marcando uma virada brusca dentro do caminho de renovação, da brasilidade, da realidade.

Com o manifesto, a elite intelectual inaugura o discurso brasileiro de vanguarda, estético e ideológico, cujas idéias serão aproveitadas no plano político pelos ideólogos do Estado Novo, com seus aparatos sofisticados e discursivos que se traduzem em uma nova concepção de mundo, que procura reativar as representações destinadas a legitimar a nova distribuição de poderes que então se

---

[31] Discurso proferido a 7 de setembro de 1938. *In:* VARGAS, Getulio. **As Diretrizes da Nova Política do Brasil.** Rio de Janeiro: José Olympio, 1942, p. 337.
[32] MARTINS, Wilson. **O modernismo** - A literatura brasileira. vol.6. São Paulo: Cultrix, 1969.

estabelece. Estão presentes neste momento, figuras proeminentes como Azevedo Amaral, Francisco Campos, Almir de Andrade, Lourival Fontes, intelectuais de renome como Nelson Werneck Sodré, Gilberto Freire e Graciliano Ramos que, de modo geral, ou se encontram diretamente vinculados ao aparelho do Estado, pelos cargos que ocupam, ou têm participação efetiva na montagem do projeto ideológico.[33]

Na perspectiva dos intelectuais e ideólogos, a história do Brasil é recuperada como exemplo de "renúncia, crença, sacrifício, generosidade e paz" dado o espírito cristão do povo brasileiro mais afeito à unidade do que ao separatismo. Buscou-se mostrar o contraste com a história das grandes civilizações que nasceram de violentas guerras de conquista, enquanto a nação brasileira é fruto do pacifismo e novos valores são acrescentados, dando força ao heroísmo.

> [...] a recuperação do passado adquire, portanto, espaço expressivo no discurso que busca mostrar o Estado Novo como realizador do passado. O presente realiza o que o passado não pôde realizar devido aos obstáculos que lhe foram impostos de fora para dentro. Assim, o Estado Novo coloca-se como divisor de águas entre o "velho Brasil" e o "Brasil novo."[34]

Na enredada trama que se descortina nesta pesquisa, as evidências mostram a plausibilidade de se encontrar no discurso do combatente brasileiro, ao narrar e escrever suas memórias, muito dos discursos vigentes durante o Estado Novo. São repercussões que atravessaram a juventude desses soldados, passando pelos bancos escolares na voz dos professores, nos manuais didáticos ou mesmo no cotidiano do Exército, quando do ingresso como soldados. Sobre essa polifonia das vozes, reflete Bakhtin: "vozes plenivalentes e de consciências independentes e não fundíveis têm direito de cidadanias-vozes e de consciências que circulam e interagem num diálogo infinito"[35].

São vozes vindas da sociedade, dos letrados, das famílias, dos comandantes e da simbologia e que fortalecem as questões de identidade e de pertencimento. Aos poucos vão sendo introjetadas no *campo* e no *habitus* destes personagens, como diz Bourdieu: "As ideologias por imposição ao mito, produto coletivo e coletivamente apropriado, servem a interesses particulares que tendem a se

---

[33] VELLOSO, *op. cit.,* p.78.
[34] Ibid., p. 87.
[35] FARACO, Carlos Alberto. **Linguagem e Diálogo, as linguagens linguísticas do círculo de Bakhtin.** Curitiba: Criar Edições, 2003, p. 74.

apresentar como interesses universais, comuns ao conjunto do grupo".[36] Desse modo, a cultura dominante contribui para a integração real da classe dominante, assegurando uma comunicação imediata entre todos os membros e distinguindo-os das outras classes.

Até que ponto as diretrizes discursivas do positivismo presente na instituição militar e no ideário do Estado Novo vão intervir na postura e no discurso dos combatentes brasileiros? De que maneira esses elementos estão presentes em seu cotidiano e representados no material de análise desta pesquisa, disponibilizados nos diários, cartas, jornais e palestras? Na reflexão de Velloso, é possível adiantar: No momento em que o discurso ideológico interpela fortemente o indivíduo, chamando-o à responsabilidade pelos destinos da nação, "Qualquer negligência, qualquer manifestação de comodismo ou de inércia individual, qualquer recuo ou diminuição de intensidade no esforço de luta e de construção pode interromper essa continuidade de patrimônio."[37]

Buscando entender o sentido do discurso construído no pós-guerra expresso na literatura, nas memórias e depoimentos, cogitou-se também analisar as estratégias de lutas indelevelmente registradas como lugares da memória.

Tendo em vista a vasta documentação disponível, a pesquisa encontrou-se diante da árdua tarefa de conciliar as idéias, promover escolhas, delimitar o processo de investigação e optar não apenas por um modelo metodológico, mas pela junção de outros modelos que conferissem objetividade à pesquisa. Qual é a trajetória metodológica que vai pautar o encaminhamento desta pesquisa?

A princípio, tais decisões e escolhas constituíram um desafio, e somente as leituras e a ordenação de documentos levadas a cabo durante vários meses levaram a optar por determinados métodos de abordagem que exigiam compreensão sobre o que constitui o método na pesquisa científica. No encaminhamento das leituras, emergiram as diversas acepções da palavra método, a qual, de acordo com sua origem etimológica, derivada do grego "*méthodos*", significando "caminho para chegar a um fim." Na busca do saber, como diz Galiano, o método vai constituir um conjunto de etapas ordenadamente dispostas, que se vence pela investigação com o objetivo de alcançar determinado fim[38].

---

[36] BOURDIEU, *op. cit.,* p.10-11.
[37] VELLOSO, *op. cit.,* p.91.
[38] GALLIANO, Guilherme. **O método científico**: teoria e prática. São Paulo: Harbra, 1979.

O método vai assinalar, portanto, um percurso escolhido entre outros possíveis, uma via de acesso que permitirá uma melhor interpretação dos dados que se deseja apresentar nesta pesquisa. Nesse aspecto, é primordial a fundamentação necessária, no que diz respeito aos especialistas que têm dedicado seus estudos à compreensão da participação brasileira na 2ª Guerra Mundial, seja pela literatura especializada e desenvolvida pelos autores militares – muitos deles participantes como combatentes na 2ª Guerra Mundial, oriundos dos diversos níveis hierárquicos do Exército –, como pelas fontes documentais representadas pelos diários dos pracinhas e previamente escolhidos para este trabalho, de que se tratará mais adiante.

Os discursos de Getulio Vargas, localizados na obra *As Diretrizes da Nova Política do Brasil* (1942) a serem destacados na presente pesquisa no período de 1930 a 1944, tem o objetivo de ajudar a compreender os momentos políticos vivenciados pelos soldados brasileiros em seus discursos e o contraponto demonstrado em suas posições.

São também do interesse desta pesquisa os artigos e palestras que fazem referência à participação brasileira na guerra, bem como os periódicos da época, principalmente os do Rio de Janeiro, a capital federal, pela cobertura efetuada da campanha do Brasil na Itália entre os anos de 1944 e 1945, dos quais se destacam: *Diário da Noite, O Globo, A Notícia, Folha Carioca, l, A Manhã , O Jornal* e *Correio da Manhã*

Essas reportagens constituem duas coletâneas diferentes: a primeira de jornais que fizeram a cobertura do embarque dos diversos escalões de soldados da FEB, entre julho de 1944 e fevereiro de 1945, da campanha entre os meses de setembro e abril de 1945 e do retorno dos brasileiros. A segunda coletânea compreende um período especifico situado entre os dias 22 e 25 de maio de 1945, onde se ressalta nessas edições a volta dos brasileiros no término da guerra, destacando-se as comissões e os festejos que fariam parte da recepção do primeiro escalão brasileiro, que chegou ao Rio de Janeiro dia 18 de julho de 1945.

Ainda cabe destacar os Boletins da Legião Brasileira de Assistência que circularam no Brasil a partir da saída do primeiro escalão da FEB para a Itália e o Globo Expedicionário que era enviado aos soldados que já se encontravam em território Italiano.

Quais foram os temas mais recorrentes dessas publicações? Quem são os seus autores? Os temas abordados permitirão visualizar uma forma de pensar e de fazer os registros sobre a campanha da Itália? A quem eram destinadas essas leituras?

A partir de Bourdieu, para quem as escolhas dos temas se relacionam a chances de reconhecimento e legitimação de seus produtores, vê-se a possibilidade de respostas.

> O que é percebido como importante e interessante é o que tem chances de ser reconhecido como importante e interessante pelos outros: portanto aquilo que tem a possibilidade de fazer aparecer aquele que o produz como importante e interessante aos olhos dos outros.[39]

Portanto, da proposta de pesquisa contida nesta pesquisa, as fontes serão elaboradas no sentido de possibilitar a concretização das hipóteses levantadas neste trabalho. Seguindo o pensamento de Jörn Rüsen, a pesquisa se ocupa primariamente da realidade das experiências, nas quais o passado se manifesta perceptivelmente, ou seja, por meio das fontes.[40]Mas, não basta obter uma história buscada apenas pelo fluir das fontes. O fluxo das informações obtidas deve acatar, por uma questão de princípio, as perspectivas de sentido atribuídas pelo historiador.Suas perguntas pré-formulam as respostas das fontes.

Nesse aspecto, o estudo das obras especializadas sobre a FEB, os diários dos pracinhas, as entrevistas, as conferências realizadas no pós-guerra e os periódicos constituirão fontes privilegiadas de consulta neste estudo, no sentido de levar à compreensão dos modos e do funcionamento do campo social onde estão inseridos os ex-combatentes. Desse modo, tentar-se-á verificar o sentido que os veteranos deram às suas ações efetivas e a seus discursos. Nesse aspecto, a contextualização da época terá um papel preponderante, pois lá estão localizados os diversos grupos sociais de interesse desta pesquisa, que a acepção a seguir clarifica com propriedade: “Contexto é a situação histórico-social de um texto, envolvendo não apenas as instituições humanas, como ainda outros textos que sejam

---

[39] BOURDIEU, Pierre. O campo científico. *In*: ORTIZ, Renato. **Sociologia**. São Paulo: Atica, 1994, p.125.
[40] RÜSEN, *op. cit.,* p.104.

produzidos em volta e com ele se relacionem. Pode-se dizer que o contexto é a moldura de um texto."[41]

Acredita-se que o núcleo de investigação desta pesquisa esteja centrada na seguinte pergunta: de que modo o ideário positivista e o tempo vivenciado no Estado Novo vieram repercutir no discurso dos combatentes brasileiros? Em que momento se constituiu esse discurso? Quais são os sujeitos desses diálogos? No mundo imbricado de vozes e de memórias da sociedade brasileira e dos pracinhas, quais elementos estão presentes? Qual é a amplitude e as repercussões dessas idéias na relação Estado-sociedade e como elas estão expressas nos lugares da memória?

Depois de mais de 60 anos do final da guerra, os combatentes brasileiros, com suas experiências e visões de mundo, podem ajudar na compreensão dos fatos, constituindo um mosaico de memórias. A lembrança, para ser reconstituída e identificada, necessita que sua organização seja promovida a partir de elementos e noções individuais e coletivas.

Não é suficiente reconstruir peça por peça as imagens de um acontecimento do passado para se obter uma lembrança. "[...] É necessário que esta reconstrução se opere a partir de dados ou de noções comuns que se encontram tanto no nosso espírito como no dos outros"[42] São lembranças que passam incessantemente entre os que fazem parte da mesma sociedade, desse modo, reconhecidas e construídas.[43]

Não existe uma memória individual pura, pois nunca se está só, mas inserido em vários grupos. Portanto, a lembrança do indivíduo depende também do nível de engajamento em relação ao grupo, em função do fato de que a memória dos outros reforça e complementa a memória individual. O ato de rememorar do indivíduo é dado pelo coletivo: "Nossas lembranças permanecem coletivas, e elas nos são lembradas pelos outros, mesmo que se trate de acontecimentos nos quais só nós estivemos envolvidos e com objetos que só nós vimos."[44]

---

[41] N.A. (Nota da Autora): Texto é o produto da atividade discursiva, o objeto empírico de análise do discurso; é a construção sobre a qual se debruça o analista para buscar, em sua superfície, as marcas que guiam a investigação científica. Disponível em: http://wikipedia.org./wiki/AnÃ‚lise _do_ Discurso. Acesso em: 01 ago. 2005.
[42] HALBWACHS, Maurice**. Memória Coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990, p. 34.
[43] Id.
[44] Ibid., p.16.

Os diários dos combatentes brasileiros e outros testemunhos deixados, não serão vistos nesta pesquisa como histórias de vida, mas se esquadrinham as narrativas de uma história vivenciada por homens e mulheres que foram para a Itália na condição de soldados durante a 2ª Guerra Mundial. Muitos desses testemunhos foram colhidos entre os anos de 2002 e 2005.Configuram ainda como fontes os documentários gravados no mesmo período, nos quais os combatentes narram suas experiências de vida, suas passagens pela guerra e as perspectivas imaginadas em relação ao futuro da FEB.

Na dificuldade de colher novos depoimentos dos pracinhas brasileiros, dada a dispersão dos testemunhos pelo território nacional, elaborou-se um dispositivo de investigação que recebeu o nome de "Cadernos da memória". Trata-se um questionário impresso, composto de 9 perguntas estruturadas, subdivididas em outras perguntas, com o objetivo de facilitar as respostas, que incluíram, além dos dados pessoais do entrevistado, a identificação do posto e regimento ao qual o ex-combatente pertenceu na FEB. A ênfase maior do questionário diz respeito ao retorno desses combatentes ao Brasil.

Os questionários foram enviados e distribuídos em grande parte no mês de maio de 2007 para as seguintes associações: Associação Nacional dos Veteranos da FEB com sede no Rio de Janeiro, Regional da Associação Nacional dos Veteranos da FEB em São Bernardo do Campo e Associação dos Ex-combatentes do Brasil localizada em São Paulo, capital.

Ao acervo expressivo formado pela vasta documentação escrita e oral da época, seja pela literatura editada por especialistas, ou pelo relato dos combatentes, somam-se os artigos publicados, conferências ministradas pelas associações de veteranos existentes no Brasil e a pesquisa promovida pelo Exército Brasileiro na obra *História Oral do Exército* (2000), todos constituindo o interesse desta pesquisa.

Dos inúmeros trabalhos acadêmicos organizados sobre A Força Expedicionária Brasileira, ressaltam-se as pesquisas recentes de Maria do Carmo Amaral, *O Museu do Expedicionário, um lugar de memórias*, (UFPR-2000) e *A guerra não acabou: a reintegração social dos veteranos da Força Expedicionária Brasileira,* de Francisco César Alves (USP-2003).

Na difícil escolha das fontes que nos apropriamos nesta pesquisa, é interessante o parecer do capitão da FEB Francisco Ruas Santos, quando da

apresentação do primeiro levantamento bibliográfico em seu livro *Fontes para a História da FEB* (1958), onde ele revela a infinidade de possibilidades do uso de uma fonte. “A participação do homem nas atividades guerreiras é uma floração de temas para todas as Artes. A literatura tem o seu quinhão nos diários, nas cartas, nas crônicas, nas poesias, nos romances e nas proclamações”.[45]Como a antever o futuro, do que poderia despertar interesses inusitados, Ruas Santos, destaca ainda, a pintura, a escultura, a fotografia, o cinema e a televisão como meios de tornar a história da FEB imperecível.

Quanto aos diários selecionados para esta pesquisa, em muitos casos são anotações feitas em pequenos cadernos, ou cadernetas, ou ainda em papel de carta, que ficaram guardadas durante quase uma vida e somente agora vieram a ser publicadas, já em idade avançada, pelos próprios protagonistas ou pelos familiares na ausência do veterano por motivo de falecimento. A princípio, selecionaram-se oito diários, seguindo o critério ordenado da temporalidade na narrativa, no contraponto dos fatos enunciados, no relato da campanha em si, buscando na voz do “ eu” narrador, articular os acontecimentos nas diferentes percepções.

Sabemos que todas as narrativas, sejam orais ou escritas, pessoais ou coletivas, oficiais ou não-oficiais são ”narrativas de identidades” tanto que elas são representações da realidade nas quais os narradores também comunicam como eles vêem a si mesmos e como eles são vistos por outros. “Narrativas revelam o alinhamento dos narradores com certos indivíduos, grupos, idéias e símbolos através dos quais eles externam seus maiores valores, qualidades positivas e de orgulho para si mesmos”.[46]

É interesse desta pesquisa descobrir de que maneira o discurso baseado nas memórias de guerra está posto nesses diários. Como lembra Pierre Nora:

> É uma memória registradora que delega ao cuidado de se lembrar por ela (História) e desacelera os sinais por onde ela se deposita. [...] A passagem da memória para história obrigou cada grupo a redefinir sua identidade pela

[45] SANTOS, Francisco Ruas**. Fontes para a história da FEB**. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1983, p. 5.
[46] ANDERSON, Bendict, (1991) Imagined communities. London. STEIN, H.F (1987) Developmental Time, Cultural Space; Studies in Psychogeography, London, *apud* FERRANTE, Antoinette. *In:* Mas afinal,a memória é de quem? Histórias Orais e Modos de Lembrar e Contar. **Revista da História da Educação.** ASPHE/ FAE/ UFPel, Pelotas(8): 141-174, setembro de 2000.

> revitalização de sua própria história, o dever da memória faz cada um historiador de si mesmo.[47]

No sentido da lógica na trajetória desta pesquisa, é de interesse verificar a política de duas associações de veteranos brasileiros que combateram na 2ª Guerra Mundial: a Associação Nacional dos Veteranos da Força Expedicionária Brasileira, fundada em 1963 e localizada na Rua das Marrecas, no Rio de Janeiro e a Legião Paranaense do Expedicionário, localizada na Praça do Expedicionário, em Curitiba, criada em 1946, ambas como condutoras das ações e direcionamentos delineados em seus estatutos.

Das obras especializadas sobre a FEB, de interesse para esta pesquisa e que se destacam no rol das consultas, está *A FEB Pelo Seu Comandante*, de autoria do próprio marechal Mascarenhas de Moraes e seus auxiliares. Na verdade, trata-se do relatório dos acontecimentos na Itália, onde o comandante expõe toda a trajetória da FEB, da sua formação até a campanha propriamente dita. Para os pesquisadores que estudam a participação brasileira na 2ª Guerra Mundial, esta é uma obra relevante e que não pode ser deixada de lado. Mesmo Mascarenhas de Moraes, na época da organização da obra, buscou lembrar: "A atuação das tropas que representam o Brasil em território italiano, durante a 2ª Guerra Mundial, ainda não foi relatada aos nossos patrícios segundo um plano de conjunto e no quadro da verdade histórica". [48]

No contraponto ao comandante da FEB*,* a obra *A verdade sobre a F.E.B,* do chefe do Estado Maior da FEB, Lima Brayner, apresenta um relato menos técnico e mais acessível ao leitor. É mais contundente nas criticas ao comando brasileiro e ao próprio 5º Exército Americano do qual o Brasil foi aliado na guerra. Esmiúça em seu relato detalhes pitorescos da guerra e as estratégias errôneas na campanha da tomada de Monte Castelo.Tenta dirigir o olhar do leitor para os pontos importantes da atuação da FEB, não tratados em outras obras.

---

[47] NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. *In:* Les lieux de mémoire. La Republique, Paris, Gallimard. Tradução de Yara Aun Khoury, 1984. **Projeto História**, São Paulo, (10) dez. 1993.

[48] MORAES, João Batista Mascarenhas de. **A FEB pelo seu comandante.** São Paulo: Instituto Progresso Editorial, 1947, pp. 10-15.

Na visão dos participantes da guerra, seja como soldados ou oficiais e seus relatos esclarecedores, a obra *Depoimentos dos Oficiais da Reserva sobre a FEB*[49], traz à luz os acontecimentos da guerra na época considerados tabus, que envolvem desde os preparativos da formação da FEB às experiências particulares dos soldados. Na época, a obra foi considerada polêmica e sua consulta, mesmo em nossos dias, é relevante, pois levanta questões esclarecedoras.

A partir da perspectiva da teorização da investigação histórica do campo militar, a análise desta tese centrar-se-á nas memórias dos pracinhas, e atentará para a historicidade de suas experiências, do processo de formação da FEB, dos eventos ocorridos no teatro de operações de guerra, do retorno dos veteranos ao país, marco significativo desta pesquisa. Assim, delinear-se-á o rumo desta história.

No desenrolar dos capítulos que deverão compor esta tese, descortinar-se-ão as lutas de resistências dos pracinhas brasileiros, sejam elas individuais ou coletivas, engendradas pelo reconhecimento de valor. Lutas apresentadas sob forma de reivindicações, dentre as quais, pelo direito de exercer a plenitude da cidadania e do não esquecimento.

Ao fixar-se a delimitação desta pesquisa entre os anos de 1945 e 2008, focar-se-á um viés pouco discutido sobre os brasileiros que combateram na Itália, principalmente na perspectiva do retorno desses soldados ao solo brasileiro, fator preponderante na singularidade desta tese.

A seqüência dos capítulos do presente estudo vai buscar um encaminhamento lógico para a compreensão do texto como um todo, já delineado a partir da metodologia organizada.

No primeiro capítulo, destacar-se-ão os diários de guerra dos veteranos considerados fontes primeiras nesta pesquisa, onde o próprio conceito de diário na modernidade, conduz ao entendimento deste estilo literário, visto aqui como documento. Também serão discutidas as questões que precederam à guerra, numa visão sintetizada dos acontecimentos, aproximando-se da Era Vargas, dando destaque ao golpe do Estado Novo e a suas diretrizes. A declaração de guerra aos países do eixo terá um enfoque peculiar dentro da política dos bastidores do Estado Novo, que norteará a entrada do Brasil na guerra ao lado dos aliados.

---

[49] ARRUDA, Demócrito Cavalcanti. Impressões de um infante sobre o comando da FEB, *In:* **Depoimentos de Oficiais da Reserv**a **sobre a FEB.** São Paulo: Cobraci, 1949, pp. 42-58.

No segundo capítulo, o texto visa focar os intelectuais, a cultura e educação vigentes no Estado Novo, avaliando o papel dos intelectuais durante o novo regime, suas posições e influências que acabaram por atingir a sociedade brasileira como um todo. Os modernistas ocupam postos estratégicos junto do novo governo e lhes dão respaldo. O Departamento de Imprensa e Propaganda, será apresentado no seu papel de divulgador e controlador das ações do governo. A Educação será o vetor primordial na Campanha de Nacionalização, fator preponderante a apontar o que é ser brasileiro, em situações delicadas voltadas principalmente para os núcleos coloniais no sul do Brasil.

No terceiro capítulo, será destacada a formação da Força Expedicionária Brasileira. Nesse aspecto, tornou-se imprescindível a análise da convocação dos soldados, os preparativos nos quartéis, o treinamento e os momentos delicados da despedida da família quando do embarque nos navios. As primeiras imagens da Itália destruída serão repassadas pelos testemunhos e seus aportes nos diários de guerra. Nos diversos acampamentos, será possível delinear o treinamento e a adaptação dos homens às vésperas dos primeiros combates.

O quarto capítulo vai de encontro aos pracinhas brasileiros na Itália. Pelo olhar dos soldados vamos penetrando nas cidades destruídas, sentido os impactos da guerra. A convivência dos homens nos acampamentos, além do desconforto, quando o senso do privado deixou de existir, mas em troca, vislumbram-se momentos de solidariedade. A miserável população italiana é alimentada pelos brasileiros, constituindo-se, portanto, laços de amizades significativos. Para os italianos, ao se reportarem aos brasileiros, “aquela gente diferente” a fazer guerra em terras estranhas, causava empatia. O inverno rigoroso muda os hábitos, o *front* estaciona e o convívio social entre o provo e exército fica mais próximo. O soldado nem sempre está na frente de batalha, busca nas famílias italianas o convívio social, participa dos eventos que acontecem nos povoados, assistem-se missas, dança-se nos bailinhos. No natal mais gelado de 1944, o grande presente ansiosamente esperado era a correspondência que vinha do Brasil.

O quinto capítulo vai abordar a parte mais fragilizada da guerra, na qual a narrativa vai compor o enredo de histórias singulares, numa versão do presente a partir dos fatos registrados. É como tirar o passado a limpo, onde se cruzarão as memórias ditas verdadeiras e as essencialmente imaginativas. Trata-se da narrativa

dos momentos marcantes da campanha em si. O fantasma proporcionado pela imagem do Monte Castelo e o imaginário de sua invencibilidade ficou retido em muitas mentes. O reduto difícil, cercado dos horrores que as lembranças insistem em não esquecer, norteia a pesquisa para a compreensão desse momento. O "Depois da Guerra", constituirá o final desta pesquisa. Aqui se descortinarão os momentos quase inenarráveis da alegria do retorno à pátria. A desmobilização da FEB em alto mar prenunciava tempos difíceis. Como a sociedade civil organizou-se para receber os seus heróis, as festas patrocinadas, o clamor popular e por fim o silêncio e o esquecimento,são momentos delicados a serem investigados para a compreensão dos discursos dos soldados brasileiros no pós guerra.

A partir desse contexto há que se avaliar a ação conjunta dos veteranos de guerra atuando como molas propulsoras em prol dos seus ideários como verdadeiros "agentes da memória". Desse modo, buscam explicar uma guerra que nunca acabou, pois os valores lá estão inseridos. Neste trajeto, estão inseridas as associações, não apenas os bens materiais representados pelos acervos de guerra, mas todo um trabalho de sentido, que diz não à apologia da guerra, mas se mantém pelos ideais que nunca fenecem, como um lugar de memórias.

Mas o que espera o outono da vida desses pracinhas? É algo para refletir. No cenário a ser descrito nesta pesquisa, onde se combinam personagens e enredos, na diversidade de vozes que emergem com singularidade, ora respondendo alguma coisa, ora refutando ou confirmando, antecipam-se respostas e objeções aos questionamentos sobre os caminhos pedregosos, que têm se mostrado heróicos nessa longa caminhada de reconhecimento.

1 RECONSTRUINDO O PASSADO: A MEMÓRIA QUE CONSTRÓI O TEXTO, O BRASIL VAI À GUERRA

1.1 DIÁRIOS DE GUERRA: FONTES RELEVANTES NA RECONSTRUÇÃO HISTÓRICA DA FEB

"Uma razão pela recepção positiva do diário nos anos de pós guerra
foi certamente a mania de documentação na época."
Claudia Bettina I.R.Janhnel.[50]

O capítulo a seguir "Reconstruindo o passado: a memória que constrói o texto, o Brasil vai a guerra" visa destacar os diários de guerra e seus autores, bem como os testemunhos de outros veteranos da 2ª Guerra Mundial. Ao longo do presente estudo, tal situação foi tomando vulto e estas fontes se mostraram de relevância para esta pesquisa. O objetivo maior, não está em analisar o gênero literário do "diário", mas entender a função e o sentido do registro. Antevendo seus conteúdos, já delineados por leituras feitas anteriormente, é possível destacar o seu caráter individual em que o autor se dedicou a escrever os acontecimentos que achou mais importantes de um dado momento, ou seja, guardar a memória esculpida pelos sentimentos nos escritos neles contidos.

Os diários de guerra dos soldados brasileiros, na verdade, são anotações da época da guerra, hoje transformadas em livros, dos relatos e das memórias que marcaram um tempo significativo para o combatente e seu grupamento, aquela memória que "atravessa", "vence obstáculos", "emerge" e irrompe os sentimentos associados a este percurso, que são ambíguos, mas estão sempre presentes.

Neste aspecto, como diz Pierre Nora, "a memória é vida sempre carregada por grupos vivos e nesse sentido está sempre em permanente evolução, aberta a dialética da lembrança do esquecimento, inconsciente de suas deformações sucessivas"[51]. Desse modo passível e vulnerável aos usos e manipulações, sujeita às latências e de repentinas revitalzações.

---

[50] JAHNEL, Claudia Bettina Irene Römmelt. **O arquivamento do Eu**: O Diário de Hugo Delitsch e as lembranças de Emma Antom.(1844-1859).Tese (Doutorado), Curitiba, UFPR, 2002.

[51] NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. *In:* Les lieux de mémoire. La Republique, Paris, Gallimard. Tradução de Yara Aun Khoury, 1984. **Projeto História**, São Paulo, (10) dez. 1993.

Essa memória, segundo Nora diferencia-se da arquivistica, pois ela " se apóia sobre o que há mais preciso no traço, mais material que vestígio, mais concreto no registro, mais visível na imagem".[52]

Não há memória involuntária que não venha carregada de afetividade, como diz Jacy A. Seixas citando M.Proust[53] ou ainda como diz Pierre Nora, uma constituição gigantesca e vertiginosa do estoque do material daquilo que nos é possível lembrar, repertório insondável daquilo que teríamos ter necessidades de nos lembrar[54].

Neste aspecto, os diários de guerra dos veteranos brasileiros que combateram na 2ª Guerra Mundial, tornam-se documentos primordiais, pois transmitem claramente o espírito particular de cada um, demonstrando sua visão e interpretação da guerra, com detalhes pitorescos, ainda não retratados pela historiografia. "O diário vive do desejo de preservar o esquecimento as experiências vividas individualmente e do preservar aqueles dias da memória que a história oficial não mencionara."[55]

Como diz Claudia Bettina:

> De todas as possibilidades de se preservar o presente, o diário aparece ser a forma mais simples. É necessário somente um pedaço de papel e uma caneta. É muito simples e talvez por isso a forma mais utilizada e conhecida, tanto no espaço como no tempo.[56]

Assim, percebemos o soldado brasileiro, cada um a seu modo a registrar os acontecimentos que lhes eram muito particulares. Em que momentos foram escritos? Neste momento, cabe a pergunta. Possivelmente, logo após uma missão na terra de ninguém[57], do regresso de uma patrulha, de passar por um campo minado, de enfrentar um bombardeio cerrado como aconteceu na Tomada de Monte

---

[52] NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. *In:* Les lieux de mémoire. La Republique, Paris, Gallimard. Tradução de Yara Aun Khoury, 1984. **Projeto História**, São Paulo, (10) dez. 1993, p.15.
[53] SEIXAS, Jacy Alves. Percursos da Memória em terras de História: Problemáticas atuais. *In:* BRESCIANI, Stella; NAXARA, Márcia. **Memória e (re)sentimento**: indagações sobre uma questão sensível. São Paulo: Unicamp, 2001, p. 47.
[54] NORA, *op. cit.,* p.13.
[55] JAHNEL,*op. cit.,* p.3.
[56] Ibid., p.12.
[57] N.A.: O termo "terra de ninguém" na guerra é utilizado para indicar uma zona fronteiriça onde os embates ocorrem, portanto, um local de grande tensão, onde não é possível antever os acontecimentos.

Castello, de responder aos fogos de artilharia inimiga, ou de retratar o descanso em um dos acampamentos.

Muitas vezes tais diários, remetem mais a um relato do que foi visto e refletido, sem muita preocupação de destacar uma cronologia precisa, ou mesmo pela ausência da citação de locais percorridos. Muitos dos diários, como o do 1º tenente, Massaki Udihara pertencente ao 6º Regimento de Infantaria , editado por familiares após a sua morte, mostra as vivências do médico que viu frustrada a sua participação na guerra, pois lhe foi negada ainda no Brasil a condição de passagem para o Serviço Médico da FEB.

O infante, Dr. Udihara foi convocado para a FEB como oficial da Reserva, depois de quatro anos de sua formatura em medicina. Em seu diário, com muita sutileza, não poupou criticas aos oficiais e ao Exército Brasileiro. Como testemunho, transparece em seu diário reflexões filosóficas e sonhos de um médico pensador, transformado em soldado da infantaria à sua revelia. Tal indignação, no relato monótono para o leitor leigo, transparece a angustia com a desconsideração da vida humana. Do seu registro no dia 26 de Junho de 1944, já na Vila Militar no Rio de Janeiro, durante os preparativos para o embarque para a Itália, ele diz: "Começa este diário (não sei se será um diário no sentido de quotidiano, ao menos pretenderá ser).[...] Desse momento em diante todos os meus atos e ações já não terão mais a significação de todos os dias e tudo já escapou da minha vontade."[58]

No rol dos diários abordados nesta pesquisa, destacamos *A Verdade sobre Guanella e A Verdade sobre Abetaia* de Alfredo Bertoldo Klas, combatente pertencente ao 11º Regimento de Infantaria. Nestas duas obras, frutos de seus escritos durante a vida, contesta com clareza, lucidez e severa crítica os episódios da participação brasileira na 2ª Guerra Mundial, desmistificando fatos considerados tabus na Força Expedicionária Brasileira, principalmente em relação aos sucessivos e malogrados ataques ao *Monte Castello*, nas localidades de *Guanella*• nos dias 2 e 3 de novembro de 1944, e *Abetaia,* no dia 12 de dezembro de 1944, fazendo-o com

[58] UDIHARA, Massaki. **Um médico brasileiro no front**. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 2002, p. 41.

• N.A.: Guanella era na guerra uma propriedade rural (vale do Rio Reno).Tanto Guanella como Abetaia,constituíam pontos estratégicos nos mapas de combate,localizado em frente ao Monte Castello, na pequena *comune* de Gaggio Montano a 60 quilometros de Bolonha, baluarte dos alemães e passagem obrigatória para as tropas brasileiras nos confrontos da Linha Gótica, e mistificado no imaginário dos combatentes brasileiros pela morte de 16 companheiros, motivadas pela desconexões do comando responsável pelos ataques.

a segurança de quem realmente participou destes combates. Na justificativa que serve de intróito ao seu livro sobre *Abetaia,* assim se expressou:

> Ao escrever este trabalho fui animado por um objetivo: Levar os acontecimentos vividos em Abetaia para o seu verdadeiro lugar. Não tenho a intenção do confronto, da critica irreverente, de ferir memórias. Sinto as opiniões e as contradições ,na expressão da verdade lógica, que é a verdade do nosso conhecimento ,expressa por um juízo que pode ser verdadeiro ou falso.[...] Muitos não estiveram em Abetaia, mas escreveram.Eu estive em Abetaia, no dia 12 de dezembro de 1944.Vou escrever.Sessenta anos são passados.[59]

Os diários do combatente Alfredo Bertoldo Klas são obras esclarecedoras, que nos colocam a par dos acontecimentos delicados e sofridos pelos combatentes, valendo-se de fontes documentais extraídas dos arquivos militares, consegue evidenciar fatos considerados tabus pela FEB, e até recentemente pouco explicados.

Outro diário relevante, transformado em livro é *Verdades e Vergonhas da Força Expedicionária Brasileira,* de Leonércio Soares, que pertenceu ao 11º Regimento de Infantaria, e constitui ainda hoje uma obra considerada bastante polêmica mesmo entre os combatentes. O livro foi editado pelo próprio autor na década de 1980, não poupando em suas críticas o próprio comando da FEB. Buscou mostrar uma série de equívocos por parte dos oficiais, que levaram os soldados a determinados confrontos sem estarem preparados para estas situações. Segundo os seus companheiros da Legião Paranaense do Expedicionário em Curitiba (PR), os escritos de Leonércio Soares são contundentes por estarem focados apenas na ótica do autor, de sua companhia e do seu Regimento, o que não deixa de ser uma critica importante. Nas notas iniciais de seu diário, o autor se posiciona:

> Mandar a juventude à guerra, mesmo despreparada e bisonha – por imposições inevitáveis – é uma coisa; submetê-la às humilhações e aos vexames, agüentando ainda as conseqüências dos comandos ineptos, desnecessariamente ou por interesses alheios, é outra.[60]

Outro diário editado no pós guerra é do tenente Ernani Ayrosa da Silva, oficial de carreira e combatente do 6º Regimento de Infantaria, escreveu *Memórias de um*

---

[59] KLAS, Alfredo Bertoldo. **A verdade sobre Abetaia:** Drama de sangue e dor no 4º ataque da FEB em Monte Castelo. Curitiba: Imprensa Oficial, 2005.

[60] SOARES, Leonércio. **Verdades e Vergonhas da Força Expedicionária Brasileira.** Curitiba: Edição do autor, 1982.

soldado, a obra foi editada em 1985 e pode ser vista até como uma história de vida, pois retrata o início da sua carreira como aluno da Escola Militar no Rio de Janeiro, a sua participação na FEB, onde destaca a sua participação na libertação das primeiras italianas. Na década de 1960, pouco antes da eclosão da Revolução de 31 de março de 1964, segundo seu relato, atuou na Secretaria do Conselho de Segurança entre 1960 a 1964. Com o movimento militar, atuou diretamente junto novo governo ao assumir a chefia da 2ª Seção de Informações.

Como tenente da FEB participou das jornadas iniciais da campanha no mês de setembro de 1944. No seu diário, a descrição da movimentação dos soldados, agora ajustados a uma nova maneira de combater, e a reação da população local com a liberação das cidades, com ruidosas expansões de alegria, mostraram a importância destas primeiras vitórias para a FEB, recém chegada no território italiano, constituindo fator de equilíbrio e confiança para os soldados e seus grupamentos.

Dos documentos preparados antecipadamente para esta pesquisa, havia sobremaneira uma preocupação com as fontes que tratassem do 9º Batalhão de Engenharia da FEB São raros os diários ou mesmo testemunhos dos seus componentes que se tem conhecimento. Neste caso, *o Diário de um paisano na Segunda Guerra Mundial* de Rudemar Marconi Ramos, veio ao encontro das expectativas, • pois na época dos preparativos da formação da FEB, este Batalhão foi organizado no Rio de Janeiro e levado para *Aquidauana,* no Mato Grosso do Sul. No seu relato, descreve passagens pitorescas do seu embarque no dia 20 de setembro de 1944 para a Itália. "Oficiais brasileiros e americanos assistiam em silêncio ao nosso lento desembarque do trem. Fomos nos alinhando diante do passadiço e de duas enormes portas que haviam sido abertas.Entramos em ordem com nossos saco A• nas costas, no bojo do grande e imponente navio americano."[61]

• N.A.: O 9º B.E foi criado no dia 7 de novembro de 1942, até hoje é difícil explicar porque o Exército na época, resolve reunir na vila militar (RJ) no quartel do Batalhão de engenharia Vilagran Cabrita, vários outros contingentes das mesmas armas, oriundos de outras regiões do Brasil e enviá-los ao Mato Grosso, quando poderiam ser alocados no R.J, com maior conforto.Diante de tantos percalços, os soldados se revoltaram e a inclusão de elementos de conduta duvidosa, da própria região do Mato Grosso, resultaram no apelido recebido de "batalhão má conduta". Somente ás vésperas do embarque para a Itália, dado às ações diretas do comandante José Machado Lopes,e a expulsão dos maus elementos, foi que o grupo de 900 homens partiu para a Itália, lá recuperou-se e muitas vezes é citados nas pesquisas italianas como um dos melhores batalhões brasileiros.

• N.A.: Os soldados embarcavam com dois sacos de viagem, o saco A continha o necessário para ser usado na frente de batalha, geralmente uma muda de uniforme e seus complementos.No saco B

O Batalhão de Engenharia é o que faz o primeiro contato em frente de batalha, abrindo passagem aos demais combatentes, às viaturas, ao armamento e munição. Ao passar pelos povoados destruídos, vai tomando contato com a população que permaneceu, reabrindo estradas, construindo pontes, e, executando a tarefa mais difícil que consiste em desarmar campos minados. O diário de Rudimar, ao recordar essas situações, descreve o contato das populações italianas com os soldados brasileiros.

Outro diário bastante minucioso e polêmico tem como titulo *A Saga de um Catarina na FEB* de José Alves da Silva, do 11º Regimento de Infantaria. Em 1942 ocupou o posto de 3º sargento, já no ano de 1944 segue voluntariamente para a guerra. Saindo de Florianópolis, juntamente de outros militares, passa por Curitiba onde ocorrem outras incorporações de soldados oriundos de outras regiões do Paraná e Santa Catarina. De trem seguem para a cidade de Caçapava no interior de São Paulo. José Alves busca na linguagem simples da narrativa uma maneira de comunicar ao leitor as primeiras dificuldades dos soldados que vinham de outros estados para o acantonamento em São Paulo.[62]

> [...] à tardinha chegamos a Caçapava, uma cidade pequena, feia, com casas velhas, desolada, despida de atrativos e seguimos para o quartel do 6º R.I que já se encontrava no Rio de Janeiro, em treinamento para integrar a FEBCom o estomago nas costas, fomos para o rancho e de tão esfomeados jantamos bastante uma refeição aceitável, não havendo tempo para reparar se a comida era boa ou não, porque naquela altura do campeonato os homens comeriam até pedra. Posso garantir que era muito melhor do que aquela coisa mal cheirosa que o 4º RI. havia nos ofertado a título de almoço.

No diário *Notas de um Expedicionário Médico* de Alípio Corrêa Netto, destacado cirurgião do Rio de Janeiro, são apontados aspectos interessantes sobre o Serviço de Saúde durante a guerra na Itália, colocando tópicos esclarecedores. Muitos dos dados contidos no diário são pessoais, como por exemplo a resolução de

---

eram colocados os demais pertences, que por não serem tão necessários, pois eram objetos pessoais, ficavam na retaguarda.

[61] RAMOS, Rudemar Marconi. **Diário de um paisano na Segunda Guerra Mundial.** Rio de Janeiro: H.P Comunicação Editora, 2003.

[62] N.A.: Os acantonamentos eram localizados nos quartéis, geralmente prédios precários para receber um contingente grande de homens que necessitavam de todo o tipo de assistência. As cozinhas eram precárias, faltava higiene nos recintos, principalmente nos banheiros, os alojamentos não ofereciam nenhum conforto aos soldados. Somente depois da guerra é que os quartéis passam a utilizar os ensinamentos obtidos com os norte americanos, no sentido de cuidar da profilaxia em suas unidades militares.

deixar o cargo que ocupava no Brasil como chefe do Serviço de Saúde do Exército para se candidatar a acompanhar o grupamento de saúde, até o teatro de operações de guerra em território italiano. As anotações do seu diário, foram inicialmente publicadas no retorno ao Brasil em 1946, e reeditadas mais tarde em 1983. Como cirurgião - médico, os episódios narrados por Alípio Corrêa, mostram sua visão sobre os feridos, os mutilados, o encaminhamento dado aos doentes, as cirurgias de emergência e os tratamentos médicos a que foram submetidos os soldados brasileiros nos Estados Unidos. Na introdução do seu livro, deixa de lado o olhar frio do especialista, mas com humanidade relata: "O meu posto de observação era o hospital onde os feridos e os mortos representavam o máximo de sacrifício, ao dar a vida e derramar o sangue pela causa. Procurei identificar de maneira geral a natureza do esforço e do sacrifício e como eram suportados pela nossa gente."[63]

No processo de organização da pesquisa sobre a FEB, houve a oportunidade por parte desta autora em conhecer o combatente Ruy Fonseca em uma das viagens feitas à Itália. Há dez anos, com menos idade, era comum a estes homens visitarem os locais onde haviam combatido. Geralmente, são momentos que evidenciavam grande emoção desses participantes, principalmente a Ruy, pessoa culta e que no pós guerra foi também professor. No seu diário *Uma face da Glória*, destaca de forma singular a sua trajetória na guerra, pois inicia falando da convocação, das dificuldades encontradas nos primeiros dias na caserna, até o retorno ao Brasil no dia 17 de setembro de 1945. Seguindo uma cronologia quase rígida, ele coloca o leitor diante de fatos que envolveram não apenas os homens do seu batalhão, mas de outros soldados e as ocorrências que delinearam a passagem da FEB pela Itália.

Da sua narrativa extraímos uma das passagens sobre o acantonamento do Capistrano no Rio de Janeiro, local onde a FEB foi sendo reunida antes do embarque para a Itália e que demonstra as condições precárias em que o soldado foi recebido.

> Nesses anos todos do pós-guerra, com cada febiano que conversamos e que passou pelo acantonamento, nos barracões do Capistrano, nenhum desses – nenhum, mesmo –deixou de lastimar pelos tempos sofridos que ali convivemos. [...] Sem vegetação alguma, nem uma árvore sequer, o sol castigava os telhados e tábuas das paredes, transformando cada

[63] CORREA NETTO, Alípio. **Notas de um expedicionário médico**. São Paulo: Almed, 1983.

> alojamento num forno durante o dia e numa estufa durante a noite, era um verdadeiro campo de concentração.[64]

A ótica apuradíssima de Ruy conduz o leitor pelos caminhos da sua Companhia na Itália, destacando passagens interessantes entre os habitantes e os soldados, quando destaca o cenário do cotidiano dos acampamentos e da sua visão dos primeiros combates.

Outro diário muito minucioso pertence ao combatente, José Edgar Eckert do 1º Regimento de Infantaria, dos dados registrados na Itália ele transcreveu o seu *Memórias de um ex-combatente: relato de um ex-combatente da Força Expedicionária Brasileira* publicado em 2000. É um relato absorvente, afinal são poucas narrativas que retratam com tantas minúcias o embarque do 2º e 3º escalões da FEB, constituindo o maior deles com cerca de dez mil homens com destino para a guerra. Buscando ser didático, orienta o leitor, destacando nas primeiras páginas as causas da participação do Brasil na guerra e a formação da Força Expedicionária Brasileira.

Da viagem ao cotidiano da guerra, a riqueza do relato coloca o leitor diante de situações inusitadas. A sua Companhia de Transmissões era uma as encarregadas de manter funcionando a comunicação entre os postos de comando e os que se encontravam na frente de combate, situação primordial para manter os objetivos. Uma das passagens do seu relato datado de 22 de fevereiro de 1945 diz respeito aos acontecimentos do dia anterior sobre a conquista de um dos baluartes mais importantes para a FEB.

> Às 13:00 hs fui com uma equipe de telefonia puxar uma linha de telefonia até Fornello,que é a ruína de uma casinha isolada, que havia ali antes dos combates, e fica a meia encosta do Monte Castello.Tivemos de levar nas costas duas bombas DR-4, subindo de uma ladeira íngreme ,de 45º, por uma trilha que conduz ao cimo do monte, e desenrolando o fio. No trajeto ainda jaziam alguns cadáveres de brasileiros que haviam tombado no ataque do dia 12-12-1944.Estavam com a tez preta como carvão, mas sem indício de mau cheiro, nem decomposição, o que faz crer que tenham sido cobertos pela neve durante o inverno e ali ficaram até agora, insepultos. Havia armadilhas tipo *booby traps*, interligadas com fios e amarradas aos cadáveres.[65]

---

[64] FONSECA, Ruy de Oliveira. **Uma face da glória-reminiscências e diário de campanha**. Rio de Janeiro: Editora Agora da Ilha, 2002.
[65] ECKERT, José Edgar. **Memórias de um ex-combatente.** Florianópolis: Insular, 2000, p. 38.

Edgar Eckert consegue por meio dos fatos considerados menores em algumas óticas, retratar momentos especiais vivenciados pelo seu grupamento que enriquecem a narrativa, fugindo do lugar comum de muitos diários meramente cronológicos.

Entre os combatentes, era expressivo o número de profissionais liberais convocados ou voluntários que partiram para a Itália. Havia médicos e dentistas atuando como infantes•,fato constrangedor para muitos combatentes que durante a seleção e preparativos no Brasil, poderiam ter sido remanejados para atuarem na guerra dentro de suas especialidades. Entre as centenas de testemunhos que compõem a história da FEB, a narrativa do estudante Joaquim Xavier da Silva, aluno do curso de Direito antes da guerra, autor de duas obras: *Cruzes Brancas e Diário de um Pracinha* foi a escolha para compor o presente trabalho. Chama a atenção o seu testemunho pois, na difícil arte de narrar os acontecimentos de uma guerra, consegue destacar aspectos humanizados de um período crucial, onde os soldados geralmente são números e a palavra final sempre é dos estrategistas.Na guerra esteve como soldado na Companhia de Comando do 1º Regimento de Infantaria, tendo sido ferido em combate.O relato de Xavier tem um tom crítico mais profundo, ao avaliar o papel do soldado na frente de batalha, com suas angústias, sofrimento e dor. No pós guerra suas anotações transformaram-se nas obras citadas. Na apresentação de *O Diário de um pracinha* em janeiro de 1947, seu professor Pedro Calmon recorda o antigo aluno:

> Lembro-me do dia em que à aula de Teoria Geral do Estado, compareceu fardado, e pronto para partir para a guerra. O uniforme de expedicionário dobrava-lhe nas mangas; a sua cabeça infantil, de "calouro imberbe", traduzia a inocência_ e a calma vontade do sacrifício.[...] havia um resto de timidez,senão o receio de parecer heróico, quando era apenas correto.[...] Indaguei-lhe: onde vai servir? e respondeu, perfilando os calcanhares, juntos, a voz sem ênfases: na Itália. Correu pela sala o murmúrio de aplausos.[66]

Ainda na Itália, Joaquim Xavier da Silva buscou manter contato com a imprensa brasileira, e escreveu muitas cartas que foram veiculadas por vários jornais não apenas no Rio de Janeiro, mas também em outros estados. A participação de

---

• Infantes, oriundo de infantaria, tropa que faz o serviço a pé, nesta fase da guerra exercendo papel preponderante numa guerra de movimento.

[66] SILVEIRA, Joaquim Xavier da. **Cruzes Brancas:** o diário de um pracinha. Rio de Janeiro: José Álvaro Editor, 1963.

estudantes na FEB poderia constituir um estudo à parte de grande interesse, pois esta é uma vertente ainda não explorada pelos pesquisadores.

Há que se acrescentar nesta pesquisa partes preponderantes das memórias de Celso Rosa, Ítalo Diogo, Miguel Pereira, Jarbas Albrincker e José Dequech, além do diário manuscrito de Guilhermina Gomes e dos apontamentos de Maria Conceição Suarez, Altamira Pereira Valadares, Hilda Ribeiro, e os depoimentos de Virginia Leite, todas enfermeiras do Serviço de Saúde da FEB, que prestaram serviços nos diversos hospitais dos aliados em território italiano.

Ao avaliar os discursos contidos nos 10 diários que constituem a peça central desta investigação, estaremos trabalhando com as memórias de guerra registradas pelos seus personagens que, nos seus escritos, relatam histórias de vida que o tempo não apagou. Como diz Pollak, locais distantes "fora do espaço-tempo vida de uma pessoa que podem constituir lugar importante para a memória do grupo".[67]

Os veteranos da FEB constituem nesta pesquisa os sujeitos das ações que se busca avaliar, são os narradores da memória do grupo. Lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar, com imagens e idéias de hoje, as experiências do passado. A lembrança é uma imagem construída pelos materiais que estão agora à nossa disposição, no conjunto das representações que povoam nossa consciência atual, como reflete Halbwachs.[68]

Ao evidenciar as narrativas dos combatentes brasileiros em seus diários, é possível perceber a existência de uma memória fragmentada, levando em consideração que a guerra é um acontecimento traumático que faz e refaz um passado pela narrativa do presente. São momentos em que os acontecimentos atuam sobre as condições do ato do discurso de quem conta, propiciando a criação de novos relatos, histórias e narrativas que surgem.

O que pretende avistar nestes discursos? Provavelmente os elementos que se combinem no seu todo, como os personagens, os enredos, a ação e o cenário. São as privações, os sofrimentos que envolveram os personagens ao passarem pela dramaticidade da guerra, descritos pelos momentos grande tensão. Tais momentos, expressam a fragilidade dos homens diante da ação do inimigo, ou ainda a incompreensão e a inépcia das lideranças, os elementos da natureza como a

---

[67] POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. **Caderno de Estudos de História,** n. 3, FGV, Rio de Janeiro, 1989, pp. 1-13.
[68] HALBWACHS, *op. cit.,* p.51.

chuva, o frio, e a topografia acidentada no teatro de operações, que desequilibravam muitas vezes qualquer planejamento.

Naturalmente, esses relatos misturam com um repertório previsível de qualidades, que estes homens imputavam a si mesmos como analisa Salles[69]: "bravura, coragem, inteligência, astúcia, obediência, disciplina, dedicação, honra, amor próprio, abnegação." Esta combinação de relatos interessa a este estudo.

No cenário que envolve os diários e memórias, há que se levar em conta a diferença existente entre os gêneros diários e memórias, segundo Claudia Bettina Jahnel, o que os diferencia é a própria maneira de escrever. "Enquanto o diário constitui-se de registros feitos em poucas horas, ou em casos extremos, poucos dias depois de ter vivido a situação, a memória geralmente é um registro feito anos ou até décadas de um acontecimento."[70] Na abordagem das fontes esta pesquisa privilegiará ambos os gêneros

Na persistência do discurso dos veteranos brasileiros que combateram na 2ª Guerra Mundial em busca de reconhecimento vê-se a possibilidade de organizar um documento histórico a partir de suas memórias orais ou escritas, muitas vezes multifacetadas. Então o que se tem em mãos? Na verdade, percebe-se um discurso não estruturado sem a preocupação com a linearidade ou temporalidade da história. São relatos que marcam a narrativa e buscam reafirmar os valores que um dia os conduziram aos campos da Itália, uma vez que o silêncio é rompido e a própria memória sob a pressão do tempo, no ato de recordar, busca um passado que é inerente à sua biografia. Como Jacy Alves de Seixas vê esta situação? Segundo a escritora, "temos a sensação de viver sob o império da memória, e da obsessão comemorativa que tem acometido a sociedade final do século XX , que não cessa de irromper em escala internacional, pelos poros e cicatrizes sociais."[71]

Ao privilegiar as fontes referendadas acima, têm-se nítida consciência de que tantos os diários como as memórias contem omissões, ou até certo embelezamento no ato do registro, estes também podem registrar os medos e angustias de uma maneira direta, fresca, sem terem sido misturados com outras vivências ou reflexões que pudessem modificar em demasia o sentimento atual.[72]

---

[69] SALLES, Ricardo. **Memórias de Guerra: guerra do Paraguai e narrativa nacional.** Disponível em: http://www.guerragrande.com. Acesso em: 31 jan. 2008.
[70] JAHNEL, *op. cit.,* p.15.
[71] SEIXAS, *op. cit.,* p. 38.
[72] JAHNEL, *op. cit.*.

Ainda de acordo Claudia Bettina Römmelt, observando-se o diário mais de perto, é possível perguntar: O que oferece o diário em si e quais as suposições a partir das quais é ele aceito com documento? Temos a consciência que um documento pessoal não é um mero reflexo daquilo que aconteceu. “Um documento pessoal pode conter mentiras, pode conter estetizações, acréscimos”[73] Neste aspecto, cabe uma observação: Embora a autora tenha mostrado sua reflexão, e se respeita o seu ponto de vista, cabe salientar que a presente investigação, está pautada em vários documentos e principalmente nos diários dos pracinhas brasileiros, portanto, devem ser assumidos como autênticos e criveis, independentemente da forma como são apresentados, pois todos os seus autores participaram da guerra na Itália.

Diante das diversas hipóteses que se apresentam nesta pesquisa, sobre as origens dos discursos dos pracinhas brasileiros em seus enunciados nos diários e em outras falas, seja pela divergência de vozes, como pelas visões de mundo e suas relações dialógicas, não estariam estes homens enfrentando a ordem constituída por outros discursos no passado, quando o poder simbólico impunha significados legítimos? Não estariam os combatentes rompendo a homogeneidade intrínseca do *habitus*, já que esse já não era mais harmonioso, não garantia a objetividade das ações e não era vivenciado como uma necessidade? O que fazer de um modelo que nada mais dizia respeito à trajetória social deste grupo?

Enfim, verificando o conceito de *habitus, este* não expressa apenas uma ordem social funcionando pela lógica pura da reprodução e da conservação, ao contrário, a ordem social constitui-se através de estratégias e práticas nas quais e pelas quais os agentes reagem, adaptam-se e contribuem no fazer histórico[74].

Portanto, assim como Setton, vê-se a necessidade de considerar o *habitus* um sistema flexível de disposição, não apenas resultado da sedimentação de uma vivência nas instituições sociais tradicionais, mas um sistema em construção, em constante mutação e, portanto adaptável aos estímulos do mundo moderno[75]. Neste sentido, busca-se também perceber nas ações perpetradas pelos combatentes brasileiros no pós-guerra em busca de reconhecimento – contrariando a orientação

[73] JAHNEL, *op. cit.,* p.23.
[74] BOURDIEU, Pierre. **O Poder simbólico.** Tradução de Fernando Tomaz. Rio de Janeiro: Bertrand do Brasil, 1998, p.35.
[75] SETTON, Maria da Graça Jacintho. A teoria do habitus em Pierre Bourdieu, uma leitura contemporânea. **Revista Brasileira de Educação,** n. 20, maio, jun, jul, agosto de 2002, p.67.

institucional do exército – um *habitus* como trajetória, mediação do passado e do presente, *habitus* como história sendo feita, *habitus* como expressão de identidade social.

Ao organizar as informações das fontes em histórias, volta-se heuristicamente à narrativa, interpretando as ações e estratégias dos pracinhas brasileiros em busca de reconhecimento. Pela memória questiona-se o passado a partir de conjeturas acerca do sentido que é dado nos discursos dos veteranos da Força Expedicionária Brasileira.

Neste aspecto, este capítulo vai se constituir pelos traços da memória. Não se trata de uma reta que une os caminhos prováveis, dois pontos no espaço, mas sim um feixe de hipérboles, já que as vozes aqui narradas, que atuam na busca da recuperação desta memória, vêm mostrar a interferência de muitos outros fatores na construção da narrativa. É por meio dessa linguagem que o relato memorialista será construído. Nele, estarão presentes escolhas, silêncios, lembranças e imprecisões.

1.2 A GUERRA PRECEDE O ESTADO UMA VISÃO SOBRE A 2ª GUERRA MUNDIAL

Uma preocupação se aproximava na escrita deste texto, esta diz respeito aos conceitos pertinentes á palavra guerra, pois a sua utilização durante o construto histórico será uma constante.Neste aspecto, tanto ela é mencionada pelos autores consultados, bem como pelos memorialistas da FEB em seus testemunhos, pelos cronistas, pelos conferencistas e outros que a abordam em seus temas.Também neste momento, se faz necessário uma abordagem sobre as origens da 2ª Guerra Mundial e o teatro de operações de guerra na Europa, local de direcionamento da tropa brasileira. Ainda que uma breve e esclarecedora análise.

Nos anos que se seguiram à 2ª Guerra Mundial, buscaram os historiadores uma definição científica do conceito de guerra. Nesse aspecto, houve uma aproximação entre estes, os cientistas e os matemáticos, visto que novos tempos se apresentavam com estratégias nucleares, para delinear a partir daí um estudo mais aproximado aos problemas militares. Assim, os resultados, preocupantes, apontavam para as catástrofes que foram impostas a muitas nações, para o

massacre em massa sofrido pelas populações, como as tragédias que ocorreram em *Hiroshima* e *Nagasaki*, no Japão.

Havia a necessidade de apurar as responsabilidades pelos efeitos drásticos e pelos horrores potenciais da Guerra. Nessa fase, como argumenta o historiador militar Russel F. Weigley: O avanço continuado da Tecnologia, tanto nuclear como de mísseis, fez com que os problemas militares se tornassem cada vez mais assunto para a pesquisa científica, vinculando a Estratégia e a Dissuasão do equilíbrio nucleares ainda mais estreitamente à Física e à Matemática.

> Paralelamente ao progresso na área da computação, nasceram a pesquisa e a análise operacionais e a sua evolução para a Análise de Sistemas, como um meio de se chegar aos temas correlatos da Estratégia e da Tática e dos Sistemas de Armas. A pesquisa operacional surgiu na 2ª Guerra Mundial, com a aplicação da análise sistêmica, e especialmente quantitativa, ao problema decorrente da necessidade de assegurar uma otimização da performance dos armamentos.[76]

Como historiador Militar, Weyglei alerta os leitores e a comunidade científica sobre a "propensão que têm os historiadores a olhar de maneira superficial (fatos e lugares), quando deveriam - muito mais que quaisquer outros - ter uma visão em muito maior profundidade, constitui, com certeza, um outro motivo para a parcimônia no uso da História."[77]

Ao tentar conceituar a palavra guerra, os historiadores se dividem. Segundo alguns, a guerra seria a continuidade da política por outros meios. Aristóteles dizia que o "homem é um animal político", já Clausewitz (um veterano prussiano das guerras napoleônicas, autor de Da guerra*),* destaca que a guerra é, na verdade, a "continuação das relações políticas". O pensamento de Clausewitz, segundo Keegan, estaria incompleto, pois toda guerra implica também a existência de Estados, de interesses de Estado e de cálculos racionais sobre como eles podem ser atingidos. Na visão deste autor, a guerra precede o Estado, a diplomacia e a estratégia por vários milênios. Ainda segundo Keegan, "A guerra é quase tão antiga quanto o próprio homem e atinge os lugares mais secretos do coração humano,

---

[76] WEYGLEY, Russel F. **Novas Dimensões da História Militar**. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1981. p.18-19.
[77] Ibid., p. 19.

lugares em que o ego dissolve os propósitos racionais, onde reina o orgulho, onde a emoção é suprema, onde o instinto é rei."[78]

Na confusa interpretação provocada pelo debate historiográfico sobre as causas da 2ª Guerra Mundial, os historiadores se dividem em relação à análise da participação da Alemanha no conflito e dos motivos que teriam levado este país, a tomar as posições que depois se tornaram desastrosas.

Segundo Vigevani, não há indícios importantes a indicar que antes de 1933, e mesmo nos quatro anos seguintes, houvesse na Alemanha, nem mesmo no Partido Nacional Socialista, da parte de Hitler, forças significativas que buscassem algo além das conhecidas reivindicações nacionais alemãs de restabelecer as fronteiras de 1914 e, no máximo, a reunificação com a Áustria. Embora essa situação seja discutida por outros historiadores, há os que argumentam sobre o Estado racial germânico ou ariano e os nexos causais que tornariam clara a evolução da Alemanha e de uma parte dos alemães para posições que outros consideram estarem abaixo da linha civilizatória ou serem mesmo criminosos.[79]

O ano de 1995, quando das cerimônias pelos 50 anos do final da 2ª Guerra Mundial, suscitou em várias partes do mundo, principalmente nos países que se viram envolvidos nesse conflito, um volume expressivo de pesquisas e debates. No Brasil, do grupo organizado pelo historiador Osvaldo Coggiola, da Universidade de São Paulo, há textos relevantes, que, na visão dos autores, mostram as implicações deste período de tanto significado para a humanidade.

Os números apresentados por Coggiola são impressionantes: Cerca de sessenta milhões de homens em armas, entre quarenta e cinco a cinqüenta milhões de mortes (a maioria na população civil) como resultado direto dos combates, sem se contar também os que morreram por fome e doença, como resultado direto da guerra, e também pelas situações calamitosas provocadas pelos massacres absurdos da população civil, desnecessários sob o ponto de vista militar.[80]

Há que se recordar os fatos que ocorreram em 1933, quando Adolf Hitler, ao assumir o poder na Alemanha, instalou a ditadura, implementou um programa maciço de militarização no país e declarou a ilegalidade dos partidos políticos, com

---

[78] KEEGAN, John. **Uma história da guerra.** São Paulo: Cia das Letras, 2006, p. 19.
[79] VIGEVANI, Tullo. Origens e desenvolvimento da Segunda Guerra: considerações sobre a querela dos historiadores, *apud* COGGIOLA, Osvaldo. **Segunda Guerra Mundial**: um balanço histórico. São Paulo: USP, 1995.
[80] COGGIOLA, Osvaldo. Natureza da Segunda guerra Mundial, *In*: COGGIOLA, *op. cit.,* p.37.

exceção do Partido Nazista. As grandes potências mundiais, preocupadas com seus problemas, não perceberam a gravidade do que estaria por vir; neste caso, os Estados Unidos, a França e a Inglaterra. Com essa atitude, acabaram por deixar o caminho aberto para uma das guerras mais sangrentas da história e que traria graves conseqüências para o mundo, com sofrimentos, perdas e mortes com estatísticas estarrecedoras.

Tais fatos reportam a outros, ocorridos anteriormente, que entremearam os acontecimentos político-militares como, por exemplo, o fim das guerras napoleônicas (1815), as guerras civis em diferentes países europeus (1848), a guerra franco-prussiana (1870) e a Primeira Guerra Mundial (1914). A Alemanha, nesta época, como perdedora nesta última guerra, foi obrigada a entregar todo o seu equipamento bélico, reduzir o seu efetivo militar a 100 mil homens e a pagar uma indenização bilionária aos vencedores. Tais procedimentos causaram um grave ressentimento à nação, que se sentia humilhada e estava disposta a lutar por uma revanche.

Em 1933, com a chegada do Partido Nacional Socialista ao governo, a situação européia muda completamente. Embora surgissem outras forças políticas e ideológicas, não se imaginava que tal situação redundasse em novo conflito mundial.

Preocupado em recuperar a economia e a força alemã militar da Alemanha, Hitler revogou o Tratado de Versalhes, que, a seu ver, impedia a conquista de territórios vitais para atenuar o desemprego que grassava na Alemanha durante décadas. Já em 1938, sem encontrar muita resistência da Inglaterra e da França, anexou a Áustria e invadiu a Tchecoslováquia. Com essas vitórias, Hitler se convenceu da debilidade dos aliados e isto o fez aproximar-se da Rússia, firmando um pacto de não agressão, cujas cláusulas implicavam a partilha da Polônia.

No dia 1º de setembro de 1939, a humanidade assistia aturdida à invasão da Polônia pela Alemanha depois da denúncia do pacto de não agressão, que havia sido firmado em 1934, e das recusas do governo polonês para a cessão de *Dantzig* bem como do “corredor polonês”. Utilizando um novo conceito de luta armada, a *blitzkrieg*, ou o ataque relâmpago, com a combinação e uso de veículos blindados e bombardeios aéreos, a Alemanha começou a se mostrar imbatível diante da perplexidade do mundo todo.

1.3 A ERA VARGAS, PERSPECTIVAS DE UM TEMPO EM QUE O BRASIL VAI À GUERRA

Este subcapítulo será constituído por considerações sobre o momento político e econômico da Era Vargas (1937-1945), tanto na avaliação dos especialistas sobre o período, como na visão demonstrada pelos ex-combatentes brasileiros - na maneira como ela foi exposta nos seus diários, nos testemunhos e em outros documentos. Embora não se perceba uma profunda discussão política por parte dos pracinhas, em muitas situações o assunto é evidenciado na exposição de datas e acontecimentos que fazem conexão com a experiência de vida de cada um. Nesse sentido, será relevante compreender esta fase que, após o golpe de 1937, passou à história como estadonovista e em quais situações ela incide nos pronunciamentos dos soldados brasileiros.

A agricultura brasileira, com base na monocultora do café, vinha acarretando sérios problemas para a economia do país, situação que se arrastava desde a década de1930, pronunciando-se no período que antecede o Estado Novo e obrigando o país a adotar novos rumos econômicos, atendendo à demanda da guerra que acontecia na Europa. Tais acontecimentos não ficaram alheios aos soldados que embarcaram para a guerra, pois são manifestados nos depoimentos, quando se avalia este momento brasileiro, retratando momentos de reflexão sobre como suas vidas foram afetadas: no campo político, cultural, educacional, bem como sobre a relação desses fatos com a carreira escolhida dentro do exército brasileiro, ou então a convocação de recrutas para lutar numa guerra externa ao país.

Uma das análises mais completas sobre a conjuntura política brasileira, que compreende a fase da decretação do Estado Novo (1937) e o fim da Segunda Guerra Mundial (1945), foi apresentada pelo brasilianista McCann, que assim destacou o cotidiano do que seria a capital às vésperas do golpe que iria instalar o regime do Estado Novo, que durou oito anos.

> O Rio de Janeiro amanheceu mais frio e varrido por uma brisa na quinta-feira, 10 de novembro de 1937. Os jornais da manhã não faziam menção alguma ao manifesto lido no dia anterior no Congresso, havia apenas uma matéria de destaque sobre o novo Ministro da Justiça, Francisco Campos. Tudo parecia normal e a cidade estava aparentemente calma, a despeito do súbito fechamento do Congresso naquela manhã. [...] Mas alguma coisa

> fermentava aquela calma aparente, rumores de um golpe iminente ganhavam curso a cada dia.[81]

A avaliação deste período, feita por McCann, é importante, pois coloca o leitor diante de um olhar de fora, que, subsidiado pelas diversas fontes, se reporta não apenas à vasta documentação americana – principalmente dos Arquivos Nacionais da Segunda Guerra Mundial, dos Arquivos Diplomáticos e dos Arquivos do Itamarati – mas também aos importantes arquivos da família de Getúlio Vargas e de Oswaldo Aranha, na época, uma concessão dos familiares.

Em seu trabalho, McCann entrevistou muitos participantes da FEB, dentre os quais o comandante, marechal João Batista Mascarenhas de Moraes - que repassou ao autor uma cópia do seu diário - e o marechal Estevão Leitão de Carvalho, que na época da guerra representou o Brasil na Comissão de Defesa Brasil-Estados Unidos - autor de obra específica, que explica a política de bastidores entre o governo de Getúlio Vargas e os norte-americanos, numa abordagem relevante para a compreensão do momento político antes de o Brasil entrar na guerra. O rol de autores brasileiros consultados por McCann é significativo e a consulta à sua obra tem relevância a partir da ótica introduzida neste estudo, qual seja, a busca incessante de dados que possam inferir interpretações sobre a participação brasileira na Segunda Guerra Mundial.

Buscando contextualizar sua pesquisa, McCann revela o país na época de Vargas:

> O Brasil de Vargas era, em espírito e realidade, um país rural que apenas começava a povoar seus 8,5 milhões de quilômetros quadrados de território. Mais de 90% de seus 41 a 42 milhões de habitantes se acumulavam em 320 km da costa atlântica de 7.408 km da Guiana Francesa ao Uruguai. Aproximadamente 70% viviam em áreas rurais [...]. Pobreza, desnutrição e doença afligiam o interior dominado por uma agricultura-monocultura - geralmente, café, algodão ou cacau.[82]

Refletindo sobre o momento brasileiro que antecedeu à declaração de guerra e seus preparativos, o oficial de informações da FEB, Octavio Pereira da Costa, em seu livro de memórias e, depois, em testemunho gravado, registrou: “Pouco havíamos progredido em meio século de República”. Getúlio Vargas, auxiliado por

---

[81] MCCANN, Frank. **A Aliança Brasil Estados Unidos 1937-1945.** Rio de Janeiro: Editora Biblioteca do Exército, 1995, p. 25-48.
[82] Id..

Lindolfo Collor, implantava, com imensas dificuldades, uma legislação trabalhista. “Arrastavam-se, crônicos, os nossos problemas sanitários e educacionais”.[83] Octavio Costa vai mais longe, ao criticar o que ele chama de ópio ufanista, ilusório, deprimente, subserviente e imobilista do povo brasileiro. “No país dos basbasques, onde tudo vinha de fora ou de fora tudo se copiava, ainda não tinha ido mais fundo, na sensibilidade nacional, o safanão da Semana de Arte Moderna, de 1922, na rotina da nossa macaqueação cultural”.[84] Nesse caso, é perceptível a proximidade do ideário de brasilidade, que vai se manifestar em diversas segmentos da sociedade brasileira, como já houve oportunidade de se expor nesta pesquisa.

Tudo vinha de fora: o trem, o automóvel, o navio, o trator. A escassa manufatura feita aqui não era de qualidade. O país essencialmente agrícola era o sustentáculo de muitas famílias, mas a política econômica estava voltada para servir aos interesses externos.

As regiões brasileiras denotavam uma grande diferenciação entre norte e sul, o que não surpreende nas questões referentes aos padrões de vida das cidades como Rio de Janeiro e São Paulo em relação ao nordeste, cujos Estados haviam passado por secas periódicas, principalmente as ocorridas entre 1930 e 1933.

A agricultura de subsistência era praticada pela maioria do povo, enquanto a monocultura do café basicamente ditava as regras do comércio com o exterior.

> Setenta por cento das exportações brasileiras consistiam em café, dois terços dos quais vinham de São Paulo. Cerca de metade dos grãos geravam divisas internacionais, iam para os Estados Unidos e duas ou três firmas norte-americanas dominavam o comércio de exportação do café do Brasil.[85]

Quando ocorreu a crise de 1929, que acabou por afetar a economia do país em função da queda do preço internacional do café, o Brasil estava diante de uma superprodução cafeeira. A redução da receita cambial chegou a 62% entre 1929 e 1933, causando a suspensão dos investimentos externos. Isso obrigou o governo recém-eleito a alterar o campo econômico, principalmente no que diz respeito à política de defesa do café, a qual redundou em medidas importantes, assinaladas pela compra da safra paulista entre 1929 e 1930, pela queima do café e pelas “cotas

[83] COSTA, COSTA, Octávio. **Trinta Anos depois da volta:** O Brasil na 2ª Guerra Mundial. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1976., p.21.
[84] Id.
[85] MCCANN, *op. cit.,* p. 31.

do sacrifício" entre 1943 e 1944, tendo como desfecho uma ofensiva internacional em busca de novos mercados para o produto.

O general Cordeiro de Farias - interventor no Rio Grande do Sul, antes de comandar a Artilharia da FEB na Itália -, em seu depoimento, registra momentos importantes para o país. O primeiro diz respeito ao funcionamento do Instituto Nacional da Carne em 1940. "Nossa orientação era melhorar a qualidade do rebanho." Nesse aspecto, foram trazidos reprodutores do Uruguai e da Argentina, o que veio incrementar a exportação de gado para a Europa. Já era significativa a produção de carne pelos frigoríficos que exportavam para o sul, principalmente para o Uruguai.[86] O outro, sobre o processo de industrialização que já vinha há algum tempo sendo praticado pelos gaúchos de origem européia. "Já tínhamos a indústria têxtil, embora não produzíssemos algodão. Na indústria de Caxias, havia a metalúrgica de Abramo Eberle [...]. Em Novo Hamburgo, já desde o século passado, se havia iniciado a produção de calçados."[87]

Com a entrada dos Estados Unidos na guerra e, posteriormente, com a declaração de Guerra pelo Brasil aos países do eixo, a situação do país passa por mudanças substanciais. Muitos viram, na mobilização da FEB para a guerra, uma continuidade das medidas tomadas no campo econômico para atender aos novos tempos.

Do ponto de vista do capitão Thorio Benedro de Souza Lima, do 6º R. I., tal situação já vinha ocorrendo desde 1935, quando muitas nações da Europa, notadamente a Alemanha, começavam a se preparar para o conflito e o Brasil começou a ser solicitado para a exportação de matéria-prima. Muitos produtos eram necessários, especialmente minérios, materiais estratégicos, borracha e alimentos, dentre os quais café e carne enlatada. Dos dez principais importadores do Brasil, sete eram europeus.[88]

Destaca, ainda, Thorio Benedro o documento em que Osvaldo Aranha, Ministro das Relações Exteriores, faz uma exposição de motivos, as chamadas diretrizes para a mobilização do país, onde era proposta a arregimentação pública, voltada para a economia de combustíveis e trigo e, por conseqüência, a

[86] CAMARGO, Aspásia; GÓES, Walder. **Meio Século de combate**: diálogos com Cordeiro de Farias. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1981.
[87] Ibid., p. 255.
[88] BENEDRO, Thorio. Entrevista. **História Oral do Exército**. Tomo 8. Rio de Janeiro: Bibliex, 2001.

racionalização desses produtos. Nesse ínterim, foi proibida a exportação de ferro e, a partir de 1942, a corrente de exportação diminuiu consideravelmente o custo de vida para os brasileiros.[89]

Nesta fase, o Brasil exportava para os Estados Unidos minério de ferro, algodão, babaçu, borracha, cera de carnaúba e materiais estratégicos de origem mineral, como o quartzo, a mica e a chielita.

Recentes estudos fazem menção à economia brasileira dessa fase, e, nesse aspecto, o artigo de Maria Antonieta Leopoldi evidencia alguns dados que dão um parâmetro do quadro econômico anterior ao golpe de estado em 1937 e que ajudam a compreender melhor as medidas que foram tomadas pelo governo.

Passado o momento de crise e recessão (1929-1931), as medidas adotadas visaram a provocar um choque externo, reduzindo as importações, substituindo os bens de consumo por produtos internos e buscando apoiar o crescimento industrial. Ainda de acordo com a autora, não existiu um projeto varguista de desenvolvimento, mas este foi sendo construído de acordo com os acontecimentos, respondendo aos desafios conjunturais[90].

O forte impulso à indústria é dado a partir das políticas protecionistas por meio de taxas tarifárias e de medidas cambiais que regulam as taxas de câmbio e importações. O Conselho Federal de Comércio Exterior foi um importante órgão decisório no período de 1934 a 1939, o qual manteve as restrições na importação de equipamentos para a instalação de fábricas concorrentes com as já instaladas no país até 1938. Sobre as diretrizes para o setor industrial, assim se manifestou Getúlio Vargas: “Devemos manter o critério geral, protecionista, para as indústrias que aproveitam a matéria-prima nacional; não assim para o surto de indústrias artificiais, que manufaturam a matéria-prima importada, encarecendo o custo de vida em benefício das empresas privilegiadas”.[91]

No período de 1930 a 1945, o governo preocupou-se especialmente com a questão do petróleo, da siderurgia e da energia elétrica, pois se acreditava que esses fatores seriam determinantes para o desenvolvimento industrial, tendo em

---

[89] BENEDRO, *op. cit.*.

[90] LEOPOLDI, Maria Antonieta P. A economia política do primeiro governo Vargas (1930-1945): a política econômica em tempos de turbulência. *In*: FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucila de Almeida Neves**. O Brasil Republicano:** o tempo do nacional estatismo do início da década de 1930 ao apogeu do Estado Novo. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

[91] VARGAS, Getúlio. Discurso. A Plataforma da Aliança Liberal. *In:* VARGAS, *op. cit.,* p.153.

vista a situação de enfrentamento ao episódio provocado pela crise internacional de 1929. Esses três fatores previam um envolvimento da máquina governista com a diplomacia econômica nacional, pois era patente o desejo das empresas estrangeiras em participar deste mercado em expansão. Em seu discurso de 24 de março de 1939, Getúlio Vargas pronunciou-se:

> [...] é muito o que estamos fazendo, mas é mais ainda o que temos a fazer: a fundação da nossa indústria básica, para o fornecimento da matéria-prima a todas as nossas fábricas, e para exportarmos a sobra das nossas necessidades.[92]

Na década de 1920, surgem, em São Paulo, Minas Gerais e Rio de Janeiro, as primeiras empresas siderúrgicas de pequeno porte. Com o impacto da 2º Guerra Mundial, surgem muitos países que necessitam da produção de ferro de boa qualidade, sobretudo o manganês. A produção de ferro-gusa em 1930 era de cerca de 100 mil toneladas por ano. Embora o setor privado constituísse um incipiente mercado de empresas siderúrgicas, os militares da época sonhavam com uma grande usina siderúrgica estatal, capaz de sustentar o processo acelerado da industrialização que estava em curso.

Seja na área da construção civil, naval ou das ferrovias, as indústrias metalúrgicas produziam em proporções ainda não conhecidas no país. Pressionado cada vez mais pelos militares que o apoiavam, Getúlio Vargas buscou recursos no mercado externo para a construção de uma grande usina siderúrgica. Dessa situação, resultou o convite para que as empresas alemãs e americanas viessem explorar e industrializar o minério de ferro. As decisões tomadas a partir desse fato redundaram em investimentos e acordos que foram mudados logo depois do ataque a *Pearl Harbor* e da entrada dos Estados Unidos na guerra, processo que acelerou as negociações do Brasil com os norte-americanos.

Com a guerra na Europa, muda sensivelmente a balança comercial entre os países. No caso brasileiro, ela pôs fim ao comércio bilateral Brasil-Alemanha e reduziu o papel do Reino Unido em relação ao comércio exterior. Com os Estados Unidos, a partir de 1943, há uma mudança sensível na diplomacia comercial, que atinge o maior produto de exportação brasileiro.

---

[92] Discurso de Getúlio Vargas a 24 de março de 1939. *In:* VARGAS, *op. cit.,* p. 32.

> O período de bonança nas relações entre Brasil e Estados Unidos começou a mudar em 1943. Os benefícios provenientes dos americanos, inclusive no comércio exterior, no serviço da dívida de créditos para a siderurgia brasileira (45 milhões de dólares), agora faziam parte de uma página virada da política externa americana. A mudança na postura da diplomacia comercial americana aparece nos atritos em torno dos preços do café brasileiro, que envolveram até uma suspensão parcial das importações que continuou até o fim da guerra.[93]

Ao fazer um balanço da Era Vargas anterior a 1937, McCann evidencia dados importantes, que levam o leitor à compreensão dos fatos ligados à Educação e Cultura no país. As pesquisas sobre a educação revelam a deficiência no país, principalmente na década de 1930. Getúlio Vargas havia declarado, na época, que o Brasil nunca olhara de frente os problemas da educação, ao ponto de chamar a massa de analfabetos de "peso morto" do progresso nacional, "uma desgraça da qual devíamos nos envergonhar".

De cada mil brasileiros, cerca de 510 nunca haviam entrado numa escola. Havia ainda o abandono escolar, praticado pela maioria expressiva. A alfabetização mesma era superficial e as escolas secundárias, em sua maioria, particulares, o que dificultava o acesso dos que não tinham condições de pagar. As universidades, de ensino gratuito, eram novas e constituídas por faculdades patrocinadas pelo governo, fundadas depois da revolução de 1930. A Universidade de São Paulo, recém-criada, era vista por muitos como um local de status, e seus graduados, mais tarde, acabaram por constituir uma nova elite que iria ocupar os cargos mais importantes durante o governo de Getúlio Vargas.[94]

A dimensão do território brasileiro mostrava realidades diferentes. No Rio Grande do Sul, já na instalação do Estado Novo, havia o problema das populações descendentes de alemães e italianos que conservavam muito da cultura dos países de origem. Na campanha organizada contra o nazismo, segundo Cordeiro de Farias, foi encetada uma ação pioneira, principalmente na educação das crianças: "Os focos da infiltração nazista eram todas as regiões onde havia a concentração de alemães, na encosta da serra, sobretudo em Cruz Alta em direção ao mar. Em tais regiões, a segregação era absoluta. Nas escolas, não se falava o português".[95]

---

[93] VARGAS, *op. cit.,* p. 275.
[94] MCCANN, *op. cit.,* pp. 25-48.
[95] CAMARGO e GÓES, *op. cit.,* p. 270.

Um programa de abrasileiramento, voltado para as escolas alemãs, foi levado com rigor por Cordeiro de Farias, que governava o Estado. “Era uma política voltada a reorientar a nova geração de alemães e descendentes de alemães no Rio Grande”.[96] Esse assunto será melhor explanado no segundo capítulo da presente pesquisa.

No território brasileiro, as classes menos abastadas tinham dificuldades em proporcionar estudo aos seus filhos. São muitas as manifestações dos soldados brasileiros que partiram depois com a FEB para a Itália, destacando episódios da sua instrução.

O sargento Miguel Pereira, a quem já se fez menção nesta pesquisa quando da abordagem inicial do seu diário, destaca as dificuldades por que passavam as famílias para que seus filhos pudessem estudar. “Quando trabalhava na roça, não faltavam oportunidades, mas a escola não era tão perto. Para freqüentar o primeiro grau, devia andar doze quilômetros e de tamanco”. Em função de muito trabalho, com a lavoura e o gado, as crianças quase não tinham oportunidade de estudar. “Sobravam somente três meses por ano, quando me tornei militar, mal sabia ler e escrever.” Dois anos depois de ter entrado na vida militar, já se tornara instrutor de outros jovens. “Então, como cabo, dava aulas aos rapazes, pois uma grande praga no Brasil sempre foi o analfabetismo.”[97]

Pesquisas recentes na área da história militar brasileira, dentre as quais as de McCann, revelaram o perfil do Exército Brasileiro na década de 1940. Os oficiais provinham, em sua maioria, da classe média urbana. Os filhos de oficiais, funcionários públicos e comerciantes, buscavam ingressar nas academias militares. Já os filhos da velha aristocracia e de outros segmentos da sociedade mais abastados associavam-se aos clubes de tiro e deles saíam como reservistas. Os recrutas eram extraídos das classes trabalhadoras, com freqüência, analfabetos e de baixo nível educacional.[98]

Poucos podiam estudar, pois tinham de ajudar no sustento das famílias. As oportunidades de trabalho eram raras e o Exército acenava com as possibilidades de engajamento e de uma carreira que, se não remunerava bem, era o que se mostrava

---

[96] CAMARGO e GÓES, *op. cit.,* p. 270.
[97] INNOCENT, Michela. **Miguel Pereira e a Força Expedicionária Brasileira no Apenino Tosco Emiliano.** Pistóia, Itália. Editricee: C.R.T., 2003, p.230.
[98] MCCANN, *op. cit.,* p. 287.

possível a muitos jovens na idade militar. As comunidades no interior brasileiro eram muito pobres e os filhos de camponeses labutavam no dia-a-dia do trabalho na lavoura ou na criação de gado. Tal fato é evidenciado pelo tenente José Conrado em seu testemunho. “Percebi, então, que a única maneira de melhorar de vida era ir para o Exército”.[99]

Outros com mais oportunidade conseguiram uma boa formação educacional e recordam dos tempos estudantis vivenciados no Estado Novo. Nesta fase, Eduardo Ulhôa Cavalcanti, do 1º R. I., (O Sampaio) destaca em seu testemunho: “Em 1939, eu cursava o ginasial e sentia o ambiente do Estado Novo, estava presente no meio escolar”. No mesmo depoimento, faz referência à Parada das Raças, cujo comparecimento era obrigatório, principalmente na véspera do dia 7 de setembro. Também os colégios tinham a obrigatoriedade de desfilar: “Desfilavam marcialmente tendo à frente as suas bandas e corneteiros. O aluno mais destacado conduzia o pavilhão nacional. Esse ambiente nacional chegava n´alma dos alunos. O farto noticiário do DIP nos influenciava bastante”.[100]

Os efetivos do Exército Brasileiro na década de 1940 eram de 90 mil homens, daí a dificuldade de se enviar uma FEB, mais tarde, com pelos menos 100 mil homens. Soa quase como uma utopia em razão da precária situação militar brasileira, cujos quadros pouco se diferenciavam dos anos de 1930. A marinha brasileira estava reduzida a um papel quase nulo com seu “amontoado de vasos antiquados”.[101] O Exército, por sua vez, com seus equipamentos e armamentos antiquados, não tinha condições de fazer frente a uma guerra que já acontecia na Europa com toda uma tecnologia avançada para a época.

Na junção dos Regimentos da FEB no Rio de Janeiro, antes do embarque, os problemas só aumentaram. Os quartéis ficaram abarrotados, obrigando muitos soldados a permanecerem nos barracões de madeira. Com o calor insuportável, as condições de higiene se tornaram péssimas. Todos os que passaram por essas unidades têm nítidas tristes lembranças, como capitão Medrado, que pertenceu ao 11º R.I.: “As filas intermináveis do rancho e dos banheiros criavam um ambiente de descontentamento, que só era contido pela rígida disciplina.”.[102] Muitos ainda

[99] SOUZA, José Conrado. **Entrevista**. Rio de Janeiro, 27 de abril de 2000.
[100] CAVALCANTI, Eduardo Ulhôa de. **Entrevista.** Rio de Janeiro, 20 de agosto de 2000.
[101] HILTON, Stanlei, *apud* NEVES, Luis Felipe da Silva. **A Força Expedicionária Brasileira uma perspectiva histórica.** Dissertação (Mestrado). UFRJ, Rio de Janeiro, 1992.
[102] MEDRADO, Divaldo. **Entrevista.** Rio de Janeiro, 20 de maio de 2000.

aguardavam os resultados dos exames de saúde, pois ainda sobrava uma vaga esperança de serem dispensados e poderem voltar para as suas cidades.

Os que tinham um nível mais elevado, conforme reflete o capitão, lutavam pela dispensa, mas os que vinham do meio rural, geralmente jovens muito simples, com restrito poder aquisitivo "ficavam de olho no rancho". Os ambulantes circulavam pelos quartéis, oferecendo todo tipo de alimentos, sem muita preocupação com a higiene, que eram comprados por quem podia, até porque a comida ofertada no quartel era de péssima qualidade. "Face a esses problemas, não seria difícil concluir as razões que certamente motivaram desestímulos e deserções".[103]

Escapavam do entendimento de muitos soldados as razões do chamamento para uma guerra que não estava acontecendo em território brasileiro, como declarou o capitão Thorio Benedro: "Também julgamos que a guerra não nos foi explicada convenientemente. Não havia a compreensão entre nossos soldados e mesmo em nós, uma consciência que capaz de impulsionar ou estabelecer uma dinâmica, que nos fossem explicitadas claramente as razões da entrada do Brasil na guerra".[104]

1.4 O PERÍODO QUE ANTECEDEU AO GOLPE DE 1937

São muitas as leituras e interpretações possíveis que se podem fazer para compreender as questões que levaram ao golpe em 1937 e à implantação do Estado Novo. Nesse aspecto, dentro das considerações metodológicas, nos dois próximos subcapítulos, far-se-á a junção de pesquisas que refletem o momento brasileiro às vésperas do golpe e respaldadas pela autora da presente pesquisa na coletânea de discursos de Getúlio Vargas[105] e nos relatos do Marechal Cordeiro de Farias, que fora interventor no Rio Grande do Sul ao tempo da ditadura. Suas lembranças foram registradas nas entrevistas concedidas a Aspásia Camargo, da Fundação Getúlio Vargas e ao jornalista Walder de Góes. O aporte a essas fontes ajudou a compor uma reflexão. No recorte que se apresenta, buscou-se compreender o momento político brasileiro vivenciado no Estado Novo.

---

[103] MEDRADO, *op. cit.*.
[104] BENEDRO, *op. cit.*.
[105] N.A.: A coletânea a que fazemos referência foi organizada sob o nome de Diretrizes da Nova Política do Brasil, do próprio Getúlio Vargas e editadas em 1942, pela Livraria José Olimpio, em 1942.

Durante as cerimônias comemorativas do 114º aniversário da Independência do Brasil, no dia 7 de setembro de 1936, Vargas lançou mão de um discurso decisivo com apelos patrióticos, prevenindo: “Os agentes da subversão e da desordem” persistem em seus “planos diabólicos”[106] para destruir por completo a pátria, a família e a religião e transformar o Brasil numa “colônia de Moscou”. O presidente assegurava que era “vital manter a vigilância” contra um “golpe traiçoeiro”. Nesse caso, estaria usando da dissimulação, a mesma tática que atribuía aos comunistas?

Recordando o episódio do levante comunista de 1935, Cordeiro de Farias, com a possível participação de militares, destacou que nenhum movimento desta natureza seria realizado sem o apoio dos russos. Destaca também que o clima dentro dos quartéis entre 1934 e 1937 não era tranqüilo, havia problemas com a cúpula do exército, problemas de promoções, soldos e reivindicações ao governo. Pela proximidade das eleições presidenciais em 1938, acirravam-se as opiniões.[107] A liderança militar era disputada por diversos personagens como Góis Monteiro, Daltro Filho, Guedes da Fontoura e Valdomiro Castilho de Lima. Com o golpe de 1937, Góis Monteiro tornou-se pessoa influente como chefe do Estado Maior do Exército e Daltro Filho, o primeiro interventor escolhido por Getúlio Vargas.

Atento aos acontecimentos, Getúlio Vargas, em um dos seus pronunciamentos, buscou contar com os militares ao seu lado, enaltecendo o papel deles: “A função das corporações militares sobreleva a de quaisquer outras, em importância e complexidade”.[108], ao mesmo tempo em que destacava o papel educador do exército brasileiro: “Além da vigilância e garantia que oferecem, são entidades educadoras em contato direto com as populações às quais dão exemplo de estímulo de amor à Pátria e respeito às instituições.”[109] O discurso abria precedente para as ações educativas que seriam abarcadas pelo exército durante o período do Estado Novo, na trajetória a ser delineada pelo ideário e a que se fará menção nos próximos subcapítulos.

No jogo que envolvia o poder, Getúlio Vargas tinha de produzir verdadeiros malabarismos e equilíbrios, não apenas em relação ao país, mas em seu próprio

---

[106] MCCAN, *op. cit.,* p. 34
[107] CAMARGO e GÓES, *op. cit.,* p. 224-225.
[108] VARGAS, Getúlio. Discurso proferido a 29 de abril de 1937. *In:* VARGAS, *op. cit.,* p.260.
[109] Id.

regime. Entre 1930 e novembro de 1937, quarenta e duas pessoas haviam assumido as funções ministeriais e cento e três tinham sido nomeadas interventoras ou eleitas governadoras dos vinte Estados, Distrito Federal e Território do Acre. Os Estados, por sua vez, mantinham milícias de forças policiais que, em muitos casos, suplantavam o efetivo das forças federais aquarteladas em todo o território nacional. No Rio Grande do Sul, Cordeiro de Farias, recordando este momento, mostra que já se caracterizava uma divergência entre Flores da Cunha e o presidente Getúlio Vargas. Era de conhecimento que o governador dispunha de grandes efetivos na Brigada Militar, a polícia gaúcha. Flores da Cunha usava de estratégias, como as adotadas pelos "corpos provisórios", formados por trabalhadores, mas que a qualquer momento poderiam ser arregimentados pelos comandantes. "O efetivo de Flores era muito maior que o do Exército. Era um poder paralelo, que competia com as forças regulares".[110]

Durante uma entrevista, Cordeiro de Farias, avaliando a situação política no Rio Grande do Sul, já às vésperas do Estado Novo, concluiu: "Hoje, lembrando-me das campanhas de Flores da Cunha, já não teria, naquela época, justificadas desconfianças que o presidente Getúlio Vargas preparava uma mudança de instituições... não sei, é uma hipótese para a qual não tenho resposta".[111]

> Em 1936, Vargas evidentemente começou a refletir com seriedade sobre sua permanência no Poder, embora a Constituição literalmente o proibisse. [...] Os que se situavam próximos ao Presidente mostravam-se ou pessimistas quanto à continuação de um governo via eleições, ou determinadamente adversários à idéia de um pleito eleitoral.[112]

Nesse grupo, situamos Oswaldo Aranha, amigo pessoal do presidente, que, em declarações feitas em Washington, afirmara não acreditar em eleições e prever que o Brasil teria primeiro uma ditadura.

Na diversidade de pensamentos que ocorriam nesta fase, o Ministro do Trabalho, Agamenon Sergio Godoy de Magalhães, atacou com severidade o antiquado governo presidencial na Assembléia Constituinte de 1934, enquanto o general Góes Monteiro arquitetou um plano secreto em 1935 para desacreditar o Congresso e ampliar a influência militar.

---

[110] FARIAS, Cordeiro. Entrevista. *In:* CAMARGO e GÓES, *op. cit.,* p. 228.
[111] Ibid., p. 229.
[112] MCCANN, *op. cit.,* p. 37.

Francisco Campos, antigo ministro da Educação e autor da Carta do Estado Novo de 1937, acreditava que onde o poder era difuso e não concentrado em "um único poder", o Governo não existia, pois governo era "um só pensamento e uma só ação". Outros, como Felinto Muller, chefe da polícia repressiva do regime, mantinham vínculos estreitos com a Embaixada do terceiro Reich; enquanto o Ministro da Guerra, Eurico Gaspar Dutra, também um germanófilo, não simpatizava com o governo representativo e acreditava que o Brasil precisava de uma disciplina.[113]

Todos esses nomes acabaram por ocupar os cargos mais importantes durante o governo de Getúlio Vargas, o que demonstra uma intensa relação de poder entre os agentes, como afiança Bourdieu: em sua construção, constitui o *habitus* e nos ajuda a entender o funcionamento da máquina administrativa do Estado Novo.

> Sistema de posições duráveis, estruturas estruturadas predispostas a funcionar como estruturantes, quer dizer, enquanto princípio de geração e de estruturação, de práticas e de representações que podem ser objetivamente 'reguladas' e 'regulares', sem que, por isso, sejam o produto da obediência a regras, objetivamente adaptadas ao seu objetivo sem supor a visada consciente dos fins e domínio expresso das operações necessárias para atingi-las e, por serem tudo isso, coletivamente orquestradas sem serem produto da ação combinada de um maestro.[114]

Para entender os rumos dos acontecimentos que levaram ao golpe de novembro de 1937, é importante salientar a questão que envolvia o processo sucessório ao governo de Getúlio Vargas como um dos fatores principais que conduziram ao Estado Novo. Na política situacionista, vai se encontrar uma frente constituída pelos Estados de Minas Gerais, Paraíba, Pernambuco e Bahia, com apoio das facções do PRP e do PL gaúcho, lançando a candidatura do paraibano José Américo de Almeida, ex-ministro da Viação e Obras Públicas. Pela oposição, foi lançado o nome de Armando Salles de Oliveira pela recém-formada União Democrática Brasileira, que contava com o apoio do Partido Constitucionalista de São Paulo, originário do Partido Democrático.

Dentro da cautela que lhe era peculiar, Getúlio Vargas sabia que era o elemento chave da situação. Ele próprio tinha seus planos e a campanha sucessória

---

[113] MCCANN, *op. cit.,* p. 37.
[114] BOURDIEU, Pierre. **A Economia das Trocas simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 1987, p. 53.

para presidente da República tomava rumo. O candidato de oposição, como se disse, era Armando Sales de Oliveira, ligado por parentesco a Julio de Mesquita Filho, editor de *O Estado de São Paulo,* e isso poderia trazer à disputa elementos da oposição em todo o país. Pairava no ar a possibilidade de, no caso da vitória de Armando Sales, haver a subida ao poder dos revolucionários de 1932 e que, nessa possibilidade, os revolucionários de 1930 fossem rechaçados e perseguidos.

Outros tantos "candidatáveis" também entravam declaradamente, ou não, no jogo da disputa, dentre eles José Antonio Flores da Cunha, governador do Rio Grande do Sul, que, diante de decisões tomadas em favor do seu estado, acabou por comprar armas modernas e aumentar o efetivo da Brigada Militar para 26 mil homens, fator que causou preocupação ao Exército, que já estava às voltas com o aumento do poderio militar argentino.

Ainda sobre os acontecimentos no Rio Grande do Sul, Cordeiro de Farias, na época chefe do estado maior na 3ª Região Militar, disse em seu testemunho: "Eu tinha minhas artimanhas. Organizei um serviço especial para poder penetrar na Brigada Militar e sentir o ambiente dentro das unidades militares. E foi assim que conseguimos localizar grande quantidade de armamento clandestino, obtido na fronteira. Num segundo momento, requisitamos todas aquelas armas, que foram entregues à região."[115] Tal resolução e a requisição da Brigada Militar para compor com o Exército apressaram os acontecimentos no Rio Grande do Sul e Getúlio Vargas, depois do golpe, soube prestigiar os militares que o apoiaram.

Junto ao imbróglio que havia com a corrida à sucessão presidencial, um pretenso golpe que deveria ocorrer em 30 de outubro de 1937 foi denunciado pelo "Plano Cohen", um documento que estava nas mãos dos militares, mas que na verdade era de quem? Dos integralistas com o apoio do Chefe do Estado Maior, General Góes Monteiro? Seria obra dos comunistas, dos integralistas ou do próprio General? Como resultado dessa situação, a dois de outubro, o congresso aprovou a suspensão das garantias individuais, dando oportunidade, desse modo, de o governo afastar Flores da Cunha da disputa presidencial.[116] Ele abandona o governo e sai do país.

---

[115] FARIAS, *op. cit.,* p. 232.
[116] MCCANN, *op. cit.*.

> Getúlio não apoiou oficialmente nenhum dos candidatos. Em primeiro lugar, porque ele e a cúpula militar tinham outros planos. Subsidiariamente, porque José Américo realizava uma campanha populista e antiimperialista ("Onde está o dinheiro? Está no estrangeiro", dizia). Cultivou o apoio pessoal dos integralistas; advertiu significativamente para o perigo de a campanha eleitoral reacender as agitações de rua; e, sobretudo, construiu lealdades no plano regional e no cada vez mais reforçado aparelho do Estado, consolidou o esquema militar, nomeando o general Góis para a chefia do Estado Maior do Exército e o general Dutra para o Ministério da Guerra. Antes mesmo do lançamento da candidatura de José Américo, Francisco Campos já redigira a futura Carta de 1937, "A Polaca", como ficou depreciativamente conhecida por suas semelhanças com a carta autoritária baixada pelo marechal Pilsudski na Polônia.[117]

Ao tratar da questão do que chamou de encenação do Plano Cohen, Boris Fausto atribuiu a responsabilidade desse boato aos integralistas, pois o "plano comunista", como o governo chamava o episódio, era um imaginativo desfile de horrores, prevendo como lance final a tomada do poder, com incêndio de prédios públicos e a "condução das massas aos saques e às depredações." Os estudos sobre este período apontam para o capitão Olímpio Mourão Filho, chefe do serviço secreto, que teria forjado o documento. Getúlio Vargas e a cúpula militar aprovaram a farsa. O plano foi amplamente divulgado pela imprensa e "martelado na emissão radiofônica da Hora do Brasil."[118]

A aproximação dos militares a Getúlio Vargas vinha de longa data. O próprio chefe do governo procurava manter essa situação, muitas vezes garantida nos discursos do presidente que, em 1933, assim se reportou aos militares:

> Julgo natural que qualquer cidadão, o militar exerça atividade política, desde que para isso evidencie competência e pendores especiais, podendo, também, atuar com relevância na administração pública. Perturbadora seria, em contraste, a interferência coletiva dos militares como corporação, ou classe, na vida política do país, sobrepondo-se à consciência cívica nacional, para instituir o regime militarista que, felizmente, nunca se tentou implantar no país, onde as forças armadas foram sempre braço executor da vontade civil da Nação. [119]

Tudo era uma questão de tempo. O golpe do Estado Novo já tinha data para acontecer, ou seja, a 15 de novembro de 1937. Getúlio Vargas contava com apoio de alguns governadores e o último resistente, Flores da Cunha, do Rio Grande do Sul, fora obrigado a refugiar-se no Uruguai. A primeiro de novembro de 1937, de

[117] FAUSTO, Boris. **Getúlio Vargas**: o poder e o sorriso. São Paulo: Companhia das Letras, 2006, p. 79.
[118] Id.
[119] Mensagem lida a 15 de novembro de 1933. *In:* VARGAS**,** *op. cit.,* p. 258.

uma das sacadas do Palácio do Catete, o presidente Vargas assistiu ao desfile dos integralistas em sua homenagem, enquanto o processo sucessório ia caindo em descrença entre os participantes. A nove de novembro, o candidato Armando Salles de Oliveira lançou um protesto direcionado aos militares, mas considerado inócuo. O manifesto terminava com uma posição patética dos seus autores: "a nação está voltada para seus chefes militares; suspensa, espera o gesto que mata ou a palavra que salva". A palavra não veio, mas o golpe ocorreu no dia seguinte, a seco.

> Os vários setores da classe dominante ansiavam pela ordem; o aparelho militar e civil formava um bloco homogêneo; a grande maioria da elite política preferia a ditadura ou se conformara com ela; a frágil organização independente dos trabalhadores desaparecera, enquanto crescia nos meios populares o prestígio de Getúlio, a esquerda – para a qual o Estado Novo começara em 1935 – fora praticamente arrasada.[120]

Na manhã de 10 de novembro de 1937, soldados da polícia do Distrito Federal cercaram o Congresso, evitando assim a presença ostensiva do Exército - este, visto como um dos arranjos do general Eurico Gaspar Dutra. O Congresso e os deputados iniciaram um protesto, mas foi tudo em vão, não encontraram apoio. Às dez horas, Getúlio Vargas e seus ministros assinaram a Carta de 1937, inaugurando assim o período ditatorial que iria durar exatamente até 1945.

Getúlio Vargas tentou ainda cooptar aos seus planos a participação da população, no discurso nacionalista que vinha amadurecendo a longa data. "O movimento de 10 de novembro foi, sem dúvida, um imperativo da vontade nacional. Tínhamos necessidade de ordem e segurança para trabalhar, e contra isso conspirava o estado crítico de decomposição política a que chegáramos. A nossa vida pública se transformara, aos poucos, numa arena de lutas estéreis".[121]

À noite, durante o programa radiofônico Hora do Brasil, Getúlio falou ao povo, buscando justificar o golpe. "Quando as competições políticas ameaçam degenerar em guerra civil, é sinal de que o regime constitucional perdeu o seu valor prático, subsistindo apenas como abstração".[122]

Dos diversos pronunciamentos de Getúlio Vargas a que se teve acesso, percebe-se em linhas gerais uma síntese do seu pensamento. Muitas de suas idéias foram divulgadas pela imprensa escrita e pelo rádio no dia 10 de novembro de 1937

[120] FAUSTO, *op. cit.,* p. 80.
[121] Entrevista à imprensa a 19 de fevereiro e 22 de abril de 1938, *In:* VARGAS, *op. cit.,* p. 53.
[122] Proclamação ao Povo Brasileiro, 10 de novembro de 1937, *In:* VARGAS, *op. cit*., p. 28.

por ocasião do Golpe do Estado. Neste dia, no pronunciamento feito aos brasileiros, chama a si próprio a responsabilidade de decisão pelo ato tomado, que considerou oportuno e acima de qualquer deliberação ordinária, visto que lhe fora delegada a prerrogativa da confiança nacional.[123]

Na avaliação de Maria Helena Capelato, o Estado Novo se constituiu em decorrência de uma política de massas que foi sendo definida no Brasil a partir da Revolução de 1930, com Getúlio Vargas no poder. Esse regime de governo se desenvolveu no período entre guerras a partir das críticas ao sistema liberal, considerado incapaz de resolver os problemas sociais. A crise do liberalismo na Europa, os impactos da Primeira Guerra Mundial e a Revolução Russa acabaram por criar uma crise de consciência generalizada, com críticas à democracia representativa parlamentar e de cunho individualista.

As diversas correntes políticas e intelectuais antiliberais e antidemocráticas eram favoráveis a um maior controle social por meio da presença de um Estado forte comandado por um líder carismático, capaz de conduzir as massas no caminho da ordem. Dessa época, são os regimes como o fascismo na Itália, o nazismo na Alemanha, o salazarismo em Portugal e o franquismo na Espanha. Apesar das características próprias, o Estado Novo brasileiro é resultante das idéias que vinham da Europa. No Brasil, sem qualquer participação popular, que passa a ser informada dos propósitos do poder central e veiculada pelos meios de comunicação, a encargo do DIP. O objetivo maior era atingir as classes menos abastadas. Dois meses antes do golpe do Estado Novo, Getúlio Vargas em seu discurso já aventava para mudanças no governo. Era o processo de construção pelo qual o Estado Novo pretendia se firmar: “Já adquirimos bastante experiência, para não acreditarmos no fetichismo das formulas e, reconhecemos que o bem público não deve encontrar obstáculos nas leis e nas convenções jurídicas. Se essas dificultam o progresso, entravam a administração, fazem periclitar a segurança social,cumpre modificá-las ou revogá-las”.[124]

Essa ponderação nos reporta à visão *bourdieuniana* da violência simbólica, que ocorre entre o agente dominador e o dominado, da coerção mecânica e da submissão voluntária, livre, deliberada, até mesmo calculada. A dominação é o uso da pressão dos dominantes com o consentimento (ou razões) dos dominados. [...]

[123] VARGAS, *op. cit.,* p. 26.
[124] Id.

vem a ser uma forma de poder sobre os seres humanos. [...] como que por magia, sem coação física, atingindo-os veladamente, dominado e oprimido.[125] [...] enquanto instrumentos estruturados e estruturantes de comunicação e de conhecimento de que "sistemas simbólicos" cumprem a sua função política.

Getúlio Vargas, ao consolidar uma política voltada para as massas,seja por meio do rádio, da imprensa, teatro e cinema acabou por atingir a sociedade como um todo, não de uma forma exacerbada como nos países totalitários da Europa, pois temiam seus colaboradores serem confundidos como fascistas ou nazistas. Mas usaram de outras estratégias, os encarregados da propaganda procuravam aperfeiçoar-se na arte de empolgação e envolvimento das multidões através de mensagens políticas[126]. Neste aspecto, é considerável a importância e avaliação das mensagens do governo, seus conteúdos e de que forma elas chegaram até a população.

Sobre as eleições que estavam suspensas, Getúlio Vargas argumenta em seu discurso:

> O sufrágio universal passa, assim, a ser instrumento dos mais audazes e máscara que mal dissimula o conluio dos apetites pessoais.[...] As novas formações partidárias surgidas em todo o mundo, por suas própria natureza refratárias aos processos democráticos, oferecem perigo imediato para as instituições, exigindo, de maneira urgente e proporcional à virulência dos antagonismos, o reforço do poder central.[127]

Provavelmente Getúlio Vargas estivesse fazendo menção ao partido comunista, pois muitos não haviam esquecido o movimento comunista de 1935, iniciado no Nordeste, mais precisamente em Recife e também no Rio Grande do Norte, onde o levante conseguiu completo domínio sobre o estado. Em Recife foi abafado no mesmo dia, em seguida eclodiria no Rio de Janeiro.

Após o golpe de 1937, como os partidos políticos e o Parlamento foram desfeitos, não havia mais intermediários entre as massas e o governo. Os Estados foram governados por interventores da confiança de Getúlio Vargas, que assumiram o poder Executivo orientados pela nova Constituição. Nos Estados, a política era reproduzida pela determinação do governo central. Nesta época, as bandeiras dos

---

[125] BOURDIEU, Pierre. **A Economia das Trocas simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 1987, pp. 46-53.
[126] CAPELATO, Maria Helena. Propaganda política e controle dos meios de comunicação. *In:* **Repensando o Estado Novo**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1999.
[127] Proclamação ao Povo Brasileiro, 10 de novembro de 1937. *In:* VARGAS *op. cit.,* p. 28.

Estados foram eliminadas, passando a existir apenas uma, que representava o poder central em relação aos Estados. A censura proibia qualquer manifestação contrária ao regime. Um dos ideólogos do Estado Novo, Francisco Campos, responsável pela Carta de 1937, afirmava que o Estado Novo suscitara no país uma "consciência nacional", unificara uma nação dividida, colocara um ponto final às lutas econômicas e impusera o silêncio à querela dos partidos empenhados em quebrar a unidade do Estado, e, por conseguinte, a unidade do povo.

Em 1938, durante uma entrevista com jornalistas, Getúlio Vargas ressalta o papel do Estado Novo e a disposição de se resolverem os problemas fundamentais que haviam sido protelados no regime anterior. Ressalta à imprensa que o programa não é dos ministros, mas sim do governo, mas que aproveita a contribuição de diversos órgãos na revisão das iniciativas tomadas anteriormente." Assim, tudo o que não entrar nos objetivos do governo é secundário e adiável".[128]

O Estado Novo, na visão dos historiadores, não foi um projeto exclusivo de Getúlio Vargas. Há que se avaliar o papel de outros segmentos, como os ideólogos, os militares, os intelectuais e os burocratas, que tiveram grande participação no que iria constituir o governo estadonovista, ao participarem, com suas idéias, de um governo que se tornou regime repressivo, insuportável para quem compartilhava as idéias em relação a um projeto que prometia a modernização do país "de cima para baixo. Mas, para Getúlio Vargas, o movimento de 10 de novembro fora, sem duvida um ' imperativo da vontade nacional' diante da decomposição política ao que o pais chegara. "O Estado Novo, corporifica, portanto, vontades e idéias que se impõem e se afirmam, dispostas a lutar em qualquer terreno, contra todos os fatores de dissolução e enfraquecimento da pátria".[129]

Propunha o Estado Novo conduzir o país à racionalização da administração pública e ao desenvolvimento da indústria por meio de incentivos, também com a criação de uma poderosa indústria de base. Neste sentido: da sociedade como um todo, das oligarquias à Igreja Católica, Getúlio Vargas obteve o aval necessário para atingir seus objetivos, mas a grande força para esse projeto, como avaliaram os especialistas, veio mesmo das Forças Armadas.

Getúlio Vargas, durante a sua trajetória sabia da importância de contar com o apoio das Forças Armadas. Ainda em 1930, ao ler em uma sessão a plataforma

[128] Entrevista à Imprensa a 19 de fevereiro de 1938. *In:* VARGAS, *op. cit.,* p. 71.
[129] Ibid., p.53.

política da Aliança Liberal, colocava em evidência para a sociedade civil o quão seria importante para a Nação as suas forças terrestre e marítimas na manutenção da soberania nacional.[130] Em outro discurso, já em 1933, reafirmava os discursos anteriores, enfatizando agora os problemas que a instituição vinha enfrentando e do seu propósito de resolver as dificuldades mais prementes: "O problema máximo do Exército, já o declarei, é o do material. Sob certos aspectos, a sua penúria atingiu os limites que não podem ser ultrapassados.[...] é necessário admitir um mínimo de aparelhagem bélica indispensável ao exercício normal da função militar".[131] Anos mais tarde, por ocasião da partida da FEB para a Itália durante a 2ª Guerra Mundial, tanto a Marinha Brasileira e o Exército padeciam de uma estagnação de meios, quer seja pela defasagem dos equipamentos e armas, bem como das estruturas físicas que pudessem humanizar o trato necessário aos recrutas e oficiais.

Neste período, Francisco Campos consolidou-se como um dos mais importantes ideólogos do Estado Novo, aprofundou as suas convicções antiliberais e passou a defender explicitamente a ditadura como o regime mais apropriado para as massas. Nesse sentido, tornou-se uma das figuras centrais, junto com Getúlio Vargas e a cúpula das Forças Armadas, responsável pelos preparativos que levaram à ditadura. Logo após o golpe, foi nomeado Ministro da Justiça.

A Constituição de 1937 tinha características corporativistas e revelava-se nas suas disposições transitórias e finais. Estas davam a possibilidade ao Presidente da República de confirmar o mandato dos governadores eleitos e de nomear substitutos, os interventores. Determinam que a Constituição deveria ser submetida a um plebiscito nacional e também a dissolução do Parlamento, das Assembléias Estaduais e das Câmaras Municipais, enquanto as eleições para o Parlamento só poderiam ser realizadas após o plebiscito. Nesse meio tempo, o Presidente governava através de decretos-leis e o artigo 186 das "disposições" colocava o país em estado de emergência, anulando as liberdades civis que a própria constituição determinava.[132] No pronunciamento feito ao povo reiterou o chefe da nação:

> A Constituição hoje promulgada criou uma estrutura legal, sem alterar o que considera substancial nos sistemas de opinião: manteve a forma

[130] A Plataforma da Liderança Nacional, lida a 2 de janeiro de 1930. *In:* VARGAS, *op. cit.,* p. 255.
[131] Mensagem dia 15 de novembro de 1933. *In:* VARGAS, *op. cit.,* p.257
[132] FARIA, Antonio Augusto; BARROS, Edgard Luiz. **Getúlio Vargas e sua época**. São Paulo: Global, 1982, p. 47.

> democrática, o processo representativo e a autonomia dos Estados, dentro das linhas tradicionais da federação orgânica.[133]

No dia dois de dezembro, os partidos políticos foram dissolvidos, o que definiu o caminho para a ditadura, porque, com essa atitude, o plebiscito não ocorreu e Vargas substituiu os governadores eleitos pelos interventores, pessoas de sua confiança. A Constituição de 1937, portanto, não passou de um formalismo para legitimar o poder absoluto de Vargas até 1945.

Para controlar os Estados, foram criados os Departamentos Administrativos Estaduais, que, juntamente com o Ministério da Justiça, controlavam os interventores nos Estados, dando continuidade a uma rede oligárquica, com pessoas de confiança à frente da administração pública. A obra centralizadora mantinha sob seu poder todas as forças militares. Todo o processo da administração emanava do presidente e de seus ministros, da alta burocracia civil e especialmente da cúpula das Forças Armadas. Estas, por meio de suas lideranças, inegavelmente, foram o sustentáculo do Estado Novo, influenciando os órgãos técnicos, por intermédio dos Estados maiores e do Conselho de Segurança Nacional.

Da experiência do passado, quando chegou ao poder em 1930, Getúlio Vargas no vazio deixado pelas oligarquias regionais, viu-se obrigado a obter apoio político de outros pilares, neste caso a sua aproximação com os militares, já nesta época, foi determinante para aparecimento de novos atores no cenário nacional e que grande influencia exerceriam no cenário nacional. “O auge do entendimento, a lua-de-mel se deu durante o Estado Novo (1937-1945), quando houve quase total coincidência dos interesses do presidente e da corporação militar”.[134]

Os acontecimentos políticos eram acompanhados pela sociedade brasileira, tanto pelo noticiário do rádio e pelos jornais. Diante de tantos boatos, muitas dúvidas e incertezas pairavam sobre as pessoas. Que rumos tomaria o Brasil? Muitos se perguntavam. O golpe de Estado era esperado? Ao recordar estes tempos o sargento da FEB José Alves da Silva registrou em deu diário:

> Lá em casa ficamos sem saber o que fazer, porque estávamos virtualmente sozinhos. De um lado nós da Aliança Liberal e do outro os nazistas:

[133] Proclamação ao Povo Brasileiro,10 de novembro de 1937. *In:* VARGAS, *op. cit.,* p. 51.
[134] CARVALHO, José Murilo de. Vargas e os militares: aprendiz de feiticeiro. *In:* ARAÚJO, Maria Celina d’. (org.) **As Instituições Brasileiras da Era Vargas.** Rio de Janeiro: EDUERJ/FGV, 1999, p.55.

> seguindo-se os comunistas de Prestes, e nas proximidades estavam os integralistas. Ficamos esperando dentro de um enorme sanduíche, e agora? [...] ainda bem que papai jamais perdia a calma. Dizia: - Não se incomode, porque Getúlio em breve dará um jeito nisso: ele apenas está esticando a corda para esse pessoal todo se enforcar.[135]

Ainda em outra observação, fazendo referência sobre o golpe de Estado em 1937. “Sou contra as ditaduras, porém naquela época era a única coisa que ele podia fazer para evitar a guerra civil que nos ameaçava com todos os horrores, ensangüentando o país. Portanto, dos males o menor”[136]

Assim como pensava o sargento da FEB José Alves e seus familiares, é possível perceber um posicionamento favorável de uma parcela significativa da sociedade brasileira em relação ao golpe que inaugurava o período ditatorial no Brasil, para os opositores seria uma continuidade das premissas assumidas anteriormente pelo governo anterior de Getúlio Vargas e seus colaboradores, que com ardil preparavam os caminhos para a permanência de Getúlio Vargas no poder.

1.5 O GOLPE DO ESTADO NOVO E SUAS DIRETRIZES

O sub-capítulo a seguir, visa ressaltar de que maneira O Estado Novo e as práticas discursivas chegaram até a sociedade brasileira e de que modo elas acabaram influenciando as reflexões e os pronunciamentos dos combatentes brasileiros. Sobre esse assunto, vamos no ater mais adiante no segundo capítulo quando nos referirmos aos propósitos da Educação no Estado Novo e a perspectiva da militarização de jovens e adultos por meio da Organização Nacional da Juventude ainda em 1938.

A participação das Forças Armadas no processo da instalação e desenvolvimento do Estado Novo, em função das inúmeras fontes já disponibilizadas aos pesquisadores, mereceria um trabalho à parte. Nesta pesquisa, a participação militar na instalação e participação do governo de Getúlio Vargas, tem apenas o caráter de servir de intróito aos estudos que serão feitos em relação aos soldados pertencentes à FEB, quer seja na sua formação, nas diretrizes de suas ações e no

---

[135] SILVA, José Alves da. **A saga de um catarina na FEB**. Itajaí: Edição do autor, 2001, p.13.
[136] Id.

retorno dos combatentes ao Brasil, após o término da Segunda Guerra Mundial, desse modo, busco legitimar a abordagem.

Nessa perspectiva, há que se avaliar nestas questões a figura do general Pedro Aurélio de Góis Monteiro, dada a sua posição de destaque no Exercito, acabou por tornar-se um dos principais articuladores do golpe que deu origem ao Estado Novo, fator que veio ao encontro dos interesses entre o Exército e o Governo. Na avaliação do seu perfil feita pelos seus companheiros de farda, demonstrou a preponderância do lado político de Góis Monteiro em relação ao seu lado militar. Dentre os testemunhos, estão presentes o coronel Nelson de Melo (FEB), Cordeiro de Farias (FEB) Nero Moura (FAB) "O Góis era um político fino, inteligente e honesto. Agora tinha uma ambição: ser presidente. Mas nunca conseguiu ser e ele tinha ascendência sobre todo o Exército. Ele conduzia todos os generais a seu bel prazer e de acordo com Getúlio."[137]

Buscando uma política de reforma inovadora para o Exército Brasileiro, Góis Monteiro contou com o beneplácito de Vargas, a quem interessava uma aliado forte e confiável. A primeira mudança importante, foi a instituição da obrigatoriedade do serviço militar para todos, uma maneira de trazer para as fileiras do Exército a classe média e a classe alta, para a formação de futuras reservas. Foram reativados os Tiros de Guerra para o treinamento de civis e Escolas de Instrução Militar, destinadas aos alunos que freqüentavam o ginásio (atual ensino fundamental). Desse modo, o contingente passou a ser renovado anualmente e estes recrutas retornam à sociedade imbuídos dos valores militares. "Indivíduos disciplinados de corpo e mente."[138]

Outra mudança impetrada por Góis Monteiro, diz respeito à criação dos centros de treinamentos para oficiais da reserva, neste caso o CPOR e NPOR (centros e núcleos de Preparação de oficiais da Reserva), uma maneira de conduzir a classe média e a alta para as obrigações militares. Visava também com esta atitude, uma aproximação do Exército com as elites.

A longa presença de Góis Monteiro nas fileiras do Exército sempre ocupando posições importantes, e a sua ascensão sobre os seus comandados, chama a atenção dos estudiosos para uma análise mais profunda da essência do seu

[137] MOURA, Nero. A doutrina de Góis: síntese do pensamento militar no Estado Novo. *In:* **Repensando o Estado Novo**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1999.
[138] CARVALHO, *op. cit.,* p.62.

ideário. Nesta perspectiva, o conjunto de depoimentos tomado pelos pesquisadores ao longo do tempo, são elementos esclarecedores, que ajudam a entender as questões do nacionalismo tão enraizadas dentro do Exército, incidindo ao longo do tempo na postura discursiva dos pracinhas brasileiros em suas ações.

Como bom leitor, quais seriam as leituras preferidas de Góis Monteiro que o teriam levado às suas concepções estratégicas para o Exército Brasileiro? "Góis era um homem muito inteligente, muito lido, mas político também."[139] Estudos recentes efetuados tanto por historiadores como jornalistas, apontaram algumas concepções efetuadas com base em textos do próprio general. É o caso da pesquisa formalizada por Sergio Murillo Pinto, com seus dados reveladores sobre a essência da doutrina Góis. Os traços marcantes desse ideário, nitidamente nacionalista e transformador do discurso militar endossa o pensamento e os escritos de toda uma fase do Exército Brasileiro, mas cabe uma pergunta, quais seriam suas origens?

Segundo o pesquisador, naturalmente, o general Góis sofreu grandes influências tanto da Missão Francesa que deixou marcas no Exército Brasileiro na década de 1920, bem como a influência da escola alemã que aportou no Brasil vinda da Alemanha pelas mãos dos oficiais brasileiros também chamados de "jovens turcos", que haviam estagiado no Exército Alemão trazendo inovações da organização militar alemã. Além das missões estrangeiras já destacadas, há que se ressaltar o interesse de Góis Monteiro pela obra de Alberto Torres, cujos trabalhos foram publicados entre 1909 e 1915, ainda os escritos de Juarez Távora e Oliveira Vianna. Em relação a este último, ideólogo de destaque entre os anos 20e 30, os estudos recentes de Bresciani, vieram destacar o pensamento de um intelectual sistemático, que nas suas criticas ao liberalismo, afirmava inexistir no Brasil, a condição fundamental para um regime democrático. No emaranhado das articulações intelectuais, provavelmente, muitas delas foram fontes inspiradoras para o pensamento e os escritos de Góis Monteiro, chefe do Estado Maior do Exército, vindo a corroborar com o discurso impregnado dentro dos quartéis e que hierarquicamente chegaram mais tarde aos combatentes brasileiros.

É do próprio Góis Monteiro, o pensamento que segue abaixo:

---

[139] GEISEL, Ernesto, *apud* A doutrina de Góis: síntese do pensamento militar do Estado Novo. *In:* **Repensando o Estado Novo**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1999.

> O instrumento de força da soberania nacional, o Exército, vem sendo progressivamente enfraquecido no país pelas contradições e vícios da política própria de nosso funesto sistema democrático, o que expõe a nação a constante perigo.Esse fato exige que as Forças Armadas mantenham coesão e unidade, uma vez que são as ultimas instituições nacionais e só à sombra delas poderão organizar-se as demais forças de nacionalidade.[140]

Fortalecendo esta reflexão, muitas das idéias de Góis Monteiro acabaram por vingar no meio militar a partir de 1930, e busca mostrar a força do nacionalismo a marcar a história de um povo. Para que isso pudesse ocorrer era necessário que o Estado regulasse e disciplinasse a vida coletiva da nação. Somente o espírito nacional, tem conseguido manter a unidade, a raça, a língua e a religião e sobretudo a política.[141]

O discurso de Góis Monteiro, direcionado ao Exército e à Marinha, reforçava o papel dos militares ao apoio a um governo forte capaz de dar nova estrutura à vida nacional. As Forças Armadas, são apresentadas como fontes seguras e defensoras da unidade nacional, esta última fator preponderante nos discursos dos pracinhas diante das ameaças nazi-fascistas que já grassavam a Europa.

Tal discurso,foi de grande repercussão no ideário dos veteranos brasileiros que combateram na Itália. No diário de guerra do tenente da FEB Ítalo Diogo Tavares, fica clara esta posição quando do registro no dia 5 de agosto de 1944 no acampamento em Tarquínia (Itália)

> Todos nós sabemos agora porque viemos à Europa para lutar.Não foi para defender a liberdade e a democracia, não. Foi para evitar que esta guerra se transportasse para o nosso país, que nossas famílias passassem miséria e fome, que nossas mulheres e crianças fossem torturadas.[142]

Na palavra que move o discurso dos veteranos da FEB, a preocupação com os desígnios da pátria estava sempre presente, fortalecida pelo ideal do nacionalismo. No livro de memórias do médico Alípio Côrrea Netto, deixou registrado

> Quando o Brasil foi obrigado a declarar guerra à Alemanha por causa do afundamento dos navios nacionais, verificou-se um abalo social em todo o

[140] MURILLO PINTO, Sérgio. A doutrina Góis: síntese do pensamento militar do Estado Novo. *In:* **Repensando o Estado Novo**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1999, p.297.
[141] Id.
[142] TAVARES, Ítalo Diogo. **Nós vimos a cobra fumar**: Diário de um jovem tenente brasileiro na Itália durante a II Guerra Mundial. Salvador: P&A Gráfica e Editora Ltda, 2005.

> país.[...] Dentro desse pensamento e impelido por esse sentimento, julguei ser obrigação cívica pôr-me a disposição das autoridades.[143]

Também como o médico Alípio, o veterano Rudemar Marconi em seu diário destaca a sua resolução de ir para a guerra: "Nunca tive vocação militar, mas como brasileiro de consciência respondi ao chamado do meu país para combater na Europa pela democracia, apesar do nosso país viver numa ditadura."[144]

Nesta fase, nem sempre há unanimidade na avaliação positiva do contexto político brasileiro, entre os veteranos da FEB. Contrariando a opinião de muitos, há os que questionem as autoridades brasileiras, de suas atitudes anti-nacionalistas. Neste caso, o tenente Ernani Ayrosa da Silva, um pouco antes da sua partida no 1º Escalão da FEB para a Itália, registrou em suas memórias fazendo referencia ao desfile de despedida da FEB no dia 24 de maio de 1944 e ao discurso do chefe de Governo em praça pública: "Como se não bastasse, durante o desfile da FEB, o chefe de governo reafirmou num discurso em praça pública, sua posição pacifista", como diz Ayrosa, " lavando as mãos da responsabilidade do embarque da FEB. Os que haviam aderido a FEB por idealismo, não receberam bem as palavras do presidente,[145] e ficaram perplexos diante do presidente que estava naquele momento as tropas brasileiras para combater na Itália.

Do registro dos combatentes brasileiros, fica a imagem gravada do comprometimento com os destinos do país, muito antes do enfrentamento de qualquer missão de guerra e explicito nas palavras Ernani Ayrosa em seu livro de memórias.

> Refiro-me a um dever mais alto - para com os semelhantes e para com a Pátria - traduzido, o primeiro, na solidariedade humana, o segundo no patriotismo, palavra que se tenta tirar do dicionário e erradicar dos corações, mas que resiste como tudo que é perene, como as tábuas da lei divina resistem à fúria predatória dos tempos.[146]

No sentido de granjear o apoio e a confiança dos militares, o governo central buscou atender às suas reivindicações, principalmente no que concernia ao

---

[143] CORREA NETTO, *op. cit.,* p.2.
[144] RAMOS, Rudemar Marconi. **Diário de um paisano na Segunda Guerra Mundial.** Rio de Janeiro: H.P Comunicação Editora, 2003*,* p. 7.
[145] SILVA, Ernani Ayrosa da. **Memórias de um soldado**.Rio de Janeiro: Bibliex, 1985. p. 32.
[146] Ibid., pp.175-176.

reaparelhamento das Forças Armadas, mas também buscou ceder espaços no que concernia à administração da estatal do aço criada em 1938.

Nesse âmbito, os militares forçaram também a participação da instituição na questão que envolvia os preparativos para a criação de uma indústria siderúrgica e, conseqüentemente, uma aproximação do governo com a Alemanha. Para os militares, havia dois interesses que se sobrepunham aos demais: era a questão da modernização do país como um todo e a segurança nacional. Não havia uma homogeneidade nas ações e nem sempre Getúlio Vargas cedeu às pressões. Como hábil político, soube administrar grupos diferentes em seu governo.

Dentre os muitos órgãos nascidos durante o Estado Novo, ou mesmo antes deste período, que tinham como objetivo viabilizar a máquina administrativa e visualizar qualquer tipo de pressão externa ao governo, destaca-se o Conselho Federal do Comércio Exterior, criado em 1934. Desse período até 1937, esse órgão reduziu o poder do Congresso na elaboração da política externa comercial, canalizou interesses e foi o órgão que decidiu sobre a política do aço e do petróleo.

O Conselho Técnico e Financeiro do Ministério da Fazenda foi o maior representante dos interesses privados dentro da burocracia do Estado, ocupando um lugar de destaque na política econômica e financeira do Estado Novo. Nesse aspecto, a intervenção do Estado foi decisiva para esta fase, além de propiciar o fortalecimento do pólo interno da economia, da auto-suficiência na produção de matérias primas e de bens manufaturados, buscando adaptar-se aos problemas críticos de ordem internacional que acenavam com um novo conflito mundial. Nos discursos o chefe do governo, faz questão de enfatizar os valores humanos e os valores econômicos, elos fortes que se ligam, responsáveis pela prosperidade da nação. “Donos de meio continente, tendo de mobilizar riquezas e criar uma civilização própria, não podemos permanecer em atitude passiva, deixando indefeso o patrimônio histórico que nos foi legado”.[147] Em discurso anterior, enfatizou que a revolução na sua grande obra transformadora social, política e econômica é também nacionalista, no bom sentido do termo[148]. “O movimento de 10 de novembro foi, sem dúvida, um imperativo da vontade nacional”.[149]

[147] Saudação aos Brasileiros a 31 de dezembro de 1937, In. VARGAS, *op. cit.,* p.124.
[148] Discurso proferido a 23 de fevereiro de 1931, *In:* VARGAS, *op. cit.,* p. 41.
[149] Entrevista à imprensa a 19 de fevereiro e 22 de abril. *In*: VARGAS, *op. cit.,* p 52.

Buscando reduzir as diferenças econômicas e sociais que nitidamente se apresentavam entre o norte e o sul brasileiro, o que ele denominou de fronteiras, Getúlio Vargas destaca a integração como caminho na tentativa de diminuir os limites existentes entre essas regiões em detrimento das peculiaridades econômicas de cada uma. Nessa perspectiva, mostra disposição de suprimir as barreiras que separam zonas e isolam regiões, desse modo, acreditando que: reequipando portos, remodelando o material ferroviário, construindo novas linhas, abrindo rodovias e aparelhando a frota mercante, conseguiria articular em função dos objetivos, os meios de transporte e os escoadouros da produção.[150]

Com a Imprensa Nacional Getúlio Vargas tinha de início uma convivência pacifica, em 1934 seu discurso tinha deixado aos jornalistas uma boa impressão. “A palavra do jornal pode ser efêmera, pode luzir, apenas, um minuto e desaparecer na voragem dos dias. Mas permanece indelével, o rasto que ela deixa no espírito.”[151]

Já no Estado Novo, o colóquio com a imprensa, agora sob o controle do DIP, passou a ter um sentido mais direcionado, a fim de cultuar a imagem, o pensamento e a ação do ‘construtor do Brasil novo’. A figura de Vargas é construída com fortes apelos por meio das imagens, que o identificam ora como uma pessoa comum, próxima ao povo, ora como político eficiente e realizador de inúmeras reformas. O chefe da nação também era de índole pacífica, cordato, ponderado, sensível e pacificador, podendo ser comparado a outros vultos históricos. A imagem de Vargas tomou vultos regionalistas: o estadista personificou o ideal positivista presente ao longo da história dos gaúchos. Assim como os heróis Julio de Castilhos e Caxias, Vargas tornou-se o homem que personificava a ordem com liberdade, visando sempre ao progresso.

Getúlio Vargas tinha, como meta principal do seu governo, superar o atraso apontado como entrave econômico para o desenvolvimento do país. A idéia de modernização tomou vulto. A meta do progresso indicava a ordem, que somente seria possível com a racionalização do mundo do trabalho e com o controle social, tido como ameaçado pelos agentes de subversão. Nesse aspecto, a legislação trabalhista tinha a orientação de regulamentar os conflitos entre patrões e operários e, ao mesmo tempo, controlar os sindicatos que até então agiam livremente.

---

[150] Saudação aos brasileiros a 31 de dezembro de 1937. *In:* VARGAS, *op. cit.,* p.124.
[151] Discurso proferido a 12 de julho de 1934. *In:* VARGAS, *op. cit.,* p. 331.

No sentido de dar ordem a esse progresso, os legisladores importaram, da Itália, as idéias principais retiradas da "Carta *del Lavoro*". Era estabelecido um sindicato único reconhecido pelo Ministério do Trabalho. Este podia intervir no sindicato, caso algum regulamento fosse descumprido, enquanto, nas eleições regulamentares, cerceavam-se candidatos que professassem "ideologias incompatíveis com as instituições e os interesses da nação". O anúncio das leis trabalhistas era manifestado com grandes festividades no dia Primeiro de Maio, ocasião oportuna para as cerimônias festivas que abrangiam desfiles, inaugurações e discursos,[152] como o discurso proferido no Dia do Trabalho, em 1938: "Nenhum governo, nos dias presentes, pode desempenhar a sua função sem satisfazer as justas aspirações das massas trabalhadoras".[153] Os trabalhadores constituíam uma grande parcela da população, preocupado com essa massa obreira, a ela direcionou Vargas seus discursos mais proeminentes, quando buscou alinhavar as questões da ordem e do trabalho. "O trabalho só pode se desenvolver em um ambiente de ordem".[154] Relembrando possivelmente dos seus vários encontros com o operariado brasileiro, buscou no discurso de 1º de maio ressaltar as benesses da nova legislação, que vinham ao encontro das aspirações da classe tão laboriosa, desse modo, legitimando o discurso.

> O orador operário, que foi o intérprete dos sentimentos dos seus companheiros, declarou, há pouco, que a legislação social do Brasil veio estabelecer a harmonia e a tranqüilidade entre empregados e empregadores. É esta uma afirmativa feliz, que ecoou bem no meu coração.[155]

Às vésperas da 2ª Guerra Mundial, ao acompanhar os acontecimentos que ocorriam na Europa, Vargas salienta os velhos clichês, que definiam a sociedade brasileira nas suas principais qualidades: povo pacífico, cordato e harmonioso avesso às agressividades. Mas não deixa de mostrar apreensão em relação à política internacional, e que fica evidente na entrevista à imprensa."Nenhum sacrifício, nesta hora grave, será bastante: nenhuma vigilância excessiva".[156] Ao tempo em que exulta a defesa da bandeira, do idioma e das tradições brasileiras,

---

[152] FARIA e BARROS, *op. cit.*. CAPELATO, *op. cit.*.
[153] Discurso Proferido a 1º de maio de 1938. *In:* VARGAS, *op. cit.,* p. 225-227.
[154] Id.
[155] Id.
[156] Entrevista à Imprensa, a 10 de novembro de 1938. *In:* VARGAS, *op. cit.*.

reafirma a confiança nos povos civilizados dentro das normas de respeito e acatamento. “Estou convicto, de que os brasileiros responderão, como uma voz única a qualquer apelo da nação”.[157] Este foi o discurso assumido pelos combatentes brasileiros por ocasião da convocação.

Era necessário mostrar aos aliados militares o quanto era importante, as ações governamentais e seus objetivo concretos. Assim no dia 10 de novembro de 1940, uma grande festa era preparada no meio militar no Rio de Janeiro. Tratava-se da inauguração do prédio do Quartel General, uma obra de grande porte que vinha dar características mais modernas à administração do Exército. Para o grande evento, inaugurou-se a Exposição Retrospectiva do Exército (1930-1940) onde os estandes demonstravam os novos empreendimentos em matéria de Engenharia Militar – construção de quartéis, fábricas, ferrovias, rodovias, escolas, hospitais, enfermarias e depósitos, espalhados no território nacional. A Fábrica de Pólvora, em Piquete e a Nova Escola Militar em Rezende, constituíam as obras mais importantes.

Getúlio Vargas foi recebido e saudado no discurso do ministro da guerra Eurico Gaspar Dutra. Na ênfase dada pelas suas palavras iniciais fica expresso o apoio dado pelas Forças Armadas ao Estado Novo. O discurso vigoroso que seguiu-se, lembrou a data da inauguração do Estado Novo, não apenas como um ato simbólico, mas marcava um novo tempo, portanto, pertencente também Exército Brasileiro “e com direitos adquiridos, uma verdadeira data do Exército”.[158] Fica evidente, neste caso, por parte dos militares da escolha do 10 de novembro de 1940 para a inauguração apoteótica. Ela significava naquele momento a apropriação de uma data, o desejo de cristalizá-la perante a sociedade, na perspectiva expressa de identidade, coesão e estabilidade social ao alcance e reconhecimento dos indivíduos.[159]

No discurso são colocados em evidência os empreendimentos, que exaltavam não apenas as realizações materiais, mas o aspecto histórico que a data representava: “Nessas majestosas realizações materiais, há tanto tempo exigidas pelo Exército, o Estado Novo, encontra motivos os mais convincentes para atestar o

---

[157] VARGAS, *op. cit.*.

[158] ANAIS DO EXÉRCITO BRASILEIRO. **O Exército e o Estado Novo.** Rio de Janeiro: Biblioteca Militar, 1940, p. 179.

[159] N.A.: Um estudo especifico sobre os rituais, memória e identidade do Exército Brasileiro podem ser verificados na obra A invenção do Exército Brasileiro de Celso Castro,Editora Jorge Zaahar: Rio de Janeiro, 2002, onde o autor destaca as cerimônias dedicadas a Caxias, a Intentona Comunista e o Dia do Exército.

acerto e a oportunidade de sua implantação, em momento histórico, nitidamente percebido pela visão de estadista de V.Excia".[160] No discurso dirigido, enfatizou-se a participação do Exército Nacional na implantação do Estado Novo, poupando a nação de uma revolução que conduziria os brasileiros à subserviência.

Respondendo ao discurso de saudação do Ministro da Guerra, Getúlio Vargas chama a atenção para a guerra que já acontecia na Europa há quase um ano: " Não precisamos da lição da experiência desta guerra tremenda que sacode o mundo em seus fundamentos, para saber que nada valem, a uma Nação, as conquistas do engenho humano, da ciência e da arte, do trabalho e do sacrifício, se não contar com uma força suficiente para se fazer respeitar e recursos militares para defender o seu solo".[161] Evoca no discurso o papel de integração do Exército nos 'grandes movimentos' que expressaram o sentir profundo do povo brasileiro: "A Abolição, da Proclamação da República e no advento do Estado Novo".[162]

No pronunciamento do festivo dia da Inauguração do novo Quartel General, Getúlio Vargas, destaca ainda a construção de vários edifícios militares que se encontravam em construção ou já concluídos, como os quartéis de Blumenau, São Salvador, Aracaju, São Luiz do Maranhão, Cuiabá, Natal e Belém, além das guarnições de fronteira. Foram citados também os edifícios da Policlínica Militar, os hospitais das cidades de Santo Ângelo e Alegrete, o Pavilhão de Neurologia e Psiquiatria do Hospital Central. Além destes, o importante Laboratório Farmacêutico Militar, o Departamento Médico da Aviação, e várias enfermarias regionais. Obras de estruturas no atendimento médico aos militares, tão carentes no serviço Público de Saúde e que reverteriam mais tarde em benefícios da grande seleção médica que enviaria tropas brasileiras para a Itália.

Os discursos neste dia buscavam mostrar os principais aspectos de um exército novo, e da estreita ligação entre os militares e o Estado. Representando a equipe que havia organizado a grande Exposição Retrospectiva, o coronel Bentes Monteiro, ressalta:

> Foi senhores uma idéia feliz a desta exposição, para mostrar as atividades do Exército, no decênio de 1930-1940.[...] A transformação político-social, que se operou no Brasil,com a implantação do novo regime governamental,

[160] ANAIS DO EXÉRCITO BRASILEIRO, *op. cit.*.
[161] Ibid., p.183.
[162] Id.

> retrata incontestavelmente com exatidão a grandiosidade da obra idealizada pelo Exmo.Snr.Presidente da República.[163]

O coronel Bentes, chama a atenção para o papel do cumprimento da missão patriótica de restauração da nação brasileira. Nesse dia, a Imprensa Nacional deu ampla cobertura aos eventos, e foi elogiada pelos expositores pelo seu '*afam* patriótico de apoio às boas causas.' Na organização da exposição estava envolvida também a sociedade civil, que marcando presença ofereceu o almoço servido às autoridades, cuja representação estava constituída pelos diretores dos estabelecimentos fabris militares e os emissários das fabricas particulares de material bélico

No desenrolar dos acontecimentos da guerra na Europa, a entrada dos Estados Unidos em 1942 e o torpedeamento dos navios mercantes brasileiros, no período de 1942 e 1943, fator preponderante na Declaração de Guerra contra os países do eixo em 1942, veio exigir outro posicionamento do governo Getúlio Vargas. Tais assuntos serão discutidos no terceiro capítulo desta pesquisa. Da esperada neutralidade brasileira em relação à guerra na Europa, o chefe do governo diante das pressões internas e externas que vinha sofrendo, se viu na contingência de mandar para a Itália a Força Expedicionária Brasileira.

No primeiro capitulo deste estudo, buscou-se enfatizar a importância dos diários dos combatentes brasileiros e seus lugares da memória na organização da presente pesquisa. Estas fontes vão estar presentes em todos os momentos da reflexão que conduzirá a uma compreensão da participação brasileira na 2ª Guerra Mundial, na voz dos seus protagonistas.

Foi necessário o procedimento de buscar entendimentos referentes aos diversos conceitos que estão contidos nesta pesquisa, tais como: o significado da palavra diário na contemporaneidade e a compreensão da palavra guerra, discutida por diversos especialistas.

Na linha do tempo, localizou-se a Era Vargas, tendo como recurso metodológico as fontes reunidas em uma coletânea com seus discursos. No recorte possibilitado entre os anos de 1930 a 1940, buscou-se destacar os principais acontecimentos que mais tarde viriam a incidir no próprio Golpe de Estado em 1937, destacando enredos e personagens, militares e civis que de certa forma com suas

[163] ANAIS DO EXÉRCITO BRASILEIRO, *op. cit,*. p.190.

posições deixaram suas marcas. Pela contingência do momento, muitos deles abarcaram as trilhas do Estado Novo, imprimindo suas idéias e reforçando o discurso de brasilidade e nacionalidade. Inaugurava-se um tempo novo, de forte ascensão sobre a sociedade brasileira, da qual os veteranos de guerra, como outros brasileiros, vivenciaram a sua infância e juventude. São repercussões de um tempo a marcar indelevelmente a memória e seus lugares.

No próximo capítulo abordaremos as questões referentes aos intelectuais do Estado Novo, a produção intelectual da época, os objetivos culturais delineados pelo Estado Novo, e a participação ativa do DIP em todas as esferas governamentais, dentro de um poderio quase ministerial. Será dado destaque ao projeto da Nacionalização do Ensino, ocorrido via decretos federais, principalmente no sul do país, sob ótica de pesquisadores atuais, que questionam o projeto em si, seus objetivos e repercussões, quando avaliam também os dissabores impetrados a estas populações nos enfrentamentos com as policias locais.

2 OS INTELECTUAIS, CULTURA E EDUCAÇÃO NO ESTADO NOVO

2.1 A GÊNESE DO DISCURSO DOS VETERANOS DA FEB - OS INTELECTUAIS NO ESTADO NOVO

Se os caminhos de construção da pesquisa nos levam aos discursos dos pracinhas brasileiros – na sua forma de verbalizar os momentos mais delicados de suas vidas, seja por meios das narrativas em seus diários de guerra, nas conferências organizadas, nos artigos e crônicas publicados que nesta tese denominamos os lugares da memória – Há que se buscar o principio destes discursos. Na leitura possível das entrelinhas dos discursos ou das manifestações escritas sobre os feitos da FEB, vamos conduzindo nossa reflexão no sentido de verificar a constância ou não deste discurso e em que momento ele se transforma pela memória que clama por reconhecimento. Já em 1952, Falconiere da Cunha, um dos comandantes participantes da FEB, prefaciando o livro de do general João Baptista de Mattos, denota a preocupação com um possível esquecimento desses soldados.

> Embora criada (FEB) com o apoio e o aplauso da grande massa da população, é inegável que, em conseqüência mesmo das condições políticas então vigentes no país, a FEB não conseguiu despertar o entusiasmo e conquistas e o afeto popular. A noticia de sua partida foi recebida pelo povo, com um sentimento de que havia mais curiosidade e uma simpatia não isenta de certo ceticismo que, propriamente com interesse e entusiasmo.[164]

Para os combatentes brasileiros que em seus oito meses participaram da Campanha na Itália, essa se constituiu em uma página de glória, e coube a eles a decisão de registrá-la. Esse esforço inflexível retrata momentos delicados destes sujeitos, revelados nas horas marcantes e decisivas de cada um. Do narrar singelo de uma anotação a uma escrita mais elaborada de um diário, é possível encontrar as palavras que designam valores e qualidades no sentido do que se quis dizer. São palavras tecidas a partir de uma multidão de fios polissêmicos que servem de trama às narrativas do cotidiano, expressando muitas vezes momentos únicos de cada um: Falam do heroísmo diante do perigo, da saudade da mãe pátria e seu

[164] MATTOS, João Baptista. **Os monumentos nacionais**: A Força Expedicionária no Bronze. Rio de Janeiro: Imprensa do Exército, 1960.

gloriosos passado, do dever cívico cumprido diante dos desafios, da simbologia do pavilhão nacional, do verde e amarelo, do sentimento puro de brasilidade a fortalecer a idéia de pertencimento.

Palavras soltas ao vento? Não, naturalmente. Mas retratos singulares de lembranças que insistem em não passar. Das razões da vida, do viço ágil lépido da juventude, quando o raciocínio rápido pelos anos já se foram, e não é mais possível. Mas o esforço, segundo muitos, vale a pena, continuam sendo histórias exemplares, ou pelo menos é o que pretendem ser, na esperança de que estas resultem numa lição de vida, daqueles que já fizeram a sua parte e esperam que façamos a nossa.

Neste momento é possível perguntar: de que maneira estes personagens, os combatentes brasileiros, em seus diários e testemunhos teriam construído seus discursos centrados na nacionalidade e brasilidade? Ao leitor atento e perspicaz é possível responder: os fatos e as evidências apontam para as diretrizes educacionais e culturais do Estado Novo, manifestadas pelos intelectuais e pensadores, figuras proeminentes de uma época e representativas do poder estabelecido.

De que forma este nacionalismo foi estruturado e qual teria sido sua origem, são questionamentos iniciais. No ensejo destas perguntas, outras tantas seriam possíveis dentro de um conjunto polissêmico de vozes. De que maneira este conjunto teria influenciado a sociedade brasileira, e mais precisamente, o cotidiano dos discursos dos pracinhas brasileiros em seus diários e os lugares da memória? O que expressavam os intelectuais em seus discursos, e como estas idéias chegaram até o Estado Novo, são perspectivas que esta pesquisa tenta desvendar. Desse modo, buscam-se protagonistas e estratégias adotadas pelo Estado Novo na inserção de um ideário singular.

Na tentativa de encaminhar as respostas a esses questionamentos, a pesquisa nos obrigou a recuar no tempo, a fim de vasculhar os meandros da sociedade brasileira do início do século XIX, em busca das evidências do discurso intelectual que os especialistas apontavam como elementos desencadeadores do Movimento Modernista no Brasil. Na década de 1920, logo após a 1ª Guerra Mundial, com a derrota do mito cientificista, o ideal cosmopolita cede lugar ao credo nacionalista, conforme os estudos levantados por Velloso. A busca das raízes brasileiras e do ideal de brasilidade passa a constituir o foco dos intelectuais

brasileiros, sendo a constituição de identidade desse grupo decorrente dos ideais comuns alicerçados na ciência e na racionalidade (geração de 1870), assim como na arte e na intuição (geração de 1920). Imbuídos de uma vocação messiânica – um misto de missão e dever social – os intelectuais progressivamente atribuíram a si o título de detentores da consciência iluminada do nacional, e acabaram por exercer um papel de grande ascendência sobre a configuração de identidades nacionais.

Nesta linha de pensamento é esclarecedor o artigo de José Horta Nunes, que ao estudar o mesmo tema, abarca várias discussões que buscam explicar a configuração das identidades nacionais nos discursos dos manifestos modernistas da década de vinte no Brasil, dos quais ele situa duas concepções distintas:

> [...] o *Manifesto* de Gilberto Freire e o *Manifesto Antropófago* de Oswald de Andrade. O primeiro foi lido em 1926 no Congresso Brasileiro de Regionalismo em Recife, e o último foi publicado no primeiro número da Revista Antropofagia, em São Paulo, no ano de 1928.[165]

Ainda de acordo com Nunes, os manifestos são vistos como uma forma textual característica dos movimentos de vanguarda que despontaram na Europa no final do século passado e início deste. No Brasil, essa vanguarda é na verdade um reflexo do que acontecia na Europa, em sua motivação por fenômenos sociais, políticos, econômicos, éticos e culturais. Em Paris ocorria um movimento curioso sobre o Brasil, onde elementos da cultura e da arte francesas achavam interessante a terra brasileira, o colorido tropical, o exotismo das cores, plantas e paisagens, graças à divulgação de dois visitantes franceses: Paul Claudel, como Plenipotenciário, e Darius Milhaud, como adido cultural da França. Até mesmo o ritmo brasileiro, o samba, estava presente em Paris.

Tratava-se de um colóquio sobre o Brasil, no qual a elite paulista de São Paulo se fez presente, e que, por ter apreciado o evento, acabou por trazer tais idéias para o Brasil, juntamente com a influência francesa. Tudo era importante: o exótico, o tropical, o brilhante, o primitivismo. Segundo Oswald de Andrade, considerado o representante da aristocracia, tais fatos sugeriam a renovação da arte e da literatura nacionais, conforme ilustra sua famosa citação: “Estamos atrasados cinqüenta anos em cultura, chafurdados em pleno parnasianismo.” Eram tais ideais

---

[165] NUNES, José Horta. Manifestos Modernistas: A Identidade Nacional no discurso e na língua. *In:* ORLANDI, Enni Puccinelli. **Discurso Fundador**. Campinas: Pontes, 2003, p. 43.

que circulavam entre a elite econômica, principalmente a idéia de um Brasil novo, de grandes perspectivas. Segundo os segmentos artísticos e literários era necessário sacudir o marasmo, criar um movimento capaz de pôr a limpo as idéias novas, substituir o parnasianismo pelo futurismo.[166]

Mas qual teria sido o marco inicial do movimento Modernista no Brasil, quais teriam sido seus representantes e, se o movimento não foi tão expressivo como salientam alguns, de que forma esta militância teria influenciado com suas idéias não apenas as sedes vanguardistas de São Paulo e Rio de Janeiro, mas também outras estruturas, que teriam chegado mais tarde ao Estado Novo, aos quartéis, às escolas, às famílias e a sociedade de um modo geral?

Conforme Velloso, a estrutura patriarcal e autoritária da sociedade brasileira, composta por um grande contingente de analfabetos, acabou por reforçar durante longo tempo, a idéia de que alguém deveria falar em nome dos destituídos. Tal idéia reforçou a posição de muitos intelectuais brasileiros. "Sentindo-se consciência privilegiada do 'nacional', ele constantemente reivindicou para si o papel de guia, condutor e arauto."[167] Segundo a autora, é marcante a presença dos intelectuais na instauração do Império, na Proclamação da República, na Revolução de 30 e no Estado Novo, interferindo no processo de construção da nação brasileira, portando-se como verdadeiros guias, inspirados pela idéia nacional.

Segundo Bourdieu os intelectuais desempenham um papel importante nas sociedades desenvolvidas, e ocupam um determinado espaço social. Mas este espaço, o campo social é constituído de tal forma que, quanto mais próximos estiverem os grupos ou as instituições ali situados, mais propriedades eles terão em comum, quanto mais afastados, menos propriedades em comum eles terão.[168] Em razão da efetiva participação de intelectuais brasileiros já às vésperas do Estado Novo e depois na sua efetivação, esses buscavam uma aproximação do poder, muitos por terem aderido plenamente ao novo regime, outros por perceberem que haveria condições de se tornarem escritores conhecidos, mostrarem suas idéias e divulgar suas pesquisas, com o anteparo das editoras ligadas ao poder central.

---

[166] ATAIDE, Vicente. **O Modernismo**. Curitiba: Artes Gráfica Unificado, 1983, p.7.
[167] VELLOSO, Mônica Pimenta. Os intelectuais e a política cultural do Estado Novo. *In:* FERREIRA, Jorge e DELGADO, Lucilia de Almeida Neves. **O Brasil Republicano**: O tempo do nacional estatismo do início da década de 1930 ao apogeu do Estado Novo. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007, p.147.
[168] BOURDIEU, Pierre. **Coisas Ditas.** São Paulo: Brasiliense, 2004.

> De um certo ponto de vista, o campo literário (ou o cientifico) é um campo como os outros[...] trata-se de uma questão de poder, o poder de publicar ou, de recusar a publicação por exemplo_ de capital_ do autor consagrado que pode ser parcialmente transferido para a conta de um jovem escritor, por meio de um comentário elogioso ou de um prefácio_ aqui como em outros lugares observam-se as relações de força, estratégias, interesses.[...] e como todo o campo, o lugar das relações de força (e de lutas que visam transformá-las ou conservá-las), permanece o fato de que estas relações de força se impõem a todos os agentes que entram no campo.[169]

De acordo com as pesquisas de José Horta Nunes, o eixo Rio - São Paulo teria expandido as suas idéias para outros estados. Dentro do grupo que formava a ala dos modernistas, viam-se manifestações nacionais quer no aspecto estético, filosófico ou ideológico, pois essa vanguarda sentia o momento de estar pronta para as mudanças que ocorriam no mundo: havia uma premissa de posicionar este Brasil "moderno".

Neste roteiro do pré-modernismo no Brasil, a data de 1917 é significativa, pois neste ano ocorreram os episódios mais importantes. Os escritores Oswald de Andrade e Mario de Andrade travam conhecimento e resolvem implantar as bases do Modernismo no Brasil, que vai conseguindo adeptos de outros literatos e poetas. Embora a produção literária não tenha muito em comum com os aspectos nacionalistas esperados, o espírito de rebeldia se alastra. O ano de 1920 constituiu outro marco importante para o Modernismo Brasileiro com a publicação de "Paulicéia Desvairada" de Mario de Andrade.

Em outubro de 1921 os paulistas unem-se aos cariocas, esses também já iniciados no movimento de rebeldia geral, com as seguintes personalidades: Ribeiro Couto, Manuel Bandeira, Renato Almeida, Vila Lobos, Ronald de Carvalho, Álvaro Moreira, Sergio Buarque de Holanda e Graça Aranha, que se unem aos jovens no sentido de eliminar o marasmo cultural do país.

A Semana de Arte Moderna foi montada para repercutir como um espetáculo bombástico para chamar a atenção de todos e mover a opinião pública à todo custo. É indiscutível a importância de Graça Aranha para o Movimento. A Semana deveria durar de 11 a 18 de fevereiro de 1922, e na sua representatividade contou com presenças de artistas e literatos. Em 1972, durante as comemorações do cinqüentenário da Semana de Arte Moderna, muitos especialistas acharam oportuno realizar uma reflexão sobre o significado abrangente do Movimento Modernista para

---

[169] BOURDIEU, Pierre. **Coisas Ditas.** São Paulo: Brasiliense, 2004, pp. 170-171.

a sociedade brasileira. Não apenas em termos da revolução estética e conscientização ideológica da revisão critica do fato nacional e da sintonização com as linhas renovadoras do pensamento universal, mas também de algumas conclusões de ordem mais parcial, capazes de iluminar algumas constatações, que definiriam o movimento paulista de 1922 como um dos passos cíclicos fundamentais na evolução estética do processo criativo brasileiro, passos efetivos para a consolidação de um modo de ver e de formar o brasileiro, de uma intuição criadora brasileira.[170]

Tal posição dos modernistas, ainda em 1924, mostra as evidências da tensão existente no campo cultural, tão bem descrita por Bourdieu.

> Eu diria que o campo literário é simultaneamente um campo de lutas que visa transformar ou conservar a relação de forças estabelecida: cada um dos agentes investe força (o capital) que adquiriu pelas lutas anteriores em estratégias que dependem, quanto à orientação, da posição desse agente nas relações de força, isto é, seu capital específico. Em termos concretos, trata-se, por exemplo das lutas permanentes que opõem as vanguardas sempre renascentes à vanguarda consagrada.[171]

A "Revista" é o órgão divulgador em Minas Gerais, das idéias dos colaboradores capitaneados por Oswald de Andrade, geralmente composta de 58 páginas em cada número. Neste ambiente propício, o movimento saía fortalecido pela atuação compacta do saneamento crítico do ambiente artístico e literário, o que se manifesta também em outros estados durante esta etapa de consolidação, reforçada pelo lançamento do Manifesto da "Poesia Pau Brasil" de Oswald de Andrade, que defende uma poesia nacionalista, contrário às fórmulas importadas e temas estrangeiros.: "Sejamos agora de novo no cumprimento de uma missão étnica e protetora, jacobinamente brasileiros. Libertemo-nos das influências nefastas das velhas civilizações em decadência."[172] Portanto, era necessário substituir uma ótica falsa por uma verdadeira perspectiva, assim estariam a caminho da redescoberta do Brasil. Tal pensamento se expressa em passagens significativas como: "uma nova

---

[170] ÁVILA, Affonso. Nas Vertentes da Semana de 22: o grupo mineiro de A Revista. **Revista Cultura,** Vozes, Rio de Janeiro, 1972.
[171] BOURDIEU, Pierre. **Coisas Ditas.** São Paulo: Brasiliense, 2004, pp. 170-171.
[172] ÁVILA, *op. cit.,* p. 16-17.

perspectiva", "sentimental", "intelectual", dentre tantas outras a assinalar que a poesia é "ágil e cândida, como uma criança."[173]

> Será preciso dizer que temos um ideal? Ele se apóia no mais franco e decidido nacionalismo. A confissão desse nacionalismo constitui o maior orgulho da nossa geração, que não pratica a xenofobia nem o ' chauvinismo', e que longe de repudiar as correntes civilizadoras da Europa, intenta submeter o Brasil cada vez mais ao seu influxo, sem quebra da nossa originalidade nacional. [174]

Como afirma Eduardo Jardim Moraes, o ano de 1924 constituiu, portanto, um marco de mudanças de rumos dentro do movimento modernista, onde começara a se esboçar uma renovação estética que já se fazia presente nos anos anteriores, mas que agora partia para novos desafios, os quais vão se acirrando até 1930 no sentido de elaborar uma literatura de caráter nacional num primeiro momento, a fim de que depois, com pretensões mais abrangentes, pudesse propor um projeto de cultura nacional. Na análise que faz sobre a virada modernista no ano de 1924, o autor aponta para as questões políticas que marcaram o contexto nacional, como a revolução paulista de Isidoro Lopes, A Revolta Tenentista, o levante do Forte em 1922 e a Coluna Prestes, fatores que teriam redimensionado a ação modernista, tornando possível a explicação da reviravolta nacionalista de 1924.[175]

O *Manifesto Pau Brasil* busca mostrar os antagonismo existentes em um Brasil considerado moderno, mas que na realidade mostra-se atrasado em muitos setores. Segundo o *Manifesto,* era necessário verificar os dois lados, buscando incessantemente a integração. Essa idéia de integração é significativa a partir do momento que busca integrar a cultura ao restante da nação.

> Há que se considerar a História do Brasil, revê-la criticamente e integrar seu amplo projeto de elaboração de cultura na história culta de um Brasil brasileiro. [...] Há também que considerar a integração, em um nível quase de enraizamento no solo físico da nação, através da busca de inspiração material do país, sua opulência e a exaltação da terra brasileira.[176]

Fica evidente na abordagem sobre o Projeto Modernista, ocorrido nas suas diversas fases, que esse representou a primeira tentativa de proposição de um

---

[173] MORAES, Eduardo Jardim de. **A Brasilidade Modernista**: sua dimensão filosófica. Rio de Janeiro: Graal, 1978.
[174] Id.
[175] Ibid., p.77.
[176] Ibid., p.88.

projeto consistente para a cultura política brasileira. Dentro de suas diretrizes, pode ser considerado um movimento típico de abertura coletiva, que exprimiu em certos momentos, no plano da subjetividade e da consciência, diversas tentativas de responder às condições objetivas brasileiras, mais tarde concretizadas pelos mesmos intelectuais do modernismo e ideólogos do Estado Novo, que se apropriam do projeto nacionalista para concretizá-lo em 1930.

2.2 O DEPARTAMENTO DE IMPRENSA E PROPAGANDA (DIP) ÓRGÃO MÁXIMO E EDUCADOR DO REGIME LEGITIMANDO O PODER DE VARGAS

Havia uma preocupação por parte do governo com o controle da informação e divulgação da propaganda ideológica, desse modo usou de todos os recursos que dispunha o alcance da sua agência mais influente o DIP. A comunicação social visava atingir não somente as classes trabalhadoras urbanas, mas direcionava os meios de comunicação de massa levada com grande planejamento pela Divisão de Rádio onde concretizaram a disseminação de ideologia do regime. A Hora do Brasil desde 1931, já detinha o potencial de impacto na cultura brasileira, ganha força após o Golpe de Estado de 1937, com grande audiência por parte da população.

Os discursos altamente doutrinários e autoritários chegavam às casas, cobrindo também o noticiário fornecido pela Agencia Nacional, com uma série de eventos nacionais e internacionais. Das ações do DIP. levadas à sociedade, seja pelo rádio, imprensa, cinema e música de forma sutil e sofisticada, atingem também os jovens brasileiros, depois recrutas, na forma de introjeção das idéias compartilhadas pelas famílias no cotidiano. Nesse sentido, cabe nesta pesquisa uma referência sobre o DIP. e a relação deste com o nacinalismo tão presente no discurso dos soldados brasileiros.

No projeto político estadonovista, segundo Lippi Oliveira, a dimensão ideológica assume um papel preponderante, na medida em que se constituiu uma doutrina de “obrigação política” para a sociedade civil. Neste aspecto, a cidadania é redimensionada por essa doutrina, que busca envolver os diversos setores sociais na política do Estado. A preocupação maior consistiu em construir uma estratégia

político-ideológica capaz de legitimar a existência do regime frente à opinião pública.[177]

Segundo os especialistas, a preocupação com o controle e a divulgação da propaganda ideológica ocorreu muito antes do golpe do Estado Novo. No ano de 1931, logo após a Revolução, o governo provisório criou o Departamento Oficial de Propaganda (DOP), que inicia seu projeto de divulgação por meio de um programa radiofônico, além de fornecer informações oficiais à imprensa. Em 1934 passa o órgão por outra modificação, transformando-se no Departamento de Propaganda e Difusão Cultural (DPDC) (nesta fase já dirigido por Lourival Fontes), que além de dar continuidade ao planejamento anterior, expande mais a sua área de ação ao produzir filmes educativos, utilizando-se de recursos modernos como o cinema e a radiotelegrafia.

Em 1938, um ano após a implantação do Estado Novo, uma nova reorganização amplia os poderes deste órgão, que passa também a coordenar as ramificações estaduais. Foi então denominado Departamento Nacional de Propaganda (DNP) e concentrou suas ações no rádio, cinema e turismo, controlando a difusão das informações de caráter nacional e internacional. É dessa fase o programa radiofônico "Hora do Brasil", um meio prático de divulgar as idéias do novo regime, que chegou a fornecer aparelhos de rádio para serem colocados nas praças públicas das cidades do interior.

> O Estado Novo trata com especial carinho o rádio, fazendo distinção entre o "mau rádio", o rádio diversão, e o " bom rádio" aquele que é veiculo da cultura como instrumento pedagógico.[...] O Estado quer fazer do rádio, do cinema, da música instrumentos de formação de bons hábitos, de 'civilização' de fortalecimento do sentimento de unidade nacional.[178]

O cinema era um meio de comunicação importante não somente como divulgador das noticias do que ocorria no Brasil, pois na seção de turismo também fornecia informações sobre o país para os estrangeiros visitantes. Foram editados cartazes e folhetos de propaganda, além do serviço de informações direcionadas aos jornais brasileiros e estrangeiros. Ampliava-se também a sua função de "educador cívico".

---

[177] OLIVEIRA,Lucia Lippi. Os intelectuais e as raízes da ordem. *In:* ARAUJO, Maria Celina D'. (org) **As Instituições Brasileiras da era Vargas.** Rio de Janeiro: FGV, 1999.
[178] Ibid., p.95.

Para os ideólogos do Estado Novo, a arte e a cultura, como outras atividades, deveriam estar a serviço da nação, pois são instrumentos da ação educativa, daí a importância dada ao rádio, ao cinema, aos esportes, direcionados à sociedade e o estado pronto a cumprir o seu papel de homogeneizador cultural.

Em seu pronunciamento em novembro de 1933, Getúlio Vargas já acenava com a disponibilidade da intervenção do Estado nos assuntos relacionados à esfera social:

> A complexidade dos problemas morais e materiais inerentes à vida moderna alargou o poder de ação do Estado, obrigando-o a intervir mais diretamente, como órgão de coordenação e direção, nos diversos setores da atividade econômica e social. Quanto à maior ou menor amplitude dessa intervenção, podem divergir as doutrinas: na realidade, porém ela se apresenta como imposição iniludível diante da preponderância dos interesses da coletividade sobre os interesses individuais.[179]

Diante deste contexto, logo depois surgiria o Departamento de Imprensa Propaganda (DIP) criado em dezembro de 1939, que efetivamente trabalhou pela legitimação do regime de Vargas perante a opinião pública. Em seu diário no dia 27 de dezembro laconicamente Vargas registra: “Assinei o primeiro decreto de reforma do Departamento de Propaganda.”[180] Com funções bastante amplas, centralizava e coordenava a propaganda do governo e dos ministérios, submetia à censura todos os órgãos de comunicação e atividades culturais, dentre as quais o cinema, o rádio e o teatro. Aprimorou o programa radiofônico oficial do governo, a Hora do Brasil, além do controle que exerceu a todo o tipo de publicação que vinha fora do país, pois essas poderiam ser “nocivas aos interesses brasileiros”. Todo o material de propaganda do novo regime saía do D.I.P., que incentivava outros departamentos a confeccionarem cartazes, objetos, espetáculos, livros e artigos enaltecedores do poder.

> Os organizadores da propaganda se valeram de símbolos e imagens na busca de consentimento e adesão da sociedade. A bandeira brasileira e a figura de Vargas foram os símbolos mais explorados nas representações visuais do Estado Novo. [...] as imagens e os símbolos eram distribuídos nas escolas com o objetivo de formar a consciência do pequeno cidadão. Nas representações do Estado Novo, a ênfase ao novo era constante: o novo regime prometia criar o homem novo, a sociedade nova e o país novo.

---

[179] Mensagem, 15 de Novembro de 1933. *In:* VARGAS, *op. cit.,* p.211.
[180] PEIXOTO, Celina Vargas do Amaral. *In:* VARGAS, Getúlio. **Getúlio Vargas:** Diários. São Paulo: Siciliano, 1995, p. 281.

> O contraste entre o antes e o depois era marcante: o antes era representado pela negatividade total e o depois (Estado Novo) era a expressão do bem e do bom. Havia promessas de um futuro glorioso. As crianças aprendiam o que significava o novo através de publicações de textos em forma de um diálogo: as perguntas e as respostas ensinavam didaticamente o sentido das mudanças.[181]

Para entender a dimensão desta simbologia no Estado Novo, buscamos em Bakhtin a conexão desta com os signos que ele trata em Marxismo e Filosofia da Linguagem.

> Tudo que é ideológico, possui um significado e remete a algo situado fora de si mesmo. Em outros termos, tudo que é ideológico, é um signo. Sem signos não existe ideologia. [...] todo o corpo físico, pode ser percebido como símbolo: é o caso, por exemplo, da simbolização do principio da inércia e de necessidade na natureza. [...] e toda imagem artístico-simbólica ocasionada por um objeto físico particular já é um produto ideológico.[182]

As imagens e símbolos eram difundidos nas escolas com o objetivo de formar as novas consciências. Muitas das publicações estavam voltadas para o jovem cidadão, como por exemplo: "*O Catecismo cívico do Brasil*", cujo objetivo era ensinar o princípio da autoridade e da ordem. Muitas biografias de Getúlio Vargas e obras laudatórias foram publicadas nesta época. Como diz Capelato, a propaganda, além de enaltecer a figura do líder, demonstrava a preocupação do governo com a formação de uma identidade coletiva e de pertencimento, quando agregavam nas estratégias as imagens por associação entre o Estado, Pátria, Nação e Povo.

O jogo de palavras: amor, paz, felicidade, generosidade e concórdia eram elementos que compunham uma estrutura efetiva, organizada para propor uma unidade em torno de um todo harmônico e que Getúlio Vargas com sabedoria propunha nos seus discursos: "Um país não é apenas um conglomerado de indivíduos dentro de um trecho do território mas, principalmente, a unidade da raça, a unidade da língua, a unidade do pensamento nacional."[183]

Os valores mais caros ao Estado Novo – o nacionalismo e a valorização do trabalho – foram incentivados de várias formas: pela organização de manifestações cívicas, festas patrióticas, exposições, concertos e conferências. Pelo rádio o DIP monopoliza a audiência popular. O rádio era destacado como possuidor de notável

---

[181] CAPELATO, *op.cit,*. p.123.
[182] BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. São Paulo: Hucitec, 2004, p.31.
[183] Discurso, 1º de maio de 1938. *In:* VARGAS, *op. cit*., 1942, p. 214.

poder de persuasão e dotado do “maior potencial socializador do mundo civilizado”. A meta era “coagir a sociedade por dentro”, e desse modo, esvaziar a legitimidade de outros meios de comunicação. Em suma, esse era o projeto educativo do “novo estado”.[184]

Naturalmente tais estratégias ao longo do tempo atingiram também os soldados brasileiros, muitos ingressando na carreira militar em função da própria idade, outros egressos dos quartéis no tempo hábil, mas pela força da convocação se fizeram presentes. Portanto, nestes tempos se mesclam os discursos, o positivismo apregoado nos quartéis, os ensinamentos da missão francesa, e o ideário estadonovista, repassado com ênfase a toda a sociedade, levada de roldão pela nova política educacional.

Com seus poderes ampliados a partir de 1939, o DIP funcionava quase como um ministério, e seus responsáveis reportavam-se diretamente ao presidente da República. De 1939 a 1942 o DIP foi dirigido por Lourival Fontes, seguindo-se depois o major Coelho dos Reis até 1943 e o capitão Amílcar Dutra de Menezes, que atuou até a extinção do departamento em 1945. A sua estrutura era complexa, formada de seis divisões dentre as quais destacamos: A Divisão de Divulgação, responsável pela difusão da ideologia, em destacar as realizações do governo e organizar eventos, espetáculos e cerimônias comemorativas. A Divisão de Imprensa era a responsável pela censura, fornecendo artigos e fotografias distribuídos aos jornais e aos outros meios de comunicação. Havia um controle do que era permitido ou não publicar, e as punições eram sérias, pois a divulgação de qualquer matéria contrária ao regime seria passível de cancelamento dos registros. Tais aspectos podem ser observados na publicação dos artigos, nos diversos jornais brasileiros que faziam a cobertura da guerra na Itália.

Portanto, o DIP funcionava como central jornalística do Estado Novo, pois atuava nas modalidades de um grande jornal, com três expedientes, com equipes completas de redatores, repórteres, tradutores, taquígrafos, constituindo uma equipe ágil e bastante eclética que acompanhava os eventos principais relacionados ou não ao governo central. A Agência chegou a registrar 220 funcionários.

Nos estudos que envolvem a pesquisa sobre o DIP e sua ação ideológica voltada para o rádio e o cinema, destaca-se também a dissertação de mestrado de

[184] VELLOSO, Mônica Pimenta. Os intelectuais e a política cultural do estado Novo. **Revista de Sociologia,** n. 9, Curitiba. UFPR, 1997.

Daniel Cabral Borges. Lá estão relacionados todos os departamentos do órgão. Na pesquisa de Borges, há um detalhamento especifico sobre as demais divisões internas do DIP, dentre as quais a Divisão de Rádio, que era responsável por regulamentar e coordenar os trabalhos das emissoras, divulgando a ideologia do regime nos programas de rede nacional, principalmente no programa de grande audiência a "Hora do Brasil" que enunciava discursos altamente 'doutrinários' e 'autoritários', reportagens apolíticas sobre educação, comércio, produção industrial e eventos culturais, com conteúdo informativo.

A Divisão de Cinema funcionava como organismo censor dos filmes, que para serem divulgados necessitavam de um certificado de aprovação, além da inspeção do conteúdo, como a uniformidade e correção ortográficas de suas legendas. A Divisão também produzia filmes de propaganda como o "Cinejornal Brasileiro" que era exibido em todos os cinemas, com um formato cuidadosamente trabalhado, com "imagens sedutoras" buscando mostrar a dinâmica e moderna administração do governo Vargas. "As projeções obrigatórias certamente ajudaram a garantir que o público fosse exposto a um Brasil imaginado que não possuía conflito ou miséria, retrocesso, e sem batalhas culturais."[185] Os documentários exibiam desfiles cívicos, viagens presidenciais, comemorações como o dia do Trabalho, Dia da Bandeira, Semana da Pátria, personificando sempre a figura de Vargas. O calendário oficial marca as grandes datas, transmitindo a imagem de uma festa cívica constante. Através dos rituais patrióticos, eram passados os sentimentos de unidade e exaltação popular, indispensáveis, como enfatiza Velloso, para uma imagem do regime apresentado como salvador da nacionalidade.[186]

Segundo as pesquisas de Lucia Lippi, já em 1932 os signatários do Manifesto da Educação reconheciam o cinema como o instrumento mais ágil de divulgação de informações científicas e educacionais. Entre 1936 a 1945, foram produzidos cerca de 230 filmes, que tinham o caráter instrutivo, e que de início eram filmes mudos acompanhados de um roteiro feito por um professor e lido durante a projeção. Esses documentários eram ecléticos e incluíam informações do avanço tecnológico.

---

[185] BORGES, Daniel Cabral. **A imagem e comunicação visual no discurso político da Era Vargas.** Dissertação (Mestrado), PUC, Rio de Janeiro, 2006. Disponível em: http://www.dbd.puc.rio.br/pergamum/tesesabertas. Acesso em: 12 mai. 2008.
[186] VELLOSO, *op.cit.*, 1997, p.169

Na seqüência lógica dos acontecimentos, de acordo com as declarações de Getúlio Vargas, já em 1933 é possível comprovar que houve um amadurecimento de idéias em relação ao projeto educativo para o país. Afinal esteve sempre presente nas manifestações de Vargas, que o progresso seria alcançado através da educação do povo, fator preponderante na ação estadonovista, amalgamada pelos seus auxiliares diretos, que há longo tempo avançavam nestas idéias, amplamente debatidas nos Manifestos Modernistas. Tal situação preparou os caminhos para que a educação atingisse a sociedade como um todo, com linhas mestras adotadas pelo DIP e seus departamentos, tornando-se durante o período do Estado Novo um órgão educador por excelência.

A respeito de seu projeto educativo, Getúlio Vargas se manifestou:

> Todas as grandes nações, assim merecidamente consideradas, atingiram nível superior de progresso pela educação do povo. Refiro-me a educação no significado amplo e social do vocábulo: física, moral, eugênica, cívica, industrial, agrícola, tendo por base a instrução primária de letras e a técnica profissional. [...] Há diferença entre ensinar a ler educar. A leitura é ponto inicial da instrução, e essa propriamente só é completa quando se refere à inteligência e à atividade. O raciocínio, força máxima da inteligência, deve ser aperfeiçoado, principalmente por sabermos que o trabalho manual também o exige, pronto e arguto. [...] A instrução que precisamos desenvolver, até o limite extremos das nossas possibilidades, é a profissional técnica. Sem ela,sobretudo na época caracterizada pelo predomínio da máquina, é impossível trabalho organizado.[187]

Além das prerrogativas peculiares que movimentavam a participação do poderoso DIP com todas as suas divisões trabalhando em prol da máquina administrativa do Estado Novo, é de vital interesse para essa pesquisa, avaliar o desempenho da Revista "*Cultura Política*", considerada por muitos pesquisadores como o maior instrumento de divulgação na construção da ideologia do Estado Novo, entre outras que coexistiram no mesmo período em função dos seus colaboradores e ideólogos.

No balanço possível que se possa fazer sobre a atuação do DIP.em relação à sociedade brasileira, dadas às repercussões do longo processo, mereceria uma análise mais aprofundada. Mas torna-se visível na presente argumentação, que o controle sofisticado dos veículos de informação veio incidir ao longo do tempo e de forma abrangente nos discursos da sociedade brasileira. As pessoas não ficaram

[187] Discurso proferido a 18 de agosto de 1933. *In:* VARGAS, *op. cit.*, 1942, pp.321-322.

imunes à carga cultural ideológica que receberam, portanto, é sintomático o discurso nacionalista do soldado brasileiro.

2.3 AS REPERCUSSÕES DE UM NOVO IDEÁRIO, A BRASILIDADE, OS INTELECTUAIS E O PODER

Este sub-capítulo vai tecer algumas ponderações sobre o movimeto modernista e de que forma se percebeu a sutil inserção das Idéias de brasilidade no discurso dos combatentes brasileiros. Muitas vezes, há o equivoco de se avaliar apressadamente o movimento dos intelectuais brasileiros a partir de 1924, apenas na visão de um projeto voltado para a arte e a estética. Mas, sob a avaliação de pesquisas recentes sobre o ideário do Estado Novo, é possível perceber o quanto ele foi abrangente.

O nacionalismo vai ser uma das maoires preocupações deste grupo, buscando rechaçar tudo o que vinha de fora e considerados na época como modismos importados. No conjunto das ações, chegaram os intelectuais como agentes dissiminadores das novas idéias que aos poucos vão sendo colocadas para os brasileiros. Os intelectuais buscaram manter a posição de mentores das classes menos letradas. De alguma forma essas idéias nacionalistas, das raízes brasileiras, vão sendo colocadas nas mais diversas esferas da sociedade brasileira, e reforçadas pelo Ministério da Educação e pelo DIP, do qual já fizemos referência. As idéias mais fortes e depois reproduzidas pelos combatentes em seus diários e testemunhos, dizem respeito aos signficados de identidade e pertencimento, explorados de forma exacerbada pela imprensa, mais tarde reptetidas e enfatizadas pelos combatentes nos congressos, nos encontros e nas celebrações a partir de 1946, quando eles se fizeram presentes.

A partir de nossa interpretação, e das evidências encontradas nos discursos e ações direcionadas do projeto Modernista, em relação ao Estado Brasileiro entre as décadas de 1920 a 1937, possibilitou-nos a compreensão da importância deste grupo para a sua época e a maneira pela qual pensavam a realidade nacional. Como afirma Bourdieu:

> O poder simbólico como poder de constituir o dado pela enunciação, de fazer ver e fazer crer, de confirmar ou de transformar a visão de mundo e,

> deste modo, a ação sobre o mundo; poder quase mágico que permite obter o equivalente daquilo que é obtido pela força, graças ao efeito específico da mobilização, só se exerce se for reconhecido, quer dizer ignorado como arbitrário[188]

Coube às ações do Movimento Modernista – consideradas muitas vezes incipientes, os subsídios necessários que apontam para a plausibilidade e repercussões desse discurso ajudando a difundir não apenas idéias, mas obras diretivas com alto grau de sutileza, que ao perpassar a sociedade em forma de ideários, reforçou o jogo político na condução de um estado nacionalista.

A década de 1930 é o período em que se manifesta com maior intensidade a ação dos intelectuais modernistas que direcionam sua ação para o âmbito do Estado, conforme os estudos e apontamentos feitos por Mônica Velloso sobre os ideólogos do Estado Novo. Estes percebiam a sociedade civil como um corpo conflituoso, indefeso e fragmentado, de forma a corporificar no Estado a idéia da ordem, da organização, da unidade, pois somente o Estado poderia fazer funcionar com harmonia todo o organismo social.

Tal situação toma contornos mais definidos, pois o Estado é visto como o cerne da nacionalidade brasileira, noções que haviam sido amplamente debatidas no período pós 1924. Nas observações da autora, a pesquisa sobre o período do Estado Novo é particularmente importante para se verificar o grau de inserção desse grupo, na qualidade de participantes de um projeto político-pedagógico, destinado a difundir o regime[189]. Tal fato é revelador e de interesse nesta pesquisa.

Na medida em que se investiga o Estado Novo, torna-se claro que os campos de intervenção formavam um caudal considerável que se estendiam à política econômico-financeira, à política trabalhista, à reforma administrativa e abarcava a política externa, as forças armadas e a educação. No projeto político, a dimensão ideológica tem um peso fundamental, pois constituiu uma "obrigação política" para a sociedade civil. "A cidadania é redimensionada por essa doutrina, que busca envolver os diversos setores sociais na política do Estado. Sabemos que o regime

---

[188] BOURDIEU, Pierre. **A Economia das Trocas simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 1987, p. 63.
[189] VELLOSO, *op. cit.,* 1997, p.148.

tem como uma das suas maiores preocupações construir uma estratégia político-ideológica, capaz de legitimá-lo frente à opinião pública"[190]

Ao buscar a legitimação dos seus atos em relação às forças sociais, o Estado amplia as suas bases de sustentação, incorporando algumas demandas das camadas populares urbanas, sendo primordial estabelecer uma nova relação Estado-sociedade. Para atingir este propósito, o Estado adentra nos domínios da sociedade civil, assumindo o seu papel de condutor e organizador da sociedade, se definindo como o educador mais eficiente junto às classes trabalhadoras, argumentando ser o 'bem público', o móvel de sua ação, assumindo funções que em outras épocas eram ocupadas por outros grupos sociais. Para concretizar essa nova ordem, o Estado vai contar com a participação de agentes que partilhavam dos mesmos interesses dos intelectuais, dos ideólogos, de ilustres pensadores da época, que ratificam as bases do novo Estado esboçando uma nova concepção de mundo, a qual procura reativar as representações destinadas a legitimar a nova distribuição de poderes.

Na sutileza como o projeto estadonovista é montado, encontramos em Bourdieu um exemplo esclarecedor sobre a força do campo simbólico, que se aplica no presente estudo.

> Num estado de campo em que se vê o poder por toda a parte, como em outros tempos não se queria reconhecê-lo nas situações em que ele entrava pelos olhos dentro, não é fácil lembrar que_ sem nunca sem fazer dele, numa outra maneira de o dissolver, uma espécie de ' circulo cujo centro está em toda a parte e em parte alguma' é necessário saber descobri-lo, onde ele se deixa ver menos, onde ele é mais completamente ignorado, portanto, reconhecido: o poder simbólico é, com efeito, esse poder invisível o qual só pode ser exercido com a cumplicidade daqueles que não querem saber que lhe estão sujeitos ou mesmo que o exercem.[191]

A elite intelectual que na década de 1920 havia lançado suas discussões em torno da busca do ideal de brasilidade e do remodelamento do Estado, acreditando em suas idéias, já em 1930, percebe formar um grupo identitário capaz de levar adiante este arcabouço nacionalista para o âmbito do Estado, pois vêem no poder central a maior representação da idéia de nação. Tal pensamento prossegue nos

---

[190] OLIVEIRA, Lúcia; VELLOSO, Mônica. Cultura e Poder Político: uma configuração do campo intelectual. *In:* OLIVEIRA, Lúcia; VELLOSO, Mônica; GOMES, Ângela. **Estado Novo.** Ideologia e Poder. Rio de Janeiro: Zahar, 1982, pp.71-108.

[191] BOURDIEU, Pierre. **A Economia das Trocas simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 1987, p. 72.

anos subseqüentes, chegando ao Estado Novo em 1937 com uma bagagem acrescida pela adesão de outros pensadores.

Se, historicamente, como afirma Velloso, a construção do nacionalismo constituía a preocupação fundamental dos intelectuais, agora essa tarefa pode ser extensiva aos domínios do Estado, o que atesta a inserção deste grupo em toda a esfera governamental. O projeto político-pedagógico visa educar coletivamente, e seu raio de ação une intelectuais das mais diversas correntes de pensamento. A cultura passa a ser também a mola propulsora da valorização das coisas brasileiras, tendo sido amplamente controlada pelo DIP.[192]

Para entender a atuação direta do Estado em relação aos diferentes campos, Bourdieu, deixou uma enorme contribuição quando construiu um modelo teórico capaz de explicar as afinidades, as distâncias, os conflitos que caracterizam um campo cultural, enfim, o complexo sistema no qual se movem autores, textos e leitores, assim como os valores que estão em jogo nas lutas entre a tradição e a vanguarda.

> Pode-se medir o grau de autonomia de um campo de produção erudita com base no poder de que dispõe para definir as normas de sua produção, os critérios de avaliação de seus produtos e, portanto, para retraduzir e reinterpretar todas as determinações externas de acordo com seus princípios de funcionamento[193]

Neste campo propício, os intelectuais puderam divulgar suas idéias, editar seus livros, seus artigos, suas crônicas. O limite de tolerância era a proibição da crítica, mas esta restrição tinha um tom conciliatório a partir da proximidade com os intelectuais independentes, muito contrários ao regime, como Nelson Wernek Sodré, Graciliano Ramos e Gilberto Freyre, que restringiram suas discussões à história, ao folclore e à literatura. Essa era uma exceção, pois a imprensa opositora foi a que mais sofreu, conforme demonstra o caso do jornal O Estado de São Paulo da família Mesquita, cuja sede foi invadida pela policia em março de 1940, permanecendo o jornal sob intervenção até o fim do Estado Novo.[194]

O grande papel exercido pelo projeto educativo, na verdade, foi trabalhado em duas vertentes: O Ministério da Educação, dirigido Gustavo Capanema e o

---

[192] CAPELATO, *op. cit,.* p.127.
[193] BOURDIEU, Pierre. **A Economia das Trocas simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 1987.
[194] CAPELATO, *op. cit..*

Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP) chefiado por Lourival Fontes, do qual já fizemos referência neste capítulo. É notória a divisão de tarefas que cabia a cada um, de maneira tão meticulosamente organizada, o que fornece a idéia de como estes organismos foram tão bem pensados pelos responsáveis pela estrutura do projeto ideológico. Enquanto o Ministério Capanema se ocupava mais efetivamente com a educação formal e a cultura erudita, o DIP controlava as comunicações voltadas para as manifestações da cultura popular. Junto de Capanema, encontramos expoentes da literatura ligados ao projeto modernista, tais como: Carlos Drummond de Andrade, Lúcio Costa, Oscar Niemeyer, Candido Portinari, Mário de Andrade, dentre outros. Enquanto o DIP é assessorado por intelectuais como Cassiano Ricardo, Menotti del Picchia e Cândido Motta Filho, os quais são conhecidos pelo pensamento centralista e autoritário, fatores decisivos para a organização da linha mestra conduzem a política cultural destinada às camadas populares.

No final do século XIX, a intelectualidade estava praticamente marginalizada por parte do Estado, que não aceitava criticas e tornava difícil a exposição de idéias. O local do intelectual era fora do mundo político.

No século XX, a realidade é outra: em conformidade com a ação modernista, o intelectual agora se posiciona e se expressa com relação ao que está ao ser redor, além de formar diversas militâncias e buscar atuar em prol dos ideais estipulados para a nova brasilidade.

> No Estado Novo, o intelectual responde à chamada do regime, que o incube de uma missão: a de ser o representante da consciência nacional. Reedita-se, portanto, uma idéia já enraizada historicamente no campo intelectual. O que varia é a delimitação do espaço, a atuação do grupo – da torre de marfim para a arena política –, permanecendo o papel de vanguarda social. O trabalho intelectual – agora engajado nos domínios do Estado – deve traduzir as mudanças ocorridas no plano político.[195]

Um fator importante para a intelectualidade no Estado Novo foi a entrada de Getúlio Vargas para a Academia de Letras, pois agora viam no representante da República um colega acadêmico, pois significava o "homem de pensamento e o homem de ação, entre a política e a literatura". Portanto, Vargas simbolizava a ação, o idealismo e o pragmatismo. Ele é o homem político, mas também é um ilustrado

[195] VELLOSO, *op.cit.*, 1997, p.153.

capacitado a refletir sobre os destinos da nacionalidade. O presidente autor de obras importantes para o país como a “Nova Política do Brasil”, passa a ser admirado por estes dotes, o que destoa um pouco do pensamento demonstrado em 1938.

> Precisamos reagir em tempo, contra a indiferença pelos princípios morais, contra os hábitos do intelectualismo ocioso e parasitário, contra as tendências desagregadoras, infiltradas, pelas mais variadas formas, nas inteligências moças, responsáveis pelo futuro da Nação; precisamos com maior urgência, dar um sentido claro, diretrizes construtoras e regras uniformes à política educacional, o mais poderoso instrumento a utilizar, no fortalecimento da nossa estrutura moral e econômica.[196]

A classe letrada é eleita como intérprete da vida social por que é capaz de transmitir múltiplas manifestações sociais, trazendo-as para o seio do Estado que irá discipliná-las e coordená-las. Ela é vista como intermediária entre o governo e o povo porque “eles é que pensam, eles é que criam.” Embora esta seja uma frase de Amaral Azevedo, um ideólogo proeminente do Estado Novo, é na teoria de Bourdieu que vamos compreender o papel do autor no campo literário.

> O autor é realmente o criador, mas num sentido muito diferente do que a hagiografia literária e artística entende por isso.[...] Ele transforma profundamente a visão do mundo, ou seja, as categorias de percepção e de apreciação do mundo, os princípios de construção do mundo social, a definição do que é importante e do que não é, do que merece ser representado e do que não merece.O poder de nomear o inominável, o que ainda não foi percebido ou que está recalcado, é um poder considerável.[197]

Getúlio Vargas, o chefe de governo, torna-se um modelo a ser seguido por toda a intelectualidade do país. Neste aspecto, vale as observações de Azevedo Amaral, no sentido de mostrar que os intelectuais eram os mais indicados para colaborar com o governo. “graças ao senso de ordem e organização apresentadas em suas propostas.”

> Emergidos da coletividade como expressões mais lúcidas do que ainda não se tornou perfeitamente consciente no espírito do povo, os intelectuais são investidos da função de retransmitir às massas sob forma clara e

[196] Discurso proferido a 2 de dezembro de 1937. *In:* VARGAS, *op. cit.,* 1942, p.311.
[197] BOURDIEU, Pierre. **Coisas Ditas.** São Paulo: Brasiliense, 2004, pp.179-180.

> compreensiva o que nelas é apenas uma idéia indecisa e uma aspiração mal definida.[198]

Como veículo primordial da transmissão das idéias está a imprensa como setor mais eficiente do DIP. Toda veiculação é promovida para as revistas e jornais. Azevedo Amaral, um dos mais atuantes intelectuais do Estado Novo, é defensor da participação ativa dos intelectuais nos meios de comunicação, pois segundo sua afirmação, estes não fazem a 'demagogia jornalística', mas colaboram para o engrandecimento do país, afirmando que, por estarem mais próximos dos interesses nacionais, devem apoiar o poder público, por que só ele "dispõe de recursos de informação e de conhecimento aos interesses nacionais." [199]

A preocupação demonstrada por Azevedo Amaral quanto à escrita jornalística tem precedente, e nós a encontramos na afirmação de Vargas muito antes do Golpe de 1937:

> Entendida como deve ser, a profissão do jornalista confina com o exercício de um sacerdócio. A crítica dos atos do poder, o exame das leis, a análise dos sucessos da vida cotidiana exigem serenidade de juízo, conhecimento exato da matéria em julgamento, amor, desinteresse e verdade. O jornalismo, nos países como o nosso, onde ainda perdura percentagem dolorosa de analfabetos, não deve converter-se em armas para saciar paixões, mas cumpre que seja sempre uma tribuna de ensinamento equilibrado e seguro.[200]

Da análise que efetuamos da vasta documentação e obras que tratam do período do Estado Novo, foi possível compreender que o ideário estanovista foi perpassado à sociedade, por diversos meios estruturadamente sofisticados e delineados pelo DIP, cujos lances eram cobertos pelos meios de comunicação como o rádio, o cinema e teatro, dentre outros. Mas coube à imprensa escrita, por meios dos jornais aliados ao poder central e às revistas alicerçar o discurso do Estado Novo, repassando e reforçando idéias.

O número de revistas editadas no Estado Novo, dada ao seu conjunto e expressividade, constituem fontes de interesse para o estudo deste período. Estas tinham a orientação do D.I.P e serviam de agentes para a reprodução das idéias

---

[198] AMARAL *apud* VELLOSO, Mônica. Os intelectuais e a Política Cultural do Estado Novo. *In:* FERREIRA e DELGADO, *op. cit.,* 2007, p.156.

[199] VELLOSO, Mônica. Cultura e Poder Político. Uma configuração no campo intelectual. *In:* OLIVEIRA, VELLOSO e GOMES, *op. cit.,* p.71.

[200] Discurso proferido no dia 12 de julho de 1934. *In:* VARGAS, *op. cit.,* 1942, p.331.

norteadoras para a população. Algumas tiveram curta existência, outras tiveram uma repercussão maior, pois eram subsidiadas diretamente pela imprensa do governo e estabelecem excelente documentação para se entender a tramitação do discurso estadonovista.

Das revistas de grande teor político e que mereciam toda a atenção dos dirigentes do poder central podemos destacar duas delas: A *Cultura Política* e *Ciência Política*. No estudo destas, Mônica Velloso, faz uma projeção e revela dados que são de grande auxilio para os pesquisadores na busca de fontes. Nas revistas atuavam uma diversidade de autores, ligados à política, à educação e à cultura, mas o foco central era direcionado para a problemática da organização e legitimação do Estado Novo, que na voz do representante maior da nação, durante certa passagem assim se dirigiu aos colaboradores: "Torna-se necessário, por isso, divulgar as atividades do Governo, para que todos as conheçam e as acompanhem, para que façam sugestões e intervenham, quando menos, por dever patriótico, na marcha dos negócios políticos."[201]

A revista "Cultura Política" estava sob a direção de Almir de Andrade e seu primeiro número é publicado em 1941. Estava diretamente vinculada ao DIP e tinha um caráter oficial diante da publicação de manifestações não apenas do presidente da República, mas dos próprios ministros. Era bastante divulgada e vendida nas bancas de jornal no Rio de Janeiro e São Paulo. Segundo os pesquisadores, a remuneração dos seus colaboradores era o dobro do que recebiam por outras publicações. As edições traziam diretivas firmes da doutrina e promoviam um elevado e constante debate dos problemas nacionais, portanto considerada uma "revista de estudos brasileiros". Servia também de propaganda para as realizações do governo no campo político, econômico, técnico, artístico, científico e literário.

Cumprindo seu papel informativo, a "Revista Cultura Política" registra com assiduidade na seção bibliográfica, tudo o que se escreve sobre Vargas e o Estado Novo. Havia uma preocupação explícita em atualizar, centralizar e controlar as informações, situação que mostrava o alto grau de organização e eficácia do projeto ideológico. As seções eram variadas, mas muito bem colocadas, no sentido de ordenar facilmente as consultas, sendo que a estrutura obedecia a seguinte característica: "o pensamento político do chefe de governo", "textos e documentos

[201] Entrevista à imprensa a 19 de fevereiro de 1938, *In:* VARGAS, *op. cit.,* 1942, p.331.

históricos", "a atividade governamental", "Brasil, social, intelectual e artístico". O título do editorial exprime a ênfase ao político, no campo que se queria distinguir.

Na revista Cultura Política escreviam os principais ideólogos do regime, como Francisco Campos, Azevedo Amaral, Cassiano Ricardo e Oliveira Viana. Geralmente os colaboradores da revista sentiam o grande prestígio pessoal que tal situação lhes proporcionava. Dentre estes, e que se destacou no processo de construção de identidade brasileira, está Oliveira Vianna, cujos estudos privilegiaram a análise social brasileira num momento de grande efervescência literária no país. Quando lança a sua obra "Populações meridionais do Brasil", em 1921, em função da discussão profunda que promove, é considerado pelos pesquisadores como um dos principais intérpretes do Brasil.

Tal fato é significativo para esta pesquisa, que busca descobrir as influências destes debates teóricos e seus significados. Segundo hipótese aventada nesta pesquisa, a introjeção de significados de identidade e pertencimento do que era ser brasileiro, da valorização do nacional em detrimento do que vinha de fora, são fatos preponderantes a serem considerados também no discurso dos combatentes brasileiros nos seus lugares da memória.

O discurso, segundo Velloso, estreita dessa forma, a conexão individual com o coletivo, mostrando o Estado como corporação do indivíduo, do seu 'subconsciente', que contém as verdadeiras reservas de brasilidade, cuja fonte é o passado. O discurso explicita a existência de uma "alma nacional" latente, um projeto político presente intuitivamente na realidade brasileira. Tais discursos não são neutros, sem dúvida, como explica Bourdieu, pois os agentes constroem a realidade social, entram em lutas e relações visando impor a sua visão, mas eles fazem sempre com pontos de vista, interesse e referenciais determinados pela posição que ocupam no mesmo mundo que pretendem transformar ou conservar. [202]

Tais argumentos não passariam despercebidos pela sociedade brasileira, que acabou sendo influenciada por várias gerações neste contexto e depois seus sucedâneos. Estes discursos chegam até às famílias, às escolas pelos professores, nos quartéis pelos comandantes, no cinema e teatro pelos artistas, e pela imprensa cotidiana e seus editoriais.

---

[202] BOURDIEU, Pierre. **A Economia das Trocas simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 1987, p.118.

As ações integradoras, conforme já demonstradas na análise dos Manifestos Modernistas, buscavam mostrar que o Brasil deveria seguir um caminho próprio, evitando as 'deformações no espírito do homem brasileiro', moldado, diriam, pelas 'influências' de correntes intelectuais e políticas européias, que imputavam uma 'evolução anômala' da política e das instituições no país.

Segundo os analistas das obras de Oliveira Vianna presentes nesta pesquisa,• na esteira das publicações do próprio Vianna, inclusive nas dedicadas aos problemas concretos de política social e trabalhista, o que se percebe é o aval da interferência do Estado como promotor do civismo e, particularmente da paz social. A formação do cidadão deveria passar não pelo conflito, mas por sua eliminação, pela implantação de uma sociedade cooperativa. Um tema constante em sua obra dizia respeito à acusação de idealismo, alienação, marginalismo e ignorância das elites em relação à realidade brasileira.

O artigo publicado pela "Letras Brasileiras" em setembro de 1943, mostra a militância de Oliveira Vianna, ao destacar a própria auto-referência que sustentava e dava peso às suas convicções. "Há cerca de vinte anos, ao publicar o meu livro de estréia – Populações Meridionais do Brasil – eu alertava o espírito, um tanto descuidado, das nossas camadas políticas". Prosseguindo no mesmo texto, Vianna insiste nos métodos de educação, legislação, e governo.

> Este problema se reduz, no fundo, ao problema de reeducação das nossas elites dirigentes, digo ' elites' porque sou dos que acreditam que os povos contam pelo teor moral e intelectual das suas classes dirigentes e que as nações se salvam, ou perecem pela incapacidade de suas elites.[203]

Na reflexão de Luiz de Castro Faria, ao destacar a obra de Oliveira Vianna, o considera fundador de um discurso,• pelo conjunto da obra e pontualmente em *Populações Meridionais do Brasil*, de 1920, que ao longo dos anos, vem sendo realimentada com muitas valorizações e críticas, confirmando o prestígio do autor enquanto intérprete da sociedade brasileira.

• N.A.: Fazemos referência aos autores: Maria Stella Martins Bresciani, José Murilo de Carvalho, e Luiz de Castro Faria.

[203] FARIA, Luiz de Castro. **Oliveira Vianna:** De Saquarema à Alameda São Boaventura, 41- Niterói. O autor, os livros, a obra. pp.112-113.

• Segundo Eni Puccinelli, os discursos fundadores são discursos que funcionam como referência básica no imaginário constitutivo desse país. Sobre o assunto especifico ver: ORLANDI, Eni Puccinelli. **Discurso Fundador, a formação do país e a construção da identidade nacional**. São Paulo: Pontes, 2003.

Neste aspecto, como enfatiza o analista de discurso Michel Pêcheux: o papel da ideologia no contexto da produção do discurso, destaca o papel decisivo que o sujeito ocupa no processo e nos sentidos textuais. Não há, segundo ele discurso sem sujeito, como também não há sujeito sem ideologia, pois ela é responsável por interpretar o individuo enquanto sujeito para que se produza o seu dizer.

> O discurso não é um aerólito miraculoso, independente das redes de memória e dos trajetos sociais nos quais ele irrompe, mas de sublinhar que, só por sua existência todo o discurso marca a possibilidade de uma desetruturação-reestruturação dessas redes e trajetos: todo o discurso é o índice potencial de uma agitação nas filiações sócio-históricas de identificação.[204]

Assim percebe-se na modalidade discursiva proposta pelo Movimento Modernista e dos ideólogos do Estado Novo, uma época de grande efervescência cultural, marcada pelo discurso de brasilidade e nacionalidade iniciado em 1920 e que tomou vulto por mais de uma década, possibilitado pelas condições sócio-históricas.

Dentro desta visão doutrinária, as revistas ocupam um lugar de destaque na sua função de agente difusor das idéias. Buscava-se personificar padrões éticos de comportamento, cuidadosamente delineados pelos responsáveis, como diz Velloso "apelar para a empatia e as emoções foram recursos amplamente utilizados pelo governo. Este tinha muito claro que um artigo político de doutrina, por si só, era incapaz de seduzir um público mais amplo."

Para atrair os "olhos femininos e infantis",nada melhor do que os contos, e as crônicas as estampas. Nessa literatura o pensamento é resumido em fórmulas ou apenas de maneira a não provocar nenhum esforço intelectual por parte do receptor.[205]

Outra publicação de interesse para este estudo é a revista *Ciência Política* que esteve sob a direção de Paulo Filho e depois Pedro Vergaro, foi publicada a partir de novembro de 1940, encerrando-se em maio de 1945 e era editada pelo Instituto Nacional de Ciência Política (INCP) que se definiu como entidade cultural, agregando as elites intelectuais em torno do pensamento do Estado Novo. As publicações constavam de palestras promovidas semanalmente na Associação

[204] PÊCHEUX, Michel. **O Discurso.** Estrutura e Acontecimento. São Paulo: Pontes, 2002, p. 56.
[205] VELLOSO, Mônica. Os intelectuais e a política cultural do Estado Novo. *In:* FERREIRA e DELGADO, *op. cit.,* p.163.

Brasileira de Imprensa (ABI), além das noticias das suas realizações, das seções destinadas aos professores e estudantes, registrava os eventos e divulgava a promoção de campanhas cívicas nacionais.

A revista estampava claramente seu papel de divulgadora do ideário, declarando que seu objetivo maior era propagar para o conjunto da sociedade os fundamentos do Novo Estado e enuncia como uma das suas propostas fundamentais a de ministrar educação cívica, despertando o patriotismo ' consciente e cultural' voltado para a ação e, portanto isento das ' visões sentimentais' e dos outros 'arroubos literários'.[206]

Durante o Estado Novo, dentro do projeto de brasilidade, há a intenção de aproximar o poder público da população. Desse modo, foram criadas várias estratégias que levaram a comunidade a participar diretamente de vários eventos constituídos pelas paradas cívicas. Na verdade, eram comemorações obrigatórias programadas pela Liga Defesa Nacional criada em 1942, pelo exército e outras instituições, no sentido de reforçar o patriotismo. Esta situação fica mais evidente, quando o Brasil declara guerra aos países do Eixo, com objetivo de combater o quinta- colunismo.

Tal situação viria reforçar, um decreto assinado anteriormente pelo ministro do Exército Setembrino de Carvalho, em 25 de agosto de 1923, ao baixar um aviso para que fosse comemorado a partir daquela data o aniversário de Caxias. Tal resolução, tornava obrigatória a comemoração da data, que passou a ter um caráter permanente, com o nome "festa de Caxias", onde se promoviam formaturas, desfiles dos soldados diante de sua estátua. Em 1925 esta festa passa a ser conhecida como o "Dia do Soldado", homenagem ao homem que era o ' protótipo das virtude militares'. A partir de 1930 as mensagens veiculadas sobre Caxias não enfatizam apenas a legalidade e a disciplina, mas a fusão do Exército com a Nação, e Caxias é mostrado como o maior lutador pela unidade e integridade da Pátria. Com o Estado Novo em 1937, os militares destacam as suas qualidades de chefe militar a serviço de um Estado Forte.[207]

Em agosto de 1940 o ministro da guerra Eurico Gaspar Dutra, por ocasião do lançamento do livro *Comemoração do Dia do Soldado*, ao prefaciar registrou:

---

[206] VELLOSO, *op. cit.,* 1982, p.71-108.
[207] CASTRO, *op. cit.*.

> Nos momentos angustiosos a humanidade recorre ao exemplo dos varões que se ilustraram por seus notáveis feitos. Esses grandes vultos, perdem, então, sua pátria de origem. Assim tem ocorrido a Napoleão, como a Frederico, a Aníbal, como a Cipião. Neste particular o Brasil é uma país privilegiado: sem menosprezar as virtudes daqueles, tem na História Nacional um nome que sintetiza todas elas:_ CAXIAS.[208]

A inserção da imagem de Caxias, fortemente trabalhada nesta fase, foi sendo referendada por muitos combatentes em seus testemunhos, principalmente aos componentes do 6º Regimento de Infantaria que embarcaram no 1º Escalão da FEB, ao recordarem o Dia do Soldado comemorado no acampamento de Vada [209] na Itália, no dia 25 de agosto de 1944. Recém chegados do Brasil, este grupamento foi o que primeiro teve contato com a guerra em si, diante de um front que ia mudando conforme os rumos dos embates, passaram por diversos acampamentos, onde receberam o novo armamento, executaram treinamentos e foram aos poucos se adaptando ao novo ambiente.

O diário do tenente Ítalo Diogo Tavares registra o momento da festividade que comemorou o Dia do Soldado no acampamento de Vada:

> O general Clark passou em revista todas as tropas brasileiras no mesmo local da outra revista. A banda americana tocou os hinos nacionais, americano e brasileiro e a canção Deus Salve a América.. Depois desfilamos em continência ao comandante do 5º Exército. No discurso que o general fez, disse que nunca tinha visto tropa tão disciplinada. Que ainda haveria vitória para nós. Continuamos a ter todos esses dias instrução até 24 horas.[210]

Em algumas situações os diários dos combatentes registram também, além dos fatos pessoais, aspectos do pensamento que conduzia o grupamento. Neste caso, o diário do tenente médico Massaki Udihara, trás à luz algumas situações colocadas ao 6º R.I. às vésperas do dia do Soldado, e as ocorrências do dia em questão, destacando fatos que eram do conhecimento dos companheiros, mas raramente relatado.

---

[208] SILVA, Benício da. (org.) **Comemoração do Dia do Soldado.** Rio de Janeiro: Biblioteca Militar, 1940.

[209] N.A.: O primeiro escalão de combatentes da FEB, saiu do Brasil no dia 30 de junho de 1944, ao chegar em território italiano, os soldados foram conduzidos ao acampamento de Vada Rossignaro, situado a oeste da Itália, próximo à Pisa. Cerca de 500 viaturas conduziram os soldados.O local escolhido tinha o objetivo de adaptar os soldados à frente de batalha, conhecer o armamento e iniciar os treinamentos.Foi considerado um dos melhores acampamentos,lá permaneceu o 6º Regimento de Infantaria, o primeiro a enfrentar as agruras da guerra.

[210] TAVARES, *op. cit.,* pp.36-37.

> Amanhã querem os homens de cabelos cortados, barbeados e roupa limpa. Só para uma formatura. Uma palhaçada de mostra. Dia 25 de Agosto. Dia do Soldado no Brasil. Aqui para não perder o costume, uma formatura. O fim era receber a visita do gen. Clark. Marcada para depois das 11, saímos às 8. Para que? Para ficarmos esperando inutilmente essas horas sob um sol inclemente. As nossas capacidades não concebem senão uma espera de muitas horas. Durante a espera, para tornar mais interessante, ensaios com Deus Salve a América e o Hino Nacional. [...]A disposição de cantar nessas condições não podia ser senão a melhor possível. Em conseqüência, sua Exª. Em frente à tropa, o barrigão a prolongar o peito inflado, o andar gingado, em altos brados, como se estivesse dirigindo uma parelha de burros empacadores a berrar: Mais alto! Mais alto! Que dúvida, repetiu mais 4 vezes.[...] o general Clark passou em revista a tropa e falou meras banalidades e cortesias próprias dessas ocasiões.[211]

Era de conhecimento de todos as dificuldades do 6º R.I. em relação ao seu comandante, o general Zenóbio da Costa, dado os procedimentos do referido comando e seus comandados. O comandante dotado de caráter muito forte,quis imprimir à força um caráter combativo na tropa, mas esquecendo-se do lado humanitário e o espírito de companheirismo, só arraigou inimizades. Como não gostava que os soldados usassem bigodes, proibiu o seu uso, e foi afrontado por quase todo o regimento que passou a utilizar desse dispositivo pessoal. Nas fotografias da época, onde os homens do 6º R.I aparecem, é possível verificar o uso dos bigodes por grande parte da tropa, principalmente dos contestadores.

No depoimento, do combatente Antonio Gomes Linard, ficou registrado o discurso de Mark Wayne Clark durante a sua visita ao acampamento de Vada e a celebração do Dia do Soldado.

> Eu aqui vim esta manhã para saudar-vos, apresentar-vos as boas vindas do V Exército Americano e dizer-vos quão sincero é o nosso orgulho de vos ter ao nosso lado.Reuniste-vos a uma organização de combatentes o V Exército.Dentro de poucos dias, 9 de setembro marcará o primeiro aniversário do nosso desembarque em Salerno. Depois de Salerno, como sabeis, lutamos desesperadamente e vencemos. [...]Com vosso espírito combativo, grandes dias vos esperam. Gostei muito do que vi esta manhã. Tendes um aspecto decidido. Percebi, pelas observações, que fiz durante a revista, que sois bem disciplinados. Não vos esqueçais que a disciplina é o fator mais importante para quem quer ganhar batalhas.[212]

Naturalmente, tal colocação contrastava, com os dados do diário do tenente médico Massaki Udihara, e sua narrativa dos momentos que precederam à visita do

---

[211] UDIHARA, *op. cit.,* p. 78

[212] LINARDI, Antonio Gomes. **De Caçapava a Fornovo di Taro**. Missão Velha Ceará: Editora do autor, 1998, p.27.

gen. Clark ao acampamento em Vada., quando fez menção a uma das reuniões do Comando Geral da Infantaria com os comandantes das companhias.[213]

> Dias antes, sua Exª. Reunia os cmts. de Cias, para conversar amigavelmente com eles.Começou a dizer que ninguém prestava, pois não davam assistência aos soldados. Deixavam-nos ao léu, sem se interessar por eles. E foi por ai a fora com as amabilidades que lhe são características. Horas tantas disse: " O soldado que der alteração, não tenham dúvida dêem nele".[214]

É visível, também em outros depoimentos, o descontentamento dos componentes do 6º Regimento de Infantaria em relação ao seu comandante, situação que transpareceu em vários episódios durante a guerra, embora tenha sido sob o seu comando, o momento de melhor organização dos soldados como tropa de combate e o envolvimento desses homens, em uma guerra chamada de movimento, onde o uso do jipe e a perseguição do inimigo, não davam chance de recuperação. Desse modo, garantiam-se terrenos, cidades foram tomadas, populações liberadas, dando chances à retaguarda .Foi a fase áurea da FEB com as primeiras conquistas, um pouco antes do difícil outono e inverno italiano em 1944. Considerada também o melhor momento de adaptação à guerra, cujos resultados acabaram por elevar a FEB da posição de tropa de reserva para combatentes de primeira linha, na opinião dos especialistas e analistas desta fase histórica.

Há que se avaliar o espírito de contestação do 6º Regimento de Infantaria, em relação não apenas ao seu comandante, mas também aos outros oficiais que dirigiam o Regimento como um todo. O nível cultural dos soldados era baixo, onde prevalecia o lema "soldado bem mandado", não discute, mas cabe uma ressalva: entre os oficiais havia os mais preparados e politizados, que, embora sujeitos à disciplina rigorosa do exército, de uma forma ou de outra, buscavam contestar as ordens emanadas do comando, não deixando de registrar com criticas contundentes sua passagem pela FEB. É possível imaginar o que se passava na cabeça desses homens_ em plena guerra fazer parte de uma cerimônia dedicada a Caxias. Muitos desses militares, em diversas situações, buscaram mostrar a diferença entre o Exército de Caxias e o Exército da FEB, enfatizando talvez novos tempos.

---

[213] N.A.: As companhias na formação de um regimento da FEB, eram compostas de 100 a 200 homens, podiam ser divididas em 3 pelotões de fuzileiros e 1 de petrechos leves (metralhadoras e morteiros de menor calibre) e ser comandada por 1 capitão ou 1 tenente.
[214] UDIHARA, *op. cit.,* p.91.

Os jornais *A Manhã e A Noite* no Rio de Janeiro, representativos do Estado Novo e direcionados pelo DIP,noticiavam em suas manchetes, os acontecimentos da FEB na Itália referentes ao dia 25 de agosto de 1944. O discurso de Mark Clark, saudando os soldados brasileiros no acampamento de Vada, foi publicado na sua integra. Tal discurso é mencionado por muitos combatentes em seus testemunhos. No caso dos jornais do DIP, destaca-se nesta pesquisa as seguintes passagens:

> Vossa presença aqui, hoje, outra coisa, não significa senão a identidade de propósito que existe entre as nossas duas grandes nações. Sois a nata do Exército Brasileiro. Estais bem dirigidos. Tendes por comandantes excelentes chefes _ O general Mascarenhas de Moraes e o general Zenóbio da Costa.Vossos oficiais imediatos estão bem afeitos às suas funções. Estais bem equipados. Com vosso espírito de luta, grandes dias vos aguardam.[215]

Diante dos acontecimentos que ocorriam na Itália entre o 6º Regimento de Infantaria e o comando, o discurso de Mark Clark soa um pouco vazio para os oficiais e soldados deste grupamento. E para qualquer analista da situação da FEB, e para os homens que estavam acampados em Vada, a colocação do comandante do V Exército Americano, de que a FEB estava bem equipada, não condizia com a realidade. Como a FEB embarcou para a guerra, sem armamento, na promessa de que armas e equipamentos seriam distribuídos em território italiano, os soldados acabaram recebendo a principio, os velhos fuzis Springfield, pois o armamento mais moderno e em volume expressivo, seria carreado para as tropas aliadas que preparavam o Desembarque na Normandia, no esforço descomunal de barrar a força alemã em território europeu. Naturalmente, não somente brasileiros ressentiram-se deste apoio estratégico, mas também as divisões americanas. As armas mais modernas vieram depois, mas poderiam ter evitado atrasos imprescindíveis para quem está exposto na luta.

O depoimento do sargento José Alves vem atestar a questão do recebimento de armas junto ao V Exército Americano.

> Recebemos fuzis 'Springfield' modelo 1893, bem piores que nossos 'Mauser'. Os americanos usavam o 'Garand', 8 tiros, semi-automático e com

[215] A NOITE, Rio de Janeiro, 26 de agosto de 1944.

> grande poder de fogo, porém a nós, os mestiços, que chegamos desarmados, entregaram aquela peça de museu que estava encalhada.[216]

O grupo do qual fazia parte o sargento José Alves, constituiu o maior contingente de soldados brasileiros enviados para a Itália, em dois navios, no total de 10 mil homens. A saída desse grande comboio deu-se no dia 22 de setembro de 1944 no Rio de Janeiro, e o desembarque em Nápoles ocorreu no dia 8 de outubro. Portanto, é possível imaginar, que o grupo que havia chegado anteriormente, já estava entrando em linha e não dispunha de armamento mais sofisticado.

No roteiro de pesquisa delineado neste capítulo e seus sub-capítulos, buscou-se compreender a gênese do discurso dos veteranos que combateram na Itália durante a 2ª Guerra Mundial.Do ponto de partida do discurso modernista, verificou-se a polissemia dos discursos, vindos de várias frentes, seja pelos ideólogos do Estado Novo e pelo positivismo apregoado nos quartéis, a incidir fortemente no imaginário e na reflexão daqueles que em dado momento expressaram seus registros particulares, seja nos diários ou testemunhos como participantes da 2ª Guerra Mundial.

Mas necessário se faz, também uma avaliação das estratégias educacionais adotadas pelo Estado Novo, quando do projeto de nacionalização em massa, vai esbarrar em situações diferenciadas, dentro do território nacional, principalmente em relação ao sul do país, como bem coloca Marlene de Fáveri em suas pesquisas:

> Sobre a guerra e a nacionalização forçada, implica lançar olhares que alcançam políticas governamentais, identificações, religiosidades, relações étnicas, de gênero, educação e escolarização, entremeadas às transgressões, resistências, burlas, denúncias, ganhos e perdas, onde as relações de poder do Estado,da policia política ou dos civis, parecem nas entrelinhas do período do conflito.Um tempo outro, onde a realidade vivida na cotidianidade compõe o pano de fundo de muitas histórias e memórias".[217]

---

[216] SILVA, *op. cit.,* p.61.

[217] FÁVERI, Marlene de. Dossiê Guerra e Nacionalização. Fronteiras. **Revista Catarinense de História,** n. 13, UFSC, ANPUH-SC, 2005, p. 5.

2.4 O PROPÓSITO DA EDUCAÇÃO NO ESTADO NOVO

Neste estudo, comprender a origem do discurso patriótico dos combatentes brasileiros inseridos nos diários e testemunhos, tornou-se uma das metas principais. Dos questionamentos e hipóteses que haviamos aventado anteriormente, o encaminhamento para as respostas, possivelmente, estariam nos projetos educativos voltados para a sociedade durante a administração do governo de Getulio Vargas muito antes do Golpe do Estado Novo. Naturalmente, essa linha de conduta seria ampliada e alicerçada pelo ideário estadonovista com todas as suas implicações.

As questões educativas sempre estiveram presentes nos discursos de Getúlio Vargas, notadamente a partir de 1930. Da sua reflexão na época se percebe a ampla visão de um projeto que abarcasse a educação física e moral, o civismo, bem como a educação industrial e agrícola, tendo como base a instrução primária de letras e a técnica profissional. Nos projetos de Getulio Vargas, o ensino seria uma questão de salvação pública, pois a massa de analfabetos constituia 'pêso morto' para o progresso da nação. Em 1934 a Constituição da República estabelecia a obrigatoriedade e gratuidade do ensino primário. Nesta fase a maior parte dos jovens que foram para a FEB tinha apenas a idade de 12 anos.

Em 1935 já era grande a preocupação com as escolas de etnia alemã no sul do Brasil. Na estratégia de nacionaliização progressiva, abriram-se escolas públicas, para a divulgação do vernáculo, além de outras medidas de caráter sócio educativo com o objetivo de criar uma identidade nacional. De acordo com a Constiuição de 1937, competia à união traçar as diretrizes relativas à formação cívica, moral, intelectual para a infância e a juventude. Este é o momento em que os jovens tornaram-se alvos diretos de toda a política educacional do Governo Getúlio Vargas, de um lado, e os militares do outro, estabelecendo as regras para a militarização dos cidadãos, assunto relavante para a presente pesquisa.

O projeto politico pedagógico visava educar coletivamente dentro de uma identidade nacional. Neste sentido, acabou tomando vários modelos culturais regionais, que se orienta por um projeto ufanista para o Brasil. Para o ideário "o novo era o nacional". A juventude de um modo geral acaba absorvendo esses ensinamentos.

Dentro do ideário estadonovista para os assuntos ligados à educação, há que se fazer menção ainda que breve ao período ocorrido entre 1934 a 1945,quando das diversas reformas implementadas no ministério de Gustavo Capanema, abordando portanto, o período que antecedeu ao golpe de estado de 1937, o próprio Estado Novo e a fase inicial da redemocratização do país.Não se torna objetivo primordial avaliar todas as políticas e projetos implementados nesta fase, mas verificar os pontos que incidem na educação de jovens e adultos, quando se reporta ao período vivenciado pelos soldados brasileiros nos bancos escolares, morando nos grandes centros, ou na zona rural, pertencendo a um determinado grupo étnico, marcados profundamente pelo cotidiano familiar. Enfim todos, vivenciando como personagens, os momentos iniciais do Estado Novo.

É importante verificar, nesta fase, como ressalta Helena M.B.Bomery, pesquisadora deste período, que em linhas gerais, tanto a cultura como a educação em suas políticas, sempre contaram com o peso e atuação dos intelectuais modernistas como, Mario de Andrade, Carlos Drummond de Andrade, Anísio Teixeira, Lourenço Filho, Rodrigo Mello Franco, Alceu Amoroso Lima, Vila Lobos, Jorge de Limam, Manoel Bandeira. “Foi o ministério dos modernistas, dos Pioneiros da Escola Nova.[218]

Foram muitas as reformas educacionais, espalhadas pelo Brasil e que levaram os nomes de seus mentores, assim como a de Anísio Teixeira, a reforma Fernando de Azevedo e a reforma Francisco Campos. Em 1937 às vésperas do Golpe do Estado Novo, Gustavo Capanema, elabora um Plano Nacional de Educação, que é enviado pelo presidente da República ao Congresso para aprovação. Com cerca de 500 artigos e 100 páginas de texto, foi aprovada globalmente, sem chances de discussão e priorizava a reforma de ensino secundário cuja matriz “definia do que e como ensinar à juventude em um momento crucial de sua formação como futuros profissionais e cidadãos.”[219]

Foi delineada uma educação humanista que se completaria com o ensino profissionalizante, sistematizado pelos novos institutos criados nesta fase como o Senai, o Senac, o Sesi. Nas suas linhas mestras, o projeto educativo, inspirado nas

---

[218] PANDOLFI, Dulce; BOMENY, Helena M.B. Três decretos e um ministério: a propósito da educação no Estado Novo. *In:* **Repensando o Estado Novo**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1999.

[219] Ibid., p. 138.

décadas de 1920 e 1930, visava formar um " homem novo"para um Estado Novo, conformar mentalidades e criar o sentimento de brasilidade,fortalecer a identidade positiva do trabalhador brasileiro, um projeto cultural e político de fôlego a ser promovido pela educação.

2.4.1 Segurança Nacional, Militarização, Educação de Jovens

Nos regimes fortes, de política autoritária, se percebe a educação como meio eficaz de controlar as massas, e no caso do Brasil, após a instalação do Estado Novo, não foi diferente. Na abordagem feita no 1º capítulo e nos desdobramentos históricos relacionados ao golpe de Estado e suas diretrizes, foi possível compreender como o governo aproximou-se do Exército, por questões que envolviam a segurança nacional e o enfoque dado pelo influente Ministro Chefe do Exército Góis Monteiro e o ministro da Guerra, Eurico Gaspar Dutra, em relação à política a ser adotada dentro dos quartéis e fora deles, desse modo incidindo fortemente na sociedade civil, com o objetivo de formar cidadãos soldados. "O Brasil reclama de um sistema completo de segurança nacional, o que pressupõe, fundamentalmente, uma entrosagem dos órgãos militares com os órgãos federais, estaduais, e notadamente municipais, incumbidos da educação e da cultura."[220]

Da parte do Ministro da Guerra da Guerra, havia a grande preocupação com o entrosamento entre os militares e os diversos órgãos do governo e a sociedade civil.

> [...] torna-se dificílimo aos militares realizar totalmente seus objetivos previstos na Constituição, nas leis ordinárias e nos regulamentos, sem a prévia implantação no espírito, dos conceitos fundamentais de disciplina, hierarquia, solidariedade, cooperação intrepidez, aperfeiçoamento físico, de par com a subordinação moral e com o culto ao civismo; e sem a integração da mentalidade civil no verdadeiro espírito de segurança nacional.[221]

.Além da cuidadosa censura imposta pelo DIP à imprensa, pois esta publicava apenas o que interessava ao governo, as denúncias de infiltração nazista, partiam de várias frentes e muitas resultaram em intervenções ou até no fechamento de algumas instituições como a que sofreu o Esporte Clube Germânia no Rio de Janeiro

[220] PANDOLFI e BOMENY, *op. cit.,* p. 142.
[221] Id.

e a captura de espiões em março de 1942, seguida da prisão de pastores protestantes e agentes políticos em abril do mesmo ano. Na ocasião o chefe de Policia Felinto Muller, declarou que os registros de seus fichários apontavam a partir de 1940, com uma listagem de 8.800 nomes. Desses 3.000 eram alemães, 500 italianos e 400 japoneses. Como diz Gambini: “Interessante esse tal fichário, se se considerar a simpatia nunca escondida por ele pela causa nazista, só dissimulada quando sua própria permanência no governo foi posta em questão”.[222]

Mas se as táticas nazi-fascistas de infiltração existiram, de que modo elas foram vistas pelos combatentes brasileiros que combateram na Itália? Muito se falava na época no quinta-colunismo, neste caso, uma situação impingida mais aos alemães, pois segundo algumas hipóteses, os italianos, radicados nos grandes centros, estavam mais voltados para apoiar o integralismo.

Sobre o quinta-colunismo é interessante observar o artigo de Dennison de Oliveira, quando avalia esta questão, partindo do próprio termo “quinta coluna”.Conforme documentação, este teria sido cunhado durante a Guerra Civil Espanhola (1936-1939) quando eram denunciados elementos infiltrados em território inimigo, e que muitas vezes decidiram o desfecho de episódios militares. O termo passou a ser empregado também na Europa, por ocasião da ocupação nazista durante a guerra, quando expressivos setores sociais, também chamados de colaboracionistas, davam apoio aos invasores.

No caso brasileiro segundo Dennison, o termo quinta-coluna, podia ter várias conotações. Para o governo era conveniente tachar de “quinta coluna”, quaisquer elementos que divergissem da sua orientação. Assim foram considerados os integralistas de Plínio Salgado que fundou o partido em 1932, bem como os membros do ilegal Partido Comunista, alvo de brutal repressão depois da fracassada intentona em 1935.[223]

O termo também foi utilizado pela população, diante de várias situações, principalmente as que envolvessem questões que designassem a quebra de voto de confiança, por traição e outras conotações. No senso popular os quinta- colunas estavam todos fichados nos DOPS (Delegacia de Ordem Política e Social). Mas no

---

[222] GAMBINI, Roberto. **O duplo jogo de Getulio Vargas**: Influência americana e alemã no Estado Novo. São Paulo: Símbolo, 1977, p.69.
[223] OLIVEIRA, Dennison de. **A Ditadura do Estado Novo e a luta contra o nazi-fascismo (1942-1945).** Curitiba: UFPR, 2002.

arquivo do DOPS paranaense, aberto logo após a Ditadura Militar de 1964, os pesquisadores constataram que entre o período de 1937 a 1945, nenhum documento foi encontrado que conseguisse identificar um quinta-coluna que estivesse envolvido em ações de espionagem, propaganda ou sabotagem.

Mas por conta do que ocorria, foram efetuadas dezenas de prisões e centenas de pessoas colocadas sob investigação, geradas a partir de denúncias pelo uso de língua estrangeira em lugar público, por estar presente em reuniões particulares com elementos de origem alemã, italiana ou japonesa, por estar de posse de aparelhos de rádio, livros estrangeiros ou armas.[224]

Dos relatos de combatentes pertencentes à FEB, muitas são as menções sobre os quinta-colunas, principalmente em relação às dificuldades que se apresentaram em relação ao embarque da FEB para a Itália. Neste aspecto o depoimento do médico do Destacamento de Saúde da FEB, Oliveira Ramos é esclarecedor:

> O governo pouco fez para anular a campanha quinta-colunista e a mobilização militar se arrastou no ambiente frio, de má vontade, que tudo entravava e dificultava. Basta lembrar que para se resolver a mandar tropa ao teatro de guerra, na Europa, e preparar uma única divisão, levamos dois anos, pois o estado de beligerância foi reconhecido a 21 de agosto de 1942, e o primeiro escalão da FEB somente chegou à Itália a 14 de julho de 1944, sendo que a maior parte da tropa, formada pelo segundo e terceiro escalões, só desembarcou em Livorno em outubro daquele ano.[225]

Na memória de quem estava para embarcar para a guerra, as preocupações eram muitas. Havia o perigo constante de alguma sabotagem no navio de transporte da tropa brasileira e mesmo o torpedeamento do navio em alto mar. Apesar do segredo em que foi revestida a saída dos combatentes embarcados, durante toda a trajetória dos navio saindo do porto no Rio de Janeiro, a população nas vizinhanças, acenava dando adeus ao grupo que se dirigia para a guerra. Mas o depoimento de Palhares tem uma outra particularidade, lá está o seu desalento não somente pelos seus compatriotas, mas também com o pensamento das famílias expedicionárias, em relação à FEB e os seus soldados.

---

[224] OLIVERA, *op. cit.,* p.6.
[225] RAMOS, Rudemar Marconi. **Diário de um paisano na Segunda Guerra Mundial.** Rio de Janeiro: H.P Comunicação Editora, 2003*,* pp. 27-28

> Nós expedicionários, prontos para a partida [...] Lá fora, nas ruas do Rio de Janeiro, porém pairava uma espécie de dúvida, um ceticismo mórbido criado pela 5ª coluna e espalhado por entre as massas. Havia incredulidade, incerteza, comentários heterogêneos. Já não partiam de elementos terroristas: as próprias famílias dos expedicionários, porque se influenciassem com a persuasão falsa de maus compatriotas, ou porque se deixassem levar pelo natural sentimentalismo de seus corações amantes, mostravam-se duvidosas.[226]

Este ceticismo destacado no depoimento de Palhares, dizia respeito a incredulidade das pessoas, amigos, familiares, militares, que um dia a FEB partiria para a guerra. Tal procedimento afetaria de perto todos os participantes, criando uma mística derrotista que vai influenciar no comportamento do grupo, mesmo antes do enfrentamento de qualquer embate contra o inimigo, questão esta superada somente no mês de outubro de 1944, diante da performance da FEB contra o inimigo.

Ainda sobre a questão da infiltração do quintacolunismo, a narrativa contundente do sargento José Alves, ajuda a compor o pensamento de outros febianos. A crítica tem um tom mais particular contra os comandos aos quais ele foi submetido durante o seu breve estágio nos quartéis de Caçapava e Capistrano Rio de Janeiro antes do embarque para a Itália.

> Os sulistas que tiveram a felicidade de ser incluídos nas Cias., cujos comandantes haviam servido em nossa terra, foram recebidos de braços abertos, porque os capitães conheciam sobejamente a competência, o valor e a disciplina à que estavam habituados. Entretanto, outros - como eu - que caíram em sub-unidades dirigidas por capitães nordestinos, ou oriundos do centro-oeste, no início comeram o pão que o diabo amassou, porque esses oficiais estavam com a cabeça feita pela maldita 5ª coluna, pelo pan-germanismo e principalmente pela imprensa escandalosa que divulgava noticias banais do sul, carregando nas tintas. Julgavam erroneamente que todos os sulistas fossem espiões nazistas em potencial, quando na verdade a 5ª coluna agia com vigor intenso no Rio, São Paulo e, especialmente junto aos altos escalões do governo.[227]

A imprensa brasileira na época foi também responsável pelo grande alarido que se provocou em torno dos assuntos que denunciavam as infiltrações nazistas na sociedade brasileira. Os correspondentes de guerra brasileiros, previamente selecionados pelo governo e pelo exército brasileiro, compunham um corpo de jornalistas e fotógrafos que deveriam fazer a cobertura dos acontecimentos na

[226] PALHARES,G. **De São João Del Rey ao Vale do Pó.** São João Del Rey: Gráfica do Comércio, 1951, p.191.
[227] SILVA, *op. cit.,* p.43.

guerra e a participação brasileira. Estes correspondentes embarcaram no 2º Escalão da FEB, que saiu juntamente com o 3º no dia 22 de setembro de 1944, levando o grosso do contingente da FEB, cerca de dez mil homens. Da Itália estes correspondentes enviavam as noticias que aqui eram selecionadas pelo DIP e depois distribuídas pelos jornais coligados ao governo.

Egydio Squeff era correspondente de guerra de *O Globo*, na Itália e como observador, ao acompanhar um dos regimentos da FEB, destacava o que a rádio alemã anunciava nos programas diários endereçados à tropa aliada. Naturalmente, era a guerra das comunicações visando atingir os soldados, embora nem todos fossem autorizados a fazer o uso do rádio.Tal benesse era concedida apenas aos oficiais. Para os brasileiros, uma hora desta programação era levada ao ar todos os dias. Squeff não cita o lugar onde se encontra, pois eram orientados, por questões logísticas e de segurança da tropa. Mas pela data noticiada é possível imaginar que os brasileiros já se encontram nas proximidades de Bolonha. Em suas considerações, é possível perceber o direcionamento da reportagem e o enfoque dado à presença da quinta-coluna, mesmo na frente de combate.

> O rádio alemão vem se preocupando quase diariamente com a Força Expedicionária Brasileira. Instituiu mesmo uma hora especial destinada aos nossos acampamentos na Itália. Que dizem os nazistas? Vamos ajudá-los um pouco. Um dos últimos programas citava nomes de oficiais da FEB, procurando criar intrigas. Que cresciam as filas no Brasil, que o Governo não cuidava das famílias dos expedicionários. Por que nos sacrificávamos, sofrendo um clima duro e estranho, quando podíamos estar em nossa terra, no calor do nosso lar? Outras coisas e outras perguntas temos ouvido aqui no microfone de Berlim. Podíamos responder aos nazistas e à renitente quinta-coluna indígena, que com tanta presteza informa o Dr. Goebbels. Podíamos dizer, por exemplo, que o nosso povo sabe agüentar as filas, e que as nossas famílias aceitam o racionamento da guerra. Os nossos soldados, se sacrificam porque os fascistas assassinaram seus irmãos, macularam a nossa bandeira. [228]

Mas, pelas memórias febianas, é possível perceber posicionamentos contrários aos arroubos da linguagem que enaltecia a presença da quinta coluna nos temas referentes à FEB. Muitos deixam transparecer nas entrelinhas que não havia um pensamento abominável contra os soldados alemães, que esta não seria a mola propulsora para motivar a participação na guerra, como bem destaca o sargento José Eckert:

---

[228] JORNAL O GLOBO, Rio de Janeiro,8 de dezembro de 1944.

> O povo brasileiro, nesta fase, sentia-se mais propenso a ficar neutro do que se envolver numa guerra. Isto se percebia muito claramente quando se conversava com qualquer pessoa do povo. Mas o incitamento através de comícios nas praças públicas, jornais e rádios, fez com que ficasse a idéia de que o Brasil tinha obrigação de envolver-se.[229]

Como já se frisou anteriormente, o pensamento de Eckert vai ao encontro da reflexão de outros combatentes brasileiros. São muitos os destaques a respeito, denunciando a imprensa escandalosa da época, responsabilizando-a pelas manchetes incitadoras que eram publicadas no dia a dia, principalmente durante os preparativos e organização da FEB, bem como no transcurso da guerra na Itália e no espetáculo grandiloqüente preparado pelos correspondentes de guerra. Tal postura da imprensa teve grandes repercussões, pois incidiu em situações conflitantes, que envolveram tantos os expedicionários, seus comandos e o governo brasileiro.

Chama a atenção a manchete publicada pelo *O Globo* em novembro de 1944: "*Indignação no front ante os boatos da quinta-coluna*" no Rio. Tal fato dizia respeito à boataria espalhada no Rio de Janeiro, que nos primeiros embates dos soldados da FEB na Itália entre os meses de agosto a novembro de 1944, as baixas por mortes de soldados, teriam sido expressivas e de maior envergadura do que aquelas admitidas pelo exército.Tal fato não se comprovou, pois para os especialistas que avaliaram o início da campanha brasileira, a liberação das primeiras cidades, os combates de São Quirico, Camaiore, Barga, o enfrentamento aos alemães em Granaglione e mesmo as primeiras tentativas da tomada de Monte Castello no mês de novembro de 1944, não confirmam os dados. Conforme diz o jornal:

> Esta é uma guerra de bombas e de balas, lagrimas e sacrifícios totais. Uma guerra que não admite meio termos e exige esforços sobre-humanos. Seria pura infantilidade supor que nossos soldados serão integralmente poupados pelos obuses inimigos, que nossas tropas regressarão intactas. Mas daí a dizer que estão sendo dizimados no campo de batalha italiano, que a morte 'prefere' os nossos acampamentos e que o número de baixas é incalculável, vai uma grande distancia. Ou será incrível ignorância da realidade ou fruto de tendenciosa manobra quinta colunista.[230]

Tais boatos, afligiram os familiares dos combatentes brasileiros, a ponto do governo Getúlio Vargas solicitar explicações mais concretas por parte do comando

[229] ECKERT, *op. cit.,* p.25.
[230] JORNAL O GLOBO, Rio de Janeiro, 21 de novembro de 1944.

da FEB. Estes fatos, também preocupavam o general Mascarenhas de Moraes, o que resultou na sua decisão de vir ao Brasil pessoalmente.

> Na manhã de do dia 7 de janeiro, após uma noite passada em branco, com o Q.G Avançado intensamente bombardeado, o gen. Mascarenhas declarou aos generais e ao chefe do Estado Maior do Exército que pretendia ir ao Rio de Janeiro, conferenciar com o presidente da República e com o Ministro da Guerra.[231]

Era temerário nos rumos que a guerra tomava na Europa, do comandante da FEB ausentar-se deste cenário. Após refletir sobre a situação, e com o parecer do Estado Maior da FEB, decidiu-se pelo envio ao Brasil como emissário o Chefe do Estado Maior do Exército, coronel Lima Brayner, cujo relato deixou em suas memórias:

> Nessa mesma noite de 7 de janeiro, iniciei a viagem.[...] era portador de duas cartas do gen. Mascarenhas de Moraes, uma para o presidente Getúlio Vargas e a outra para o ministro da Guerra, gen. Eurico Gaspar Dutra. Não foi fácil a missão que me levara ao Brasil. O ambiente estava conturbado sob dupla pressão: política ditatorial em desgaste e pessimismo em torno da atuação da FEB, graças aos informantes desavisados ou suspeitos que irradiavam boatos. E também a ação diabólica dos agentes da quinta-coluna nazi-fascistas.[232]

Com a vinda do coronel Lima Brayner ao Brasil para dar esclarecimentos, um ponto final foi colocado neste grave incidente, que abalou não somente o alto comando da FEB, mas também a cúpula governamental do Estado Novo. Não resta dúvida, que tal situação foi desgastante para os comandantes, os soldados e seus familiares. Diante do ocorrido, seria possível perguntar: Qual a origem deste episódio? Seria pela fragilizada atuação de alguns comandantes na Itália, que não exerciam com confiança seus papéis? Ou, a ação de militares no Brasil que não embarcaram e tudo fizeram para minar a FEB, diminuindo o seu valor em frente de combate?

Do cenário político e militar que se apresentava no momento em que a FEB estava na Itália, a quem interessava esta conturbação? Diante desses questionamentos conjetura-se sobre estas questões que devem ser vistas sob o olhar de outros documentos. Portanto, um trabalho direcionado aos historiadores e a

---

[231] BRAYNER, Floriano de Lima. **A verdade sobre a FEB**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968, p.312.
[232] Ibid., pp.312-313.

historiografia, na tentativa de desvendar as ações dos agentes sociais e da própria imprensa brasileira.

A análise efetuada nas páginas anteriores, sobre as idéias e possíveis ações da quinta-coluna incidindo neste período, se fez necessária até para compreender os procedimentos do governo de Getúlio Vargas e as medidas adotadas na condução da política voltada para nacionalização do país, que vai incidir também na militarização dos jovens, asssunto a ser abordado no próximo sub-capítulo. Neste aspecto a abordagem de pesquisas recentes, bem como a memória e os testemunhos dos combatentes, sobre situações episódicas foram producentes, a partir do momento que se busca a lógica e objetividade nesta pesquisa.

2.4.2 Nacionalizar o Ensino, Educar o Povo como Metas Principais

Diante desses fatos, a Educação no Estado Novo passa a ser vista dentro dimensão estratégica. Desafios deveriam ser ultrapassados e se manifestavam pelas questões das especificidades regionais em um país com dimensões quase continentais. A presença de núcleos estrangeiros nas zonas de colonização, era preocupante.

Estudos realizados pelo Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos (INEP) ainda em 1940, apresentavam dados mais precisos da distribuição dos grupos estrangeiros em território nacional.[233] Essas informações eram levadas ao governo, que tentava adotar procedimentos em relação a essas comunidades, visto que em sucessivos governos, ficara claro a incapacidade de atingir essas populações, por seus costumes arraigados, avessos a uma política eficaz de aculturação.

Sob a direção de Lourenço Filho, o (INEP), buscou verificar os estudos efetuados anteriormente pelos historiadores, escritores, pensadores e políticos desde o século XIX, sobre a ocupação estrangeira dos territórios ao sudeste e sul do Brasil. Tais estudos alertavam sobre o perigo dessas concentrações étnicas, principalmente a alemã.

---

[233] N.A.: Para verificar o levantamento efetuado com mais detalhes, ver o artigo de Helena Bomeny, Três decretos e um ministério: a propósito da educação no Estado Novo, *In:* **Repensando o Estado Novo**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1999, p.153**.**

Segundo a pesquisadora Helena Bomeny, não foi do Estado Novo a preocupação com a nacionalização do ensino. Em 1906, Silvio Romero alertava para o perigo de se criarem ‘ nacionalidades’ dentro do Brasil. A proposta indicada após estudos, partia da estratégia de aproveitamento do proletariado nacional, a ser posto perto do estrangeiro, para educar-se no trabalho e por efeito contribuir com o abrasileiramento dessas populações.[234]

Haveria necessidade premente de uma padronização do ensino, centralização das atividades escolares, da unidade de programas e material didático para atender a demanda. Dentre todas as medidas estudadas para se atingir os objetivos acima, uma delas mais premente, era a questão de ‘homogeneizar’ a população, pois do contrário, corria-se o risco de impedimento do grande projeto de identidade nacional.

Das regiões brasileiras o sul do país, era alvo de preocupação dos dirigentes governamentais do Estado Novo. “O alemão, foi sem dúvida, quem mais despertou atenção e maior preocupação das autoridades”, pelo fato de ser o mais fechado em torno de sua cultura, da própria língua e da sua nacionalidade. Por este motivo, eram acusados de impedir o processo de nacionalização, conforme destaca a pesquisadora Helena Bomeny. Por outro lado, mantinham estreitos laços culturais que os mantinham próximos à nação de origem. Nestas condições, ascendiam reações das mais diversas origens, mesmo da intelectualidade, como de Vianna na defesa de uma consciência nacional.

> Esta consciência de grupo nacional, este devotamento ao grupo- nação se acompanhe de uma “ mística nacional”.Quero dizer, de um sentimento de orgulho nacional, de grandeza nacional, da superioridade nacional.Este ideal de grandeza ou de superioridade nacional é o que há de ser a fonte alimentadora do “ espírito brasileiro” anêmico,débil, inoperante.[235]

O Estado Novo buscava a sustentabilidade política, neste aspecto, a aproximação com os grupos de “direita” foi quase uma conseqüência, visto a similaridade do governo em relação aos regimes italiano e alemão.Tal situação acenava aos grupos de imigrantes desses países, as possibilidades de assumirem uma dimensão política, que em outra situação seria irrealizável. Neste, aspecto conforme ressalta Gambini analisando este contexto:

---

[234] BOMENY, *op. cit.,* p.154.
[235] Ibid., p. 152.

> [...] quanto maior a identificação entre o grupo imigrante e as forças autoritárias de seu país de origem, tanto maiores seriam suas possibilidades de ação durante o Estado Novo. Dessa forma,é possível explicar a diferença entre o comportamento político dos imigrantes do Eixo, como um todo e os demais grupo- especialmente portugueses e espanhóis- bem como a diferença das atitudes de alemães, italianos e japoneses, conforme o seu grau de assimilação.[236]

Nas evidências disponíveis, este período caracterizado pela ascensão generalizada do fascismo, os imigrantes alemães na América Latina procuravam reforçar e manter os laços com a Alemanha, esta por sua vez, reservava aos seus descendentes o cumprimento do seu projeto expansionista. Ainda de acordo com as pesquisas de Gamberini, os alemães somavam nesta época um milhão de pessoas. Não há dados precisos da totalidade dos simpatizantes do nazismo, mas ficava claro a dificuldade de assimilação deste grupo, em relação aos demais imigrantes, até pela concentração geográfica dessas pessoas, em colônias rurais no sul do país, fechadas sobre si mesmas e impenetráveis à cultura brasileira.

A assimilação dos grupos de imigrantes ia se tornando um problema para o governo central, pois se tornava um obstáculo à integração nacional, a um controle mais globalizante idealizado pelo Estado Novo. Embora expressivamente, no seu interior o governo contasse com simpatizantes pelo eixo, como já se definiu nesta pesquisa. A simpatia do Estado Novo pelo Nacional-Socialismo tinha um limite claro: "a preservação inquestionável do poder centralizado e da soberania nacional."[237]

Há que se avaliar as situações que levaram á dificuldades de assimilação destes imigrantes à cultura brasileira. Já no passado o lento processo de assimilação da comunidade alemã viu-se abruptamente interrompido pela suspensão na década de 1930, da prática de casamentos com brasileiros, fator discriminatório que acirrava as questões raciais, reforçadas, pela ideologia praticada nas 1900 escolas particulares alemãs então existentes. Essa dificuldade de entrosamento com a cultura nacional, não seria também resultado do auto-isolamento dessas comunidades, pelo inesgotável trabalho de propaganda perpetrado pelos agentes manipuladores de opinião, o que acabou por configurar a especificidade alemã, em contraste da integração dos colonos italianos e outras etnias? "Encarando a assimilação como degradante perda de identidade superior, a

---

[236] GAMBINI, Roberto. **O duplo jogo de Getulio Vargas**: Influência americana e alemã no Estado Novo. São Paulo: Símbolo, 1977, p.61.
[237] Ibid., p.68.

crescente arrogância da auto- suficiência cultural alemã acabou pro provocar medidas restritivas por parte do governo Vargas".[238]

O problema que se impôs aos núcleos de imigrantes no sul do país, deve ser visto com algumas particularidades, como o fez a antropóloga Giralda Seyferth quando estudou as comunidades de Brusque e Guabiruba em Santa Catarina, uma região povoada por alemães a partir da segunda metade do século XIX, quando são levantadas as questões de identidade. Neste aspecto, a pesquisadora, buscou analisar a concepção de identidade étnica teuto-brasileira, baseadas em elementos próprios da ideologia germanista. Segundo suas pesquisas a idéia de germanidade estava contida no *Deutschtum* e que foi divulgada em todas as colônias alemãs no sul do Brasil pela imprensa em língua alemã, desde 1851 até 1941. Tal fato,é preponderante, uma vez que incide diretamente na representação que o grupo alemão tem da sua nacionalidade. A relevância deste estudo está na possibilidade de auxiliar na compreensão do que realmente aconteceu nas áreas de colonização alemã, o que poderia justificar a reação desse grupo em relação ao projeto de nacionalização colocado pelo governo do Estado Novo.

Como estas populações percebiam a questão da nacionalidade? O ponto básico está entre a distinção que se fazia entre os conceitos de cidadania e nacionalidade. Segundo a pesquisa, neste aspecto, a cidadania tinha a ver com a vinculação ao Estado, enquanto a nacionalidade estava ligada aos laços de sangue, e não com o fato de ter ou não nascido na Alemanha. Por esta razão como diz Seyferth "na concepção pangermânica todos os alemães e descendentes de alemães, em todo o mundo, poderiam formar uma unidade nacional sem se constituírem necessariamente, em traidores do Estado dos quais são cidadãos." O que parecia natural aos alemães, tornava-se ameaçador para as autoridades brasileiras.

No contexto da guerra e a expansão do nazismo na Europa, fortaleceu no governo a convicção de que medidas enérgicas deveriam ser tomadas. Sob justificativa de impedir a infiltração nazista no Brasil, a questão da nacionalização do ensino passa a ter um caráter de segurança nacional, com o Exército exercendo uma função estratégica ao tempo em que se definia uma política a respeito da imigração de estrangeiros para o Brasil.

---

[238] GAMBINI, *op. cit.,* p.67.

Por parte do governo estadonovista, medidas coercitivas contra a população foram adotadas, principalmente no sul do Brasil, conforme avaliação de pesquisas mais recentes, como o de Marlene de Fáveri em seu livro *Memórias de uma (outra) guerra: cotidiano e medo durante a 2ª Guerra em Santa Catarina.* Dos depoimentos levantados pela pesquisadora, emergem conteúdos brilhantes para a historiografia, que ajudam a clarear um período obscuro de traumas e desafios sofridos pelas populações locais e que se mantiveram na incógnita durante todos esses anos.

Ao destacar em sua obra, a administração do governador Nereu Ramos de Santa Catarina, compromissado com a estrutura do Estado Novo, ajuda a compreender o alinhamento da autoridade local ao projeto ideológico de nacionalização das massas, ou seja, um tempo novo, festivo, visando aproximar o poder público com o povo e construir a "alma brasileira". É revelador, quando as estratégias educativas partem de diversos núcleos, assim como a Liga de Defesa Nacional com a colaboração do Exército e instalada em 1942 na cidade de Florianópolis, e mais tarde em outros municípios catarinenses. O empenho educativo é dado principalmente nas escolas, quando das efemérides comemoradas. O Dia da Pátria, Aniversário das autoridades, o Dia do Trabalho, o Duque de Caxias, o dia da Bandeira, dia da Raça, do Soldado, que eram transformados em jornadas festivas.

Tais eventos, não ocorreram na tranqüilidade desejada, choques inevitáveis, perseguições e prisões demonstraram o grau de reações provocadas pelas medidas impositivas e mesmo diferenças proporcionadas pelas culturas locais, onde se fixaram portugueses, alemães e italianos, todos alvos da policia fiscalizadora, como atestam as pesquisadoras Helena M.B Bomeni e Marlene de Fáveri na consulta efetuada a vasto documental da época. Há que se esclarecer que essas medidas aconteceram já com a FEB na Itália, quando os filhos de alemães e italianos se encontravam combatendo, fato registrado com indignação pelo sargento Edgard Eckert em seu diário quando de retorno da guerra, ao chegar em sua cidade no sul do Brasil, foi surpreendido com a perseguição impetrada contra seus familiares.

Foram organizados pelo território brasileiro, os Congressos de Brasilidade, entre 1941 a 1944, cujas diretrizes saiam do governo federal. Em Florianópolis o 1º Congresso aconteceu entre 10 a 19 de novembro de 1941, quando da realização de nove conferências, direcionadas para a unidade cultural tão propalada no Estado Novo. Estas motivavam pelos temas abordados em relação à política, cultura,

história, moral, jurídica, social, geográfica, econômica, financeira e patriótica. “O segundo congresso ocorreu de 10 a 19 de novembro de 1942”, e “propunha um projeto de unidade étnica, que padronizasse os brasileiros através do trabalho, da saúde e da beleza, salientando que o sentimento comum formaria o amálgama do caráter”.[239]

Já em 1938, o Estado Maior do Exército alertava sobre a necessidade da nacionalização do ensino brasileiro. Além das escolas rurais, as particulares também tornaram-se alvos dos observadores tecnocratas do novo regime. O índice das escolas fechadas foi considerável se avaliarmos por estados dentro do território nacional: No Rio Grande do Sul, num total de 103 escolas foram obrigadas a encerrar suas atividades, em Santa Catarina 298 escolas, Em São Paulo 284 escolas, no Espírito um total de 11 e no Paraná 78. Este total abarcou o índice de 774 escolas proibidas de funcionar. Em contrapartida o governo abriu 876 escolas oficiais.

Com o projeto de nacionalização a ser desenvolvido pela Educação, o alvo maior foram as escolas étnicas localizadas principalmente no sul do Brasil. Foi proibido o uso do idioma estrangeiro, os alunos intensamente vigiados, mesmo durante as brincadeiras infantis, pois não havia tolerância.

Com a proibição, foram muitos os protestos da comunidade alemã. O jornal *O Estado de São Paulo* estampava em 1942 a carta de indignação de um pastor alemão, em relação ao decreto governamental proibindo o uso do idioma estrangeiro. Nela fica expressa claramente a situação de um orgulho ferido:

> No Parlamento Brasileiro foi votada uma lei tornando obrigatório o ensino da língua da terra: dessa maneira, o alemão só poderá ser ensinado como língua estrangeira. Esse é o agradecimento das grandes nações pelo trabalho e cultura alemã no mundo. O que o sul do Brasil possui deve ao trabalho alemão. Se fizermos ali abstração dos alemães, restará apenas uma mísera carniça. [240]

Segundo Neide Fiori,em algumas escolas foram organizadas as associações que recebiam o nome de Liga- Pró-Língua Nacional, em caráter obrigatório, cujo objetivo era ajudar os professores na tarefa da vigilância idiomática. O mesmo ocorreu mais tarde em relação ao idioma falado nas residências. “considerava-se a

[239] FÁVERI, Marlene. **Memórias de (uma) guerra**: cotidiano e medo durante a Segunda Guerra em Santa Catarina. Florianópolis: UFSC, 2005, p.63.
[240] ESTADO DE SÃO PAULO, São Paulo 20 de agosto de 1942.

escola pública como o grande responsável pela 'construção' da homogeneidade cultural, que passou da fase policial para ingressar na fase pedagógica".[241]

Neste processo estavam envolvidos os profissionais que compunham a equipe burocrática de cada escola, ou seja: inspetores, diretores dos estabelecimentos de ensino e os professores das escolas públicas. Em muitos casos, tais procedimentos não ocorreram dentro dos parâmetros da normalidade, quando a policia ameaçadora se fazia presente com mais constância.

Com a participação brasileira diretamente na guerra, no território nacional os problemas advindos do conflito entre os habitantes e autoridades, contavam com a ação direta e decisão dos delegados locais e na zona rural pelos inspetores de quarteirão, que ao seu modo tentavam resolver os problemas. Eram tempos de denuncias, em que as palavras podiam ser distorcidas, bem como havia por parte da população, o medo de falar e escrever. Muita atenção se fazia aos atos dos professores e dos alunos, principalmente em relação ao que escreviam.[242]

A partir de 1942, o controle idiomático passa a ser mais rígido. Nesta situação, os imigrantes alemães, italianos, e japoneses, bem como seus descendentes, constituíram objeto de vigilância, pois acreditava-se em possíveis envolvimentos que diziam respeito à segurança nacional. No processo de nacionalização do país, as características éticas e as práticas culturais dos imigrantes, eram consideradas 'quistos culturais', que precisavam ser diluídos na cultura nacional, a ' brasilidade' deveria absorver toda a diversidade cultural.

As escolas ficaram encarregadas não só de difundir a língua portuguesa, mas também de repassar as concepções de pátria necessárias na formação de uma cultura coletiva, onde se juntavam as recomendadas expressões como "bom brasileiro", designando aquele que falava um bom português, que era patriótico em seus sentimentos, que somente se comunicava neste idioma.

> A escola deveria difundir o idioma português, e ainda desenvolver em seu alunado um forte sentimento de pertença- de pertencimento ao mundo nacional- no que diz respeito à emoção, era fundamental que os alunos se sentissem brasileiros. [...] essas eram rupturas consideradas como necessárias para que, a partir da criança e com a ajuda da escola,

[241] FIORI, Neide Almeida. A nacionalização do Ensino em Santa Catarina: tempos de guerra e de controle político-cultural. Dossiê: Guerra e Nacionalização. Fronteiras. **Revista Catarinense de História**. UFSC, Associação Nacional de História, 2005, p.105.
[242] Ibid., p. 108.

> emergisse o " bom brasileiro", que mais tarde seria o adulto "bom brasileiro."[243]

Em Florianópolis, segundo Marlene de Fáveri, nesta fase a Escola dentro do seu papel institucional, acabou por adotar práticas educativas que envolviam a comunidade escolar. É o caso do Grupo Escolar 'Lauro Muller' com seu jornalzinho " A criança brasileira", onde os alunos atuavam como autores de poesias, crônicas, concursos de textos."[244] Os textos eram simples, e os personagens da histórias, versavam geralmente sobre o duque de Caxias, A pátria, Dia da criança, Higiene, Religião, Bandeira, comemorações e homenagens aos homens públicos.

Naturalmente, a receptividade dessas escritas, abarcava os propósitos da nacionalização das etnias. As imagens patrióticas, foram fortalecidas por todo um anteparo vindo do governo central, da performance do DIP e seus diversos departamentos, onde estava inclusa a imprensa de modo geral, o rádio, o cinema e o turismo.

Até o início da guerra, a mobilização política dos imigrantes era tolerada pelo regime, pois a ideologia expressa não se incompatibilizava com o próprio ideário estadonovista e seus objetivos. Mas nos rumos que o conflito vai tomando, e a declaração de guerra aos países do eixo, "o perigo totalitário" adquire matizes diferentes, quando a ameaça já não está pelas mãos dos comunistas, mas sim no "perigo nazista".Este só passa a ser denunciado a partir do momento em que o governo Getúlio Vargas se decide por novas alianças, neste caso a americana.

Na busca das pretensas infiltrações nazistas, inicia-se um período de "caça às bruxas", ou seja, buscar o inimigo onde quer que pudesse ser encontrado. Mas quem é o inimigo pergunta Marlene de Fáveri em suas pesquisas, quando avalia os sofrimentos perpetrados às populações do sul do Brasil, mais precisamente em Santa Catarina, em recente obra publicada . Neste caso é esclarecedor o seu texto:

> Em Santa Catarina, como em todo o país, alemães, italianos, japoneses e descendentes foram os alvos suspeitos na mira da população e da policia, o que oportunizava, então, enfrentamentos étnicos.Com a entrada do Brasil na guerra, em 22 de agosto e 1942, o Decreto Federal, nº 10.358, de 31 de agosto de 1942, declarou Estado de Guerra em todo o território nacional.Esta suspeição/ demonização do " outro" tomou forma mais explicita na imprensa, que veiculou artigos apresentando estrangeiros e

[243] FIORI, *op. cit.,* p.115.
[244] FÁVERI, *op. cit.,* p.70.

> descendentes como inimigos e prováveis colaboradores do Eixo,detonando um clima de violência .[245]

No Rio Grande do Sul, as escolas dos imigrantes, com o currículo privilegiando a tradição cultural da etnia, com ênfase na língua de origem, foram consideradas na época, grande entrave para as políticas públicas voltadas para a nacionalização, o que acabou por priorizar um currículo comum, nacional, com ênfase na língua portuguesa, na História, na Geografia Pátria, e na formação da Moral e Cívica.[246]

A partir de 1938, a Campanha de Nacionalização adotou uma sistemática mais ostensiva e repressiva em relação às comunidades que mostravam maior resistência, o que provocou em alguns casos, sério acirramento entre os habitantes e a policia. O clima estudantil que deveria ser pedagógico, diante dos atritos, permaneceu mais com um caráter policialesco. Muito deste controle no Rio Grande do Sul, estava a encargo de Interventor Federal, Cordeiro de Farias, que mais tarde embarcaria para a Itália como comandante da Artilharia Brasileira da FEB.

Do decreto regulador das atividades educacionais, grande parte estava voltada para as escolas étnicas, direcionado o programa escolar, voltado para o ensino da língua portuguesa, e das disciplinas escolares já destacadas anteriormente. Estipulava ainda a presença de professores do Estado, para ministrarem aulas de português, principalmente nas escolas onde fosse ministrada pelo menos uma língua estrangeira.

Um dos itens do decreto que chamava a atenção dizia o seguinte: “nenhum estabelecimento particular de ensino poderá ser subvencionado por governo ou instituição estrangeira.”[247]

Assim como em outros estados brasileiros, cujas medidas coercitivas foram tomadas em relação às escolas étnicas, o Rio Grande do Sul, não fugiu à regra. Os decretos estaduais foram adaptados à legislação federal. Como resultado destas estratégias, foi criado um número maior de escolas públicas na região colonial e o aperfeiçoamento qualitativo das mesmas, a nacionalização dos estabelecimentos

---

[245] FÁVERI, Marlene. **Memórias de uma (outra guerra)**: cotidiano e medo durante a Segunda Guerra em Santa Catarina. 2 ed. Itajaí: Univali, ,2005. p.43.
[246] KREUTZ, Lúcio. A nacionalização do Ensino no Rio Grande do Sul: medidas preventivas e repressivas.in Fronteiras: **Revista Catarinense de História**. UFSC.Associação Nacional de História (ANPUH-s.c), n 13, 2005.
[247] Ibid., p. 77.

particulares de ensino através regulação severa para licença dos professores, a prescrição de livros escolares das escolas públicas e do idioma nacional obrigatório, dentre outras medidas.[248]

Os decretos assinados pelo interventor Cordeiro de Farias, respaldados pelo secretario de Educação, Coelho de Souza, não apenas foram recebidos com reservas pelas comunidades teuto-brasileiras, mas denotavam segundo as autoridades locais, indícios seguros de resistência "local antibrasileira" e que exigia do governo um esforço máximo do em extirpar o foco nazista. De acordo com documento da época, o secretario da Educação mostrava sua preocupação:

> Problema sem dúvida gravíssimo e de difícil solução, é o que oferece a zona colonial alemã [...] a colônia alemã oferece uma organização capaz de provocar atenção e a preocupação governamentais [...] A ação germanizadora do nazismo introduziu-se subrepticiamente na chamada população teuto-brasileira. Para tanto, dominaram as escolas particulares às centenas espalhadas pelo estado. [...] Esse domínio tornado absoluto, foi conseguido por meio de subvenções distribuídas pelo consulado alemão de Porto Alegre.[249]

Diante do quadro apresentado, 241 escolas particulares foram fechadas e a oposição teuto-brasileira era encerrada. Segundo avaliação de Lúcio Kreutz, para se avaliar melhor as questões que envolveram a Campanha de Nacionalização em relação às escolas teuto-brasileiras no Rio Grande do Sul, há que se avaliar que estes argumentos ainda não se esgotaram. O longo silêncio envolvendo essa problemática, por si só é revelador. Somente na década de 1970, ocorreram estudos mais producentes sobre estas questões, ainda não conclusivas, até porque muito da documentação da época foi destruída, tanto pelos agentes da nacionalização, bem como pelos próprios teuto- brasileiros para se protegerem das acusações que poderiam sofrer. Segundo o autor mencionado, não foi a Campanha de Nacionalização de ensino responsável pelo encerramento das escolas teuto-brasileiras nesta fase, mas o nacionalismo exacerbado que lhes foi impingido.

Na esteira do processo de nacionalização que envolvia as comunidades estrangeiras, principalmente ao sul do Brasil, há que se verificar que a juventude brasileira consituia também uma preoucpação para o governo estadonovista. Neste aspecto o projeto do ministro da justiça Francisco Campos, sob nome de

---

[248] KREUTZ, *op. cit.,* p. 77.
[249] Ibid., p.79.

Organização Nacional da Juventude, previa uma ampla arregimentação de jovens brasileiros, cujas características foram copiadas do fascismo italiano. Buscou-se demonstrar como os jovens brasileiros seriam iniciados nos valores tão caros à nação e inclusos no chamado 'catecismo cívico', expressos nos ideais da cooperação, da intrepidez, da disciplina, do culto ao civismo e aos valores pátrios. Na defesa destes valores, alinharam-se pensadores, idealistas e poetas, como disse Olavo Bilac ao defender o sorteio de jovens para o exercício militar: "um triunfo da democracia". Buscava-se, segundo o ideário, o cidadão soldado.

Além da política de nacionalização dirigida às comunidades de etnia estrangeira, no intricado planejamento educacional brasileiro para o período que iniciava com o Estado Novo, muitos eram os envolvidos: os modernistas comprometidos com o novo ideário e que ocupavam cargos de confiança no governo, o ministro da Justiça Francisco Campos, a lesgilar para um estado forte, o Chefe do Estado Maior do Exército ministro Góis Monteiro a criar os moldes de um exército novo, e o Ministro da Educação Gustavo Capanema direcionando os projetos educativos, todos voltados para um direcionamento único, ou seja, o fortalecimento do Estado Novo.

Nesta fase foi defendida uma modalidade de educação, conhecida como pré-militar para a juventude. Ao longo do período estadonovista, se apregoava a integração da juventude pelo Estado, conferindo a este uma tutela pedagógica.

É do ministério da Justiça, mais exatamente das mãos de Francisco Campos que toma corpo o projeto Organização Nacional da Juventude, cujo objetivo era prepará-lo e ajustá-lo aos novos princípios que deveriam reger o Estado Nacional. Os modelos de organização fascista, difundidos a partir das experiências alemã, italiana e portuguesa, seriam adaptados para um projeto brasileiro. Naturalmente, acabou por esbarrar na estrutura militar do Exército, que paralelamente organizava seus quadros militares.

O projeto inicial da Organização Nacional da Juventude, tinha a intenção de institucionalizar a nível nacional uma organização paramilitar, de arregimentação da juventude. Tal decisão sem consulta prévia ao Ministério da Educação e Saúde, causou melindres ao ministro, bem como aos demais ministérios que se sentiram postergados das resoluções.

A reação dos envolvidos foi imediata, o protesto mais significativo foi do Ministério da Guerra, que denunciava o conflito das competências, o controle e as atribuições a um mando único, ou seja do próprio Ministério da Justiça, em detrimento de outros ministérios para os assuntos pertinentes à arregimentação de jovens. O Ministério da Guerra, solicita que se respeite a faixa etária acima de 17 anos, pois esta era uma característica do chamamento militar para os jovens cumprirem seu tempo no Exército. Segundo o Ministério da Guerra, em muitos pontos o projeto Organização Nacional da Juventude, feria a autonomia militar representada pelo Exército Brasileiro. No processo de negociação, o ministro da Educação Gustavo Capanema, buscando uma nova reedição cívica para a organização, sugere um outro nome, essa passaria a chamar-se Juventude Brasileira. Nos desencontros, os grupos se aproximam e obtêm o apoio da ala mais conservadora da igreja.

O novo nome vingou, e passa a ser conhecido por Juventude Brasileira, aos poucos a militarização cedeu lugar à formação dos jovens, mas ainda ressaltando valores previstos anteriormente, ou seja: do amor ao dever militar, a consciência das responsabilidades do soldado o cultivo de valores cívicos. Tais premissas e valores, já estavam presentes na reflexão e comportamento dos soldados brasileiros, muito antes do embarque para a guerra, conforme se evidencia na leitura dos diários e testemunhos.

Nas trilhas que a vida conduziu, os jovens combatentes brasileiros vivenciam não somente um tempo presente, mas também o tempo passado reservado pelas lembranças. Ao passar pelos bancos escolares, ou serem arregimentados para a Juventude Brasileira, ou ao transpor os muros dos quartéis, selariam para sempre seus destinos como combatentes brasileiros em uma das maiores guerras que a história contemporânea registrou. Assim, assumem um discurso de comprometimento pela causa expedicionária, onde o sentido do discurso patriótico, expresso nos diários e memórias, é a mola propulsora na preservação dos valores. Nestes lugares das memórias, os feitos são realçados, com timbres de brasilidade, sentimento de pertencimento como a indicar um tempo que não passou, mas que permanece vivo a questionar o presente.

No próximo capítulo, pela narrativa dos combatentes, o fio condutor será a formação da FEB, o tempo de convocação para a guerra e as lembranças da

partida. Tentar-se-á ‘pinçar’ nesta pesquisa os fios discursivos de um tempo, dos entrelaçamentos introduzidos em diferentes momentos, muitos interrompidos ou até relançados. Neste sentido, mesmo que as palavras sutis apontem para os deslocamentos, onde a conexão de ideais possa ser a grande ausente, o que importa é trabalhar a matéria prima, aquela que representa as experiências, as vivências e os sentimentos dos pracinhas brasileiros.

3 A FEB PARTE PARA A GUERRA: LEMBRANÇAS DA PARTIDA

3.1 POVO LABORIOSO E PACÍFICO, MAS PRONTO A REAGIR CONTRA QUALQUER AGRESSÃO

Neste capítulo, a leitura e compreensão dos diários e testemunhos escritos dos combatentes brasileiros que participaram da guerra na Itália, são relevantes pois ajudarão a compor o enredo de histórias singulares, onde a memória de guerra será o fio condutor de todas as narrativas, das lembranças e seus significados para os homens que fizeram parte da FEB. É no diário que o comentarista articula a sua voz interna, seus pensamentos mais íntimos onde estabelece um tipo de linguagem coloquial, na verdade um monólogo em que ninguém pode interferir. Os testemunhos, por sua vez, ligam-se pelas lembranças, das vivências, e só existem quando laços afetivos criam o pertencismo do grupo. Nesta perspectiva vemos os pracinhas brasileiros com seus laços identitários reforçando o discurso dos valores, buscando as conexões, e as formas de permanência da memória.Uma outra guerra se inicia , é a manifestação do direito à fala e ao reconhecimento da presença social.

Mas, pela avaliação do discurso, e na leitura das entrelinhas buscar-se-á as conexões e o sentido histórico desses documentos que não se esgotam no construto narrativo histórico, mas abrem os caminhos para as conjeturas e possibilidades do historiador adotá-los como fontes para um estudo da participação brasileira na 2ª Guerra Mundial.

No Brasil, mesmo antes da Declaração de Guerra, o país vinha sofrendo os efeitos de uma crise econômica de âmbito geral, que agravava à medida que a situação política na Europa evoluía, obrigando-o a adaptar-se às novas contingências internacionais, o que deixava clara a necessidade de uma mobilização, com leis e decretos específicos. A partir de 1939, com o irrompimento da guerra, houve uma perda gradativa dos melhores mercados da Europa, reduzindo-se ao comércio inglês que continuava a comerciar, mas que, mais tarde, envolvido pela própria guerra, acabou por direcionar os recursos para a indústria bélica.

Oswaldo Aranha, ministro das Relações Exteriores, antevendo uma extensão da crise, em 29 de junho de 1939, propunha algumas diretrizes para a mobilização

do país, mas que não tiveram a repercussão desejada. Dentre essas medidas, salientava a necessidade da arregimentação pública, a economia de combustíveis e de trigo, a regularização dos vencimentos e de obrigações internacionais, estoques de produtos indispensáveis e racionalização do seu consumo.

Em relação à mobilização militar, há que se observar que, no país, as orientações eram eminentemente pacíficas, além do problema maior de estar o Exército desaparelhado para atender o chamado de uma guerra.

> Nessa época, o Exército dispunha, apenas, de um efetivo da ordem de 60 mil homens, distribuídos pelas inúmeras unidades espalhadas por todo o território nacional [...]. Os armamentos e equipamentos, na sua grande maioria, de procedência estrangeira, eram antiquados e em número insuficiente para atender às novas exigências.[250]

As relações com a Alemanha, a partir de 1938, vão entrando em colapso, devido às exigências do embaixador alemão Karl Ritter para que o Partido Nazista funcionasse livremente. Tal situação provocou uma reunião emergencial com os embaixadores, e a postura alemã passa a ser mais maleável no trato com as forças armadas. O General Góis Monteiro é convidado para assistir às manobras do Exército Alemão, enquanto uma comissão brasileira para compras de armas se instalava na cidade de *Essen*, perto das instalações da fábrica de canhões *Krupp*.

Em meados de março de 1940, os discursos de Vargas sinalizavam um desenvolvimento econômico, a cooperação interamericana e a neutralidade vis-à-vis à guerra na Europa. Em suas visitas aos Estados brasileiros como Santa Catarina, Rio Grande do Sul, São Paulo e Minas Gerais, enfatiza a questão do progresso nacional e a importância de ser brasileiro. Em Blumenau, coração da colonização alemã em Santa Catarina, preveniu: "O Brasil não é inglês, nem alemão. É um país soberano que exige respeito às suas leis e que defende os seus interesses. O Brasil é brasileiro[...]."[251] Num banquete em Belo Horizonte, possivelmente uma resposta à arrogância alemã, disse que o governo não "permitiria elementos extremistas... que praticam o culto da violência para que ela viva e floresça na sociedade brasileira.

---

[250] BRANCO, Manoel Thomaz Castello. **O Brasil na II Grande Guerra.** Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1960, p. 77.
[251] MCCANN, *op. cit.*, p.150.

Declarou que, se o Brasil tomasse alguma medida em relação ao conflito europeu, o faria de acordo com outros países sul-americanos."[252]

As alianças provocadas pela guerra acabaram por reunir a Alemanha, a Itália e o Japão, considerados os países do Eixo. O cenário parecia desesperador para a Europa, e os Estados Unidos assistiam a tudo na cômoda posição de observadores, até o fim de 1941. O apoio americano aos aliados constava mais de ajuda humanitária do que de um reforço ou de um posicionamento militar. Tal situação mudou radicalmente quando o Japão resolveu atacar a frota americana do Pacífico em Pearl Harbor, em dezembro de 1941. Em meia hora, os Estados Unidos perderam 188 aviões e sofreram mais de três mil baixas, fator crucial e decisivo para a entrada na guerra.

A Alemanha e a Itália aproveitam para também decretar guerra à potência americana. O Brasil rompe relações com os países do Eixo:

> A ruptura de relações por parte do Brasil apressou a sua entrada na guerra. De há muito que seus navios efetuavam comércio regular com os países amigos, especialmente com os Estados Unidos, a quem fornecíamos substanciais produtos para a sua economia de guerra, então em fase de surto. Inconformadas com a atitude brasileira, a Alemanha e a Itália desencadearam uma guerra submarina contra a navegação comercial.[253]

Nos rumos que a guerra ia tomando, em conseqüência ao estado beligerante existente entre os países do Eixo e os Estados Unidos, com o rompimento das relações entre eles e as demais repúblicas americanas, os alemães decidem estender sua campanha submarina, que no início dizia respeito apenas às Ilhas Britânicas, às costas do continente americano, com o objetivo de prejudicar o seu comércio exterior. Tal situação acabou provocando graves danos aos navios da Marinha Mercante Brasileira. Entre 14 de fevereiro de 1942 e 23 de outubro de 1943, foram afundados cerca de 31 navios brasileiros, com grande perda de vítimas entre mortos e desaparecidos, no total de 971 pessoas.

O torpedeamento dos navios brasileiros por submarinos alemães e italianos acelerou a entrada do Brasil no conflito. Tais ataques, a maioria em águas nacionais, eram revestidos de grande crueldade por parte dos agressores, em relação aos sobreviventes que estavam na água. Nem todos os atacantes foram devidamente

[252] MCCANN, *op. cit.*, p.151.
[253] MELLO, Newton C. de Andrade. **Conferência**. Causas e conseqüências da participação do Brasil na segunda grande Guerra. Rio de Janeiro: Bibliex, 1958.

identificados. Porém, os processos e inquéritos apontavam para os submarinos nazistas, responsáveis pela maioria dos torpedeamentos, cabendo diminuta parcela aos fascistas.

Das muitas recordações desses tristes episódios, os diários de guerra dos pracinhas brasileiros registraram estas narrativas. O médico e voluntário para a guerra, Alípio Corrêa Neto, muitos anos após estes incidentes, dá o seu depoimento com emoção:

> Quando o Brasil foi obrigado, em 1942, a declarar guerra à Alemanha por causa do afundamento dos navios comerciais nacionais, verificou-se um abalo social em todo o país, como era natural. A guerra obrigava a enormes sacrifícios e pontilha de dúvidas o futuro dos povos. Mesmo quando necessária, é uma atitude de violência, de retrocesso social, prejudicando a evolução desenvolvimentista, mormente das populações ainda faltas desta forma de progresso[254].

No exercício da medicina, o médico Alípio Corrêa Neto, pensava na maneira de como ajudar seus compatriotas, diante da possibilidade de ser organizado o Serviço de Saúde da FEB, idéia que deixou registrada em seu diário:

> Dentro deste pensamento e impelido por esse sentimento, julguei ser obrigação cívica pôr-me à disposição das autoridades. [...] Recebendo a carta na qual eu me candidatava a prestar serviços em qualquer condição, respondeu-me que, se concretizasse a intervenção objetiva do Brasil no teatro de luta, ele me convocaria como voluntário a prestar serviços cirúrgicos à nossa tropa.[255]

Além do médico Alípio Corrêa, outros veteranos em seus livros destacaram os episódios que envolveram o afundamento dos navios brasileiros. Usando um tom mais critico, o veterano José de Oliveira Ramos, destaca o papel da imprensa brasileira nesta fase. São suas as palavras: “Naquela época a imprensa vivia sob o controle absoluto do DIP.” Ramos, reporta-se ao episódio ocorrido com o navio Taubaté,que no dia 22 de março de 1941, foi bombardeado e metralhado por uma avião alemão próximo à ilha do Chipre, durante setenta minutos, embora portasse a identificação da bandeira nacional. Os protestos da Chancelaria Brasileira, na época ficaram sem respostas. Em relação a este incidente, não se percebeu nenhuma repercussão da imprensa brasileira, apenas uma nota muito discreta do

[254] CORREA NETTO, *op. cit.,* p.2.
[255] Ibid., pp 1-2.

DIP foi publicada.Tal situação demonstrou que, se providências fossem tomadas, evitar-se- iam outros desastres e bombardeamentos no mar com perdas de inúmeras perdas de vidas. Na visão de Ramos:

> Praticamente não foram tomadas medidas eficientes para evitar novos torpedeamentos de navios nacionais, em águas estrangeiras, nosso governo, seguindo os impulsos pacíficos do povo, que não desejava a guerra, apenas respondeu confiscando parte dos bens dos súditos do eixo. Os navios continuavam e enfrentar corajosamente o perigo, com desprendimento e fatalismo.[256]

Os alemães estavam sempre inteirados dos movimentos dos navios que navegavam nas costas brasileiras. Nas primeiras semanas de agosto de 1943, comboios carregados de carros de combate *Sherman,* destinados às tropas que combatiam na África, faziam escala em Recife. Portanto, pode-se concluir a respeito do interesse dos alemães não somente por esses navios, mas também pelos navios que transportavam material que seria usado na guerra pelos americanos.

Os episódios referentes a esses ataques estão também nos apontamentos do sargento José Alves da Silva, na sua avaliação do dramático acontecimento que resultaria na declaração de guerra aos países do Eixo.

> Enquanto lutava no comércio, em 1942, nossos navios mercantes metodicamente iam sendo afundados, com perda de milhares de vidas preciosas. O povo vivia inquieto, pedindo aos brados uma providência imediata. Nossa diminuta frota de guerra e os poucos aviões da recém criada FAB eram impotentes para patrulhar o vasto Atlântico Sul. Na última semana do trágico mês de agosto de 1942, em uma só noite em nossas águas, nas costas da Bahia e de Sergipe, foram torpedeados de uma só vez, por submarinos do Eixo, cinco navios de cabotagem conduzindo mais de um milhar de passageiros compostos de homens, mulheres e crianças, apesar dos navios se encontrarem bastante iluminados, com a Bandeira do Brasil pintada nos lados em tamanho grande, muito bem visível.[257]

Na opinião de José Alves, tal situação era uma afronta demais e o ordeiro povo brasileiro, pois do norte a sul e de leste a oeste, as pessoas mostravam sua ira com veemência, exigindo que governo declarasse guerra aos países do Eixo: O povo praticamente não dormia, fazendo passeatas noite e dia com profundo clamor pedia vingança.[258]

---

[256] RAMOS, José de Oliveira. **A Epopéia dos Apeninos**. Rio de Janeiro: Gráfica Laemmert, 1947, p.23.
[257] SILVA, José Alves da, *op. cit.,* p. 23.
[258] Id.

Também o tenente Raul da Cruz, que participou da guerra juntamente com o 9º Batalhão de Engenharia da FEB, o primeiro a entrar em linha no território italiano, na difícil missão de abrir estradas e reconstruir pontes, recorda esse passado das vítimas brasileiras que pereceram na campanha dos submarinos do eixo em águas territoriais brasileiras.

> A idéia inicial era enviar ao teatro de operações europeu um corpo do Exército Brasileiro composto de três divisões de infantaria. Era o resultado dos conciliábulos de Washington entre as autoridades brasileiras e americanas, visando à nossa contribuição humana. Os que assim agiam não meditavam sobre a realidade de uma mobilização naquelas circunstâncias, sem ao menos uma preparação psicológica, apesar do pesado tributo já pago com o torpedeamento dos barcos brasileiros.[259]

As criticas dos combatentes brasileiros em relação a estes desastres que vinham ocorrendo, eram atribuídos ao fraco desempenho da política interna e externa do governo Getúlio Vargas, como afirmou o combatente Oliveira Ramos:

> [...] os métodos de sua política interna, manhosos e indecisos, à procura sempre de uma corrente mais forte para seguir.[...] chefe de um governo que se dizia democrático, mas na realidade era de francas tendências nazi-fascistas, criador do Estado Novo, que nunca chegou a ser claramente explicado, mas inegavelmente era totalitário. Getulio Vargas, não oferecia ao povo brasileiro um ambiente psicológico favorável a uma reação mais rápida e intensa contra o Eixo.[260]

Diante do clamor público, segundo alguns, a campanha a favor da guerra cresceu nas ruas com as diversas representatividades acenando bandeiras brasileiras e americanas. No dia 18 de agosto de 1942, a população invade as salas dos jornais Pró- Eixo, como *Eixo Meio Dia* e *Gazeta de Notícias. As* cenas descritas a seguir foram descritas no *Brazil*: *The New Ally*, no dia 5 de novembro de 1942.

> Mais tarde, naquele mesmo dia, deslocaram-se, céleres, sob as palmeiras da rua Paissandu até o Palácio Guanabara, onde milhares de vozes exigiam 'O presidente!' e bradavam em ameaça 'Queremos a Guerra!' Vargas apareceu numa janela apoiado no braço da esposa. Lá embaixo, até onde a vista conseguia atingir, seus concidadãos, as mãos erguidas com o sinal da vitória, clamavam por guerra. Disse a eles que lhes entendia a ira; que o governo tomaria os navios e propriedades alemãs e daria aos quinta-colunas, espiões e outros traidores pás e picaretas e os mandaria para o

[259] LIMA JUNIOR, Raul da Cruz. **Quebra Canela**: a Engenharia Brasileira na Campanha da Itália. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1962.
[260] RAMOS, José de Oliveira. **A Epopéia dos Apeninos**. Rio de Janeiro: Gráfica Laemmert, 1947, p. 27.

> interior para abrir estradas. As multidões se deslocaram para outras partes da cidade, alguns grupos, defendendo a imediata declaração de guerra, faziam manifestações em frente ao Itamaraty e à Embaixada Americana.[261]

Os fatos mostram que o clamor público momentâneo que se manifestou na seqüência do torpedeamento dos navios brasileiros, segundo a opinião dos próprios combatentes, foi passageiro. Não havia entre os brasileiros um clima favorável à participação brasileira em uma guerra externa ao território nacional. Neste aspecto, é possível conjeturar: Este não seria um fator a ser considerado como preponderante ao esquecimento e o não registro desta memória da guerra pela população brasileira? Verificada as devidas proporções, tal memória se mostra diferente pelos habitantes italianos no pós guerra, que reverenciam a memória de guerra, com muita ênfase, nos locais onde os fatos ocorreram. No ato de recordar, os brasileiros são lembrados pelas inúmeras placas e monumentos lá construídos.[262]

No final de agosto de 1942, o presidente Getúlio Vargas baixou um decreto declarando o estado de guerra em todo o território brasileiro; desse modo, ampliando o poder do governo. Em 16 de setembro do mesmo ano, foi determinada a mobilização geral e Góes Monteiro, chefe do Estado Maior do Exército, tinha intenção de convocar 2 milhões de homens e enviar ao exterior uma força expedicionária brasileira. Dos Estados Unidos chegavam constantemente boletins enviados pelo general Leitão de Carvalho, que havia sido enviado para servir na comissão Conjunta de Defesa Brasil-Estados Unidos.

Há que se levar em consideração os interesses particulares dos que buscavam exercer um papel mais ativo na guerra. Segundo alguns estudiosos, para Getúlio Vargas, o envolvimento do Brasil nesta guerra poderia assegurar um tempo para a reestruturação do seu governo, enquanto a população era distraída pelas ocorrências militares. Para os grupos democratas, a ida do Brasil para a guerra significava a luta contra o nazi-fascismo e, por conseqüência, restaurava a democracia no Brasil. Para as Forças Armadas, participar diretamente do conflito significava estar diante de técnicas modernas de combate, além de projeção internacional. Outro fator significativo era também estar à frente de outras forças sul-americanas.

---

[261] MCCANN, *op. cit.,* p.230.
[262] RIGONI, Carmen Lúcia. **Monumentos brasileiros na Itália, honra e glória aos veteranos da FEB.** Curitiba: Torre de Papel, 2005.

Na avaliação que se faz deste período, destaca-se que ele marcou profundamente a posição brasileira em relação à sua política externa. A aproximação do Brasil em relação aos Estados Unidos ainda era ressentida por germanófilos no alto Comando do Exército, como os generais Eurico Gaspar Dutra e Góes Monteiro. Esses eram admiradores da máquina de guerra alemã, mas, diante de uma posição mais expressiva pró-aliados por parte de um segmento da população, pesava muito, em qualquer situação, qualquer ato ou manifesto de apoio à Alemanha.

Mantinham esses militares, muitas reservas em relação aos Estados Unidos, que já tinham suas bases aéreas localizadas no nordeste brasileiro. Tampouco confiavam nos ingleses que haviam durante longo tempo dominado o mundo luso-brasileiro. As Forças Armadas Brasileiras tinham consciência da fragilidade material do Exército Brasileiro. Pesava nas ações a serem direcionadas nesta guerra a possibilidade de o Nordeste Brasileiro ser invadido pelos alemães, e, como se esta situação não bastasse, outras tantas povoavam as preocupações do comando do exército, e não podem ser consideradas apenas situações fantasiosas.

> O que preocupava os generais era a fantasia de desembarques do Eixo em Santa Catarina, onde milhares de imigrantes alemães e italianos de discutível lealdade poderiam inchar os efetivos do invasor e mergulhar o Brasil numa guerra interna.Tal situação daria à Argentina oportunidade de atacar, abrindo, dessa forma, uma nova frente no conflito mundial. Esta visão não era muito convincente para os oficiais aliados envolvidos na guerra convencional, mas o Estado Maior geral brasileiro tinha sido formado em rebeliões, guerra civil e campanhas de guerrilha. Seus temores não se baseavam nos acontecimentos da Europa e Norte da África, mas se originavam na realidade da História brasileira.[263]

Por outro lado, um grupo de militares recém-concludentes da Escola de Estado-Maior do Exército estava interessado em se alinhar aos Estados Unidos na guerra que tomava vulto. Pesava nessa decisão a questão dos ataques de submarinos alemães aos navios mercantes brasileiros, em que parentes e amigos haviam sido mortos. Na seqüência dos acontecimentos, a pressão por uma participação mais ativa do Brasil nesta guerra aumentou a partir do momento em que já se articulava uma invasão aliada ao norte da África.

Não havia unanimidade nos posicionamentos pró-guerra, neste caso, os americanófobos implicavam com a cessão de bases aéreas e propagavam o perigo

[263] MCCANN, *op. cit.,* p.273.

dos americanos permanecerem no território brasileiro. Esquecendo do torpedeamento dos navios brasileiros, como diz Oliveira Ramos e outros motivos consideráveis que exigiriam uma postura mais firme do governo diante do eixo, por obra ou não do quinta - colunismo[264], se dizia abertamente: "Espalhavam a idéia de que íamos nos sacrificar para defender ingleses e americanos, de que nada tínhamos a ver coma guerra e devíamos continuar neutros como a Argentina, enfim argumentos desfavoráveis à nossa mobilização moral e material"[265] Tal versão seria usada mais tarde, pelas tropas alemãs que combateram os brasileiros na Linha Gótica. Foi engendrada toda uma guerra de panfletagem, arremessada pelos morteiros da artilharia alemã nos vales dos Apeninos, em direção às tropas brasileiras, incitando também os soldados à deserção.

Juntava-se a esse estado de coisas a diminuta opinião da imprensa brasileira, que buscava influenciar a opinião pública, como fez o Correio da Manhã em seu editorial: "o que os nossos aliados norte-americanos estão fazendo", situação também abarcada pelo Diário Carioca, mostrando a insatisfação com a postura passiva do Brasil.[266]Tal situação muda radicalmente, a partir do momento da saída dos soldados brasileiros para a guerra, quando a imprensa brasileira, capitaneada pelo DIP, atendendo a interesses particulares do próprio governo, divulga suas interpretações de fatos muito antes do Brasil dar o primeiro tiro.

Das negociações entre brasileiros e norte-americanos sobre o envio de oficiais de ligação ou observadores para avaliar a guerra que já vinha ocorrendo, o Exército norte-americano estava inclinado a aceitar os últimos. O Departamento de Estado norte-americano estava interessado em tratar "nossos amigos brasileiros como se estivessem na guerra, já que eles ficam de frente para aquela parte da África."[267]

Getúlio Vargas tinha o desejo de enviar tropas brasileiras para lutar no norte da África, mas o parecer do Exército Americano foi contrário ao emprego dessas forças, por diversas situações: O Exército Brasileiro não dispunha de transporte,

---

[264] N.A.: O quintacolunismo foi visto no Brasil, por uma parcela significativa da população e os ex-combatentes, como uma ação promovida pelos germanófilos interessados em desestabilizar o governo e a FEB em suas ações, e neste aspecto provocando inúmeros incidentes.
[265] RAMOS, José de Oliveira. **A Epopéia dos Apeninos**. Rio de Janeiro: Gráfica Laemmert, 1947, p.29.
[266] CORREIO DA MANHÃ, Rio de Janeiro, 23 de dezembro de 1942. DIÁRIO CARIOCA, 24 de dezembro de 1942. *In:* MCCANN, *op. cit.,* p. 274.
[267] Ibid., p. 275.

pessoal e equipamentos necessários para atuar naquela região. Para os brasileiros, a participação da campanha ao norte da África junto a outras tropas aliadas, significava, além da projeção internacional tão esperada, certa tranqüilidade em relação a uma pretensa invasão do Nordeste brasileiro. A Campanha da África vinha fluindo com normalidade e os americanos precisavam fazer um balanço mais aprofundado das questões que envolviam a aliança Brasil-Estados Unidos.

Independentemente das decisões tomadas, Getúlio Vargas participou do encontro com o presidente Franklin D. Roosevelt em janeiro de 1943, levando consigo o plano de guerra de participação brasileira. Esse documento havia sido estudado pelos militares e revisado pelo ministro das relações exteriores, Osvaldo Aranha, homem de confiança do presidente brasileiro. Ainda em maio de 1943, o general J. Garesche, delegado norte-americano da comissão mista Brasil-Estados Unidos, e Leitão de Carvalho chegavam ao Brasil para acertar os detalhes do emprego da força brasileira na guerra junto dos aliados. Nesse meio tempo, as tropas do Eixo se renderam ao norte da África, o que eliminava a idéia de os brasileiros combaterem no norte deste continente. Mas para os expedicionários embarcados nos diversos escalões rumo à Itália, tal situação nunca fora esclarecida, segundo muitos, pelo próprio sigilo que os destinos da guerra conduziam.

3.2 ALIANÇAS E INCERTEZAS: O BRASIL PREPARA A FORÇA EXPEDICIONÁRIA BRASILEIRA

É necessário mostrar o papel da organização da Força Expedicionária em relação aos momentos políticos vivenciados pelo país, seja na política externa que envolvia uma série de alianças, seja na questão da guerra que já ocorria na Europa desde 1939. Por força dos acordos que aproximavam o Brasil e os Estados Unidos, foram organizadas duas comissões mistas, uma em Washington, chefiada pelo general Estevão Leitão de Carvalho e outra no Rio de Janeiro, pelo general norte-americano J. Garesche, com o objetivo de conseguir apoio do Brasil e participação de sua força militar na guerra.

Leitão de Carvalho[268], tanto em seu livro, como na correspondência que se obteve de seus arquivos, já evidenciados em outras pesquisas, expõe com clareza de propósitos os percalços enfrentados por ele e pela comissão americana, em relação à postura dos governantes brasileiros, que dificultavam as negociações. Carvalho fazia menção aos mandatários do poder, entre os quais o presidente Getúlio Vargas, o ministro da Guerra Eurico Gaspar Dutra e o chefe de Estado Maior do Exército, Góis Monteiro.

Segundo Carvalho, havia muitos germanófilos[269] também nas próprias fileiras do Exército e simpatizantes. Em situação delicada ficava o chefe da comissão mista brasileira, no diálogo que era obrigado a encetar entre esses grupos com os mais diversos interesses. Na política de bastidores, podia contar apenas com o ministro das relações exteriores, Osvaldo Aranha. Em meio a toda essa situação preocupante, pairava no ar a possibilidade de as forças do eixo invadirem o Brasil. No memorando da delegação brasileira "Princípios a aplicar na elaboração dos planos em defesa mútua", de autoria do próprio chefe da delegação brasileira, em sua exposição de motivos, é possível verificar momentos críticos que a guerra proporcionava:

> Acresce que, devido ao pequeno efetivo do Exército Brasileiro, que em tempo de paz possui apenas seis Divisões de Infantaria e três de Cavalaria, com poucos elementos reais, não seria possível dividir as forças de terra em dois agrupamentos capazes de enfrentar com êxito uma situação de guerra

[268] CARVALHO, Estevão Leitão. **A Serviço do Brasil na Segunda Guerra Mundial.** Rio de Janeiro: A Noite, 1952.

[269] N.A.: A palavra germanófilo (que ou aquele que é amigo ou admirador da Alemanha e dos alemães) é encontrada em quase toda a literatura que retrata a FEB. Muitos veteranos usam o termo 5ª coluna, para indicar os pró-nazistas que boicotaram a FEB mesmo antes da partida para a Itália. Como germanófilo ainda encontramos os que eram adeptos às idéias de Hitler. Cordeiro de Farias, comandante da artilharia da FEB, em depoimento ao CPDOC, diz não proceder a idéia de que os boicotes iniciais na formação da FEB tenham partido de Getúlio Vargas e Góes Monteiro por serem germanófilos. Defende o presidente dizendo que este jamais ligou-se à causa alemã, pois a sua formação era mais francesa, mas Getúlio era presidente de um país fraco e a Alemanha estava ganhando a guerra e que o objetivo maior era salvaguardar a posição do Brasil. Quanto a Góes Monteiro, o autor não esclarece, mas o documento nº 3 anexo à obra com o título "*Attitude of Brazilian Chief of Sataff Góis Monteiro and Federal Interventor Cordeiro de Farias. Towards Nazis*", mostra que o próprio Cordeiro foi alvo de investigação americana. Na mesma visão de Cordeiro, muitos receberam a pecha de germanófilos apenas por admirarem a Alemanha. CAMARGO, Aspásia; GOES, Walder de, *apud* FARIAS, *op. cit.,* p. 305-306.

> em teatros de operações tão afastados, isto é, no Norte e no Sul, ao mesmo tempo: o Exército Brasileiro seria por demais fraco em ambas as regiões.[270]

Na avaliação dos participantes da campanha da Itália, sobre a questão dos germanófilos dentro do exército brasileiro, encontra-se, no depoimento de Meira Matos, comandante da 2ª companhia do 1º Regimento de Infantaria da FEB, a seguinte observação: "Havia militares de alta patente que eram simpatizantes da Alemanha, admiravam o militarismo alemão. Talvez não admirassem o sistema político, mas, por admiração ao Exército, achavam que a Alemanha ia ganhar a guerra. A tropa que lá estava vinha lutando pelo menos desde 1942"[271]

Ao destacar a experiência dos soldados alemães, Meira Mattos cita os comandantes que estiveram mais tarde em contato com a FEB, na Itália:

> Havia o Exército americano do general Mark Clark, e o VIII Exército Inglês de Montogomery, enquadrados pelo XV Grupos de Exércitos, comandados pelo general Harold Alexander. Eram veteranos de três anos de guerra e nós chegávamos (Itália) completamente recrutas. Nosso último conflito havia sido a guerra do Paraguai, que terminou em 1869. Não se pode exigir que uma tropa recém-chegada a um teatro de operação faça tudo certo. Aprende-se muito durante a campanha na guerra.[272]

Essa foi a grande preocupação não apenas de Mattos, mas de outros comandantes e dos soldados brasileiros, na avaliação que faziam não somente dos inimigos que deveriam enfrentar, mas dos próprios aliados, que julgavam muito mais preparados para a guerra.

As bases americanas já haviam sido instaladas em Natal e no Recife, e se constituíam em pontos estratégicos de defesa para americanos do norte e do sul. Do contraste entre os defensores pró-americanos ou germânicos nasce a Força Expedicionária Brasileira no dia 9 de agosto de 1943, da qual Estevão Leitão foi um dos mentores mais aguerridos.

No dia 7 de outubro deste mesmo ano, era designado o general João Batista Mascarenhas de Moraes para comandar a 1ª Divisão de Infantaria, parte do Corpo Expedicionário que seria enviado ao *front* europeu.

---

[270] CARVALHO, Estevão Leitão. Memorando da delegação brasileira, escrito por Gen. Estevão Leitão de Carvalho, Washinton DC, 22 de dezembro de 1942. **Relatório da Comissão Mista Brasil Estados Unidos.** Museu do Expedicionário, Curitiba, Paraná, 1942.
[271] MATTOS, Meira. **Entrevista.** História Oral do Exército. Rio de Janeiro, 22 de fevereiro de 2000, p. 69-70.
[272] Id.

O General Mascarenhas de Moraes era um oficial respeitado entre seus pares. Era dotado de um caráter enérgico e austero, por vezes inflexível nas suas atitudes, sem, entretanto, ser intransigente. Possuía vários cursos e, antes da guerra, já havia feito um estágio no Exército norte-americano, onde teve contato com a organização, meios e processos de emprego da instituição nos planejamentos para a guerra.

Para compor a FEB como um todo, contava o general Mascarenhas com três generais que o secundavam no comando, dentre os quais destacam-se: Olympio Falconiere da Cunha, Euclides Zenóbio da Costa e Osvaldo Cordeiro de Farias, respectivamente Inspetor Geral e Comandantes da Infantaria e Artilharia Divisionárias. Os quadros da FEB aos poucos vão sendo completados, com a indicação de oficiais para o Estado Maior, muitos conceituados instrutores da Escola do Estado Maior do Exército, ex-discípulos da Missão Militar Francesa.

Para o preenchimento das funções de Comandante de subunidades das armas, comissionaram-se, nos postos de capitão, centenas de jovens, primeiros tenentes das turmas de 1936 e 1937, dado o envelhecimento dos quadros de capitães de então. Era notória a falta de experiência desses jovens em suas novas funções, embora em sua maioria houvessem freqüentado curso de especialização tanto no Brasil como no exterior, fator que acabou por levar tais jovens à certa inoperância nos momentos delicados quando a campanha tornou-se mais árdua durante alguns ataques inimigos.

Segundo Manoel Castello Branco, tenente coronel na época da guerra, outro fator que provocou desgaste no comando durante períodos críticos dos embates foi o rodízio excessivo de chefes nos diversos segmentos da FEB, provocado por uma série de motivos, dentre as quais se destacam as baixas hospitalares e as readaptações aos comandos dos oficiais que haviam sido feridos em combate, por acidentes diversos, doenças e exaustão.[273]

A contingência de realizar uma campanha externa, uma guerra estranha ao seu povo, com unidades totalmente diferentes no Exército Brasileiro e de uma doutrina aqui não praticada, acabou por provocar duros impactos entre comando e comandados. Os esforços para organizar a FEB exigiram força redobrada dos planejadores.

---

[273] BRANCO, *op. cit.,* p.133.

A princípio, havia a necessidade de serem preenchidas as inúmeras funções especializadas existentes nos novos quadros da organização. Como os armamentos conhecidos eram apenas as metralhadoras *Madsen* e *Hotkiss*, os fuzis de modelo 1895 e 1908, os canhões *Scheneider* e *Krupp*, os equipamentos de engenharia e de comunicações e os apetrechos de um modo geral, de origem alemã, francesa e nacional, dificultavam a adaptação dos soldados brasileiros ao material de procedência norte-americana.

Nas unidades do Exército Brasileiro, não existiam, antes da guerra, aparelhos telegráficos, teletipos, criptógrafos, detetores de minas, *buldozers,* que passaram a ser manuseados por homens oriundos da zona rural brasileira, sem nenhuma experiência, fator que acabou por gerar grandes dificuldades para os instrutores, obrigando os organizadores a buscar nos militares que se encontravam na reserva ou entre os recém matriculados nas escolas de instrução a mão de obra a ser habilitada convenientemente.

> Em geral, as necessidades da FEB superaram, em espécie, as possibilidades dos contingentes convocados, de modo que o preenchimento de determinados claros tornou-se premente. A solução encontrada foi submeter oficiais e praças a intensos períodos de instrução especializada, de modo a habilitá-los às vagas existentes. Essa medida apresentou ótimos resultados, conquanto muitas funções tenham sido preenchidas, apenas, por curiosos e entusiastas.[274]

O depoimento do Marechal Cordeiro de Farias, um dos comandantes da FEB na Itália e figura proeminente no Exército, mesmo depois da guerra, constituiu um documento importante para os estudiosos da FEB. Grande e respeitado articulador, era sempre consultado para dar seu parecer, o que explica a sua aproximação e participação na política de bastidores que envolviam pessoas do governo como o próprio presidente Getúlio Vargas, o ministro da Guerra Eurico Gaspar Dutra, o chefe do estado maior do exército Góis Monteiro e o ministro das relações exteriores Oswaldo Aranha, de quem era amigo pessoal. Desses personagens políticos e militares emerge a história da FEB e as dificuldades de se preparar o Brasil para a guerra.

Quando assumiu o comando da Artilharia, Cordeiro de Farias teve noção das grandes dificuldades encontradas pelo próprio Mascarenhas na composição do

[274] BRANCO, *op. cit.,* p.136-141.

efetivo da FEB, segundo suas observações,

> [...] em relação à Divisão de Infantaria integrada basicamente em três regimentos. Em condições normais, no Brasil, um regimento de infantaria tem um efetivo de mil homens. No entanto, os regimentos organizados para lutar na Itália tinham cerca de 3.300 homens cada um, o que criou problemas bem complexos.[275]

Os problemas manifestados por Cordeiro de Farias diziam respeito à organização dos quadros da FEB, pois faltavam soldados experimentados e técnicos para as diversas armas. Por que não contar com as Divisões já existentes? Estas não estariam prontas para qualquer enfrentamento, em reduzido espaço de treinamento? Assim como outros segmentos da FEB, Cordeiro de Farias esbarrava na resolução ministerial que proibia este reaproveitamento. A resolução de não serem aproveitadas as Divisões já existentes nos quadros do Exército e enviá-las à guerra, procedia de um problema de segurança nacional, pois pesava no ar a questão da possibilidade de uma invasão ao território brasileiro, embora muitos achassem que a resolução era meramente política.[276]

Era necessária uma nova organização, a FEB seria um novo Exército e teria de atender às premissas do aliado norte-americano. Seria deixada para trás toda uma filosofia militar francesa que imperou nas academias militares brasileiras por mais de 60 anos. Da guerra das trincheiras, passava-se para a guerra moderna do movimento. A FEB foi organizada pela junção das unidades militares aquarteladas em São Paulo, Minas Gerais e Mato Grosso. Com o tempo, esperava-se organizar mais duas divisões que seriam constituídas de elementos do Nordeste e do Sul.[277]

---

[275] CAMARGO, Aspásia; GOÉS, Walder. Cordeiro de Farias. **Revista de Ciências Sociais,** Rio de Janeiro, FGV,1981, p. 296.

[276] O general Leitão de Carvalho, chefe da delegação brasileira (Comissão Mista) em carta enviada ao ministro das Relações Exteriores explica sobre a aprovação da Recomendação nº 14, que dispunha sobre a proteção do norte e nordeste. Com o desenrolar dos acontecimentos da guerra e a ocupação do norte e nordeste da África pelas tropas aliadas, achava a comissão americana desnecessário manter a referida resolução, sugerindo que se eliminasse o termo "defesa contra ataques do eixo transformando as emendas ali contidas como "caráter de preparativos para pôr as forças brasileiras em condições de tomar parte, com os aliados, da ofensiva contra os exércitos do eixo". Para os americanos não havia ameaça nenhuma para a região. Como articulador, Leitão introduz mudanças no documento para satisfazer a delegação americana, mas mantém partes importantes do documento, no sentido de salvaguardar os interesses do país, reafirmando os itens principais que diziam respeito ao fornecimento de material para as tropas do nordeste pelo governo dos Estados Unidos. CARVALHO, Leitão de. Carta do gen. Leitão de Carvalho ao ministro das Relações Exteriores Oswaldo Aranha. Rio de janeiro, 27 de janeiro de 1943. Correspondência do chefe da Delegação, **Arquivo do Museu do Expedicionário**, Curitiba, Paraná, 1943.

[277] COSTA, Otávio. **Trinta Anos depois da Volta.** Rio de Janeiro: Expressão e Cultura, 1977.

3.3 OS BRASILEIROS VÃO À GUERRA, MAS ONDE É A LUTA?

> E agora José?
> [...]
> Você marcha, José.
> José, para onde?[278]

A guerra na Europa acabou por dar uma nova feição às relações exteriores do Brasil, na análise do brasilianista Mccann. Se a Alemanha vitoriosa se confrontasse com um Estados Unidos débil ou neutro em relação ao hemisfério ocidental, o Brasil ficaria à mercê do *Reich*. Diante dessa força poderosa que arrasava a Europa, a situação estratégica brasileira apontava para uma neutralidade também definida. Havia, da parte brasileira, uma dúvida em relação à Argentina, até então neutra, mas uma ameaça constante às nossas fronteiras no sul do Brasil, embora a preocupação norte-americana dissesse respeito à vulnerabilidade do Nordeste brasileiro, suscetível a uma invasão a qualquer tempo.

Embora Getúlio Vargas se mantivesse no poder sob os auspícios das Forças Armadas, o Exército desaparelhado não tinha condições de vistoriar milhares de quilômetros das costas do Brasil.

> Por bons motivos, as autoridades brasileiras manobraram durante os meses de 1940 para aumentar o seu poder de barganha tanto com a Alemanha quanto com os Estados Unidos, na expectativa de escolherem um curso de ação que as colocasse no lado certo, pouco importando quem ganhasse a guerra.[279]

Dentre tantos outros objetivos em relação à sua política internacional e militar, os Estados Unidos da América, de 1938 a dezembro de 1941, buscaram evitar o estabelecimento de bases do Eixo no Continente. O rápido aperfeiçoamento da aviação nos anos 30 tornou viável o procedimento de vigiar a costa norte-americana e mais tarde a própria América do Sul. A ponta nordeste do Brasil, mais perto da África Ocidental Francesa, era o ponto do continente vulnerável aos ataques aéreos em grande escala ou a invasões.

Com a invasão da França, em 17 de junho de 1940, os nazistas dominavam toda a Europa Continental. Por outro lado, Mussolini e os fascistas progrediam

---

[278] ANDRADE, Carlos Drummond de. **Reunião Drummond**. Rio de Janeiro, 1969, p.70.
[279] MCCANN, *op. cit.,* p.147.

também em suas conquistas em grande parte do território africano. A Inglaterra, isolada em suas ilhas, era submetida a um intenso ataque aéreo e, na América, os Estados Unidos precisavam garantir a defesa do seu flanco sul, ou seja, o Nordeste Brasileiro. "Obedecendo às ordens de Franklin D. Roosevelt, o Departamento de guerra dos Estados Unidos preparou um plano denominado *Pot of Gold,*" que previa o envio de 100 mil homens para a área. Não houve concordância e os nossos chefes militares declararam que só necessitavam de material para defender o seu território. "[...] a ocupação seria feita à força, a despeito da concordância do governo brasileiro."[280]

> Depois de *Pearl Harbor*, a mentalidade de segurança naturalmente aumentou e Vargas acedeu à solicitação de Roosevelt de que o Brasil permitisse fuzileiros navais uniformizados estacionados em Belém, Natal e Recife. Sem chegar a surpreender, houve uma considerável oposição a essa ação dentre os oficiais brasileiros, notadamente o general João Batista Mascarenhas de Moraes, comandante da Região Militar do Nordeste, mais tarde comandante da FEB na Itália e do brigadeiro Eduardo Gomes comandante da Força Aérea Regional. O ministro do exterior, Oswaldo Aranha, era igualmente contrário à admissão de estrangeiros armados, mas aceitou, em principio, a necessidade de os americanos trazerem pessoal dos serviços para operar a rota de transportes que se desenvolvia até a África.[281]

A conquista da Sicília foi o trampolim que permitiu a entrada dos aliados no território italiano, além de fornecer os ensinamentos necessários relativos ao desembarque no continente. Neste momento, as forças armadas eram constituídas por dois exércitos, a saber: o 8º Exército britânico, sob o comando do general Montgomery, já muito experiente pela própria campanha da África, especialmente em *Alamein* e na Tunísia e o 5º Exército anglo-americano sob o comando do general Mark Clark, cujo preparatório para o desembarque no Norte da África, a 8 de novembro de 1942, e no decurso da campanha da Tunísia, sob o comando de Eisenhower, mostrara ser um grupo colaborador e com experiência.

O plano engendrado pelos aliados na conquista e ocupação do território aliado foi considerado simples pelos especialistas: consistia em usar o poderio proporcionado pela tática dos combates aéreos e marítimos. Um desembarque na Calábria e seu entorno, ao longo da costa italiana, com desembarques simultâneos

---

[280] MORGADO, Sergio Roberto Dentino. **A II Guerra Mundial**: O Brasil e Monte Castello. Por quê? Como? Pra quê? Memória do Exército Brasileiro e do Jornal do Brasil. São Paulo: Bibliex, 2005.
[281] MCCANN, *op. cit.,* p.176-192.

em Taranto e Salerno, próximo de Nápoles. Temia-se, por outro lado, pelo próprio terreno a ser percorrido, no sentido norte da bota, visto que o material pesado a ser transportado esbarrava seriamente na topografia montanhosa.

Diante desse quadro, além dos desastres provocados pelas tropas alemãs, buscavam os aliados minimizar o sacrifício da população italiana, aquela que permaneceu na zona de conflito e não se retirou.

Na madrugada de 3 de setembro de 1942, uma grande quantidade de barcaças de desembarque atravessou as águas que separam a Sicília da Calábria. Dois dias depois, os atacantes tinham feito milhares de prisioneiros, o estreito de *Messina* estava completamente livre para a realização de novos desembarques, como o ocorrido na baía de *Salerno*, o que poderia definir vantagens para os aliados atingirem com êxito e progresso as linhas demarcadas do Ocidente para o Oriente, cortando transversalmente o território italiano, na tentativa de impedir a saída dos alemães pelo sul.

No dia 16 de setembro, ocorre, basicamente, a junção das forças do 8º Exército britânico com o 5º Exército Americano. Diante dessa situação, cai a defesa alemã e o comandante supremo das forças alemãs em território italiano, o marechal Albert *Kesselring*, decreta a retirada de suas tropas, um êxito para as tropas aliadas que em 11 dias conseguiram avançar cerca de trezentos quilômetros em território inimigo. O caminho para Roma estava aberto, e tornava-se a sua conquista e manutenção, pelas forças beligerantes, uma estratégia militar de grande significação política. A situação de Roma era delicada, visto que a tropa de ocupação alemã havia sufocado todo o tipo de revolta levada a cabo pela população, com prisões, fuzilamentos e outros atos de força no sentido de inibir os cidadãos.

Nápoles também, situada no meio do caminho desses exércitos, aproveitando a presença aliada no sul e a libertação da *Calábria*, *Sicília* e *Salerno*, promoveu, com seus voluntários, um levantamento popular, aguerrida e sofrida, fortemente reprimida com violência pela tropa de ocupação. Quando os aliados entraram na cidade, seu estado era deplorável.

> Os bairros situados nas proximidades do mar, incluindo as docas e o arsenal, tinham sido praticamente destruídos pelos bombardeamentos da aviação anglo-americana. Nos outros, os alemães haviam se encarregado

> de fazer terríveis devastações para infligir um castigo exemplar à população e para dificultar o avanço aliado em direção a Roma.[282]

Das ruas principais de Nápoles e de seus belos casarios históricos ligados à história romana e ao período medieval, pouco restou. Os principais edifícios particulares, instalações de serviços públicos, fábricas de gás e eletricidade, depósitos de água, tudo fora reduzido a ruínas. As comemorações encetadas pela população em relação ao armistício constituíram um pretexto para que os sapadores alemães fizessem ir pelos ares, como medida preventiva ou punitiva, as mais lindas residências particulares da cidade. Esta ficara à mercê dos meios de vida mais elementares, não havia água, nem gás, nem eletricidade, e a população vagueava no meio das ruínas. Em pouco tempo, a situação sanitária da população era calamitosa, sob o perigo eminente do aparecimento de graves epidemias. A fome atingiu todos os lares. Este era o quadro da cidade por ocasião do desembarque da tropa brasileira em agosto de 1944, na primeira visão do que seria a guerra a ser enfrentada em terra estrangeira.

Antes de abandonarem a cidade, no dia 12 de outubro de 1943, os alemães, em ato punitivo, dirigiram-se ao edifício da Universidade de Nápoles, anunciaram ao respectivo reitor que pretendiam lançar fogo, como represália pela participação ativa dos estudantes durante as manifestações desenroladas na cidade. Junto do edifício, perdeu a cidade, e toda a Itália, uma das mais completas bibliotecas européias, a biblioteca da Real Sociedade de Nápoles, que lá se encontrava instalada. Há que se registrar, neste tempo, a perda irreparável de ilustres personagens, ligados à história e à intelectualidade local.

Depois da ocupação de Roma, a campanha aliada em território italiano durante os meses de Novembro e Dezembro de 1943, em função do clima e do outono chuvoso, seguido do inverno rigoroso ocorrido neste tempo, veio frear a seqüência estabelecida pelos estrategistas na posição de cercear as tropas alemãs ao norte da Itália. Havia ainda outras preocupações, talvez mais absorventes: o grande pensamento concentrava-se, agora, nos preparativos para o grande desembarque no Ocidente da Europa, que acabou por ocorrer poucos meses depois. Tal solução dizia respeito a acelerar o desencadeamento desta guerra que poderia se estender por muitos meses e não era de interesse dos aliados. Tal fato

[282] HISTÓRIA DA GUERRA. Fasciculo n. 33, Cap. LXXII, Lisboa, Editorial Século, 1957.

tem particular interesse para essa pesquisa, pois os rumos tomados pela guerra nesta fase, acabaram por imprimir decisões do 5º Exército Americano em relação às forças militares que não poderiam mais atuar apenas como reserva, mas no enfrentamento direto dos seus homens com o inimigo.

As notícias sobre a guerra que acontecia na frente russa e na África, aqui no Brasil chegavam por intermédio dos boletins do *British News Servic.* É interessante, segundo os especialistas, a avaliação de um desses comunicados, que tratava da batalha aérea da Grã-Bretanha e da guerra de informações prestadas pelos serviços de comunicação, tanto ingleses como alemães, no sentido de entender como era vista em território brasileiro a engenhosa máquina de guerra alemã.

> Dada a natureza da guerra nos ares, as fantasias alemãs eram dificilmente verificáveis pelos observadores não envolvidos nos acontecimentos, e só pelos resultados se tornou possível julgar o que efetivamente se passara.[...] no caso das operações terrestres, essa verificação é mais fácil através dos inúmeros indícios que os combatentes fornecem.[...] Ainda em pleno curso da ofensiva alemã do ano passado, as fontes oficiais do *Reich* anunciaram que o exército russo tinha deixado de existir como força combatente. E essa tendência a prestar informações de vitórias esmagadoras, quando os resultados reais eram muito mais modestos ou francamente desfavoráveis, voltou a se pronunciar agora nas batalhas de *Kerch* e de *Karkov.*[283]

Os acontecimentos que ocorreram na Itália durante o outono e o inverno de 1943, seguidos da queda do fascismo e a capitulação da Itália, levaram os aliados às portas de Roma. Essas operações constituíram, pode-se dizer, num prólogo da invasão da península italiana iniciada no dia 3 de setembro de 1943. São eventos que, em suas decorrências, dizem respeito à ida dos brasileiros para combater em território italiano.

A presença aliada no território italiano prosseguiu ininterruptamente, com alternativas diversas até maio de 1945, data em que as últimas forças alemãs se renderam incondicionalmente, abrindo caminho para a capitulação completa da *Wehrmacht.* Esse foi o resultado de grandes coligações conduzidas no território europeu contra o Reich.

A frente italiana, nesse caso, teve o papel de fixação das forças aliadas e constituiu uma ameaça constante para a segurança do dispositivo de defesa dos alemães, cuidadosamente preparado pela *Wehrmacht,* na sua preocupação de garantir posições já adquiridas. Enquanto isso, as forças anglo-americanas se

[283] BRITISH NEWS SERVICE. Boletim, 348, Rio de Janeiro, 1 de junho de 1942, p. 42.

debatiam com dificuldades em relação à natureza do terreno montanhoso, que colocava por terra os esquemas estratégicos mais sofisticados, emperrando a movimentação da guerra, na dificuldade de transportar veículos, armas, homens e alimentos, na região inóspita dos *Apeninos*. Os tanques ficavam atolados durante o período difícil do outono italiano, com muita chuva e lama. Neste teatro de operações, os alemães, além da topografia local, contavam com tropas de elite, muitas experientes na frente russa ou norte africana. Segundo os especialistas, "Estas se opuseram tenazmente ao avanço dos seus adversários disputando-lhe o território da península italiana palmo a palmo."[284]

Das inúmeras memórias desse período,o comandante do 5º Exército Norte Americano, Mark Clark, ao qual os brasileiros estavam subordinados, quando dá o seu testemunho sobre a atuação dos aliados na região, leva à compreensão do contexto onde lutaram os aliados e todas as dificuldades apresentadas, seja pela topografia dos Apeninos, onde os meios de locomoção quase se tornavam impraticáveis no transporte de soldados, armas e equipamentos de guerra que não conseguiam subir, dificultando qualquer planejamento estratégico adotado pelos especialistas, além do forte inverno ocorrido entre dezembro de 1944 e fevereiro de 1945,quando o front ficou estacionado.

De suas recordações, no pós-guerra, visitando o antigo *front* onde atuou comandando tropas oriundas de várias partes do mundo, inclusive brasileiros, ele registrou:

> Nossa viagem de volta a Roma era como que uma máquina do tempo a toda velocidade. Cada dia, à medida que cruzávamos o cenário dos combates ou realizávamos visitas oficiais nas cidades italianas.[...] de certo modo, pois, o percurso de volta a Roma oferecia-me novas imagens que iam como apagando minhas vividas lembranças da guerra na Itália até que no Memorial Day, fomos ao cemitério americano de Anzio e contemplamos as fileiras intermináveis de cruzes brancas que falavam tão eloquentemente do preço que a América e seus aliados pagaram pela libertação da Itália. Se alguma prova fosse necessária de que lutamos por uma causa e não por conquista, seria encontrada naqueles cemitérios. Ali estava a nossa única conquista: tudo o que pedimos à Itália foi o indispensável solo para enterrarmos nossos bravos que tombaram. [...] A campanha aliada no Mediterrâneo na Segunda Guerra foi, desde o principio, um gigantesco risco calculado. Tivemos de abrir uma frente inicial contra a Alemanha e a Itália em 1942 e, depois de perdermos as chances durante meses, aventuramos

[284] HISTÓRIA DA GUERRA, *op.cit*.

> no que o Primeiro Ministro Winston Churchill chamou de o "flácido baixo ventre do Eixo.[285]

Na visão dos aliados, acreditava-se que os exércitos alemães não poderiam combater eficientemente na Itália. Os aliados confiavam plenamente que seu poderio aéreo destruiria rapidamente as linhas inimigas, principalmente as de suprimento, fator primordial no avanço de qualquer campanha. Segundo Clark, a esperança do comando não correspondeu à realidade, diante dos problemas apresentados: "[...] os aliados tiveram de disputar palmo a palmo de terreno com um adversário resoluto, homogêneo, experimentado e poderoso. O inimigo soube capitalizar as grandes vantagens proporcionadas pelas fácies topográficas."[286]

As dificuldades destacadas por Marc Clark quanto ao front dos Apeninos, foram corroboradas também por dois comandantes que se destacaram nas decisões e destinos da guerra em território italiano. Assim lembrou o general Albert Kesselring comandante supremos das forças alemãs:

> "La battaglia degli Apennini può veramete essere descrita come uma pagina famosa nella storia militare tedesca": gli risponde Alexander " Chi non há visto gli Apennini, non può comprendere quale formidable ostacolo rappresentino per um esercito che avanza dal sud.Il 15º gruppo di Armate compì una'impresa di um valore militare che certamente non è mais stato superato"[287]

Durante todo o mês de agosto de 1943, o território da Itália foi incessantemente atacado pela aviação de bombardeamento anglo-americana, que buscava atingir os centros de comunicação do país, os portos, aeródromos, linhas vitais de abastecimento e a região industrializada localizadas ao norte do território, onde existia uma grande concentração de fábricas e estaleiros utilizados para o esforço de guerra do Eixo.

---

[285] N.A.: Risco calculado é a ação empreendida ou por empreender, de resultado incerto mas que se realiza depois de pesados todos os fatores favoráveis ou desfavoráveis, porque o prêmio antevisto, pode ser de tal forma compensador que supere em importância as dificuldades, riscos e perdas passiveis de ocorrer. CLARK, Mark. **Risco Calculado**. Rio de Janeiro: Bibliex, 1970. p.1.

[286] Ibid., p. 2.

[287] ZANINI, Dario. **Operazione Militare sulla Línea Gotica-Resistenza nelle Retrovie.** Bolonha: Instituto della Storia da Resistenza, 1975. "A batalha dos Apeninos pode ser verdadeiramente descrita como uma pagina famosa na história militar alemã disse Kesselring": em resposta Alexander comandante supremos das forças inglesas teria respondido. "Quem não viu os Apeninos não pode compreender quão formidável obstáculo representam para um exército vindo do sul...O 15º Grupo de Forças Armadas cumpriu um empreendimento de valor militar que certamente nunca mais será superado".

> A R.A.F. e a aviação de bombardeamento americano limparam rapidamente o céu da Sardenha e o Sul da Itália de aviões inimigos. Os aeródromos situados no calcanhar da bota italiana, na região compreendida entre a Calábria e Nápoles e nas ilhas do Mar Tirreno, foram sistematicamente alvejados com êxito pelos aparelhos aliados que operavam a partir de Norte da África, do próximo Oriente, da Sicília e de Malta.[288]

No desenrolar dos acontecimentos na Itália, os aliados presumiram nos princípio do outono italiano, que o comandante geral das tropas alemãs na Itália, Kesselring mostrava sinais de estar perdendo terreno. Percebendo a presença maciça dos aliados no território, resolve dar continuidade a um plano pré-estabelecido, iniciando uma retirada estratégica com suas divisões das margens do Rio Arno para os Apeninos. Tais fatos merecem destaque, a partir do momento vai se delineando a efetiva participação brasileira nesta região da Itália.

Havia premência de se quebrar a Linha Gótica e das restantes barreiras estabelecidas nos Apeninos, por meio de ataque frontal que atingisse as planícies de Bolonha. Para se realizar empreendimento de tal envergadura, sentiram os aliados a necessidade de contar com o apoio concreto de outros países que formavam um frente de luta contra o nazifascimo.

No sentido de compreender o andamento da guerra nos Apeninos, e a participação brasileira diretamente nesta região, é necessário observar-se os personagens que estão diretamente ligados aos brasileiros. Neste caso, as memórias do comando aliado representados pelo comandante tenente general Willis Crittenberger do Exército dos Estados Unidos e Mark Waine Clark comandante do V Exército Americano, que mais tarde seriam os responsáveis por toda a estratégia da condução da guerra na frente italiana. Eram oficiais com larga experiência na guerra e responsáveis pela invasão da Sicília em 1942 e depois o continente em 1943. Quando os brasileiros chegam à Itália, o sul do território já estava livre dos invasores alemães e guerra tomava rumo para o seu final, mas os alemães persistentes,continuavam encastelados nos Apeninos.

Nas recordações de Mark Clark, é possível perceber as dificuldades do comando norte americano, em razão de suas tropas de combate, sem descanso, já estarem apresentando sinais de exaustão, situação agravada pela falta de suprimentos e equipamentos necessários às estratégias longamente preparadas.

---

[288] ZANINI, Dario. **Operazione Militare sulla Línea Gotica-Resistenza nelle Retrovie.** Bolonha: Instituto della Storia da Resistenza, 1975, p. 5.

> Quando Alexander foi ao meu Q.G, disse-lhe que três de minhas divisões estavam um tanto exaustas, mas que empreenderia a travessia do Arno e a captura de Pístóia e Lucca, depois de minhas tropas terem umas duas semanas de repouso. Expliquei-lhe que estávamos lançando mão de todos os artifícios para compensar nossas deficiências, como emprego de tropas italianas.[...] no fim de julho, todavia, ainda estávamos mais inferiorizados pela carência de suprimentos.[289]

Também pela narrativa de Crittemberger, fazendo as suas considerações, expõe os problemas encontrados pelos aliados em uma frente de combate muito ampla, que somadas às precariedades já destacadas por Mark Clark, traçariam a nova conduta para o Exército Americano. Havia premência de se convocar tropas descansadas para prosseguirem com os planos que envolviam a transposição da Linha Gótica e chegar até Bolonha, último baluarte alemão em terras italianas. A narrativa de Crittemberger é esclarecedora:

> A tropa com que contava o IV Corpo para a sua arrancada através do Noroeste da Itália era originaria de várias nações, representando as mais diversas tradições militares. Estavam incluídas entre elas unidades americanas (de brancos e pretos) e a Força Expedicionária Brasileira. Ainda que poucas dessas unidades tivessem tido uma prolongada experiência de combate, tinham, por outro lado, arcado com a defesa do flanco esquerdo da frente italiana. [290]

A Linha Gótica e toda a sua estrutura e planejamento, tem constituído nos últimos tempos objeto de estudo dos pesquisadores americanos e italianos dentre outros.Os primeiros porque seus exércitos estiveram envolvidos diretamente nos acontecimentos ocorridos na Itália, justamente com as tropas aliadas, das quais o Brasil fazia parte. Já os italianos, buscam compreender nesta região como vivia a sociedade em guerra e a ação da resistência em si com os soldados partigianos..As últimas pesquisas realizadas pelo Instituto Histórico da Resistência sediada em Bolonha, são esclarecedoras, pois envolvem um rol de pesquisadores, das mais diversa interdisciplinaridade.São os historiadores, antropólogos, sociólogos e pedagogos,que utilizam metodologias diferenciadas, dando ênfase à história oral a partir de 1969.

A medida que estes pesquisadores revelam suas descobertas, muito se esclarece sobre a Linha Gótica, a partir do momento que esta deixa de ser apenas

---

[289] CLARK, *op. cit.,* p.402.
[290] CRITTEMBERGER, Willis D. **Campanha ao Noroeste da Itália**. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército,1952, p.29.

uma linha abstrata no pensamento de quem a ela se alude. Para os pesquisadores brasileiros, essas pesquisas tem relevância e devem constar dos estudos de quem se dispõe a falar dos brasileiros na guerra e a importância desta linha estratégica montada pelos alemães próximo a Bolonha, para barrar as tropas aliadas.

Entre os grandes estrategistas alemães, Rommel, segundo levantamento de documentos, foi quem sugeriu em 1944 a criação de uma linha de defesa sobre a parte centro-setentrional da Itália, e desse modo, evitar o desembarque dos aliados ao norte. Nesta fase, apenas o sul e parte do centro da Itália estavam liberados.

No verão de 1944, os alemães resolveram fortificar o front sobre os Apeninos. A linha de defesa aproveitaria as posições naturais, unindo Pisa a Rimini. Nessa obra trabalharam cerca de 15 mil operários italianos.Uma série de fortificações que se estendia por mais de 350 quilômetros, atravessando a península, passando muitas estradas de vital importância para a guerra.

3.4 A SELEÇÃO DOS HOMENS DA FEB: AS DIFICULDADES DAS JUNTAS MÉDICAS

O Exército Brasileiro inicia os preparativos de embarque da Força Expedicionária Brasileira para atuar como força de reserva em uma guerra que não dava sinais para o seu desfecho. Devido aos velhos quadros da instituição, há muito os processos de combate eram baseados na “escola francesa” que, da noite para o dia, teriam de ser completamente modernizados, para atender às necessidades das novas alianças e organizar a tropa para um guerra moderna, a guerra do movimento.

> A nova organização exigia a criação de órgãos absolutamente novos e a revisão quase revolucionária de princípios, há muito firmados em nosso meio militar. O problema consistiu em fazer de um maquinismo montado à francesa, uma Força Expedicionária que funcionasse à americana.[291]

Outras tantas questões desafiavam as autoridades brasileiras no envio da tropa brasileira para combater no exterior. Sem muita certeza dos rumos da guerra, muitos se perguntavam: O Brasil vai mesmo à guerra? Ou a guerra acaba antes de o Brasil embarcar? Na descrença de que um dia o Brasil pudesse fazer parte do grupo

[291] MATTOS, Raul A Simões. **A presença do Brasil na 2ª Guerra Mundial.** Rio de Janeiro: Bibliex, 1966, p.57.

dos aliados, dada a demora das resoluções a serem tomadas pelos chefes militares, esbarrava-se no o fino humor carioca, sobre este episódio, retratado pelo combatente major Elber de Mello Henriques:

> Para ainda mais configurar a descrença da partida da FEB, ouvi do general Cordeiro de Farias, numa tarde em que o homenageávamos no 'Brahma', a seguinte anedota que ele colhera nas altas rodas: A FEB não partirá. Não partirá porque o seu comandante é De Morais, o comandante da Infantaria é da Costa, e o comandante da Artilharia é Cordeiro, isto é, não é de briga.[292]

Das providências que iam sendo desencadeadas (dentre elas, a chamada de reservistas e o pedido dos voluntários para formar os quadros da FEB), a seleção médica talvez possa ser considerada um dos episódios mais complicados para os organizadores. Diante dos padrões americanos, a questão do peso, altura e dentição dos soldados brasileiros deixava a desejar, eram quesitos importantes para quem vai para a guerra, onde todos os percalços estão presentes. Esbarrava-se o tempo todo em vários problemas. O Brasil, com características continentais, obrigava o Exército a manter comissões médicas em pontos longínquos, tudo feito às pressas, sem muito critério na aprovação ou não dos diversos contingentes, ora com rigor exagerado ora com ausência de qualquer responsabilidade.

Destacando os momentos delicados que nortearam a seleção médica do pessoal da FEB, o comandante Mascarenhas de Moraes, assim relatou:"A seleção física dos nossos expedicionários foi um dos assuntos mais palpitantes da guerra, porquanto implicava as medidas que deveriam decidir da vitória das nossas armas na Campanha da Itália. Controvérsias, incompreensões, protelações perturbaram a marcha desse importante serviço.[293]

O desabafo do comandante da FEB, diz respeito aos resultados da seleção médica, que agravados pelo atropelo da execução e pelo exagero dos derrotistas, escandalizaram e alarmaram as autoridades militares. As denúncias e as criticas aumentavam dia a dia, em momento tão crítico para a organização dos quadros da FEB. De acordo com as denuncias chegadas até Mascarenhas de Moraes, o que

---

[292] N. A.: Os nomes aqui destacados na verdade fazem menção ao comandante geral da FEB, general Mascarenhas de Moraes, ao comandante da Infantaria, general Euzébio da Costa e ao comandante da Artilharia, general Osvaldo Cordeiro de Farias. HENRIQUES, Elber de Mello. **A FEB doze anos depois**. Rio de Janeiro: Bibliex, 1959, p.31.

[293] MORAIS, João Baptista Mascarenhas de. *In*: GONÇALVES, Carlos Paiva. **Seleção médica do pessoal da FEB.** Rio de Janeiro: Bibliex, 1951, pp.14-15.

estava sendo exposto, era a “miséria física do nosso material humano, expressa na apuração de grande número de subnutridos, parasitados e intoxicados crônicos”[294]

Embora reconhecidamente, o esforço do comandante da FEB, para que tais fatos não tomassem vulto, o que se constatou mais tarde, foi a precariedade com que os soldados do 1º contingente chegaram na Itália. Muitos eram os doentes crônicos, outros portadores de doenças venéreas, também a falta de dentes foi outra agravante. Tal situação escandalizou o comando aliado na Itália, pois somente uma tropa similar à brasileira, vinda do Marrocos, mostrava um grupamento com tantas dificuldades de saúde.

As Juntas Médicas de Seleção foram instituídas em 1943, para a escolha, sob o ponto de vista médico, dos homens que integraram as Forças Expedicionárias Brasileiras. O médico Carlos Paiva Gonçalves, um dos participantes do processo da seleção médica, reuniu dados importantíssimos sobre os cem mil examinados que passaram pelos mais variados exames. Das fichas de registro, muitas delas minuciosas, pela primeira vez, é possível verificar um estudo voltado para a avaliação da saúde dos homens do Exército Brasileiro, fato inédito para a época e para os pesquisadores, pois torna-se também um documento de entrada para compreender as questões de saúde do povo brasileiro.

Pela obra de Carlos Paiva, somos inteirados das principais instruções que norteavam a Seleção Médica. A seleção deveria atender ao ponto-de-vista psicossomático desses homens, e os aprovados deveriam estar em boas condições físicas, mentais e intelectuais para que o aproveitamento deles pelos seus comandos pudesse ser feito sem inconvenientes e receios.

Neste ínterim, as juntas médicas, atropeladas pelo prazo dado de três meses, para a finalização dos seus trabalhos, tinham diante de si um caudal humano destinado às inspeções de reservistas e voluntários. O objetivo era selecionar um efetivo de 60 mil homens, oriundos da escolha provável de 200 mil homens, o que tornava a tarefa quase impraticável, pois seria efetuada em várias partes do território brasileiro, nas diferentes Regiões Militares.

O Serviço de Saúde do Exército Brasileiro, por sua vez, esbarrava em outros problemas, como registra Paiva em seus documentos:

---

[294] MORAIS, *op. cit.*.

> Onde buscar, porém, o número elevado de profissionais necessários? Onde encontrar especialistas, psiquiatras, psicologistas, etc.; se, normalmente, eles não existem no Quadro de Saúde em proporções justas? Só havia um recurso, apelar para as reservas do Serviço de Saúde. Na seção competente da diretoria de Saúde, estavam relacionados, somente nesta Capital, mais de dois mil médicos da Reserva e, nas outras regiões, outros mais havia fichados. A eles nos dirigimos, ou melhor, a alguns deles nos dirigimos, enviando convites, assim dirigidos:[295]
>
> Capital Federal, 13/X /1943.
> Prezado colega.
> Tendo o nome do distinto colega sido indicado pela Seção Técnica desta Diretoria para trabalhar com o Serviço de Saúde na seleção dos homens que deverão integrar o Corpo Expedicionário Brasileiro, convido-o, em nome do Sr. General Diretor de Saúde, a comparecer ao Anfiteatro desta Repartição,(2º andar do Palácio de Guerra) às 13 horas do dia 18 corrente. Certo de que se valerá desta oportunidade para colaborar de maneira ativa no esforço de guerra do nosso país, aguardo sua presença para melhores esclarecimentos. Servindo-me do ensejo, apresento-lhe os protestos de estima e consideração. Paiva Gonçalves, capitão médico.[296]

Segundo os registros de Paiva, foram remetidos 175 convites somente para o Rio de Janeiro. Desses, compareceram 143 médicos. Reunidos os interessados, e explicadas as razões do convite, a estes profissionais foi apresentado um livro de registro e compromisso a ser assinado por cada um. ”Era absolutamente necessário que todos se compenetrassem da importância da tarefa que iria ser designada a cada um e que os trabalhos não fossem comprometidos pelas faltas e ausências dos integrantes das juntas.”

Para atender à demanda que se apresentava, o Serviço de Saúde do Exército entrou em contato com a Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, na esperança de que os estudantes pudessem dar a sua colaboração nos serviços auxiliares, na verificação dos procedimentos mais corriqueiros. Tal chamado não surtiu efeito, obrigando os médicos das juntas a realizarem todos os serviços, com muita precariedade, o que redundou em problemas gravíssimos de saúde surgidos posteriormente, em soldados que não deveriam ter sido embarcados.

Na estimativa dos médicos, cada junta poderia inspecionar cerca de 30 homens por hora, e, numa jornada de 12 horas, seriam cerca de 360 homens a serem examinados e cadastrados. Para o registro individual de saúde, para cada militar foi adotado um tipo de ficha, acompanhando o modelo norte-americano.

---

[295] GONÇALVES, *op. cit.,* p.56.
[296] Id.

> Anexada a cada ficha, havia uma folha para lançamento dos dados colhidos durante o exame neuropsiquiátrico. Não preciso encarecer o seu valor. Ao fim de poucos dias, foi imperioso o seu abandono, muitos se consideravam injuriados, incompreensivelmente feridos em seu amor próprio, quando se lhes pediam repostas para certas perguntas. [...] não foi só esse o embaraço que tivemos, havia até quem se recusasse a submeter-se ao exame proctológico. [...] simuladores surgiram pretextando doenças ou males agravados, mas esses foram em cifra bem menor.[297]

Na tentativa de padronizar os serviços das juntas médicas espalhadas em diversas regiões brasileiras, os planejadores buscaram emitir cartas circulares de instruções. Não havia muita certeza de que estas correspondências houvessem chegado aos seus destinatários. Outras vezes, respondiam da impossibilidade de atender a tão rigorosas orientações, principalmente nos lugares onde o número de médicos militares era insignificante para integrar tais Juntas. Muitas dessas contavam com o apoio dos médicos civis, que, segundo o relato de um médico militar, deixavam a desejar: "apesar da boa vontade, solicitude e competência, careciam de tarimba e se apegavam ao mínimo detalhe para pôr em foco a sua inteligência, criando, dessa maneira, sérios embaraços no andamento normal dos trabalhos."[298]

As anotações e as interpretações de Paiva sobre os procedimentos médicos da seleção dos homens da FEB acabaram por constituir um dos poucos documentos a que se tem acesso sobre este período, uma vez que ele próprio fazia parte da coordenação geral do Exército Brasileiro; portanto, responsável pelas diretrizes e documentos que referendavam as principais instruções direcionadas às Juntas de Seleção Médica em todo o território.

Com um olhar bastante crítico, o médico Paiva Gonçalves buscou avaliar as questões que fugiram do planejamento do Serviço de Saúde do Exército Brasileiro, cujas conseqüências foram, em alguns aspectos, desastrosas para a tropa brasileira já em território italiano. Estas foram motivadas pela baixa hospitalar por doenças pré-adquiridas, que poderiam ter sido detectadas em exames mais apurados pelas diversas juntas médicas, muito antes do embarque desses homens para a guerra.

Na visão de Paiva, o desacerto de algumas juntas dizia respeito ao atropelo inicial, em decorrência do curto prazo de que dispunham para selecionar os 60 mil homens que iriam combater na Itália. Somente as juntas médicas localizadas nos

---

[297] GONÇALVES, *op. cit.,* p. 64.
[298] Ibid., p.76.

grandes centros olhavam com critério para o cumprimento das circulares emanadas do Serviço de Saúde do Exército. Por outro lado, muitos comandantes não acatavam ou não disciplinavam seus homens para o comparecimento diante das juntas médicas.

Além disso, havia a displicência de alguns médicos durante suas avaliações, não registrando pormenores e não emitido pareceres finais que poderiam ter evitado maiores problemas no embarque de homens doentes sem condições de entrar em combate. Na Itália, constituíram casos médicos que os regimentos não conseguiam resolver, pois muitos casos se manifestaram em frente de combate, como lembra o médico da infantaria Massaki Udihara, que, na guerra, não exerceu as funções de médico, porque fora convocado para exercer o posto de comandante de pelotão, posto designado a ele pelos organizadores da FEB, mesmo diante dos documentos que comprovaram a sua formação.

Do diário de Udihara, observa-se o seu olhar médico sobre os casos presenciados por ele, mesmo antes da partida do 6º R. I., bem como de passagens na Itália, onde os casos de doenças se manifestaram entre soldados que deveriam ter permanecido no Brasil. As incoerências, segundo o infante médico, partiam de várias esferas. Ao relatar um dos desfiles que seu grupamento participou, antes do embarque para a Itália, com o objetivo segundo o comando, de mostrar a aptidão dos comandados e recrutas, o 6º R.I efetuou uma caminhada de 30 quilômetros. Na descrição de Udihara é possível verificar o quanto tal resolução foi pesarosa e sacrificada para os componentes do seu grupo.

> Na 3ª Companhia do I Batalhão do 6º Regimento de Infantaria, um soldado só conseguiu marchar até a metade do trecho. Foi depois transportado para o hospital. Depois, já com alta do hospital, foi licenciado e saiu carregado do hospital, na Vila Militar. Não podia mais andar. [299]

O mais grave, ocorreu dias depois antes do embarque no navio transporte, pois fora dada a ordem que todos os que estavam baixados nos hospitais retomassem seus postos, se bem que, em alguns casos a situação era deprimente,

[299] UDIHARA, Massaki. Um médico na Infantaria. *In:* **Depoimento dos Oficiais da Reserva.** Rio de Janeiro: Cobraci, 1949, pp.134-155.

sem nenhuma condição de viajar. “Vários deles chegaram transportados porque não conseguiram mover-se pelos próprios meios”.[300]

O estudo específico realizado pelo médico Carlos Paiva Gonçalves, a respeito do processo seletivo de saúde para a formação do grupamento da FEB, como se viu nas páginas anteriores, e os dados minuciosos sobre os embarcados para a Itália com problemas de saúde, vêm demonstrar as falhas mais contundentes que derivaram das ações das juntas médicas e de seus critérios diversificados para a avaliação desses soldados. São números expressivos que chamam a atenção dos pesquisadores.

Nas considerações do médico Gonçalves, sobre o estado de saúde dos embarcados,compreende-se porque chegaram a partir para a Itália homens que deveriam ter sido retidos no Brasil e porque, alguns deles, apenas desembarcados, tiveram de ser recambiados por estarem sofrendo de males cuja eclosão era de fácil previsão pela simples leitura das fichas. As doenças crônicas como a úlcera de estômago que se reabria, a hipertensão arterial que produzia acidentes circulatórios, a tuberculose que se manifestava, foram efetivamente assinaladas pelo Serviço de Saúde da FEB.

Por outro lado, como também relata Gonçalves, se fosse efetuada uma avaliação neuropsíquica dos soldados, certamente o Serviço de Saúde da FEB não teria registrado a ocorrência de 433 casos de perturbações mentais. Se os exames fossem extremados, teriam reduzido os 22 casos de tuberculose e os 44 casos de impaludismo das estatística do S.S. da FEB. Por fim, diz Gonçalves a respeito das condições dentarias da tropa: “A sobrecarga de trabalho (dos dentistas da FEB) pode ser avaliada lendo os números de 16.015 consultas, 10.399 curativos, 9.071 extrações e 8.329 obturações. E muitas próteses se fizeram.[301]”

Ainda nas observações registradas pelo médico infante Massaki Udihara é possível verificar as ocorrências relacionadas aos casos de saúde dos soldados que apresentaram sérios sintomas de doenças e como estas foram solucionadas dentro dos próprios batalhões, em vista da dificuldade até de locomoção destes homens para um hospital da retaguarda, diante do ataque pesado da artilharia inimiga.

---

[300] UDIHARA, *op. cit.,* 1949.
[301] GONÇALVES, *op. cit.,* p. 98-104.

> Posteriormente, já durante a campanha, com o inverno no apogeu do seu rigor, era comum observar-se a cozinha de certas companhias servir de posto de convalescença. Principalmente nas companhias em que os comandantes agiam também com sentimento.[302]

O inverno atípico italiano provocou sérios sofrimentos para a tropa brasileira, muitos que já haviam chegado com a saúde fragilizada, constituíram-se nas primeiras vitimas. Mal suportavam caminhar na neve, ou permanecer nos *fox hole*[303], diante de temperaturas tão baixas. Na dificuldade de transportar esses doentes para os hospitais, havia ainda segundo observação de Udihara, a posição irredutível de alguns comandantes.

> Eram indivíduos que, no entanto, não podiam ser baixados, pois não satisfaziam ao critério exigido para internação e convalescença em hospitais. À guisa de elucidação, pode-se mencionar que muitos ouviram dos oficiais médicos a informação de que a baixa só se dava quando havia saída de sangue. Era preciso estar sangrando.[304]

Dos diários destacados nesta pesquisa são poucos os relatos que fazem menção aos exames realizados pelo Serviço Médico, talvez motivados pelo constrangimento dos procedimentos médicos adotados, ou porque não fossem considerados relevantes pelos examinados. O sargento Edgard Eckert da FEB, registrou em suas memórias:

> Seguiam-se inspeções de saúde de toda a tropa.Cada meio dia era a vez de uma companhia a se apresentar no posto de saúde da Vila Militar.[...] Para quem não estava acostumado, o procedimento dessas inspeções de saúde parecia algo hilariante ou até mesmo grotesco.[305]

A seleção médica mostrou contrastes. A critica direcionada às juntas de seleção dos homens para a FEB, aparece claramente no relato dos próprios examinados. Para os combatentes em algumas regiões as normas aplicadas para

---

[302] UDIHARA, *op. cit.,* 1949, pp.145-146.
[303] N.A.: A palavra '*fox hole*' na tradução do inglês significa, 'toca da raposa'. Na explicação dos soldados brasileiros, era a improvisação de um local seguro e quente para se proteger do ataque inimigo. Um buraco era escavado no chão, ou na parede de um morro, onde os homens forravam o ambiente com cobertores tentando amenizar o frio. A mobilidade era mínima, depois de horas nesta posição, ocorria o temível 'pé de trincheira', responsável pelo congelamento do pé, pela ausência de circulação do sangue, o que causava a amputação dos dedos. Tal situação provocou grandes baixas na tropa americana e em número menor na tropa brasileira, dada a criatividade do soldado, que ao livrar-se de botas muito apertadas, usava apenas a galocha de borracha, permitindo maior mobilidade dos membros.
[304] UDIHARA, *op. cit.,* 1949, pp. 145-146.
[305] ECKERT, *op. cit.,* pp.32-33.

seleção médica foram muito rígidas, já para outras, a displicência e a pressa como estas pessoas foram examinadas, deixou muito a desejar. Conforme denuncia citada pelo combatente Clóvis Garcia, cerca de 80% dos examinados em Caçapava foram considerados incapazes, mas embarcaram, criando dificuldades imensuráveis para o comando brasileiro já em território italiano.

> Recordo-me de que, quando fui submetido à inspeção médica em Caçapava, em 10 de novembro de 1943, fiquei impressionado com a minuciosidade do exame médico. Havia especialistas em quase todos os ramos da Medicina, e os homens eram examinados inteiramente, anotadas desde as falhas dentárias até a má conformação dos pés, terminando tudo por testes psicológicos. Por qualquer dúvida que surgisse, era o examinado remetido ao Hospital Militar de São Paulo, onde exames de laboratório eram realizados, de modo a considerar aptos apenas os que estivessem em boas condições físicas e mentais.[306]

Ainda segundo Garcia, quando do desembarque dos primeiros soldados brasileiros em Nápoles, mais de uma centena de soldados com moléstias venéreas, casos de tuberculose, úlcera de estomago e outras moléstias baixaram o hospital. Tal situação provocou uma estupefação das autoridades norte-americanas, as quais, buscando informações sobre as condições sanitárias da tropa brasileira, haviam recebido a informação de que a tropa era selecionada. Conjeturavam os norte-americanos, sobre o péssimo estado de saúde de parte da tropa brasileira, pois tal situação só havia ocorrido com a tropa marroquina organizada pelos franceses nos confins do Saara.

3.5 SOLDADO CONVOCADO OU VOLUNTÁRIO PARA A FEB, TEU DESTINO É O QUARTEL

Para recordar a convocação dos soldados brasileiros, a chamada de milhares de homens para guerra, nada é mais imperativo do que partir da memória gestada pelos seus narradores. A história da organização do Exército Brasileiro mostra uma vivência focada nas diretrizes e normas do espírito militar francês. Em suma, os conteúdos dos manuais técnicos e táticos perpassavam por toda a oficialidade, o que levou a criar vínculos históricos com a escola francesa. Isso ocorreu em razão

[306] GARCIA, Clóvis. Como um combatente viu os serviços médicos. In: GONÇALVES, *op. cit.,* pp. 285-296.

da estada, no Brasil, de uma Missão Militar Francesa, entre 1921 e 1940. Tal fato repercutiu em vários momentos na atuação da FEB, quer na compreensão dos relacionamentos do grupo como um todo, nas questões de hierarquia tão fortemente forjadas na vida em caserna, até nas questões de logística que esta nova guerra e seus aliados impunham.

Com os novos aliados, foi necessário que se absorvessem, rapidamente, suas novas diretrizes. Não se tratava somente de uma adaptação ou de um reexame de novos ensinamentos, mas de se acatar esses novos ensinamentos e colocá-los em prática.

Do projeto à realidade, houve uma série de percalços. Para preparar um exército conforme exigiam os norte-americanos, era necessária a criação de novos órgãos. Não havia pessoal nem material adequado, tudo esbarrava na realidade brasileira. As dificuldades somavam-se, principalmente em razão do tamanho do território brasileiro, no qual as unidades militares eram esparsas.

Na análise que se faz do Exército brasileiro em 1942, Mccann, revela que os oficiais provinham da classe média urbana, eram filhos de oficiais, comerciantes ou funcionários públicos que buscavam ingressar na academia. Os velhos segmentos da aristocracia evitavam o serviço militar associando-se a clubes de tiro, que proporcionavam exercícios militares periódicos e capacitavam todos depois de um ano de serviço como reservistas.

> Os recrutas eram conscritos extraídos das classes trabalhadoras e, com freqüência, analfabetos ou de baixo nível educacional. Mostravam baixa resistência às doenças e o moral parecia extraordinariamente dependente da liderança dos oficiais, que poderiam, com facilidade, levá-los à ação ou à indecisão. Os oficiais geralmente tratavam seus soldados como seres inferiores. [...].[307]

Mas em tempos difíceis e de poucos empregos para os jovens, a carreira militar acenava com certa estabilidade que a vida civil não podia proporcionar. No diário do ex-combatente Ernani Ayrosa, é possível perceber a importância que as famílias davam à carreira militar. Ao retratar a década de 1930, ele deixou em seus registros as seguintes observações:

---

[307] MCCANN, *op. cit.*.

> É oportuno que se faça, a esta altura, um comentário com relação aos tempos que vivíamos na década de 30. As profissões civis, por não apresentarem um alto nível de especialização, ocupavam um lugar discreto na nossa sociedade. Somente aqueles que alcançavam grande sucesso eram destacados nas mesmas. Nesses tempos as Forças Armadas destacavam-se no ambiente social do país. Desde há muitos anos que a sociedade considerava uma família bem sucedida, aquela que, em seu seio, possuía um sacerdote ou um militar. O cadete do Exército e o aspirante da Marinha eram cortejados por inúmeras famílias, que os consideravam um "bom partido" para suas filhas casadoiras.[308]

Outros combatentes, ao rememorarem suas lembranças, buscam mostrar a realidade que ocorria com as famílias que moravam no interior do país, tentando sobreviver em pequenas propriedades agrícolas, que não se sustentavam. No depoimento do tenente José Conrado, temos uma projeção do perfil familiar de grande parte dos soldados que compuseram os quadros da FEB. A grande maioria era composta de jovens agricultores, provenientes de famílias numerosas, sem escolaridade e sem grande perspectiva de vida futura.

Nascido em Palmeira das Missões, no Rio Grande do Sul, em 1921, Conrado foi motorista do Depósito de Pessoal na FEB Com nove anos, foi trabalhar na lavoura, aos dezesseis, apresentou-se ao Exército Brasileiro. Da sua narrativa, extraímos o delicado relato que poderia ser de tantos outros soldados que viam no Exército Brasileiro uma oportunidade de trabalho, de uma carreira promissora, de um futuro mais digno para si e seus familiares:

> Nós não tínhamos mais condições de sobrevivência. A minha mãe era uma pessoa modesta, criada em fazenda e não tinha condições de dar aos filhos a educação que precisavam. Percebi então que a única maneira de melhorar a vida era ir para o Exército, onde eram aceitas todas as criaturas, todos os cidadãos que tinham algum objetivo na vida.[309]

À medida que a mobilização de guerra ia crescendo, os oficiais do Estado-Maior do Exército, mesmo os mais otimistas, sentiam as dificuldades que teriam de enfrentar. Da proposta inicial para o Brasil participar da guerra com três Divisões, já ficava a grande dúvida: Conseguiriam embarcar pelo menos uma?

Sobre a mobilização e o esforço de guerra, que envolvia não somente o chamado dos soldados, mas toda uma série de preparativos, o combatente Demócrito Arruda imprime a sua visão pessoal, bem como a de seus companheiros,

---

[308] SILVA, Ernani Ayrosa da, *op. cit.,* 1985, p. 6.
[309] CONRADO, José. Entrevista. **História Oral do Exército.** Rio de Janeiro 27 de abril de 2000.

em uma obra de memórias das mais criticas contra o comando da FEB.Na Itália pertenceu ao 6º Regimento de Infantaria, o mesmo do tenente médico Massaru Udihara, do qual já fizemos referência anteriormente.

Segundo Demócrito, a mobilização para a guerra, não poderia jamais ser unicamente militar, mas sim uma junção de procedimentos que abrangesse o setor de energia, agricultura, indústria, transportes, pesquisas cientificas, dos combustíveis ao potencial humano. Na sua reflexão: "Desorientado e incapaz, o governo limitou-se, timidamente, à mobilização militar, também mal projetada e pior executada, encaminhando-a quase toda às fileiras do exército. [...] Nós vimos o funcionamento dessa máquina da mobilização entre janeiro de 1943 e julho de 1944"[310]

Mas quem eram os convocados? Na questão dos convocados da reserva do Exército, estes compreendiam os reservistas de 1ª e 2ª categorias, mas ainda havia os que haviam feito os tiros de guerra e os recrutas, com pouco aproveitamento dos veteranos, criando uma sobrecarga para os oficiais que tinham de organizar os treinamentos desses grupos recém-chegados.

A idade dos convocados, nesta situação, variava dos vinte aos trinta anos. A crítica de Arruda ocorreu por esse modo de chamada, quando foram escolhidas classes diferentes, em vez de convocar uma única classe, começando pelos mais jovens.

Em relação ao estado civil dos convocados: os solteiros e casados, os últimos com família numerosa. Neste caso, a convocação indiscriminada de muitos pais de família acabou por criar situações absurdas. Era necessária a comprovação do casamento para que a dispensa pudesse ser feita, mas a maioria era casada apenas no religioso. Como não tinham comprovantes, não puderam ser beneficiados pela portaria ministerial que poderia dispensá-los.

Quanto às especialidades profissionais que seriam necessárias durante a campanha, a falta de percepção dos militares foi gritante: não houve tempo de preparar em tempo os especialistas fora dos quartéis, visto que a instituição não oferecia os cursos necessários. Mesmo com a organização do Centro de Instrução Especializada no Rio de Janeiro, poucos homens tiveram acesso aos cursos disponibilizados. Desse modo, ainda no relato de Arruda, o 6º Regimento de

[310] ARRUDA, *op. cit.,* pp. 42-58.

Infantaria chegou à Itália sem motoristas, cozinheiros, telefonistas, rádio-operadores, desenhistas e mecânicos. Foram promovidos cursos de emergência, dirigidos pelos americanos, na tentativa de preparar alguns soldados. No disparate dos acontecimentos, o 6º R.I. teve cinco médicos convocados como infantes, que estiveram em frente de combate, quando, na verdade, diante das suas especialidades, deveriam estar prestando serviços nos hospitais.[311]

Tal fato é corroborado pelo depoimento do tenente, médico da reserva, Massaki Udihara, filho de japoneses, nascido em São Paulo, em 1914. Seu estágio militar foi em 1940 e sua convocação deu-se em dezembro de 1942, quando da sua classificação para o 6º R.I. Foi promovido a 1º tenente e embarcou para a Itália com o 1º Escalão, como comandante de pelotão de fuzileiros.

Das anotações de seu diário, foi possível acompanhar a trajetória do infante médico em território italiano. Em Nápoles, os oficiais foram enviados para um curso de emergência na *Leadership and Battle Trainning School*, na localidade de *Santa Ágata dei Gotti*, próxima a *Caserta*, onde ficava parte do comando aliado.Sobre a sua passagem pela escola de treinamento em *Santa Ágata dei Gotti*, Udihara recorda a surpresa dos instrutores ao verificarem a presença de um médico para receber instruções na infantaria.

> Incluído entre os que foram enviados, não posso esquecer a expressão de assombro do secretário da escola, quando soube da qualidade de médico de quem com ele conversava. Era uma escola de infantaria e, dentro dela, na função de combatente não cabia um médico. Quis saber a razão disso. Expliquei-lhe que circunstâncias peculiares ao nosso país determinaram este estado de coisas e que a minha situação era de tenente de infantaria, o médico sendo um incidente como outro qualquer, sem qualquer relação de causa e efeito com o caso em questão. Não estava na infantaria por ser médico e nem deixaria de estar por sê-lo.[312]

Ainda no Brasil, quando esses homens obrigatoriamente compareceram para os exames rotineiros das juntas de seleção médica, muitos tiveram que deslocar-se cerca de 400, 800 e até 1000 quilômetros de suas residências, pois não foi observada a existência de unidades militares localizadas mais próximas. As passagens para locomoção deveriam ter sido fornecidas pelas unidades militares que realizaram a convocação, mas muitos agentes de estrada de ferro não as reconheciam, obrigado os homens a viajarem às suas próprias custas, o que não era

[311] ARRUDA, *op. cit.,* p. 44.
[312] UDIHARA, *op. cit.,* 1949, p.137.

tão fácil naquela época. Avaliando a situação, Arruda pergunta: Por que os exames médicos não foram feitos na própria sede municipal, nos locais onde residissem pelo menos três médicos? Haveria uma economia de tempo, de dinheiro, tanto para o Estado, como para o particular.

A conseqüência maior de toda essa mobilização de homens para compor os quadros da FEB foi a chegada de contingentes e mais contingentes de convocados, durante dois anos. Estes se apresentavam em quartéis, mas, mesmo assim, a deficiência dos regimentos ainda era grande. No caso, o 6º Regimento de Infantaria, localizado em Caçapava, acabou por receber soldados de São Paulo, Paraná, Mato Grosso e Rio Grande do Sul, na tentativa de preencher as lacunas que ainda restavam, um pouco antes do embarque para a Itália.

Nas recordações que falam de Caçapava, das dificuldades das famílias que para lá se deslocaram antes da partida dos brasileiros para a guerra, destaca-se o testemunho de Irene de Godoy, esposa do sargento Benedito de Godoy, residente em Curitiba. “Certa noite, ele apareceu dizendo que teria de embarcar para Caçapava. Fiquei muito emocionada, pois ele havia escondido até aquele momento o horário do embarque, pois era segredo e ele não queria que eu me aborrecesse, pois havíamos casado há tão pouco tempo.”[313]

Em Caçapava as famílias permaneceram por três meses, depois seguiram para o Rio de Janeiro e as esposas envolvidas na maratona dos quartéis, seguiam acompanhando seus maridos. No Rio de Janeiro, muitas dos paranaenses, por motivos econômicos, acabaram alugando algumas casas que eram divididas entre outras famílias. No desabafo de Irene de Godoy é possível perceber a aflição destas mulheres:

> Suportávamos tudo, porque não sabíamos nada sobre o embarque. Eu estava sempre preocupada, pois não acreditava que ele fosse embarcar. Até o último momento foi assim. Enfim, um dia antes do embarque do escalão, nós, as mulheres, deixamos o Rio de Janeiro.[314]

Há que se observar os casos dos que fugiram da convocação. Os meios praticados na tentativa de escapar dessa situação foram os mais diversificados possíveis, pois compreendiam desde o apadrinhamento de um político, subornos,

[313] GODOY, Irene. Entrevista. Curitiba, 5 de fevereiro de 2002.
[314] Id.

até desculpa de não ser convocado por estar exercendo uma função pública. Tal prática ocorreu principalmente com os que estavam na reserva. Quanto aos militares que se encontravam na ativa, dentro dos quartéis, muitos buscaram transferências para outras unidades militares, tentando ficar bem longe dos regimentos onde o grupamento da FEB ia se formando. Como afirma Arruda: "Corre entre nós a lenda, ainda não averiguada, da existência de um dilema nascido no próprio Ministério da Guerra: 'escolha', ou a FEB ou as fronteiras."[315]

Os voluntários que se apresentaram para ir para a guerra foram muitos. É o caso do major médico Alípio Côrrea Netto, já destacado nesta pesquisa pelas palavras iniciais do seu diário: "Toda a nação sofre sério abalo emotivo e cada cidadão se compenetra do dever de acorrer ao chamamento do governo. Dentro deste pensamento e impelido por este sentimento, julguei ser obrigação cívica pôr-me à disposição das autoridades."[316]

Sobre a convocação dos soldados para a guerra, em seu diário de campanha, o médico Alípio Corrêa lembra: A FEB, pelos seus soldados, os chamados impropriamente de "pracinhas" e pelos oficiais nos postos de tenentes foram convocados em todo o território nacional. Aqueles eram recrutas, estes são profissionais liberais jovens que fizeram o curso do C.P.O.R.(Centro de Preparação dos oficiais da Reserva).[317]

Na perspectiva do médico Alípio Corrêa, a FEB constituiu-se em amostra de todo o povo, porque seus elementos vieram de todos os Estados que constituíram a República, portanto, " uma perfeita amostra do povo brasileiro"

No relato dos combatentes que atuaram na Itália, A FEB sempre é representada como um dos "esteios da nação". O discurso de pertencimento, constantemente ressalta as origens do grupamento, do chamado voluntariado para a guerra, da convocação que abrangeu a todos os brasileiros, e a participação efetiva das classes mais humildes da população, que acorreram em defesa da pátria brasileira. No diário do tenente da FEB Miguel Pereira[318], nascido no Rio Grande do

[315] ARRUDA, *op. cit.,* p. 47.
[316] CORREA NETTO, *op. cit.,*pp. 2-3.
[317] Ibid.*,* p. 3.
[318] N.A.: Miguel Pereira, depois da guerra casou-se na Itália, formou uma família e até o seu falecimento em 2003 foi responsável pelo Monumento Votivo de Pistóia (Itália) onde foram sepultados os brasileiros que combateram na 2ª Guerra Mundial, depois trasladados para o Brasil em 1960.

Sul, em 1918, encontramos os dados sobre a sua família, que muitas vezes se aproxima do relato de outros combatentes.

> [...] Morávamos no Rio Grande do Sul, minha família era de camponeses e a gente trabalhava mesmo, um trabalho muito difícil. Apesar que o pai era dono, a gente acordava ao amanhecer para ir no campo, e só voltávamos ao escurecer, trabalhávamos muito, eu comecei a arar a terra desde os sete anos de idade, nem tinha força para virar a carrua, então amarrava uma corda na orelha do boi, ele virava a carrua, eu não conseguia fazê-lo.[319]

Miguel Pereira era o quinto entre dez filhos. A propriedade era grande e administrada pela própria família, que produzia quase tudo de que necessitava e se revezava tanto na lavoura como na criação de ovelhas. Na dificuldade de encontrar emprego fora do âmbito rural, muitos jovens, como Miguel Pereira, viram no Exército Brasileiro a possibilidade de granjear um futuro melhor. Sobre o início da carreira militar, ele diz:

> [...] Me apresentei militar, mas não pensava fazer a guerra. O Brasil há cinqüenta anos estava atrasado, agora é muito diferente, os filhos de camponeses vão para a escola, para a universidade, mas então não. Então esta (ir para o Exército) era a única fresta para sair daquele campo, daquele jugo.[320]

Segundo o testemunho de Miguel Pereira, o Exército lhe proporcionou uma pequena cultura, pois a escola que havia freqüentado durante a infância, cujo trajeto era feito a pé, ficava distante da casa cerca de doze quilômetros. Destaca também que a época da safra agrícola e o envolvimento com a criação de gado, muitas vezes, o impediram de freqüentar a escola com mais assiduidade, o que explica a sua grande dificuldade na leitura e na escrita, quase analfabeto, como grande parte do contingente de recrutas brasileiros que seguiram mais tarde para a guerra.

Foi no Exército que Miguel Pereira encontrou oportunidade de estudar. Já com a patente de cabo, conseguiu instruir outros soldados. A luta contra o analfabetismo está presente no seu testemunho: "[...] Por isso estudei, desde o primeiro dia como militar. Quando fui para o quartel levei um livro, e quando fui para a guerra, na mochila tinha livro em lugar de munições. Os sargentos deviam ensinar

---

[319] BARONTINI, Roberto. **Miguel Pereira e la Força Expedicionária brasileira sull´Appennino Tosco Emiliano.** Istituto Storico della Resistenza e della Società Contemporânea nella Província di Pistóia, Itália: Editrice C.R.T.Pistóia, 2005, p. 228.
[320] Ibid., p. 230.

os analfabetos e os dividiam em grupo". Na continuidade do seu depoimento ele retrata a posição do jovem que vai para a guerra: "Se a guerra é uma imensa tragédia pra todos que passam por ela, ainda mais difícil parece a situação de quem, deixando casa e família, é obrigado a partir para um destino mais ou menos desconhecido, chegando do outro lado, para lutar por um país que não é o próprio, e sim pelo qual deve estar pronto para morrer" [321]

Diante da demanda dos contingentes que chegavam, era necessário organizar os soldados e os respectivos Regimentos que comporiam a FEB, agora sob novas diretrizes. Três Grandes Regimentos são unidos: o 1.º Regimento de Infantaria do Rio de Janeiro, o 6º Regimento de Infantaria dos paulistas de Caçapava e o 11º Regimento de Infantaria dos mineiros de São João Del Rei. Cada um obteve o apoio de um grupo de obuses auto-rebocado. A Engenharia do 9º B.E. foi organizada em Aquidauana, M.S..

A formação da Força Expedicionária Brasileira contou com componentes de todo o Brasil, com todos os estados dando a sua colaboração para o grupamento final de 25 mil homens. A demora para a formação da FEB provocou expectativas, porque pensou-se que a tropa brasileira não embarcaria rumo à Itália. Uma das maiores dificuldades foi quanto à instrução da tropa. Muitos afirmam que o treinamento dos soldados brasileiros fora insuficiente, embora os soldados recordem das instruções consideradas pesadas. O soldado Paulo Stankevecz, que pertenceu ao 6º R.I. e embarcou para a Itália no 1º Escalão, relembra:

> Saí do 20º Regimento de Infantaria de Curitiba para a cidade de São Paulo, fizemos baldeação, havia muita gente desertando de medo. No Rio de Janeiro, ficamos na Vila Militar, fazendo instrução. O treinamento era pesado, muito puxado, eu não tinha tempo nem de dormir, tínhamos de correr pelo mato, o bombardeio era de verdade, nós sofremos.[322]

Mesmo na Itália, após o desembarque das tropas brasileiras, tem-se notícias dos treinamentos a que foram submetidos os soldados brasileiros. Tais fatos foram registrados pelos correspondentes de guerra brasileiros, em um número expressivo de jornais tanto na capital, Rio de Janeiro, bem como em São Paulo e em outras cidades. Entre esses correspondentes, havia os norte-americanos, encarregados de

[321] BARONTINI, *op. cit.,* p. 232.
[322] STANKEVECZ, Paulo. **Entrevista.** Curitiba 28 de fevereiro de 2002.

colher informações para a central de notícias que cobria a guerra na Itália. Nesse caso, destacam-se as internacionais *Associated Press e Reuters,* dentre outras.

Seus jornalistas, assim como os brasileiros, percorriam O Quartel General do 5º Exército Americano todos os dias em busca das informações sobre a frente de campanha. Apesar de censura imposta pelo Alto Comando Aliado, a liberação da notícia muitas vezes tinha que ocorrer entre os censores americanos e brasileiros que ficavam lotados no Quartel General do Marechal Mascarenhas de Morais na cidade de Porreta Terme (BO). Essas notícias chegavam até a imprensa brasileira, muitas vezes, com atraso, pois vinham via aérea ou por cabograma e as radiofotos eram enviadas pela *Reuters.* Portanto, além da questão do sigilo imposto pelo comando, muitos dos fatos ocorridos na frente de batalha eram estampados pela imprensa muito tempo depois de ocorridos.

O correspondente norte-americano, David Brown, relata a instrução da tropa brasileira recém chegada à Itália. "Os soldados brasileiros vinham, de há muitos meses, sendo treinados no Brasil e com eles estavam quatro oficiais americanos que os acompanharam, além do grupo de oficiais adidos, para fins de treinamento. O treinamento básico no Exército Brasileiro foi, durante muitos anos, no modelo francês."[323] Ainda na continuidade da notícia: "Colunas de soldados brasileiros, envergando uniformes verdes, espalham-se ao longo das estradas poeirentas, subindo montanhas e percorrendo trilhas aos redores da cidade, em exaustivos exercícios que os fazem caminhar uma média de 25 quilômetros diariamente."

Entre o que imprensa publicava e o que diziam os combatentes há um espaço importante de investigação para os pesquisadores mais atentos. Em relação ao treinamento dos soldados ainda no Brasil, chama à atenção a posição dos soldados e oficiais que participaram do 6º R.I., que havia saído de Caçapava para o Rio de Janeiro, justamente a fim de aglutinar o seu pessoal e participar das instruções.

É importante lembrar que esse Regimento foi o primeiro a combater na Itália e, nas ocorrências durante os preparativos, foi alvo de crítica a respeito do comando, não somente dos seus componentes, mas de outros oficiais que estavam atuando em outros setores da FEB Ao relatar sobre os fatores que implicaram a deficiência do preparo para a guerra é possível destacar: a burocracia desordenada, a

[323] A NOITE. Reportagem de David Brown da Reuters. Quartel General da Itália, 24 de julho de 1944.

movimentação dos quadros, a falta de material, a falta de campos de instrução apropriados e as contra-ordens.

Dos fatores destacados acima, este trabalho se aterá à falta de material, mais exatamente no que diz respeito aos novos manuais de instrução recém chegados dos Estados Unidos. Na dificuldade de traduzi-los, as informações foram repassadas aos oficiais e soldados, de maneira superficial, resultando, portanto, em pouco aproveitamento, conforme destaca o capitão da reserva, Mario Amaral, nascido em São Paulo e convocado em 1941. Na Itália, serviu como oficial de ligação com as unidades norte-americanas e foi comandante de pelotão de fuzileiros na 7ª companhia. Suas observações, apesar do caráter particular, vão ao encontro da opinião de outros combatentes que atuaram na linha de frente e esclarecem alguns pontos sobre a questão da instrução dos soldados.

> Os oficiais, em número limitadíssimo, conhecedores da língua inglesa, foram sobrecarregados com a tradução dos regulamentos. [...] o tempo não pára e os dias se sucederam e, embora a quase totalidade dos brasileiros duvidassem, o 6º Regimento de Infantaria embarcou mal instruído e mal uniformizado. [324]

Nas observações de Mario Amaral, a instrução de tiro era feita no stand da vila Militar, mesma companhia de um regimento, não chegava a utilizá-lo três vezes durante um mês. A Instrução do 6ºR.I., até a organização da FEB, se calcou nos diversos regulamentos do Exército Brasileiro, por demais antigos, o que na zona de combate não seria produtivo. Assim sendo, o Regimento começou a aprender a guerra moderna somente quando desembarcou na Itália e 90% de seu adestramento foi feito na própria linha de frente em combate com um inimigo experimentado, com sacrifício de vidas preciosas.

No Brasil, a execução e organização dos quadros da Força Expedicionária Brasileira exigiram redobrados esforços dos responsáveis. O que não foi readaptado, modificado, foi criado. Tudo agora com a supervisão americana de oficiais que haviam recém-chegado e pouco dominavam a língua portuguesa e de um pequeno grupo de oficiais brasileiros que haviam estudado nos EUA. A

[324] AMARAL, Mario. A Instrução da FEB, *In:* **Depoimento dos Oficiais da Reserva,** *op. cit.,* p.163-166.

dificuldade de aquartelar tantos[325] soldados foi outra grande questão: havia o problema de espaço, pois centenas e centenas de homens recém-convocados e voluntários apresentavam-se às pressas.[326] O ambiente era desagradável, as dificuldades de acomodar com conforto esses homens geraram fatos que reverteriam mais tarde, inclusive, na disciplina da tropa.

Como salienta Mccann, os soldados ao chegarem aos locais onde passariam por instrução, viram-se instalados em galpões improvisados e desconfortáveis, construídos sem a menor preocupação com a higiene. "Lamentavelmente, recrutas inexperientes, soldados problemáticos, oficiais da reserva e novos graduados da Escola Militar do Realengo foram utilizados para completar o efetivo das unidades - e não outros profissionais."[327] Na análise de Mccann, tal situação reverteria em problemas para a FEB.

Profundo conhecedor das questões sobre a convocação dos soldados brasileiros para guerra, Mccann, por meio de farta documentação da época apresenta as seguintes questões: "Havia boatos de que estudantes oponentes ao regime haviam sido compulsoriamente incorporados em unidades da FEB. Pelo menos 302 dos 870 oficiais subalternos de Infantaria eram da reserva, muitos deles profissionais liberais na vida civil, inclusive médicos e engenheiros." Estes homens, viam-se subitamente à testa dos pelotões de infantaria aprontando-se para o combate".[328] Era uma situação preocupante, que muitos não perceberam na época.

Foram muitas as cenas de desequilíbrio durante os embates mais sérios contra o inimigo, quando oficiais não conseguiram permanecer firmes diante do seu comando, ou por serem jovens demais, não tinham a experiência necessária exigidas nos momentos de maior tensão.

Os ataques efetuados ao Monte Castello, pelo menos por duas vezes, demonstraram a falta de equilíbrio do comandante de uma companhia, o que redundou em pânico generalizado e debandada, com as armas abandonadas pelo caminho. Tal fato, considerado gravíssimo, ocorreu com a 1ª companhia do 11º R.I,

---

[325] N.A.: Aquartelar: Define-se como "alojar em quartéis". As unidades militares tinham a capacidade máxima de abrigar 2.000 homens, mas à última hora acomodaram cerca de 3.500 soldados antes do embarque.

[326] N.A.: A concentração da Divisão foi no Rio de Janeiro (capital) entre os meses de fevereiro e março. Esta unidade tinha uma feição estranha dentro do Exército e do próprio povo. Enfim, como desabafa o autor, o povo acreditava mais em carnaval e campeonato de futebol do que numa Força Expedicionária para lutar ombro a ombro com os alemães. BRAYNER, *op. cit.,* p. 49-50.

[327] MCCANN, *op. cit.,* p.289.

[328] Id.

por ocasião do surto psicótico do comandante, que há muito vinha mostrando comportamento estranho e jamais deveria ter permanecido à testa do seu grupo.

Muitas das recordações desse tempo estão inscritas nos diários dos combatentes. Elas retratam fatos longínquos retidos na memória seletiva que a guerra proporcionou. Nesse aspecto, a memória é basicamente a intrusão do passado no presente, seja sob a forma de imagens, seja como instruções, implícitas ou explícitas, sobre como agir. As lembranças podem surgir de forma mais ou menos vivida, espécie de cópia dos eventos vividos anteriormente, cópia quase sensorial.[329]

Nas lembranças do sargento José Alves, ficaram retidas as imagens da sua saída de Joinvile para apresentar-se na 5ª R.M.E., em Curitiba, local onde foram reunidos os soldados do Paraná e de Santa Catarina, antes do embarque para Caçapava. São momentos especiais que aconteceram na despedida emocionada de sua família.

> Na estação, papai me abraçou, chorando bastante e emocionado, disse orgulhar-se muito de mim, entregando-me de presente um revolver HO, calibre 32, cabo de madrepérola.[...] Nossa viagem era longa, de12 horas; porém, a região serrana constituía novidade para muita gente e sua magnífica paisagem com serras íngremes, rios e cachoeiras e o verde a se perder de vista, nos distraiam bastante e os soldados faziam cantorias e soltavam piadas, demonstrando uma moral elevada. [...] fomos avisados de que no dia seguinte, 1º de maio, iríamos desfilar para nos despedir do povo paranaense. [330]

José Alves em seu diário retrata as dificuldades de arregimentação dos contingentes do Paraná e de Santa Catarina, que seguiram de trem para Caçapava-SP.

> Naquela 'Maria Fumaça' morosa, nossa alimentação consistia de sanduíche e no dia seguinte passamos por São Paulo e para almoçar paramos na estação de Quitaúna, defronte ao quartel do 4º R.I., onde já estavam nos esperando no pátio. Ao ar livre e em mesas de tábuas dispostas no pátio, nos aguardava o jabá fedorento, de mau aspecto.[331]

A questão da alimentação dos novos recrutas ou convocados para a guerra, não poderia ter sido mais caótica, a falta de higiene imperava nas cozinhas dos

[329] ADES, César. Múltipla Memória. São Paulo, **Psicologia,** USP, vol. 4, n. 1 e 2, 1993.
[330] SILVA, José Alves da, *op. cit.,* pp. 37 e 38.
[331] Id.

quartéis, e aqueles que podiam transpunham os portões para buscar alimentos nos bares e restaurantes da vizinhança. Ainda segundo Alves,

> [...] ninguém conseguiu tocar naquele arremedo de jabá, contentamo-nos em comer apenas pão e chupar uma laranja para enganar o estômago. O pessoal estava faminto e ninguém conseguiu tocar naquela comida nauseabunda, porque nem mesmo os porcos conseguiriam comê-la.[332]

Na cidade de Caçapava, no interior de São Paulo, iam sendo reunidos os contingentes oriundos de vários estados brasileiros. Segundo relato do sargento José Gonçalves, em um mês, lá estavam aquartelados cerca de cinco mil homens da Infantaria. Na cidade de Guaratinguetá, estavam sendo reunidos os soldados da Artilharia e Engenharia para compor os quadros da FEB. Em maio de 1944, esses grupamentos seguem para o Rio de Janeiro, a fim de participar do desfile no dia 24 de maio na despedida do povo carioca. Lá receberam o uniforme e os sacos de viagem para acondicionar as roupas que levariam para a guerra. Sobre o uniforme recebido, José Alves faz observações contundentes que depois as encontramos em outros depoimentos. Neste aspecto, cumpre dizer que desvios de numerários, acabaram por empregar os tecidos e materiais de péssima qualidade para os uniformes da FEB.

> Recebemos o uniforme tipo FEB, constando de calça e blusa verde-oliva, de um tecido ordinaríssimo e de corte ainda pior. As perneiras eram de lona v.o. (verde oliva), a maior porcaria concebida por um ser humano e o chapelão modelo Lampião v.o. era feio que dava dó e servia só para o deserto.[333]

O restante do uniforme era composto pelas meias brancas, segundo os testemunhos, era de péssima qualidade. O par de borzeguins (botas) era pesado e duro, provavelmente de couro de péssima qualidade, completamente diferente dos calçados macios e leves e de boa aparência que os oficiais haviam recebido no exército. Segundo o sargento Alves o dia 24 de maio (1944) foi o grande desfile da tropa da FEB na despedida do Rio de Janeiro: "Vestimos aquele mostrengo de uniforme com a camisa enviesada de todos os lados, as meias brancas, grossas, os borzeguins e perneiras e tocamos para o café. Às 8h da manhã, deixamos o Estádio Vasco da Gama". No itinerário do desfile, seguiram pela rua São Januário, depois a

[332] SILVA, José Alves da, *op. cit.,* pp. 37 e 38.
[333] Id.

São Cristóvão, passaram pela Estação Leopoldina, penetrando na Avenida Presidente Vargas por um trecho não interrompido, porque na época estavam construindo aquela avenida. Um itinerário bastante longo para quem teria de enfrentar a viagem de navio até as terras italianas, e que o diário de Alves registrou: "Fizemos meia volta e ficamos sentados na calçada, mais mortos do que vivos".[334]

O uniforme da FEB foi alvo da crítica e observações de muitos combatentes, pois não primava por uma boa apresentação, seja pela qualidade inferior do tecido e pela própria confecção, criando constrangimentos para a tropa. Não havia nessa época uma indústria de roupa que pudesse atender a demanda do atendimento ao elevado número de soldados que estavam nos preparativos para embarcar para a Itália. Segundo depoimento de Octávio Pereira da Costa,

> O uniforme foi permanente motivo de vexames para os homens da FEB, no confronto com a vestimenta dos exércitos aliados. [...] o calçado preto, de má qualidade e as polainas verde-oliva, de pano impróprio, que haviam substituído as velhas perneiras pretas dos "pés de poeira" da infantaria brasileira - que assim distinguiam ainda no Brasil, o "pracinha" do soldado tradicional -, não suportando o esforço, a lama e o frio, foram substituídas, na Itália, pelos *combat boot* americanos, mais resistentes e apresentáveis.[335]

Sem a definição sobre o local em que a FEB iria combater, os uniformes foram confeccionados em brim, em tecido de má qualidade, que, nas primeiras ações militares em território italiano, acabaram por romper nas costuras e nos joelhos. Mesmo o uniforme de lã verde-cinza, feito às pressas, com material de carregação, não assegurou a proteção contra o frio italiano. Além de seu modelo grotesco, era confundido com o uniforme alemão em virtude da cor. Durante as chuvas e o frio do rigoroso outono italiano, tal uniforme mostrou-se inadequado, pois não era impermeável. Foi necessário a Intendência do 5º Exército americano vestir os soldados da FEB, a precariedade dos uniformes brasileiros foi motivo de crítica entre os mais observadores. Octavio Costa lembra que a roupa de cama e a de "dentro" - meias, luvas, camisas e ceroulas - vieram todas das bases americanas de suprimento.

Como tropa aliada os brasileiros receberam os mesmos uniformes que os americanos para enfrentar o rigoroso inverno, sem demérito para a tropa brasileira,

---

[334] SILVA, José Alves da, *op. cit.,* pp. 37 e 38.
[335] COSTA, *op. cit.,* 1976.

visto que ocorreu o mesmo com os outros exércitos coligados ao 5º Exército Americano. Das peças de melhor qualidade estavam as *Field Jacket* (jaquetas de campo) impermeáveis, bem forradas e revestidas de lã. Também as capas de camuflagem brancas para a neve. A bota brasileira, foi trocada pelo *combat boot*, acrescida das galochas utilizadas tanto na chuva como na neve.

3.6 A LEGIÃO BRASILEIRA DE ASSISTÊNCIA UMA AGÊNCIA A SERVIÇO DO SOLDADO BRASILEIRO

A Legião Brasileira de Assistência, foi criada pelo governo Getúlio Vargas e no seu leque amplo de atividades, há que se levar em conta o papel preponderante que esta instituição exerceu diretamente com o Exército Brasileiro durante a 2ª Guerra Mundial.

Na presidência da instituição vamos encontrar a senhora Darcy Vargas, que desenvolveu um trabalho filantrópico voltado para a sociedade brasileira, mas que na época da guerra direciona quase todas as atividades aos combatentes brasileiros que estavam para embarcar para a Itália, utilizando como meio de comunicação o seu Boletim da Legião Brasileira de Assistência. Este era o órgão aglutinador de incentivo às campanhas pró-expedicionários e de tantas outras que acabaram por demarcar os seus vários papeis, ou seja: A LBA ora é benemérita, ora filantrópica, ora patriótica, mas certamente acima de tudo, política. O seu maior órgão divulgador é certamente o Boletim que acompanhará os soldados brasileiros durante toda a guerra, o que evidenciou a grande ligação da instituição e seus dirigentes com Exército Brasileiro, conforme verificado na consulta que fizemos aos boletins emitidos pela L.B.A, no período de setembro de 1944 a julho de 1945, durante os preparativos de embarque dos soldados da FEB para a Itália.

Da estreita vinculação entre o Exército e a LBA, esta última em seus propósitos direcionados aos soldados embarcados e suas famílias, acabou por realizar um trabalho significativo, ao qual reputamos real importância para os homens que estavam prestes a embarcar para uma guerra, bem como para os que já se encontravam em frente de combate. Dos registros em seus boletins, vamos encontrar desde a saudação protocolar às autoridades do alto escalão da FEB, quanto aos expedicionários que partiam. Das saudações, passava-se por

campanhas diretas de coleta de uma diversidade de produtos que mais tarde foram distribuídos ou enviados aos soldados. Além dessas campanhas, vemos o incentivo inestimável que a LBA prestava na manutenção da troca de correspondências entre familiares e combatentes. Este era o momento mais apreciado pelos soldados, toda correspondência trazia muito conforto, algo indescritível para quem não sabia sobre o dia de amanhã, fator de grande tensão para aqueles que distante da pátria ansiavam por dar e receber notícias. Em sua linha editorial, os boletins da LBA também veiculavam mensagens do Governo e do Exército em forma de incentivo à tropa embarcada.

Já na Itália, o comandante da FEB João Batista Mascarenhas de Moraes, ao passar pelos acampamentos onde estavam instalados os soldados brasileiros, mostrava sempre o desejo de providenciar o conforto físico e elevar a moral dos homens que brevemente estariam em frente de combate, pois a longa viagem de navio e a apreensão das ordens a serem recebidas, deixaram os soldados um pouco combalidos. Conforme os relatos da época, e nos registros feitos pelo comandante no pós-guerra, há que se ressaltar que essa preocupação procedia.

Cada acampamento tinha sua cozinha e os encarregados de providenciar o preparo da alimentação. A comida era reforçada não apenas por produtos brasileiros como o feijão preto e o café, mas também usufruíam os brasileiros do que era fornecido pela intendência americana[•], como por exemplo, carne enlatada, doces de todos os tipos, leite em pó, farinha de ovos para omelete, além de frutas. O pão era fornecido diariamente pelas panificadoras das cidades mais próximas.[•]

Portanto, os gêneros de primeira necessidade eram distribuídos nos diversos acampamentos, mas a L.B.A, nas suas campanhas arrecadadoras, não perdia a oportunidade de enviar as suas contribuições muito bem recebidas pelos soldados.

[•] N.A.: A Intendência Americana ficava na retaguarda, uma espécie de grande depósito, onde os produtos referentes à alimentação e vestuário para os soldados aliados eram guardados e redistribuídos conforme as necessidades.

[•] N.A.: Esta era a alimentação nos acampamentos, para quem estava nas patrulhas, nos “fox hole” ou de prontidão para o combate, eram fornecidas as caixas de ração, compostas de produtos que variavam na seqüência de café, almoço e jantar,eram as rações K. No almoço encontrava-se 1 lata com presuntada, 6 biscoitos, 1 tablete de doce, 5 cigarros, e fósforos, 2 chicletes, café solúvel , açúcar, esterilizador para água, papel higiênico e profilático.As rações c eram constituídas de latas hermeticamente fechadas,contendo galinha com vegetais e feijão branco com carne de porco. Sobre outros dados específicos consulte LOPES, José Machado. **Em 100 vezes responde a FEB.** Curitiba: Imprensa Oficial do Estado do Paraná, 1980.

> Em certa ocasião, expressando a estreita ligação entre a FEB e a L.B.A, o comandante João Batista Mascarenhas de Moraes, em reconhecimento à participação ativa da L.B.A, em entrevista dada na Itália faz os seus agradecimentos: [...] por sua precípua e nobre finalidade, a Legião Brasileira de Assistência está, hoje, fortemente vinculada à Força Expedicionária Brasileira; No exercício das funções desse comando, já nos habituamos a ver e sentir o carinho e a dedicação com que são tratados por essa patriótica associação, os interesses particulares dos homens convocados para o serviço da Pátria, em hora grave e solene da vida nacional. [336]

Na continuidade do seu discurso, Mascarenhas de Moraes, ressalta o papel da Legião Brasileira de Assistência, como o traço de união entre o quartel e o lar dos soldados brasileiros, proporcionando-lhes uma clima de confiança e tranqüilidade e um ambiente de sadio de justa compreensão na emergência necessária ao trabalho e disciplina militares. No mesmo discurso, o comandante da FEB, elogia o papel da mulher brasileira da sua abnegação e bondade. “sempre comprovadas e nunca demais exaltadas, irão iluminar, sem intermitências, as estradas que percorrer e as lutas em que se empenhar a Força Expedicionária Brasileira, em nome do Brasil e em defesa”[337]

Com relação ao trabalho que a L.B.A se propôs a fazer com os soldados que haviam embarcado para a Itália, foi criada uma modalidade de ligação com os combatentes por meio de seu Boletim, que recebeu o nome de *madrinhas de guerra.* Seu objetivo era manter um elo entre esses soldados e o Brasil por meio de correspondência. Nas chamadas de primeira página do Boletim da L.B.A, de fevereiro de 1945, quando os brasileiros enfrentavam os combates de maior envergadura, encontramos a seguinte nota: “A LBA está pronta para atender a você, expedicionário. Peça o que quiser, o que desejar, sem acanhamentos, sem pensar que ela não possa fazer”[338].Outro aviso, no mesmo boletim: “Ainda é “pagão”? Mande uma carta à LBA e logo arranjará “madrinha de guerra”. As madrinhas de guerra eram geralmente jovens que pertenciam à sociedade local na capital federal Rio de Janeiro. Entre outras atribuições, as madrinhas de guerra buscavam colaborar com os soldados enviando roupas de lã como meias, cachecol e toucas, tricotadas por elas próprias, assim como produtos de higiene pessoal. Com a chegada no Brasil dos primeiros feridos em campo de batalha, já no mês de

[336] A NOITE. Rio de Janeiro 21 de julho de 1944.
[337] Id.
[338] BOLETIM DA L.B.A.,n 2, Rio de Janeiro, fevereiro de 1945.

fevereiro de 1945, muitas madrinhas organizavam grupos para as visitas ao Hospital Central do Exército.

Ainda no mesmo boletim de fevereiro de 1945, na página número três, sob o título *Assistência Moral aos Bravos da FEB,* o Boletim enfatizava o seu papel humanitário e assistencialista.

> A Legião Brasileira de Assistência, que está sempre pronta a atender aos expedicionários e suas famílias, enviou no primeiro dia de visitas do H.C.E uma comissão de senhoras para apresentar aos feridos da FEB, os cumprimentos da sra. Darci Vargas e da instituição e ao mesmo tempo da saber de suas necessidades e desejos.Os feridos em número de 80, muitos dos quais já se encontravam em vias de completo restabelecimento (a maioria está em pé e muitos já saíram para passear) ficaram imensamente gratos e comovidos e formularam seus desejos. Era preciso, no entanto telegrafar aos parentes e amigos distantes, Forneceram os textos e a L.B.A, no mesmo dia expediu os telegramas.Solicitaram, também, livros, revistas, troca de dólares, jogos esportivos, caneta-tinteiro e outras utilidades.[339]

Dos boletins da LBA consultados nesta fase, não é feita nenhuma menção aos feridos brasileiros na Itália que foram mandados para um hospital do exército norte-americano em Charleston, na Carolina do Sul, a bordo do navio hospital Arcádia, conforme notícia e foto estampadas no Rio de Janeiro em fevereiro de 1945.[340]

Como destacamos em documentos anteriores, a L.B.A acompanhava atentamente a saída dos navios transporte (soldados) que saiam do Brasil rumo a Itália, pois era uma oportunidade de encaminhar sem muita burocracia os produtos que haviam sido arrecadados em diversas campanhas encetadas pela instituição. O embarque destes escalões na época da guerra, por questões de segurança em alto mar, não eram divulgados com antecedência, pois tais informações poderiam cair em mãos inimigas, e a todo o custo visavam os militares proteger os soldados. Ainda era muito recente a tragédia ocorrida com vários navios brasileiros que foram a pique em águas brasileiras, entre 1942 e 1943 nos ataques efetuados por submarinos alemães e que redundaram na morte de mais de 972 pessoas entre civis e tripulantes, fato que apressou a Declaração de Guerra do Brasil aos países do Eixo em 22 de agosto de 1942.[341]

---

[339] BOLETIM DA L.B.A. fevereiro de 1945

[340] A NOITE, Rio de janeiro 9 de fevereiro de 1945.

[341] N.A. Entre 22 de março de 1941 a 23 de outubro de 1943, foram atacados 32 navios de bandeira brasileira por submarinos alemães, para mais informações sobre o assunto vide relação dos navios

Desta maneira, poucos setores sabiam sobre a saída de navios com soldados embarcados para Itália. Muitas vezes os próprios combatentes foram surpreendidos, com o embarque feito na calada da noite, evitando assim o elemento surpresa, que poderia constituir numa catástrofe caso um desses navios fosse a pique em alto mar.

Em setembro sairiam dois navios levando cerca de 10 mil homens, assim distribuídos: Navio de transporte de pessoal *Gen. Mann* com 5075 homens do 2º escalão sob o comando do general Cordeiro de Farias; e a bordo do navio *gen.Meigs*, do 3º escalão cerca de 5.000 homens sob o comando do general Olimpio Falconiere da Cunha. Tais dados eram guardados sob sigilo, mas Egydio Squeff correspondente de guerra de *O Globo* embarcado com a tropa do 2º Escalão, em seu relato mostra um pouco da preocupação que todos sentiam:

> Conforme as instruções recebidas, à 12:30 horas de um certo dia de setembro compareci ao Ministério da Guerra onde encontraria um oficial que iria conduzir a mim e ao Rubem Braga,correspondente do Diário Carioca.Uma hora depois embarcávamos os dois num grande navio transporte de tropas americano.[342]

Poucos sabem que o Brasil foi o país que mais mandou correspondentes de guerra para a Itália. Estes embarcaram no 2º e 3º Escalões juntamente com soldados, no final da guerra foram reconhecidos como combatentes, como ocorreu a outros países, no reconhecimento do trabalho desses homens. Já dentro do navio, Squeff guardou cuidadosamente o rascunho onde havia escrito as primeiras notas durante o embarque. Essas anotações foram depois transformadas em uma reportagem e publicadas pelo *O Globo*. Ele se reportava às palavras de despedida do presidente Getulio Vargas, que marcou profundamente a todos que escutavam: “Soldados do Brasil! Os vossos compatriotas já estão lutando com eficiência e vencendo as hordas nazistas que nos atacaram, cabe agora a vossa vez.Não estais sós, marchareis ao lado dos brasileiros e veteranos soldados americanos, ingleses e de outros países amigos”[343] O tom marcial do discurso, conclamava ao enfrentamento das hordas nazistas, ao tempo em que colocava os homens da FEB. Na mesma posição dos soldados das outras nações.

---

expostos, bem como o dia do ataque, o número de tripulantes, e o nome do comandante do submarino atacante, no painel térreo do Museu do Expedicionário em Curitiba, Paraná. (2008)

[342] JORNAL O GLOBO, 8 de setembro de 1944.

[343] Id.

Durante a viagem, enquanto a maioria sentia-se tranqüila em relação à viagem, muitos, conforme depoimentos, mesmo entre oficiais, sentiam uma apreensão que procedia, o roteiro do navio, viajando em *zig-zag*, tinha o objetivo de evitar os torpedeamentos. As pessoas, ainda se ressentiam dos ataques provocados pelos submarinos alemães aos navios mercantes brasileiros, que vitimaram tantas pessoas.

Como rotina, todos os dias, era feito um treinamento de abandonar o navio, que sempre era anunciado pelo toque de uma sirene. É possível imaginar o que se passava na cabeça desses homens, quando isso ocorria. Durante a viagem Squeff, preocupado, relata:

> [...]seria afirmar que não tivéssemos sentido apreensão.[...] procurei saber do comandante o que de fato havia ocorrido.Nada me disse...entretanto contaram-me e mais tarde obtive confirmação que de fato,fora assinalada a presença de um submarino.Imediatamente, a nave capitanea da escolta movimentou-se para o largo, seguido de um destroyer, soltando algumas bombas de profundidade.[344]

Tal fato foi depois, amplamente divulgado pela imprensa brasileira.

Esses são aspectos do noticiário da época, sendo que a L.B.A, buscando dar continuidade aos seus beneméritos trabalhos, mesmo no período de guerra, desenvolveu outras atividades dedicadas aos seus sócios, e informou sobre outros eventos, dando ênfase às noticias internacionais e ao promissor futuro do país, que no pós guerra ocuparia um lugar de destaque logo no pós-guerra, entre as nações que se destacassem na guerra. Mas a maior parte do boletim da LBA era realmente dedicado à FEB Uma das colunas muito procurada pelos familiares era a das *Mensagens,* quase sempre ilustradas com a foto de quem enviava a mensagem. Havia também a coluna das *Respostas*, geralmente mensagens enviadas pelos soldados que estavam na Itália aos seus familiares. Essas correspondências vinham diretamente para a sede da LBA no Rio de Janeiro que as distribuía pelo Brasil.

Logo após os primeiros combates que ocorreram em solo italiano, foi criada a *Galeria dos Heróis,* além dos slogans especiais que enalteciam os combatentes, tais como, *Confiamos em vocês*, *Os feridos da FEB*, *O Brasil condecora seus heróis,* sendo sempre reservado à presidente Darcy Vargas um espaço nobre do boletim para as suas mensagens. Nesta fase da guerra foi extremamente importante para o

[344] JORNAL O GLOBO, 8 de setembro de 1944.

soldado brasileiro o papel desempenhado pela LBA em relação à condução destas cartas e mensagens. Muitas vezes estas correspondências não tinham uma ordem cronológica de saída do Brasil, ou seja, às vezes o soldado recebia a mais recente para depois receber as mais antigas. Culpa de quem, é possível perguntar: De quem redistribuía as missivas aqui ou na Itália?

Na saída do maior grupamento de soldados para a Itália no mês de agosto de 1944, neste caso, 2º e 3º escalões juntos, como já nos referimos anteriormente, Darcy Vargas envia uma mensagem intitulada "*Confiança e orgulho da Pátria aos nossos soldados no front*", dirigida ao general Oswaldo Cordeiro de Farias, comandante do 2º escalão da FEB.

> No momento em que sob o comando de V.Ex., outro contingente de nossos soldados deixa o solo da pátria em direção à Europa ensangüentada, quero apresentar-lhe em meu próprio nome e no da Legião Brasileira de Assistência um fraterno abraço de despedida.A confiança nos soldados que partem e a segurança que saberão honrar o pavilhão do Brasil, vingando o sangue de seus irmãos com que a sanha nazista atingiu as águas do Atlântico, enchem de júbilo o coração de quantos aqui permaneceram materialmente presos à terra, mas transportando o espírito para bem junto daqueles que lutam pelos supremos ideais humanos de liberdade e justiça.[...]Formulando votos para que o retorno à Pátria ocorra no mais breve espaço e que voltem cobertos de glória, passo às mãos de V.Ex.as oferendas que acompanham a presente, remetidas em parte pela L.B.A e coletadas em parte pela "Campanha da Madrinha do Combatente" pedindo-lhe que aceite e transmita a todos e a cada qual dos nossos soldados um afetuoso abraço. [345]

Os boletins da L.B.A são minuciosos na descrição dos produtos que enviavam aos brasileiros na Itália, pois nos relatórios técnicos dos oficiais da FEB, tais assuntos são considerados de menor importância ou sequer aventados, Os objetos de higiene, como pastas dentifrícias, sabonetes, tesourinhas, sabão, espelhos, e pentes, aparecem em varias campanhas da LBA Na alimentação havia uma variedade de produtos que envolviam biscoitos, açúcar, café e mate. Na questão do vestuário, foram enviados pijamas, capuzes de lã, "*sweaters*", luvas, meias de lã, camisas, meias, lenços, e até instrumentos musicais, como pandeiros, violões, bandolins, gaitas, cavaquinho, papel de carta, envelopes, lápis, tintas de escrever e,

[345] A NOITE, Rio de Janeiro 4 de setembro de 1945.

cerca de 10.210 maços de cigarros, que na data do embarque do segundo e terceiro escalões foram distribuídos quase pela metade•.

Sobre a atuação da L.B.A, outras abordagens devem ocorrer na continuidade desta pesquisa, principalmente nos últimos capítulos, que discorrerá sobre o trabalho da imprensa brasileira na guerra, e o Boletim da própria instituição.

Neste aspecto será interessante averiguar não apenas o seu papel filantrópico e de amparo aos soldados, mas também as expectativas que o Boletim e a imprensa, de um modo geral, acabaram por criar entre os combatentes no seu retorno, referente principalmente ao amparo social que seria dado a esses homens e o que não se cumpriu.

No trabalho incessante da imprensa brasileira e da própria LBA entre fevereiro e julho de 1945, nos preparativos de recepção aos soldados, foi criada uma 'aura' em torno da tropa que estava a caminho para o Brasil. A FEB foi enaltecida de forma exacerbada tanto pelos agentes da imprensa como de outras instituições, criando mais tarde muitas expectativas e depois constrangimentos.

A configuração heróica dada a cada soldado da FEB criou expectativas não somente aos soldados que foram recebidos em clima de festa, mas a toda sociedade que no desenrolar dos acontecimentos ansiava pela espera dos heróis. Com o tempo, a aclamação vai perdendo força, para o desencanto dos combatentes que se sentiram abandonados e lançados depois à própria sorte no cotidiano que os esperava. O que teria acontecido? Seria a descontinuidade de um projeto para os expedicionários após a queda da ditadura de Vargas, diante de tantas propostas de amparo? Que outros fatores evidenciam tais acontecimentos? Estes são questionamentos vamos tentar responder durante a exposição desta pesquisa, buscando focar o tema já abordado por Francisco Ferraz em sua tese de doutorado sob o título: *A guerra não acabou: a reintegração dos veteranos da Força Expedicionária Brasileira.*

• A NOITE, Rio de Janeiro 4 de setembro de 1945. Cabe lembrar, segundo os relatos muitos destes produtos não chegavam às mãos dos combatentes, onde ficaram? Quanto aos cigarros, de qualidade duvidosa, os que apresentavam uma jovem loura estampando na carteira, era chamados de Bionda Cativa (loura ruim),pois não caíram no gosto dos fumantes que preferiam os cigarros americanos distribuídos entre tropas brasileiras e americanas.

3.7 O EMBARQUE RUMO À ITÁLIA DESAFIANDO OS SUBMARINOS DE HITLER

O comandante da FEB, marechal Mascarenhas de Moraes, concentrou todas as unidades da FEB na capital da República (Rio de Janeiro) ou nas imediações – Valença e Três Rios, dada a impossibilidade de instruir, adestrar e treinar convenientemente uma divisão de Infantaria cujos elementos das diversas armas estavam concentrados em cinco Estados.

Transportar esses homens para a Itália foi outro grande problema: não dispunha, a marinha Brasileira, de navios de passageiros em quantia suficiente para suprir a necessidade de embarcar tantos homens. O governo brasileiro foi obrigado a recorrer aos Estados Unidos, que dispunham de uma frota numerosa de navios de passageiros com acomodação para quatro, cinco, seis mil homens. Devido a vários problemas surgidos, optou-se pelo envio das tropas separadamente, o que acabou se tornando uma constante em relação ao transporte dos soldados.

O 1º escalão parte do Rio de Janeiro no dia 2 de julho de 1944, transportando cerca de quatro mil homens. Os demais seguiram no mês de setembro, ou seja, o 2º e o 3º escalões juntos, partindo do Rio de Janeiro no dia 22 de setembro de 1944. Para fechar o quadro do 1º escalão, embarcou o grupamento pertencente ao Depósito do Pessoal, que ficaria à retaguarda dos combatentes, encarregado dos suprimentos, sejam eles armamentos, munições e alimentos para os diversos acampamentos onde estavam os soldados. Os últimos escalões sairiam: O quarto escalão, no dia 23 de novembro de 1944 e o quinto escalão, no dia 8 de fevereiro de 1945. Desse modo, a FEB completava o seu efetivo na Itália, perfazendo um total de 25.445 homens.

Todos os escalões da FEB atestaram as dificuldades de viajar em um navio transporte. Aos oficiais eram reservados os camarotes também coletivos, usufruídos também pelos representantes da imprensa. Aos soldados cabiam os '*deks'*, a parte inferior do navio, com beliches sobrepostos, localizados quase na linha d'água. É possível imaginar como calor insuportável e a falta de refrigeração, tornavam o ambiente insuportável. Pensar nas necessidades pessoais dos 5 mil homens ali retidos por 15 dias, que era a duração da viagem, imaginar as dificuldades relacionadas à alimentação da tropa, quando era possível servir apenas um refeição ao dia,são transtornos incalculáveis, mas que emergem na narrativa dos expedicionários, quando cada qual expressa a seu modo o cotidiano da viagem.

A FEB é, então, incorporada ao 5º Exército Americano, depois de muitos contratempos. Os soldados receberam armamento, equipamentos e viaturas que estavam sendo esperados com ansiedade; isto não por culpa do comando brasileiro, mas em função dos americanos que não estavam também suprindo suas divisões na Itália, pois, nesse ínterim, se preparavam para os grandes embates na costa francesa, e para lá desviavam tudo o que podiam.

Em seu livro de memórias[346], Mascarenhas de Moraes tenta explicar os problemas relacionados à demora do embarque da tropa para a guerra, bem como as situações que pesaram mais tarde na situação de enfrentamento ao inimigo. As Memórias mostram a trajetória do jovem que saiu da cidade de São Gabriel (RS), vivenciou momentos importantes da história política e militar brasileira, até chegar ao comando da FEB. No prefácio da obra, Moraes assim se manifestou: "Esforcei-me por dar aos acontecimentos uma narrativa exata. Mais ainda: em relação à Campanha da Itália, onde exerci o comando-chefe da Força Expedicionária Brasileira, expus as *causae et rationes*, isto é, as causas intrínsecas e extrínsecas de certas decisões minhas, de poucos conhecidas e só agora tornadas públicas, mas de capital importância para interpretação daqueles fatos históricos."[347]

Em muitas ocasiões, pergunta-se qual foi o verdadeiro papel da FEB diante do 5º Exército Americano. Qual era a posição do comandante João Batista Mascarenhas de Moraes diante do oficialato americano, de quem o Brasil era aliado? Entre os veteranos, existe quase uma unanimidade em torno do personagem do velho marechal. Muitos acham que até maiores desastres não ocorreram com a FEB, dada a ação do comandante. O comandante da FEB, em seu retorno ao Brasil, segundo Brayner, teria arcado com todas as responsabilidades diante dos acontecimentos ocorridos à FEB nos campos da Itália. Talvez seja essa a origem da aura de respeito que existe em torno do comandante da FEB e da admiração mesmo daqueles que não o conheceram.

Ao relatar as dificuldades iniciais que enfrentou, Mascarenhas de Moraes, cujo parecer não pode ser desprezado, embora sutil nos comentários, fornece o contexto político da época. Um dos problemas levantados pelo comandante diz respeito à falta de preparo psicológico da tropa, situação que tomou vulto nos

[346] MORAES, João Batista Mascarenhas de. **Marechal J.B. Mascarenhas de Moraes:** Memórias. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1984.
[347] Ibid., p. 11.

campos de batalha, quando os soldados e comandantes foram colocados diante de duras provas. Também faz menção aos uniformes que não eram apropriados para o frio italiano, e ainda à questão do suprimento dos novos armamentos que só foram entregues na Itália com muito atraso. Situação semelhante também sofreram os americanos com suas tropas estacionadas naquela região dos *Apeninos*.

Passados mais de sessenta anos da participação brasileira na Segunda Guerra Mundial, são ainda muitas as perguntas que rondam as expectativas não somente dos historiadores, mas dos simpatizantes dos assuntos ligados à Segunda Guerra Mundial. São temas diversos, que dizem respeito ao cotidiano desses homens, dos armamentos, do vestuário, da correspondência, da vida em sociedade exercitada em tempos de guerra. Mil motivos que levam os pesquisadores aos arquivos, na busca de fatos e argumentos, como o fez Boris Fausto em um artigo recentemente publicado, ao chamar a atenção dos historiadores para a participação brasileira na 2ª Guerra Mundial, fator que considerou crucial para a compreensão desse período da história do Brasil, ainda pouco estudado.

> Convocados para a guerra, impelidos assim pelas circunstâncias, os pracinhas demonstraram uma disposição e uma coragem heróicas, enfrentando um inimigo muito mais bem adestrado, em condições climáticas adversas, quando o inverno chegou. Cerca de 460 brasileiros morreram no conflito, sem mencionar os feridos, sendo mais da metade das mortes decorrentes da conquista, a duras penas, do Monte Castelo, na cordilheira dos Apeninos, onde se entrincheiravam os soldados alemães.[348]

Dos jornais mimeografados e editados no *front* durante a Campanha da Itália, direcionados aos soldados que combatiam, os redatores buscavam recordar dos fatos passados, mas que permaneceram e se tornaram evidências concretas para as suas existências individuais e do grupo que se fortaleceu na campanha da Itália.

> Faz muito tempo, mais de um ano, que nós estávamos na "Cidade Maravilhosa" preparando-nos para a guerra. Naquela época, não havia gente que acreditasse no nosso embarque, os próprios membros da Força Expedicionária eram os primeiros a dizer que não sairíamos do país.[349]

[348] FAUSTO, Boris. Soldados Desconhecidos**. Folha de São Paulo**, 1 de junho de 2008.
[349] A TOCHA, 17 de julho de 1945.

A demora do embarque dos primeiros escalões da FEB para a Itália,contribuiu para a divulgação de um anedotário localizado no Rio de Janeiro e que muito constrangia os febianos, como este publicado no jornal de campanha:

> Os exercícios continuavam, foram aparecendo os sacos "A" e o "B".[350] Quem não se recorda sobre as anedotas sobre a FEB? Estas eram implacáveis contra os expedicionários. Já se formava uma ambiente quase hostil quando o 1º Escalão partiu para a Itália, sem aplausos, sem ostentações.[351]

Segundo os especialistas, o treinamento da tropa brasileira foi precário, tornando despreparado o Exército Brasileiro para enfrentar uma guerra moderna. Os preparativos e o treinamento dos recrutas esbarravam na escola tradicional francesa, que, durante décadas, havia preparado o oficialato brasileiro em relação aos novos preceitos que norteavam a posição do Brasil como aliado dos norte-americanos. Tal situação envolvia a tecnologia representada por novos armamentos, manuais, instrução e táticas de guerra desconhecidas dos brasileiros.

> Armas como o fuzil M1, o morteiro de 60 mm, o lança rojão, a metralhadora leve de calibre 30mm, o fuzil automático *Browning,* o canhão anticarro de 57mm e o morteiro de 105mm requeriam manutenção e procedimentos peculiares que tinham de ser ministrados e dominados. [...] o equipamento de comunicações da guerra do século XX, como os telefones de campanha e radiotelegrafia, eram desconhecidos.[352]

Outros fatores serão determinantes para a compreensão da participação brasileira na Segunda Guerra Mundial e serão apontados ao longo desta pesquisa, mas nada se iguala aos momentos vivenciados pelos soldados brasileiros indo para uma guerra fora do país, deixando para trás sua família, esposas, noivas e namoradas, enfrentando situações para as quais não estavam preparados. São momentos de grandes dificuldades até para soldados mais experimentados que, colocados diante da prova, não conseguem resolvê-la. O que dizer da Força

---

[350] N.A.: O jornal de campanha ao fazer referência aos sacos A e B, já se apropriava da linguagem usual dos combatentes. No saco A estava contido apenas o uniforme e apetrechos para serem usados na frente de campanha. No saco B, o restante, como artigos pessoais, que não eram de primeira necessidade, portanto ficavam na retaguarda. Durante a campanha na Itália, foi dada grande importância aos homens do saco A, aqueles que realmente estiveram na frente. O saco B (passa a ser visto como aquele que não enfrentou guerra ,mas ficou na retaguarda, portanto discriminado entre os seus pares.

[351] A TOCHA, 17 de julho de 1945.

[352] MCCANN, *op. cit.,* p. 303.

Expedicionária Brasileira, mal selecionada, sem equipamentos e preparo para vivenciar tantos episódios?

3.8 OS CAMINHOS DE UM PRACINHA: A PARTIDA

> Vivemos num tempo em que os conceitos de objetividade estão supervalorizados em detrimento da sabedoria subjetiva. [...] experiências de vida valem muito pouco. Vive-se a transitoriedade plena. A cada dia, o conceito de continuidade é cada vez mais esquecido. [...] é preciso questionar este mundo transitório pelo qual somos empurrados. Enquanto a transitoriedade valoriza o presente e a circunstância, [...] as novas gerações vivem intensamente o presente como se não houvesse futuro e passado. Nossa sociedade desvaloriza o passado. [...] Numa sociedade dominada pela sedução do presente, os idosos estão destinados a parecer gradualmente menos importantes.[353]

Os testemunhos, livros e depoimentos, que têm se multiplicado nos últimos tempos, seria uma forma de enfrentamento dos combatentes frente a este estado de coisas? Estariam os combatentes, do alto de suas experiências, respondendo à conclamação do então major da FEB, Francisco Ruas Santos, em 1958, na cidade do Rio de Janeiro, por ocasião do lançamento do seu livro *Fontes para a História da FEB*, em relação à sua preocupação quanto aos destinos da FEB?

No pós-guerra, Rua Santos, detentor de uma das maiores bibliotecas sobre a FEB e profundo conhecedor da participação brasileira na 2ª guerra, publicou vários artigos em jornais e boletins das associações de veteranos. Eram alertas aos companheiros, dizendo da importância de uma ação direcionada, para atender a demanda de uma memória de guerra que não poderia ser esquecida. Neste aspecto, seus escritos são reveladores: “A verdade é que não temos uma história da FEB [...] seja como for, não devemos adiar por mais tempo o estudo das fontes dessa história. Muitos dos expedicionários já faleceram nestes doze anos que nos separam do término da guerra na Europa.”[354]

Pensando no futuro da FEB, do destino natural que a vida conduz, Ruas Santos expunha claramente o perigo do esquecimento da memória da FEB, pelo desaparecimento dos seus homens, o que ele justifica com palavras precisas:

---

[353] KAMIA, Ushitaro. Envelhecer dói. **Folha de São Paulo,** 22 de junho de 2008.
[354] SANTOS, Francisco Ruas, *op. cit.,* pp. 5-7.

> E com o seu silêncio eterno, depoimentos talvez interessantes não poderão mais ser conhecidos. [...] Todos sabemos que a experiência, os feitos, os erros e as glórias da FEB, não dizem mais respeito a pessoas apenas. São patrimônio do país que precisa incorporar à sua História aquilo que o merecer.[355]

Nesta narrativa, buscar-se-ão fatos decorrentes da própria guerra: num dado momento, a FEB, cuja função inicial era servir como tropa de reserva junto aos aliados norte-americanos, se vê, de repente, alçada à tropa de primeira linha, tendo de combater o soldado alemão em suas especialistas, cujas histórias marcantes, os ligavam às experiências em campo de batalha, tanto na frente russa, como no Norte da África.

Outro elemento a se integrar aos depoimentos e diários dos pracinhas brasileiros nesta pesquisa será a participação da imprensa brasileira por ocasião da guerra. Apesar da ação coercitiva do Departamento de Imprensa e Propaganda e da censura imposta pelo Estado Novo, uma grande cobertura sobre a guerra foi desencadeada pelos periódicos brasileiros, com diversas coligações tanto no território brasileiro, como com a imprensa internacional, fator instigante para esta pesquisa em função das diretrizes tomadas tanto pelos correspondentes como pelos editores em si.

É notória a influência e as posturas adotadas pela imprensa local, não somente em relação à sociedade, extrapolando a propaganda estadonovista, mas também reforçando a imagem heróica dos soldados brasileiros, criando, desse modo, um comprometimento do soldado brasileiro frente ao inimigo, pesando substancialmente na postura do combatente em frente de batalha.

Segundo Isabel Lustosa, quando da publicação recente do seu artigo *Insultos Impressos: a guerra dos jornalistas na Independência do Brasil,* ela coloca em xeque a versão dos fatos propalados pela imprensa. “a palavra impressa tem um peso tão considerável que o critério para ver a tendência autoritária de um governo são as medidas que toma para cercear a publicação e a circulação dos jornais.”[356]

Da experiência da autora acima citada, fica ainda a recomendação aos historiadores, no sentido de que estes vasculhem e interpretem os jornais, resistindo ao ‘fetiche da página imprensa’, buscando confrontá-la com outras fontes. Da

---

[355] SANTOS, Francisco Ruas, *op. cit.,* pp. 5-7.
[356] LUSTOSA, Isabel. A Verdade que vem impressa nos jornais. **Folha de São Paulo,** 30 de abril de 2008.

mesma maneira alerta aos leitores, lembrando que não há texto neutro, pois nele estão embutidas as paixões e os interesses do jornalista, do editor ou da empresa jornalística a que estão ligados.

Neste sentido, além dos testemunhos e dos diários dos pracinhas, a narrativa histórica que se conduzirá, pautar-se-á também pelas fontes impressas e pela cobertura jornalística, dentro da cronologia que abarca a saída dos soldados brasileiros e os principais acontecimentos ocorridos em frente de batalha.

Nas narrativas escritas e orais sobre as lembranças do embarque do 1º escalão brasileiro da FEB, no dia 29 de julho de 1944, para a Itália, é possível perceber a reconstituição da memória social, individual e coletiva, que remete ao passado de cada um e à história do grupo social a qual pertenceram os combatentes brasileiros. Mas as lembranças estão sempre situadas num espaço de tempo e lugar, não há como se lembrar de um lugar sem que se conte o que nele se viveu.

Há que se lembrar que todo novo vínculo grupal, como se deu com a FEB, acaba por fomentar uma adesão de memórias aos fatos importantes ocorridos naquelas circunstâncias. Dentro desta reflexão, explica Ecléa Bosi sobre os meandros da memória: "é um ponto de encontro de vários caminhos, é um ponto complexo de convergências de muitos planos do nosso passado."[357]

Assim, momentos delicados são expressos nos diários como os do tenente Ernani Ayrosa da Silva, quando recorda de sua partida:

> Tinha de me apresentar no quartel, no dia 29 até vinte horas, ocasião em que todas as Unidades ficariam em condições de abandonar a Vila Militar. Até o momento, poucos eram sabedores dos destinos de todos nós. Toda essa movimentação tinha por objetivo manter o sigilo sobre o embarque das unidades.[358]

Pela narrativa de Ayrosa, é possível perceber que medidas diversificadas consideradas sigilosas, foram adotadas para o embarque dos primeiros soldados. Todos os contingentes foram acionados, para não ficar muito claro, qual regimento embarcaria na primeira leva, os demais também se afastariam por alguns dias dos quartéis,cada uma com destino diferente.Passados oito dias, as que permanecessem no Brasil deveriam iniciar o regresso aos quartéis e só então ficariam caracterizadas as que tinham seguido além mar.

---

[357] BOSI, *op. cit.,* p.35.
[358] SILVA, Ernani Ayrosa da, *op. cit.,* pp.34-35.

No caso de Ayrosa, segundo seu testemunho, a situação era um pouco diferente dos demais:

> Minha família, pela situação inopinada da transferência para o 6º R.I , era sabedora do meu embarque definitivo. Foram cinco dias difíceis. Nada era comentado em minha casa. Meus pais procuravam disfarçar o estado de preocupação em que se encontravam. Meu último jantar com a família,reuniu todos os parentes.[359]

Da ansiedade que margeava o pensamento dos soldados que embarcariam no primeiro escalão era patente a preocupação de todos, principalmente em relação ao destino do contingente. A partida para o desconhecido assustava a todos. Afinal, seguiriam para a África, ou seria a Europa? A agitação dentro dos quartéis é exposta na narrativa de Ayrosa:

> Quando cheguei ao quartel do 6º R.I., o clima estava por demais agitado. Na plataforma, nos fundos do quartel, já estava estacionada a composição que nos conduziria ao cais do Porto para o embarque nessa noite, de 29 de junho de 1944, com o Primeiro Batalhão. O trem que nos conduziu fez todo o percurso com as luzes apagadas e as cortinas abaixadas. Ao atingirmos o Cais do Porto, em torno das vinte e três horas, várias autoridades já se encontravam. Nosso batalhão deixou o trem ordeiramente, embarcou, ocupou os lugares determinados e assumiu os serviços a bordo. Quando passávamos uma primeira revista à tropa embarcada, foi anunciada, pelo microfone do navio, a presença do Presidente da República a bordo. Vinha fazer a última visita aos integrantes da FEB, e na ocasião proferiu curto discurso de despedida, apresentando votos de felicidades no cumprimento da missão.[360]

Sobre o embarque dos soldados que seguiram para a Itália no 1º Escalão da FEB, é importante o diário de guerra de Ítalo Diogo Tavares, intitulado *Nós vimos a cobra Fumar.* Segundo o próprio autor, foi escrito em meio aos preparativos para o embarque da tropa no dia 29 de junho de 1944 e retrata as esperanças e frustrações, mescladas à inocência da juventude. Em outros momentos, segundo sua narrativa, denota a revolta pessoal diante da incompetência do comando.

Ao se reportar ao momento de prontidão do seu grupo, no dia 29 de junho ele recorda:

> Estamos de prontidão às 17h. A informação que nos foi prestada era que iríamos passar 15 dias no campo, tendo instrução no âmbito do Regimento de Infantaria, porém nós tínhamos impressão que seria o embarque para os

[359] SILVA, Ernani Ayrosa da, *op. cit.,* pp.34-35.
[360] Id.

> campos de batalha. O meu capitão deu-me três horas para ir em casa me despedir de minha família.[361]

Retornando a sua casa, Ítalo Diogo encontrou-se com sua mãe a senhora Marcilia, segundo o combatente, foi um momento de grande tensão já esperado:

> Foi difícil abordar o assunto que me levava a casa. Já sabia que minha mãe não resistiria a minha partida. [...] Nem me recordo como fiz ver a ela que devia partir. Creio que balbuciei algumas palavras. O tempo era tão curto. Não foi possível me despedir do meu pai e de meus avós.[362]

Na pressa do momento, Ítalo presta as últimas informações sobre como ela deveria fazer para se corresponder, dando os indicativos necessários. O momento é de grande tensão, que ficou gravado em seu diário: "ela não resistiu e, chorando, me disse: 'Vai meu filho, vai'. Saí com os olhos cheios d'água. O momento da partida não me sairá jamais da lembrança". No seu retorno ao quartel, o intenso trabalho de lacrar portas, de queimar os papéis, deixar e limpar o alojamento todo, causava muita tristeza a todos "tal apreensão nos deixava um pouco tristes. Porém, sentia-me contente por embarcar para defender o meu Brasil".[363] No discurso de Ítalo Diogo, fica expresso o senso de patriotismo assinalado, que é demonstrado também nos testemunhos de outros pracinhas por ocasião do seu embarque para a Itália.

Assim como a de outros embarcados, a sensação de Ítalo Diogo era de apreensão. Porém, em outros relatos, muitos soldados estampavam contentamento e felicidade, quem sabe até pela demora com que o processo de embarque vinha ocorrendo, criando momentos de instabilidade e questionamentos entre a tropa.

> Neste momento, eu me lembrei dos meus amigos que eu deixava no Rio. [...] Enfim, lembrei-me de todo o meu passado. Iria seguir para uma terra desconhecida, onde se falava uma língua diferente da nossa e os costumes seriam completamente diferentes.[364]

Transportar tantos homens para a Itália foi um grande problema, a Marinha Brasileira não dispunha de navios de passageiros em quantia suficiente para suprir tais necessidades. O governo brasileiro foi obrigado a recorrer aos Estados Unidos

---

[361] TAVARES, Ítalo Diogo. **Nós vimos a cobra fumar.** Salvador: P&Gráfica e Editora Ltda, 2003, pp.11-12.
[362] Id.
[363] Id.
[364] Id.

que dispunham de uma frota de navios cargueiros, adaptados para a emergência da guerra. Na impossibilidade de embarcar todos de uma só vez, optou-se pelo envio das tropas separadamente, o que acabou se tornando uma constante em relação ao transporte da tropa.

Segundo o coronel José Machado Lopes, comandante do 9º Batalhão de Engenharia da FEB, em seu esclarecedor livro *100 Vezes Responde a FEB*, além da dificuldade sobre o transporte dos soldados para a guerra, pairava no ar o destino desses homens. "Inicialmente, não sabíamos qual o nosso destino. Seria o sul da França ou a Itália? Só quando rumamos para Nápoles é que tivemos a confirmação de que seríamos incorporados ao V Exército americano."[365]

Dos dados apresentados por Machado Lopes, é possível ter uma idéia mais aproximada da maneira como ocorreu o embarque dos 25 mil soldados brasileiros. Buscando descrever as embarcações que por um determinado tempo ficariam encarregadas de conduzir estes homens, ele deixou registrado:

> Tratava-se de embarcações deslocando cerca de 15 mil toneladas, com armamento próprio para a defesa antiaérea e anti-submarina, mas que em velocidade de cruzeiro baseava a sua principal defesa. A capacidade de cada navio era na ordem de 5 mil homens embarcados que se distribuíam por seus cinco 'decks' nos quais se encontravam os compartimentos com três ordens de macas (camas de lona) superpostas. Não possuindo escotilhas (janelas), eram dotados de um sistema de ar condicionado que deveria tornar suportável o ambiente, principalmente à noite, quando se fazia o escurecimento total do navio. É fácil calcular o que suportaram os integrantes da FEB durante a travessia do Atlântico, que durou em média quinze dias: ao temor de um possível torpedeamento se juntava o enjôo, numa temperatura asfixiante, por não funcionarem os aparelhos de ar condicionado e com a obrigação de manterem o navio sempre limpo.[366]

A saída dos diversos escalões iniciou no dia 2 de julho de 1944, com o navio General Mann, por ocasião do embarque de 5.075 homens do 1º escalão. Nele, estavam presentes o comandante da FEB, general Mascarenhas de Moraes, e Zenóbio da Costa, que comandou a Infantaria Divisionária e outros segmentos da própria FEB, que seriam responsáveis pelo andamento da guerra, como o caso do pessoal da Intendência, responsável pela manutenção de reservas para a tropa, quando tal situação dizia respeito não somente ao armamento e munição dos

[365] LOPES, *op. cit.,* p. 26.
[366] Id.

combatentes, mas a produtos relacionados à alimentação dos soldados e até a uniformes.

A situação dos soldados embarcados era muito difícil e se pode imaginar o sofrimento de muitos na permanência obrigatória e vigilante nos quinze dias de duração da viagem até a Itália, enclausurados no porão do navio. Muitos se referem a este percurso, que marcou as memórias de comandantes a comandados, cujos registros ocuparam dezenas de diários e de testemunhos marcantes. Do alto comando, o general Lima Brayner, que foi chefe do Estado Maior da FEB e viajou junto ao 1º escalão, em um livro polêmico, assim expôs o episódio: "O ambiente geral era melancólico, triste mesmo. Nenhum sinal de entusiasmo, talvez devido à surpresa que assaltou a todos e à severidade do segredo que dominava os mínimos atos ligados ao embarque."[367]

O serviço de refrigeração não funcionou, pode-se imaginar o calor infernal pelo qual passaram os soldados, cujos compartimentos, os 'decks', ficavam abaixo da linha d'água. Eram compartimentos estanques com capacidade para 200 homens, com camas superpostas de 4 em 4. Prosseguindo na narrativa do cotidiano a bordo, Brayner destaca outras referências:

> Não havia lavanderia à nossa disposição, cada qual lavava a sua roupa. A comida era muito saudável, pois prevalecia a questão da qualidade à quantidade. Imagine, duas refeições servidas ao dia. Para alimentar 6 mil homens, só foi possível assim, às 9h e às 16h, só tinha direito a uma 3ª refeição quem prestasse serviços a bordo.[368]

Segundo vários testemunhos, não havia o que reclamar das refeições. O cardápio servido a bordo do navio era constituído de produtos usados na alimentação dos norte-americanos: produtos desconhecidos da alimentação dos soldados brasileiros, como, por exemplo, o *rice krispies*. Era servido leite, bem como bacon, omelete, frutas em calda, creme, café e geléia. A comida com sal geralmente era ofertada com os pré-cozidos, como o feijão branco, carne e batata. Tais iguarias não foram muito bem recebidas pelos soldados, que reclamavam da comida ser doce. Sentiam falta os recrutas do arroz e feijão, carro chefe da alimentação de milhares de brasileiros. Por outro lado, o enjôo estomacal cotidiano sentido por

[367] BRAYNER, *op. cit.,* 1968, p. 30.
[368] Id.

muitos tolhia qualquer desejo de fazer uma farta alimentação. Muitos passaram vários dias alimentando-se apenas de frutas.

Enquanto os soldados eram obrigados a permanecer no porão do navio grande parte do dia, por questões de segurança, os oficiais ficaram melhor acomodados, pois ocuparam camarotes coletivos, geralmente de 11 pessoas, agrupados pelos postos hierárquicos exercidos nos quartéis. Em seu diário, o tenente Ítalo Diogo lembra das acomodações.

> Coube a mim um camarote do qual faziam parte mais 11 companheiros, todos tenentes, como eu. [...] Para nos fazer levantar pela manhã, tocam na corneta umas notas à americana e, depois, uma voz diz: 'alvorada, alvorada, os praças devem se preparar para o pequeno almoço.'[369]

A aparente pouca comida servida no restaurante do navio, para muitos, dava a sensação de muita fome, pois os praças estavam acostumados à farta refeição que era servida nos quartéis, principalmente nas porções de arroz, feijão e carne seca. Mas, a partir do 3º dia, as cantinas americanas foram abertas e todos podiam se abastecer de outros produtos, principalmente do chocolate, que agradava a todos.

Todos os embarcados tinham consciência, principalmente os soldados, de que se, por ventura, ocorresse um torpedeamento, dificilmente escapariam, pois, como evacuar o navio às pressas com milhares de pessoas? Por outro lado, uma viagem longa proporcionava todo o tipo de pensamento, pois as notícias não eram repassadas e a situação de viajar em comboio, com os navios contra torpedeiros seguindo ao lado do navio principal, gerava insegurança, pois a qualquer momento o navio poderia ser atacado. Os exercícios de 'tiro' dos tripulantes americanos não poderiam ser confundidos com um ataque?

Após 36 horas do embarque dos soldados e dos seus comandantes do 1º escalão, finalmente, no dia 2 de julho, o grande navio vai deixando o Rio de Janeiro. Muitos retratam os últimos momentos em águas nacionais, com seus depoimentos carregados de emoção, como aconteceu com o chefe do Estado Maior da FEB, Lima Brayner, anos mais tarde e também na descrição de outros combatentes.

Finalmente, o navio General Mann vai deixando o porto entre navios mercantes e barcos, levando no seu bojo o 1º Contingente brasileiro. Se o povo

[369] TAVARES, *op. cit.,* p.14.

tivesse sido avisado, as amuradas, os cais e centenas de embarcações estariam na vigília para o último adeus, na reflexão de Brayner. Só assim o povo acreditaria na realidade, ele próprio conjetura: “Mas a verdade é que isto poderia ter custado uma tragédia, logo ao ganharmos o alto-mar. Os submarinos alemães estavam de tocaia e nós estávamos praticando um perfeito ato de guerra.”[370]

Quando o navio ia deixando a cidade ao longe, no tombadilho os soldados aos poucos iam se despedindo da paisagem brasileira. Passaram pelo Forte da Laje e pela Fortaleza de Santa Cruz, as guarnições estavam formadas, no alto das muralhas e da grande cúpula. As bandeiras multicores e trêmulas içavam os votos fraternos de “Boa viagem”, enquanto a tropa erguia hurras e permanecia em continência. “[...] À frente, muito à frente, esgueiravam-se entre as ondas, em alta velocidade, os três destróieres da escolta brasileira, abrindo caminho, com uma disposição e audácia que nos enchiam de orgulho.[371]

Da maneira de ser de cada um, da sua visão de mundo, de seu estilo particular de escrever, surgem as narrativas que vão desvendando os olhares para os episódios marcantes, do que constituiu para cada um,, a saída do Rio de Janeiro embarcando para a guerra. A descrição do sargento Boris Schnaiderman é um destes momentos, que retrata a delicadeza da lembrança dos homens que não tinham muitas certezas sobre os caminhos a seguir, nem sobre o que os esperava lá adiante. “E, eis-me também, mares afora, rumo ao meu destino ignorado. Olho as caras incolores dos companheiros e vejo refletido nelas o meu olhar de indiferença, os meus próprios gestos mecânicos, a minha própria entrega ao monstro que nos transporta”.[372]

O diário dos combatentes descreve também as jornadas do cotidiano da vida de quem está no navio. Do convívio forçado entre milhares de homens, onde o público invade o privado, mudam-se os comportamentos, fortalecem-se as amizades e conjetura-se sobre o futuro,como no relato do sargento Schnaiderman :

> Suamos em bica, pois os alto-falantes, categóricos e impessoais, impondo um novo tipo de disciplina, mais difícil de suportar que os impropérios do pior dos oficiais, transmitiram a ordem de usar o salva-vidas. Estes são uma

[370] BRAINER, *op. cit.,* p. 30.
[371] Id.
[372] SCHNAIDERMAN, Boris. **Guerra em Surdina**: histórias do Brasil na Segunda Guerra Mundial. São Paulo: Brasiliense, 1995. pp.35-36.

> espécie de casacões grossos e feios, cheios de algo que parece algodão ou paina comprimida, e que logo recebem apelido de morcegão.[373]

À bordo, nas filas constituídas para as duas refeições diárias, continua Schanaiderman:

> [...] a caneca de café dançando sobre a travessa de estanho, raspando nela com um som angustioso, um cheiro penetrante de cozinha e tinta fresca, o calor, a roupa grudando no corpo, o gira-gira da cabeça, a névoa nos olhos, a zoeira nos ouvidos, os restos de comida que se atiram num latão cheio de líquido asqueroso, a lufada de ar frio que atravessa os pulmões quando se sobe ao convés, o bate papo, o carteado.[374]

São palavras que descrevem o cenário, onde a memória congelou o tempo, na impossibilidade se levar ao esquecimento.

Neste instante, mesmo para o historiador, cabe também a narrativa poética, a evidenciar os fatos. No relance, imagina-se - o sargento Schanaiderman teria voltado às suas anotações? Como as teria feito - Talvez no tombadilho do navio, em um daqueles momentos lúgubres, quando o navio em marcha regular vai cruzando as águas serenas. Quem sabe!... Pouco importa, a mensagem é bela e vale a pena ser transcrita

> [...] o mar cinzento e triste, as dificuldades para encostar o corpo, que parece quebrado na roda de tortura, novamente a fila, o escurecimento geral às cinco e meia, depois da ordem transmitida pelas goelas enormes e impassíveis dos alto-falantes, o fechamento das portas para o convés, o calor cada vez mais sufocante, a morrinha do suor que se espalha pelo compartimento, as luzinhas vermelhas e foscas que desenham na escuridão contornos mal definidos, o crescente balançar do navio, que repercute como golpes no crânio, o corpo que se atira mecanicamente sobre o leito de lona, os dias e as noites, mar e céu, céu e mar, mais filas, mais escurecimento, os companheiros que vomitam, e eu que tenho de rondar.[375]

O maior embarque de soldados da FEB deu-se no dia 22 de setembro de 1944 em dois navios. A bordo do primeiro, General Mann, saíram 5.075 mil homens, que compunham o 2º Escalão. Nele, estava o Comandante da Artilharia Divisionária, o general Cordeiro de Farias; o 1º Regimento de Infantaria, conhecido como Sampaio; partes do grupamento do 9º Batalhão de Engenharia; o Batalhão de

---

[373] SCHNAIDERMAN, *op. cit.,* pp. 35-36.
[374] Id.
[375] Id. N.A.: O ato de rondar, que Schnaiderman faz referência é a vigia que se fazia durante todo o dia pelos compartimentos do navio, para as ressalvas de segurança.

Saúde; o Serviço Postal; o Serviço de Justiça; correspondentes de guerra e o Banco do Brasil.

O outro navio era o General Meigs. Nele, embarcaram os 5.239 homens do 3º Escalão, formado pelo 11º Regimento de Infantaria, pelos componentes do recompletamento dos grupos que haviam embarcado anteriormente e pelo Pelotão de Sepultamento. Comandando este grupamento estava o general Olimpyo Falconiere da Cunha.

O 4º Escalão da FEB saiu do Brasil a bordo do navio General Meigs, no dia 23 de novembro de 1944, com 4.691 homens. Nele, estava o 1º Escalão do Depósito do Pessoal da FEB.

O 5º Escalão saiu do Rio de Janeiro no dia 8 de fevereiro de 1945 e foram embarcados 5.082 homens com o restante do grupo do Depósito do Pessoal. Por via aérea, foram transportados 111 elementos, dos quais 67 eram enfermeiras.

Muitos destes escalões ainda nem tinham saído do Brasil, quando a imprensa brasileira, a partir de 18 de julho de 1944, irrompeu em manchetes vibrantes que anunciavam a chegada em segurança a Nápoles, dois dias antes de o primeiro contingente chegar à Itália. Em atitude inusitada, os jornais, por meio de suas colunas e editoriais, por todo o país, anunciavam o idealismo da nação ao buscar combater os bárbaros nazi-fascistas e retratavam o Brasil erguendo-se em defesa das instituições democráticas da liberdade.

3.9 COBRAS FUMANDO[376]: O BRASIL ESTÁ PRESENTE

O título acima foi veiculado pelo *Jornal do Brasil,* no dia 19 de julho de 1944, no Rio de Janeiro, logo após a chegada do primeiro escalão brasileiro de combatentes à Itália. A cobertura da participação brasileira na guerra pela imprensa autorizada pelo governo do Estado Novo mereceria um capítulo à parte, dada a conotação adotada na veiculação das notícias, que, durante muitos meses, ocuparam as principais manchetes dos jornais brasileiros, numa linguagem

[376] N.A.: Cobras fumando, o termo é originário de um caudal de lendas, que se sobrepõem em uma explicação central: De acordo com os pracinhas, conforme a história era contada no Rio de Janeiro, dada a dificuldade da FEB embarcar para a Itália, pois muitos achavam que a guerra estava terminando era “mais fácil uma cobra fumar do que o Brasil ir para a guerra.” Basicamente esta explicação ficou retida no imaginário de muitas pessoas e dos próprios soldados.

grandieloqüente, enaltecendo o valor combativo dos homens da FEB, muito antes de o Brasil dar o primeiro tiro, como evidencia McCann.

FIGURA 1 – A COBRA QUE FUMA

FONTE: Acervo da autora.

> A imprensa dizia aos brasileiros que seus filhos estavam conquistando para o Brasil o direito de participar da reconstrução da sociedade internacional do pós-guerra. Embora muita gente, indubitavelmente, acreditasse que os corajosos rapazes da FEB desempenhavam uma ação de pura generosidade, a ironia de uma ditadura enviando o seu exército através dos mares para libertar povos oprimidos não passava despercebida. Para muitos, a FEB era a garantia de que Vargas honraria o seu compromisso de 1943, de fazer o país retornar à regra constitucional.[377]

As expectativas da imprensa em relação à importância da representatividade brasileira na guerra eram anunciadas diariamente ao público leitor, nos principais jornais da cidade e reproduzidas em outros periódicos, por força das coligações que eram feitas pelos diversos setores da imprensa brasileira, interessada em fazer parte do 'pool' que iria cobrir os acontecimentos em frente de batalha.

Os jornais de maior circulação no Rio de Janeiro já se manifestavam durante o embarque do 1º escalão, ressaltando as esperanças dos brasileiros. O editorial de *O Jornal,* em 19 de julho de 1944, dizia estar orgulhoso de o Brasil estar cumprindo o seu destino histórico e desempenhando "um papel coerente com a realidade de uma grande potência.", ou ainda, "A FEB era a demonstração de que a Nação "estava preparada para assumir as responsabilidades totais da aliança com os Estados Unidos." Já o jornal *O Globo* expressava a confiança de que, nas mãos dos

[377] MCCANN, *op. cit.,* p. 318.

pracinhas, a Bandeira Brasileira não seria vilipendiada. O jornal *Diário da Noite* explicava o propósito da FEB, a esperança dos brasileiros: “com a presença das tropas, nos lançamos como grande nação junto às potências livres.”[378]

Há que se perguntar qual foi o real papel da imprensa brasileira durante o período em que a FEB fez o seu combate na Itália. No projeto estadonovista, segundo Lucia Lippi Oliveira, a dimensão ideológica assume um papel preponderante, na medida em que constituiu uma doutrina “obrigação política” para a sociedade civil. Neste aspecto, a cidadania é redimensionada por essa doutrina, que busca envolver os diversos setores sociais na política do Estado. A preocupação maior consistiu em construir uma estratégia político-ideológica capaz de legitimar a existência do regime frente à opinião pública.[379]

Segundo levantamento do marechal Machado Lopes, a imprensa brasileira fez-se representar junto à FEB pelos jornalistas correspondentes, que, “abnegadamente, documentavam com as suas crônicas não só os feitos extraordinários dos nossos pracinhas, como até passagens pitorescas da vida na frente.”[380]

FIGURA 2 – OS CORRESPONDENTES DE GUERRA BRASILEIROS

FONTE: Acervo da autora.

[378] MCCANN, *op. cit.,* p. 318.
[379] OLIVEIRA, Lucia Lippi, *op. cit.,* p. 93.
[380] LOPES, *op. cit.,* p.49.

Dos jornalistas acreditados junto à FEB, *O Globo* enviou Egydio Squeff; em nome dos *Diários Associados*, foram Joel Silveira e José Leite; *O Diário Carioca* era representado por Rubem Braga; o jornalista Raul Brandão atuou junto *Correio da Manhã;* enquanto a *Agência Nacional* acabou enviando dois jornalistas, Thassílio de Campos Mitke e Sylvio da Fonseca. As principais notícias que temos da época da guerra, foram conduzida por estes profissionais.

Além dos jornalistas brasileiros, a FEB contou com um bom número de correspondentes estrangeiros como Francis Hallawell, correspondente da *BBC* (*British Broadcasting Corporation*); também com Henry Bagley, da *Associated-Press*; com o tenente coronel, Carrel Peck, da coordenação de Assuntos Interamericanos e com Clinton Conger, da *United Press*.

FIGURA 3 – FRANCIS HALLAWELL

FONTE: HALLAWELL (1946, p. 17)

A Imprensa filmada foi representada pelos cinegrafistas Allan Fisker, Frank Norall, Horacio Coelho Sobrinho, Fernando Stameto, Silvio da Fonseca e Abelardo Cunha.

Os jornais dos batalhões apareceram em profusão. Os mais conhecidos eram *A Cobra Fumou*, do 1º Batalhão do 6º Regimento de Infantaria; *O Sampaio*, do 1º R. I.; o *Zé Carioca*, uma publicação do Serviço Especial da 1ª Divisão de Infantaria do Exército; o *Brasil Ultramar*; *O Chicote* e a *Tocha*, este ultimo uma publicação que

existiu durante o retorno dos soldados brasileiros no navio General Meigs. Dos jornais que surgiram nesta fase, o *Cruzeiro do Sul* era o órgão oficial da FEB Grande parte destes jornais, buscava informar os soldados sobre os acontecimentos da guerra na Europa, principalmente as noticias que vinham da frente alemã.[381]

A leitura minuciosa destes tablóides, pode fornecer dados relevantes para o pesquisador que se proponha a verificar as tendências de seus redatores. No caso da imprensa produzida nos batalhões, seus redatores eram todos oficiais da mais diversificada escala hierárquica da FEB, mas que contava com outros colaboradores, entre os quais soldados. Neste ponto, é possível perguntar: qual era a ótica de um jornal de batalhão? Havia liberdade de expressão, ou o controle de uma censura prévia?

Muitos dos jornais brasileiros, mesmo os que haviam enviado seus correspondentes, dependiam estritamente dos censores que atuavam junto ao Exército Brasileiro. Para o envio de uma notícia, era necessária, primeiro, a autorização destes responsáveis, que, por sua vez, as enviavam ao Brasil e, aqui, o DIP funcionava como central catalizadora e distribuidora das notícias da guerra. Já em território brasileiro, ocorria uma ramificação entre os jornais conveniados, que funcionavam como multiplicadores das informações. Nesta rede de influências e agregados da imprensa, devidamente autorizados a reproduzir as matérias que vinham do *front,* é possível destacar os seguintes periódicos: Diário da Noite, A Notícia, A Noite, Jornal do Comércio, Tribuna Popular, A Democracia, A Manhã, O Radical, O Jornal, Correio da Manhã e Jornal do Brasil, dentre outros.

Buscando dar ênfase à chegada do 1º Escalão da FEB na Itália, estes jornais destacavam manchetes de vibrante confiança nos soldados brasileiros. Muitas vezes, tais editoriais eram reforçados também pelos correspondentes de guerra, que, sem conhecer a realidade da tropa recém chegada, publicavam informações improcedentes.

---

[381] N.A.: Sobre os nomes dos jornais dos batalhões, cabe uma explicação: *A Cobra Fumou* é uma referência ao símbolo máximo da FEB, ou seja a cobra desafiadora que vence obstáculos. *O Sampaio* homenageava o próprio regimento e combatente Sampaio o seu patrono morto na Guerra do Paraguai. *O Zé Carioca* lembrava o uniforme de brim do combatente brasileiro pela sua cor ser igual ao do papagaio personagem de Walt Disney e que fazia muito sucesso na época da guerra. *O Chicote,* tinha intenção de ser um jornal critico que pudesse bater fortemente nos episódios, resoluções e pessoas que contrariavam o bom andamento do regimento.*A Tocha*, na linguagem dos expedicionários, significava fugir, escapulir, era muito usado quando os soldados saiam às escondidas para um passeio, visitar uma cidade, promover algo que não era permitido na disciplina militar.

A 19 de julho, muitas notícias sobre os combatentes iam chegando ao Brasil, dando detalhes do desembarque do 1º Escalão da FEB. Um dia antes, o correspondente norte-americano, Clinton Conger, da *United Press*, já havia reunido os principais dados sobre a tropa brasileira, que foram publicados no Brasil sob o título *Pisam o solo italiano os soldados do Brasil*. De acordo com os jornalistas que se encontravam de plantão no porto, as tropas brasileiras chegaram a Nápoles às 9 horas da manhã, realizaram o primeiro desembarque às 18 horas, o qual foi encabeçado pelo comandante chefe brasileiro, general Mascarenhas de Moraes, antes que o general norte-americano Jacob L. Devers subisse ao transporte que conduziu as forças expedicionárias. Em seguida, a tropa desembarcada carregou os diversos caminhões destinados à condução de seu equipamento e marcharam para a estação sob o sol abrasador de Nápoles, nesta época do ano.

Ainda de acordo com o jornalista Clinton Conger, após entrevistar alguns oficiais e saber destes, os motivos da presença de um contingente tão expressivo, obteve a seguinte colocação: "Segundo declararam os oficiais brasileiros presentes, essa força constitui o contingente avançado da FEB. [...] São essas as primeiras tropas latino-americanas enviadas para combater ultramar, embora o Brasil já tivesse tido uma experiência na primeira guerra mundial.[382]

No dia 21 de julho de 1944, o jornal *A Noite* estampava as palavras do comandante da FEB, ao desembarcar em Nápoles: "Apurem-se bem, porque há muito trabalho para nós de agora em diante". Neste mesmo dia, pequenas notícias davam conta da manifestação estrangeira diante da chegada dos brasileiros: "*Nova York:* órgãos da imprensa local tecem grandes elogios ao general Mascarenhas de Moraes, comandante da FEB, pela solicitude com que trata os seus soldados. Falando à imprensa, esse general declarou que não descansará enquanto os alemães não forem aniquilados."

No dia 30 de julho de 1944, *O Jornal* destacava o embarque dos expedicionários para a Itália:

> Já se encontram contingentes de nossa Força Expedicionária Brasileira em território da Itália, ansiosos para entrar em luta contra os nazistas. Podem, agora, ser divulgados detalhes da partida dessas tropas para o teatro de guerra europeu. O presidente Getúlio Vargas e o ministro Eurico Gaspar Dutra estiveram a bordo, examinando todo o material destinado aos mesmos. O titular da pasta da Guerra teve oportunidade de pronunciar

[382] DIÁRIO DE NOTÍCIAS, Rio de Janeiro, 19 de julho de 1944.

> palavras de incentivo aos bravos combatentes brasileiros que vão desagravar a honra nacional.[383]

No mesmo mês de julho de 1944, o jornal *O Globo*, em sua manchete, anunciava: "Prontos para a primeira batalha os soldados do Brasil." Nas declarações prestadas à imprensa, o general Mascarenhas de Moraes declarou que o Corpo Expedicionário havia sido beneficiado com as observações colhidas na linha de frente. Naturalmente, diante da expectativa, sobre o que esperavam da ação dos soldados brasileiros em frente de campanha, o comandante procurou manter sempre uma postura de cautela.

> Dei ordens - disse ele - para que a bandeira que tremulou no primeiro dia do acampamento fosse guardada para ser usada na primeira batalha que travemos com os alemães. O general Mascarenhas de Moraes fez esta declaração no curso da palestra que manteve com os correspondentes ao terminar na noite passada uma reunião do seu Estado Maior.[384]

Declarou com entusiasmo sua satisfação pela significativa recepção concedida aos brasileiros pelos norte-americanos e se referiu também às felicitações que lhe enviou o presidente Vargas, quando suas tropas chegaram a salvo em Nápoles.

Mal o primeiro Escalão da FEB chegara ao Porto de Nápoles, a presença de jornalistas americanos era significativa e constituía algo inusitado. Diante da política da boa vizinhança, algo que já vinha se firmando desde as políticas de bastidores que foram o prenuncio da participação brasileira na guerra, tinha por objetivo selar os votos de amizade, ao tempo em que usariam o material das entrevistas para serem divulgadas em rede por todo o território americano e brasileiro. Tal fato era possível constatar pela presença mais tarde, desses repórteres estrangeiros nos acampamentos brasileiros e pelas noticias divulgadas pelo DIP por meio dos jornais agregados, mas sempre assinadas por jornalistas estrangeiros.

Como todo o noticiário de guerra seja por meio da imprensa falada ou escrita, passava pela censura, os americanos também usaram desse expediente com muita sutileza. Em recente estudo sobre a imprensa americana na época da guerra, justamente na região de Bolonha, os autores de *Combat Photo* (1944-1945),

---

[383] O JORNAL. Domingo, 30 de julho de 1944.
[384] JORNAL O GLOBO, Rio de Janeiro, 27 de julho de 1944.

destacaram os procedimentos e como eram as relações entre a imprensa e o Chefe do Estado Maior do Exército Americano, da Marinha e da Aviação Americana. Os italianos acharam muito estranho o rígido o esquema de cobertura dos fatos que ocorreram na Itália:

> *[...] per strano que possa sembrare, più attiva e ciega nel paese della democrazia che in qualsiasi altra nazione in guerra, perché i militar, pur fotografando e filmando tutto, non pubblicizzaro tutte lê informazioni o lê immagini che arrivarono nei loro uffici, ma lê tennero per sé classificandole come documenti militari, Secret o Restricted*.[385]

Mesmo algumas revistas como a "*Life*", a " *Weekly*", a "*Picture Post*", cujos fotógrafos e correspondentes gozavam de certa autonomia de ação, pois estavam creditados a determinados comandos. Mesmo assim, todas as informações e imagens passavam pelo serviço de censura.

Quando o navio general. Mann aproxima-se Nápoles, os correspondentes americanos, ávidos pelas informações, resolveram fretar um pequeno rebocador, para tentar alcançar o navio transporte com os soldados brasileiros, que já se encontrava na altura da Ilha de *Capri*. Foi vã a tentativa, pois o navio transporte seguia mais rápido, o pequeno rebocador fez meia volta, enquanto os soldados brasileiros, debruçados nas amuradas, "torciam" pela vitória do insignificante rebocador que desafiava a velocidade, já bem reduzida, do grande transporte de guerra.

As noticias chegadas no Brasil mostravam algumas novidades: No desembarque, já no cais, buscando se conduzir pelas novas normas, que acenava para a inserção entre os militares , os oficiais brasileiros carregavam para terra suas próprias bagagens em seus "*volpacks*", do mesmo modo que os soldados carregavam suas mochilas e sacos. Poderia ser visto como algo normal, mas era perceptível o início das mudanças, desse modo, a quebra hierárquica proporcionada pelas novas diretrizes, mostrava algo difícil de acontecer no Brasil antes da guerra. Para os oficiais oriundos da escola francesa, jamais um oficial carregaria seus

[385] PATTICHIA, Vito; ARBIZZANI, Luigi. (org.) **In Combat Photo (1944-1945)** L'Ammnistrazione militare alleata dell' Appennino e la liberazione di Bologna nelle foto e nei documenti della 5ª Armata Americana. Bolonha: Grafis Edizone, 1994, pp 310-311. Por estranho que possa parecer, nesse país que se diz democrata, muito mais que outra nação em guerra, seus militares que fotografam e filmam, não publicam todas as informações ou imagens que chegam nos seus escritórios, mas apenas os classificam como documentos militares, registrando-os como Secreto ou Reservado.

pertences. Era a sinalização de novos tempos para o Exército Brasileiro, que partia para a modernidade.

Muitos soldados do 6º R.I. foram entrevistados, pois os correspondentes queriam saber como tinha sido a viagem. Sobre os soldados brasileiros, dizia o jornal:

> O sentimento geral de todos os soldados de bordo parece ter sido resumido com fidelidade nas palavras do sargento Helio Marques - um artilheiro de cabelos ruivos, que era estudante de odontologia no Rio de Janeiro – Naturalmente, estamos muito satisfeitos... Por que não? Boa comida, boa viagem, muita rapidez, boa camaradagem, nenhuma interferência do inimigo... E, depois, a grande recepção.[386]

Foi destacada também, na mesma edição, a quebra do rigorismo das autoridades americanas em relação aos pertences pessoais que os soldados portavam durante o desembarque em Nápoles.

> A mesma quebra ocasional e simpática de certos rigorismos característicos dos soldados norte-americanos também pode ser observada entre os brasileiros que desembarcavam. É claro que os instrumentos musicais não são nunca considerados como equipamento essencial de guerra, mas os marinheiros e fuzileiros norte-americanos sempre os trazem consigo. Agora com a chegada dos brasileiros, bem se pôde ver que entre as mochilas e sacos de lona, chegavam cuidadosamente, resguardados, certos volumes sobraçados por soldados brasileiros, e cuja forma não permitia enganos - eram violões, nem sempre muito bem disfarçados.[387]

Outros jornais brasileiros buscaram dar destaque à chegada dos soldados à Itália. Com o título *Nossa Contribuição*, o *Diário de Notícias* chama a atenção dos seus leitores para a relevância daquele momento histórico, que resumia os preparativos quase infindáveis da FEB para ir à guerra, em alguns momentos até desacreditada, não apenas pela população, mas por outros, cujos interesses escusos nunca ficaram muito claros:

> A notícia da chegada das forças expedicionárias brasileiras a Nápoles representa a conclusão feliz de um dos aspectos mais importantes do nosso esforço de guerra. Alargamos desse modo nossa participação na luta, contribuímos com suor e sangue para a derrota do nazismo.[388]

---

[386] JORNAL O GLOBO, Rio de Janeiro, 27 de julho de 1944.
[387] Id.
[388] DIÁRIO DE NOTÍCIAS. Rio de Janeiro, 18 de julho de 1944.

O Diário de Noticias, busca chamar a atenção dos leitores, para a questão de honra e o significado da participação brasileira na guerra. Dizia também dos sacrifícios extremos que eram impostos por esse gesto.

> Os sacrifícios causam tristezas sem dúvida. Porém, como haveríamos de desempenhar nosso dever de contribuir para a defesa da liberdade e da dignidade humana, em face do assalto que o fascismo e o nazismo desfecharam contra esses valores da civilização?[389]

No processo de veiculação das noticias que eram divulgadas nas grandes cidades brasileiras, a imagem do soldado brasileiro é colocada no mesmo patamar dos demais soldados aliados :

> [...] soldados brasileiros vão exatamente ombro a ombro com os soldados ingleses e norte-americanos completar essa obra, essa libertação, já não só da Itália, senão da Europa e do mundo. É em nome da liberdade que as forças expedicionárias brasileiras desceram na Itália, numa missão de guerra, mas tocada do mais puro idealismo.[390]

A reportagem encerra louvando as qualidades da nação brasileira: Um país sem idéias imperialistas, sem interesses de benefícios próprios.

> Não temos conquistas a fazer. Nada desejamos da Europa, que signifique domínio, influência para tirar benefícios materiais – Ali estamos puramente em nome de uma causa, de um princípio, de uma idéia. Evidentemente, a permanência desses valores representa, para nosso país, a segurança de sua independência, a certeza de sua soberania.[391]

Tais observações, naturalmente, não passariam despercebidas pelos soldados brasileiros, que, amadurecidos em frente de batalha, combatentes verdadeiros na acepção da palavra, acabaram por colocar em xeque tais valores e, mais tarde, no discurso de reconhecimento, usam os mesmos argumentos em suas reivindicações por reconhecimento e cidadania.

A imprensa brasileira procurava acompanhar as famílias dos expedicionários brasileiros, principalmente as que moravam no Rio de Janeiro, na época, capital da República, onde fervilhavam as notícias não só sobre o cotidiano da cidade, mas

---

[389] DIÁRIO DE NOTÍCIAS. Rio de Janeiro, 18 de julho de 1944.
[390] Id.
[391] Id.

sobre a própria guerra, pois não fazia muitos dias que o primeiro escalão havia chegado à Itália.

As redações dos jornais estavam ligadas aos meios de comunicação modernos da época, para manter contato com seus correspondentes, muitos desses, buscavam por notícias que pudessem tranqüilizar os familiares dos que haviam partido. Amiúde, os jornais abriram espaços em suas colunas, como ocorreu durante a campanha na Itália, a fim de facilitar a comunicação entre os combatentes e seus familiares. Eram colunas dedicadas às mensagens e respostas, que serviam não somente aos que estavam nos longínquos campos italianos, mas aos que aqui tinham permanecido. Substituíam, portanto, o correio, que, além de demorado, teria de enfrentar o corte dos censores do Exército Brasileiro. Esse foi o modo pelo qual que atuou o *Boletim da Legião Brasileira Assistência* e o *Globo Expedicionário*.

A angústia, reinante entre os familiares dos que haviam embarcado para a guerra, acabou se tornando tema de aporte de muitos jornalistas que procuravam demonstrar os momentos tensos e de emoção que a guerra proporcionava. Assim ocorria também com os programas radiofônicos, muito ouvidos na época, como o de André Carrazzoni, Neste em especial, se fazia menção aos telegramas provenientes de Nápoles, após a chegada dos brasileiros.

> Todos quanto leram os telegramas procedentes de Nápoles experimentaram a mais intensa emoção. Ainda aqueles que, por ventura, não possuíam nenhum parente próximo ou amigo íntimo entre as tropas que já se acham na vizinhança do front também vibraram com a leitura do noticiário: parentes ou amigos, conhecidos ou desconhecidos, os soldados que lá estão são nossos irmãos, porque filhos da mesma terra.[392]

Busca o noticiário radiofônico tranqüilizar os familiares dos combatentes

> Eles não estão tristes. Lendo o que muitos deles declararam aos jornalistas, após o desembarque em Nápoles, nós ficamos reconfortados. Se não amam a guerra, porque a guerra é cruel e o povo brasileiro é de índole suave e cultiva os ideais de fraternidade humana, igualmente não a temem e se dispõem a afrontá-la com a mesma flama do soldado do Brasil, em todos os tempos.[393]

Mais uma vez, seja pela imprensa ou pelo rádio é explicitada a idéia de uma "alma nacional", onde a nação brasileira adquire sua verdadeira fisionomia, é

[392] A NOITE. Rio de Janeiro, 20 de julho de 1944.
[393] A NOITE. Rio de Janeiro, 20 de julho de 1944.

representada na guerra pelo Corpo Expedicionário Brasileiro, verdadeira expressão de um novo nacionalismo, onde os costumes são respeitados, as tradições, a unidade moral da pátria a amalgamar a nova ordem.

3.9.1 Nápoles Destruída: a primeira visão da guerra para os soldados brasileiros

O desembarque dos brasileiros no Porto de Nápoles e a visão da cidade destruída pela guerra foi realmente marcante para os soldados, em seu primeiro contato com a guerra. Muitos deixaram suas impressões nos diários e anotações de guerra, retratando a situação caótica em que a cidade se encontrava pela maneira como os alemães em retirada a deixaram, após os atos de sabotagem, minando prédios, casas, escolas, praças e pontes.

O sargento Boris Schnaidermann um dos embarcados no 1º Escalão descreve com delicadeza esse raro momento, - De longe, era possível ver o casario de Nápoles, com as suas cúpulas, o seu colorido, os contornos estranhos em face do Vesúvio. Aos poucos, porém, os contornos delineiam-se melhor: as cúpulas brilhantes e os palácios no alto das colinas servem de fundo a casas velhas e miseráveis.[394]

Na descrição precisa de Schnaiderman, à medida que o navio vai passando em meio aos vasos de guerra americanos, ingleses, franceses, de todos os tipos, de todos os tamanhos, e sobre os quais há dezenas de balões cativos de defesa antiaérea, vão se tornando visíveis os estragos junto ao cais. Os soldados desembarcados, aguardam, à espera da ordem de marcha. Em seguida, começa o desfile. A tropa vai beirando o cais em passo ordinário, a população curiosa, acorre de todas as partes, estranhando aquela tropa diferente, com gente grande e pequena e uma mistura incrível e raças. "*Russi*?" - pergunta um deles, apesar do escudo da cobra fumando e com o nome Brasil, pregado junto à ombreira de cada um. "*Tedeschi, tedeschi*!" - gritam outros alvoroçados, pois o uniforme brasileiro lembra pela cor o alemão.[395]

A cidade de Nápoles também impressiona o combatente Ítalo Tavares, em sua anotações ele diz:

---

[394] SCHNAIDERMAN, *op. cit.,* p. 50.
[395] SCHNAIDERMAN, *op. cit.,* p. 50.

> A cidade é muito antiga, com ruas estreitas e prédios de no máximo de sete andares. As ruas são sujas e a população mesmo é suja e mau vestida.Pelas ruas, as crianças andam pedindo cigarros e liras. As crianças andam nas ruas oferecendo *senhorinas* para os soldados, a moral do povo italiano está muito baixa.[396]

O desfile pelas ruas de Nápoles, tinha o objetivo de conduzir a tropa desembarcada até a estação de trem, a fim de chegar à localidade de *Bagnoli* nas cercanias da cidade. Porem, mais transtornos aguardavam os soldados brasileiros, pois o local indicado para o estacionamento da tropa recém chegada fazer uma parada e montar seu acampamento provisório era, na verdade, a cratera de um vulcão extinto chamado Astrônia.

Para chegar ao local determinado, a tropa rompeu o caminho, parte a pé, como os 8 quilômetros do porto até a estação, e o restante de trem. Como o comando norte-americano houvesse solicitado à FEB para não trazer nenhum equipamento para a guerra, os soldados portavam apenas seus pertences de mão. As barracas e demais utensílios haviam ficado no Brasil. Lá chegando, depois de uma jornada inteira de deslocamentos, nada encontraram: não havia instalações para banhos e cozinhas. Somente existiam as instalações sanitárias e três tendas para a chefia. Como resolver o problema de 5.800 homens? A culpa cabia inteiramente aos norte-americanos, mas lá não havia ninguém para responder a tamanho desacerto.

Como os pracinhas lembram deste dia? Tal situação marcou profundamente a memória dos soldados brasileiros, como a recordação manifestada por Lima Brayner, chefe do Estado Maior da FEB:

> Só no dia imediato poderia se remediar o mal. Se deixassem a nossa 4ª Seção providenciar a solução, posso garantir que antes do cair da noite as barracas estariam montadas. Mas... nós somos latinos e eles anglo-saxões. Conseqüência: a tropa foi, ali mesmo, às 14 horas, condenada a passar uma noite ao relento.[397]

Tal situação somente não ficou mais agravada, pois o verão peninsular estava no seu auge, mas comumente, à noite a temperatura cai demasiadamente, o que obrigou os praças a se valerem dos recursos que tinham em mãos. Segundo Brayner foram 10 horas de muito frio. ”Os homens se acomodaram no chão,

[396] TAVARES, *op. cit.,* p.21.
[397] BRAYNER, *op. cit.,* pp.108-109.

envoltos nos capotes e cobertores, para passar uma noite infeliz, embora satisfeitos por estarem livres dos porões do general Mann."[398]

Voltando o seu pensamento para os companheiros de viagem, o sargento Schnaidermann também relembrou dos momentos desgastantes daquele dia fatídico na cratera do vulcão Astrônia:

> Os homens, que já se sentiam esquecidos pela pátria, abandonados por todos, tiveram este sentimento reforçado pelos vinte dias que passaram na cratera do vulcão extinto, quase isolados do mundo exterior, condenados à inatividade, não dispondo de armamento de qualquer espécie e não compreendendo o porquê daquele campo de concentração, em território recém conquistado do inimigo.[399]

Da calamitosa situação em que se encontravam, os homens lá retidos, transformam-se em profundos observadores: o sargento Schnaiderman, estranha a ausência de pássaros e borboletas no local. Já o tenente Ítalo Tavares, acreditava na história que lhe contaram: "ali, diziam os italianos, há muitos cadáveres enterrados"[400]

Parecia tudo, menos uma tropa destinada a entrar brevemente em combate. Pensava Schnaiderman a respeito do grupamento do 6ºR.I. Mundo estranho e diferente, aquela cratera. As árvores tinham as folhas cobertas de poeira escura, cada automóvel que passava erguia verdadeiros turbilhões, e, andando, fazia-se surgir uma nuvem atrás de si. Almoçava-se e jantava-se poeira, a própria alma parecia recoberta de uma película de pó[401]

A visão do 1º acampamento no vulcão Astrônia, ficou retido nas lembranças do soldado Aristides Saldanha Vergés, incorporado ao 6º R.I.

> Como as barracas não tinham sido providenciadas, tivemos de dormir no relento, ainda aquela noite os alemães, sabendo da nossa presença, fizeram um bombardeio no porto de Nápoles, nós vendo aqueles tiros com balas traçantes no ar, nos apavorou um pouco, pensávamos que haveria um bombardeio no acampamento, mas graças a Deus, tudo aquietou-se e ficamos bem.[402]

---

[398] BRAYNER, *op. cit.,* pp.108-109.
[399] SCHNAIDERMAN, *op. cit.,* p. 52.
[400] TAVARES, *op. cit.,* p.17. Segundo consta, no local foram mortos muitos fascistas partidário de Mussolini, embora os brasileiros não tenham encontrados resquícios de fossas coletivas contendo os corpos, como se dizia abertamente naquela época.
[401] SCHANAIDERMAN, *op. cit.,* p.52.
[402] VERGÉS, Aristides Saldanha. **Entrevista.** Curitiba 25 de outubro de 2000.

O tenente médico Udihara, também avaliou o local do primeiro acampamento do 6º R.I, assim que chegaram a Nápoles:

> O nosso acampamento é no fundo de uma espécie de cratera.Lindo!.Lindo de deixar boquiaberto. Cercado por uns montes que se elevam altos de todos os lados.[...] de madrugada acordei com frio.Soube depois que os alemães estavam por perto. Parece que não houve nada.Nada ouvi."[403]

Dos componentes do 6º R. poucos fazem menção à presença de uma divisão de negros americanos, cujo acampamento ficava ao lado dos brasileiros. O tenente Udihara, faz esta menção em seu diário "- Há muitos pretos por aqui.Todos americanos." Schnaiderman destaca em seu diário a presença de uma tropa aliada italiana, pertencente ao exército de Badoglio.Tinham lutado contra os aliados, mas depois aliaram-se aos inimigos de véspera. Sobre os negros americanos, que vieram ocupar o lugar da tropa italiana, recém saída do local, ele diz : "Eram quase todos grandes e robustos, de pigmentação que variava do preto retinto ao mulato claro.Os oficiais eram todos brancos e mantinham-se distantes dos comandados."

Segundo relatos, os habitantes dos dois acampamentos, americanos e brasileiros, promoveram uma comunicação intensa entre si.Os brasileiros conheciam algumas palavras em inglês e os americanos conheciam algumas em espanhol. Estes negros que os brasileiros lembram, nos 12 dias de permanência no vulcão Astrônia, não foram esquecidos, constituíram-se laços de amizade imbuídos da sociabilidade necessária e agiam como velhos amigos. Nas visitas de um acampamento ao outro, ouvia-se música, fotografias de familiares eram mostradas, se conversava sobre banalidades

Este grupamento, a 92ª Divisão de Infantaria Americana, tinha um efetivo de 15 mil homens, e combateu ao lado da FEB. Chegaram na Itália no final de julho de 1944, na mesma fase da chegada do 6º R. I. brasileiro. Assim como o brasileiros, vinham suprir as brechas do exército aliado, por ocasião da transferência de milhares de soldados americanos destinados ao Desembarque da Normandia, fator de grande fragilidade para os aliados.

Esta Divisão não teve uma boa atuação em frente de combate, reputa-se tal situação, pela falta de motivação dos seus combatentes, outras fontes indicam o

[403] UDIHARA, *op. cit.,* 2002, p.54.

despreparo técnico para a guerra. Mas, as atitudes racistas e segregacionistas contra este grupamento, redundaram na atuação catastrófica desses homens.

Saindo de Agnaro, onde estava localizado o acampamento brasileiro na cratera do vulcão Astrônia, os soldados são deslocados para o novo acampamento na cidade Tarquinia. Era a aproximação da Linha de Frente. No dia 16 de agosto foram distribuídos os primeiros armamentos, eram os fuzis *Springfield*, as *bazzocas*, carabinas e metralhadoras.

O tenente médico Massaki Udihara, não acompanhou o seu grupamento, segue com outros oficiais para Santa Ágata dei Gotti ao sul de Nápoles, para uma escola de instrução de infantaria americana, onde faria com os demais um curso de aperfeiçoamento. Mais tarde, tais ensinamentos seriam repassados aos soldados no novo local destinado a tropa.

Aristides Vergés soldado do 6º R.I, lembra da transferência para o novo acampamento:

> Fomos com aqueles motoristas negros que nos levaram nos caminhões.Tarquínia era uma cidade romana, muito antiga e lá nos tínhamos contato com a população, as lavadeiras lavavam nossas roupas, nosso acampamento ficava no meio de muitas oliveiras, eu e meu companheiro armamos nossa barraca.[...] em Tarquinia, foi onde recebemos nosso armamento e viaturas.[404]

O sargento Schnaiderman segue para o novo acampamento e reclama por haver interrompido seu diário:

> [...] passei vários dias sem escrever – o amolecimento geral estende-se a mim também. Largados entre as oliveiras, deitados sobre o capim, passamos longas horas conversando. Houve duas distribuições de correspondências, as cartas passam de mão em mão, formam-se grupos entusiasmados. Todos se emocionam, há uma simplicidade infantil.[405]

Do acampamento de Tarquinia, seguem os soldados do 6ºR.I para o acamamento de Vada . Este deslocamento tinha como objetivo a aproximação maior dos soldados à frente de combate. Um comboio de 500 viaturas conduziu os 5 mil homens, que paulatinamente foram embarcando nos caminhões. O acampamento era bem organizado e ocupava os dois lados da estrada que dava para o povoado

[404] VERGÉS, *op. cit.*.
[405] SCHNAIDERMAN, *op. cit.,* p.78.

de Vada. No dia 21 de agosto chegaram os primeiros instrutores americanos. Deste local era possível perceber que a guerra estava muito próxima, segundo Schnaiderman "Ouvem-se de vez em quando explosões surdas, pois o *front* fica a vinte e cinco quilômetros. Frequentemente, há também os estrondos mais fortes: são os americanos que fazem explodir as minas"[406]

Nesta fase, os soldados do 1º Escalão iniciam a campanha propriamente dita, ao se dirigirem para o norte de Pisa. É um período considerado de grandes vitórias, pois o 6º R.I. mesmo diante dos percalços, aqueles que ensinam os procedimentos na hora exata, fizeram desse homens verdadeiros combatentes na verdadeira acepção da palavra.

No dia 15 de setembro de 1944, a FEB entra em Linha[407] com o 6º R.I. Para os brasileiros fica a responsabilidade de guarnecer cerca de nove quilômetros, e dar prosseguimento à conquista de pequenas cidades como Barga e Camaiore e seguir no planejamento de isolar cada vez mais para o norte da Itália a experimentada tropa alemã. As dificuldades se apresentaram de todas as ordens, seja pelo equipamento e a topografia local. O rigoroso outono italiano, com chuva, lama e muito frio, acenavam para situações que impediam a todo o instante o cumprimento do dever assumido, mas que se transformaram em ensinamentos para a FEB. Inicia-se neste ponto, um rol de acontecimentos da participação dos brasileiros 2ª Guerra Mundial. São momentos que instigam à pesquisa, no sentido de verificar os fatos narrados pelos combatentes, das ações que participaram como protagonistas, e desse modo compreender o papel da FEB nesta guerra.

Neste capítulo buscou-se avaliar as questões que levaram o Brasil a decretar guerra aos países do Eixo. O torpedeamento dos navios brasileiros, desestabilizou Estado Novo. Na política de bastidores, defrontam-se os germanófilos e os americanófobos, as bases aéreas no nordeste aceleram os pactos para a guerra. A FEB é organizada, mas sobre grandes dificuldades diante do processo de reorganização do Exército. A convocação dos soldados e a seleção médica dos homens escolhidos para a FEB, são considerados os momentos mais delicados de todo o processo.

---

[406] SCHNAIDERMAN, *op. cit.*, p. 82.

[407] N.A.: Entrar em Linha significa estar na zona de guerra, diante do inimigo.No local também chamado de "terra de ninguém".

A partida da FEB para guerra, os diversos escalões, demonstraram todo um imbricado de memórias, onde estavam envolvidos não apenas os protagonistas, mas a imprensa e o DIP, mais a Legião Brasileira de Assistência, esta última como benemérita dos soldados da FEB.

A chegada do 6º Regimento de Infantaria na Itália, demonstrou a trajetória do 1º Escalão da FEB, a rotina dos acampamentos e a partida para a linha de frente.

Neste capítulo, partindo dos sujeitos envolvidos, seja pela narrativa dos testemunhos, ou pelos diários e outros documentos de consulta, constatou-se a sutileza do discurso estadonovista, interagindo na vida dos soldados brasileiros, seja pela vivência nos quartéis, na escola, na vida em sociedade e na guerra. O Projeto do Estado Novo, assume uma obrigação política para a sociedade civil. As formas de integração, são levadas paulatinamente até a sociedade, por meio de um projeto educativo. Com nuances militares, visava educar os brasileiros, recuperando o passado, incutindo a brasilidade e preservando o nacionalismo, seja pelas palavras de ordem ou pela simbologia.

Tudo passa a ser novo, o novo estado, o novo homem, o novo exército. Era necessário unificar as ordens política e social, que até então estavam divorciadas. O discurso interpela cada individuo à sua responsabilidade. A FEB na guerra, representará esta nova nação, sob seus ombros, o Brasil trilhará pelo caminho da decência, dos homens cordatos, sensíveis e pacíficos, contrários ao imperialismo, mas que se vão à luta é para combater doutrinas estranhas como o nazifascismo e não permitir que estes males cheguem ao país.

A Campanha da FEB em território italiano será apresentada no quarto capítulo dessa pesquisa, desse modo, tentar-se-á perceber a intensidade e o comprometimento dos testemunhos em relação aos episódios vivenciados. Portanto, se constituirá do momento mais fragilizado da guerra, onde estão retidas as imagens do que ficou para trás. São memórias imbricadas, desenterradas das mentes, rastreando lembranças. Seguiremos os caminhos dos batalhões, dos seus comandantes, dos soldados e os momentos singulares que marcaram essas narrativas.

4 OS DIAS DA LINHA GÓTICA: CRONOLOGIA DOS DIÁRIOS SOBRE OS EVENTOS NO ULTIMO FRONT DE GUERRA NA ITÁLIA

4.1 A SOCIEDADE NA GUERRA: AS TRAGÉDIAS QUE APROXIMARAM ITALIANOS E BRASILEIROS

> As tropas brasileiras já capturaram importantes posições nazistas e penetraram em plena região das fortificações externas da Linha Gótica. Todos os avanços realizados pela FEB têm sido conseguidos através de um dos mais difíceis terrenos de toda a Itália - sobre montanhas que se elevam a mais de mil metros, cheias de precipícios e ravinas – um terreno, em suma, inteiramente favorável aos nazistas. Pelo que se sabe, os brasileiros já infligiram sérias perdas aos alemães. (A.P)[408]

Este capítulo vai destacar aspectos interessantes da FEB. Nele, a campanha em si não será o mais importante, mas a vida dos soldados em terras italianas. Com a chegada dos homens a Nápoles, avaliar-se-ão as primeiras impressões que eles tiveram da guerra em si. A passagem pelos diversos acampamentos e o contato com a população italiana, provoca nos homens uma comiseração humana. Cenas chocantes, susceptibilidades diante do "outro", e a vida nas pequenas cidades semi-destruídas, passa a constituir-se no cotidiano de muitos soldados.

Dos acampamentos, segue-se para a linha de frente. As notícias vão sendo veiculadas pela imprensa do DIP, que fantasia os momentos nos quais os homens da FEB são vistos quase como heróis. A vida do soldado, na verdade é outra, nem tudo é tão belo e fácil como assegura a imprensa. O contato com os italianos vai se descortinando na trilha dos soldados, a saudade de casa é muito grande e as cartas que chegam do Brasil, traz nas imagens longínquas o carinho das famílias. Ao longo do conflito, as madrinhas de guerra no Brasil cumprem o seu papel, intermediando as mensagens que chegam à Itália. Nos pequenos vilarejos as belas '*ragazze*'[409] conquistam os corações brasileiros, quantos casamentos! Chega o Natal, o primeiro na neve para muitos brasileiros, o frio rigoroso provoca sentimentos que afloram, mostrando verdadeiramente o quão difícil era os "dias dos soldados".

Se as tropas brasileiras foram destinadas a combater no noroeste da Itália, há que se averiguar a importância desta região no contexto da guerra européia e nos

---

[408] *Associated Press,* setembro de 1944.
[409] N. A.: *Ragazze* significa moças em italiano.

rumos que a guerra ia assumindo. Após a liberação das cidades ao sul da Itália, como se destacou no capítulo número 3 desta pesquisa, cabe avaliar os estudos recentes em território italiano que têm almejado descortinar não apenas o aspecto de dificuldade do terreno, do local onde os eventos militares ocorreram, mas também uma série de pesquisas publicadas recentemente, que mostram a vida em sociedade e seus personagens, saídos das populações locais, por onde os exércitos iam passando. Considerando que na sociedade da época, outros atores, homens, mulheres e crianças, vivenciaram os fragilizados momentos da guerra junto dos homens da FEB, no pequeno espaço que a interação possibilitou, registram-se histórias de interesse para essa pesquisa.

Como a construção da Linha Gótica e a formação das tropas partigianas italianas têm a ver com a presença brasileira nos campos da Itália? - seria possível perguntar. Dentro da conjuntura que se apresentava na época da chegada dos escalões da FEB, é possível dizer que essas questões estão paralelas à participação brasileira na guerra e, historicamente, seria um hiato não mencioná-las, dada a importância que elas revelaram nos acontecimentos ligados à permanência da FEB durante a guerra.

Na trajetória dos batalhões, das companhias e dos pelotões de soldados, seja em missões complexas ou em patrulhas avançadas nas terras inimigas, lá estavam as cidades, os cenários históricos e as tragédias locais, que se alastravam por toda zona de guerra. Os brasileiros, de uma forma ou de outra, vivenciaram tais acontecimentos e os deixaram transparecer em seus testemunhos. Muitas dessas lembranças partem das recordações dos oficiais ou dos soldados e foram inscritas nos diários ou inseridas nos testemunhos prestados no pós-guerra, às vezes lembrados como episódios mais sutis, "onde o esquecimento profundo, a incapacidade absoluta de lembrar aquilo que se esgarça, se perde ou por algum motivo se sepulta, não deixando que emerja para a narrativa".[410]

Nesse aspecto, cabe ao pesquisador avaliar as ocorrências. Na verdade, são lembranças que não constam da documentação oficial, mas que, pinçadas ao longo da trajetória da pesquisa, acenam com a vivência com as populações locais, como as tragédias perpetradas ao povo italiano pelos alemães, que, na retirada para o

[410] FERREIRA, Jerusa. **Armadilhas da memória**. Salvador: Fundação Casa Jorge Amado, 1991, p. 14.

norte, fortificavam a Linha Gótica e provocavam os rastrelamentos[411]; isto é, episódios de mortandade da população civil, homens, mulheres e crianças, justamente no período em que iam chegando à Itália os brasileiros do 1º Escalão.

Sobre a construção da Linha Gótica ao norte da Itália, são inúmeras as pesquisas realizadas naquele país a partir da década de 1960, quando os pesquisadores voltaram suas atenções para os pequenos povoados localizados na extensa linha, onde os fenômenos políticos e sociais gravitavam ao redor da população.

> *Da mar Tirreno all' Adriático, lungo 320 chilometri, i tedeschi construiscono fortini, fosse anticarro, postazioni per cannoni e mitragliatrici, trincee, posti di ossevazone, ecc. In prossimità dei passi appennici a sud del crinale.Impiegano decine di miglaia di uomini forzatamente inquadrati nella Todt, l' organizzazione tredesca incaricata di costruire le opere defensive.*[412]

A Linha Gótica foi fortemente armada e tinha como o objetivo barrar as forças aliadas, que, depois dos combates realizados no centro do território italiano, haviam conseguido liberar as cidades mais importantes, dentre as quais a capital, Roma.

Muitos dos dados disponíveis sobre a Linha Gótica podem ser encontrados nos trabalhos mais recentes, mas também em muitas memórias como a do comandante alemão Alberto Kesselring em seu livro "*Memorie di guerra*", e dos habitantes das localidades próximas à linha imaginária, por onde passavam as estradas principais da Itália, cuja permanência no local era interesse do domínio da tropa aliada.

Os habitantes locais foram convocados pelas tropas alemãs para construírem uma linha de reforço contra os aliados. Segundo estatísticas da época, cerca de 15 mil homens trabalharam nesta região. Esses homens recebiam um soldo estipulado e documentos, o que era convidativo em época de guerra, quando as pessoas praticamente haviam perdido tudo. Além dos homens, as mulheres também prestavam serviços aos soldados, seja como cozinheiras ou lavadeiras. Muitas vezes, esses trabalhadores foram considerados colaboracionistas, situação que

---

411 N.A.: *Rastrelare* em italiano significa represália.

412 Do Mar Tirreno ao mar Adriático, com 320 quilômetros, os alemães construíram fortins, fossas anti-carro, postações (lugares) para canhões e metralhadoras, trincheiras, postos de observação, etc., .na proximidade dos passos apeninicos ao sul do Quirinal Empregaram dezenas de milhares de homens forçadamente enquadrados na TODT, a organização alemã encarregada de construir uma obra de defensiva. *apud* ANPI. **Resistenza Oggi,** n. 1, Bologna, Istituto Storico della Resistenza, 2000.

divide a memória italiana, tão bem descrita em recentes pesquisas. Afinal, quem era o colaborador?

Na construção da Linha Gótica, o maior desafio para as tropas anglo-americanas, há que se referendar o nome do comandante geral da força alemã para o território italiano, Albert Konrad Kesselring. Dele, emana toda a política de defesa contra os aliados e as decisões tomadas, que marcaram profundamente toda uma população que vivenciou a presença das diversas divisões alemãs na região em questão.

Na Itália, durante muito o tempo, o nome de Kesselring esteve ligado à imagem da guerra. "*dopo tanti anni quel nome suscita ancora ricordi e paura? Quante furono, su quei bandi, lê minace di rappresaglie, di morte, di sterminio, gli anni di cárcere, le deportazione promessi per ogni infrazione o colpa?*" [413]

"Um coração generoso e sensível. Fez muito pelos italianos, especialmente para a população civil italiana". Assim, Kesselring foi descrito por Siegfried Westphal, chefe do Estado Maior do exército alemão em território italiano.[414]

Quem poderia responder sobre a generosidade e sensibilidade de Kesselring seriam os habitantes de *Marzabotto, Sant' Anna di Stazzema, Boves, Meina, Bassano del Grappa, Villamarzana, La Benedicta, le Fosse Adreatine*, localidades destruídas, vidas humanas destroçadas, incêndios, violência, sangue, terror e lágrimas assinalaram a passagem dos seus soldados.[415]

Quando Kesselring foi enviado por Hitler para comandar as tropas alemãs na Itália, era um dos mais jovens generais, que vinha ao longo da guerra disputando posições hierárquicas com Van Rommel. Segundo os especialistas, não era um nazista, mas um soldado que respeitava a hierarquia e fazia do Exército o norteamento para a sua vida.

Juntamente com a ameaça das tropas aliadas que vêm do sul, os alemães acabaram por ter de enfrentar a população civil que se organizava, eram as formações partigianas, formadas por grupos de cidadãos comunistas, que não

---

[413] N.A.: Depois de tantos anos aquele nome suscita ainda recordações e medo? Quantos foram, sobre aqueles bandos, as ameaças de represálias, de morte, de extermínio, os anos em cárceres, as deportações e as sanções ocorridas à infração ou culpa? *apud* BERTOLDI, Silvio. **I Tedeschi in Itália: Álbum di uma occupazione (1943-1945).** Milano- Itália: Rizzoli Libri.S.p.A, 1994, p.241.
[414] BERTOLDI, *op. cit.,* p. 252.
[415] Ibid., p. 241.

usavam uniformes, mas se opunham aos fascistas e nazistas a lado das tropas aliadas.

Segundo o pesquisador Gianni Rocca, aos primeiros dias do mês de julho de 1944, durante as inspeções que fazia nas linhas avançadas aliadas, Marck Clark, em seu jipe, encontrou um grupo de italianos que o saudaram:

> *[...] vide venirgli incontro um reparto vestito in fogge strane com stelle rosse sul barreto, in cui omini quando lo incrociarono gli facero il saluto alzando il pugno chiuso della mano destra. Erano partigiani che dopo aver guerreggiato nele retrovie tedeschi se mettevano a disposizione degli alleati.Clark ne recordara l' impegno nel suo diário riconoscendo che "ci furono di grande aiuto.*[416]

Enquanto preparava a Linha Gótica, Kesselring, como os aliados, tomava consciência da presença de forças partigianas, inicialmente em Florença e, depois, irradiando-se para outras localidades, pequenos burgos que, na Itália, recebem o nome de *paese.* Tratava-se do grande fenômeno revolucionário italiano. Fato surpreendente, porque, quando as tropas anglo-americanas se aproximavam para libertar essas comunidades, lá encontravam grupos partigianos já participando da heróica luta contra os invasores. Foi o que aconteceu com os brasileiros quando se aproximaram de Gaggio Montano, onde está localizado o Monte Castello: o pequeno burgo já estava em mãos do grupo Justiça e Liberdade.

A liberação de Florença consistiu em um marco para a história italiana, porque havia também o reconhecimento da força partigiana auxiliando na libertação das cidades. Sobre o assunto, assim escreveu o correspondente do Times: "*Firenze è stata il teatro di um esperimento spontaneo di autogoverno che può avere importanza considerevole per determinare quale sarà il sistema político che in definitiva prenderà il posto de fascismo*".[417]

Anteriormente à libertação de Florença, Albert Kesselring, durante uma das viagens feitas ao *front,* chega até Roma e decide, sob orientação direta de Hitler, partir para as represálias que tinham por objetivo inibir a ação da população italiana

---

[416] N.A.: Na estrada, aparece um grupo vestido com roupas estranhas, com uma estrela vermelha sobre o barrete, que o saúdam levantando o punho fechado da mão direita. Eram os partigianos que depois de haver guerreado na retaguarda se colocaram à disposição dos aliados. Clark em seu diário reconhecerá o seu empenho dizendo "eles foram de grande ajuda". *apud* ROCCA, Gianni. **L"Itália Invasa (1943-1945).** Milano: Arnoldo Mondatori Editore, 1998, p. 218.

[417] N.A.: Florença foi um teatro de experimento espontâneo de autogoverno que pode ter importância considerável para determinar qual será o sistema político que tomará definitivamente o lugar do fascismo. *apud* ROCCA, *op. cit.,* p. 219.

pró-libertação. No dia 3 de março de 1944, em represália ao atentado partigiano contra os alemães nas redondezas de Roma, mais precisamente na Via Rasella, são fuzilados cerca de 335 civis, mortos a golpe de pistola na nuca. O episódio ficou conhecido como a tragédia das cavas Ardeatinas, local onde os corpos foram enterrados. Era basicamente o início das grandes tragédias para a população civil colocada no meio de todo o conflito.

Na continuidade dos horrores perpetrados pelas tropas de Kesselring em Roma, este decretou a deportação para a Alemanha de 700 pessoas de origem hebraica que habitavam o quarteirão de Quadraro. Foram dias de horrores para a população, ressentida da ação direta do comandante alemão, que assumia publicamente sua ação anti-partigiana, por meio de vigoroso manifesto aos seus comandados:

> A primeira recomendação é uma ação vigorosa, decisa e rápida. Os comandantes fracos e indecisos serão chamados por mim, para que se dêem conta do perigo que uma decisão imprecisa possa levar a perigo a segurança da tropa e também para assegurar a sua fidelidade ao exército alemão. [418]

FIGURA 4 – KESSELRING COMANDANTE GERAL DAS TROPAS NA ALEMANHA[419]

FONTE: BERTOLDI (1994, p.249)

[418] ROCCA, *op. cit.,* p. 223.
[419] Marechal Kesselring comandante do exército alemão na Itália (a direita), Von Rommel (a esquerda) Itália (1944).

Saindo de Roma em direção à Linha Gótica, Kesselring disse:

> A luta contra os partigianos estabelecia novas ordens: deve ser conduzida com cada meio à disposição. Protegerei cada comandante que exceda a nossa habitual moderação na escolha e na severidade dos métodos adotados contra os partigianos.[420]

Desse modo, estava legalizado qualquer tipo de crime a ser impetrado pela tropa alemã em território italiano. Com a crescente ação das facções partigianas, as represálias assumem atrocidades nunca vistas durante a guerra. Segundo o relatório de Walter Read, responsável pelo setor no entorno de Bolonha, sob sua orientação, no período de 29 de setembro a 2 de outubro de 1944, foram mortas 718 pessoas e bandidos (partigianos) e 174 casas foram incendiadas. Mas a estatística apontada por sobreviventes dá conta de um número maior de vítimas, dentre as quais, 213 eram crianças, inclusive recém-nascidos. O local da grande tragédia foi o povoado de Marzabotto e outros nas proximidades de Bolonha, a cerca de 60 quilômetros. Essas localidades foram abandonadas pelos sobreviventes e hoje permanecem como museus a céu aberto. Marzabotto é considerado símbolo europeu que mostra a bestialidade nazista. Constituem, portanto, lugares da memória, de reflexão e de orações praticadas por inúmeros visitantes do mundo inteiro.

Na busca por infratores, sabotadores e outros inimigos, tinham os comandantes alemães poderes irrestritos, como o praticado pelo major da SS, Walter Reader, nas ações entre 28 de setembro e 18 de outubro de 1944. Suas vítimas estavam centradas nas povoações de *Marzabotto, Cerpiano, Casaglia di Caprara, San Giovanni, San Martino* e vizinhança, quando velhos, mulheres, jovens e crianças foram torturados, fuzilados e queimados com lança-chamas no interior das casas, das igrejas e dos cemitérios. Tais acontecimentos ocorridos contra a população civil foram, mais tarde, declarados necessários, pelos próprios Kesselring e Reader, nos tribunais militares do pós-guerra, porque, segundo o comando alemão, os habitantes teriam abrigado e ajudado as forças partigianas da *Stella Rossa* que agia naquela zona.

Esses tristes eventos ocorriam exatamente no momento em que o 1º Escalão brasileiro já se encontrava na Linha Gótica. O 2º Escalão brasileiro, que saiu do Rio de Janeiro no mês de setembro de 1944 e chegou à Itália em 2 de outubro de 1944,

[420] ROCCA, *op. cit.,* p. 223.

durante o período de organização diante da linha de frente, mal imaginava que essas tragédias ocorriam não muito distantes de sua retaguarda. Em pesquisas efetuadas nessas localidades, muitas vezes, a história dos brasileiros é colocada ao lado desses episódios chocantes, porque, no registro da memória trágica, por meio de monumentos e placas que se encontram nessa zona, destaca-se a homenagem à FEB, dos que morreram no combate aos desatinos do nazi-fascismo.

O comandante Kesselring, no pós-guerra, foi levado a diversos tribunais para responder pelas atrocidades cometidas às populações civis e perpetradas pelas suas tropas. Em 1947, diante do tribunal aliado em Veneza, o comandante alemão tenta fazer a sua própria defesa, enaltecendo o seu passado e bravura como general nas batalhas de Cassino e Anzio. Nesse ano, foi condenado à morte, mas, depois, a pena foi comutada para prisão perpétua. Segundo observadores, em nenhum momento, foi percebido qualquer sinal de arrependimento ou de emoção. Para os que assistiram o julgamento, o seu rosto denotava estar petrificado sob um sorriso frio que lhe era característico.

FIGURA 5 – MAJOR WALTER READER[421]

FONTE: BERTOLDI (1994, p. 256)

[421] Comandou as atrocidades contra a população italiana em 1944.

Dizem os testemunhos, que, Kesselring com o mesmo olhar distante, viu a sua pena ser reduzida a 20 anos de prisão. Dos registros da época, sabe-se que, em 1952, saiu da prisão, escreveu e publicou as suas memórias. Em 1960, faleceu na Alemanha e, segundo jornais alemães, foi muito prestigiado pela Associação de Ex-combatentes Alemães, da qual era presidente. Já Walter Reader, o executor das ordens de Kesselring e que ordenou os ataques à população civil, em sua defesa, disse ter acatado todas as ordens do grande comandante. Desse modo, conseguiu safar-se de todas as condenações. Para a população italiana, os nomes de Kesselring e Reader marcaram para sempre suas vidas e os eventos de Marzabboto constituem hoje os lugares da memória, marcos na luta constante contra a guerra, o fascismo e o nazismo, presentes nos discursos das liberdades.

4.2 OS AVANÇOS DO PRIMEIRO ESCALÃO EM TERRAS ITALIANAS: A GUERRA CONTADA PELA IMPRENSA OFICIAL

> Nesta guerra diferente de todas as guerras, onde há perigo por todos os lados, e uma total desorganização da vida, primeira linha é assim mesmo, uma experiência funda, e deixa a gente pensativa na noite que precede a madrugada da batalha. (Majoy)[422]

O ingresso dos Estados Unidos na guerra e a declaração de Guerra do Brasil aos países do eixo têm uma conotação particular a partir da visão da imprensa internacional e brasileira que cobriram os eventos militares em terra italiana. É preciso não esquecer os interesses que moviam esta ação propagandística e a censura que imperava no noticiário militar, seja para os interesses norte-americanos ou brasileiros. No caso da FEB, havia uma censura primordial feita pelo próprio exército brasileiro, em relação aos eventos a serem permitidos para divulgação, ainda sob o severo olhar do D.I.P., que estipulava o que podia e não podia ser publicado.

Na imprensa italiana fascista, ainda em seu apogeu, e na parca distribuição dos seus jornais pelos maiores centros italianos, os Estados Unidos eram colocados

[422] N.A.: MAJOY é o pseudônimo da correspondente de guerra Silvia de Bittencourt, que era brasileira e trabalhava para várias agências de notícias norte-americanas concessionárias da (P.R.O) *Public Relation Office*.

como um país muito rico, de grandes recursos, o que contrastava com situações de larga pobreza em seu território, além do grave problema racial principalmente contra os negros.[423] Os brasileiros são citados pela imprensa italiana, apenas durante o avanço sobre as tropas alemãs e divisões italianas aquarteladas em Granaglione, noroeste da Itália, papel que foi exercido pelos soldados do 6º R.I. recém chegados à Itália.[424]

Para os italianos que vão sendo liberados pelas tropas norte-americanas, a imagem do soldado americano, bem vestido, com seus maquinários novos, os carros de combate, os canhões, os caminhões e os jipes, mostrava uma tecnologia nunca vista. Admirava-se também a maneira como esses aliados vinham administrando a guerra, como se fosse uma grande empresa. Para os pequenos burgos, por onde todo esse segmento vai passando, há um misto de surpresa e de admiração. Novas técnicas e táticas conduzem a uma guerra moderna, jamais imaginada. Naturalmente, por trás de todo este aparato, estava também a imprensa americana e sua censura a divulgar e levar para o mundo as imagens e textos aprovados previamente, conforme já se fez referência nesta pesquisa.[425] Era premente convencer aos outros e a si próprio, sobre a força e a invencibilidade desses exércitos.

Acompanhar os avanços da FEB em território italiano, na voz da imprensa e no contraponto dos soldados que da guerra participaram, é um dos objetivos deste capítulo. O que dizia a imprensa sobre a campanha brasileira na guerra e o que diziam os soldados. A visão dos participantes coloca por terra muitos mitos pelos quais os combatentes brasileiros nunca tiveram o menor interesse. Na medida em que se avalia o discurso grandiloqüente movido pela imprensa nacional, ao descrever os eventos, os protagonistas, as armas e os equipamentos, percebe-se a difusão de uma imagem heróica dos feitos brasileiros, que muitas vezes não condiz com a realidade vivenciada pelos soldados e que tinha apenas o objetivo de reafirmar o discurso estadonovista. Para se alcançar esse objetivo, não faltaram os correspondentes e suas matérias escritas, por meio de artigos e de crônicas, bem

[423] MIGNEMI, Adolfo. **La Seconda Guerra Mondiale.** Storia Fotográfica della Società Italiana. (1940-1945). Roma- Itália: Editora Riuniti, 2000.
[424] N.A.: O jornal de referência é *Il Resto del Carlino*, de 19 de setembro a 2 de dezembro de 1944, justamente no período de ação de brasileiros e americanos naquela zona. O soldado brasileiro é apontado como mercenário e corrupto, bem como os ingleses e outras tropas aliadas. Sobre este assunto ver: RIGONI, *op. cit.,* p. 122.
[425] PATICCHIA e , ARBIZZANI, *op. cit.*.

como de fotografias e de filmagens feitas pelos cine-operadores, tão evidenciados pelo D.I.P.

Tais imagens, escritas ou fotografadas, retratavam os soldados da FEB, bem como os familiares que estavam no Brasil. Na representação dos soldados, buscava-se destacar a sólida convicção da superioridade e do espírito guerreiro do soldado brasileiro, do homem cordial e sensato, mas pronto a puxar o seu fuzil em nome da defesa da paz e da democracia. Nesta pesquisa, busca-se avaliar o paradoxo desta situação, sem que isto venha diminuir em nenhum momento a ação do soldado brasileiro nos campos da Itália, militarmente considerada eficaz, combatendo um inimigo aguerrido e preparado, como demonstraram até o presente momento os especialistas em assuntos da participação brasileira na Campanha da Itália.

As primeiras notícias que chegaram ao Brasil, referentes ao Primeiro Escalão da FEB, foram veiculadas por correspondentes estrangeiros, na maior parte, desconhecedores da realidade brasileira e do próprio exército. Foram muitas as interpretações errôneas que chamam a atenção das pessoas que participaram desses acontecimentos, como os ocorridos durante o desembarque das primeiras tropas em Nápoles.

O Jornal, no Rio de Janeiro, publicava matéria do correspondente de guerra do *International News Service* (I.N.S.), Willian Lander.

> A rádio de Nápoles expressou que, antes que os navios que conduziam as tropas brasileiras atracassem no porto napolitano, enorme multidão de civis italianos se comprimia à frente do porto para saudar os expedicionários. O aspecto que apresentava a zona portuária era de dia de festa e se respirava uma atmosfera marcial. [...] Quando os primeiros grupos de soldados pisaram em terra firme, a multidão prorrompeu em entusiásticos aplausos, aclamando o Brasil, enquanto os civis italianos corriam até a beira do cais.[426]

O desembarque do Primeiro Escalão da FEB em Nápoles foi assim descrito por outros correspondentes da I.N.S.:

> Largas colunas de jipes e de caminhões militares passaram pelas estradas da Itália, cheios de soldados sedentos por lutar. A FEB apresenta-se bem treinada, muito bem equipada. [...] quando passavam estes valentes soldados, nos seus uniformes verde-oliva, ouviam-se aplausos e ovações.

[426] O JORNAL, Rio de Janeiro, 19 de julho de 1944.

> [...] Um oficial norte-americano afirmou que os soldados brasileiros saberiam dar boa conta dos nazistas.[427]

Na percepção dos soldados desembarcados e seus registros nos diários de guerra, a visão é completamente diferente. O que se destacou foi apenas a presença de uma banda de fuzileiros norte-americanos a tocar as marchas militares. Além disso, nenhum aparato foi registrado, mesmo durante o desfile da tropa brasileira pelas ruas de Nápoles para chegar até a estação de *Bagnoli.* Permaneceu nas lembranças, apenas, a sordidez e o mau aspecto da população, o olhar vazio das pessoas, que mostraram muito mais curiosidade pelos uniformes brasileiros: Imaginava-se que lá estavam passando soldados russos ou alemães, conforme destacou o sargento Schanaiderman em seu diário.[428]

O tenente médico Udihara, que fazia parte do 6º R.I., sobre o mesmo assunto, deixou registrada a sua opinião contrária ao que estava publicado no jornal brasileiro, onde se falava da grande recepção dada aos primeiros combatentes da FEB na Itália. Tal fato demonstra que, entre os oficiais e soldados, havia vozes discordantes do que dizia o comando e a própria imprensa, sobre fatos que, de certa forma, pretendiam dar uma grandiosidade à FEB, muito antes de se pisar o território inimigo.

> Tive oportunidade de ler um jornal de casa. Um general que chegou trouxe-o. "O Jornal", do Rio. A descrição confirmou o que sempre pensei de notícia de jornal: falsidade e deturpação consciente e criminosa da verdade. Diziam que viemos preparados. Nada disso. Que trouxemos barracas. Passamos a noite ao relento por não termos trazido. Fomos recebidos com ovações de uma grande multidão. Cais deserto, sem ninguém. Só alguns oficiais nossos americanos e um grupo de italianos.[429]

Com a chegada do 1º Escalão à Itália, os correspondentes de guerra estrangeiros buscaram repassar as informações sobre os brasileiros aos jornais coligados. Essas notícias chegavam aos jornais por meio de telegramas, de radiofotos e de código morse para as transmissões a longa distância, ou até por via aérea. Tais notícias eram filtradas pela censura militar norte-americana e brasileira.

Para entender a questão da censura feita aos jornais da época, no que diz respeito às notícias da FEB, é relevante o testemunho de Thassilo Mitke,

---

[427] JORNAL O GLOBO, Rio de Janeiro, 12 de setembro de 1944.
[428] SCHNAIDERMAN, *op. cit.,*.p.61.
[429] UDIHARA, *op. cit.,* 2002, p.63.

correspondente brasileiro da Agência Nacional. Em depoimento efetuado em junho de 2000, ele aborda as questões da censura a que eram submetidos todos os jornalistas, e destacou: “Sabíamos da censura do D.I.P. ‘Escreveu, então mostra para o censor’. O censor lia o que era escrito e, depois, carimbava autorizando os escritos. Caso contrário, a edição era apreendida pela polícia.”[430]

Segundo Mitke, muito antes do embarque para a Itália, havia, por parte do D.I.P., uma preocupação com a presença dos repórteres. ”Embora nos vissem como delatores, isso nunca houve, porque, sobretudo, não fazíamos política. Tudo o que escrevêssemos dentro da área militar, passava pelas mãos dos censores militares do V Exército Americano.”[431]

De acordo com Mitke, é possível avaliar como acontecia a censura das reportagens que tratavam da participação da FEB na guerra. Muitas vezes, os escritos que eram vetados passavam depois por uma explicação dos censores aos responsáveis.

> Em alguns casos, não se podia dizer que o pelotão, ou uma guarnição qualquer, estava em tal lugar, porque significava ‘dar serviço ao bandido’. Em pouco tempo, aprendemos o que podia e o que não podia ser informado. Assim, nos adequamos às normas, pura e simplesmente militares, e não de ordem política ou profissional, para contabilizar o desejo da segurança e informação.[432]

Para a transmissão do noticiário da guerra, tanto os correspondentes brasileiros como os estrangeiros utilizavam duas organizações internacionais, a *América Cable* e a *American Press*. Elas recebiam as correspondências aprovadas e as transmitiam ao Brasil. Nada seria transmitido se não tivesse o visto da censura americana. Os correspondentes que não tivessem a franquia de transmissão eram obrigados a usar de outro expediente. Nem todos tiveram essa franquia, como aconteceu com Rubem Braga, que era obrigado a enviar os seus escritos por avião, para serem publicados quase um mês depois do ocorrido. Nesse aspecto, urgia enviar as notícias do front o mais rápido possível.

O cotidiano dos soldados brasileiros em seus acampamentos também foi objeto de curiosidade da imprensa internacional. O jornal *A Noite* destacou fotos

---

[430] MITKE, Thassilo. Depoimento, *apud* **História Oral do Exército**. Rio de Janeiro, 6 de junho de 2000.
[431] Id.
[432] Id.

onde os soldados são vistos fazendo as refeições quentes, passando a ferro o uniforme e preparando a "bóia".[433]

A imprensa latino-mericana, no sentido de informar os seus leitores sobre a guerra que acontecia na Europa, buscava destacar a importância da tropa brasileira como única representante sul-americana nesse conflito. Em Santiago do Chile, o *Jornal La Opinion,* em julho de 1944, informava a posição dos países sul-americanos que não se envolveriam com a guerra:

> Os países latino-americanos que até o momento declararam guerra às potencias do Eixo não combateram e muitos deles não o pretendem fazer. Salvo o caso dignificante do Brasil, que se prepara como país combatente, para enviar, aos campos da Europa, uma considerável força expedicionária.[434]

Nessa posição, O *L'Opinion* avalia a importância do Brasil diante dos demais países latino-americanos:

> O Brasil, irmão maior da América Latina, de acordo com o conteúdo natural de sua declaração de guerra, pediu, exigiu e hoje se prepara a fim de ocupar o seu posto de luta e de sacrifício no atual conflito bélico mundial. Sua atitude deve ser quanto antes respeitada pelos demais povos irmãos deste hemisfério.[435]

Tais notícias vinculadas aos jornais brasileiros denotavam a responsabilidade depositada nos ombros dos soldados da FEB, claramente exposta no *L'Opinion*: "E assim ostentarão, no futuro, ao lado das forças dos países aliados, o honroso título de terem sido camaradas na luta, na dor e no sacrifício".[436]

Com a chegada do Primeiro Escalão a Nápoles, o Quartel General Aliado, por meio dos seus órgãos divulgadores, deu início a uma série de reportagens que iam sendo repassadas também para o Brasil. No dia 19 de julho, o INS informava que as tropas brasileiras haviam chegado à Itália, a fim de reunir-se ao Exército Aliado no avanço contra os alemães.[437]

Assim como o jornal *L'Opinion*, o correspondente norte-americano da *United Press*, Willian Lander, também chamava a atenção dos leitores sobre a tropa

---

[433] A NOITE, Rio de Janeiro, 16 de agosto de 1944.
[434] JORNAL L'OPINION, julho de 1944, *apud,* A NOITE, Rio de Janeiro, 3 de agosto de 1944.
[435] Id.
[436] Id.
[437] A NOITE, Rio de Janeiro, 19 de julho de 1944.

brasileira recém-chegada. “Trata-se da primeira força de soldados latino-americanos que cruza o oceano nesta guerra”.[438]

A Agência Nacional, órgão divulgador do D.I.P., no dia 20 de julho de 1944, recebeu as primeiras radiofotos dos brasileiros desembarcando no Porto de Nápoles, que foram imediatamente publicadas pelos jornais coligados. A manchete do jornal *A Noite* destacava: *O coração do Brasil ao lado de seus filhos*, e dizia o seguinte: “acontecimento que se deu no dia 18 do corrente e que encheu de júbilo os brasileiros, repercutindo também mundialmente. Isto representa a participação direta e ativa do Brasil ao lado das Nações Unidas”.[439]

No mesmo noticiário acima destacado, o correspondente mostrava que, após o desembarque dos brasileiros, o porto foi retomando a sua atividade normal. ”A única atividade que continuou foi a normal descarga dos equipamentos bélicos da força brasileira, enquanto o público se retirava, comentando com entusiasmo a chegada das forças expedicionárias do Brasil”. Tal afirmação denotava total desconhecimento sobre a FEB, porque os registros oficiais do embarque dos escalões brasileiros, em respeito aos acordos feitos pela comissão mista Brasil e Estados Unidos, indicavam a impossibilidade de a FEB embarcar com equipamento bélico ou outro qualquer, porque até barracas faltaram no primeiro acampamento brasileiro na cratera do vulcão Astrônia.

A Intendência da FEB ficava em um dos acampamentos. O maior deles era o da localidade de Staffoli, próxima a Bolonha. Lá estava todo o material necessário para a guerra, desde os armamentos, equipamentos, uniformes até produtos para a alimentação dos soldados, que depois eram redistribuídos para os regimentos que já se encontravam em frente de combate, muitos com suas cozinhas próprias. Esse local também era visitado constantemente pelos correspondentes de guerra, que buscavam dados para os seus noticiários. O *Diário de Notícias* ressalta a passagem da correspondente Rita Humes, do *International News Service*. No mesmo jornal, as fotos mostram o general Mascarenhas de Morais recebendo a continência de um grupo de enfermeiras da FEB, dentre as quais Carmen Bebiano, Inacia Braga, Virginia Portocarrero, Antonieta Ferreira e Elza Medeiros.[440]

---

[438] A NOITE, Rio de Janeiro, 19 de julho de 1944.
[439] A NOITE, Rio de Janeiro, 20 de julho de 1944.
[440] DIÁRIO DE NOTÍCIAS, Rio de Janeiro, 13 de agosto de 1944.

No dia 21 de agosto, os jornais do Rio de Janeiro publicavam o cartaz "O Brasil está presente", amplamente distribuído pelo D.I.P., mostrando a representação da figura do soldado da FEB, envergando um uniforme de brim verde-oliva, como se estivesse participando de um desfile e saudado por populares em via pública. O texto colocado estrategicamente no jornal, logo abaixo da gravura, buscava chamar a atenção dos leitores. Trazia informações, dizendo do revide necessário, da necessidade de castigar os bárbaros invasores,

> [...] agora com as Forças Expedicionárias, no teatro de guerra, um preito de homenagem às nossas classes armadas e, ao mesmo tempo, fazendo conhecido de nosso povo, o que tem sido a luta do Exército, da Marinha e da Aeronáutica, na atual guerra que ensangüenta todos os continentes.[441]

No título de capa do jornal *A Noite,* com letras garrafais, era anunciado: "Os Brasileiros na Zona de Combate". Esse jornal, na época, era uma das expressões máximas do D.I.P. Era necessário urgentemente explicar à população o envio da FEB para a Itália, justamente no segundo aniversário da entrada do Brasil na guerra, fato que passava despercebido pela maioria da população, que não se ressentia do espírito beligerante de uma guerra que acontecia fora do país.

4.3 CHEGAM À ITÁLIA O SEGUNDO E O TERCEIRO ESCALÕES DA FEB: A VISÃO DA IMPRENSA BRASILEIRA

No dia 22 de setembro de 1944, embarcava para a Itália o maior contingente brasileiro, composto por 10 mil soldados do Segundo e do Terceiro Escalões da FEB. Junto com esse grupamento, saíram os correspondentes brasileiros, que passam a priorizar as notícias veiculadas sobre a participação do Brasil na guerra da Itália. O Segundo Escalão, a bordo do navio General Mann, era comandado pelo general Cordeiro de Farias, enquanto os embarcados no navio General Meiggs eram comandados pelo general Falconieri Cunha. Esses navios eram comboiados pelos cruzadores Rio Grande do Sul, brasileiro, e pelos americanos *Menphis*, *Trumpter* e *Cannon.*

Segundo Brayner, em seu testemunho, a viagem transcorreu tranqüila, porque não havia o perigo mais incisivo da ameaça de submarinos do Eixo, no

[441] A NOITE, Rio de Janeiro, 21 de agosto de 1944.

Atlântico Sul. Os navios chegaram ao porto de Nápoles no dia 5 de outubro de 1944. Nos diários e testemunhos, bem como pela imprensa local, é possível descrever o que significou para os expedicionários esta viagem e os caminhos que levaram esses homens para a guerra.

O sargento Edgard Eckert recorda muito bem a presença do presidente Getúlio Vargas no interior do navio transporte e o discurso de despedida dos escalões:

> Bonito discurso! Tudo bem! De nossa parte, não tem problema, mesmo sabendo que a gente vai servir de bucha pra canhão. [...] havia também os que perguntavam por que os filhinhos desses ricaços não estão no nosso meio, para irem junto para a linha de frente? - Ao que os outros respondiam: - É que eles ficam bem guarnecidos em suas luxuosas mansões, construídas, quem sabe, com dinheiro havido de forma não muito honesta.[442]

O espírito crítico dos combatentes era algo que já se manifestava com mais freqüência, porque, mesmo nos preparativos da formação da FEB, as questões que envolviam a hierarquia dentro do Exército, a precariedade dos quartéis e o treinamento dos jovens para a guerra, levavam à reflexão de que nem tudo acontecia com igualdade para todos.

As manifestações de apoio aos soldados brasileiros do 2º e do 3º Escalões partiam de várias frentes. A LBA, por meio de sua presidente Darcy Vargas, em correspondência ao general Cordeiro de Farias, explicou que havia enviado todo o material existente no almoxarifado da instituição, bem como o produto colocado na "Campanha da madrinha do combatente". Das campanhas da LBA, esta última, foi, talvez, uma das mais grandiosas. O relatório enviado por Darcy Vargas colocava o comandante Oswaldo Cordeiro ciente dos produtos que seriam destinados aos soldados. O relatório continha uma listagem enorme de produtos alimentícios e de vestuário, já destacados neste trabalho nas páginas anteriores. Além desses, a lista incluía produtos para diversas utilidades, como papel de carta, envelopes aéreos, papel hamburguês, lápis preto, tinta de escrever e material cirúrgico[443].

O Globo Expedicionário também enfatiza o importante trabalho das 'Madrinhas de Guerra' na campanha voltada para atender aos expedicionários, tanto os que já haviam partido, bem como diante do embarque dos escalões que sairiam

[442] ECKERT, *op. cit.,* p. 39.
[443] A NOITE, Rio de Janeiro, 4 de setembro de 1945.

no mês de setembro de 1944. Ao dizer do trabalho emérito dessas mulheres, assim se manifestou o editorial: “A madrinha do expedicionário é impessoal e tão atenta aos sofrimentos, ambições e desejos de seu protegido quanto as religiosas na frente de batalha prestam assistência direta ao combatente. Formando no vasto *front* da retaguarda, ela providencia a remessa de utilidades para o soldado”.[444]

Os jornais buscavam acompanhar o trabalho das madrinhas de guerra. Geralmente, eram moças e senhoras da alta sociedade carioca. Uma das entrevistadas na época, a senhora Martinez de Hoz, declarou ao repórter que se sentia orgulhosa pelo papel que exercia e também pelo seu filho João de Souza Lage, que, ao ser convocado para o serviço do Exército, se incorporou voluntariamente às tropas que se preparavam para o serviço ultramar. Um dos trabalhos beneméritos da madrinha, assinalado pela reportagem, fazia referência ao festival realizado no cassino da Urca - na época, ponto de encontro da elite carioca. A festa rendeu 109 mil cruzeiros, a metade dos quais foram destinados aos combatentes. As atividades desenvolvidas por Martinez Hoz são significativas e estavam voltadas para a confecção de “*sweaters*”, escrever cartas, receber contribuições e aproveitar o seu prestígio na “*haute gome*” do Rio para obter toda a sorte de utilidades.

A Presidente da LBA, Darcy Vargas, no ensejo de divulgar as atividades da instituição, mantinha uma estreita ligação com os jornais locais, enviando sempre mensagens de incentivo aos combatentes. ”A feliz iniciativa do Globo dá-nos o ensejo de transmitir aos nossos soldados, que em outras terras irão honrar e defender as tradições brasileiras, a manifestação da fé em sua bravura.”[445] Ao destacar as tradições brasileiras, provavelmente Darcy Vargas fizesse menção aos valores da cultura brasileira a serem defendidos também em um campo de batalha, na perspectiva de quem finaliza sua mensagem com as seguintes palavras: “Aqueles a quem o destino e as circunstâncias recusaram a participação direta na refrega marcham espiritualmente ao lado dos nossos expedicionários, comungando de suas dores e de suas glórias”.[446] De alguma forma, para Darcy Vargas e muitos brasileiros, a FEB era a representação máxima da nação brasileira em defesa das liberdades e da democracia.

---

[444] O GLOBO EXPEDICIONÁRIO, Rio de Janeiro, 7 de setembro de 1944.
[445] O GLOBO EXPEDICIONARIO, Rio de Janeiro, 14 de setembro de 1944.
[446] Id.

Egydio Squeff, correspondente de *O Globo*, embarcado no Segundo Escalão da FEB, ainda no navio-transporte redige as primeiras reportagens publicadas em *O Globo,* em outubro de 1944, com a seguinte manchete: "Só um alarma anti-submarino seguido de algumas bombas de profundidade da escolta pôs uma nota de guerra na serena viagem do Segundo Contingente da FEB".[447] Na introdução da reportagem, Squeff faz um balanço dos momentos que levaram o Brasil a declarar guerra aos países do eixo, ao destacar os mortos brasileiros em águas nacionais.

> Não é uma guerra simbólica, decidida apenas pelo governo. O povo lavrou-a com o sangue ainda quente de seus irmãos assassinados nas próprias praias. O povo queria vingança. [...] Agora estamos frente a frente com seus exércitos. Que faz Hitler? Outra vez lança mão do medo, procurando desorganizar a nossa retaguarda, com notícias alarmistas. Seus microfones visam as nossas famílias, os nossos quartéis, as nossas fábricas. É um truque já desmoralizado. A voz dos seus ' speakers' chegou até nós em alto mar. Os brasileiros não passam de Gibraltar - disseram eles.[448]

É possível imaginar a apreensão dos soldados e de seus comandantes diante da ameaça de torpedeamento dos dois navios-transporte. O contingente maior da FEB, dez mil trezentos e quatorze homens, há muito vinha realizando exercícios de abandonar os navios, caso tal tragédia ocorresse.

Segundo Squeff, a notícia da presença de um submarino próximo ao navio havia corrido todos os camarotes e os *decks.* Ao tentar maiores informações, dirigiu-se ao comando, mas não obteve nenhuma explicação. Havia muita confiança na escolta dos navios, "a idéia de um ataque de submarinos pouco nos preocupava. [...] Houve longos momentos de expectativa e em poucas horas já quase todos duvidavam que algum submersível germânico houvesse sido mesmo assinalado."[449]

Muito do que foi relatado do cotidiano dos soldados no navio que conduzia o Segundo Escalão saiu dos escritos de Squeff. Por seu intermédio, foi possível constatar a dificuldade de adaptação dos homens da FEB à comida servida a bordo, a permanência por longas horas nos beliches sobrepostos no porão do navio, o calor insuportável e a falta de refrigeração, bem como o *blackout* à noite. Para os oficiais, também não foi fácil o convívio nos camarotes, cujo espaço era dividido entre 11 pessoas. O café era servido às 7h, quando eram servidas frutas, doces, café e creme. Às 17h, era servida a segunda refeição. Os que estavam em serviço tinham

[447] JORNAL O GLOBO, Rio de Janeiro, 21 de outubro de 1944.
[448] Id.
[449] Id.

direito a uma refeição ao meio-dia. Por outro lado, as cantinas americanas podiam suprir os viajantes com guloseimas, como chocolates, cigarros e outros objetos.

O serviço religioso a bordo ocorria todos os dias. Havia missa católica e culto protestante simultaneamente. Raros momentos, quando americanos e brasileiros se misturavam. Para passar o tempo mais rápido, cada qual procurava arranjar uma ocupação para o período da viagem. Os oficiais se reuniam em grupos para jogar xadrez. Havia música também para os que apreciavam um "choro" do Exército executando canções brasileiras, populares ou carnavalescas. Os norte-americanos, por sua vez, organizam shows para os soldados. Diariamente, os microfones buscavam inteirar os combatentes das notícias da guerra, que eram ouvidas com muita atenção. As primeiras anunciadas diziam respeito à frente russa. Também foram noticiadas a libertação de várias cidades italianas, o que provocou uma alegria ruidosa entre os ouvintes.

Squeff fez muitas entrevistas no interior do navio, entre oficiais e soldados. Essas entrevistas foram mais tarde veiculadas pelos jornais brasileiros. Ao entrevistar o tenente José Ferreira Lopes, de Minas Gerais, obteve do depoente a seguinte posição sobre a importância da participação do Brasil na guerra. "O clamor dos nossos irmãos covardemente sacrificados no cumprimento do dever pelos agressores nazistas encontra eco nesta nossa jornada ao teatro de guerra pronto a vingá-los".[450] Ainda era recente, entre os soldados, a imagem dos navios brasileiros torpedeados em águas nacionais, um dos fatores que apressou a entrada do Brasil na guerra.

[450] JORNAL O GLOBO, Rio de Janeiro, 22 de outubro de 1944.

FIGURA 6 – HORA DO RANCHO

FONTE: HALLAWELL (1946, p. 31)

Também como componente da FEB embarcado no Segundo Escalão estava o cabo Carlos Scliar, que desenhava muito bem. Mais tarde, na frente de batalha, registrou o cotidiano dos soldados por meio de desenhos ilustrativos, que foram destaques nos jornais dos batalhões e no Cruzeiro do Sul. Na entrevista, concedida a Squeff ainda no navio, Scliar diz: "Será enorme a importância da FEB na luta pela Democracia que empreendemos. Todos voltaremos mais conscientes".[451] É necessário ressaltar que muitos, como Scliar, tinham convicção de que a ditadura de Getúlio Vargas não teria condições de continuar no poder, porque percebiam os combatentes um novo tempo para a política brasileira, no qual o poder de exceção não teria sobrevida após a guerra.

Outros, como o tenente Alfredo Viana Filho, do Rio de Janeiro, projetavam em seus depoimentos uma visão mais abrangente:

> Representamos, aqui, não só o Brasil, mas a América do Sul, para a organização de um mundo melhor. Mundo em que não mais seja possível uma nova Munique, em que o cerceamento da liberdade de um homem seja uma ameaça à liberdade de todos.[452]

Enquanto as tropas brasileiras chegavam à Itália, em outubro de 1944, a cidade do Rio de Janeiro, como os demais grandes centros, prosseguiam em seu

[451] JORNAL O GLOBO, Rio de Janeiro, 22 de outbro de 1944.
[452] Id.

cotidiano, a vida ia seguindo na sua normalidade. No Rio de Janeiro, o noticiário havia dado algum destaque para o embarque dos soldados do Segundo e do Terceiro Escalões. Não havia uma estreita relação da população com os embarcados, a não ser para as famílias que estavam ligadas diretamente aos soldados que se dirigiam para a Itália. Os espetáculos culturais eram amplamente anunciados pelos jornais. Os cinemas cariocas exibiam bons filmes. No *Pathé,* estava em cartaz *Por quem os sinos dobram,* com artistas muito conhecidos do publico carioca, como Gary Cooper e Ingrid Bergman. Já Carmen Miranda, a pequena notável, estava no cine Palácio. Bibi Ferreira, a jovem filha de Procópio Ferreira, revivia nos palcos *A Moreninha,* no teatro *Phoenix,* em uma temporada de comédias que tinham alcançado êxito absoluto. Dizia o jornal: "a Atriz de um futuro brilhante. Além das qualidades inatas, é portadora de cultura e inteligência pouco comuns".[453]

Foi cogitado, nesta fase, se enviar ao *front* brasileiro um elenco de artistas brasileiros, emissários da música popular e dos astros da ribalta, como Linda Batista e Grande Otelo.

> Essa '*troupe'* escalonaria pelo Natal, quando faria um show para os nossos soldados. Chegaria finalmente à Itália, devendo percorrer várias cidades onde se encontravam os combatentes e, inclusive, a zona de operações, onde todos querem ver se é verdade mesmo que a cobra está fumando.[454]

Tanto a L.B.A., por meio do seu boletim, bem como o *Globo Expedicionário,* prestaram serviços relevantes às famílias expedicionárias em várias partes do Brasil, ao disponibilizarem as seções nos seus cadernos noticiários, especialmente voltadas às entrevistas com os parentes dos combatentes que já se encontravam na Itália. As seções de recados incluíam os familiares, com suas pequenas notas, anunciando nascimentos, casamentos ou enviando saudações.

O Serviço Postal da FEB, embora considerado regular, funcionava com dificuldade, porque da entrevista dada na época *ao Globo Expedicionário* pelo responsável, o major Gilberto da Cruz Messeder, é possível verificar que a trajetória da mala postal era complicada. As correspondências eram enviadas por via aérea até Natal, através do Correio Aéreo Nacional. Lá chegando, esse material era

[453] O GLOBO EXPEDICIONÁRIO, Rio de Janeiro, 14 de setembro de 1944.
[454] O GLOBO EXPEDICIONÁRIO, Rio de Janeiro, 19 de outubro de 1944.

responsabilidade dos norte-americanos, que o transportavam por avião. Portanto, era um serviço que dependia dos problemas do tempo e da disponibilidade do avião, e há que se lembrar que o estado de guerra dificultava o acesso a todos os meios de transporte.[455] Já as encomendas, como roupas, agasalhos, luvas, suéteres, doces e outros mimos seguiriam depois por navios brasileiros.

Nesse aspecto, as entrevistas estampadas nos jornais que chegavam até o *front* serviam de alento para os homens que viviam dias incertos na frente de batalha. Os pais, as esposas, as noivas e sobrinhos são entrevistados e devidamente fotografados pelos repórteres. Segundo o *Globo Expedicionário*, os telegramas sobre a atuação da FEB ocupam lugar destacado no noticiário internacional e, no Brasil, são lidos sofregamente pelas multidões ansiosas. "Nada mais justificável, por conseguinte, do que se sentirem os parentes dos expedicionários orgulhosos de os terem como combatentes".[456]

Nos jornais, abriam-se colunas para mensagens, pequenos recados, como o enviado à enfermeira Viriginia Portocarrero

> [...] nossos soldados sentem sem dúvida que os seus cuidados têm muito da imensa saudade que teriam em seus lares distantes. Faça extensiva às suas companheiras, a nossa admiração. Queremos recebê-la em nossos braços, no dia em que - heroína desta guerra pela liberdade e pelo Brasil - retorne à sua terra saudosa.[457]

São organizadas colunas especiais para as mães, como aconteceu às Mães Campineiras. Segundo estatística do jornal, Campinas, em São Paulo, havia colaborado com um contingente grande de homens para a FEB.

As crianças também são ouvidas. Na família Donnola Pereira, o repórter do *O Globo Expedicionário* observa Tonio, o menor da família: diante de um mapa italiano, aponta com o dedinho um determinado local e vai dizendo: "maninho está aqui, na Itália". Os outros irmãos de Tonio agrupam-se ao redor do repórter. Alguém diz: "Chegaram cartas da Itália e até os vizinhos querem saber como vai o velho Léo" – um herói naquele trecho do bairro. Tal entrevista foi estampada com o seguinte título: *O que é um herói?*[458]

---

[455] O GLOBO EXPEDICIONÁRIO, Rio de Janeiro, 14 de setembro de 1944.
[456] O GLOBO EXPEDICIONARIO, Rio de Janeiro, 6 de outubro de 1944.
[457] Id.
[458] Id.

Assim, recebem os soldados notícias das suas casas, nos acampamentos ou na linha de frente; enfim, onde possa chegar o jornal. São anúncios pequenos e acompanhados das fotografias dos familiares. Geralmente, a mensagem é de encorajamento aos homens e mulheres da FEB e fazem referência à confiança que o povo brasileiro neles deposita. No elenco dos nomes, destacados pelo *O Globo Expedicionário* nesse dia, são lembrados o Major Alberico Avelar, a enfermeira Viriginia Portocarrero, Raul de Castro Filho, o soldado Rafael Caruso, o soldado José Leopoldo Menna Barreto, o sub-tenente Eudaldo Roosevelt, o oficial Charles Pullen Hargreaves, o cabo Virginio Noronha Trindade, o primeiro-tenente Oswaldo Mendes Leite, o soldado Alcides Surato, Manoel Alves Cardoso, o soldado Geraldo Alvarenga do Nascimento, o soldado Jesuíno Vargas, o soldado Carlos Alberto, Walthemir Gerck, o coronel Sagadas, Sylvio da Fonseca, Bernardino Salgado, o soldado Arnaldo Stelini, Vergílio Violaro, o soldado Manoel Lemos Paulo e o soldado Ermelindo Rangoni.

Qual o teor dessas mensagens? Reconhece-se, aqui, o valor da expressividade transcrita em tão poucas linhas. Elas registram desde votos de um feliz aniversário até perguntas do tipo: como você está passando? Falam do heroísmo pela campanha que se acompanha de longe, na esperança de que esses homens cumpram o seu dever na luta pela democracia, como verdadeiros soldados do Brasil; dizem dos pais que abençoam seus filhos e da reza diária a Senhora Aparecida, na esperança de que esses homens possam um dia regressar para os seus lares.

Ao aportarem em Nápoles, assim como os soldados do 1º Escalão, os dez mil homens recém-chegados no 2º e no 3º Escalões da FEB ficam chocados com o aspecto da cidade, como afirmou o paranaense Leonércio Soares:

> Aquela primeira visão de Nápoles com todos os tremendos estragos provocados pela guerra, bem recentes, impressionou profundamente o espírito dos jovens brasileiros. Muitos deles desconheciam ou possuíam escassos conhecimentos do que a guerra traz em si de barbarismo, de catastrófico e de cruel.[459]

Durante dois dias, os navios ficaram atracados no porto de Nápoles e a tropa não havia recebido permissão para o desembarque. No terceiro dia, foi anunciado

[459] SOARES, *op. cit.,* p.28.

que não seria mais fornecida comida aos soldados. Todos deveriam se preparar para receber a primeira refeição em terra firme. Todos seguem para o local indicado: um conjunto de prédios antigos, junto à orla, que anteriormente haviam servido de quartéis às forças fascistas e depois para as tropas da Wehrmacht.

Não escapou do olhar critico de Leonércio Soares o fato de os oficiais brasileiros se obrigarem a efetuar filas junto dos soldados para receberem a refeição do dia e o constrangimento que tal ato proporcionou: posicionados, superiormente, pela rígida e tacanha estratificação do exército à qual se habituaram, "muito difícil ser-lhes-ia aceitar aquela imponderável mudança de normas. [...] indignados, saíram para um lado, falavam e gesticulavam, podia-se ouvir, pela entonação de voz, a exasperação de alguns".[460]

Terminado o almoço, a viagem deveria prosseguir para os soldados do Segundo e do Terceiro Escalões nas 64 barcaças *Landig Graft Infantary*, que tomaram parte na invasão do sul da França (L.C.I.).[461] Próprias para a condução e desembarque de soldados, comportavam cerca de 200 homens cada uma e conduziriam a tropa até o porto de Livorno, onde já se encontravam os norte-americanos e os equipamentos de guerra. Desse porto, os brasileiros seguiriam seu rumo à Pisa, para a ambientação geral antes da chegada ao *front,* nas proximidades. As embarcações estavam presas umas às outras, enfileiradas, formando uma espécie de esteira flutuante como bem as descreveu Leonércio Soares: A tarde nublada tornava o mar Tirreno agitado.

> Ondas imensas se erguiam fazendo as barcaças desaparecerem nos buracos abertos, a água espumante varria os conveses de lado a lado. Fora dos porões apertados, tinha-se que se agarrar às cordas e cabos de aço para não ser arrastado pelas ondas que vinham e passavam.[462]

As barcaças L.C.I. partiram na manhã do dia 10 de outubro. Não eram confortáveis e o fundo chato, diante do mar revoltado, jogava muito, o que causou sérios danos orgânicos para passageiros e tripulação. O resultado desse percurso é bem descrito pelo médico da FEB, que estava em uma delas:

---

[460] SOARES, *op. cit.,* p.33.
[461] N.A.: Depois do dia D, estas barcaças fizeram ainda quatro viagens de ida e volta levando prisioneiros e feridos à Inglaterra e trazendo soldados para a França. Para saber mais detalhes sobre a viagem nas barcaças, vide BRAGA, Rubem. **Crônicas de Guerra na Itália.** Rio de Janeiro: Bibliex, 1996, pp. 34-35.
[462] Ibid., p. 35.

> Era de amargar. Os 'valentes' que já se julgavam velhos lobos-do-mar se revelaram miseravelmente. Houve alguns que quase morreram de tanto enjoar e não arredaram a cabeça do travesseiro. Nunca haveríamos de esquecer aquelas trinta horas de enjôo. [463]

No dia 11 de outubro de 1944, os dez mil soldados chegaram ao porto de Livorno, bastante destruído pelos ataques ocorridos anteriormente, mas somente no dia 12 receberam ordens para o desembarque. O aspecto da tropa era uma lástima, segundo o registro do sargento José Alves:

> [...] pálidos, de olhos fundos, os pracinhas pareciam cadáveres. Porém, depois de chupar algumas laranjas e saborear maçãs, foram recuperando a cor e o ânimo começou a voltar. [...] Embarcamos nos caminhões, seguindo nosso destino: Pisa, a histórica cidade da Torre Inclinada, o bosque de Caça Real, a Tenuta de San Rossore, distante 4 quilômetros ao norte da cidade.[464]

O outono italiano já aparecia com todo o seu rigor, a chuva miúda encharcava os caminhos e a lama criava dificuldades tanto para o transporte de equipamentos como dos homens. A estrada que ligava *Livorno* a *Pisa* era uma das mais movimentadas, porque, depois de Nápoles, era o porto de *Livorno* o mais procurado para o desembarque do material bélico. Portanto, por todos os lados da estrada, percebiam-se fileiras intermináveis de materiais que seguiam para o *front,* era um desafio da máquina de guerra a enfrentar o poderio alemão. Também em *Livorno* estavam localizados grandes depósito de víveres e de material bélico. Próximo ao cais do porto, eram feitas as montagens das viaturas, caminhões e jipes dentre outros, que seriam utilizados na campanha alguns quilômetros mais adiante. Há que se imaginar que os alemães estavam estrategicamente localizados no Porto de *Spezzia*, a apenas 80 quilômetros de *Livorno*.

A principal proteção contra ataques aéreos ao Porto de *Livorno* estava localizada no campo de aviação em Pisa. Ali havia centenas de aviões de caça que aguardavam o primeiro sinal para voarem em perseguição. No aeroporto de *Pisa*, os norte-americanos organizaram uma poderosa base aérea. Lá estavam os representantes da FAB, os pilotos brasileiros que, durante sua permanência neste

---

[463] RAMOS, José de Oliveira. **A Epopéia dos Apeninos**. Rio de Janeiro: Gráfica Laemmert, 1947, p. 83.
[464] SILVA, José Alves, *op. cit.,*p. 57.

local, desenvolveram importantes missões, reforçando a estratégia de combate em apoio à FEB.

O grupamento da FAB tinha como comandante o tenente coronel aviador Nero Moura e foi criado em dezembro de 1943, treinado durante seis meses em escolas e bases de aviação nos Estados Unidos, mais precisamente na Zona do Canal do Panamá. O primeiro grupo de Caça da Força Aérea Brasileira chegou à Itália no dia 6 de outubro de 1944, incorporando-se ao 350º Grupo de Caça Americano, pertencente à 62ª Brigada de Caça do XXII Comando Aerotático da Força Aérea do Mediterraneo. No dia 11 de novembro do mesmo ano, iniciou a sua primeira missão, em aviões P.47, e desempenhou, principalmente, missões de bombardeio em objetivos diversos, com fogos de metralhadora, vôos rasantes em apoio às operações ofensivas das Forças de Terra.

O grupo de caça era composto por 410 oficiais e praças, inclusive seis enfermeiras e um capelão. O grupo da FAB perdeu oito dos seus oficiais aviadores e teve abatidos dezesseis dos seus aviões. Além do apoio dado à FEB, por ocasião dos ataques ao Monte Castello, um dos seus grandes feitos foi em 22 de abril de 1945, na localidade de San Benedetto do Pó[465], quando, por meio de sucessivos ataques, impediu a formação de uma resistência alemã nas margens do Pó, o que teria sido um desastre para as forças aliadas. A participação da FAB será mais bem detalhada no capítulo referente à campanha de Monte Castello.

O grande contingente brasileiro chegava finalmente ao setor denominado "*Staging Area* nº 3" pelos americanos, mas conhecido pelos brasileiros como a "*Tenuta de San Rossore*". Essa era uma vasta propriedade que pertencia aos reis da Itália e servia como local de passeio, onde o soberano italiano e seus convidados costumavam passar o verão. O local havia sido previamente preparado justamente para que se evitassem os problemas ocorridos com o desembarque do Primeiro Escalão em Nápoles. Portanto, as barracas estavam montadas, as cozinhas funcionando, as instalações higiênicas prontas.

Desse acampamento, muitos soldados não esqueceram; como disse José Ramos:

---

[465] FOLDER MUSEU DA FEB. Força Expedicionária Brasileira (FEB) Sumário Histórico. Casa da FEB, 1986.

> Começávamos então a receber o material de acampamento – cama de campanha, mosquiteiro, velas, fósforos; e fomos nos ajeitando. Em cada barraca, ficavam em média dois a quatro oficiais. [...] As refeições, em número de três, obedeciam ao seguinte horário: café, às 8h; almoço, às 11h e jantar, às 17h, horário esse que foi religiosamente seguido, desde o primeiro ao último dia.[466]

Na *Tenuta de San Rossore,* os soldados brasileiros aprenderam muito com os norte-americanos. Naturalmente, além do treinamento com os novos equipamentos e armas, o preparo das refeições e a higiene das cozinhas e banheiros foram ensinamentos que o Exército Brasileiro vai trazer da Itália para os quartéis. Nas filas muito bem organizadas, diante das cozinhas, os soldados portavam seus pratos de alumínio, canecos e talheres, que, após o uso, eram mergulhados em camburões de água fervente, com sabão, desinfetante e água limpa. Os recipientes para lixo eram estrategicamente colocados por todo o acampamento, ao lado das barracas, das cozinhas e banheiros. A higiene imperava no acampamento, onde uma micro-cidade funcionava com seus dez mil habitantes.

> Pela manhã, se via o pessoal de cara ensaboada, diante de espelhos dependurados nas portas ou nos cantos das barracas, fazendo a barba. Os chuveiros tinham uma concorrência permanente e os barbeiros da unidade tosavam os pracinhas sem cessar. A bordo, havíamos treinado a lavar nossa própria roupa.[467]

Nesse acampamento e nos demais por onde a tropa brasileira passou, inicia-se o primeiro contato dos soldados da FEB com a população local.

---

[466] RAMOS, José de Oliveira. **A Epopéia dos Apeninos**. Rio de Janeiro: Gráfica Laemmert, 1947, p. 86.
[467] Ibid., p. 87.

FIGURA 7 – ALIMENTO AO POVO

FONTE: ARBIZZANI *et al.* (1994, p. 155)

Eram as crianças, mulheres e homens que vinham buscar as sobras do farto rancho que era servido. Diante de tanta miséria, os soldados contritos instituíram a Liga dos P.M. (*porta mangiare*, que, em italiano, significa 'levar a comida'). Segundo os pracinhas, tal modelo funcionou em todas as unidades. Muitos simpatizavam com as crianças, outros tinham piedade dos mais velhos. Muitas refeições eram entregues nas casas miseráveis, onde faltava tudo. Era comum os soldados saírem dos acampamentos carregados de embrulhos contendo a tão preciosa alimentação para aquela gente.

Antes de os soldados entrarem em linha com seus batalhões, a vida no acampamento, muitas vezes, tornava-se monótona para tanta gente jovem. O noticiário sobre a guerra era passado, segundo o soldado Leonércio Soares, de boca em boca e sempre aumentado. Falava-se sobre os sucessos que vinha alcançando em combates, o primeiro Escalão no vale do rio *Sérchio.* Os nomes das cidades de *Camaiore, Barga, Monte Prano* e a Linha Gótica eram amplamente divulgados. Geralmente, tais notícias eram trazidas pelos motoristas e soldados que

haviam ficado na retaguarda. Elementos que jamais haviam estado numa frente de combate.[468]

Com a proximidade do inverno, as primeiras geadas caem no acampamento, os soldados recebem roupas de lã fornecidas pelos norte-americanos. Cabe ressaltar que tudo o que foi fornecido, mais tarde, foi pago pelo governo brasileiro, com juros e correção, sendo que nem as armas e munições gastas foram perdoadas. Os últimos treinamentos foram realizados nesse local: uma longa marcha de 20 quilômetros. Os soldados receberam o armamento, os fuzis *Springfield,* o que causou espanto e revolta geral, já que as tropas norte-americanas foram provisionadas com armamento mais moderno. "Ofereceram ao nosso Regimento o rebotalho da indústria bélica, sem o fuzil *Garand*, carabinas e o armamento individual".[469] Nesse local, os soldados participaram de uma única instrução de tiro.

A informação do tenente Klas contrastava com as notícias veiculadas pelos jornais brasileiros:

> Um grande contingente das Forças Expedicionárias Brasileiras, integradas por tropas perfeitamente treinadas e prontas para entrar imediatamente em ação, chegou hoje a este porto a fim de juntar-se ao primeiro contingente da FEB, já atuando no setor ocidental da frente do quinto Exército Americano.[470]

Antes de partir para a linha de frente, os soldados ainda foram deslocados para *Filetole*, no dia 19 de outubro de 1944. O novo acampamento era considerado o melhor para treinamento dos soldados, mas, como observa o soldado Leonércio Soares, não havia instrutores capazes, técnicos em armas e estrategistas de guerra.

> A providência tomada foi completamente inócua. A desinstrução, o desconhecimento das coisas ia dos soldados aos comandantes dos mais altos escalões. Todos, embora não querendo admitir, eram igualmente ignorantes, tanto em questões de guerra como naquelas armas.[471]

Na praticidade de quem vive de um acampamento para o outro, os soldados vão se organizando, como destacou em seu diário o soldado Linhares:

---

[468] SOARES, *op. cit.,*p. 38.
[469] KLAS, Alfredo Bertoldo. **A verdade sobre Abetaia:** Drama de sangue e dor no 4º ataque da FEB em Monte Castelo. Curitiba: Imprensa Oficial, 2005*,* p.112.
[470] DIÁRIO DE NOTÍCIAS, Rio de Janeiro, 15 de outubro de 1944.
[471] SOARES, *op. cit.,*p. 45.

> Como de costume, minha mochila estava muito bem organizada: cobertor novo e bem peludo. três caixas de ração K e C, marmita completa, creme dental, escova de dentes, pente, toalha esverdeada, sabonete, aparelho e creme de barbear, caderno, lápis, pincel, lenços, barra de chocolate, chicletes.[472]

Com o frio que foi ficando dia-a-dia mais rigoroso, os soldados receberam uma jaqueta mais pesada conhecida como *combat–jacket*: o tecido era impermeável e por dentro era forrada de lã. Em qualidade, não se comparava à frágil roupa de lã que os soldados haviam levado do Brasil. O novo uniforme seria ainda composto de um par de galochões, tipo meia bota, um capacete de fibra e um de aço e um capote de lã, com botões dourados e a insígnia americana de uma águia, que provisoriamente substituía o Cruzeiro do Sul. O mesmo uniforme foi distribuído para todos os soldados que compunham o quinto Exército.

Nessa fase, como parte dos preparativos para a entrada em Linha, muitos oficiais deixaram o acampamento e seguiram para as localidades onde o sexto R.I. vinha combatendo. Desse modo, verificando 'in loco' como ocorriam os primeiros embates contra os alemães.

4.4 AS MANOBRAS DO 6º R.I. NO VALE DO SERCCHIO: O BRASIL ESTÁ PRESENTE

> Tenho em mãos a carta desse comando, por gentileza de V.S.ª, comunicando-me a morte do meu idolatrado filho – o soldado Ademar Fernandes, em combate e no cumprimento do dever. Desnecessário se torna frisar a dor que me punge a alma que só nas palavras de conforto de outro brasileiro que partilha a mesma luta em prol da Pátria, pode encontrar um lenitivo. A morte não é nada como ponto final à vida bem vivida.
> Tudo pelo Brasil! [473]
>
> Theodoro Fernandes Ferrugem

O Brasil se fez presente em um conflito internacional e, embora o número dos participantes não tenha sido expressivo (25.000 homens) em relação a outras unidades militares estrangeiras, os soldados brasileiros, como aliados, lutaram ao

---

[472] LINHARES, Manoel Antonio. **A cobra vai fumar**: memórias de um soldado da Força Expedicionária Brasileira. Florianópolis: Rocha, 2004, p.53.
[473] O CRUZEIRO DO SUL, 14 de março de 1945. N.A.: A carta foi enviada ao coronel João de Segadas Viana, comandante do 6º R. I.

lado de combatentes experientes, os norte-americanos, em várias frentes de luta nas quais já estavam engajados.

São muitas as maneiras pelas quais os soldados podem ser lembrados em uma guerra. Os livros retratam as campanhas das diferentes unidades militares, sob a ótica dos seus autores - seja de forma histórica ou literária. Os relatórios da frente de combate, por sua vez, reportam a registros técnicos e sucintos, nos quais o grupo e/ou o soldado são lembrados por atos de bravura.

Nesse estudo sobre as manobras no Vale do rio Sercchio, buscou-se focalizar as lembranças brasileiras e italianas, porque os episódios aqui destacados, narrados pelos participantes, constituíram o batismo de fogo do Primeiro Escalão a desembarcar na Itália. Na reconstituição dos fatos, buscou-se determinar as circunstâncias em que eles ocorreram e como foram registrados. Desses apontamentos, privilegiaram-se os depoentes brasileiros em seus diários ou em seus testemunhos; e italianos, também depoentes, ou ex-combatentes, que, em certo momento da guerra, estiveram frente a frente. Sempre numa visão da amplitude humana, embora se tenha consciência de que a documentação apresentada não seja suficiente para os historiadores contemporâneos brasileiros e italianos.

O vale do rio Sercchio fica ao norte de *Pisa.* Os alemães, sendo pressionados para o norte, defendiam esta região com muita obstinação. Acreditavam que, se a guerra se prolongasse por mais um tempo, poderiam obter sucesso, caso novos equipamentos e armas chegassem até as suas linhas.

Com a ruptura dessas posições na frente compreendida entre as estradas nº 64 e 67, decidiu o comando americano colocar o Destacamento FEB para uma ação direta com o IV Corpo do V Exército Americano, sob o comando do general Willis Crittemberger em todo o vale do Sercchio, iniciando a sua ação a 18 de setembro de 1944, quando os brasileiros substituíram os norte-americanos naquela região.

Com um efetivo de 237 oficiais e 4.331 praças, era formado o Destacamento FEB. Na verdade, os componentes do primeiro Escalão que chegara à Itália em julho de 1944. Comandava o Destacamento FEB, o general Zenóbio da Costa.

Com as novas instruções, cabia aos brasileiros ir na direção de *Castelnuovo di Garfagnana,* uma região temida e desafiadora onde estavam concentradas fortes unidades alemãs, auxiliadas por divisões italianas - embora estas últimas apresentassem grandes dificuldades de articulação, tanto pelo número de soldados

como de equipamentos, porque a longa permanência delas na guerra, ao norte da África e na Grécia, havia desestruturado as suas unidades.

A situação para o Destacamento FEB era então de grande responsabilidade. A frente a vasculhar duplicara, atingindo aproximadamente 20 quilômetros de largura, com a presença de experientes soldados alemães que vinham de lutas anteriores na frente russa ou no norte da África.

Pela cidade de *Castelnuovo di Garfagnana*, havia um entroncamento de estradas importantíssimas para os aliados, de modo que a queda dessa localidade importaria em graves prejuízos para o setor alemão. O caminho a percorrer era longo e coube ao 6º R.I., comandado pelo general Zenóbio da Costa, servir de vanguarda da FEB, no desenvolvimento operacional e na ocupação de áreas que ainda estavam nas mãos das tropas alemãs, fazendo uma integração dos brasileiros no âmbito do V Exército.

No dia 15 de setembro de 1944, o destacamento FEB substituía o 370º Regimento Americano, que perdera o contato com os alemães em retirada. Sucessivamente, foram ocupadas pelos brasileiros as cidades de *Massarosa, Bozano, Chiesa e Camaiore.* Segundo os especialistas, uma página importante da história para a compreensão da participação da FEB nos episódios marcantes da guerra na Itália. Pela primeira vez, os soldados foram exigidos em uma guerra que caminhava para o seu final, mas não menos agressiva e plena de surpresas que desafiavam os melhores estrategistas.

Segundo os organizadores do livro de memórias *Depoimentos dos Oficiais da Reserva,* já destacado nesta pesquisa, poucos daqueles que não estiveram na FEB hão de se lembrar da palavra *Camaiore.* São várias as versões sobre a conquista desta cidade, tanto dos que lá estiveram, como também daqueles que por lá não passaram, mas sobre ela escreveram.

Na expectativa de clarear os acontecimentos ocorridos nesta localidade, juntaram-se aos especialistas em estratégias de guerra, os autores de obras específicas e os próprios combatentes, porque os fatos lá ocorridos marcariam profundamente os seus participantes e a FEB como um todo. A imprensa brasileira, por sua vez, intermediada pelos correspondentes de guerra estrangeiros, acabou por provocar um discurso ufanista sobre os feitos dos soldados, em situação inusitada, nunca antes visto e que, nos últimos tempos, tem provocado o

constrangimento dos próprios pracinhas.

Segundo afirmam os combatentes que participaram da libertação da cidade de *Camaiore,* na visão mais objetiva dos acontecimentos: "não houve, por certo, jornal do Brasil que deixasse de estampar, em títulos garrafais, esse nome, porque foi a primeira cidade italiana a ser conquistada pelas tropas brasileiras".[474]

O conjunto da obra *Depoimento de Oficiais da Reserva*, organizada pelo tenente Demócrito Arruda, com a colaboração de vários combatentes do sexto R.I. vai balizar a discussão que se fez em torno dos primeiros combates da FEB, principalmente o de *Camaiore*.

A cidade de *Camaiore*, segundo o tenente coronel J. Almeida Freitas, possuía na época cinco mil habitantes, situada ao pé dos Apeninos, no fundo de uma bacia, a dez quilômetros da costa. Para os italianos, constituía um centro de abastecimento, aonde todos acorriam dentro de suas necessidades. Para os estrategistas militares e alguns brasileiros que combateram na Itália, não era apenas um centro comercial: seu valor avultava e cresceu imensamente, projetando-se na História Militar do Brasil e quiçá na dos Exércitos da Itália, como o lugar onde se desenvolveu uma das mais belas manobras do Exército, sob a responsabilidade do 6º R.I., comandado pelo general Zenóbio da Costa.

No contraponto dessa história, estão duas versões apresentadas sobre a conquista da cidade, que dão a dimensão da memória fragmentada sobre um mesmo episódio. A primeira foi narrada pelo Cruzeiro do Sul, órgão oficial da FEB.

> E na manhã de 18, a infantaria do sexto R.I., em cujas veias corre o sangue bandeirante, diretamente impulsionada por seu General-Comandante, foi lançada em direção a Camaiore. [...] sua artilharia e morteiros cobriam a cidade, com tremendo bombardeio. As estradas e pontes estavam destruídas. [...] mas o general Zenóbio, dirigindo pessoalmente as operações de uma elevação que domina a cidade pelo sul, lançou arrojadamente, em jipes, a 7ª Companhia de Infantaria. [....] enquanto os brasileiros entravam pelo sul, os alemães fugiam rumo ao norte, para os contrafortes dos Apeninos. [...] os soldados estavam eletrizados com a presença do seu general. [475]

O segundo testemunho sobre a Tomada de *Camaiore* foi exposto no jornalzinho de Campanha do 6º R.I. "A cobra fumou" e seu autor foi o tenente Alfio

---

[474] ARRUDA, Demócrito. **Depoimento de Oficiais da Reserva sobre a FEB**. Rio de Janeiro: Cobraci, 1956, p. 425.
[475] Ibid., pp. 425-433.

Piason, diretor do jornal e oficial de informações do Batalhão de onde saíram os elementos participantes da tomada de *Camaiore.*

> Foi assim que na noite de 15 para 16 de setembro o nosso I Batalhão e a 6ª Companhia do II entravam em linha. [...] Logo no dia seguinte, assim à queima-bucha, desencadeou-se o ataque, com muitas faltas, fruto unicamente da inexperiência da guerra verdadeira, [...] A linha Massarosa-Chiesa (duas aldeias) tinha sido atingida e consolidada. [...] alguns copos de vinho e **viva i liberatori**. [...] A 18, assume o capitão Ayrosa o comando de tropa tão heterogênea e a partida dos nossos homens para uma grande incógnita, a 16 quilômetros à frente da nossa linha avançada, sem apoio, é qualquer coisa digna de ser recordada. [...] caem os primeiros tiros de artilharia inimiga. [...] era o batismo de fogo da FEB, não havia mais dúvida. [...] Urgia uma decisão, os tanques e os carros de Pelotão de Reconhecimento não poderiam prosseguir. [...] o comandante não vacila (Capitão Ayrosa) e partiu ele mesmo em direção ao jipe. [...] com intervalo de 100 metros entre um e outro, lá vão eles serpenteando serra abaixo, desembarcou a tropa transportada e nova viagem de outros jipes trouxe, até aí, o resto do pessoal. [...] cerca de 19,30 horas, Camaiore é atingida, debaixo de fogos de morteiros inimigos. [...] Entra-se na cidade, alguns partigiani locais juntam-se à tropa. [...] Assim estava Camaiore ocupada, instala-se o capitão Ayrosa, o primeiro oficial brasileiro a conquistar uma cidade italiana.[476]

A narrativa do tenente José Alfio Piason, do 6º R.I. se contrapõe ao Jornal oficial da FEB, o Cruzeiro do Sul. De maneira tranqüila, expõe os fatos, sem alardes e não deixa de enaltecer a quem de direito, neste caso o próprio Capitão Ayrosa, que comandou o grupamento do 6° R.I., na investida com jipes, em que os tanques e carros mais pesados se mostraram ineficientes. Inaugurava o Brasil uma página de feitos de grande valor para a FEB, em que o aprendiz de soldado fez a guerra e dela tirou ensinamentos como homem e combatente. O reconhecimento não tardou, seja do próprio exército americano, pelo cumprimento de missão tão importante, que veio a condecorar Ayrosa com uma das mais altas condecorações militares, a Medalha Estrela de Bronze.

Outros combatentes também se pronunciaram em seus depoimentos sobre a conquista da *Camaiore.* O capitão Thorio Benedro de Souza Lima, do 1º R.I., muitos anos depois do fato ocorrido, manifestou-se em relação ao artigo publicado pelo Cruzeiro do Sul:

> Os fatos militares só são testemunhados, realmente, por poucos, exatamente por aqueles empenhados na ação ou próximos do local onde se desenrola. E só esses poucos estão em condições de dar um depoimento mais ponderado. [...] Certamente, o objetivo deste artigo era exaltar a

[476] ARRUDA, Demócrito, *op. cit.,* 1956, pp. 425-433.

> personalidade do comandante, mas o comandante da Infantaria Divisionária e não do primeiro Escalão.[477]

Assim como as ponderações de Thorio Benedro estavam direcionadas ao general Zenóbio da Costa, comandante da Infantaria Divisionária, outros depoimentos mostravam, pela crítica, o descontentamento de muitos febianos contra o comando da FEB.

A conquista de *Camaiore* e das aldeias vizinhas repercutiram estrondosamente no Brasil. Os correspondentes de guerra, principalmente os estrangeiros, por meio de seus escritórios jornalísticos, enviavam as notícias para o Brasil e a população, principalmente a do Rio de Janeiro, era bombardeada diariamente com esse noticiário.

O Globo do dia 3 de outubro de 1944 destacava a passagem dos brasileiros a noroeste da cidade de *Lucca*, enfrentando forte resistência alemã. Na manchete do dia 17 de outubro, o jornal *A Noite* destacava o seguinte título: "Os brasileiros em violentos combates", pelo correspondente da U.P., via Roma:

> Patrulhas brasileiras travaram violentos choques contra os nazistas no setor costeiro da região de Bolonha. Os brasileiros infligiram reveses aos nazistas, preparando o avanço geral das Forças Expedicionárias Brasileiras em direção a Bolonha.[478]

O mesmo jornal comunicava a presença de oficiais da Marinha Brasileira em apoio à FEB. Também se noticiava a presença da FAB na localidade de *Tarquinia,* próximo à Pisa.

> Reportagem no acampamento dos pilotos da FAB (Henry Bagley, da A.P.): O tenente-coronel Nero Moura, que comanda o contingente da FAB na Itália, teve ocasião de dizer que tanto ele como seus comandados provavelmente entrarão em ação muito em breve. 'A nossa tarefa – disse - será a de atacar, em bombardeio de mergulho, as posições alemãs'".[479]

Enquanto o 1º Escalão da FEB vai se deslocando pelas pequenas aldeias, em perseguição à tropa alemã, o Ministro da Guerra, Eurico Gaspar Dutra, decidiu visitar a FEB em operações na Itália por ordem do governo Getúlio Vargas e verificar

---

[477] LIMA, Thorio Benedro de Souza. Entrevista. Rio de Janeiro, 14 de novembro de 1978, *apud* **História Oral do Exército**. Rio de Janeiro, 2000.
[478] A NOITE, Rio de Janeiro, 17 de outubro de 1944.
[479] Id.

pessoalmente o andamento da guerra.Mal o 2º e o 3º Escalões haviam saído com os navios do Rio de Janeiro, o ministro descia no aeroporto de Nápoles, no dia 26 de setembro. Muitas eram as queixas acumuladas pelo Comando da FEB, situação que preocupava não apenas o ministro, mas também o governo. O general Dutra, pessoa muito introspectiva, sisudo e pouco comunicativo, era aguardado com expectativa pelo Comando Aliado, que via com bons olhos a chegada do representante brasileiro na averiguação das suas tropas.

No dia 2 de outubro de 1944, os jornais do Rio de Janeiro, informavam "No comando, o general Dutra".

> O general Eurico Gaspar Dutra, acompanhado por uma comitiva, atravessou a região montanhosa mantida pelos brasileiros, fazendo uma visita pessoal a algumas posições avançadas das tropas brasileiras. Ao andar por essa região, teve o ministro da guerra do Brasil a oportunidade de atravessar pontes e estradas reconstruídas pelos soldados do corpo de engenharia do Brasil.[480]

Depois de visitar os quartéis dos comandos aliados, em Roma, Florença e Lucca, no dia 16 de outubro de 1944, o Ministro da Guerra chega até o acampamento de *San Rossori*, próximo *a Pisa*, onde já se encontravam os dez mil soldados do 2º do 3º Escalões.

A correspondente Majoy (Silvia de Bittencourt), na sede da *United Press,* em Roma, recebeu a missão de cobrir a frente brasileira. Segundo seu relato, lá (acampamento) estava muito frio e a 'cobra fumava'. O hotel onde ficava a maioria dos correspondentes era o *Hotel della Città*, localizado na praça *Trinità dei Monti*. É também, por meio do seu noticiário, que se obtiveram as informações mais detalhadas dos primeiros acampamentos brasileiros. Majoy esteve também na linha de frente, nas áreas mais atuantes da FEB Em alguns diários, o seu nome foi lembrado pelos combatentes brasileiros, como o registrado pelo tenente médico Massaki Udihara do 6º R.I..

Em Roma, ela conta sobre o G.I.[481] e o pracinha, era o modo de dizer que mais notícias sobre os brasileiros seriam necessárias. O Quartel General da imprensa aliada*, o Public Relation Office,* funcionava no Palácio Marguerita*.* Desse célebre hotel, segundo Majoy, saíam as narrativas da guerra para o mundo: "de lá

[480] A NOITE, Rio de Janeiro, 2 de outubro de 1944.
[481] N.A.: O G. I, segundo Majoy, o termo em inglês significa *Governement Issue,* ou seja "produto de guerra", ou seja o que você deverá produzir para formatar um texto para o jornal.

partíamos, caçadores de sombras ou realidades por essas batalhas à dentro, onde o feltro verde bordado a ouro com *War Correspondent*, passado na ombreira da camisa é a senha para os lugares mais secretos".[482]

Durante a permanência do ministro da guerra, Eurico Gaspar Dutra, em Florença, na Itália, Majoy seguiu com comitiva rumo à Linha Gótica, para verificar o *front* brasileiro. Junto de Dutra, estava o comandante general Mark Clark. Da descrição feita por Majoy, dos terrenos percorridos com o ministro, foi possível perceber as dificuldades que os correspondentes de guerra enfrentavam no sentido de dar cobertura às notícias mais importantes do *front:*

> Subimos, subimos ainda. Paira no ar um cheiro horrível, que o soldado chama o Cheiro da Morte – porque vem dos mortos. Derrama-se pela doçura montanhesa como uma maldição. A poeira encardida embrulha o cenário e os atores num sudário. Subimos. Subimos mais. Chegamos.[483]

Essa correspondente esteve muito próxima do local onde o 6º Regimento de Infantaria, sob o comando do general Zenóbio da Costa, cumpria as primeiras missões de guerra. Provavelmente, do alto da montanha, todos que os acompanhavam de seus postos, conseguiam ver a movimentação da tropa e seus jipes. Ao descerem os morros, passaram pelas trincheiras brasileiras, onde foi possível avistar os canos de metralhadoras camufladas pelas coberturas de folhagens. Nas proximidades, a correspondente e a comitiva chegaram a um velho castelo, onde ficava o Posto de Comando do general Zenóbio da Costa. Cerca de 500 metros abaixo dessa localidade, segundo a correspondente, troavam os canhões da FEB *Crescente e ininterrupta a pressão dos brasileiros*, assim o Jornal da Noite, no dia 19 de outubro de 1944, veiculava as notícias da guerra. Pelo correspondente da U.P. era informado que a *Wermacht* continuava recuando na Costa da Ligúria, setor onde operavam as tropas brasileiras.

Sobre os feridos brasileiros, o Ministério da Guerra informava que fora reduzido o número de baixas até o fim de setembro, "cabendo-nos aceitar com resignação e estoicismo o sacrifício desses bravos irmãos que deram a vida pela honra da pátria, em defesa da humanidade".[484]

---

[482] BITTENCOURT, Silvia de, *apud,* MAJOY. **Seguindo a Primavera**. Rio de Janeiro: Bibliex, 1951, p.38.
[483] Ibid., p.45.
[484] A NOITE, Rio de Janeiro, 19 de outubro de 1944.

Sobre os oito mortos em território italiano durante o mês de setembro, os jornais cariocas extrapolaram as informações. Nesse contexto, os jornais enfatizaram a situação das famílias diante do ocorrido e se apropriam do discurso militar:

> Segundo os últimos despachos recebidos do campo de batalha na Itália, o Brasil perdeu, até o fim de setembro, oito homens que faziam parte da FEB. Apesar da eficácia do atual material da guerra e da brutalidade dos modernos processos de combate, a nossa perda foi baixa. Isso prova o elevado grau de adestramento da nossa tropa e a segurança que está sendo conduzida pelos seus chefes e oficiais.[485]

Tais afirmações por parte do Exército e outras que ocorreram após o dia 30 de outubro de 1944, perderam muito o sentido diante da realidade sentida pelos combatentes da FEB. Os problemas enfrentados pelos soldados em missões, que vão se tornando dia-a-dia mais difíceis, colocaram em xeque a posição dos comandantes de muitos batalhões. A não observância de normas de segurança redundou em desastres para a FEB, principalmente nas missões de *Castelnuovo di Garfagnana e de Monte Castello,* essa última considerada a mais heróica batalha travada na Itália pelos brasileiros.

As notícias sobre os desencontros das chefias e comandos da FEB já haviam chegado ao Brasil e preocupavam o governo. Lima Brayner, Chefe do Estado Maior da FEB, em seu livro, descreve a passagem de Eurico Gaspar Dutra pela Itália:

> A jornada transcorreu em ambiente cordial, embora não se sentisse uma grande afabilidade, da parte do general Ministro da Guerra para com seus compatriotas lançados naquela aventura perigosa. Aliás, não era de estranhar. O general estava no seu feitio normal Além de tudo, ele e o general (Mascarenhas de Moraes) não eram amigos.[486]

Para contrabalançar esse mal estar, a imprensa brasileira publicava as fotos enviadas que haviam sido feitas recentemente em território italiano. Geralmente, fotografias posadas, onde os soldados aparentavam tranqüilidade, junto dos seus equipamentos e armamentos. Tais fotografias exibiam o título de capa: “A cobra está fumando”. O texto buscava levar aos leitores mensagens de otimismo. “O bom humor é o traço que mais distingue o soldado brasileiro”, segundo frisam os

[485] JORNAL O GLOBO, Rio de Janeiro, 20 de outubro de 1944.
[486] BRAYNER, *op. cit.,* p.204.

correspondentes de guerra na frente italiana. “Quando é mais intensa a peleja, a flama de nossa tropa se revela não só no ímpeto de suas arrancadas, mas ainda no tom mordaz das legendas que improvisam e nas canções de sabor irônico”.[487] Cabe salientar que na propaganda de guerra de seus exércitos, os norte-americanos usavam também de tal expediente.

No dia 31 de outubro, em virtude da pressão exercida pela imprensa brasileira, no sentido de enaltecer cada passo dado pela FEB em terras italianas, ainda não haviam chegado à redação do D.I.P. os acontecimentos desastrosos ocorridos em *Castelnuovo di Garfagnana.*

O noticiário continuava exercendo a sua função de manter o seu discurso grandiloquente da guerra ao alcance dos seus leitores. O Jornal *A Noite,* um dos principais ligados ao D.I.P., em letras garrafais, estampava as jornadas da FEB ocorridas no final do mês de outubro. Dentre as manchetes, as que chamavam mais a atenção: *Forças Brasileiras ocuparam o Monte Faeto* e *Vitória dos Brasileiros*. Essa última, anunciada pela *B.B.C.* de Londres, dava a entender que a FEB, operando em território italiano, havia liberado cerca de 100 mil habitantes. Quem conhece os pequenos povoados nesta área, imagina quantas cidades a FEB teria de liberar para poder contemplar o número exagerado de habitantes livres que a reportagem apontou.

Em carta direcionada à redação do jornal *A Noite*, o general Gaspar Dutra agradece a cooperação que o Exército estava recebendo:

> Seu jornal, prezado amigo, sempre patrocinou as boas causas, colocando-se na vanguarda de todos os movimentos que implicam a exaltação da grandeza e dos feitos do Brasil. Nessa luta tremenda que estamos sustentando, a imprensa tem sido um combatente ao nosso lado, denodado forte e infatigável. [488]

Durante todo o mês de setembro de 1944, a imprensa do Rio de Janeiro, norteada pelo D.I.P., diariamente preenchia os espaços mais significativos dos seus jornais com as informações sobre as jornadas da FEB, cujos destaques eram dados pelos jornais *A Noite* e *A Manhã*, os mais representativos, bem como pelo *Globo* e pelo *Globo Expedicionário*.

---

[487] JORNAL O GLOBO, Rio de Janeiro, 20 de outubro de 1944.
[488] A NOITE, Rio de Janeiro, 31 de outubro de 1944.

Esses jornais salientavam, em seus artigos, os feitos heróicos dos febianos na guerra que, para os brasileiros, mal havia começado. Até que ponto foi benéfico para as famílias e para os próprios combatentes a leitura desses noticiários? O engrandecimento de uma tropa iniciante e sem experiência de guerra vai acarretar mais tarde grandes dissabores aos combatentes, no momento em que os soldados passam a ser mais exigidos, nas missões que exigiam cautela.

Eis que os homens da FEB se sentem premidos pela imprensa grandiloquente, revestidos da aura da infalibilidade proferida no ideário e no discurso evocativo dos quartéis. Vai se delineando no dia-a-dia a imagem do bom soldado, aquele que não foge da luta, mas busca constantemente a paz. Na esteira de qualidades, exalta-se a figura do homem estóico, anônimo, destemido, avesso a bravatas, do soldado que cumpre o seu dever. No discurso assumido pela sociedade brasileira, verifica-se a manifestação não unicamente dos jornais, mas de outros meios de comunicação, como o rádio, o cinema a levar adiante imagens dos destemidos heróis. Na verdade, se esperava muito dos homens da FEB.

No dia 21 de setembro de 1944, *O Globo Expedicionário* estampava fotos dos combatentes: "O Júbilo do Brasil pelas vossas primeiras vitórias". Na mesma página, as notícias eram sobrepostas com títulos chamativos para o leitor: "Batismo de fogo dos soldados do Brasil" "Força Brasileira na Linha Gótica". Na verdade, eram notícias já publicadas pelo jornal *A Noite* e ratificadas pelo *O Globo Expedicionário* em sua edição extra.[489]

A imprensa brasileira busca ainda atrelar a participação brasileira na guerra ao noticiário internacional, no sentido de qualificar as ações da FEB em relação a outros exércitos. Desse modo, as notícias eram pinçadas na central jornalística aliada à *Public Relation Office* com sede em Roma, como as que foram publicadas nos meses de setembro e outubro pelo *O Globo Expedicionário*. Uma das reportagens caracteriza bem a intenção dos editores: "Elogiados por Churchill". Reforçando o título, um pequeno texto reafirmava: Toda a Câmara dos Comuns aplaude as referências do "premier" à FEB. Junto do noticiário internacional, as notícias do Brasil ganhavam também seus *status* junto aos leitores brasileiros. Na mesma edição, o jornal perguntava: Q*uem ainda não tem madrinha?* ou *O que as*

[489] O GLOBO EXPEDICIONARIO, Rio de Janeiro, 21 de setembro de 1944.

madrinhas fazem por você? Naturalmente, uma referência às senhoras da sociedade carioca filiadas à LBA, no seu digno trabalho de atender os soldados brasileiros.

Também as enfermeiras brasileiras eram lembradas pelo noticiário. No discurso patriótico assumido pela imprensa, que durou todo o período em que o Brasil participou da guerra, ressaltavam-se as enfermeiras brasileiras, destacando seu papel na luta pelas liberdades: eram elas verdadeiras reservas de brasilidade, assim como as mulheres brasileiras, as mães e filhas, verdadeiros baluartes da família e da pátria brasileira.

> Nos primeiros momentos de fervor patriótico, quando o povo saiu às ruas em busca de desagravo, [...] lá estava a mulher brasileira, gritando bem alto, pedindo que lhe vingassem o marido, o filho e o irmão assassinados de tocaia. E não ficou nisso. Aceito o estado de beligerância, a mulher brasileira procurou todos os lugares onde se organizava a luta contra o nazi-fascismo. [...] Temos que dedicar palavras especiais à coragem dessas moças que abandonaram seus lares, o carinho da paz, para servir a pátria na guerra.[490]

A 19 de outubro de 1944, o título do jornal afirmava: "O justo orgulho do povo pelo aumento do nosso efetivo nos campos de batalha da Europa", era uma referência ao grande contingente formado pelo 2º e 3º Escalões, recém-chegados. Tal afirmação deixa dúvidas: ela realmente emanava do povo? Hoje é possível perguntar: até onde foi esse justo orgulho do povo? Quanto tempo essa população realmente lembrou dos soldados brasileiros, para justificar o orgulho que diziam ser justo? Ou será que foi necessário, por parte dos soldados, dos sobreviventes da guerra, durante todos esses anos, buscar lembrar o quão justo deveria ser esse orgulho?

Aos combatentes, pode-se perguntar: Houve reconhecimento por parte dos brasileiros aos soldados pelo seu valor na participação da guerra? Ao ser questionado a respeito, assim respondeu o soldado Aristides Saldanha Vergès, do 6º R.I. da FEB:

> Nos primeiros tempos, até que houve, mas este reconhecimento foi passageiro. Até hoje tem gente que tem dúvidas dos brasileiros terem

[490] O GLOBO EXPEDICIONÁRIO, n. 3 e 4. Rio de Janeiro, 28 de setembro e 5 de outubro de 1944.

> participado da guerra na Itália. Também já me falaram que os brasileiros foram para a Itália, mas não houve guerra.[491]

Também se questionou o coronel Jairo Junqueira da Silva - na época da guerra, comandante da 2ª seção de morteiros - com a mesma pergunta, e a resposta sucinta pode dar uma idéia do que ocorreu no pós-guerra: "Passada a euforia da chegada, não houve o reconhecimento esperado. O Exército não soube aproveitar a experiência adquirida pelos oficiais".[492]

Outro entrevistado, o cabo armeiro, Antonio Gonzalez, que não esteve na linha de frente, disse ao responder às perguntas nos Cadernos de Lembranças:

> O reconhecimento do febiano foi péssimo, principalmente aos nossos inutilizados de guerra. Muitos, sem emprego e sem poder trabalhar, recebiam uma miséria, a ponto de precisarem pedir esmola, até que estabeleceram a pensão de segundo tenente, isso só em 1962.[493]

4.4.1 O revés de Somacolonia ou o desastre anunciado que a imprensa não noticiou

"Brasiliani buoni e bravi".[*]

Muitas vezes, ao avaliar a documentação que diz respeito ao prosseguimento da campanha da FEB em terras italianas, na região de *Castelnuovo di Garfagnana*, no mês de outubro de 1944, percebe-se um grande hiato na seqüência cronológica das missões que estavam destinadas à Força Expedicionária Brasileira. Se a imprensa nacional vinha a miúde noticiando os feitos heróicos da FEB, é válido perguntar: O que realmente teria acontecido? A omissão dos fatos ocorridos na região do Vale do Rio Serchio leva a mil conjunturas. Por que fatos relevantes da campanha da FEB não aparecem na história oficial do Exército Brasileiro, ou mesmo nos livros de memórias? Quem realmente tentou explicar tais acontecimentos e

---

[491] RIGONI, Carmen Lúcia. **Cadernos de Lembranças**: Depoimentos escritos dos veteranos da FEB Curitiba, maio de 2007. Tal documento foi instituído pelo projeto-piloto em 2007, e composto de 9 perguntas abertas, que se subdividiam em outras, buscando dados pessoais sobre os combatentes depoentes, bem como a sua participação efetiva na FEB, ao tempo que se verificavam as impressões sobre a guerra e o retorno ao Brasil. Todos os documentos reunidos formaram uma coletânea de 20 cadernos, manuscritos de próprio punho pelos expedicionários.

[492] Id.

[493] Id.

[*] N.A.: Expressão italiana popular para indicar que os brasileiros eram bons e bravos, corajosos e valentes.

quais as implicações para a FEB como um todo? É significativo esse silêncio, a partir do momento em que a própria imprensa interrompe o noticiário nos jornais brasileiros no fim de outubro de 1944, para destacar apenas episódios isolados ou fatos menos expressivos da frente italiana.

Nesse caso, a referência acima diz respeito ao episódio conhecido como o revés de *Somacolonia*, quando a FEB sofreu grande desgaste e insucesso na continuidade de suas missões próximas à cidade de Bolonha. Com base em pesquisa da autora em entrevistas e questionários realizados, procurou-se mapear essas lembranças, no sentido de compreender o contexto: se a missão, considerada infrutífera, configurava uma situação de revés, principalmente na visão dos participantes das ações desenvolvidas em Somocolonia no fim de outubro de 1944.

Priorizaram-se algumas passagens consideradas oportunas na expectativa de encontrar as lembranças retidas por brasileiros e italianos sobre o episódio. Mas antes, é necessário localizar o vale do Serchio, que serviu de palco para os acontecimentos. O vale onde está localizado o rio Serchio fica ao norte de Pisa. Os alemães estavam ali e defendiam a localidade com muita obstinação. Tinham esperanças de que a guerra continuasse por mais tempo, e de que novas super-armas pudessem fazer o processo ser revertido a seu favor, ganhando espaço e retomando localidades que haviam perdido.

Nesse local, ficava *Castelnuovo di Garfagnana*, considerado ponto-chave, um entroncamento de estradas importantes na região. Vários pontos estavam assinalados nas cartas topográficas e constituíam objetivos da FEB. Esses pontos seriam *Calomini, C. Casela*, *Monte San Quirico*, *Colle*, *Cota 906* e *Lama di Soto*. Eram pequenos povoados, com poucas casas e quase nenhum habitante, porque, diante da pesada artilharia alemã, a população saíra em busca de refúgio em outros lugares, principalmente em Bolonha, desse modo engrossando o número de retirantes que atravessavam as linhas aliadas e as estradas, causando dificuldades para americanos e brasileiros na administração do caos que a situação apresentava.

O comando brasileiro sabia da presença da experiente 232ª Divisão de Infantaria alemã na região. Havia também notícias de que a divisão italiana *Monterosa* estaria apoiando a defesa dessas localidades. A frente do ataque era constituída de 4,5 quilômetros de largura, e a tarefa de enfrentamento estava entregue a um batalhão de 871 homens. Os fatos demonstraram a fragilidade dessa

logística, que resultou no primeiro revés brasileiro na guerra*.

Para se compreender o revés de *Somacolonia**, a importância do episódio nas memórias brasileiras e italianas e as repercussões do ocorrido, é necessário verificar o que disseram os testemunhos. Do comando brasileiro, as apreciações do general Mascarenhas de Moraes, comandante da FEB, e do chefe do Estado-Maior coronel Lima Brayner, são relevantes. Procurou-se, nas palavras do capitão José Gonçalves e do capitão Ernani Ayrosa, compreender a posição de quem esteve combatendo na linha de frente na região enfocada. Expôs também o que viu o combatente italiano Cesare Fiaschi, da divisão *Monterosa,* participante do combate ao lado dos alemães.

Os acontecimentos anteriores mostram a FEB exercendo o seu papel com primazia. Após a conquista de *Camaiore,* registrada nos anais do Exército como a mais brilhante manobra realizada na 2ª Guerra Mundial, outros povoados foram sendo liberadas pelo 6º Regimento de Infantaria. Tudo parecia dar certo para os brasileiros. Em *Monte Prano e Pescaglia*, a população os recebeu como verdadeiros libertadores. É possível verificar a alegria estampada nos rostos daqueles que foram fotografados, ao acompanhar a tropa pelas ruas da cidade.

O Regimento avançava sobre o rio *Serchio,* abrindo dessa maneira uma brecha na Linha Gótica, tão tenazmente defendida pelos alemães. O terreno montanhoso e as defesas organizadas pelos alemães constituíram-se em problemas para o 5º Exército Americano e para a FEB. Segundo os observadores, a Linha Gótica, diante das dificuldades apresentadas, tinha o mesmo peso de Cassino.[494]

No Brasil, o *Diário de Notícias* falava dos *Novos Êxitos das Forças Brasileiras na Itália*. O noticiário empolgava os leitores com as informações que vinham da Itália. Enalteciam-se os feitos brasileiros, que combatiam em uma região inóspita e de difícil acesso. Na visão do correspondente da U.P., numa formidável investida, chegaram até a crista de uma montanha a 2.800 pés de altura ao longo do *Sercchio*. O destaque da reportagem era para cidade de *Calomina.* "A montanha ficou completamente nas mãos dos brasileiros. [...] Agora com o domínio de um amplo

---

* Segundo os especialistas, para uma frente de batalha naquelas características, o comando deveria ter usado pelo menos quatro batalhões.

* Somacolonia é um pequeno lugarejo onde se reuniram a 1ª e a 2ª Cias. do 1º batalhão antes do ataque decisivo a *Catelnuovo di Garfagnana*.

[494] A batalha de Cassino foi a mais exaustiva e cruciante das batalhas ocorridas em território italiano. As fortificações alemãs, construídas nas montanhas, tornavam aquele lugar inexpugnável. O 5.º Exército Americano ali passou o inverno de 1943, deixando naquele solo milhares de vidas. Para saber mais sobre o assunto, consulte: CLARK, *op. cit.,*p. 323.

setor na frente da costa do mar da Ligúria e com a posse da montanha, possuem magníficas bases para futuras operações".[495]

No mês de outubro de 1944, a situação vai mudando paulatinamente. Os aliados enfrentavam sérias dificuldades com as tropas que se encontravam naquelas localidades, porque os meios estavam restritos. Libertar Bolonha antes do Natal era a expectativa geral. A cidade estava próxima, mas o outono chuvoso e o frio anunciavam um inverno rigoroso, atrapalhando assim o planejamento aliado.

A oposição alemã tornava-se cada vez mais ferrenha. Cada quilômetro era vencido pelo 6º R.I. sob violento bombardeio das patrulhas. No dia 11 de outubro de 1944, o regimento toma a cidade de *Fornaci di Barga*, tendo ao lado um grupamento de partigianos da brigada "Pippo", comandada por Manrico Ducceshi. Nesse local, encontrava-se uma importante fábrica de material militar. O soldado paranaense remanescente do 6º R.I., Aristides Vergés, lembra-se de como foi a participação da sua companhia na tomada da cidade:

> [...] Os alemães tinham uma boa visão de onde nos encontrávamos e ficavam nos bombardeando. Havia momentos que era um tiro atrás do outro, estávamos mais ou menos em 100 homens, naquele local, dentro de um prédio. Comigo, cerca de 30 homens, era um pelotão, devia ser uma hora da tarde e durou quase até a noite. O barulho das bombas caindo, tudo ali perto, sendo a primeira vez que isto acontecia com o nosso grupo. Ficamos muito apavorados, deitados no chão e orando, cada um do seu jeito, para que nada nos acontecesse. O perigo maior é quando ela passa chiando (a bomba), a gente escuta quando o tiro é dado, às vezes passa meio longe, estavam comigo soldados e um sargento. Nós tínhamos a instrução para permanecer deitados [...][496]

O mês de outubro já se aproximava do fim, e não se modificava o ritmo dos soldados do 6º R.I. A fadiga era evidente, porque esses homens combatiam sem descanso praticamente desde primeiro de agosto de 1944. Os relatórios oficiais produzidos pelo comandante da FEB, marechal Mascarenhas de Moraes e pelo chefe do Estado-Maior da FEB, Lima Brayner, dentro de uma ótica particular, buscaram mostrar os acontecimentos ocorridos entre os dias 30 e 31 de outubro.

Para o comandante da FEB, marechal Mascarenhas de Moraes, havia um excesso de confiança dos combatentes em relação aos seus objetivos na região do vale do Sercchio. Na observação de Brayner, no dia 30 de outubro, seria a jornada

---

[495] DIÁRIO DE NOTÍCIAS, Rio de Janeiro, 1 de novembro de 1944.
[496] VERGÉS, *op. cit.*.

final no vale do Serchio, quando a tropa teria sua última missão naquela região, e deveria atingir os povoados de *San Quirico e Lama de Sotto*. Tudo convergia a favor dos brasileiros. Para os que observavam do alto das montanhas, a operação surpresa dos brasileiros contra os alemães encastelados nestes pequenos povoados foi considerada um sucesso.

Ninguém se dava conta de que os soldados brasileiros e seus comandantes estavam à beira da exaustão, ninguém ponderou sobre o assunto. O ambiente era de otimismo, mas os combatentes estavam no limite e o cansaço era extremo.

O depoimento do capitão da reserva, José Gonçalves, comandante do pelotão de fuzileiros, integrante da 3ª companhia do 6º R.I., sobre os fatos ocorridos na noite de 31 de outubro de 1944 - quando as posições brasileiras pareciam estar asseguradas -, lança luzes sobre um episódio, em que foi impingida aos soldados toda a responsabilidade de perderem posições estratégicas na localidade. Em seu relato sobre esse dia fatídico, ele questiona: "A quem caberia a culpa pelo primeiro revés sofrido por nossas tropas? Poder-se-ão considerar reveses os acontecimentos desenrolados na região de *Garfagnana*?"[497]

Como combatente participante dos fatos ocorridos naquela localidade, Gonçalves não aceita a avaliação e culpas que foram imputadas à sua companhia e ao 1º batalhão do 6º R.I.. Ele diz que elas foram deprimentes e ofensivas, não poupando mesmo aqueles que tudo fizeram e foram sacrificados.

Segundo Gonçalves, a frente de combate era muito extensa e o terreno criava todo o tipo de dificuldades, em razão de a topografia ser acidentada e de difícil acesso. O transporte de víveres e munição para a tropa, debaixo de chuva, comprometia as reservas, entre outras questões afetas ao comando.[498] "[...] Constata-se de pronto que é enorme a frente do batalhão, o que acarretará grandes e perigosos intervalos entre as companhias, com prejuízo direto de segurança".[499]

> A partida para o ataque, se bem que estivesse marcada para as sete horas, só às 8 foi possível, e, assim mesmo, sem que se completassem certas medidas de segurança. Foi quando apareceu lá um oficial do Estado Maior do Destacamento FEB, o qual, não querendo tomar conhecimento das razões que haviam determinado aquele atraso, em termos coléricos, foi logo

[497] GONÇALVES, José. Nosso Revés em Somacolonia. *In:* **Depoimento de Oficiais da Reserva Sobre a FEB.** Rio de Janeiro: Cobraci, 1949, p. 185.
[498] N.A.: Dos analistas que mais tarde avaliaram a situação, as ordens e contra-ordens provocaram confusão no entendimento das companhias de ataque a *Castelnuovo di Garfagnana*.
[499] GONÇALVES, *op. cit.,*p. 190.

> se dirigindo aos capitães e tenentes dizendo-lhes: Vocês estão com medo de meia dúzia de vagabundos. A pau eles sairão de lá![500]

Os alemães e italianos permanecem estáticos com o avanço da FEB. Às 11h45min, a FEB atacou e conquistou dois povoados - *Lama di Soto* e depois *Lama di Sopra* -, prosseguindo para seus dois objetivos principais: os povoados de *Garfagnana e San Quirico*, defendidos pela brigada italiana *Aosta.* Na noite de 29 para 30 de outubro, a FEB estava em posse dessas regiões.

Da memória imbricada dos acontecimentos, quando muitos opinaram sobre o assunto, até com muita leviandade, porque, jamais passaram naquelas localidades, um dos homens da FEB*,* o capitão Ernani Ayrosa, que havia conquistado *Camaiore,* também destacou a sua visão e participação nos acontecimentos ocorridos em outubro de 1944. Digno, portanto, de argumentar sobre o assunto, porque, foi comandante uma das companhias que sofreu o ataque direto dos alemães.

Nos registros do capitão Ayrosa, a jornada assim se passou: Na noite de 29 para o alvorecer do dia 30 de outubro, a base de partida para a tropa era o povoado de *Somacolonia,* com o objetivo de conquistar as pequenas comunas de *Lama di Sotto*, *Padrocelli* e *San Quirico.* Eram elevações de maior altitude da região, muitas delas ultrapassando os 1.200 metros.

Distribuídas as missões para cada companhia, um problema se apresentava, segundo Ayrosa:

> A tropa que ia realizar o ataque desconhecia totalmente o terreno e, sobre o inimigo, as informações eram por demais genéricas. Quando foi recebida a missão, ficou estabelecido que o ataque deveria partir o mais cedo possível, isto é, às sete horas do dia 30, e que cinco grupos de Artilharia realizariam tiros de preparação.[501]

As posições para o ataque foram atingidas à meia-noite do dia 29 de outubro de 1944. Na tentativa de manter a surpresa, foram suspensos os tiros de preparação, o que não agradou os comandantes das companhias. Por volta das três horas da madrugada, a situação havia evoluído e o ataque ficou marcado para as cinco horas com a Artilharia ajudando, o que se fez minutos antes. Ordens diferenciadas confundiam os participantes, gerando confusão.

---

[500] GONÇALVES, *op. cit.,*p. 190.
[501] SILVA, Ayrosa, *op. cit.,* pp. 51-56.

Ainda de acordo com Ayrosa, uma densa neblina impedia o deslocamento de qualquer tropa, principalmente desta que não conhecia a região. Nos momentos que seguem, uma série de percalços resultaria em verdadeiro desastre para esses homens. Baixada a névoa, seguiu a 2ª Companhia para o seu objetivo, exatamente às sete e meia. A 1ª Companhia iniciou seu deslocamento por volta das treze horas. Ambas conseguiram, com êxito, aprisionar 78 soldados entre alemães e italianos da Divisão italiana *Monterosa.*

A 3ª Companhia, a do capitão José Gonçalves, deu início à sua partida somente às quinze horas, mas atingiu seu objetivo por volta das dezoito horas e trinta minutos. Quando tudo parecia terminado e as companhias vibravam com o sucesso obtido, o inesperado aconteceu:

> [...] os alemães, utilizando tropa fresca, trazida da retaguarda, atacaram a 3ª Companhia, a última a chegar a sua posição. Com um conhecimento perfeito do terreno, porque os alemães já estavam aí há muito tempo, lançaram-se sobre as frações da 3ª Companhia, que pouca resistência pôde oferecer.[502]

No clarear do dia, a tragédia estava consumada com a 3ª Companhia. O número de baixas era enorme, uma seção inteira de metralhadoras havia sido capturada e prisioneira dos alemães No contra-ataque alemão, a 1ª Companhia foi atacada violentamente e recuou pela falta de munição. Todos se retraíram para as suas bases. Mas restava ainda a 2ª Companhia que estava encarapitada nas alturas de *Lama de Soto e Padrocelli*. Neste mesmo dia, por volta das vinte horas, os alemães deram início ao ataque aos remanescentes dessa companhia. A 3ª Companhia encontrava-se em situação difícil, porque estava muito distante do Posto de Comando do Batalhão e havia dificuldades de comunicação com o rádio.[503]

Por volta de uma hora da madrugada do dia 31, Zenóbio da Costa deu a ordem para a retirada de *Somacolonia*. A dificuldade estava na infiltração dos alemães na retaguarda brasileira. Não havia como voltar pelos mesmos caminhos, era necessário um novo enfrentamento, para que se pudessem descobrir novas passagens que os levassem para lugar mais seguro. Nesse ínterim, Ayrosa foi ferido

[502] SILVA, Ayrosa, *op. cit.,* p.53.
[503] Ibid., p.54.

por um estilhaço de artilharia.[504]

No Brasil, o noticiário, atrasado propositadamente, buscava destacar as primeiras vitórias dos brasileiros próximos a *Castelnuovo di Garfagnana*, exibindo o seguinte título: *Os Brasileiros levaram de roldão tropas nazi-fascistas.* O destaque era para a cidade de *São Quirico*, onde tinham sido feitos prisioneiros inúmeros soldados italianos fiéis a Mussolini.[505] Nenhuma palavra foi escrita sobre as ocorrências em *Somocolonia*. O assunto foi completamente censurado pelos militares e pelo D.I.P. Por muito tempo, nada se falou sobre a questão. A imprensa, acostumada ao discurso grandiloquente, calou-se em profundo hiato e, somente no pós-guerra, os remanescentes do 6º R.I. resolveram sair em defesa dos companheiros do seu batalhão, destacando os fatos que tragicamente ficaram marcados pelas lembranças.

De novembro a dezembro de 1944, basicamente, o noticiário jornalístico no Brasil repete as notícias sobre as conquistas das primeiras cidades do Vale do Rio *Sercchio*, que estava sob responsabilidade do 6º Regimento de Infantaria.

No disfarce adotado pela imprensa em seu noticiário, é dada evidência apenas às informações sobre os acontecimentos que ocorriam no país, geralmente amenidades. Enquanto isso, a LBA e *O Globo Expedicionário* dedicaram suas colunas às famílias dos expedicionários, anunciando nascimentos, aniversários, a ação das madrinhas de guerra e as entrevistas com as mães dos combatentes. Também eram anunciadas as reuniões promovidas pelas instituições patrióticas, às quais se somavam a Cruz Vermelha, a Associação Brasileira de Imprensa e a Liga de Defesa Nacional, que se mobilizavam para o Natal. Não havia idéia sobre se a guerra realmente caminhava para o seu final. Era necessário pensar sobre os combatentes na Itália. Mas lá estava o Monte Castello no caminho dos aliados a dominar a estrada Porretana 64. Havia a esperança da sua conquista, objetivando a grande máxima dos Exércitos Aliados: “Bolonha antes do Natal”. Muitas surpresas e sofrimentos seriam ainda reservados aos brasileiros e americanos nos dias que caminhavam lentamente pelo mês de novembro de 1944.

---

[504] N.A.: No dia 11 de fevereiro, o jornal *O Cruzeiro do Sul* publicava a citação para a outorga da Medalha Estrela de Bronze ao capitão Ayrosa. “Durante o ataque sobre Lama e Lama de Sotto, o capitão Ayrosa, mais uma vez mostrou seu valor, ocultando seus ferimentos, a fim de comandar sua companhia mantendo suas posições até que a retirada fosse ordenada”. O CRUZEIRO DO SUL, Itália, 11 de fevereiro de 1945.

[505] O GLOBO EXPEDICIONARIO, Rio de Janeiro, 10 de novembro de 1944.

Sobre o noticiário italiano da época em que esses fatos aconteceram, há que se recorrer à imprensa fascista da época. Ela tinha o objetivo de desestabilizar as forças aliadas e muitos jornais da época (1944-1945) encontravam-se em mãos dos fascistas, que, a serviço da imprensa alemã, divulgavam notícias infundadas. Um deles, *Il Resto Del Carlino* (editado em Bolonha), nos dá uma idéia de como as notícias de guerra eram publicadas.

Sobre os brasileiros, são poucas informações e sempre difamatórias. No jornal do dia 16 de outubro de 1944, os brasileiros são chamados de "mercenários", assim como os ingleses.

> *I mercenari brasiliani deludono i loro padroni. Uni corrispondente neutrale informa che um aiutante di campo del generale Clark há dichiarato che al Quartili generale anglo-americano in Itália si criticano aspramente le forze armate brasiliane, l'addestramento delle quali si è dimonstrato non troppo completo, anche per quanto riguarda la disiciplina.Nel combattimento presso Castelnuovo di Garfagnana di cui há dato notizia il bolletino germânico di ieri, tra i numerosi prigioneri brasiliani fatti dagli alpini, ne sono stati trovati alcuni Che portavano persino um ombrello a tracolla e altri talmente infagotati e coperti di undumenti che fu assai facile catturali. Tutti si lamentavano e hanno chiesto di venire internati in campo di concentramento situati in zone temperade.*[506]

A vitória do fascismo na Itália, em 1922, havia gerado uma base ideológica e política que perdurou até a queda de Mussolini, em 25 de julho de 1943. Mas, em pleno 1944, a imprensa ainda estava nas mãos dos fascistas e havia um público interessado em suas publicações.

A elite fascista, que sempre desfrutou de bem-estar, prosperidade, prestígio e benefícios do Estado, procurava manter-se no poder ainda sobre as demais facções, seus adversários eram principalmente os comunistas.

O regime fascista, ao estender o seu campo ideológico por todo o país, criou um aparato de mobilização, uma rede de organismos específicos, que tinham o papel de gerenciar a estrutura da propaganda. Assim, a imprensa era um dos meios

[506] IL RESTO DEL CARLINO. Bolonha, 3 de nov., 1944 – "Os mercenários brasileiros iludem seus próprios chefes. (Diz respeito aos combates do mês de outubro de 1944 no rio Serchio). Um correspondente neutro informa que um ajudante de campo do gen. Clark declarou que no quartel-general anglo-americano se criticam asperamente as Forças Armadas brasileiras. O adestramento não foi muito completo e se observa a disciplina. Nos combates que ocorreram em *Castelnuovo di Garfagnana*, do qual me deu notícias o boletim germânico de ontem, entre os numerosos brasileiros feitos prisioneiros pelos alpinos, alguns foram encontrados usando um guarda-chuva a tiracolo, e outros vestidos com roupas tão pesadas e cobertores que foi fácil capturá-los. Todos se lamentavam do clima e pediram para ser colocados num campo de concentração em zona temperada".

pelos quais as situações factuais eram delineadas, com o objetivo de atingir a grande massa.

Os fascistas, com a chegada dos aliados, tentaram reviver os antigos rituais políticos coletivos, incitando, por meio dos jornais, a população contra os que estavam lutando contra a Alemanha. As informações são invertidas como forma de desestabilizar o comando aliado na Itália. Desse modo, brasileiros, americanos e ingleses passaram a ser desacreditados diante da opinião pública.

Na análise dos historiadores italianos, é reconhecida a presença da FEB nos primeiros embates no vale do rio Serchio. São estudos desconhecidos no Brasil, efetuados por M. Gabriele[507], M. Bernadoti e Casali[508], referentes ao primeiro período da conquista das primeiras cidades pelo 6º R.I. que, de início, não era combativo, mas transformou-se no desenrolar da Campanha. As atividades desse regimento foram acompanhadas de perto pelos componentes do B.L.D. (*Brazilian Liaison Detachment* - Seção Brasileira de Coligação), formado por uma dezena de oficiais americanos, entre os quais o coronel Nathan S. Mathewson.

Reportando ao mesmo episódio, vivenciado pelos brasileiros do 6º R.I., vai-se encontrar o ex-combatente Cesare Fiaschi,[509] da Divisão Italiana *Monterosa* (fascista), que, em recente obra publicada, fruto das anotações da guerra, tentou recuperar a imagem da divisão italiana e de suas brigadas, narrando episódios de um momento difícil, quando praticamente já havia grandes dilacerações nessa unidade.

Ao tratar de episódios ocorridos no vale do rio Serchio, FIASCHI basicamente mostra os oponentes da tropa brasileira, principalmente aqueles pertencentes à sua Divisão *Monterosa,* ou seja, os grupamentos formados pelas brigadas Bergamo, Aosta e Bréscia.

Além dessas divisões, havia o II / 6º batalhão de Infantaria da Marinha *San Marco* - composto por diversas companhias e a 1.044 R.I., da 232.ª D.I. alemã. Diante desse quadro, é possível avaliar quanto foi complicado aos brasileiros o enfrentamento dos oponentes na localidade de *Somocolonia.* Por outro lado, Fiaschi

---

[507] GABRIELE, Mariano. La Forza di Spedizione Brasiliana (FEB) Sulla Linea Gótica. *In:* **Linea Gotica 1944 esercite populazione partigiani**. Milano-Italia: Angeli, 1986.
[508] CASALI, Luciano; BERNADOTTI, Maria. *In:* ARBIZZAN, Luigi (a cura di) **Al di qua e al di là della Linea Gótica:** 1944-1945. Aspetti socialli, politici e militari in Toscana e in Emiglia-Romagna, Bolonha: Itália, 1993.
[509] FIASCHI, Cesare. **La Guerra Sulla Linea Gotica occidentalle Div. Monterosa 1944-45.** Itália: Lo Scarabeo, 1999.

segue demonstrando os percalços da unidade de *Monterosa* até a frente de batalha. Nas palavras desse autor, os episódios foram muito traumáticos, porque os soldados, seus companheiros, para chegarem o local onde estavam os oponentes brasileiros, cumpriram o caminho parte a pé, parte em carro de combate, perfazendo 150 quilômetros - sob chuva e com lama, sem tempo hábil para organizar-se com as unidades alemãs, que já se encontravam no local.

Em alguns momentos, Fiaschi tenta diminuir o espírito combativo dos brasileiros. Mas, por outro lado, não consegue esconder que a barreira brasileira foi eficaz, causando grandes baixas do lado italiano.

Na madrugada do dia 31 de outubro, inicia-se um contra-ataque ítalo-alemão. Diante das intempéries climáticas daquela jornada, da falta de munição e da desorganização do comando, a FEB retira-se, com uma baixa de 59 homens, deixando sobre o terreno seus mortos: o tenente Pinto Duarte, o aspirante Gerônimo Mesquita, o sargento Geraldo Berti e 15 prisioneiros.

As brigadas italianas sofreram também pesadas baixas. Os mortos e prisioneiros do efetivo de 200 homens da Companhia Aosta somaram mais de 80 homens.

Das memórias esfaceladas sobre o revés de *Somacolonia,* cabe aseguinte reflexão:

> [...] sobreviveram momentos marcantes que as personagens tentam reaver nos lugares da memória, sempre aberta à dialética da lembrança, do esquecimento, do inconsciente, das deformações sucessivas, vulnerável a todos os usos e manipulações, suscetível a longas latências e de repentinas revitalizações.[510]

Dos relatórios oficiais da FEB, as anotações do capitão Manuel Castello Branco, bem como de outros autores, apontam as causas dos incidentes: o terreno difícil e “enrugado”, as chuvas pesadas que caíram no final da tarde durante o ataque e o anoitecer que veio muito rápido, uma ocorrência normal no outono italiano.

Como outros analistas, que buscam pelo lado técnico as explicações do acontecido, esquecendo-se de avaliar as questões reais vivenciadas pelos soldados

[510] NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. *In:* Les lieux de mémoire. La Republique, Paris, Gallimard. Tradução de Yara Aun Khoury, 1984. **Projeto História**, São Paulo, (10) dez. 1993, p. 9.

do 6ºR.I., Castello Branco encerra melancolicamente esse período da FEB, no vale do Rio Serchio, lançando acusações já conhecidas em relação aos comandos e combatentes: falta de humildade no enfrentamento do inimigo, ausência de unidade de pensamento, excessiva confiança e falta de segurança da manobra.[511]

O que o autor não considerou foi a forte presença de alemães e italianos naquela região, que lutaram ofensivamente para não perder posições estratégicas, dispondo de melhores condições no enfrentamento, porque ali já estavam há muito mais tempo.os brasileiros foram, depois, substituídos pela tropa americana, que também não conseguiu desalojar daquelas localidades os alemães, que permaneceram lá até o final da guerra.

Desse modo, o 6º R.I. de infantaria, que saiu do Brasil no primeiro escalão, composto por soldados originários principalmente de São Paulo e que se adestraram na arte da guerra durante os próprios combates do mês de setembro a outubro de 1944, foram marginalizados na história da FEB, pela ausência de registros mais aprofundados.

Não é possível esquecer que este mesmo 6º R.I. daria credibilidade à Força Expedicionária para outros embates junto dos aliados, e que, a partir da ação destes homens, a Divisão Brasileira não seria mais vista como uma tropa de reserva, mas a ela se confiaram missões de resolução dentro da estratégia de desalojar os alemães da Linha Gótica.

4.5 O BRASIL ESTÁ PRESENTE NO *FRONT*: POPULAÇÃO E CIDADES, AS PRIMEIRAS IMPRESSÕES

Este será o espaço dado pela narrativa aos protagonistas que vivenciaram muitas histórias. São relatos brasileiros e italianos que lembram do passado, lembranças gravadas pelos acontecimentos ocorridos em tempo difíceis, em um país que se encontrava em guerra.

Com a liberação das primeiras cidades italianas, as juntas das comunas, que assumiram a responsabilidade da reorganização da vida pública, enfrentaram momentos caóticos. Muitos povoados estavam completamente destruídos, primeiro

[511] BRANCO, *op. cit.*.

pelos alemães em retirada, depois pelos bombardeios aliados. A reconstrução era uma emergência e deveria ser feita com o novo exército de ocupação.

A população, sem governo e com costumes diferentes, passa a conviver com exércitos oriundos de países longínquos, numa situação inusitada para aquela gente que precisava de tudo. Os brasileiros chegaram logo após os americanos e, nessas circunstâncias, alguns setores próximos ao front foram colocados sob a administração da FEB, que passa a ter um contato direto com a população. Essas recordações estão inscritas nas memórias e expostas pelos depoimentos colhidos, ou inseridas nas diversas pesquisas feitas no pós-guerra.

O local era a Itália setentrional. Ali, estavam presentes mais de 800 mil soldados alemães - que por ali passaram e se defrontavam com os soldados que constituíam o V Exército Americano -, e as unidades inglesas - perfazendo aproximadamente um total de 290 mil homens das mais diversas nacionalidades, dentre as quais americanos, poloneses, australianos, sul-africanos, neo-zelandeses, com suas divisões. É possível imaginar o impacto que tal situação representou para a população italiana, porque culturas diferenciadas chegavam a todo o momento, um verdadeiro contraste para as culturas regionais italianas.

O relacionamento entre os soldados e a população italiana constitui uma história singular, a partir do momento em que é possível direcionar um olhar ao cotidiano, ou seja, o que faziam os soldados quando não estavam em frente de combate, como era a convivência com os habitantes dos povoados próximos aos acampamentos ou dos pequenos burgos libertados. Apesar da pouca dificuldade dos narradores para rememorar aquilo que se buscava, a história sempre pode surpreender aquele que está disposto a ouvir.

O que dizem essas lembranças no tocante aos soldados brasileiros e à população quando se avistaram pela primeira vez em *Nápoles* - seguida de outras cidades como: *Livorno, Pisa, Porreta Terme, Montecatini, Florença, Gaggio Montano, Montese, Massarosa, Monte Prano, Camaiore, Colecchio e Fornovo,* todas localizadas no rastro da Linha Gótica -, é algo que a pesquisa pretende abordar.

No fluir natural da narrativa, a perspectiva é de que os testemunhos e outros documentos possam mostrar como os brasileiros eram vistos, que lembranças deixaram e de que maneira elas são significativas. São memórias revisitadas, portanto, instigantes nas reconstruções do passado.

Nessa reconstituição do tempo longínquo, a tendência é mostrar as lembranças, não como um tabuleiro, onde tudo se encaixa perfeitamente. Na verdade, o que se espera é um mosaico tal colcha de retalhos, em que os pedaços diferentes se agrupem formando um todo.[512]

Simultaneamente, essas vozes ora serão de brasileiros, ora de italianos, sejam elas dos comandantes, soldados, partigianos ou fascistas a dizer de suas lembranças na Itália, do cotidiano da guerra, do encontro e da convivência entre as pessoas, nos raros momentos em que a vida parecia voltar à normalidade. Na intenção do relato, seguir-se-á o roteiro dos batalhões, não como uma narrativa de guerra, mas pela singularidade dos acontecimentos. Será como entrar no túnel do tempo, instigar as lembranças e, a partir delas, tentar compor o fio condutor da história, um espaço para as lembranças marcadas profundamente pela guerra.

Dos cronistas da época que se encontravam na Itália, Rubem Braga, também correspondente do *Diário Carioca,* como bom observador registrou: "O invasor nazista que se retira é acompanhado pelas pragas e maldições do povo. No dia seguinte àquele em que os brasileiros tomam conta de algum lugar, começam a aparecer, descendo as montanhas, homens e mulheres italianos".[513] Essa e outras notícias que Rubem Braga veiculou em seu jornal foram escritas quando da chegada dos correspondentes brasileiros à Itália junto do 2º Escalão, no mês de outubro de 1944. Mais tarde, as mais significativas foram reunidas em várias obras, lançadas individualmente ou associadas a outros correspondentes.

A população italiana encontrava nos brasileiros várias afinidades, inclusive a semelhança da própria língua. Tal situação facilitava a aproximação e se revestia de atos de camaradagem que aos poucos foram se alicerçando.

No diário do sargento José Edgar Eckert, há notícias da população de Nápoles:

> Do lado de fora do acampamento, que é cercado, murado e cujos acessos têm obstáculos até contra tanques de guerra, italianos e italianas procuram conversar conosco. Contam que não gostam dos alemães, nem dos americanos e ingleses. Ouvem-se tantas queixas que dá pena.[514]

---

[512] PORTELLI, Alessandro *apud* NEVES, Lucila de Almeida. Memória, história e sujeito. **Revista História Oral,** n. 3, São Paulo, 2000.
[513] BRAGA, *op. cit.,* p. 36.
[514] ECKERT, *op. cit.,*p. 58.

No relato do sargento e de outros combatentes, a prostituição que ocorria nos grandes centros italianos é lembrada como uma necessidade da população que se vendia até por um maço de cigarros, que depois seria vendido no mercado negro.

Na maior parte dos relatos dos soldados brasileiros, a questão da prostituição é sempre assunto muito velado, mas era tema corriqueiro em um ambiente extremamente masculino. Não passava despercebido, entre os que ainda primavam pela moral e pelos bons costumes, o comportamento de muitos companheiros, no vale tudo, na troca de benesses sexuais por pouquíssimas liras. Não se pode dizer que eram falsos moralistas, mas pessoas com princípios batendo-se contra os aproveitadores de ocasião que exploravam as mulheres e famílias. Para muitos, tal situação era escabrosa.

A miséria que assolava tanto as cidades maiores, quanto as menores, acabou por ficar retida no diário do tenente médico Udihara - muito chocado com esse estado de coisas: “Se comercializava de tudo, desde um artesanato mal feito e barato. Tudo banal“. As ruas de Nápoles lembravam uma cidade grande, mas suas lojas vazias não tinham o que vender. Em alguns pontos do seu escrito, o tenente desabafa:

> A nossa partida para o acampamento encheu-se de pedintes, italianos de ambos os sexos e de todas as idades. Os meus sentimentos estão mudando. De piedade em princípio, estou tendendo a olhá-los com má vontade. Já acho que são culpados de nossa vinda. Aliás, o mesmo estão pensando os soldados.[515]

Muitos desses italianos foram vítimas de crimes hediondos, perpetrados pelos homens no palco da guerra, onde se imaginava que tudo fosse permitido: fuzilamentos sumários, perseguições, matanças provocadas não apenas pelo inimigo mais próximo (os alemães), mas, muitas vezes, pelas próprias facções italianas contrárias e amplamente manifestadas na guerra civil, que seguia paralelamente à guerra, segundo apontam os analistas italianos. Talvez a parte mais dolorida para a população.

Entre os anos de 1943 e 1945, a perseguição alemã sobre a população civil e as tragédias causadas pelas matanças criaram uma aversão enorme por esses

[515] UDIHARA, *op. cit.,* 2002, p. 105.

soldados, que desprezavam completamente qualquer ato de solidariedade com os habitantes italianos.

Por outro lado, os ingleses eram considerados soldados “frios” e eram duramente criticados pelos italianos. Depois da retirada dos alemães, chegaram os norte-americanos e os brasileiros. Esses eram considerados benevolentes e alegres, traziam com eles uma nova ordem administrativa para os povoados e prestaram àquela população os primeiros socorros necessários, principalmente em relação ao abastecimento com os gêneros de primeira necessidade. Uma população famélica rondava os acampamentos aliados em busca de qualquer coisa que pudesse amenizar a miséria estabelecida.

Mas a expectativa da pesquisa em determinados momentos também aponta para outras realidades. Que outras circunstâncias, além das já expostas foram omitidas pelos testemunhos brasileiros e italianos no que concerne à convivência entre um povo oprimido e o exército de ocupação?

Muitas vezes, as tropas consideram aquele território como “terra de ninguém”. Os encontros desordenados entre grupos inimigos e bandos sediciosos criaram o espaço ideal para as mais terrificantes ações humanas, das quais os soldados aliados - entre os quais norte-americanos e brasileiros - não estavam isentos.

As tropas aliadas entraram em *Porreta Terme* na madrugada de 5 de outubro de 1944, debaixo de tiros de artilharia alemã pesada, que vinha da Serra de *Ronchidoso* e atingindo a cidade. A chegada dos anglo-americanos e brasileiros causou um problema administrativo, político e territorial para essa e outras cidades. A Administração aliada criava medidas repressivas, que, muitas vezes, entrava em choque com as formações partigianas – essa última querendo fazer justiça com as próprias mãos. Há que se acrescentar, a esse estado de coisas, o mal estar criado pelos aliados durante a ocupação das habitações de *Porreta*, quando os soldados demonstraram comportamentos indesejáveis, ferindo os costumes e as tradições do povoado.

Por sua vez, os exércitos procuraram mover-se dentro de princípios regulamentadores inscritos nos manuais militares e na justiça militar, submetendo seus homens à lei e, dessa maneira, evitando o caos. Em relação aos soldados brasileiros, cabem aqui algumas considerações sobre seu perfil, muito dele abalizado pelos seus superiores ou pelos próprios camaradas de campanha: Os

oficiais provinham, em sua maior parte, da classe média urbana; os recrutas, na maioria, oriundos das classes trabalhadoras, eram analfabetos ou pessoas com baixo nível de escolaridade, tratados pelos seus superiores como pessoas inferiores. Somando-se a esses fatos, os recrutas apresentavam baixa resistência às doenças - o que será demonstrado mais adiante; além disso, o moral da tropa dependia sempre da liderança dos oficiais. Alguns regimentos da FEB passaram, em plena campanha, pela troca constante dos comandantes, criando, desse modo, situações de instabilidade entre os soldados.

Grande parte desses homens não sabia o que era uma guerra, nem onde iam lutar. O segredo de embarque do 1º escalão envolveu a todos na mais completa especulação sobre seus destinos, gerando incertezas e dificuldades. No geral, os fatos nefastos relacionados à FEB - não mencionados na historiografia - permanecem como uma sombra.

O Relatório Secreto do General Mascarenhas de Moraes, que compõe o volume I, ao tratar da seleção da tropa quanto ao moral, diz o seguinte:

> Casos houve em que os contingentes das unidades não pertencentes à FEB e que deveriam integrar a 1ª D.I.E. foram compostos, na sua maioria, por homens de má conduta. Houve mesmo uma unidade que indicou para serem transferidos à FEB soldados cumprindo sentenças e outros ainda em curso de processo. [...] Erro grave, porque muitos desses elementos foram mesmo incluídos na FEB e seguiram para o Teatro de Operações. Foram eles, certamente, os autores de fatos escabrosos que nos envergonharam além-mar.[516]

Muitos atos foram cometidos não somente contra as pessoas, mas também em relação ao patrimônio cultural de algumas cidades que serviram de estacionamento aos soldados da FEB, como aconteceu à *Porreta Terme*. A história da cidade remonta ao século XII, quando a Itália não tinha uma unidade política e era dividida em vários reinos. Nessa fase e posteriormente, Porreta era famosa pelas suas águas termais, até hoje muito procuradas pela medicina alternativa e pelos tratamentos médicos lá praticados. Na guerra, lá estava localizado o Quartel General do marechal Mascarenhas de Moraes, comandante da FEB, junto de outras unidades americanas e inglesas que preparavam a investida contra o Monte Castello, localizado não muito longe da cidade.

---

[516] MINISTÉRIO DA GUERRA. **Relatório Secreto.** vol.I. Gen. Mascarenhas de Moraes.

Se, por um lado, a cidade registra o gesto benemérito da FEB em atender a população com pão que era distribuído diariamente, ou na disponibilidade em atender os doentes da região no hospital brasileiro lá localizado; por outro lado, há uma crítica severa sobre os soldados e os danos públicos causados às obras de arte seculares, como os objetos de marchetaria que se encontravam nas igrejas, palácios e casas residenciais.

Nos tempos atuais, a Itália tem buscado o resgate da sua história. Os pesquisadores de *Porreta* fizeram um levantamento de dados referentes às administrações públicas da sua cidade no período anterior à guerra, durante o conflito e no pós-guerra até 1947.

O levantamento levou em consideração documentos e depoimentos colhidos nos arquivos ou no pronunciamento dos entrevistados. Sobre os brasileiros, são várias as informações, mas as que pesam contra os homens da FEB dizem respeito à irresponsabilidade dos soldados.

> *Si è criata uma situazione spiacevole a causa della pratica sempre più diffusa sai tra brasiliani che tra quelli americani, di ri muovore porte, persiane, e infissi dagli edifici pubblici e dalle case, per dormirci sopra o bruciarli come legna da ardere.I soldati brasiliani, inoltre, hanno utilizzato numerosi civili per il trasporto di porte, persiane, ecc. [...] Il generale Comandante del BEF há emanato um oridine che proisbisce questa pratica, ma La Polizia Militare, sembra incapace di prevenirla. [...] Tutto quello che non avevano destrutto il bombadermenti e i tedeschi. Per scaldarsi bruciarono travi, mobili antichi, finestre, perfino e libri religiosi.*[517]

Com a chegada da FEB à Itália, a Justiça Militar Brasileira, criada por lei especial, procurou resolver de forma adequada os problemas apresentados pelos soldados. No período em que esteve em atividades, ela realizou 65 seções de orientação e julgamentos, sendo 14 em Nápoles e 51 no Distrito Federal, R.J.; foram efetuados 278 julgamentos, sendo que, desses, 137 delitos foram condenados. Entre os casos mais graves, 2 foram homicídios dolosos e 14 culposos, além de outras categorias como furtos, roubos, insubordinação, violência contra superiores,

[517] N.A.: Foi criada uma situação desagradável, pela prática difusa seja entre os brasileiros ou norte americanos, de moverem portas, persianas, dos edifícios públicos e das casas para fazer as camas, ou queimá-los como lenha. Os soldados brasileiros usavam os civis para o transporte desse material. O general comandante da FEB baixou uma ordem proibindo esta prática, mas a Polícia Militar parecia incapaz de resolver esta questão. Tudo aquilo que os bombardeios e as tropas alemãs não fizeram [...] Para esquentar-se do rigoroso frio os soldados queimaram, móveis antigos, portas e livros religiosos, *apud* FACCI, Mario; BORRI, Alessandro. **Porreta dall' Unità alla Repubblica. (1859-1948).** Bolonha-Itália: Zampighi, 1998.

inobservâncias do dever militar, abandono de posto, 34 deserções[518] e 8 casos referentes a crimes sexuais.

As estatísticas não são bastante claras, mas, no período citado, segundo Manuel Castello Branco,

> [...] ocorreram 33 crimes, sendo 2 punidos com a pena capital. O Presidente da República de então as comutou para prisão perpétua. Posteriormente, houve um indulto para todos os condenados, excluindo inicialmente os dois citados criminosos que, entretanto, tempos depois, também seriam indultados.[519]

Por outro lado, são muitos os casos não informados - quer seja pela omissão das autoridades constituídas ou mesmo pela omissão das vítimas que não registraram suas queixas, impossibilitando desse modo a pesquisa.

Os fatos acima citados, sobre os acontecimentos registrados pela Justiça Militar, estão relacionados à pesquisa feita anteriormente em território italiano, por ocasião da organização do estudo sobre os monumentos brasileiros na Itália. Quanto aos combatentes brasileiros e seus depoimentos, percebe-se que são muitos os tabus envolvendo diretamente os chefes superiores encobertos até hoje, por um período "esfumaçado", ou as situações controvertidas. Muitas delas somente agora estão vindo à baila, nos escritos mais recentes protagonizados pelos próprios combatentes.

Outras tantas formas de "silêncios" são percebidas, mas chama a atenção a questão dos doentes e feridos em território italiano. Pouco se sabe a respeito do destino daqueles que sofreram ferimentos mais graves durante a guerra e a atual historiografia pouco esclarece. Em casos esporádicos, é possível acessar as memórias particulares, seja dos médicos como Massaki Udihara, José Rocha Loures ou Lacerda Manna. Esse último, um dos poucos especialistas que avaliou a situação psiquiátrica dos soldados brasileiros em campo de batalha e que dará respaldo à discussão sobre o Serviço de Saúde da FEB no próximo capítulo.

Qual foi a apreensão dos diálogos proporcionados pelas fontes privilegiadas? Todas essas memórias compactaram a lembrança do soldado brasileiro nos campos de guerra, com aspectos considerados positivos. Mas nada foi tão preponderante

[518] N.A.: Os 34 casos precipitadamente considerados como deserção, a maioria foi em função a desobediência aos prazos de licenciamento ou de dispensas do serviço e não decorrentes de evasão na hora do combate.
[519] BRANCO, *op. cit.*.

quanto as reminiscências da população civil, daqueles que permaneceram na zona do *front*. São os testemunhos oculares que vivenciaram, em um dado momento, as históricas batalhas enfrentadas pelos brasileiros e promoveram o ato de juízo sobre as tropas brasileiras, ao afirmarem que os soldados da FEB foram bons combatentes e cumpriram sua missão.

4.6 OS ACAMPAMENTOS NA ITÁLIA, AGNARO, TARQUINIA, VADA E SAN ROSSORE: ESPAÇOS DE SOLIEDARIEDADE

No acampamento de *Agnaro*, aliás, na cratera do vulcão *Astrônia*, que abrigou os primeiros soldados que chegaram à Itália, os brasileiros permaneceram por dez dias. Havia água corrente, era quente e vinha das profundezas do vulcão, o que tornava o banho extremamente agradável. Funcionava até as 2h. Havia também o "banho de lata", feito sob revezamento: um mal necessário, para tirar o pó escuro (do vulcão) que insistia em grudar no corpo e na roupa.

Em *Agnaro,* as autoridades do V Exército Americano se depararam com os primeiros problemas relacionados ao Corpo Expedicionário, que acabara de chegar. Era deplorável o estado dentário da tropa. Na inspeção feita por oficiais americanos, constatou-se que a maioria dos homens não usava meias e havia incidência de doenças venéreas.[520]

Foi nesse acampamento que os brasileiros tiveram contato com outros exércitos, provenientes de vários países europeus, sul-africanos, neozelandeses e indianos, que chamavam a atenção pela multiplicidade dos uniformes bem como pela heterogeneidade da língua. Mas foi com os negros americanos o contato mais significativo, porque esses ocupavam um acampamento ao lado da FEB.

No registro do sargento Schnaiderman, que estava acampado no vulcão, em um rápido passeio por Nápoles, que ficava a curta distancia do acampamento, a cidade aparentou ser bastante diferente do que preconizavam as canções, os romances e os cartões postais. Era, antes de tudo, "uma cidade feia e triste transformada em algo intermediário entre um acampamento e um bordel para os soldados. Havia ali duas ou três ruas largas, com edifícios do começo do século. Circulava por elas verdadeira multidão uniformizada: indianos de turbante alto

[520] HENRIQUES, Elber de Mello. **A FEB doze anos depois**. Rio de Janeiro: Bibliex, 1959.

passavam ao lado dos senegaleses de fez vermelho e faces tatuadas. Marroquinos bronzeados, louros ingleses de *short,* com ar de escoteiros, um jeito de quem estivesse brincando de guerra".[521]

Próximo ao acampamento, era possível encontrar os moleques napolitanos, os *scugnizzi,* que serviam de cicerones aos soldados que circulavam pelas ruas da cidade. Meninos espertos que conheciam as mazelas da vida e abordavam os soldados pelas mangas das túnicas perguntando: "*Do you want a girl*?". A penúria chamava a atenção.

> Tudo ali parecia diferente, um mundo sujo e repugnante, que fedia a urina e lixo. [...] Sobre os passeios, crianças nuas arrastavam-se aos pés dos transeuntes. E, no ar, pairava um rumor confuso de choros, gritos, brigas e discussões.[522]

Rubem Braga, o correspondente do Jornal *O Diário Carioca*, registrou, em uma de suas crônicas, os preços aviltantes dos produtos de primeira necessidade em Nápoles: "um quilo do pão custa 130 liras e isso quer dizer 26 cruzeiros; o quilo da carne custa de 300 a 350 liras; o litro do azeite, 380 liras; o quilo do macarrão, 250 liras". Na sua avaliação, o povo de Nápoles morava mal, vestia-se mal, comia pouco e sua liberdade estava cheia de restrições. "[...] o mercado negro funciona por toda a parte: tem-se a impressão cômica e trágica de que cada pessoa procura comprar escondido uma coisa por 20 liras para revender por 40 para outra pessoa, que a revenderá para outra por 70 liras".[523]

Saindo de *Agnaro*, o destino do 1º Escalão foi a velha cidade de *Tarquínia.* Os deslocamentos foram feitos parte por via férrea e, o restante, em caminhões. Os soldados iam se aproximando à linha de frente. Pelo caminho, era possível constatar o grau de destruição provocado pelos bombardeios. Cidades destruídas, ferros retorcidos, madeira carbonizada, crateras no leito das estradas, dificultando a passagem das viaturas.

O acampamento ficava distante cerca de dois quilômetros da cidade. Havia dificuldade com a água onde os camburões eram cheios, para atender as necessidades destes homens. Diariamente, aumentava o número de civis italianos que ficavam ao redor do acampamento para pedir comida, ou nas estradas para

---

[521] SCHNAIDERMAN, *op. cit.,* pp. 60-61.
[522] Id.
[523] BRAGA, Rubem. **Crônicas de Guerra na Itália.** Rio de Janeiro: Bibliex, 1996.

pedir condução. Esse foi o contato mais próximo dos soldados com a população local.

No dia 16 de agosto, foram distribuídos os primeiros armamentos. Eram fuzis *Springfield,* bazucas, carabinas e metralhadoras, a maior parte usada, mas em bom estado de conservação. Os homens permaneceram poucos dias nesse local. Depois de receberem o armamento completo, o deslocamento do Regimento deu-se entre os dias 19 e 20 de agosto de 1944.

Na urgência de preparar a FEB para a zona de conflito, o general Mark Clark e o comando da FEB decidiram pelo deslocamento do 6.º R.I., que tinha por objetivo uma adaptação mais concreta dos homens ao meio que iriam enfrentar. O local escolhido foi *Vada Rossignano*, que ficava cerca de 200 quilômetros ao norte de *Tarquínia.* Desse modo, os treinamentos continuariam, agora de forma mais objetiva.

Para conduzir 500 viaturas lotadas de soldados, foi organizado um rigoroso esquema de marcha, saindo 25 caminhões de cada vez, com horário certo, para se evitarem congestionamentos na estrada de passagem, porque, no caminho, estavam também tropas americanas. Depois de ter passado por tantas dificuldades, logo após o desembarque, o 6º R.I. finalmente ficaria estacionado neste local, que era bastante espaçoso e proporcionaria maior conforto aos soldados.

No dia 21 de agosto de 1944, chegaram os primeiros instrutores americanos, com o objetivo de orientar os recrutas sobre o novo armamento. Como o acampamento ficava próximo à praia, no local ainda encontravam-se minas, redes de arame e outras fortificações. Assim, não foram poucos os incidentes com minas, justamente pela falta de atenção dos soldados. Para os capitães e tenentes, foram organizados estágios na linha de frente, com revezamento constante, além daqueles que seguiram para *Caserta,* ao sul de Nápoles para freqüentar cursos na Escola Americana de Infantaria.

Nos acampamentos onde os brasileiros ficaram, era comum a presença dos civis, principalmente de mulheres e crianças. Quando os praças terminavam suas refeições, para evitar aglomeração, esta população era organizada em uma coluna e todos se abasteciam dos alimentos que os soldados haviam propositadamente deixado.

Para compreender a realidade vivenciada pelas populações locais e as condições materiais de quem habitava a região da Linha Gótica, mostrou-se

oportuno nessa pesquisa um aporte aos estudos da resistência italiana, uma vez que, nos caminhos trilhados pela tropa brasileira, foram efetuados contatos com as diversas facções que lutavam pela queda do fascismo. Cada qual buscava seu espaço político, pensando no novo governo italiano que seria organizado após a guerra. Preocupados com a história da sociedade na guerra, os pesquisadores italianos, a partir de 1969, resgataram aspectos relevantes da população que conviveu com os soldados aliados. Nesse aspecto, o artigo de Giuliana Bertagnoni sobre a cidade *Monzuno* é revelador. Ele serve de parâmetro para que se compreenda a situação das famílias lá residentes, embora se possa deduzir que a situação desses e dos habitantes dos grandes centros urbanos eram, na verdade, realidades diferentes. [524]

Nesse aspecto, a pesquisa mostrou as condições de vida das famílias, no período crucial da guerra em andamento, quando grande parte da população transformou-se em retirante, os chamados "*sfollati*", que, na fuga do exército alemão, iam engrossando o número de habitantes em outras localidades, provocando, assim, dificuldades para os administradores e para a força aliada.[525]

Na pesquisa realizada em *Monzuno,* localizada na zona rural, a autora recolheu muitos depoimentos e constatou que a "fome" não foi algo dramático naquela localidade durante a guerra, mas era uma situação de penúria, principalmente para as mulheres. A elas, cabia a tarefa de alimentar a família, visto que os homens estavam ausentes, seja pela participação direta na guerra junto do exército italiano, seja participando das frentes de trabalho forçado impostas pelos alemães.

Alguns depoimentos colhidos entre os habitantes locais, dão déia das possibilidades e das dificuldades encontradas no dia-a-dia de quem habitava a zona rural. Segundo uma das depoentes, a fome não grassava tão radicalmente a cidade de *Monzuno,* como em outros lugares da Itália. Era necessário sair em busca dos alimentos que eram encontrados nos bosques vizinhos, principalmente as castanheiras e seus frutos utilizados no fabrico da farinha, da qual se faziam pães e tortas. Quem criava porcos, deles aproveitava quase tudo. Além da carne, a gordura

[524] BERTAGNONI, Giuliana. Condizioni materiali e consumi a Monzuno fra guerra e doppo guerra. *In:* **La Montagna e la Guerra.L´Appennino Bolognese fra Savena e Reno.** 1940-1945. Bolonha, Itália: Aspázia, 1999.
[525] FACCI, Mario; BORRI, Alessandro. **Porreta dall' Unità alla Repubblica. (1859-1948)** Bolonha-Itália: Zampighi, 1998.

era utilizada em vários alimentos. A criação de galinhas também proporcionava alimento garantido para as famílias. O papel de buscar as castanhas e outros tipos de ervas comestíveis cabia às mulheres, em trabalho arriscado em zona de bombardeio. Andavam-se quilômetros à procura desses alimentos, uma tarefa dura para essas mulheres que se expunham a todo perigo: andar a céu aberto e correr o perigo de encontrar facções rivais, fascistas e comunistas, além dos delatores que, por uma ajuda mais concreta por parte dos alemães, denunciavam seus vizinhos, criando situações de grave insegurança. O depoimento de Ana Menini mostra um período difícil para as mulheres italianas.

> Se comia mais do que duas vezes ao dia, era quase sempre polenta.[...] Mas era um fortuna quem possuía galinhas. Nós todos tínhamos porcos em casa, o óleo era uma coisa desconhecida e não havia temperos. Frutas? Eram uma raridade, somente os doutores podiam usufruir desta regalia. Comer peixe era uma festa quando isto acontecia. [...] A solidariedade entre as pessoas era muito grande.[526]

Anna Menini e seu testemunho nos colocam diante de fatos e realidades vistos sob uma ótica diferente. Em *Monzuno,* a vida era relativamente normal até 1944, quando a região passou a ser alvo da ação das forças alemãs. No período de setembro de 1944 em diante, as tropas que atuavam sobre a Linha Gótica encontraram dificuldades para alimentar seus soldados. Em um país destruído há muito tempo pela guerra, nada se plantava ou se colhia. Alimentos faltavam para todos, civis e militares. Diante desta situação, os alemães tomavam de assalto o que encontraram pelo caminho, fato constatado em diversos depoimentos.

A situação dos *sfollat* era um caso peculiar – abandonando os grandes centros, ou os locais de fortes bombardeios – acabaram por criar dificuldades para os aliados, que se viam na contingência de alimentar essas pessoas. Nos acampamentos brasileiros, localizados na zona da Linha Gótica, a situação não era diferente. São muitos os testemunhos que falam do flagelo em que se encontrava a população italiana e a maneira como os soldados ajudavam a alimentá-la, não apenas com o que sobrava nas mesas, mas também com gêneros de primeira necessidade retirados das cozinhas dos batalhões.

O acampamento de *San Rossore* seria o destino dos soldados que compunham todos os escalões da FEB. Antes da guerra, era uma propriedade da

[526] MENINI, Ana, *apud* BERTAGNONI, *op. cit.,* p. 175-176.

família real, destinada ao lazer da família do rei, com todas as comodidades necessárias para atender à casa real italiana. No local, havia uma boa casa, que deveria ser a sede, e uma significativa infra-estrutura para diversos esportes, o lazer na praia, banhos e um lindo bosque com variedade de animais.

Ali foi organizado um dos melhores acampamentos para os soldados. As instalações eram perfeitas, desde barracas a banheiros, com as melhores condições de higiene. De *San Rossore,* era possível ouvir o barulho dos canhões na frente de combate e à noite ver a ação da bateria antiaérea aliada com suas balas traçantes, respondendo a um ataque ao porto de *Livorno.* Tanto as praias estavam minadas, como as estradas vizinhas, amplamente balizadas por cartazes, orientando aqueles que passavam. Mesmo assim, ocorreram vários acidentes.

FIGURA 8 – GÊNEROS ALIMENTÍCIOS

FONTE: ARBIZZANI *et al.* (1994, p. 141)

Acompanhando os escalões que chegaram no mês de outubro 1944 à Itália, o repórter Rubem Braga fez algumas observações: Todos os brasileiros eram bem recebidos na Itália. O que ajudava muito era a aproximação da língua latina, que resolvia muito as questões de camaradagem. Mas o que chamava mais a atenção era a generosidade dos brasileiros, daqueles que partiam em comboio, porque era comum jogarem dos caminhões caramelos, chocolates e cigarros para a população, que acenava alegremente no caminho.

Ao redor dos estacionamentos da tropa, juntavam-se pedintes, mulheres, homens e crianças, que sempre diziam a mesma coisa: "*Tutto rovinato. Tutto bombardato, gli tedeschi hano portato via tutti quanti. Niente a mangiare, molto lavorare. Uma cigaretta, ciocolata, carameli uma scatoleta*."[527]

Na chegada dos aliados, os nazistas se retiraram. Esse é o momento da passagem dos brasileiros pelas estradas, pelas montanhas. Sempre que uma cidade italiana era liberada, a população que estava escondida começava a descer das montanhas: são homens, mulheres e crianças em situação de penúria que comove os soldados diante do quadro caótico que a guerra proporcionava. Muitos não encontravam mais as suas casas, ou elas estavam destruídas e sem condições de uso. Outros tinham apenas a roupa do corpo.

É possível avaliar o que aconteceu de ambos os lados, à população e aos recém-chegados. A miséria e a lamúria da população era tocante, não era possível manter-se alheio a fatos tão gritantes. Envolvidos em querelas políticas, sem alimentos, carregando o mínimo para sua sobrevivência, velhos, mulheres e crianças chocavam os homens da FEB. Esta era a realidade do *front* que iniciava. Na rapina efetuada pelos nazistas, tudo fora levado ou destruído: não havia água, luz, alimentos, nem organização civil.

No documentário gravado em vídeo pelo museu Atílio Rocco, de São José dos Pinhais, no Paraná, o soldado Dombroski do 1º R. I. retratou este momento:

> No acampamento, a comida era feita nas cozinhas brasileiras, e muito boa. Ao redor do acampamento, juntavam-se pessoas famintas, e nossos soldados davam os restos das marmitas e outros gêneros alimentícios. O comandante nos chamou a atenção, dizendo que não devíamos proceder assim, porque poderia faltar comida para o contingente. [...] Eu pegava minha marmita e comia lá no fundo da barraca. Outros comiam na frente dessa gente, era de cortar o coração.[528]

Uma população famélica ia chegando, doente do espírito e do corpo, o comando brasileiro avaliou esta situação e apetrechos de cozinha e alimentos eram entregues a cada povoado, vilarejo ou conjunto de casas por onde a tropa passava. Tais notícias corriam, era uma tropa nova que chegava, vinha para ajudar, eram os

---

[527] BRAGA, Rubem. **Crônicas de guerra.** (Com a FEB na Itália). Rio de Janeiro: Ed. do autor, 1964, p. 49. Tradução: Tudo destruído, tudo bombardeado, os alemães levaram tudo, não há nada para comer, temos de trabalhar muito (por favor)... um cigarro, chocolate, caramelos, uma caixa (ração).

[528] DOMBROWSKI, Antonio. **Depoimento**. Vídeo-documento. Museu Atílio Rocco. São José dos Pin hais, PR. out. 1994.

"*brasiliani*". Por este motivo, a tropa é sempre bem recebida nos lugarejos e aparece sempre nos depoimentos italianos.

No testemunho do soldado Aristides Saldanha Vergés, quando foram liberadas várias cidades, próximas ao rio *Sérchio*, fica explícita esta situação:

> Por onde nós íamos passando, o povo italiano ia nos aplaudindo e gritando *Liberatori*,[529] e até nos parava... ofereciam vinho, mas a gente tinha cautela...a gente meio que refugava... mas a gente não resistia e tomava o vinho. Eu me recordo da cidade de *Filetolli* [...] [530]

Também o sargento José Edgar Eckert, que pertenceu ao segundo batalhão do primeiro R.I. (Regimento Sampaio), registrou em seu diário:

> No dia 29 de novembro de 1944, passamos por uma enorme coluna de famílias italianas, homens, mulheres, mocinhas e crianças, todos maltrapilhos, carregando enormes trouxas, arrastando-se pelas estradas. Eram refugiados da guerra, que estavam voltando na direção de suas casas. Dá pena de ver tudo isso. Gente que fugiu dos horrores da guerra, depois de haverem perdido quase tudo, e agora aproveitando o tempo em que os Exércitos estão fazendo uma ligeira parada, em defensiva, na Serra dos Apeninos, conseguiram uma brecha e arriscam a vida para tentar voltar às suas casas (se é que ainda vão encontrar um pouco mais que ruínas). Vendo aquilo tudo, sinto no meu íntimo uma raiva impotente, contra os provocadores das guerras do mundo todo [...][531]

Também os comandantes dos batalhões e regimentos se reportam à situação das famílias italianas. O coronel Olívio Gondin de Uzeda, comandante do primeiro batalhão do primeiro R.I. (Sampaio), em seu livro de crônicas, lembra a situação dos *sfollati,* 'como aquela gente que circulava entre o *front* e as montanhas, ora ao lado das linhas inimigas ora ao lado da linha aliada.'

Outros emigravam porque tinham fome e frio, ou por estarem doentes, fugindo dos alemães e sempre sob os olhares desconfiados dos aliados. Uzeda lembra de tantas famílias que foram conduzidas pelos soldados até o comando do batalhão e lá chegavam famintas e friorentas, geralmente pela manhã, porque aproveitavam a noite para fugir dos alemães.

---

[529] N.A.: Libertadores, até hoje quando brasileiros visitantes passam por essas cidades são assim saudados pela população.
[530] VERGÉS, *op. cit.*.
[531] ECKERT, *op. cit.*.

O comando insistia pela separação entre soldados e *sfollati* dentro das linhas brasileiras, mas sempre a situação desta gente causava muita piedade entre os homens, que procuravam alimentá-la.

A situação dos desabrigados era de angústia e aflição. O inverno não havia ainda terminado e a odisséia da população continuava. Na tentativa de fugir dos bombardeios aliados ou da perseguição alemã, a população procurava abrigo nos pequenos povoados que já haviam sido liberados. Conseguiam chegar a pé, carregando pequenos pertences, ou com carroças e animais, outros se arriscavam atravessando a "terra de ninguém" para chegar às linhas aliadas.

Os primeiros dias de dezembro de 1944 foram de intenso afluxo a estas locais e a cidade de Bolonha, considerada "cidade aberta", portanto, desmilitarizada, viu sua população crescer repentinamente, quase dobrando, chegando perto de 500.000 mil pessoas.

Faltavam víveres para alimentar toda essa gente e combustível para os aquecedores, obrigando a população a usar outros expedientes. Para facilitar os meios de transporte, foi permitido aos agricultores entrarem em Bolonha com suas carroças e animais. Uma estatística demonstra que entre 1944-45 havia cerca de 14.000 mil cabeças de gado que circulavam pelas ruas, inclusive no centro histórico da cidade[532]. É possível imaginar o estado caótico vivenciado pelos habitantes naqueles dias de guerra.

Nos campos, muitos se arriscavam a passar pelos postos de comando alemães na tentativa de chegar às suas casas, à procura de víveres e de roupas para o inverno, mas muitas vezes era decepcionante encontrar somente as ruínas provocadas pelos bombardeios. Outros eram surpreendidos pelas patrulhas e fuzilados sumariamente. Muitos eram forçados a refugiar-se em galpões ou lugares inóspitos, o que acarretava graves problemas sanitários.

Era comum, também, chegarem aos acampamentos brasileiros os feridos italianos - por tiro, arame farpado, minas. Parte desta gente refugiada tinha, ainda, grande temor ao se deparar com soldados, porque havia ficado o estigma do tratamento alemão, e muitos demonstravam insegurança no momento de se submeter a um auxílio médico.

---

[532] TROTA, Ezio. **Cronache di guerra fra Reno e Samoggia (1943-1945**). Modena, Itália: Edizione Il Fiorino, 2000.

São inúmeros os depoimentos que fazem referência aos atos de solidariedade brasileira, relativos à alimentação e saúde. Vejamos o caso narrado, na cidade de *Gaggio Montano* (Bolonha), por um dos seus moradores, Fabio Gualandi. Ele tinha 15 anos de idade, em 1944, quando ali chegou o 1º Regimento de Infantaria, lá permanecendo alguns meses.

Fabio, ajudante de cozinha de um desses batalhões, alimentou sua família com o que levava para casa. A cidade já havia sido liberada pelos americanos em outubro daquele ano. A miséria na guerra foi assunto que sempre esteve presente em todas as entrevistas realizadas na localidade de *Gaggio Montano*. Muitos desses habitantes constituem hoje a geração do pós-guerra, responsável pelo não esquecimento dos dias atrozes, e que se reafirma pelos lugares da memória, seja pelas inúmeras placas e monumentos erguidos nos locais onde fatos marcantes sucederam, ou pelas diversas associações culturais criadas a partir das histórias de guerra sempre contadas e recontadas de pai para filhos.

No seu depoimento, Gualandi fala sobre o acampamento em *Gaggio Montano* e sobre benfeitorias praticadas pelos soldados do regimento brasileiro, que incluíam principalmente o fornecimento em grande quantidade de pão proveniente de Florença à população. As famílias também recebiam o mingau feito de leite em pó, o café distribuído em grande quantidade, a carne de porco, o arroz, o churrasco que era feito de carne de gado e ovos em pó, do qual se fazia uma saborosa omelete.

> Os americanos chegaram a Gaggio Montano no dia 13 de outubro de 1944, era uma sexta-feira. Na metade do mês de novembro, chegaram os brasileiros. Procuravam um lugar para erguer o seu acampamento, ocupavam as casas vizinhas, as maiores. Faziam amizade facilmente. [...] Eles (os habitantes) levavam para casa o que ali comiam. Uma centena de pessoas (companhia) [...] havia frutas, principalmente laranja. Quando os soldados terminavam, basicamente a população invadia o acampamento. Os refugiados não passaram fome dessa forma [...][533]

Nesses povoados, os refugiados não podiam contar com um serviço especial de saúde. A administração pública havia sido desmantelada e os civis foram socorridos nos hospitais próximos, como aconteceu em Porreta Terme (Pistóia).

Com o início do verão de 1944, as forças aliadas estavam próximas a Bolonha e os mais diversos batalhões ocupavam as pequenas cidades. Porreta Terme, antes da guerra, era um grande centro turístico e possuía uma boa estrutura

[533] GUALANDI, Fabio. **Entrevista.** Gaggio Montano, Itália, 3 jun. 2001.

hoteleira procurada por inúmeros italianos da classe mais abastada, que buscavam tratamento de saúde em suas águas sulforosas. Com os bombardeios constantes, a vida tornou-se difícil, os prédios históricos foram muito danificados, parte da população abandonou a localidade. Com a chegada da FEB, a cidade abrigou o comando brasileiro, que ali se estabeleceu durante longos meses.

Misturando-se à tropa, encontravam-se os refugiados que vinham de vários lugares e os habitantes da cidade. Havia uma necessidade premente de se dividir os espaços residenciais que ainda estavam em pé e pudessem fornecer um mínimo de segurança. Todas estas pessoas se abrigaram nos edifícios públicos ou nas termas, dividindo espaço com os militares.

Entre 1944 e 1945, a cidade de Porreta Terme tornou-se um objetivo militar, visto estar situada no entroncamento principal de rodovias que atravessavam o país, principalmente a estrada 64 (Porretana). Em conseqüência de novos bombardeios, a administração pública foi transferida para o pequeno município de *Castellucio.* Parte da população, receosa, também se transferiu.

Na função de mensageiro e motorista da FEB, o soldado Jorge Luiz de Barros recorda os civis que lá se encontravam e os perigos que rondavam a cidade a cada passo.

> Nas horas de refeição da unidade, havia uma fila de civis italianos, idosos e menores, a espera do rancho, que o sargento Agenor sempre fazia para ajudar os moradores carentes de tudo. Essa sua maneira cristã e humanitária foi a causa inconsciente de uma tragédia.[534]

Segundo Barros, a fila de civis em busca de alimentos crescia dia a dia e formava-se na praça da estação, no local onde ficava o rancho para os soldados brasileiros ali instalados. No alto dos morros, do local onde estavam, os alemães, percebendo maior movimentação de pessoas, começaram a atirar sobre a praça com canhões de grosso calibre. O resultado foi realmente uma tragédia para brasileiros e italianos. “Uma das granadas explodiu no centro da praça. Os estilhaços da granada provocaram quatro mortes e vinte um feridos”.[535] Dois soldados brasileiros foram feridos gravemente e o cozinheiro que atendia ao rancho teve morte instantânea.

---

[534] BARROS, Jorge Luiz G. de. **Entrevista concedida a Carmen Lúcia Rigoni**. Curitiba, 24 de maio de 2007.
[535] Id.

O relato do mesmo episódio está inscrito no diário do soldado Rudemar Marconi, do 9º Batalhão de Engenharia.

> De repente, veio a tarde fatídica de 20 de novembro, em que, por ironia do destino, se comemorava o dia de Ação de Graças. Waldomiro e eu almoçávamos no caminhão-cozinha da 2ª Companhia. [...] quando estava de volta ao jipe, desabou um bombardeio e o local virou um inferno. [...] ao regressarmos ao posto de comando, soubemos, pelo rádio da companhia, da morte de Joaquim, do cozinheiro Waldemar e vários feridos. [536]

Segundo Marconi, o sangue encharcava o chão e respingava nas paredes. O bombardeio insistente durou ainda muitas horas, o que dificultou o atendimento aos feridos, dentre os quais estavam pessoas da população de *Porreta Terme,* soldados brasileiros que se encontravam na fila para almoçar e amigos pessoais do próprio Marconi, como Joaquim Pires Lobo, para cuja família o tenente Viveiros havia prometido protegê-lo durante a guerra. Segundo Marconi, estava entre os mortos, "o impacto emocional atingiu a todos".

O soldado Barros também demonstra a situação dos brasileiros recém-chegados à cidade de Porreta, e da minuciosa procura, dele e dos companheiros, dos locais que serviriam de abrigo e pernoite por alguns dias. Geralmente, os espaços eram pequenos e comportavam poucas pessoas. De início, a escolha recaiu sobre um antigo prédio, localizado próximo à Ponte, mas havia um inconveniente: ela era diariamente bombardeada pelos alemães. Não havia muita escolha. Além do mais, percebia-se um grande buraco no telhado, por onde havia caído uma bomba aérea que não explodiu, e ficara cravada no piso. Este foi o motivo principal do abandono deste local e a busca imediata por outro abrigo.

Na procura por outro refúgio – e mediante as ameaças diárias de bombardeios, cujos tiros partiam do Monte Castello e estavam destinados a acertar o Quartel General –, Barros e outros soldados brasileiros encontraram uma construção, que alguém havia dito tratar-se de um hotel para turistas. Na descrição de Barros, o prédio tinha uma dependência para os banhos em águas sulforosas quentes, com banheiras de mármore, um presente para o seu grupo que não tomava banho havia cinco dias.

---

[536] RAMOS, Rudemar Marconi. **Diário de um paisano na Segunda Guerra Mundial.** Rio de Janeiro: H.P Comunicação Editora, 2003, pp. 96-97.

A curiosidade dos soldados sempre era muito grande em relação aos prédios que iam vistoriando. Com Barros e seus companheiros não foi diferente. Ao depararem com um portão de ferro trancado com cadeado, não tiveram dúvidas: estouraram os cadeados.

> Aberto o portão, no porão estavam amontoados todos os móveis do hotel, lareiras portáteis e tudo mais necessário a um hotel. [...] Deixamos limpa boa parte do porão, que iria em seguida ser mobilizado, com duas boas camas, colchões e travesseiros, esses com penas de ganso. Recolhemos do entulho: uma mesa, quatro cadeiras, duas lareiras, louças, talheres e copos, bem como roupas de cama, estávamos bem instalados.[537]

No mesmo local, foram encontradas cerca de 50 garrafões de vinho tinto, branco e rosê. Mesmo com o receio de que os vasilhames pudessem estar envenenados, uma prática usual dos alemães, companheiros de Barros abriram todos os garrafões, e contaram com a ajuda de um 'provador', um italiano que se prontificou a "tirar a prova". Segundo o depoimento de Barros, "nada de grave aconteceu, a não ser o porre do nosso provador. Os vinhos não estavam envenenados. Reconheço que minha atitude não foi muito cristã, mas guerra é guerra".[538]

Para os porretanos, a chegada dos aliados transformou-se em sérios problemas, porque, de setembro de 1944 em diante, a cidade foi bombardeada todos os dias, com impedimento de qualquer atividade civil, além da destruição dos edifícios públicos provocada pelos constantes ataques. O comando do V Exército achava temerário o Quartel General de Mascarenhas de Moraes estar localizado em Porreta, porque era alvo constante dos alemães que observavam a cidade na sua movimentação diária.

O Hospital de Porreta passou a atender não só os militares que vinham da frente de combate, mas toda a população necessitada. No inverno anterior (1944), o hospital acusava uma mortandade mais atípica, entre velhos e crianças. Os casos de desnutrição eram gravíssimos.

Com a queda de Bolonha, os habitantes de Porreta enfrentaram outra grande tragédia: os alemães, em retirada, haviam minado estradas, campos, praças, aquedutos e pontes. Os habitantes dos povoados vizinhos que retornavam aos seus

---

[537] BARROS, Jorge Luiz G. de. **Entrevista concedida a Carmen Lúcia Rigoni**. Curitiba, 24 de maio de 2007.
[538] Id.

lares, como *Marzabotto, Montese, Castel d´Aiano e Vergato* foram vítimas dessas minas e todos foram socorridos no hospital de Porreta.

Fatos marcantes dessa época ficaram retidos na memória dos habitantes. Muitos lembram das dificuldades relacionadas à saúde de seus familiares. A falta de médicos e medicamentos ocasionava mortes repentinas, principalmente entre os mais velhos e crianças. No relato do gaggense[539], senhor Giuseppe, na manhã do dia 21 de junho de 2001, na biblioteca comunal, durante o seu depoimento, foi possível verificar a dimensão da tragédia ocasionada por tantos anos consecutivos de guerra, quando a presença de uma unidade militar e de um médico na localidade significavam a única esperança de vida para uma população abandonada.

> Adelfo, meu filho, estava muito doente e tinha dois anos durante a guerra. Quando a tropa brasileira esteve aqui, havia um médico, não me recordo o nome... Adelfo tinha dois anos, porque nasceu em 18 de abril de 1942. [...] ele não podia respirar, eu estava só, não sabia o que fazer. O médico (brasileiro) esteve em Firenze (Florença) e apareceu uma noite com o remédio. [...] meu filho sarou, em dois dias não tinha mais nada. Aqui não havia nada, nem remédios, comida era uma miséria. Morávamos aqui nesta casa (antiga burgo medieval) mais ou menos umas 20 pessoas. Este tenente médico foi para mim como um irmão, meu filho não estaria aqui [...] eu tenho sempre uma boa recordação dos brasileiros... meu filho teria morrido... quando digo que eram bravos...[540]

Dos relatos italianos e brasileiros, as lembranças emergem dos momentos cruciais, como uma espécie de cópia dos momentos vividos anteriormente e que permanecem presentes a partir do momento em que se suscitou a vivência dos tempos de guerra, quando brasileiros e italianos estiveram tão próximos.

4.6.1 Dia de soldado: vida social, bailinhos, amores e casamentos

Volete voi uma ragazza linda
Que tenha charme e uma beleza infinda?
Que queira escatoleta e beba vino,
Que voglia cigarrete per papá,
Que peça carameli per bambino
Que tope uma parada para já?
Que enfrente esta nevada sem paura?
Fazei bem presto e adesso, em quatro vias,
Pedido urgente dessa criatura.[541]

---

[539] GAGGENSE - habitante de Gaggio Montano.
[540] CECHELLI, Giuseppe. **Entrevista.** Gaggio Montano Itália, 30 jun. 2001.
[541] Autor Desconhecido, *apud* Coquetel de Línguas. **Revista Militar Brasileira,** Brasilia, 1973, p.62

Os estudos recentes sobre as famílias italianas que habitavam a zona de conflito durante a Segunda Guerra têm demonstrado um lado da guerra pouco conhecido. A pesquisadoras Sabrina Da Roit e Roberta Monticelli, no artigo "*La famiglia em Guerra e il nuovo ruolo delle donne*"[542], afirmam que as pesquisas sobre famílias foram há muito tempo deixadas de lado, em detrimento dos acontecimentos bélicos.

Tais pesquisas eram consideradas banais e insignificantes, sem nenhuma validade científica, porque partiam das narrativas e depoimentos das personagens que haviam vivenciado a guerra fora dos grandes exércitos, o que provocou durante muitos anos um vazio muito grande, até mesmo um abandono dos temas que tratavam da vida em sociedade na época da guerra.

O estudo em questão, efetuado pelas autoras já citadas, estava voltado para uma análise das famílias que moravam nos Altos Apeninos (Bolonha e municípios vizinhos) e tinha como objetivo retratar a realidade familiar e a figura da mulher.

A pesquisa vinha em tempo, porque poderia demonstrar como viviam essas famílias e suas experiências em tempo de guerra, o enfrentamento às adversidades, a resistência e a luta pela sobrevivência. Para esta pesquisa, esses estudos sobre as famílias italianas são importantes, pois muitas delas se aproximaram dos brasileiros, por contingência do deslocamento da FEB, nos campos ou nos povoados. Elas viviam ainda sob o impacto do fascismo, o que agravava o quadro social durante a guerra. Segundo as análises das autoras, neste período iniciava-se o embrião da mudança do que seria a nova família italiana, com a mulher passando a exercer um novo papel na representação da sociedade.[543]

Enquanto a guerra não havia chegado a estas localidades, a vida era normal, as crianças iam à escola, brincavam, as noivas se casavam. Com os bombardeios, a vida mudou rapidamente, era o pavor que atingia aqueles que não tinham fugido. A miséria era tocante, e, juntando-se todos esses medos, as mulheres agora tinham outras preocupações. Não era apenas a preocupação de conseguir os alimentos. À

N..A . "Você quer uma moça linda, que tenha charme e uma beleza infinda, que queira uma caixa de ração e beba vinho. Que queira cigarros para o papai, que peça caramelos para o menino, que tope uma parada para já? Que enfrente esta nevada sem medo. Faça bem rápido e agora, em quatro vias, Pedido urgente dessa criatura.

[542] ROIT, Sabrina da. **La famiglia em guerra e il nuovo ruolo delle donne.** *In:* PATICCHIA, *op. cit.*. N.A.: Neste artigo a autora destaca os estudos sobre as famílias e o novo papel das mulheres.

[543] ROIT, *op. cit.*.

mulher italiana durante a guerra, cabia o papel que até então que era reservado ao homem. Na ausência do marido ou dos filhos homens que tinha ido combater em lugares longínquos, ela se torna a chefe do clã, com a responsabilidade de direcionar os destinos da família.

Próximo aos acampamentos dos soldados, encontravam-se os velhos, as mães de família, as mocinhas e as crianças. Para os italianos, era a maneira mais fácil de se obter alguma coisa para comer, trocar serviços por vestuário, ou ganhar umas poucas liras.

As famílias italianas são sempre lembradas nos depoimentos brasileiros. O que emerge dessas informações diz respeito à solidariedade entre soldados que estavam longe de seus familiares, que encontravam nos núcleos familiares italianos, muito calor humano, retribuído com gestos de fraternidade, desse modo, estreitando laços de amizade. Paulo Stankevcz que, na função de motorista de jipe, conduzia o alimentos e munição para a tropa em frente de combate, lembra das passagens rápidas e dos caminhos a percorrer. Tudo tinha que ser feito com muita agilidade e ele pouco parava nos acampamentos. Na entrevista, quando indagado sobre o que achava das mulheres italianas, respondeu:

> O que a gente conheceu, pouco conheceu, eram boas [...] no *front* dava tempo de dançar, as moças nós ia buscar na casa delas, nós tínhamos uma folga, tinha lugar que não dava para avançar. [...] Muitos deixaram as italianas apaixonadas, eu tenho um cartão [...] não me lembro do lugar [...] era perto de Lucca. Havia vários lugares assim, nós ia lá, eles convidavam a gente para dançar. Em Juniano, estivemos com as moças, ali teve um bombardeio muito grande, não sei como não morremos todos.[544]

Um assunto difícil de entabular com os ex-combatentes diz respeito à prostituição, na época da guerra. Apenas em alguns diários e mais recentemente, nos depoimentos e entrevistas, é possível verificar a menção de episódios onde o tema aparece. No relato do soldado Aristides Vergés, que já fizemos referência,o assunto foi lembrado quando da abordagem do nome de uma cidade italiana.

> Acho que já falaram em Francolise, das filas [...] O pessoal fazia fila e levava as moças para o mato. Mas tinha também casas de prostituição, onde às vezes distribuíam senhas, porque podia ter uma moça mais bonita, e assim não iam todos para lá. [...] Pagávamos estas moças com as liras americanas de ocupação, ou então em comida, elas preferiam. Por isso que eu digo: os cozinheiros é que estavam melhor, ficavam sempre na

[544] STANKEVECZ, *op. cit.*.

retaguarda.[545]

Muitas vezes, durante as entrevistas realizadas, tentou-se compreender como os combatentes viam o contexto da guerra, a miséria das famílias, a fome e a prostituição. No depoimento do cabo remuniciador da FAB, Eronides da Cruz - cujo grupamento estava estacionado na cidade de Pisa – e de outros combatentes, foi possível perceber o choque perante as condições das famílias italianas, completamente desestruturadas durante a guerra.

> Uma ocasião, pegamos um trem para Nápoles (um passeio até Pompéia). Antes de Pompéia, havia um lugar chamado Torre Anunciata, nas vizinhanças do Vesúvio. [...] Resolvemos descer, e quando você mal desce vem uma enxurrada de garotada oferecer as "signorine" (prostitutas). Os colegas diziam: "Como é, vamos lá" [...]? Eu, claro, acompanhei. [...] Entramos. Lá, tinha uma sala grande, umas moças sentadas e um casal de velhos. Assim e tal. [...] Cada um conversava com uma signorina. [...] Eu fiquei de pé [...] observando a fragilidade humana, eu sentei, veio uma moça e eu perguntei: "Quem são eles?" Ela disse: "Meu pai e minha mãe". Confesso que aquilo me chocou profundamente.[546]

A questão dos relacionamentos revela momentos de grandes sentimentos entre brasileiros e italianos. A maior parte das famílias italianas era composta por mulheres ou homens de bastante idade. Os homens em idade militar estavam no *front* (exército italiano), eram prisioneiros em outros países, estavam desaparecidos ou tinham morrido.

A simplicidade dos brasileiros logo atraiu a simpatia dos italianos. A língua não foi problema, porque a raiz latina aproximava muito os dois povos. Quando os soldados do 1º Regimento de Infantaria chegaram a Gaggio Montano, no mês de novembro de 1944, os combates principais ainda não tinham ocorrido. O pequeno vilarejo tinha sido recém-libertado por tropa americana e partigianos da banda *Giustizia e Libertà* [547]*.* Um dos remanescentes, Francesco Berti, conheceu muitos soldados do regimento brasileiro e, na entrevista realizada em sua residência, em *Guanella*[548] na Itália, quando perguntado como tinha sido o convívio com os

---

[545] VERGÉS, *op. cit.*.
[546] CRUZ, Eronides. **Entrevista.** Curitiba, 20 dez. 2000.
[547] N.A.: Banda era uma parte de um grupamento maior. No caso *Giustizia e Libertà*, agregava centenas de partigianos italianos.
[548] N.A.: Casa Guanella, é a residência de verão do advogado Francesco Berti, conserva ainda as paredes de uma construção medieval do século XII.O local é histórico para os brasileiros, pois muitos dos ataques ao Monte Castello, saíram deste local, onde se avista o morro que acabou se tornando um dos maiores desafios para a FEB. Hoje, a demarcar o local foi erguido em 2001 o *Monumento*

brasileiros, respondeu que fora excelente, porque os brasileiros eram latinos: a comunhão de raízes, a própria língua facilitava tudo. A comunicação era muito fácil e os brasileiros eram considerados pessoas alegres. Por esse motivo, logo se identificaram com a população. Lembrou também das músicas populares, que eram cantadas e acompanhadas pelas crianças. "À noite, sempre passavam com as famílias que os hospedavam, havia grande solidariedade, coisa que não aconteceu com os americanos, devido à barreira da língua".[549]

Outros depoimentos de ex-combatentes brasileiros atestam a profundidade dos relacionamentos. Mesmo andando em patrulhas, ou junto de suas companhias, passando pelos campos ou pequenos povoados, a reação dos habitantes era sempre positiva, conforme relata o combatente Celso Rosa do 1º Regimento de Infantaria: "Chegamos ao povoado e fomos recebidos com grande alegria. Tratava-se de uma dessas pequeníssimas aldeias, minúsculas aglomerações, de umas poucas casas, denominadas genericamente pelos italianos de "Piccolo paese".

> [...] Nossa recepção foi festiva "E viva *i liberatori*" diziam alguns. Fomos recebidos como verdadeiros libertadores e percebia-se que as manifestações eram espontâneas e sinceras. [...] dentro de poucos minutos, nossos soldados eram donos do povoado. Espalhavam-se por todos os cantos e recantos, como se se derramasse um saco de laranjas em uma superfície plana.[550]

Desiludida dos benefícios do fascismo, comprimida pela fome, fora do jugo de Mussolini, a população italiana aproximou-se da FEB, o que foi muito útil para os soldados. Por amizade, identidade de princípios, por harmonia de idéias ou por necessidade, ela colaborou para as vitórias aliadas na Itália. Não só os partigiani que foram minando, destruindo, removendo, vencendo as resistências do inimigo, mas também a população.

Muitos comandantes deixaram inscritos, em seus relatórios, o reconhecimento dos serviços prestados pela população italiana, como ressaltou o major Olívio Gondin Uzeda, comandante do 1º Batalhão do Regimento Sampaio:

Liberazione, pela escultora brasileira Mary Vieira, uma homenagem dos italianos aos soldados brasileiros.

[549] BERTI, Francesco Arnaldo. **Entrevista**. Gaggio Montano, Itália, 30 jun. 2001.

[550] ROSA, Celso. Um gostoso cafezinho. *In:* **O pracinha na Guerra.** São Paulo: Café Editora Expressa, 2000.

> Não foram só os alpinos, transportando nossas munições e armamentos, nossos abastecimentos. As populações civis estimavam-nos com suas acolhidas. [...] A população de *Piacenza* nos recebeu entre alas, com palmas e flores. Quando nosso batalhão conquistou Monte Castello, recebemos convites de muitas famílias de *Silla* que nos queriam homenagear. [...] Inegavelmente, essa acolhida, esse carinho, sobretudo para os que estão fora dos seus, é um estimulo, é um fortalecente.[551]

Nas suas memórias, Uzeda, recorda o encontro com as famílias de retirantes, os "*sfollati*", quase diariamente na linha de frente onde se encontrava o batalhão brasileiro:

> Os esfolatos viviam de léo em léo, fugindo dos alemães, sob a desconfiança dos aliados. E, de quando em vez, famílias inteiras cruzavam nossas linhas e vinham ter ao posto do comando do Batalhão, ora trazidas por uma patrulha volante, ora mandadas por uma companhia. E chegavam friorentos e famintos.[552]

Havia, constantemente, também, a possibilidade de estarem infiltrados nesses grupos espiões que pudessem trazer grande perigo ao batalhão, visto que informações pudessem dar a localização dos brasileiros, o que era muito temerário. Tal situação, rodeada de cuidados, procedia. Comprovadamente, muitos espiões atravessavam as linhas brasileiras, para poder enviar informações aos alemães, que não estavam muito longe do estacionamento dos brasileiros.

Diante dessa situação, os esfolatos eram mantidos separadamente do grupo de brasileiros. Seus documentos eram vistoriados, e uma listagem de nomes suspeitos com as características físicas poderiam identificar um possível espião. Mas, apesar dos cuidados, o comandante não podia diminuir a solidariedade do Batalhão para com os recém-chegados, o que aparece no relato do próprio comandante, quando da permanência dos retirantes em seu batalhão: "Lá vinha o Damasceno com um prato de mingau para uma criança, lá vinha o Camargo com pão e queijo para um velhinho e lá vinha o Azeredo com um chocolate para uma 'signorina".[553]

Também os doentes e feridos recebiam atenção por parte do sargento enfermeiro. Em certa passagem, Uzeda relata a chegada de uma menina ferida ao acampamento, pelas mãos da mãe.

---

[551] UZEDA, Olívio Gondin. **Crônicas de Guerra**. Rio de Janeiro: Bibliex, 1952.
[552] Ibid., p. 146.
[553] Id.

> Convidamos para que fosse conosco ao nosso posto-médico. Agradeceu. Insistimos. Relutou. A mãe, percebendo nossa intenção, interveio, e a jovem segura a mão que lhe oferecemos. Mas, como tremia! Tremia-lhe o braço fortemente, tremia-lhe o corpo todo! Parecia que a levávamos para a morte! Era o recalque! Eram as conseqüências do trato alemão.[554]

À medida que o batalhão ia caminhando, seguindo a retirada dos alemães que a cada dia ia se tornando mais amiúde, os soldados brasileiros eram recepcionados também por italianos que estavam estabelecidos, porque o perigo havia passado, e agora aguardavam com ansiedade a chegada das tropas aliadas. Foi o que aconteceu na pequena cidade de *Samone.* Passando por um colégio de freiras, o Batalhão de Uzeda pediu permissão para usar do alojamento, visto que os alemães lá haviam permanecido um bom tempo.

Rotineiramente, foram distribuídos alimentos, biscoitos e chocolates para as crianças que lá conviviam com as freiras. Os alemães haviam dito que os brasileiros eram bárbaros e selvagens, que traziam facas na boca, eram antropófagos. Entretanto, as madres de *Samona* encontraram, por parte do batalhão, carinho, respeito e consideração. Nesse colégio, bem como por onde batalhão passou, foram entregues vários produtos como café, açúcar, pão, sabão e carne, porque esses eram os artigos de que a população mais necessitava. Por muito tempo, Uzeda, já no Brasil, guardou a carta de agradecimento da diretora do colégio de freiras de *Samona* enviada ao Batalhão, logo no pós-guerra, que dizia:

> Há muito tempo desejava demonstrar a nossa viva gratidão, pela grande bondade e generosidade a nosso respeito, durante brevíssimo tempo que o senhor passou em *Samone*. Conosco, toda a cidade recordará a vinda dos bravos e bons brasileiros que aqui se impuseram com respeito e generosidade d'alma.[555]

Foram muitas as situações que colocaram os soldados brasileiros diante da população extremamente necessitada. Também o encontro com as famílias italianas que haviam permanecido próximas aos locais de combate criou possibilidades de convivência, consolidando laços de amizade, que perduraram não somente durante a permanência dos batalhões em algumas cidades, mas, em alguns casos, continuaram após o término da guerra. Nesse aspecto, os habitantes do vilarejo de *Gaggio Montano* recordam os brasileiros com carinho, assim como Giuseppe

---

[554] UZEDA, *op. cit.,* p. 146.
[555] Ibid., p.172.

Cechelli.

> Eu me recordo dos brasileiros. [...] Minha mãe fazia o café que eles apreciavam tanto antes de ir para o combate, rezavam muito. Como nós, eles tinham muita fé, mas eram também alegres, cantavam muito, as crianças gostavam de estar por perto. Meu filho mais velho recorda-se. [...] Não posso esquecer dos combates no Monte Castello, principalmente aquele do dia 21 de fevereiro de 1945.[556]

A família de Giuseppe não abandonou a casa durante o ataque ao Monte Castello, podia ver tudo o que estava ocorrendo. Ele mesmo relata o contato com as tropas norte-americanas e brasileiras que lá estavam estacionadas para ajudar no principal combate. As imagens dessas jornadas ficaram retidas em sua memória:

> Era possível ver o fogo cerrado sobre Ronchidoso. A nós, o que mais assustava não eram os tiros de canhões, mas sim as metralhadoras, porque vinham de todos os lados e atingiam as paredes da casa. Nós permanecíamos num abrigo mais abaixo da casa.[557]

Entre os acampamentos e os deslocamentos dos soldados pelo território italiano, muitos brasileiros fizeram os seus registros. São imagens longínquas, mas que permaneceram nítidas, com detalhes e nomes que deixaram recordações. Nesse aspecto, é necessário ressaltar a lembrança que os partigianos deixaram entre os comandantes e os soldados brasileiros. Os partigianos, como já se fez referência nesta pesquisa, eram italianos e suas diversas bandas, que o comando brasileiro costumava erroneamente chamar de guerrilheiros. Na verdade, não formavam um exército regular, mas haviam aderido à causa democrática, auxiliando os aliados de várias formas.

Da proximidade desses homens com o 1º Batalhão do Regimento Sampaio, o comandante major Uzeda destacou algumas anotações. Nesse registro, os homens são chamados de patriotas, um termo muito usado na Itália, ainda hoje. No relatório de Uzeda, os partigianos são lembrados como grandes auxiliares dos aliados, porque foram conquistando cidades, dificultando a retirada do inimigo, combatendo os fascistas, muitas vezes usando de força, de sabotagem e de emboscadas. Foram os conquistadores de Milão, Torino e cidades ao norte da Itália, no julgamento

[556] CECHELLI, *op. cit.*.
[557] Id.

sumário contra Mussolini, foram os responsáveis pelo seu fuzilamento e dos amigos fiéis em plena praça pública.

São muitos os relatos feitos por partigianos italianos que atuaram junto à tropa brasileira. Os pesquisadores Luciano Casali e M. Gabriele valorizaram essa participação em suas obras. Nessa perspectiva, os pesquisadores citados, por meio de entrevistas, resgataram algumas passagens históricas referentes a brasileiros e partigianos.

O que predomina nos depoimentos tomados por Casali são as frases ditas pelas testemunhas, os partigianos, e pronunciadas com muito afeto e grande simpatia em relação aos brasileiros. Nos confrontos em que participaram com aqueles estranhos soldados brasileiros – "que não sabiam combater, não se submetiam às ordens, mas procuravam sempre nas vizinhanças o apoio e a colaboração partigiana - havia quase um relacionamento que um irmão mais velho pode oferecer."[558]

Da brigada "*Folloni*", encontram-se as palavras de Ezio Bompani, explicando sobre uma patrulha partigiana e americana:

> [...] Nós havíamos dito (aos americanos) que era muita gente na patrulha, haveria muito barulho, para efetuarmos uma vingança com os alemães. Resolvemos separar os grupos e fizemos o tipo de um jogo. Quem retornasse mais rápido com mais prisioneiros, ganharia a aposta. Era uma patrulha feita durante o dia. Quando retornamos (os americanos) não haviam chegado ainda, trazíamos conosco alguns prisioneiros alemães. Quando retornaram, juntos vieram os brasileiros, a quem nós queríamos muito bem, nos faziam dar saltos de alegria.[559]

O então major Uzeda, em seu relatório, explica o quanto era difícil tratar com as forças partigianas, em função de elementos inseridos nestas brigadas, cujos ideais não comungavam dos estatutos partigianos. Em muitos casos, eram pessoas de má índole, que sacrificaram a posição dos próprios companheiros e, por esse motivo, criavam muitas desconfianças com suas presenças entre os brasileiros.

O comandante do 1º Batalhão é um dos poucos que faz referência à força partigiana, destacando o lado negativo do grupamento. Nesse caso, ele ressalta o caso episódico ocorrido na localidade de *Rocca Pitgliana*, conforme suas palavras:

---

[558] CASALI e BERNADOTTI, *op. cit.,*p. 538.
[559] GABRIELE, *op. cit.,*p. 106.

> Lá, herdamos um contingente de 90 *partigiani*, demos-lhes missões, mesclávamo-los com os nossos soldados. Um dia, eles alegavam armamento deficiente, outro que não possuíam roupa adequada, e, quase sempre, achavam tudo "*molto pericoloso*".[560]

As brigadas italianas recebiam agasalhos e tinham um reforço no armamento, mas, segundo o comandante, após organizar um grupo partigiano, vinha outro e mais outro, que necessitavam do mesmo auxílio e não se fixavam junto à tropa brasileira, muitas vezes desestabilizando os brasileiros, causando pânico em algumas patrulhas.

Mas, como em qualquer situação, não é possível generalizar o comportamento dos partigiani. O próprio Uzeda, mais tarde, rende homenagens a esses homens quando os encontrou em *Piacenza*, libertando a região do jugo alemão. Nas suas palavras, ressaltou: "Aí tivemos conhecimento do magnífico trabalho que realizaram. Vimo-los morrer, socorremos seus feridos, testemunhamos outro tipo de partigiani: corajosos e valentes". [561]

Outra grande vantagem que aproximava os brasileiros dos italianos era a religião. Mesmo sob bombardeio, os pequenos povoados italianos mantinham a tradição e as missas eram rezadas.

A assistência religiosa aos soldados brasileiros durante a guerra foi uma preocupação da FEB. Ainda aqui no Brasil, foi criada a Capelania Militar. Para a Itália, embarcaram cerca de 7 capelães católicos que receberam a patente honorífica de capitães e 16 capelães com a patente de tenentes, sendo 2 deles protestantes com o mesmo posto. Esses religiosos foram os responsáveis pela assistência religiosa, principalmente nos momentos que precediam a saída para uma missão mais delicada diante do inimigo. Muitas vezes, esses religiosos serviam de conselheiros em momentos de crises pessoais, bem como ajudavam na correspondência entre os soldados analfabetos e suas famílias. Assistiam aos moribundos que chegavam muito feridos ou após um combate de maior envergadura.

Em muitas passagens, os padres brasileiros são lembrados tanto pela população italiana como pelos próprios combatentes, quando descrevem suas passagens pelos campos da Itália.

---

[560] UZEDA, *op. cit.,*p. 190. N.A.: "tudo muito perigoso".
[561] Id.

Relendo as memórias de um capelão da FEB, é possível verificar que, mesmo em situação difícil, quando as cidades sofriam um forte bombardeio, a população não deixava de assistir à missa, o mesmo acontecendo com os soldados. A narrativa do capelão Jacob Scheneider, que, em dezembro de 1944, se encontrava na pequena vila de *Marano,* juntamente com a tropa brasileira, é exemplo de como se oficiava uma das missas nessas condições:

> Era o dia 8 de dezembro de 1944, festa da Imaculada Conceição de Nossa Senhora. A pequena cidade chamava-se Marano e ficava perto da estrada 64 (Porretana), muito visada pela Artilharia inimiga. Depois de 3 fortes bombardeios sobre a tropa brasileira, o padre Jacob Emilio deixou o refúgio para verificar se algo sucedera aos soldados. "Estávamos todos meio atordoados, mas ilesos, graças a Deus e ao "santo forte de cada um". As casas eram de pedra grossa, mas as granadas penetravam pelos telhados. [...] A convite do padre Antonio Poli, desde logo um grande amigo, me fez rezar missa, e ainda me convidou para o dia seguinte, festa da Imaculada.[562]

Os testemunhos italianos encontrados fazem referência à significativa lembrança dos brasileiros em relação à religiosidade. Neste caso, é importante reportar à entrevista concedida por Maria Marchi, uma das remanescentes da 2ª guerra Mundial e moradora da cidade de *Gaggio Montano*. Era sobrinha do pároco da cidade e conhecia todos os capelães brasileiros, porque a casa paroquial ficava bem ao lado da Igreja principal. Como a cidade era pequena e todos se conheciam, ela acompanhava diretamente a movimentação dos soldados brasileiros. Muitas vezes pôde participar das missas realizadas pelos capelães brasileiros. "A maior parte dos brasileiros era católica e assistia às missas". Ao descrever a situação da cidade durante os vários bombardeios, Maria Marchi enfatiza que a cidade estava quase vazia:

> As mulheres, jovens e crianças haviam abandonado o local, permanecendo apenas os mais velhos, que queriam cuidar de suas coisas. Era perigoso ficar ali [...]. Na época, eu tinha 20 anos e fiquei. Conheci todos os capelães que por ali passaram: [...] o capitão Leite, Francisco, Eloi [...]. A maior parte dos brasileiros era católica e assistia às missas, outros nem tanto [...].[563]

Nos dias que se sucederam entre o outono e o inverno italiano de 1944, praticamente o *front* estacionou e as operações bélicas tinham sido reduzidas

---

[562] SCHENEIDER, Jacob Emilio. **Vivência de um capelão da FEB.** Curitiba: Edições Rosário, 1983.
[563] MARCHI, Maria. **Entrevista.** Gaggio Montano, Itália, 30 jun. 2001.

apenas aos tiros de canhão e às missões de patrulhas. O frio anunciava-se com as chuvas torrenciais no mês de outubro, o que impedia a progressão dos Exércitos. A lama impedia a locomoção de viaturas mais pesadas e dificultavam também o deslocamento dos soldados em função da topografia acidentada dos Apeninos. Segundo os que vivenciaram esta fase, o frio do outono, às vezes, foi muito mais severo que o inverno em si. Foi em novembro e dezembro que o comando brasileiro, assistido pelo V Exército Americano, no empenho de agilizar a guerra, resolveu atacar o Monte Castello, o que ocasionou uma série de percalços e erros estratégicos prejudiciais à campanha da FEB Tema que será abordado no próximo capítulo.

Na retaguarda, os soldados que estavam nos acampamentos buscavam levar a vida de maneira normal. Muitos conseguiam licença para se aventurar nas cidades mais próximas. Outros, como os oficiais, eram encaminhados para descanso nas Termas de *Montecatini,* ou iam conhecer Florença e ficavam hospedados em um hotel a eles destinado. Outros, conseguindo carona, chegavam até Roma. Enfim, todos tentavam aproveitar um pouco, porque sabiam que, passado o inverno, novas missões seriam empreendidas na continuidade das missões sob responsabilidade para a FEB.

Nas aldeias, quem estava de prontidão buscava uma aproximação com as famílias italianas; e as belas *ragazze* (jovens) não passavam despercebidas. Também as jovens se encantavam com os soldados. Muitas, contrariando as determinações dos pais, participavam dos eventos sociais, geralmente organizados pela própria comunidade. Com a retirada dos alemães, o clima de um país ocupado se tornou um pouco mais respirável, com ares de liberdade e novidades que apareciam nas aldeias com os libertadores. Os soldados aliados conseguem um ambiente de maior diálogo com a população e a ideologia do fascismo vai ficando cada vez mais distante.

Relembrando o longínquo outubro de 1944, Caterina Gamberini diz da sua primeira impressão com a chegada dos soldados aliados à sua aldeia:

> No dia 5 de outubro de 1944, escutamos o barulho de veículos que chegavam da estrada. Não acreditávamos, parecia um sonho. Máquinas com motor? Da minha janela, víamos os *jipes* estacionando ao lado da

> casa."*Beautiful girls*", nos saudou um coro de jovens elegantes, sorridentes, briosos e cheios de vida.[564]

Na pesquisa italiana, fica evidente a mudança dos tempos que a chegada dos aliados proporcionou a uma Itália que, durante décadas, sofrera o domínio de um ideário fascista. A mulher, sob o jugo masculino dele, era considerada propriedade sem nenhum direito. No novo cenário proporcionado pela guerra, houve um abreviar das relações, que iniciou timidamente e foi crescendo, embora com dificuldades, porque uma cultura delineada anos a fio pelo fascismo ainda criava barreiras enormes por meio do cerceamento da liberdade feminina.

Os soldados que, na estação do verão italiano, mantiveram-se em barracas, como ocorreu aos brasileiros e americanos, agora, na proximidade do inverno, precisavam de melhores acomodações. Nesse aspecto, são ocupadas as residências que a população em fuga havia deixado, bem como as cantinas, os hotéis e restaurantes. O bombardeio cada vez mais pesado não permitia que os soldados ficassem expostos. Portanto, em algumas situações, as famílias que permaneceram em suas casas foram obrigadas a alojar os soldados que apareciam às suas portas.

Também os italianos vivenciaram esses momentos. O diário de guerra do morador Domenico Cassarini registra a situação da vila de *Castiglione dei Pepoli*, quando as notícias sobre a chegada dos soldados aliados ao povoado fervilhavam entre os parcos habitantes:

> [...] 28 de outubro, péssimo dia. Pela manhã, a notícia que chegou do comando aliado manifestava a intenção de que a cidade fosse evacuada para que as casas fossem ocupadas pela tropa. Com eles (os habitantes), aqueles que não haviam encontrado lugar para ficar (os retirantes) seriam encaminhados para *Arezzo.* Na tarde do mesmo dia, a notícia é atenuada no senso que em cada casa seria deixada um quarto para a família e a cozinha. O restante seria ocupado pelos soldados.[565]

A coabitação favorece o estabelecimento das relações de amizade, dando oportunidade de a população civil prestar serviços aos aliados, seja nos armazéns onde ficavam estocados os alimentos, ou trabalhando nas cozinhas e na

---

[564] GAMBERINI, Caterina**. Entrevista**. Di qual à sel Savena, Rastignano Bolonha, 1996, *apud* DALLA CASA, Brunella e PRETI, Alberto. **La montagna e la Guerra**: L' Appennino Bolognese fra Reno e Savena (1940-1945) Bolonha: Aspazia, 1999, p.343.

[565] CASSARINI, Domenico. **Passagio del front a Castiglione dei Pepoli 1944,** *apud* DALLA CASA e PRETI, *op. cit.,* p. 344.

organização dos uniformes - que eram lavados e passados pelas mulheres italianas. Tal situação ajudava a população a se abastecer de alimentos, de vestuário e de calçados para seus familiares, porque a Itália, com tantos anos de guerra, nada podia oferecer a esta população. Sem indústrias, não havia roupas, calçados, alimentos e remédios para se comprar.

Com a permanência dos americanos na região de *Porreta Terme*, os soldados organizaram clubes, que davam oportunidades à população de participar das apresentações de músicas, onde todos podiam também dançar. Conseqüentemente, se multiplicam os relacionamentos e as jovens são cortejadas, uma situação inusitada para as mulheres, inclusive as casadas, que, por força da guerra, se encontravam muito tempo longe dos seus maridos.

Foram muitos os casamentos realizados na fase em que os aliados permaneceram em território italiano, mas é difícil uma estatística precisa do número total dos matrimônios realizados. O que a pesquisa italiana revelou é que em apenas 3 casos ocorreram casamentos com os soldados oriundos do exército alemão, sendo pelo menos dois deles provenientes da Thecoslováquia e Holanda, incorporados depois à Wermacht.

O caminho percorrido pelos futuros nubentes não era fácil. Além da burocracia militar, eram envolvidas as paróquias administradas pela igreja, encarregadas de estudar os documentos dos candidatos ao matrimônio com as mulheres italianas. Os documentos percorriam distâncias enormes e, nesse caso, levavam-se meses para obtenção das respostas entre uma paróquia e outra.

FIGURA 9 – CENA DE UM CASAMENTO

FONTE: MIGNEMI (2000, p. 168)

Não se tem notícia no Brasil, com precisão, de quantos casamentos ocorreram entre brasileiros e italianas. A burocracia do Exército também não permitia que os soldados trouxessem suas noivas ou esposas. Muitos que lá se casaram só foram encontrar suas esposas quase um ano depois do término da guerra.

Um desses casamentos, por exemplo, do cabo Gediel Gripp com a italiana Íris Elme, foi muito atribulado. Ele a conheceu na comunidade de *Casalecchio di Reno,* com a sua família de retirantes, em 1944. O casamento foi realizado a distância, no dia 6 de julho de 1947. Ela, assistida por um padre, e ele, diante de um cartório público no Rio de Janeiro. Somente dois anos depois de terminada a guerra, foi quando ela pôde vir para o Rio de Janeiro juntar-se ao marido.

Em entrevista aos pesquisadores, Íris demonstrou o longo caminho percorrido por ela e seu noivo brasileiro, antes do embarque da FEB para o Brasil. Recorda-se de que, sabendo da presença de Zenóbio da Costa, comandante da Infantaria Brasileira na cidade de *Porreta Terme,* resolveram acorrer à autoridade brasileira, na tentativa da autorização para o casamento com Gediel. Segundo Íris, a receptividade foi péssima, porque o comandante, além de proibir qualquer iniciativa por parte dos noivos, mostrou-se frio durante as ponderações. Sabia-se também que os oficiais eram autorizados a ratificar seus casamentos, como aconteceu ao tenente Glauco

de Castro e sua noiva Silvia Capitani, que se casaram em *Gaggio Montano*. O que se percebe, então, é que a proibição do casamento valia apenas para os soldados da tropa.

A caminhada da recém-casada Íris Elme com o brasileiro Gediel Gripp seria digna de estar inscrita até em um grande romance. Como os documentos demoraram a serem aceitos, porque a própria Embaixada Brasileira não fez questão nenhuma de agilizar o processo dos nubentes, a comunicação entre o Brasil e a Itália foi resolvida por cartas. Nesse aspecto, outro problema surgia para Íris, porque não havia quem traduzisse as cartas enviadas por Gediel. Passados quase três meses do recebimento da primeira carta, um professor da Universidade de Padova se encarregou da tradução das missivas que foram chegando.

Íris Elme conseguiu consumar seu casamento somente em 1947, residindo na cidade de Volta Redonda, até a morte do marido, em 1996.

Alguns casos aconteceram e não existem dados concretos sobre o número de filhos italianos que nasceram e não tiveram o reconhecimento dos pais brasileiros. É o caso da jovem Loretta, nascida em *Granaglione,* em 1945, local onde se fixaram os soldados do 1º Escalão. Do pouco que sabe sobre sua mãe, esta teria ficado grávida no mês de abril de 1945, quando os brasileiros se retiraram da região por ocasião da Ofensiva da Primavera.

No relato de Loretta, seu pai chamava-se Giuseppe (José). Sua mãe, Ginevra, recebera do jovem brasileiro a promessa de casamento, mas com o término da guerra e o retorno da FEB para o Brasil, perderam-se os contatos. Envergonhada da própria sorte, Ginevra abandonou a família, deixando Loretta sob os cuidados dos avós. Dirigiu-se para Milão, onde foi trabalhar em uma fábrica de roupas. Algum tempo depois, morreu de uma infecção causada por peritonite.

Em entrevista concedida aos pesquisadores italianos, Loretta disse que seus tios, que a criaram, tentaram, enquanto ela ainda era criança, procurar pelo pai brasileiro, por meio do consulado brasileiro em Florença, mas o esforço foi em vão. Quando perguntaram a ela se em algum tempo tivera vontade de conhecer o seu pai brasileiro, ela respondeu que nada sabia dele e que nada queria saber. Também os acontecimentos referentes à sua mãe continuavam na obscuridade.[566]

---

[566] BARBIERI, Remigio. **Spose di Guerra**, *apud* DELLA CASA e PRETI, *op. cit.,* p. 357.

Dos poucos registros a que se tem acesso sobre o episódio das esposas italianas que vieram ao Brasil para encontrar os maridos brasileiros, a história de Rita da Silva pode ilustrar as dificuldades imensuráveis por que passaram essas mulheres. Com uma história de infância muito sofrida, ela criou-se em um abrigo para órfãos de guerra. Na juventude, conheceu o soldado João da Silva, no acampamento brasileiro da retaguarda, em *Staffoli*. Com a assistência prestada aos familiares, logo João tornou-se uma pessoa da casa. Como a guerra caminhasse para o final, José fez menção do seu desejo de casar-se com Rita.

A desconfiança que os familiares de Rita tinham em relação ao soldado João foi demonstrada por todos, principalmente por suas irmãs e parentes mais próximos, não tanto pela pessoa de João, por quem todos já tinham afeição, mas, segundo relato de Rita, o receio era por concordarem que ela fosse para um mundo novo, onde não conhecia ninguém e sabe-se Deus, se um dia poderia retornar à Itália.[567]

Como a FEB iniciava, em agosto de 1945, a junção dos regimentos e os preparativos do retorno ao Brasil, Rita e João trataram de agilizar o seu casamento.

> Assim, saímos procurar um padre, também porque o tempo era pouco e necessitava-se da licença do bispo. No dia 25 de agosto de 1944, pela manhã, nos casamos na Igreja de Santa Cristina. Não tinha sequer um vestido de noiva. Assim, organizamos um vestido comum: pegaram umas flores de laranjeira e colocaram nos meus cabelos e assim eu e Giovanni (João) subimos ao altar.[568]

Os navios brasileiros não podiam trazer as esposas italianas. No mês de agosto, os últimos soldados deixaram a Itália. Segundo Rita, momento de grande tristeza e desespero. Somente no mês de outubro de 1945, o navio Pedro II estava pronto para zarpar para o Brasil, conduzindo, entre outros passageiros, 54 mulheres italianas que partiam para o encontro dos seus maridos brasileiros. Rita recorda muito bem desse dia.

> Nos despedimos de nossos entes queridos. Um pranto convulsivo tomava conta do meu ser. Eu parecia viver um sonho irreal. Beijos, abraços, recomendações e o coração batendo forte. Não lembrava mais de quem eu

[567] GUALANDI, Fabio. Rita da Silva um silêncio que durou 50 anos. **Gente di Gaggio - Storia e Luoghi d'Appennino**, nº 15. Gaggio Montano (BO) Itália, 1997.
[568] Ibid., p.58.

> havia me despedido, eu olhava a amada terra e procurava imaginar como seria aquele mundo novo.[569]

No relato de Rita, é possível imaginar o que se passava na cabeça dessas jovens italianas. Nenhuma tinha muita certeza do próprio destino. Desconhecendo a língua portuguesa, muitas se perguntavam se os esposos as estariam esperando no porto. Após 20 dias de viagem, o navio chegou ao Rio de Janeiro. A alegria se estampava em cada rosto, quando da chegada de cada companheiro. Rita confessa ter sentido inicialmente um grande pavor, quando todos os viajantes, já em posse de suas bagagens se retiravam e João não chegava. Confusa, sem saber o que fazer, mas muito religiosa, fez uma prece e buscou ficar tranqüila. Eis que um *jipe* se aproximou do cais do porto, era seu marido. Este dia ela jamais esqueceu, era 30 de outubro de 1945. Os primeiros tempos não foram fáceis, relatou Rita: "Como a FEB não existia mais, havia sido desmobilizada mal os navios chegaram ao Brasil, os soldados foram abandonados à própria sorte. Empregos eram raros e os dois acabaram partindo para Recife, onde residem até hoje". [570]

Vários diários dos pracinhas fazem menção às belas garotas e eternas amadas. O sargento Miguel Pereira deixou seu testemunho gravado, hoje transformado em um livro biográfico editado após a sua morte, em 2003. Ele conheceu Giuliana Menichini em *Pistóia,* quando lá chegou junto à companhia de comunicações. A jovem tinha 16 anos e recorda como foi o primeiro contato com os soldados brasileiros.

> Não me lembro quantos chegaram às casas onde moravam e faziam pequenas festas. A dona de uma casa convidou todas as moças: "vamos,... são legais" - a gente era suspeitosa porque tinha histórias feias a respeito". Ainda segundo Giuliana, "aí, chegou o amor, mas não foi um relâmpago, e sim uma coisa muito sossegada. Ele era muito gentil, uma pessoa na qual logo se queria bem.[571]

A narrativa de Giuliana prossegue falando sobre seu noivado com Miguel Pereira em junho de 1945. "Ele tinha intenção de permanecer na Itália após a guerra e ficar encarregado pela administração do Cemitério de *Pistóia* local onde

---

[569] GUALANDI, *op. cit.,* p. 58.
[570] Id.
[571] INNOCENT, *op. cit.,* p. 234.

permaneceram por muitos anos os brasileiros mortos em combate".[572] Mais tarde, isso se tornou realidade: Miguel organizou e cuidou do campo santo brasileiro, papel que exerceu até a sua morte.

4.6.2 As Vilas: as famílias e a figura da *mamma*, laços de amizade que se fortificaram

Vivenciar o cotidiano das famílias italianas, foi algo que os combatentes brasileiros não esperavam. Nos relatos deixados, seja nos diários, nos testemunhos ou crônicas, as histórias foram inscritas, eram muitas vezes detalhes simples, amenidades do dia a dia. As cenas que ficaram congeladas na memória, insistiam em recordar nomes de pessoas e lugares, era como trazer o tempo de volta. No rol dessas lembranças, surgem as donas de casa, as mais idosas carinhosamente chamadas de *mamma*, os homens mais velhos eram os nonos, que lembravam muito os avós que haviam ficado no Brasil, as belas jovens não foram esquecidas, mas havia também as crianças, que na inocência da tenra idade, quebravam qualquer hierarquia na aproximação dos soldados. Eram pessoas muito simples que, mesmo sob os fortes bombardeios, não deixaram esvanecer a necessidade de estar juntos, de preparar a comida, de sentar-se à mesa, propiciando uma atmosfera familiar do qual o soldado brasileiro soube compartilhar.

Embora a guerra obrigasse o soldado a viver como itinerante, as lembranças ficaram retidas e se reportam aos pequenos vilarejos abandonados à própria sorte, onde muitas vezes a chegada de uma companhia inteira, cerca de 150 homens, poderia significar a redenção para quem precisava de tudo. Que motivação de júbilo para os habitantes, acima de tudo a sobrevivência em dias tão amargos. Alimentos, roupas e remédios seriam distribuídos, trazendo um alento para os dias tão conturbados.

Era o caminho da normalidade, do fim do caos provocado pelo esfacelamento do conquistador alemão, das execuções sumárias, da aragem de liberdade esperada há tantos anos. Mas, ao mesmo tempo, a guerra incutira nas mentalidades, o medo extensivo a qualquer estranho que se aproximasse.ao vilarejo, ou à sua casa. Ao receber os novos ocupantes, soldados de outras

[572] INNOCENT, *op. cit.,* p. 234.

nacionalidades, a desconfiança brotava a cada gesto ou palavra, denotando aos recém-chegados o estado lamentável em que se encontrava a população.

Os brasileiros passaram por muitas aldeias e casas pelos caminhos, onde teimosamente a população permaneceu, pagando caro pela insistência. Geralmente, o comando ocupava as casas e passava a coabitar com os donos da residência. A convivência era pacífica. São raros os casos registrados que mostram o contrário. No caos que emerge da guerra, as pessoas se unem e os gestos de solidariedade são conseqüentes e praticados de forma natural entre brasileiros e italianos. Muita dessa solidariedade foi digna de nota e, por esse motivo, ficou inscrita nas memórias.

Rubem Braga, correspondente de guerra e jornalista do *Diário Carioca,* registrou muitas das passagens, com descrições tão nítidas que reportam o leitor ao cenário presenciado. Era comum, como explica Braga, o *front* estar logo ali e as casas tomadas pelos novos inquilinos transformarem-se em quartéis generais. Pelas dependências da casa, se misturavam armamentos e equipamentos dos soldados. As camas provisórias, organizadas com cobertores, davam idéia do número dos ocupantes. Os mapas, espalhados sobre sacaria de batatas, indicavam um manuseio constante dos que preparavam as missões. Das panelas no fogão de lenha exalava o aroma agradável do alimento que estava sendo preparado e que seria servido a todos mais tarde. Tal situação trazia lembranças de casa, momentos raros de paz para quem enfrentava uma guerra. O calor irradiado pelo fogão era um convite para se aproximar, servindo de aquecedor para os usuários. Ao pé do fogo, os pracinhas se aqueciam do frio rigoroso que vinha despontando, e, de maneira trivial, se desenvolviam longas conversas, com os brasileiros usando um arremedo do italiano, mas todos se entendendo. Para os italianos, essa conversa informal, recheada de banalidades, significava *chiacherare*, ou seja, jogar conversa fora.

A chegada dos brasileiros significava, para muitas famílias, uma alimentação mais farta. Nos tempos apertados da guerra, segundo os moradores das vilas, em suas narrativas, mesmo nas montanhas de pedras como nos *Appenninos*, sempre havia um pouco de terra, que era bastante valorizada. Era possível aproveitar os frutos das castanheiras, que nasciam espontaneamente, com os quais se fazia a farinha, que as *mammas* (mães) utilizavam no fabrico de tortas e pães. As castanheiras tinham de ser muito bem protegidas, porque a fina camada de terra

sobre a pedra facilitava a erosão. Para protegê-las, os italianos construíam os corredores de pedra, que serviam também de divisores das propriedades. As casas feitas de pedra constituíam um estilo próprio que os italianos haviam herdado dos seus parentes ao longo dos tempos. Cultivava-se a batata, da espécie lisa e dura. Os animais eram criados no quintal: galinhas, porcos, gansos, carneiros. Mas, com a passagem dos alemães por essas aldeias, de repente, a população se viu destituída dos produtos essenciais, que foram levados, restando à população poucas chances de enfrentar o inverno de 1944.

O relacionamento dos brasileiros com os habitantes das casas era algo que ia acontecendo paulatinamente. O sargento Ítalo Diogo, que embarcou para a Itália junto ao 6º Regimento de Infantaria, deixou em seu diário registrada a passagem pelo pequeno lugarejo que se chamava *Fabricche*, quando cada pelotão ia em busca de um lugar para pernoitar. Ítalo foi acolhido pela família da senhora Zaira que aquela noite preparou para o seu grupo algumas castanhas assadas. No dia seguinte, como registrou em seu diário a 6 de outubro de 1944, acabou aderindo ao grupo de moradores que fariam uma incursão aos campos em busca de castanheiras.

> Depois de mais de 4 horas de caminhada, o meu grupo chegou a *Campolemisi. E*ncontramos a cidade praticamente vazia, porque todos estavam nos bosques à procura de castanhas. Era necessário abastecer as cozinhas, antes da chegada do inverno.[573]

Geralmente, os soldados brasileiros eram bem-vindos e o sargento Ítalo, em sua narrativa, destaca a recepção dos proprietários da casa onde ele permaneceu em *Campolemisi*: "A dona da casa é uma senhora muito boa, chamada dona Rose. Tomei logo amizade por todos, porque me trataram como um filho da casa. Passei a dormir numa cama de casal no segundo andar".[574] Os costumes brasileiros coadunavam com o jeito de ser das famílias italianas, principalmente as do sul do Brasil. Nas noites frias italianas, a conversa à beira do fogão transformava-se em uma rotina que era muito apreciada.

Lá, as conversas giravam sobre as famílias brasileiras e estas eram alvo da curiosidade dos italianos, que queriam saber muito sobre a terra brasileira, sobre os

[573] TAVARES, *op. cit.,* 2005, p. 60.
[574] Id.

costumes, sobre os pais dos soldados, sobre os que eram casados, sobre as esposas e seus filhos. Nas noites frias, na cozinha das casas, a vida prosseguia para brasileiros e italianos a contarem suas histórias, que se reportavam aos ausentes, aos mortos na guerra, ao dilaceramento da família italiana. Por outro lado, os brasileiros falavam sobre suas famílias, sobre as vivências nos campos e nas cidades e sobre a grandiosidade da pátria brasileira. As castanhas constituíam o ritual diário oferecido aos visitantes e soavam como: sejam bem-vindos, justamente daqueles que não tinham muito para oferecer. A variedade oferecida era grande: umas tinham o sabor um pouco acentuado e não apeteciam o paladar dos brasileiros. Dentre as mais apreciadas estavam as de qualidade *balote, monaline e borgatelli*.

Também as moças das aldeias faziam parte do ciclo de amizades e muitos diários destacam este convívio. Ítalo ressalta em seu diário a pessoa de Ana, uma jovem de 17 anos, muito bonita.

> Devia ter 1,50m de altura, olhos grandes e pretos, cabelos pretos e ondulados. Sua voz parecia um gorjeio. De vez em quando, ia com ela e a família colher castanhas. Porém, passava a maior parte do tempo conversando do que propriamente trabalhando. [575]

A vida social era uma necessidade entre os jovens soldados, mesmo na zona limítrofe do perigo, onde as missões delineadas eram executadas. Nessa perspectiva, buscavam os soldados o prazer da companhia das famílias e das jovens da localidade. Algumas aldeias, fora do alcance da artilharia inimiga, promoviam os bailinhos caseiros, que eram muito apreciados. Ítalo relata ter participado de vários desses encontros durante o mês de outubro de 1944. Na idade em que ascendiam as paixões, as namoradas são citadas diversas vezes nos testemunhos dos soldados. No caso do sargento Ítalo, duas italianas marcaram os tempos de juventude na guerra. A primeira era Ana, que ele deixou na cidade de *Campolemisi*, e a outra se chamava Adriana, que residia na pequena vila de *Fabbriche.*

As visitas às famílias faziam parte do ciclo social, aproximavam as pessoas. A rede familiar italiana, constituída por tios, tias, primos, avós era apresentada aos visitantes, selando votos de confiança e amizade, que, em muitos casos, perduraram

[575] TAVARES, *op. cit.,* 2005, p. 60.

mesmo depois da guerra. Os familiares ofereciam seu melhor vinho e queijo, que guardavam parcimoniosamente, com receio de uma investida dos alemães. Ítalo recorda a visita à casa dos avós de Adriana, que moravam próximo a *Fabbriche*, nos morros não muito distantes, no povoado chamado *Bovite*. Segundo Ítalo, foi muito bem recebido. A vida fugaz do soldado tinha de ser aproveitada ao máximo. Os deslocamentos eram constantes e nunca havia a certeza de um dia poder retornar a esses lugares.

As oportunidades de aproximação do soldado com a população civil ocorriam também durante as dispensas para descanso, quando podiam sair da rotina dos acampamentos ou das unidades militares em que se encontravam na frente de combate. O primeiro tenente Ruy Fonseca recorda que, durante a sua passagem pelo acampamento de *San Rossore*, visitando Pisa, no dia 22 de outubro de 1944, ao olhar o estrago que os bombardeios haviam ocasionado à cidade, refletiu sobre os combates que ali foram travados e pensou: "E dentro das casas? E por trás daquelas ruínas, quantos dramas vividos... pobre povo italiano e pobre Itália, o berço da civilização latina". O passeio solitário de Ruy pela cidade o conduziu até um bar bastante freqüentado. Notou que pelas calçadas havia muita gente, principalmente moças. Ao cruzar com um grupo de garotas, uma delas se dirigiu a ele:

> *Brasiliano*? - Si - respondi no meu incipiente italiano,... reforçando a resposta, mostrando-lhe o distintivo com a palavra 'Brasil' no meu braço. – *Credevo che sarebbe um tedesco*[576] – disse uma delas - Entendi a piada, que já tinha ouvido em Nápoles por causa do uniforme verde-oliva.[577]

Dos acampamentos às aldeias e pracinhas das cidades, o convívio com as pessoas ia se tornando usual. Ruy recorda de que a roupa para lavar não se tornava um problema muito sério para quem estava na retaguarda. As lavadeiras eram muitas. Nesse aspecto, os soldados não se apertavam. As mulheres italianas chamavam este tipo de prestação de serviço de "*da lavare*". A lavagem dos "*panini*" incluía de tudo um pouco, ou seja, a roupa de baixo, toalhas e camisetas, e tinha um preço módico para os soldados, que podia ser constituído por cigarros ou por uma

[576] N.A.: Acreditava que você fosse um alemão. A colocação da jovem procede, porque a cor do uniforme dos soldados brasileiros era idêntica dos soldados alemães, criando em vários lugares muita confusão. FONSECA, *op. cit.,* p. 92.
[577] Id.

scatolleta[578], que servia tanto para alimentar a família, como no mercado negro virava dinheiro, tão necessário nesta fase.

Em novembro de 1944, Ruy e seus companheiros ocupavam uma casa de *contadini*[579]*. O*s donos haviam permanecido no local e dividiam com os recém-chegados os cômodos da casa.

> Eles nos acolheram com simpatia e amizade. A família nos agrada muito e participa das nossas refeições, com a mesa posta e tudo. Mas logo que começa o bombardeio, eles somem, vão para a cantina, uma espécie de adega abaixo do nível do solo, e lá ficam quietos rezando.[580]

Também o diário de Miguel Pereira destaca as primeiras impressões que as famílias italianas deixaram, quando os soldados passaram pelos povoados de *Riola, Montese e Gaggio Montano*. As suas anotações dizem sempre da cordialidade nesses encontros: "As famílias nos acolhiam, não falávamos italiano, mas trazíamos coisas que tínhamos: leite, pão excelente, muita carne de peru, que nos davam a cada dia". Nos dias frios, recebidos nas cozinhas das casas, os brasileiros juntavam-se aos proprietários para aquecerem-se nas lareiras.

Em *Gaggio Montano*, quando os soldados se preparavam para atacar o Monte Castello, Miguel Pereira disse ter chegado à casa do senhor Marchioni, que, dias antes, havia perdido o filho fuzilado pelos alemães. A sua esposa chamava-se Pia. Ainda ressentidos pela perda violenta, receberam os brasileiros com o maior carinho. Muito comovida, a dona da casa chamava Miguel de "meu filho" e, apontado para o quarto que ficava ao lado da sala principal, disse-lhe "este era o quarto do meu filho que morreu há poucos dias, você pode dormir na cama dele".[581]

Segundo o testemunho de Miguel Pereira, os brasileiros deixaram na região, em particular em *Pistóia*, uma imagem de muito calor e humanidade, por não utilizarem o comportamento nem as prerrogativas de uma força de ocupação, por não oprimirem as famílias. Ainda, em suas lembranças, escreveu:

---

[578] N.A.: *Scatoletta* eram caixas de ração, que continham produtos necessários para alimentação em frente de combate. Podiam conter: queijo, presunto, bolacha, chocolate, cigarro ou carne enlatada.
[579] N.A.: Os contadini eram os lavradores que habitavam o interior da Itália.Os grupos eram constiuidos por pessoas muito simples, logo cativaram os soldados brasileiros e são destacados em muitas lembranças.
[580] FONSECA, *op. cit.,* p. 101.
[581] INNOCENT, *op. cit.,* p. 232.

> A guerra não é como a gente acha, a gente combatia por duas semanas e depois tinha dez dias de folga. Terminada as duas semanas, a gente vinha para *Florença, Pistóia* ou *Pisa*, para descansar, era obrigatório. Minha primeira folga foi em *Pistóia*. Vi esta loirinha na janela, minha esposa era lindérrima (referindo-se a Giuliana).[582]

A longa permanência fora de casa, para os soldados, foi uma experiência inusitada. A vida monótona nos acampamentos, a situação de dormir muito mal nas barracas, sentir o outono italiano, as chuvas que inundavam tudo, praticar exaustivos exercícios, conhecer novos armamentos, e a falta de notícias do Brasil provocavam nos jovens soldados o desejo enorme de sair dessa conjuntura. Não é possível esquecer a idade da maioria dos soldados brasileiros, todos com cerca de 20 anos, a idade da curiosidade e dos desafios, principalmente para aqueles que eram provenientes da zona rural e viam, mesmo na passagem das cidades italianas destruídas pela guerra, uma possibilidade de conhecer um mundo diferente do seu, que havia ficado para trás. Tudo tinha também um sabor de aventura para esses rapazes.

Muitos, no contato com as famílias italianas, buscavam lembrar dos parentes que haviam ficado no Brasil. Neste sentido, buscavam uma aproximação das crianças carinhosamente, principalmente os que eram casados.

O diário do tenente Ruy Fonseca retrata, muito dos seus contatos com as famílias italianas, ao tempo em que deixava transparecer muita tristeza. Ele havia perdido a esposa um pouco antes da participação do Brasil na guerra e, na situação de viúvo, havia deixado dois filhos pequenos com os familiares, ao embarcar no 2º Escalão da FEB Pessoa muito sensível e religiosa, constantemente faz menção às missas a que assistia, e, nessas condições, com mais experiência, longe da Pátria e dos filhos, transpassa nos escritos, o sensível relacionamento com as famílias italianas com quem conviveu.

Em novembro de 1944, se encontrava no acampamento de *Filitolle*, próximo à cidade de *Lucca*, onde ficava o quartel general de Mark Clark, segundo Ruy, o marco zero da entrada do seu grupamento na guerra, que fora marcado pelo desconforto das chuvas. Para os tenentes, como ele, cabia a missão de controlar o andamento do cotidiano do local, entre as pessoas que ali circulavam, no caso, centenas e milhares de homens. Do lado de fora, circulavam também famílias

[582] INNOCENT, *op. cit.,* p. 234.

italianas, em busca de algo que pudesse ser revertido em benefício da sobrevivência. Procuravam por cigarros, caixas de ração, ou qualquer outra coisa que pudessem carregar. Também apareciam as *signorinas*, que desejavam "*far l' amore com gli brasiliani che sonno tutti buona gente.*"[583]

No policiamento que os brasileiros faziam às cidades próximas aos acampamentos, Ruy não deixa de registrar, em *Vecchiano,* o que ia no seu coração:

> [...] meu pensamento escapa e me transporta para o Brasil, a pátria que só agora sei que amo. Recordo-me dos dias felizes que lá passei com minha querida morta e meus queridinhos. Recuo mais no passado e vejo meus pais e meu irmão, bem como todos os percalços que enfrentei e venci. E, eis o que conquistei, sou um candidato a carne para canhão.[584]

Muitos brasileiros, assim como Ruy, diante dos acontecimentos que iam vivenciando em território italiano, tinham a mesma perspectiva em relação à participação brasileira na guerra e registraram com veemência suas críticas. Elas tinham não somente o teor de desabafo, mas apontavam para uma reflexão mais apurada, como um balanço da participação brasileira na guerra, de quem percebia pouca perspectiva de reconhecimento do esforço realizado pela FEB.

As críticas diziam respeito às fragilidades dos preparativos da FEB para embarcar para a Itália e ao pouco adestramento dos soldados, tanto no Brasil como na Itália, o que provocou a sensação de os soldados não estarem preparados para o enfrentamento de grande porte, diante de uma máquina de guerra sofisticada para a época e de um inimigo aguerrido. Esta crítica aparece em muitos depoimentos, principalmente entre os oficiais e soldados que possuíam um melhor nível cultural.

Do cotidiano dos soldados brasileiros, as cartas que iam e vinham foram consideradas como os momentos mais prazerosos da FEB, pela expectativa que elas criavam. Tal manifestação é possível ser observada em vários diários. No caso do tenente Ruy, embora estivesse na Itália, desde setembro de 1944, somente no dia 8 de novembro teve notícias dos familiares.

> Recebi as primeiras cartas de casa: três. Minhas mãos tremiam ao apanhá-las. Abri primeiro a da minha mãe. Cartas devem ser todas iguais, porque todas amam seus filhos, do mesmo modo, saudade, recomendações,

[583] N.A. Em italiano: 'Que desejavam fazer amor com os brasileiros que eram tudo 'boa gente', esta última é um expressão italiana, usual, para referir-se a uma pessoa de boa índole. Pela aproximação dos italianos e brasileiros durante a guerra, acabou por ser incorporada aos diálogos de referência.
[584] FONSECA, *op. cit.*.

> cuidados, notícias, tudo nessa ordem. Li e reli, primeiro com pressa, depois mais devagar, depois lentamente, nas entrelinhas, algo que pudesse conter. A segunda do meu ex-sogro, dava notícias dos meus filhos, dos parentes em geral. A última, finalmente, consistia em uma folha de papel cheia de desenhos e garatujas e desenhos de meus queridos: barquinhos, casas, bandeiras, e, por baixo de tudo, alguém guiara-lhes as mãozinhas para escreverem a palavra 'papai'.[585]

Muitas vezes, o serviço do correio atrasava a entrega da correspondência aos soldados, o que acarretava momentos instigantes, porque, além desse problema, às vezes as cartas mais recentes eram entregues antes das mais antigas. Por essa razão, as notícias tinham de ser entendidas como um quebra-cabeça.

Francis Hallawell, correspondente da B.B.C., durante o período em que permaneceu entre os brasileiros, fez uma estatística sobre a maneira como os soldados se correspondiam com seus familiares. Segundo seu levantamento, o meio mais utilizado era o telegrama, que custava torno de 60 liras, ou seja, em torno de 12 cruzeiros. Essas mensagens versavam sobre os seguintes assuntos: correspondência, saudações de Natal, Ano Novo, saúde, promoção, dinheiro, felicitações e outros. Como havia censura prévia, dispunha-se de 124 frases prontas, dentre as quais o remetente podia escolher três para dar o recado que desejava. É possível imaginar a confusão que muitas das frases prontas acarretavam. O remetente, no balcão do correio, indicava o número da palavra. Hipoteticamente, quem pretendia mandar um recado dizendo que estava bem de saúde e desejando feliz Natal: saúde (22), cidade (20), Natal (32). Os números fornecidos eram deixados com o telegrafista, que, por conta e risco, juntava os números. Como as mensagens chegavam ao Brasil? É possível imaginar.

Tal serviço não agradava ao usuário, mas era algo que podia ser feito, na ânsia de manter contato com os familiares. Frases cifradas, escolhidas às pressas, pelo numero indicado, não correspondiam exatamente ao que se queria dizer e talvez não fossem compreendidas por quem as recebeu.

Se telegrama era um meio lento de levar as notícias até as casas, as cartas, por sua vez, tinham uma demora muito superior. Segundo muitos, levavam de vinte dias a um mês para chegar ao destino. Mas nada se igualava, segundo os combatentes, ao momento da chegada do correio até um acampamento. Para quem estava na retaguarda, ou para os que estavam na zona limítrofe do inimigo, de

[585] FONSECA, *op. cit.,* p. 77.

acordo com Francis Hallawell em suas observações, a frase mágica, 'chegou o correio', criava entre os homens uma aura contagiante de alegria ou de tristeza: "é uma frase que mobiliza mais gente que qualquer ordem de general aliado ou inimigo. A cara do sujeito que não recebe carta nesse dia é de naufrágio. O sujeito se sente abandonado em uma ilha deserta". Outros, mais entusiasmados, lêem suas cartas para os que estão mais próximos, piorando a situação daquele que nada recebe.[586]

As cartas, geralmente eram postadas nos envelopes do correio brasileiro, facilmente identificados, pelas bordas verde-amarela, ainda hoje, no mesmo padrão, mas identificados naquela época pelo carimbo impresso no verso: Serviço Postal da Força Expedicionária Brasileira – FEB.

As cartas dos familiares que estavam no Brasil, constituíam motivo de grande felicidade para os filhos e, geralmente, enfocavam recomendações, principalmente das mães, mostrando sentimentos de grande esperança pelo retorno do ente querido. Durante todo o período da guerra, o sargento Odayr da Costa Andrade, de Curitiba, que havia partido para a guerra no quinto escalão da FEB em fevereiro de 1945, manteve correspondência constante com sua mãe, cujas cartas guardou ao longo dos anos, perfazendo uma coletânea de 31 exemplares. Em todas elas, percebe-se o carinho devotado ao filho, as preces dirigidas aos santos protetores, as recomendações sobre os cuidados com a saúde e as notícias dos irmãos, parentes e amigos que haviam ficado em Curitiba.

> Meu saudoso filho Odayr. Que ao terminar o ano de 1944, sejas feliz e no próximo de 1945 seja mais feliz em estar em nossa companhia e que venhas vitorioso e satisfeito de ter sabido defender a nossa pátria com bravura. Que Deus te proteja e te faça muito e muito feliz, porque merece como bom filho e amigo de sua mãe. O meu começo de ano será voltado para aí e para o teu retrato do qual não deixo um só momento de olhar e beijar já que não posso fazer diretamente, mas tenho a certeza que me sentes sempre junto de você, porque sempre estou imaginando o que estará se passando. Tenha fé em nossa senhora do Rosário que logo estarás de volta, para então podermos dar graças a ela por tão grande milagre.[587]

Em razão da censura, as cartas chegavam cortadas e, muitas vezes, quem as recebia era obrigado a tentar organizar o jogo das palavras que levasse a uma

[586] HALLAWELL, Francis, *apud* BRAGA, *op. cit.,* pp. 61-62.
[587] ANDRADE, Argentina. **Carta**. Curitiba, 31 de dezembro de 1944.

compreensão. Todos eram instruídos a não citar os lugares onde se encontravam, até por uma questão de segurança do próprio remetente. Isto valia para as cartas que saíam da Itália. As cartas que iam do Brasil para a Itália eram abertas pela censura, mas não sofriam o corte radical como as que eram enviadas pelos soldados.

O tenente médico Massaki Udiharam, cujo grupamento, nesta fase, estaria nas proximidades de Granaglione, trata desta questão em seu diário: "Ontem recebi 3 cartas. Hoje, 6. Essas cartas servirão depois para evidenciar o serviço da nossa censura. Um trabalho que não só causa nojo, como revolta".[588] As cartas chegavam todas esburacadas, como uma "rede". Na visão de Udihara, eram cortadas coisas insignificantes como datas, nomes de pessoas, locais, citações de comemorações escolares, dentre outras. "Tem-se a impressão de que tudo que lhes desagrada é cortado".[589]

As críticas de Udihara procedem, porque muitos reclamavam da mesma situação. Em certos casos, como contam os combatentes, havia mesmo um exagero da parte dos censores. O tenente Ruy Fonseca, no dia 13 de janeiro de 1945, faz referência a essa situação entre os companheiros. "Recebi diversas cartas, sendo duas da minha mãe, e por isso estou contente e feliz, tanto quanto se pode estar aqui. Também muitos soldados do pelotão receberam correspondências e é bom, quando todos estão eufóricos e alegres".[590] E, na continuidade do registro, escreve:

> [...] como não há felicidade completa, alguns receberam as cartas com recortes da censura e, é claro, não gostaram e xingaram os censores do Serviço Postal da FEB dos piores nomes em português e italiano. É preciso explicar-lhes que eles, da censura, tem um dever a cumprir. É o que faço, sem muita convicção.[591]

Apesar dos contratempos dos recrutas com os telegramas que saíam da Itália, das cartas que demoravam mais de um mês para chegar ao destinatário, ou das que vinham como uma "rede", cheias de furos por obra da censura, como disse o tenente Udihara, esse era o momento mais feliz para os soldados brasileiros. Como era bom ser lembrado, sentir-se querido pela família, parentes e amigos. Nos depoimentos, nada se iguala a essa alegria interior, vivenciada por muitos

[588] UDIHARA, *op. cit.,* 2002, p. 127.
[589] Id.
[590] FONSECA, *op. cit.,*p. 117.
[591] Id.

combatentes. Era como estar junto dos entes queridos novamente, sentir a pátria já não tão distante e ter esperanças do breve retorno.

4.6.3 O pracinha velho de guerra enfrenta a neve

COM OS PÉS GELADOS

Que culpa tenho eu de ter nascido
Em terra cuja lua é reluzente?
Que culpa tenho eu de ter vivido
Em pátria cujo sol é tão ardente?
Que culpa tenho então de haver mudado
O rótulo do paradeiro?
Não sou acaso um nobre e bom soldado,
Não sou, por certo, um simples brasileiro?
Saudades hei de ter da minha terra.
Saudades hei de ter do seu calor
Nos dias que vivemos nessa serra.
O que porém, não gosto é deste frio...
Não sou nem 'pingüim' nem 'urso branco'
Eu sou da terra quente, eu sou do Rio.
Zé Carioca.[592]

Os soldados brasileiros provenientes do 1º e 2º escalões que chegaram à Itália, de início, vivenciaram um clima melhor: o verão já estava no final e o outono havia se pronunciado com muita chuva e muito frio, o que aumentava a expectativa em relação ao inverno que se aproximava já no final do mês de novembro.

O terceiro Escalão da FEB, recém-chegado no início do mês dezembro, encontrara temperaturas nunca vistas no Brasil. Em função da experiência adquirida pelos escalões anteriores, esses homens mostravam maior organização: as barracas de lona verde não estavam plantadas no chão, mas sim suspensas, como toldos em cabanas de madeira, assoalhadas e forradas de papelão. As barracas eram para dez homens; as camas, construídas sob giraus armados, buscavam trazer um pouco mais de conforto para os homens, que, aos poucos, iam se organizando contra o frio que prometia ser rigoroso.

Improvisavam-se aquecedores com latas de gasolina e chaminés eram armadas com latinhas de comida. Cada qual tentava tornar o seu ambiente melhor. O campo de instrução ficava nas proximidades e um cinema dentro do

[592] JORNAL O CRUZEIRO DO SUL, primeiro de fevereiro de 1945.

acampamento distraía o pessoal passando filmes educativos. Deste acampamento, partiriam as patrulhas que formavam uma nova modalidade de combate, justamente no período em que o *front* ia permanecer estacionado e os carros de combate não conseguiam subir as montanhas pela lama que se formara nos caminhos e, mais tarde, pelo acúmulo de neve que impedia a passagem.

Segundo registros, as temperaturas ficaram em torno de 17 graus abaixo de zero. O reforço dos uniformes para tão baixas temperaturas veio dos americanos, que assistiam não apenas à tropa brasileira, mas também aos diversos grupamentos norte-americanos. Os brasileiros utilizavam o uniforme de lã que haviam trazido do Brasil. Nos pés, usavam, além do *combat boot*, uma bota de couro reforçada - uma galocha de borracha para impedir a umidade nos pés -, e, como agasalho, a *field jacket* - a jaqueta de campo, que era impermeável e forrada com lã, protegendo os recrutas das intempéries, principalmente quando os homens se expunham em tempo aberto.

Na cabeça, geralmente, por baixo do capacete, usavam-se gorros de lã ou de pele *astrakan*, que protegiam a cabeça, orelhas e rosto. Muitos desses acessórios invernais foram enviados pelas famílias brasileiras e especialmente pelas madrinhas de guerra. As luvas de lã verde-oliva, ou de couro, protegiam os dedos contra o congelamento. As fotografias da época revelam um pouco da miscelânea dos uniformes dos brasileiros na época. Embora os oficiais tentassem padronizar o uniforme de inverno, muitos se protegiam a seu modo. Os flocos de neve começaram a cair em abundância, no final de dezembro de 1944, e mostravam uma paisagem diferente para esses homens.

Os jornais do Rio de Janeiro davam informações sobre as condições do terreno onde combatiam os brasileiros nesta fase do inverno. Embora houvesse um sigilo sobre a localização das tropas, o correspondente de guerra Henry Bagley, da A.P., com ramificações nos jornais cariocas, destacava o front inóspito para os americanos e brasileiros localizados nas proximidades de Bolonha. A manchete de capa ‘Sob a neve, a chuva e a lama’, dizia respeito ao difícil terreno onde a FEB estava combatendo. Tratava-se dos Apeninos, a 32 quilômetros de Bolonha, quando a tropa brasileira estava estacionada na cidade de Porreta Terme. O correspondente Bagley chama a atenção para algo que, segundo ele, era uma temeridade: ”Não há

dúvida de que os alemães conhecem as novas posições brasileiras".[593]

Ao noticiar tais informações, os jornais criaram muita apreensão entre os familiares no Brasil. Na dificuldade de aguardar as cartas provenientes da Itália, quer seja pela censura, quer seja pela demora dos correios, muitos buscavam as informações pela imprensa. Esta era a preocupação de D. Argentina, mãe do sargento Odayr, em uma das suas missivas enviadas no mês de novembro de 1944, na sua 31ª carta: "Tenho acompanhado tudo pelos jornais do Rio que tenho comprado, porque a assinatura só vem do dia primeiro em diante".[594]

Nos diários, há sempre um destaque para o momento das primeiras nevascas. O sargento Edgard Eckert registra esse instante quando ainda se encontrava na cidade de Porreta Terme: "O dia amanheceu chovendo levemente. Não tardou, a chuva transformou-se em neve. Belo espetáculo! Nevava com tanta intensidade que, em poucas horas, o tapete de neve sobre a terra atingia meio metro de espessura".[595] Para sair nas patrulhas, havia também a preocupação de se proteger dos atiradores de elite alemães. Neste caso, os soldados usavam um abrigo de camuflagem branco com capuz que se sobrepunha ao capacete. Os *combat-boot* foram deixados de lado, porque, com o uso das meias grossas, apertavam muito os pés e podiam ocasionar o chamado "pé de trincheira".[596]

O soldado Joaquim Silveira lembra também do dia em que os uniformes de inverno foram distribuídos:

> Era deveras engraçado ver aquela moçada de luvas, uns andavam de dedos abertos, outros não as tiravam nem para tomar sopa e, por fim, houve um grupo mais reduzido que gostou tanto das luvas, achando-as tão bonitas que resolveu não usá-las. Foram guardadas religiosamente.[597]

---

[593] A NOITE, Rio de Janeiro, 7 de janeiro de 1945.
[594] ANDRADE, *op. cit.*.
[595] ECKERT, *op. cit.,* p. 145.
[596] N.A.: Pé de trincheira era um mal físico que acometia o soldado. Tal fenômeno ocorreu tanto ao soldado brasileiro, como ao norte-americano. Como o *combat boot* apertava muito os dedos dos pés, havia o grande perigo do congelamento dos dedos, por falta de circulação. Tal situação tirava o soldado da frente de combate, o mesmo era obrigado baixar hospital e amputar o membro ofendido. Esse soldado não retornava mais à frente de combate. Os brasileiros, usando de criatividade, aboliram a bota que asfixiava os dedos, passaram a utilizar mais a galocha, que era preenchida por dentro com capim ou pedaços de tecido, garantindo assim a mobilidade dos dedos e mantendo os pés aquecidos, sem o pé de trincheira.
[597] SILVEIRA, Joaquim Xavier da. **Cruzes Brancas:** o diário de um pracinha. Rio de Janeiro: José Álvaro Editor, 1963*,* p. 71.

Tais complementos eram de boa qualidade, diferentes dos provenientes do Brasil, mas não se tratava de doação dos americanos amigos. Saíram, sim, todos da Intendência norte-americana, mas foram pagos pelo governo brasileiro, como ressalta Joaquim Xavier: "Os agasalhos 'pagos' eram ótimos, material americano, bem acabado e de boa qualidade".[598]

Na cobertura que estava fazendo da guerra na Itália, *O Globo* informava aos seus leitores sobre o período difícil proporcionado pelo inverno às tropas brasileiras. Tais notícias eram acompanhadas não apenas pelos cariocas, mas também pelos familiares dos soldados que moravam em outros estados, geralmente assinantes dos jornais, que viam na imprensa uma maneira mais rápida de serem acessadas as informações sobre a guerra. As notícias do correspondente Egydio Squeff geralmente vinham por via área, e, a partir de *O Globo,* eram repassadas aos jornais coligados.

Das suas impressões e dos testemunhos colhidos na época, é possível verificar como os soldados brasileiros reagiam às dificuldades apresentadas, seja pelo frio quase insuportável, seja pela presença constante do inimigo experimentado: sempre pronto a desferir golpes precisos, na tentativa de ganhar posições perdidas, a surpreender os postos de comando avançados, a assegurar presença nos pequenos povoados e a garantir as posições do alto do Monte Castello, impedindo, desse modo, qualquer audácia por parte das tropas aliadas em direção à estrada Porretana 64 e à conquista de Bolonha.

Muitas patrulhas que não podiam abandonar suas posições a fim de manter as linhas já conquistadas abrigavam-se nos *fox-hole*, que eram buracos cavados no chão ou nas encostas dos morros. Para poder aquecer-se em lugar tão improvável, organizava-se um aparato rudimentar com galhos, pedras, tijolos, construindo um piso provisório para que os pés não tocassem o piso gelado. Tais providências protegiam o lugar de possíveis avalanches. As armas eram colocadas de forma estratégica para que pudessem ser utilizadas tanto na defesa como no ataque a patrulhas inimigas.

As notícias sobre os soldados brasileiros e a pouca movimentação dos homens no *front* estacionário eram enviadas pelos correspondentes de guerra. Egydio Squeff, de *O Globo*, em contato com alguns desses homens, buscou informar

[598] SILVEIRA, Joaquim Xavier da. **Cruzes Brancas:** o diário de um pracinha. Rio de Janeiro: José Álvaro Editor, 1963, p. 71.

os leitores brasileiros sobre o trabalho difícil das sentinelas avançadas. Sob o título de capa “Heróis Solitários”, destacou as qualidades dos soldados da FEB, empenhados em executar a difícil missão de ficar à espreita do inimigo. Nesse aspecto, apontou pontos relevantes dessas personagens, ao enaltecer a inteligência, a intuição, a sensibilidade, o espírito de improvisação, a rapidez e iniciativa na resolução de situações que dependiam unicamente delas. Essas sentinelas eram responsáveis pela segurança dos demais, ou seja, de quem estava na zona limítrofe entre o inimigo e a ’terra de ninguém’. Não longe do pequeno reduto do *fox hole*, estavam os batalhões e suas companhias, os pelotões e os acampamentos de retaguarda, o que exigia um esforço dobrado de atenção dos responsáveis pelo setor.

Egydio Squeff, em uma das entrevistas com um soldado, pergunta como vive a sentinela no front. Este responde

> Vive dentro do *fox-hole* e o *fox-hole* vive dentro da noite. Principalmente na primavera, o *fox hole* pode ser até o balcão de Julieta. As estrelas, o cheiro silvestre, a lua recortando no buraco desenhos surrealistas. Mas no inverno, o *fox-hole* é apenas um *fox-hole*. A neve caindo não lembra fios brancos de seda, lembra somente a neve. E o inimigo que pode surgir a cada momento.[599]

Das sentinelas que permaneceram nesses locais, o testemunho de Vitório Zen, paranaense, de 24 anos de idade, que havia chegado à Itália no primeiro escalão, é esclarecedor: “A neve cai de todos os lados. Não há capuz de lã que defenda. Às vezes tem neve e depois chuva na mesma hora. E a gente tem de estar de olho aberto, porque o tedesco é traiçoeiro”.[600]

O soldado Vitório explica como é viver dentro do *fox–hole*, juntamente com outro companheiro. Não havia possibilidade de conversar, porque o silêncio era vital para a segurança. Não era possível fumar. Segundo o seu testemunho, “a tentação era grande, mas a gente fica firme”.[601]

O *fox-hole*, cavado no chão, em um dos seus modelos, se constituía por um espaço mínimo para dois homens. Lá dentro, cobertores, palhas ou feno ajudavam a conservar a temperatura corporal dos homens. Os incômodos galochões eram tirados e os pés enrolados nas mantas ou em tiras de cobertores. As situações de

[599] JORNAL O GLOBO EXPEDICIONÁRIO, Rio de Janeiro, 17 de janeiro de 1945.
[600] N.A.: Tedesco era como os italianos e os brasileiros chamavam os soldados alemães.
[601] JORNAL O GLOBO EXPEDICIONÁRIO, Rio de Janeiro, 17 de janeiro de 1945.

higiene eram precárias, e os homens, diante das necessidades fisiológicas, tinham que se expor ao tempo fora do abrigo. Banho era algo impraticável para essas patrulhas na zona limítrofe com o inimigo. Muitos ficaram até 30 dias sem água para uma higiene mais completa. A aparência dos soldados não era boa: barbados, com suas roupas emporcalhadas pela lama e gelo, no ato de se arrastar. Causavam má impressão aos curiosos que ficavam na retaguarda.

Muitas amizades foram seladas nessas trincheiras. O paulista Dorival Soares Silva e o paranaense Vitório tornaram-se bons companheiros durante a permanência de sentinela em uma das frentes brasileiras, próximas ao Monte Castello. O primeiro, quando perguntado sobre a situação de viver dentro da pequena trincheira, respondeu: "A gente nem pode mastigar. Só chiclete e, assim mesmo, com muito cuidado. A única diversão é olhar a patrulha que não se vê... Tudo é neve, um frio de amargar. O tedesco dizia que brasileiro não agüenta frio. Agora ele está vendo".[602]

Também o soldado Alberto Bonfim dos Santos, baiano, de 22 anos de idade, recorda como em uma dessas sentinelas aprisionou dois alemães:

> Estava como sentinela avançada quando atacamos Monte Castello. De noite, parece que 'a orelha ouve mais'. Escutei um estalinho e me virei. Então, vi dois tedescos que se aproximavam. O buraco onde eu estava tinha folha por cima. Só a minha cabeça de fora. Eles não me viram e eu fiquei quieto, eu estava com fuzil na mão já de baioneta calada. De repente, saltei e encostei a baioneta nas costas do alemão, como tinham me ensinado no Rio. Eles gritaram umas coisas que não entendi e levantaram os braços.[603]

Esta fase do inverno italiano foi considerada pelos analistas como o pior momento da guerra para os brasileiros, o "novo e poderoso inimigo dos nossos soldados", conforme publicou *O Globo* no mês de janeiro. Segundo Squeff, "a neve e o frio hibernal começaram com impiedosa precisão a 21 de dezembro e desceram sobre as zonas de combate".[604] Uma visão inusitada se apresenta aos brasileiros. Pela primeira vez, muitos tinham a neve ao alcance dos seus olhos e das mãos. As fotografias tiradas na época registram raros momentos da tropa brasileira, uma lembrança que jamais seria esquecida. Segundo *O Globo*, uma alegria contaminou a tropa e alguns arranjaram esquis para distrair-se e esquentar o corpo, ao mesmo

[602] JORNAL O GLOBO EXPEDICIONÁRIO, Rio de Janeiro, 17 de janeiro de 1945.
[603] Id.
[604] JORNAL O GLOBO, Rio de Janeiro, 23 de janeiro de 1945.

tempo em que iniciaram uma aprendizagem que lhes seria útil nas operações futuras.

Mas a surpresa e ingênua alegria diante do espetáculo maravilhoso proporcionado pela neve, seria, em breve, substituída pelo rigor de temperaturas que iam baixando cada vez mais, com severas nevascas, um clima que não se conhecia. Estavam ainda envoltos na luta contra inimigos experimentados e que, nos últimos dias, haviam recrudescido suas atividades. “Durante todo o mês de dezembro, os alemães atiraram muito sobre nossas posições, mas seu fogo aumentou particularmente à véspera de Natal”.[605]

Com a temperatura baixando muito, foram freqüentes os casos das doenças respiratórias, como gripe forte, amidalites, faringites e otites chegando aos quadros mais graves de pneumonia conforme registram os relatórios da época. Da chegada dos brasileiros à Itália, até outubro de 1944, as baixas hospitalares somaram em torno de 486 homens. Já, no mês de dezembro, 1497 soldados foram atendidos nos hospitais da retaguarda.[606]

4.6.4 Na linha de frente: o primeiro natal na guerra

> Através das montanhas cobertas de neve e sob uma temperatura de quase zero, os brasileiros compareceram aos serviços religiosos do Natal, realizados sob todas as condições possíveis, desde os celebrados nos edifícios e barracas dos seus acampamentos, até aqueles que só puderam ser levados a efeito nos pequenos abrigos na linha de frente, branqueados pela neve e batidos pela metralha inimiga. [607]

A maioria dos soldados brasileiros que via a neve pela primeira vez estava vestida com roupas que jamais havia imaginado. Todos traziam seus agasalhos de lã sob o capacete, desse modo protegendo a face, além dos grossos capotes e botas de campanha. Nos raros momentos de desconcentração brincava-se, fazendo bolas de neves que eram atiradas uns nos outros, ou se faziam bonecos de neve. Eram brincadeiras ingênuas experimentadas pelos jovens soldados, nos raros momentos em que a guerra permitia um pouco de paz.

---

[605] JORNAL O GLOBO, Rio de Janeiro, 17 de janeiro de 1945.
[606] RIGONI, *op. cit.,* p. 111.
[607] A NOITE, Rio de Janeiro, 26 de dezembro de 1944.

As cerimônias religiosas ocorreram à meia-noite com a missa do galo, em todos os acampamentos da FEB. No Q.G. avançado do general Mascarenhas de Moraes, foi exposta a imagem do Menino-Deus e a missa foi celebrada pelo padre João Silva. Também outras missas foram celebradas: no destacamento de Engenharia da FEB, no Serviço de Saúde, nos hospitais de evacuação norte-americanos onde estavam os feridos brasileiros, com a assistência de todos os médicos e enfermeiras.

Todos os que assistiram a essas cerimônias receberam seus presentes. O pacote continha cigarros, meias, lenços, abrigos de lã, *sweaters,* escovas de dentes, lâminas de barbear, pasta de dentes, sabonetes, lápis, penas e outros artigos de utilidade. Esses produtos resultaram das diversas campanhas promovidas pela LBA em território brasileiro, muito antes do embarque do segundo Escalão Brasileiro ter chegado à Itália, em setembro de 1944.

Em outubro de 1944, *Globo Expedicionário* destacava na primeira página os resultados da Campanha das Madrinhas. Este era o trabalho benemérito de quem pensava nos soldados da FEB, procurando amenizar a permanência deles em campos de batalha. Uma das campanhas contou com a participação de pessoas de todo o país, até de crianças que se encarregaram de obter doações de cem discos com músicas populares brasileiras a serem enviados para a Itália.

A LBA contava não apenas com o trabalho voluntário das senhoras da alta sociedade carioca, *O Globo Expedicionário* ressalta também a participação de senhoras das classes menos abastadas, no sentido de dar apoio moral e material às tropas brasileiras em operações no *front* europeu. No destaque da página número dois desse jornal, uma das madrinhas dá o seu depoimento: “Disse-nos D. Sarita que muitas madrinhas trabalham até a noite na confecção de *echarpes* e *sweaters* e capacetes de lã, porque os nossos soldados devem sentir muito frio”. [608]

Ainda as madrinhas atendiam a encomendas de difícil transporte, como eram as solicitações para o envio de doces em calda. Buscando uma comunicação direta com os pracinhas, o jornal destacou: “Por esses pequenos e significativos detalhes, podem vocês calcular o alvoroço que vai no coração das mulheres brasileiras e o seu empenho em ser o mais útil possível aos expedicionários do Brasil”.[609]

---

[608] JORNAL O GLOBO EXPEDICONÁRIO. Rio de Janeiro, 12 de outubro de 1944.
[609] Id.

Os expedicionários na Itália também mencionaram suas madrinhas de guerra. Em carta enviada ao jornal O Cruzeiro do Sul, o cabo José César Borba diz o que segue: “Todos os expedicionários têm madrinhas, a do nosso camarada Maciel Barbosa chama-se Neusa Pinto e mora em São Cristóvão. É uma moça de 19 anos que ele conheceu pouco antes de embarcar para a Itália”.[610] Na carta, há um agradecimento pelos produtos brasileiros que foram enviados por ela, bem como era ressaltado o trabalho de Neusa em relação aos familiares de Maciel que moravam em Minas Gerais. Dessa forma, laços de amizade foram fortalecidos durante todo o tempo em que a guerra durou para os brasileiros.[611]

Embora os registros de alguns diários dos combatentes brasileiros confirmem o recebimento dos presentes enviados pela LBA e pelas madrinhas de guerra, por ocasião do Natal, há os que dizem nada ter recebido. Sobre esse problema, há apenas conjeturas, o que teria acontecido? Os soldados que estavam na linha de frente tinham posições inacessíveis para a entrega dos mimos Natalinos?

O tenente Udihara, em seu diário, no dia 16 de outubro de 1944, registrou o seguinte comentário.

> À tarde, encontrei *O Cruzeiro do Sul* nº 2, do dia 14 de setembro. ‘O que as madrinhas fazem por vocês’. Fala ao Globo Expedicionário a senhora Regina Castro Neves: ‘Estamos muito contentes em saber que os capacetes de lã enviados para a Europa lograram o melhor sucesso entre os nossos soldados.’” Tal enunciado foi duramente refutado por Udihara, no seu estilo direto de dizer as coisas: “Para começar, não recebemos. Nem esperamos.[612]

O tenente Udihara formava, com seus companheiros de farda, no sexto R.I., um grupo intelectualizado, sempre pronto a contestar os ditames dos comandantes, dentro de um critério de respeito aos valores humanos e pessoais, pouco respeitados nesta época. Tal contestação não poderia ir a público devido a hierarquia militar. Assim, os diários de guerra foram, neste caso, a válvula de escape para as manifestações desses homens. O tenente médico Massaki Udihara, observador e crítico, nas suas ponderações, não deixou de expor o que achava sobre o episódio das ’madrinhas’ de guerra no Brasil:

---

[610] JORNAL O CRUZEIRO DO SUL. Itália, 7 de janeiro de 1945.
[611] Id.
[612] UDIHARA, *op. cit.,* 2002*,* pp. 135-136.

> Agora o que revolta são essas informações que são realmente capciosas. Com isso, se fazem benfeitoras e adquirem renome. Pode ser que realmente tenham trabalhado e fossem informadas que recebemos. Mas não creio. Quem se dá a essas exibições patrióticas é da alta esfera e lá sabem perfeitamente o que estão fazendo nesse sentido. Admira o desplante com que se fazem essas campanhas para os soldados e mais ainda nenhuma providência que se toma nesse sentido. Uma série de descalabros que vão se dando e com isso motivando um sentimento de revolta e descrença entre os soldados. Já vai se estabelecendo uma consciência individual que faz com que não se aceite mais, passivamente, muita coisa que antes nem precisava ser imposta. Há um reconhecimento maior do próprio valor.[613]

O olhar crítico de Udihara era compatível com o de outros oficiais. Os desacertos do comando do seu regimento não passavam despercebidos e as atitudes não podiam mais ser aceitas. A participação na guerra havia apenas amadurecido as posições. Eram militares politizados, muitos, da reserva do Exército e sentiam-se deslocados na guerra, por trilharem outros ideais e posturas diferentes do que a guerra estava apresentando. Não aceitavam as banalidades, as atitudes, as ordens, as contra-ordens emanadas dos superiores que não respeitavam os soldados como seres humanos.

Na crítica aos jornais oficiais da FEB, como fez Udihara contra o artigo publicado no O *Cruzeiro do Sul,* várias vozes se levantaram, em situações diferentes. Entre elas, a do tenente Ítalo Tavares em seu diário: "Os jornais, todos controlados pelos chefes, só dizem aquilo que eles querem. Trazem bonitas frases, incentivando-nos ao cumprimento do dever. Eles, porém, lá atrás estão. São capazes sim, de, de suas privilegiadas cabeças, tirar frases bonitas".[614]

No início do mês de dezembro, por iniciativa do jornal *O Globo,* agregaram-se figuras de prestígio social e instituições de provada benemerência, no sentido de preparar um Natal expressivo para os combatentes. A comissão era constituída por senhoras de prestígio, a maior parte esposas de militares sob a presidência da esposa do ministro da guerra Eurico Gaspar Dutra. As primeiras reuniões ocorreram na sede da Associação Brasileira de Imprensa. Outras instituições participaram dessas reuniões, dentre elas a Cruz Vermelha Brasileira, a Liga de Defesa Nacional e a Legião Brasileira de Assistência.

Dada a urgência das decisões a serem tomadas, ficou resolvido que uma campanha relâmpago seria desenvolvida no prazo de vinte dias, para não atrapalhar

---

[613] UDIHARA, *op. cit.,* 2002, pp. 135-136.
[614] TAVARES, *op. cit.,* 2005, p. 85.

as campanhas institucionais que já estavam sendo realizadas. “Essa campanha relâmpago está congregando amplas camadas sociais e todo o povo”. Em matéria veiculada no mesmo jornal, sob o título *Papai Noel de Malas Prontas*, os pracinhas eram informados do trabalho da L.B.A: “O Natal do Expedicionário e de suas famílias é a preocupação dos bons patriotas”.[615]

O forte apelo patriótico denotado no discurso da sociedade brasileira, às vésperas da partida da FEB para a Itália, vai tomando vulto no dia-a-dia dos brasileiros. Passa a ser expresso pela imprensa e pelo rádio, reforçado pelos primeiros enfrentamentos dos brasileiros na Itália, onde o heroísmo e o patriotismo são destacados. As campanhas institucionais tomam corpo, as famílias dos pracinhas são lembradas diariamente e é configurada no discurso oficial a família brasileira, onde filhos, sobrinhos e netos são os elos patrióticos tão necessários ao desenvolvimento da nação. Apelava-se para a empatia e para as emoções, para o mérito da busca constante da brasilidade, da alma nacional que a guerra lá fora conseguia reforçar. A FEB revigorava o passado de glórias, de um tempo novo, da transformação e da revitalização do já existente.

No dia de Natal, em território italiano, nos locais onde foi possível cozinhar, o menu oferecido pelo Exército Aliado constituiu-se por carne de peru, acompanhada por um prato quente com cenouras, batatas frescas, além de uma seleta de frios com azeitonas, manteiga, presunto, queijo, nozes; um coquetel que foi servido a todos. As frutas eram abundantes, principalmente laranjas vindas da Califórnia. Encerrando o lauto jantar, foi servido o saboroso café brasileiro.[616]

Os jornais do Rio de Janeiro recebiam de seus correspondentes na Itália as descrições do primeiro Natal dos brasileiros na neve. O correspondente Henry W. Bagley, para a *Associated Press* carioca, dizia:

> A neve que começou a cair anteontem transformou-se pouco tempo depois numa forte nevasca e ontem, 24 de dezembro, toda a área da frente nada mais era que um enorme lençol branco, marcado aqui e ali pelos abrigos individuais dos postos avançados.[617]

[615] JORNAL O GLOBO EXPEDICONARIO, Rio de Janeiro, 7 de dezembro de 1944.
[616] JORNAL O GLOBO EXPEDICIONÁRIO. Rio de Janeiro, 12 de outubro de 1944.
[617] Id.

FIGURA 10 – NATAL NA NEVE

FONTE: ARBIZZANI *et al.* (1994, p. 173)

Nos dias que antecederam ao Natal, as famílias no Brasil preocupavam-se com seus entes queridos e com a maneira como poderiam tornar esta festa religiosa mais próxima de todos. Na carta endereçada por D. Argentina ao seu filho, o sargento Odayr, em dezembro de 1944, pode-se ler:

> Que Deus te abençoe e te dê um Natal feliz e uma entrada de ano novo risonha, e que toda a sua vontade se realize. Neste dia de Natal, irei à missa do galo pedir ao menino Jesus trazer a paz e vitória. Neste dia, estarei mais em pensamento com você.[618]

Na carta enviada por D. Argentina dois dias depois, costumeiramente, ela faz a saudação ao filho: "Que Nossa Senhora esteja ao teu lado te protegendo e que a até agora a graça de Deus nada tenha te acontecido. [...] Faltam dois dias para o grande dia de Natal, nesse dia você será muito lembrado por tua mãe, que sente muita falta desse filho". Além das preces que constavam na missiva, havia notícias dos presentes que seriam enviados, tanto pela família como pelos amigos. Os cigarros eram considerados um bom presente. Em várias cartas, eles são citados. Preocupada com o frio intenso, D. Argentina relata ao filho o que está fazendo:

[618] ANDRADE, Argentina Costa. **Carta**. Curitiba, 20 de dezembro de 1944.

> Eu hoje comecei a fazer umas meias de *tricot* para você, um pé já está acabado. Mas como faltou lã, pedi ao Murillo para me trazer. [...] Tenho cuidado com as tuas cousas e não deixarei se estragar nada que é de você. As tuas roupas estão no guarda-roupa de Isail e o teu sapato no meu guarda-roupa.[619]

A carta que o sargento Odayr recebeu perto do Natal dava notícias sobre os presentes que estavam sendo enviados por sua mãe:

> Hoje preparei uma caixa com roupas de lã para você, são as seguintes peças: um capuz branco para agasalhar bem as orelhas, foi Isail quem fez e te envia como presente de Natal. Eu fiz um par de punhos verdes para os braços e um par de joelheiras ou caneleiras, como queira usar, um par de luvas verdes, um par de meias de lã cinzenta e um pacote de chocolate do Murillo.[620]

Outros combatentes registraram em suas mentes a passagem pelo Natal em terras italianas, porque foram surpreendidos pelo clima rigoroso e pelo fenômeno da neve que, para os brasileiros, era inusitado. Os momentos descritos são de rara beleza e significativos.

O tenente Celso Rosa, que havia chegado à Itália no 3º Escalão, juntamente com o primeiro Regimento de Infantaria, surpreendia-se a cada dia com as intempéries de um clima diferente. Enfrentou de início o difícil outono europeu, viu muita chuva e lama atrapalharem o deslocamento dos soldados e dos carros de combate, mas nada se igualava às nevascas do inverno italiano, como registrou no mês de dezembro:

> Ao cair da tarde do dia 23 de dezembro, os brasileiros presenciaram um fenômeno para eles inédito. [...] Durante toda a noite, a neve caíra sem cessar, cobrindo os telhados, as árvores, os campos, as estradas. Estas ficaram perigosas para o trânsito e os primeiros motoristas tinham de se orientar mais ou menos por intuição.[621]

Na narrativa de Celso Rosa, percebe-se o tom nostálgico, pelo distanciamento da família e pelas imagens de outros natais que a data invocava. As lembranças insistiam em destacar a reunião da família, a mesa farta da comida saborosa que contrastava com o momento vivido no Natal italiano: “A deglutição rotineira da comida insípida e fria das rações de guerra e a solidão, a terrível solidão

---

[619] ANDRADE, Argentina Costa. **Carta**. Curitiba, 22 de dezembro de 1944.
[620] ANDRADE, Argentina Costa. **Carta**. Curitiba, 8 de dezembro de 1944
[621] ROSA, Celso. **O Pracinha na Guerra**. São Paulo: Café Editora Expressa, 1999, p.59.

provocada pela ausência da família, dos entes queridos e pela distância da pátria. Tudo isto deixou aquela noite marcada pela tristeza".[622]

Assim como o tenente Celso Rosa, muitos brasileiros nos recantos dos acampamentos, na linha de frente, nas patrulhas avançadas, na véspera do Natal podiam estar sentido a mesma coisa. As noites longas e frias eram convidativas para o aconchego do lar, ou até para um descanso merecido ao redor de uma lareira, ou para dormitar nos colchões de pena tão conhecidos dos soldados que haviam saído do sul do Brasil, como lembra Celso Rosa: "Noites frígidas, friíssimas com bacias de brasas no meio da sala, com castanhas a pipocar no borralho".[623]

Para os que estavam na linha de frente, não havia possibilidade de se levar a comida quente e saborosa que fora servida na retaguarda. A narrativa de Celso Rosa, tão bem descrita, apontava para a dura realidade de noites mal dormidas, dos pés enregelados, das patrulhas perigosas, "da terra de ninguém", dos *fox-holes*, dos porões úmidos das casas de pedras esburacadas pelos bombardeios.

Nos locais mais bizarros, muitos soldados passaram sua noite de Natal. Na noite de 24 de dezembro de 1944, o capitão Meira Mattos, que pertenceu ao 1º R.I., encontrava-se em um *fox-hole,* assim como tantos outros soldados. Segundo seu testemunho, o local ficava a uns cinco metros do rádio da companhia, e a notícia irradiada em português dizia que haveria uma trégua no período de duas horas, ou seja, das 23h à 1h. Todas as operações de combate foram suspensas e o rádio captava a música *Noite Feliz*. "Pensei que aquela música vinha do céu. Saímos do *fox-hole*, de seis a oito companheiros. Nos rostos, a incerteza. Juntamo-nos em torno daquele rádio. Surgiu uma garrafa de vinho. Quando tomei um gole, toda aquela angústia foi passando, como se caísse uma força divina sobre nós".[624]

Também o soldado Joaquim Cruz, no seu diário, acabou registrando momentos significativos que a proximidade do Natal lhe proporcionava. As anotações mostravam a última correspondência que havia recebido da sua mãe: "Recebi uma carta de mamãe, que, apesar de mostrar um forte ânimo, fez-me sentir, nas entrelinhas, o seu sofrimento atroz. Respondi-lhe, tentando consolá-la, se é que há consolo para essa dor de mãe". [625]

---

[622] ROSA, *op. cit.,* p.59.
[623] Id.
[624] MATTOS, Meira, *op. cit.*.
[625] SILVEIRA, *op. cit.,*p. 75.

Joaquim prossegue em seu diário avaliando aquele momento, a imaginar a sua mãe no Brasil, preocupada com o destino que a guerra havia traçado para seu filho.

> As mães quase nunca compreendem essas coisas... é difícil, eu sei como você se sente e pensará: com que direito pode o Estado arrebatar meu filho?.[626] As mães são as heroínas dessa conflagração. São elas que suportam toda a separação dos filhos. [627]

Na noite de Natal, Joaquim deixou registrado em seu diário: "passamos metade com os companheiros e depois fomos à festa dada pelos ingleses na bateria antiaérea vizinha. É impossível descrever uma festa de Natal num abrigo cheio de sacos de areia, perto de um canhão anti-aéreo". Também faz referência aos novos amigos, que há muito tempo já estavam em guerra.

> Muito deles estavam ausentes de suas casas já pelo quinto ano consecutivo e, por esse motivo, tinham a experiência dos natais em outras trincheiras. Um deles mostrou-me o retrato de uma filha que não conhecia, porque nascera quatro meses depois de ele ter saído de Londres. Aqueles rudes veteranos, apesar de curtidos e calejados, estavam tristes e sentimentais.[628]

Em função do sigilo que envolvia a localização das posições brasileiras, são raros os diários ou testemunhos de época que revelem as localidades onde estavam os soldados brasileiros. Tal situação dificulta o entendimento, a partir do momento em que o pesquisador se vê obrigado a caminhar com o narrador, lendo as entrelinhas, pinçando momentos, juntando as descrições dos fatos narrados, a topografia, a indicação de nomes e a aproximação das datas indicadas no enunciado; desse modo, tentando dar significado histórico aos fatos não evidenciados.

Para o infante médico Massaki Udihara, os dias que precederam o Natal constituíram momentos especiais registrados em seu diário, cujas entrelinhas revelam a escrita de uma narrativa sensível, de pessoa letrada, que mesmo as sandices da guerra não conseguiam apagar.

No diário de Udihara, é possível perceber que o seu grupamento, já às vésperas do Natal, se encontrava próximo a *Porreta Terme*, local onde a FEB vinha

---

[626] SILVEIRA, *op. cit.,*p. 75.
[627] Id.
[628] Ibid., p. 76.

concentrando seus homens para a tomada do Monte Castello, que ficava a exatamente 15 quilômetros. A proximidade das linhas inimigas e o *front*, estacionário naquele momento, proporcionava aos soldados mil conjeturas do que poderia ocorrer. O próprio silêncio era revelador. Nessa perspectiva, o tenente descreve os momentos vivenciados por ele e pelos soldados.

No dia 21 de dezembro de 1944, ele anotou:

> Mesma manhã nublada e úmida. O sol, há dias em que não parece. Dias sem alegria. Depressivos e monótonos. [...] frio intenso, de endurecer os dedos. Noite mal passada. Uma insônia que não sei explicar. O telefone continua a ser o mesmo martírio de sempre, um suplício a sua campainha que sobressalta e faz prever qualquer imprevisto.[629]

No inverno italiano, os dias eram muito curtos e, pouco depois das 16h, já começava a escurecer. Massaki Udihara prossegue em sua narrativa: "Praticamente não se vê nada, com o tempo se fica um pouco mais familiarizado. [...] a cerração, que persistiu o dia todo, cedeu um pouco. Vê-se o contorno dos montes próximos. É onde está a ameaça que não dá sossego".[630]

Udihara se referia aos atiradores de elite alemães, que ficavam postados nos morros. A missão das sentinelas era uma árdua tarefa: ficar imóvel por cerca de quatro horas, sob baixa temperatura, quando não era possível mais sentir os pés. "Olhos fixos numa direção e atento ao menor ruído. Uma atenção tão intensa que cansa mais que tudo. E isso já há um mês".[631]

O frio intenso atormentava os soldados, segundo Udihara, principalmente os que estavam mais expostos ficavam com os dedos duros e insensibilizados. Uma sensação dolorosa. Os ossos todos, da perna, principalmente, eram os que mais se ressentiam dessa exposição. A qualquer movimento mais brusco dos dedos, surgiam as cãibras. "Os nossos soldados resistem a tudo, adaptam-se a quaisquer circunstâncias, dizem os chefes. Dizem e não verificam a situação real das coisas. Tão fácil fazer relatórios em que a verdade está sempre ausente".[632] Essa era a forma do tenente médico Udihara contestar os relatórios e os boletins assinados pelos oficiais.

---

[629] UDIHARA, *op. cit.,* 2002, p. 217.
[630] Id.
[631] Id.
[632] Ibid., p. 219.

As noites para quem está na linha de frente eram sempre mal dormidas, como disse Udihara: “são sempre de prenúncio. Perigo iminente: quando menos se espera, qualquer coisa está acontecendo e se acorda de sobressalto. Às vezes não é nada, mas fica se esperando, como a noite é longa, não se acaba mais”.[633]

Nessas condições e sem a previsão de uma ceia natalina, na posição em que se encontrava com seus companheiros, restava ao tenente apenas esperar a comida quente que chegaria mais tarde nos marmitões carregados no lombo dos muares e conduzidos por um italiano, geralmente os *bersagliere*.[634] Era o único meio de transporte viável na subida tortuosa dos morros. Sob qualquer tempo, com bombardeio ou não, a comida era levada todos os dias. Com sensibilidade que lhe era característica, Udihara perguntou ao muleiro: Vocês deram comida ao animal? Ao que o condutor respondeu, sim. Segundo o tenente, a pergunta procedia, porque, muitas vezes, faziam os animais trabalharem sem alimentá-los, ou, quando o faziam, a comida era tão ínfima que não dava para uma jornada toda.

Na noite de Natal, Udihara sentou-se ao redor da lareira e assaram castanhas.

> O fogo vivo, cheio de labaredas, dava à expressão de todos um ar nostálgico. A conversa girou em torno do que estariam fazendo se estivessem no Brasil. Uns responderam que iriam ao cinema, outros que assistiriam à missa, outros compartilhariam, com a família, a ceia à meia noite. Gente de vida simples que com pouco se divertia. Agora, aqui, nesta situação. Largados no alto de um morro, sujeitos a tudo e sem nada. Vida só de preocupações, sem alegria, sem nada. Só sofrer. Véspera de Natal que por isso ficará na minha memória.[635]

No dia 25 de dezembro de 1944, a manhã fria despontou, para os homens que aguardavam na frente de combate, as novas missões a serem cumpridas. Logo pela manhã, chegaram os presentes da LBA.

> Pacote com malha, sabonete e outros objetos. Uma surpresa. Não pensei que isso fosse acontecer. [...] os soldados prepararam um almoço, vieram me convidar para compartilhar dele. Admirei essa boa vontade. [...] Natal sem significação, dia como outro qualquer que passará e deixará uma

[633] UDIHARA, *op. cit.,* 2002, p. 219.
[634] N. A.: *Bersagliere* eram os soldados alpinistas italianos, reconhecidos pelo barrete verde-oliva com uma pena, usado na cabeça. Estes homens prestaram relevantes serviços aos aliados.
[635] UDIHARA, *op. cit.,* 2002, p. 222.

> lembrança que só se recordará como um exemplo de mau momento.[636]

A entrega dos presentes da LBA, no dia da Natal, deve ter surpreendido o tenente Udihara, quem sabe, ele até tenha refeito o seu conceito sobre a instituição duramente criticada no seu diário do dia 16 de outubro de 1944.

Já em *Porreta Terme*, não muito longe do grupamento de Massaki Udihara, que estava nas cercanias, o sargento José Eckert, do grupo de transmissões, se preparava para o dia de Natal. A nevasca que caíra no dia anterior deixara os telhados todos brancos e criava dificuldades para se caminhar nas ruas. Os jipes e caminhões faziam filas defronte aos endereços onde estavam alojados os soldados. Segundo o sargento, 'tudo um espetáculo muito lindo', que fazia recordar da casa, da mãe, dos irmãos e de todos os parentes da pátria distante. Às 10h, houve uma missa, em que grande parte dos presentes era constituída por pessoas da cidade, bem como por retirantes e soldados da FEB.

Por ocasião do Natal de 1944, as lembranças registradas pelos soldados diziam respeito às suas famílias no Brasil, como fez o sargento Echert, ao evocar seus pensamentos para os dias da sua infância ocorrida no Rio Grande do Sul. De maneira reflexiva, questiona-se sobre a validade de uma festa universal pela paz, quando os homens, como ele, se batia em uma frente de combate.

> Meus pensamentos voavam para longe, recordando os tempos passados, principalmente os lindos tempos de infância, quando o mundo parecia ser mais bonito. Por isso, por mais que me esforçasse, não pude ter uma impressão convincente da efeméride que se comemorava no mundo cristão! Porque desde criança aprendi que, lá em Belém, quando Jesus nasceu, os anjos cantavam: Glória a Deus nas alturas e Paz na terra aos homens de boa vontade! Hoje eu me pergunto: Onde está a paz? Onde estão os homens de boa vontade?

Nos raros momentos em que os soldados podiam esquecer um pouco a artilharia inimiga, que do alto dos morros castigava a cidade de *Porreta* todos os dias, muitos sentiram a vontade de abandonar um pouco seus abrigos e tentar encontrar os amigos, saber notícias de como se encaminhava a guerra há poucos quilômetros do local onde estavam. A população civil fazia o mesmo, saía dos porões das velhas habitações de pedra, ía a busca do pão que era distribuído gratuitamente e também tinha a esperança de encontrar outros alimentos

[636] UDIHARA, *op. cit.,* 2002, p. 222.

necessários. Sobre a continuidade da guerra, nada se sabia, nem os oficiais, nem soldados, muito menos os civis. Era necessário pensar no abastecimento dos alimentos básicos, porque a incerteza do momento vivido não apontava para o fim da guerra logo depois do inverno.

Segundo o sargento Eckert, no almoço, aquele dia, foi servida carne de peru e muito vinho, que veio amainar o frio intenso da manhã de Natal em Porreta Terme. Mas a trégua dada pelos alemães não iria durar muito. Por volta das 16h30min, os alemães iniciaram o bombardeio de grosso calibre sobre a cidade. “Durante mais de meia hora, as granadas explodiam sem cessar, fazendo estremecer os prédios, abrindo buracos por toda a cidade: nas ruas, jardins, calçadas, mas principalmente na ponte aqui do lado e suas imediações”.[637]

A ponte a qual fez referência Eckert era um objetivo importante para os alemães. Por ela, passava todo o tipo de transporte, homens, armamento, munição, e fazia a ligação entre a retaguarda e a estrada 64 Porretana; ou seja, um anel de ligação para as tropas aliadas que pretendiam chegar a Bolonha logo após o Natal.

O bombardeio de uma cidade é algo que somente os que vivenciaram este momento têm capacidade de explicar, como fez Eckert em seu diário:

> Durante o bombardeio, nós todos, com os nervos à flor da pele, deitados ou mesmo de pé, reagíamos gritando palavras desconexas, e ouviam-se os mais afoitos berrando: é mais pra cá!... A nossa sorte foi que uma grande parte das bombas caiu do outro lado do Reno, onde explodiam.[638]

Os dias prosseguiam com bombardeio insistente dos alemães. Muitos esperavam que, pela passagem do Ano Novo, houvesse um recrudescimento da artilharia alemã, mas, exatamente à meia-noite, quando muitos começavam a cumprimentar-se pelo ano que acabara de chegar, a população de Porreta foi novamente surpreendida. As granadas foram explodindo em profusão e mesmo as casas com as grossas paredes de pedra sacolejavam, parecendo que iam desabar. Nessa mesma noite, o ronco típico dos aviões alemães deixou todos aturdidos. Nesse mesmo instante, as baterias antiaéreas inglesas entravam em ação, respondendo ao ataque ocorridos minutos antes.

Eckert registrou esses momentos:

---

[637] ECKERT, *op. cit.,* p. 135.
[638] Id.

> Mas como não há mal que sempre dure, recebemos hoje o nosso "Papai Noel". Os soldados e os cabos já haviam recebido na noite de Natal. Do meu pacote, só aproveitei alguns objetos e distribuí o restante entre o pessoal da casa, assim como o sabonete, escova e pasta de dente. Tenho certeza que estas famílias ficam muito satisfeitas com esses mimos. [639]

Na correspondência assídua que mantinha com o filho, o sargento Odayr, D. Argentina, em carta enviada no dia 24 de dezembro, buscava saber se ele havia recebido as caixas com os presentes de Natal. Junto do papel de carta, enviou um santinho com a imagem do menino Jesus, e no seu verso uma dedicatória: "Que o menino Jesus te dê um feliz Natal com as bênçãos do menino Jesus, tua mãe beija-te: Argentina". Na mesma carta, comunicava que iria assistir à missa do galo, mas afirmava: "não fazemos o Natal aqui como nos outros anos, com sapatos na porta esperando presentes. Como você não está, resolvemos não receber e nem dar. Eu só recebi uma garrafa de champanha".[640]

Na demora em receber as respostas das cartas enviadas, muitas famílias, assim como D. Argentina, acompanhavam os jornais que vinham do Rio de Janeiro. Esses eram vendidos nas ruas de maior movimento, como acontecia em Curitiba, no centro da cidade. Essa era uma maneira de saber sobre os acontecimentos do dia-a-dia dos soldados, dos acampamentos, das notícias das frentes de combate, dos bombardeios.

Os que ficaram no Brasil sabiam das dificuldades de comunicação com os que estavam na Itália. Nesse sentido, as notícias vinham dos correspondentes estrangeiros e dos brasileiros que lá se encontravam. Tudo passava pela censura: as cartas enviadas por D. Argentina continham a tarja escrita com tinta impressa preta: *Aberto pela Censura*. Nas cartas que iam e vinham, era comum encontrar-se parte do escrito cortado, principalmente se o comentário fosse considerado inoportuno, ou se o soldado indicasse o local onde estava com seu grupamento. As cartas dos soldados não podiam conter informações sobre episódios vivenciados, locomoções e nomes de cidades. A trigésima primeira e última carta de D. Argentina ao seu filho, da coletânea que ele conservou, foi enviada no dia 31 de dezembro de 1944.

Já muito próximo do Natal, é cada vez maior a concentração de soldados brasileiros e norte-americanos nas proximidades de *Porreta Terme*. Também o

---

[639] ECKERT, *op. cit.,* p.145.
[640] ANDRADE, Argentina Costa. **Carta**. Curitiba. 24 de dezembro de 1944.

soldado paranaense, Leonércio Soares, registra em seu diário o deslocamento do seu grupo para o povoado de Sila. Essa cidade ficava do outro lado da ponte que fazia a ligação entre as duas cidades. Era uma situação logística, um afastamento do Monte Castello, porque três investidas feitas pela FEB anteriormente, entre novembro e o início de dezembro, mostraram-se desastrosas. Nesses dias em que se preparavam as investidas finais para o ataque de Monte Castello, a movimentação pela ponte entre Sila e Porreta era uma constante: homens, viaturas e muares buscavam atender às necessidades de quem estava em posição como sentinela avançada.

A narrativa de Leonércio Soares, assim como a de Massaki Udihara, faz menção aos *bersagliere,* uma tropa de soldados alpinos, à qual já fizemos menção em páginas anteriores, a quem ele atribuiu uma grande colaboração ao Exército brasileiro, mas que raramente é citada nos documentos oficiais. Na descrição de Leonércio, eles tinham a aparência de montanheses, eram naturais da região dos Apeninos. Habituados a viver em terrenos íngremes, conseguiam chegar aos soldados brasileiros com os marmitões de comida quente. “Sempre em dupla, a pé, e puxando os muares carregados com as bruacas de couro, levando alimento e munição às posições isoladas e de difícil acesso – através das linhas estreitas e tortuosas, beirando abismos e despenhadeiros”.[641]

A casa em Sila, onde Leonércio alojou-se com seus companheiros, era um prédio grande de três andares, tinha linhas mais modernas que outras construções no vilarejo e deveria ter sido uma escola. Como não ficava no alvo dos alemães que atiravam sob *Porreta,* era lugar seguro para os soldados recomporem as forças e dormirem um pouco. A rota 64 ficava nas proximidades.

No dia 20 de dezembro, os quadros da FEB foram se completando. Muitos soldados, que haviam chegado no 4º e no 5º Escalões, vinham em substituição aos que se encontravam há meses em frente de combate. Os uniformes de inverno americanos foram entregues aos soldados. De acordo com Leonércio, não havia roupas para todos, mas as entregas foram feitas e distribuídos cerca de 30 uniformes para cada companhia. Como estas eram compostas por pelo menos 150 homens, a recomendação era de que elas fossem destinadas principalmente aos soldados que ficavam mais expostos ao tempo. Mas Leonércio diz que o material

[641] SOARES, *op. cit.,*p. 144.

destinado aos soldados acabou sendo manipulado e distribuído entre os oficiais. Eram uniformes bonitos e bem talhados, de cores firmes, confeccionados com os melhores tecidos e totalmente impermeáveis.

Conforme os registros de Leonércio, a má qualidade dos uniformes brasileiros havia chamado a atenção do Comandante Mark Clark. Diante dessas evidências, e na proximidade do inverno, "interferiu pessoal e diretamente, para que todos os soldados que combatiam na Itália fossem socorridos no devido tempo. Assim, com as primeiras nevascas, mais uniformes chegaram via aérea, atendendo aos pedidos de urgência".[642]

Leonércio Soares critica severamente o comando pelo que ele chama de imprestabilidade dos uniformes fornecidos à FEB, e chama a atenção por não ter sido feita uma investigação mais profunda sobre os responsáveis que acabaram criando desconforto e constrangimentos aos soldados brasileiros. No seu julgamento, uniformes, e botas americanas acabaram nas mãos dos oficiais brasileiros e amigos.

FIGURA 11 – MASCARENHAS DE MORAES E MARCK CLARK

FONTE: ARBIZZANI *et al.* (1994, p. 165)

Às vésperas do Natal, Leonércio e seus companheiros viveriam ainda, momentos conturbados pela falta de alimentos nas cozinhas das diversas

[642] SOARES, *op. cit.,*p. 144.

companhias, fato que também foi narrado por outros combatentes. A queixa dizia respeito à pouca da pouca comida oferecida a eles. Bons produtos saíam da intendência brasileira que ficava na retaguarda, mas eram desviados pelos cozinheiros e vendidos no mercado negro, uma situação inaceitável para quem está na guerra. Os produtos tinham grande valor comercial, nesta fase da guerra, quando eram tão raros, e serviam de barganha para qualquer outra coisa. Viravam comércio; portanto, dinheiro.

Constavam dessa listagem: leite, manteiga, biscoitos, pão, café solúvel, açúcar, doces, geléias, mel, presunto, bacon. Diante desses tristes acontecimentos, buscam os homens soluções próprias. No depoimento de alguns soldados, há o relato de que cozinhas paralelas foram montadas, buscando cada companhia estocar o máximo de produtos para os soldados, situação que causaria grande aborrecimento a todos os infratores. Mas, como relata Leonécio: "Nas noites frias de Sila, com a neve caindo lá fora, não faltava na cozinha do Pelotão de Petrechos, o chocolate quente, o café com leite, o pão, a manteiga e as geléias. As deliciosas coisas fornecidas pelos americanos".[643]

Para Leonércio Soares, Ítalo Tavares, José Vergés, Massaki Udihara, João de Barros, José Eckert, Ruy Fonseca, Celso Rosa, Odayr Andrade, Ernani Ayrosa, Rudemar Marconi, Meira Mattos, Joaquim Silveira e seus companheiros, as festas natalinas encerravam-se com os canhões alemães. Foi abreviado o período de rara paz, em uma contra-ofensiva que atingiu a todos os povoados vizinhos, obrigando também a tropa americana a recuar; colocando em perigo a tomada do porto de *Livorno,* o principal centro de abastecimento para as tropas que se preparavam para uma nova frente de batalha a ser desencadeada após o inverno.

Deste Natal difícil para os brasileiros, restaram as lembranças, talvez de um breve momento, quando o vento e o frio eram os piores inimigos. O vento que descia pelos vãos das montanhas gélidas adquiria força, invadia as casas, os *fox-hole*, os acampamentos. "Assoviava nas noites de tempestades". Ninguém suportava permanecer por muito tempo junto às armas, nas posições. A carne do rosto, as orelhas, o nariz e mesmo as mãos enluvadas endureciam.

Para as sentinelas avançadas, viver dias difíceis, sob os efeitos da promiscuidade e da ausência total do banho, embrutecia muito os homens, que não

[643] SOARES, *op. cit.,*p. 158.

percebiam quão maltratados estavam. O exalar dos corpos surrados misturava no ar o cheiro de suor constante, misturado a outros odores que se desprendiam das roupas imundas que não eram trocadas. Como disse Leonércio: “Um viver à margem do inferno. Inferno esse, imundo e tenebroso, tanto quanto Dante imaginara”.[644]

Nas longas madrugadas, não muito longe das linhas brasileiras, um possante alto–falante colocado pelos alemães tocava músicas brasileiras, que distraía, mas, ao mesmo tempo, fazia brotar a saudade nos corações mais sensíveis. Provavelmente os soldados se questionavam: O que estariam fazendo ali? Na guerra psicológica, os alemães eram especialistas. Nos intervalos, falando um bom português, o locutor incitava os soldados à deserção com promessas de salvo conduto e abrigo nas linhas alemãs.

Nos dias céleres que vão passando, há prenúncios da primavera italiana. O sol vai parecendo com mais freqüência, mas ainda esmaecido, embaçado. Os ventos que saem da África cruzam o Mediterrâneo. Assim, a neve vai derretendo, as torrentes voltam a fazer seus caminhos tortuosos. Apenas os altos picos mostram suas pontas brancas pelo gelo que resiste. O vento quente africano, ao chocar com o intenso frio europeu, irrompe ainda sobre os povoados, provocando dias gelados, misturados ao derretimento da neve. O chão amassado pelas viaturas pesadas e o pisar de milhares de soldados vai se transformando em um lodaçal.

Chegava-se ao término da estação hibernosa e também ao final do período em que os militares chamaram de “período defensivo” da guerra, no qual os combatentes de ambos os lados foram obrigados a permanecer em suas linhas de defesa, sem acontecimentos de grande vulto a serem narrados. A guerra, neste período, ficara por conta das patrulhas e incursões, ora de um lado, ora de outro.

São situações que a pesquisa vai procurar focar no próximo capitulo, destacando as diversas empreitadas brasileiras na chamada “Ofensiva da Primavera”. O capítulo 5 será composto por narrativas mais abrangentes, pelas missões que levaram os soldados brasileiros ao Monte Castello e Montese, descritas não apenas com o desenrolar dos acontecimentos bélicos em si, mas com os depoimentos dos que deles participaram, demarcando, assim, os lugares da memória.

---

[644] SOARES, *op. cit.,*p. 158.

5 DEMARCANDO AS LEMBRANÇAS

5.1 A GUERRA DAS PATRULHAS: COM OS NERVOS À FLOR DA PELE

> A memória age "tecendo fios entre os seres, os lugares, os acontecimentos (tornando alguns mais densos em relação aos outros), mais do que recuperando-os, resgatando-os ou descrevendo-os como 'realmente' aconteceram. Atualizando os passados, reencontrando o vivido e ao mesmo tempo no passado e no presente".[645]

Há quase 65 anos de distância dos acontecimentos ocorridos durante a 2ª Guerra Mundial, os brasileiros que participaram do conflito na Itália demarcaram suas lembranças na tentativa de reforçar a memória histórica pública e coletiva, neste ato que consideraram um 'dever'. Elas estão expressas nos diários, nas crônicas, nas reportagens e nas entrevistas com que os homens e mulheres da FEB, um dia, buscaram avidamente contribuir para o aprofundamento e a compreensão de recente passado.

Na ausência de estudos específicos sobre a participação brasileira na guerra, é de grande valia a avaliação desses documentos, não apenas na questão que envolve os eventos militares, mas também pelo impacto sobre essas memórias, proporcionadas pelas histórias dos pequenos povoados, da população que os soldados iam encontrando pelos caminhos - as famílias, com suas vivências locais, muitas delas, como disse um pesquisador, enterradas no 'húmus'[646] em que se afundavam cada vez mais suas raízes. Em dado momento, essas lembranças são italianas e brasileiras e emergem dos escritos e recordações.

São também histórias locais, de encontros casuais com facções políticas, sejam elas de partigianis, fascistas ou comunistas, tão bem destacadas nos registros, muitos de forma clara e objetiva, que denotavam a relação entre os soldados e a população, como se fez referência no quarto capítulo. Na verdade, são narrativas que não têm a preocupação de serem absolutas, mas que se modificam, se estruturam, segundo os interesses e a percepção de quem recorda.

---

[645] SEIXAS, Jacy Alves. Percursos da Memória em terras da História: Problemáticas Atuais. *In:* BRESCIANI e NAXARA, *op. cit.,* p. 51.
[646] VENTUROLI, Cinzia. **La guerra sotto il sasso**: populazione, tedeschi, partigiani (1940-1945). Bolonha: Aspásia, 1999.

Durante a guerra, o mundo conhecido tomava novas dimensões, as fronteiras eram movediças e tornavam os espaços reduzidos em fragmentos de histórias a serem compartilhadas. Muitos desses registros, às vezes emblemáticos, formaram mosaicos reveladores, onde o ponto de encontro elege a narrativa como sua maior representante.

A guerra é vista como uma violência pública e privada. No período histórico que se examina, entre 1944 e 1945, as narrativas falam de pessoas, dos locais, dos entraves, enfim, do vivido; portanto, com suas lacunas, distorções, contradições provocadas pelas distâncias em que os fatos aconteceram.

No *front* invernal italiano, quando tudo parecia estar parado, entre os meses de dezembro de 1944 e janeiro de 1945, os brasileiros foram obrigados a praticar uma forma diferente de combate contra os golpes de mão. Essas eram as formas preferidas dos adversários da FEB, algumas até de grandes proporções, quando conseguiam juntar dois pelotões, mais um grupo especializado na colocação de minas. Esses golpes de mão tinham o propósito de ocupação, ou seja, avançar e se apossar das linhas brasileiras. Para superar essas investidas, os brasileiros partiram para a guerra das patrulhas, com o objetivo claro de surpreender o inimigo.

FIGURA 12 – INVERNO 1944-1945

FONTE: Acervo da autora.

Geralmente, as patrulhas eram formadas para atingir as linhas inimigas, a fim de provocar uma reação da parte delas e indicar onde estavam suas posições, ou para fazer prisioneiros. A carta topográfica ficava em posse do oficial que conduzia o grupo, geralmente um tenente ou sargento. Do armamento que conduziam, constavam um fuzil metralhadora, uma bazuca, uma submetralhadora, além dos fuzis, munição e granadas. Também para facilitar as comunicações, usava-se o *Han-talk,* para se poder falar com os oficiais no posto de comando de suas companhias. Se não houvesse um bombardeio mais forte, era possível também levar uma equipe de telefonistas, que acompanhavam a patrulha, desenrolando as bobinas de fios até onde fosse possível. Nesse caso, era usado o telefone de magneto (fone-microfone), que constituía uma peça única.

Conforme explica o capitão Octávio Pereira da Costa, que atuou na FEB como artilheiro, pode-se afirmar que os embates ocorridos nos Apeninos, nos quais o Brasil tomou parte, foi uma guerra de batalhões, de subunidades ou de pelotões. Uma guerra de pequenos efetivos, dos homens combatendo, quase cara a cara com o inimigo[647].

Quanto ao disfarce das patrulhas nos dias de nevasca, eram providenciadas as capas brancas com capuz, destinadas a confundir o patrulheiro com a neve. Quando voltavam das patrulhas, havia um cuidado especial com essas capas, que eram lavadas, porque o branco retinha com facilidade a cor do barro encontrado nos caminhos. Como o tecido rasgava até pelo contato com o terreno, com galhos secos espalhados no trajeto dos homens, constantemente tinham de ser costuradas pelo próprio usuário. Nesse aspecto, foram providenciais os pequenos estojos de costura que os homens levavam consigo para a frente de combate.

Os contatos por telefone eram comuns entre aquele que iria comandar a patrulha e os capitães que ficavam nos postos de comando. As conversas diziam respeito aos locais onde eram combinadas as dotações de munição e granadas que cada um deveria levar. Eram feitas experiências com os aparelhos de rádio, de suma importância nos contatos que se fizessem necessários. O peso da munição era outra preocupação, porque poderia cansar quem tivesse de carregar todos os apetrechos, mas não deveria ser pouca, pois a quantia suficiente, geralmente, significava sobreviver a um enfrentamento.

---

[647] COSTA, Octávio Pereira da. Entrevista. **História Oral do Exército**, Rio de Janeiro, 15 de agosto de 2000.

A patrulha poderia ser precedida por uma outra, que tinha a missão de verificar a posição dos alemães. Podia, também, seguir junto da patrulha uma partigiano, que era conhecedor dos caminhos e das supostas posições do inimigo. Junto com este grupo, podia ir um enfermeiro padioleiro, que portava as mochilas de medicamentos de emergência e também uma padiola, no caso de haver feridos ou mortos.

Os comandantes das diversas companhias de soldados acompanhavam a saída das patrulhas dos seus batalhões. O capitão Antorildo Silveira, costumeiramente, assim como os soldados, chamava as patrulhas de "cordões carnavalescos". Segundo seu testemunho, fazer parte de uma patrulha não era assunto muito agradável. A operação de atravessar "a terra de ninguém" e chegar aos domínios onde estavam os inimigos não era tarefa fácil.

> A sensação de atravessar esse vazio que separava as linhas litigantes: Esperava-se a qualquer momento ser atravessado por uma bala de fuzil, disparada pelos franco-atiradores que pululavam nessas paragens, ou rasgado por uma rajada traiçoeira de metralhadora, partida dum ponto que o infeliz nunca localizaria.[648]

Formada a patrulha, cabia ao tenente ou ao sargento a averiguação dos apetrechos. Tudo tinha que ser muito bem vistoriado para se evitarem surpresas durante o ataque. As armas até então deveriam estar travadas, mas o teste afirmativo somente viria com um estalido metálico. Ao mesmo tempo, eram acionadas, para verificar o seu funcionamento, evitando erros de última hora. As armas que apresentassem qualquer problema eram lubrificadas e novos testes eram realizados, demonstrando o seu funcionamento. Caso contrário, eram trocadas por outros armamentos. Sob o frio muito intenso, as armas podiam travar.

Cada soldado podia levar consigo cerca de 8 granadas - que pesavam cerca de 650 gramas cada - caso o batalhão dispusesse delas, e todos sabiam que o grampo retirado era o que acionava a espoleta. O tempo de explosão, após o lançamento, de cerca de seis segundos. Cabia ao comando da patrulha averiguar a posição dos grampos das granadas, uma a uma. Aos poucos, as incorreções iam sendo eliminadas para salvaguardar a vida de cada um.

---

[648] SILVEIRA, Antorildo. **O Sexto Regimento de Infantaria Expedicionário**: Fatos da Campanha do Território da Itália. Rio de Janeiro: Gráfica Lambert, 1947, p.86.

Sobre o uniforme de inverno, os homens usavam ainda o pesado sobretudo de lã, ou a *Field Jacket*, que era sobreposta pela capa branca de camuflagem. Sobre a cabeça, iam os dois capacetes, acoplados um ao outro, o de fibra e o de aço. Geralmente, a patrulha era conduzida pelo mais graduado (responsável pela segurança de todos os homens), em cujas qualidades os soldados depositavam toda a confiança.

Era necessário ao líder da patrulha ter experiência para avaliar o terreno por onde os homens passariam. Nas trilhas, era preciso evitar o terreno muito batido pela artilharia, morteiros ou armas automáticas, tentando, desse modo, atingir objetivos sem baixas ou, pelo menos, com o mínimo de perdas. As posições inimigas reservavam muitas surpresas aos patrulheiros: eram protegidas por minas anti-pessoais e anti-tanques, que estavam enterradas na extensão das linhas. As anti-pessoais explodiam sob o peso de um homem: as anti-tanques, sob o de um tanque, caminhão ou jeep. Em muitas situações, era necessário proceder-se à "limpeza" da área, com pessoal e aparelhos especializados, que assinalavam a presença desses engenhos. Assim, os mineiros removiam a leve camada de terra ou qualquer coisa que os ocultasse ao nível do solo, retiravam a espoleta, depois a própria mina e, assim, anulavam o perigo da explosão.

O sargento Ayrton Viana Alves Guimarães, do 9º Batalhão de Engenharia, era um dos encarregados de localizar as minas no terreno por onde a patrulha deveria passar. Um dos apetrechos que usava para essa finalidade era o 'bastão de prova'. Segundo sua descrição, tratava-se de uma bengala pontuda. Em sua narrativa, ele explica como funcionava:

> Você ia furando o terreno à procura de um corpo estranho. Quando tocava em algo mais sólido, você dizia "Mina!" Os meus companheiros recuavam uns 60 metros ou mais, você colocava o sabre, que era a sua arma, cavava. Então, ia inspecionar aquilo ali para saber se realmente era uma mina, uma pedra, ou outro corpo estranho qualquer.[649]

Havia também o detector de metais, que funcionava com uma bateria e era levado a tiracolo. Quando enquadrado sobre a mina, ele emitia um som indicativo de que o objeto era de metal.

---

[649] GUIMARAES, Ayrton Viana Alves . Entrevista, **História Oral do Exército**, dia 3 de maio de 2001.

FIGURA 13 – DESARMANDO MINAS (FEVEREIRO DE 1945)

FONTE: Acervo da autora.

Como as patrulhas tinham de caminhar fazendo o mínimo de ruído possível a fim de não revelarem sua passagem, geralmente os aparelhos detectores de metais não eram levados, pelo barulho que emitiam. Nesse sentido, abriam-se precedentes para as surpresas. Uma patrulha que saía à noite tinha muita dificuldade para perceber a presença de minas no caminho. Muitos se apercebiam tardiamente delas e, ao acioná-las, levavam de roldão os companheiros que estavam nas proximidades.

Também o soldado Oudinot Willadino, responsável pela manutenção das viaturas, recorda o cuidado que a sua função exigia com os equipamentos, principalmente os carburadores, que congelavam nos dias de intenso frio. Além desse, ocorriam outros problemas, como as trocas de pneus que tinham de ser constantes e dos motores que fundiam devido a um esforço maior para subir estradas localizadas em terreno muito acidentado. Muitas vezes, Oudinot teve de socorrer viaturas que haviam passado sobre minas terrestres.

> Quando uma viatura passava em um campo minado e, na explosão, danificava toda a dianteira da viatura, mas sobravam partes que não sofriam

> dano algum, quando a desmontávamos, restava muita coisa boa: o motor, o diferencial. Aproveitávamos o que podíamos e colocávamos em outra viatura que precisasse.[650]

Participar de uma patrulha era algo realmente temeroso, como destacou o sargento Rubens Leite de Andrade:

> Para o soldado da infantaria, a patrulha é mais temível que o ataque. Nela, partíamos para o desconhecido, não sabíamos o que nos esperava. Às vezes é emboscada, como aconteceu com a minha companhia. Foram cercados pelos alemães. Alguns conseguiram se retirar, porém três não tiveram a mesma sorte. Resistiram até ao último cartucho.[651]

A neve que cobria a estrada era também grande problema, acabava por petrificar, criando dificuldades para os homens e as viaturas. Era comum o silêncio da patrulha ser quebrado por alguém que caía, além do barulho provocado pelos equipamentos que se soltavam, o que era inevitável. As trilhas batidas tinham a preferência dos homens, pois a neve solta nas laterais impedia as passadas e se afundavam os pés em até meio metro de neve, criando sérias dificuldades no caminhar. Os ruídos eram percebidos a longa distância. Desse modo, usavam-se os sinais para comunicação entre os homens.

A longa caminhada noturna estava envolta no comprometimento de estar sempre atento à testa da coluna. Se o da frente se ajoelhava ou deitava, todos seguiam o mesmo movimento. O fuzil e um dos braços levantados significavam perigo: poderia ser emboscada. Cada homem se distanciava do outro cerca de 10 metros. Muitas vezes, o fuzil ou os cacetes eram usados como bengalas, para evitar as quedas constantes.

A longa marcha esquentava os corpos. O peso que conduziam, as jaquetas bem forradas, ou o sobretudo, e a capa de neve, bem como o deslocamento dos homens, faziam os patrulheiros transpirarem. Às vezes, pelos caminhos, encontravam-se algumas casas habitadas, o que não era novidade, pois vários testemunhos deixaram em seus registros os encontros com famílias. O convite para entrar significava o descanso merecido ao lado do fogo, que ajudava a manter a temperatura corporal, tão necessária nas jornadas noturnas em que se empenhavam esses homens.

---

[650] VILLADINO, Oudinot. Entrevista. **História Oral do Exército**, 23 de maio de 2000
[651] ANDRADE, Rubens Leite de. Entrevista. **História Oral do Exército**, 19 de setembro de 2000.

Além das minas anti-carro, havia as armadilhas conhecidas como *booby traps*, que consistiam num fio atravessando horizontalmente os caminhos e passagens por onde as patrulhas poderiam passar. O fio, claro, ficava a pouca altura do solo. Uma, ou ambas as extremidades dele ligavam-se a argolas de grampos de granadas. Essas, a pouca distância do patrulheiro, tinham condições de explodir, a partir do momento em que a pessoa enroscava uma de suas pernas, em 6 segundos, não dando tempo de a vítima correr, quando percebia o ocorrido. Nessa situação, o soldado perdia a perna inteira. Caso ocorresse a presença de minas em lugar das granadas, o efeito mortífero era muito maior.

Outra preocupação das patrulhas eram os *very lights*,[652] armadilhas luminosas, sem efeito mortífero, mas que denunciavam as posições da patrulha, à medida que o seu foco iluminado a atingia em cheio, dando possibilidade de os inimigos enfrentarem os brasileiros, num curto espaço de tempo, varrendo-os com fogos de metralhadoras.

Muitas dessas patrulhas encontravam-se com os opositores pelos caminhos e os confrontos eram inevitáveis. Muitas delas fizeram vários prisioneiros alemães. Mas também brasileiros caíram nas mãos do inimigo.

No retorno da patrulha ao seu posto de comando, as precauções eram as mesmas da partida. Dois elementos iam à frente, na posição de esclarecedores. Em seguida, vinham os feridos e os prisioneiros. Três ou quatro homens na retaguarda, e os demais contornando o centro do dispositivo.

O soldado Geraldino Werner, que participou do 1º R.I., recorda em seu diário algumas situações que envolviam as patrulhas, quando o seu grupamento, depois do fracassado ataque ao Monte Castello, no dia 29 de novembro, havia sido deslocado para uma localidade chamada Monte África. Ele havia baixado ao hospital de Porreta, por causa do deslocamento de ar provocado por uma bomba. Restabelecido, recebera o novo equipamento e retornara ao *front,* onde já se encontravam os companheiros. Como o abrigo ficava no alto do morro, podia ver a movimentação que acontecia no vale logo abaixo. No dia 10 de dezembro de 1944, ele anotou: “Os velhos inimigos faziam patrulhas suicidas, tornavam constante

[652] N.A.: Normalmente, os *very light* eram lançados por morteiros como se fossem granadas. Explodiam no espaço e o seu foco luminoso fica suspenso a grande altura, por meio de um pequeno paraquedas, demorando cerca de 5 minutos no espaço. Sua luz possante iluminava quase como a luz do dia.

perigo para as nossas linhas. O terreno montanhoso e acidentado dificultava a passagem para ambos os lados e nós estávamos ali para garantir nossa posição a qualquer preço".[653]

Relata ainda Geraldino que os alemães, tentando chamar a atenção dos brasileiros, todas as noites invadiam o quintal de um colono que criava galinhas, fazendo a maior confusão no galinheiro. O objetivo era que os brasileiros revidassem com tiros, assim, identificando a posição onde se encontravam. Mas os soldados brasileiros, habituados com essas estratégias na guerra, permaneciam escondidos, sem denunciarem suas posições.

No dia 8 de janeiro de 1945, Geraldino Werner fazia parte de uma patrulha de reconhecimento nas imediações do rio Marano e anotou em seu diário:

> Vestimos capas brancas, nos pés galochas altas, capacetes de fibras e, sobre eles, o de aço, e armados "até aos dentes". Na noite muito escura, parecíamos fantasmas. Em certos lugares, a neve atingia a altura dos joelhos. Com 1 fuzil, 2 granadas, 1 talabarte de munições e 1 faca de campanha na cintura, fomos avançando. Caminhávamos lentamente e com muito cuidado e silêncio, pois a morte caminha sobre os nossos pés, e foi justamente o que aconteceu. Próximo do rio, dois companheiros se afastaram à direita sem que alguém tivesse percebido, não se sabe se por imprudência ou o destino os levou a sair da nossa rota. Nisso, ouvimos uma explosão abafada. O tenente rapidamente ordena a retirada da patrulha, pensando que os alemães estavam por ali. Não caminhamos 50 metros, quando demos por falta de dois companheiros, o cabo Jorge e o soldado Paulino. A patrulha volta em busca dos companheiros e, para nosso espanto, os alemães, que realmente estavam nas proximidades, os aprisionaram. Pelos gritos que ouvimos, de desespero e de dor, estavam feridos. Naturalmente, deveriam ter pisado em uma mina, nada mais podia ser feito a não ser retornar, com tristeza e frustração, à nossa posição.[654]

As companhias ficavam estacionadas em determinados pontos, que demarcavam a zona limítrofe entre brasileiros e alemães. A movimentação de patrulhas era grande. Geralmente, saíam à noite para se resguardarem da visão dos alemães. Os relatos das patrulhas destacavam aspectos que fugiam do relato técnico dos escreventes. Os Regimentos tinham necessidade de anotar os acontecimentos, organizando os relatórios. Nesse sentido, foram escolhidos os oficiais que possuíssem um nível de escolaridade melhor, para efetuar o resumo dos acontecimentos. Cada companhia tinha o seu escrevente. Esses homens eram procurados no final de cada missão. A eles, eram repassadas as informações de

[653] WERNER, Geraldino. **Tomada de Monte Castelo...** Memórias de Geraldino Werner. Documento digitalizado. Curitiba, 12 de setembro de 2008, p. 9.
[654] Ibid., p. 10.

forma clara e objetiva e lhes cabia efetuar o registro de forma sucinta, enfatizando as ocorrências. No caso das patrulhas, era destacada a hora da saída, os objetivos da missão, o número e os nomes dos componentes, as dificuldades encontradas, as emboscadas, os feridos, os prisioneiros e, no caso de um enfrentamento maior, o oficial que comandava a patrulha se encarregava de destacar os detalhes e os nomes dos soldados que haviam se sobressaído e de que maneira haviam atuado.

FIGURA 14 – A PATRULHA

FONTE: HALLAWELL (1946, p. 34)

No depoimento de José Maria Rodrigues, cabo escrevente, é possível avaliar o seu papel diante do 6º R.I., ao qual pertencia.

> Como escrevente, tinha a incumbência de colocar em dia toda a escrituração militar dos elementos de minha companhia. Tomei nota de todos os dados do pessoal da subunidade, das identidades, onde nasceram, o que faziam, para que as fichas deles fossem completas.[655]

[655] RODRIGUES, José Maria. Entrevista. **História Oral do Exército**, Rio de Janeiro, maio de 2000.

Os dados registrados pelo escrevente eram de suma importância para que fossem, mais tarde, encaminhados às 'folhas de alteração' de cada soldado ou oficial, quase como uma ficha de identificação, com o nome completo, onde a vida militar estava descrita. Dessa ficha, dependiam as promoções e, no caso da guerra, direcionavam-se as indicações para as parcas medalhas que a FEB conferiu aos seus homens.

Além dos dados pessoais de cada homem, havia a descrição da ocorrência da missão empreitada em determinado dia. Os escreventes cumpriam a difícil missão de identificar ainda os mortos, o que era verificado pelas duas placas de identificação que o soldado portava no pescoço, como um colar. Lá estava inscrito o nome do soldado e o seu número, bem como o tipo sangüíneo. As placas eram retiradas. Uma delas seria enviada à família e a outra colocada estrategicamente dentro da boca do morto, o que facilitou muito a exumação dos corpos quase 20 anos depois de terminada a guerra, quando os corpos dos soldados brasileiros foram retirados do cemitério de Pistóia e trasladados para o Monumento aos Mortos no Rio de Janeiro, já em 1960.

A memória dos patrulheiros registrara situações que o oficial escrevente, diante da preocupação com uma escrita meramente técnica, não achava relevante mencionar. Pela voz dos soldados, tem-se uma noção da difícil topografia do terreno italiano, das dificuldades enfrentadas pelos homens em pleno inverno, quer seja com o armamento ou com o transporte complicado dos equipamentos, dos encontros com as patrulhas inimigas, do temor que assolava a cada passo e da fragilidade do momento vivenciado.

O soldado Geraldino Werner, em seu relato, destaca algumas situações realmente pesarosas. Em uma das missões, em que dois companheiros seus foram mortos e outros dois foram feitos prisioneiros dos alemães, ele transmite o estado de espírito da patrulha:

> O cansaço tomava conta de todos. Não estávamos acostumados a grandes alturas, mas as andanças, um café quente ou um bom chocolate, muito iam contribuir para acalmar os nossos nervos e nossa angústia. Nesta investida, nossa patrulha não obteve sucesso. [...] o que mais nos perturbava no momento era o sentimento de tristeza pelos nossos companheiros.[656]

[656] WERNER, *op. cit.*,p. 10.

Os registros dos patrulheiros mostram o quão tênue era a linha divisória entre brasileiros e alemães. Muitas vezes, um rio servia de divisor. O soldado Werner mostra, em seu relato, que do outro lado do rio Marano, onde seu grupo estava em posição, era possível avistar uma casa onde os alemães, fugindo às pressas, sentido a presença próxima da patrulha brasileira, haviam deixado vários baldes com suco de maçã. Ele e seus amigos mostraram desejo de experimentar o suco que parecia tão apetitoso, mas alguém foi mais prudente:

> Nosso tenente foi mais cauteloso, pois achou que o refresco poderia estar envenenado e não quis saber de experimentar, mas sempre tem um curioso... O refresco geladinho fez um bem para todos, que saciaram aquele líquido delicioso, sem que para isso tivéssemos que dar um tiro.[657]

5.1.1 A legendária figura do patrulheiro Max Wolff Filho

Muitos fatos na guerra, para os soldados brasileiros, estão envoltos no nome do sargento Max Wolff Filho, que pertenceu ao 11º Regimento de Infantaria. O seu nome está ligado às patrulhas, das quais ele participou ou que comandou durante o inverno e, mais tarde, na Ofensiva da Primavera. Os rumos da guerra iam sendo delineados, mas cabia à FEB a responsabilidade de resolver missões de extrema importância, abrindo caminhos para que os norte-americanos pudessem conquistar Bolonha, finalizando a campanha no último reduto alemão em terras italianas.

No encaminhamento da guerra, o general Cordeiro de Farias, comandante da Artilharia da FEB, em um dos seus últimos pronunciamentos, deixa bem clara a sua visão sobre as missões de responsabilidade da FEB, delineadas pelo 5º Exército Americano. No testemunho que ele deu a Aspásia Camargo e a Walder de Góes, em 1981, recordou a chegada do 2º Escalão da FEB, do qual era comandante. Lembrou também da frente de Bolonha.

> Os alemães estavam oferecendo grande resistência antes de Bolonha, o que deixou o general Clark numa situação difícil, sem poder avançar ou recuar. [...] Logo que nossa tropa chegou à região, recebeu a missão de

[657] WERNER, *op. cit.*,p. 10.

> juntar-se às que já estavam lutando há mais de um mês e, sob o comando dos norte-americanos, atacar Monte Castelo.[658]

Segundo Cordeiro de Farias, era uma "missão duríssima , porque os alemães ocupavam todos os lados".[659]

Diante da dificuldade de atingir Bolonha, decidiu-se que as tropas brasileiras iriam realizar manobras diversionistas na região de Monte Castelo, com o objetivo de desviar a atenção dos alemães. Ainda no relato de Cordeiro de Farias:

> Com isso, facilitaríamos as operações dos americanos. É claro que o V Exército sabia, de sobra, que não se podia tomar o Monte Castelo, que aquela era uma operação suicida. Isso ninguém conta e nem pode contar. O general Clark fez muito bem, a desgraça é que essa dura missão tenha caído em cima das tropas brasileiras.[660]

Max Wolff foi também chamado por seus companheiros como "o rei das patrulhas". Pertenceu à 2ª Companhia do 11º R. I. e embarcou para a Itália no 2º escalão. A história de vida do sargento conduz à Policia Municipal do Distrito Federal, quando servia a essa unidade militar. No percurso da carreira, conheceu o general Zenóbio da Costa, o que teria facilitado a sua passagem para os quadros da FEB, porque outros impedimentos haviam ocorrido: primeiro, pela sua idade; e, depois, por um problema de saúde apresentado, que o considerou incapaz de viajar para a Itália. Sanadas as dificuldades, há que se avaliar seu esforço pessoal para embarcar com a tropa brasileira.

Das diversas missões em que participou, seu nome foi registrado pelos escreventes do 11º Regimento de Infantaria, principalmente nas primeiras jornadas infrutíferas na Tomada de Monte Castello, quando buscou levar tranqüilidade a um grupamento de soldados da 1ª Companhia do 11º R. I. que havia debandado, sugestionados pelo pânico reinante. Tal ocorrência deu-se no dia 2 de dezembro de 1944.

Mais tarde, no dia 12 de dezembro, em outro ataque sem sucesso ao Monte Castelo, o sargento Max Wolff Filho teve o reconhecimento de seu comando, pelo ato voluntarioso de ir à busca dos feridos e do capitão João Tarciso Bueno, que havia sido ferido gravemente. Embora não tivesse obtido êxito na recuperação dos

---

[658] CAMARGO e GOES, *op. cit.,* p. 319
[659] Id.
[660] Id.

feridos e desaparecidos, há um reconhecimento dos batalhões envolvidos nos acontecimentos desesperadores daquela jornada e a admiração dos seus superiores e camaradas pela intrepidez com que aceitou a penosa missão, uma marca da sua personalidade de soldado.

A mais célebre missão de Wolff, juntamente com os 19 homens que o seguiam, estava direcionada à cota 747, assinalada no mapa, próxima à cidade de *Montese*. Era o mês de abril de 1945 e o comando da FEB desconfiava da forte presença de alemães naquela localidade. Havia necessidade de se verificar a realidade das informações esporádicas que chegavam ao comando. Nesse aspecto, foi designada a patrulha de Wolff para que fizesse o levantamento das localidades vizinhas.

Foram muitos os contemporâneos que escreveram sobre a pessoa de Wolff, mesmo os que não o conheceram, até de outros regimentos, e, mesmo nos diários de guerra, seu nome é mencionado constantemente. O que chama a atenção é a força com que o seu nome vai crescendo e emergindo nas narrativas, como salienta Salomão Naslausky, capitão da Artilharia na época da guerra:

> [...] figura consagrada como personagem lendária em vários combates, já tendo recebido das mãos do Comandante dos Exércitos Aliados na frente italiana, General Mark Clark, a Estrela de Prata, condecoração das mais valiosas dos Estados Unidos da América.[661]

O fato memorável que liga a história de Wolff à lenda e que tem persistido entre os pracinhas, é que o elegeram como o maior herói da FEB, em função da patrulha efetuada por ele e por seus companheiros no dia 12 de abril de 1945. As ocorrências dessa jornada, que o vitimaram, estão envolvidas até hoje pelas mais diversas interpretações.

Aquele dia fatídico mal amanhecera e o Posto de Comando do 1º do 11º R.I., localizado na região de *Monteforte,* nas vizinhanças de *Montese,* estava tomado pelos artilheiros e correspondentes de guerra. Havia sérios boatos de grande movimentação de tropas inimigas, o que gerava dupla interpretação: poderia tratar-se de reforço ou de retirada das tropas alemãs na região de *Montese.*

---

[661] NASLAUSKY, Salomão. Cota 747. *In:* REVISTA MILITAR BRASILEIRA. Ano LIX. Volume CII, Brasília, Ministério do Exército, 1973, p. 175.

O lançamento de patrulhas à luz do dia era algo de muita temeridade. Escolhido na noite anterior para comandar o pelotão especial, Wolff havia estudado, com o oficial de operações, todos os detalhes que conduziriam a tão perigosa empreitada. Os homens que o acompanhariam seriam de sua escolha. Geralmente, o grupo era formado por 19 homens.

Como era de seu feitio, segundo muitos dos seus companheiros, Wolff tinha o hábito de verificar cada soldado do seu pelotão. Como comandante de linha de frente, previa e providenciava tudo o que fosse necessário para a patrulha. Solicitava que cada um verificasse seu armamento, geralmente, as sub-metralhadoras e fuzis, minúcias importantes que não poderiam ser esquecidas. Cada homem portava algumas granadas que iam enganchadas no cinto de guarnição, que junto a outros equipamentos tornavam o caminhar do grupo uma árdua tarefa para os patrulheiros. Os homens que o acompanhavam sentiam confiança e segurança na sua liderança.

Ao passar pelo observatório da Artilharia Brasileira em *Monteforte,* conforme o relato do capitão Naslausky, que estava presente, a patrulha seguia em coluna por um, e estava sendo observada ao longe, também pelos correspondentes. Minutos antes, a patrulha havia sido fotografada com os homens em formação. Foi a célebre foto que ficou na história, com Max Wolff à testa do grupamento, com seus talabartes[662] cruzados sobre o peito.

Passando pela localidade, no mapa assinalada como a cota 732, conhecida como *Morciani*, Wolff deixou para trás parte dos seus doze homens, para um apoio; caso uma retirada fosse necessária; seguindo à frente com mais seis. O restante do grupo foi dividido em dois. Ao se aproximarem da cota 747, na localidade de *Riva di Biscia*, objetivo maior da patrulha, Wolff e os demais se aproximam muito das casas. O terreno estava fofo, pois havia sido arado recentemente, o que dificultava a caminhada. Neste instante, perto do meio-dia, o comandante foi atingido pelas balas da metralhadora MG42 (Lourdinha)[663] e ferido mortalmente.

---

[662] N.A.: *Talabarte* ou *boldrié* é um cinturão onde os militares poderiam prender a espada. Na 2ª Guerra Mundial, muitos usavam atravessados no tórax, onde iam penduradas as granadas e munição.

[663] N.A.: A metralhadora alemã mais conhecida e temida pelos soldados brasileiros, a MG42. Foi a arma que causou maior número de baixas. Tinha esse nome porque o seu matraquear das balas muito rápido, quando disparando, parecia com o ruído de uma máquina de costura. Muitas costureiras no Rio de Janeiro chamavam-se Lurdinhas. A arma tinha de comprimento cerca de 1,20 m. A velocidade do projétil era 745 m/s. A cadência de fogo era entre 1.100 e 1.200 disparos por minuto. Seu peso, com bipé, era de 12 quilos.

O inimigo havia preparado uma barragem de fogos, frente às suas posições, dificultando o resgate do corpo de Wolff. Nesse momento, foram feridos o sargento Faccion e o soldado Antonio de Sá Rodrigues O soldado João Estevan morreu no local. O tenente médico Dr. Yvon de Miranda Azevedo, que estava mais recuado, tentou socorrer os feridos no próprio local. Entre os remanescentes da patrulha, permaneceu um grande desalento. A notícia da morte de Wolff espalhou-se por todos os acampamentos brasileiros. Tal fato ocorreu na frente e na retaguarda das tropas, nos *fox hole e* nos postos de observação avançados, reforçando a cada narrativa a figura heróica da personagem. Ficara retida, nas mentes, a figura do soldado destemido, líder do seu grupo e, o mais relevante, a marca da sua personalidade altruísta e espírito de companheirismo denotado a quem precisasse.

O capitão Naslausky, da FEB, referindo-se ao sargento, em artigo publicado no pós-guerra, ressalta os valores do militar morto no cumprimento do dever: "figura consagrada como personagem lendária, pelos feitos heróicos, por vezes sobre-humanos, realizados em vários combates".[664]

Dos companheiros que conviveram com Max Wolff, além dos soldados que faziam parte das suas patrulhas, poucos deixaram seus testemunhos a respeito das missões em que o sargento esteve presente. Já o capitão Adhemar Rivermar de Almeida, na época oficial de Operações do mesmo Batalhão, deixou um documento manuscrito, não publicado, em que, pela primeira vez, fora organizada uma biografia completa do sargento Wolff, dando destaque às citações que constam da folha militar e que lhes foram concedidas pelos comandantes, em diversas situações. No dia 24 de Janeiro de 1944, assina o elogio o major Jacy Guimarães, comandante do I/11º R. I.: "Pelas qualidades de disciplina, devotada ao trabalho, iniciativa, coragem e sangue-frio demonstrados, através das ações de combate em que se empenhou o Batalhão".[665]

Outra citação lembrando Wolff foi registrada no relatório do I/11º R. I. quando, no dia 7 de março de 1944, junto de mais 2 companheiros, socorreu os telefonistas que reparavam as linhas da 1ª Companhia, destruídas pelos alemães. O terreno percorrido por Wolff estava minado e oferecia grande perigo à aproximação. "O desassombro e o exemplo dos guias permitiram o trabalho de recuperação. As

[664] NASLAUSKY, *op. cit.,* p. 175.
[665] ALMEIDA, Adhemar Rivermar de. **Max Wolff, um símbolo, quase uma lenda**. Documento manuscrito. Rio de Janeiro, 1987.

linhas foram consertadas e as ligações restauradas." O feito, considerado de alto nível, foi elogiado também pelo comandante da FEB, o general Mascarenhas de Moraes, que destacou aquele momento: "Releva notar que do sargento Wolff é a segunda citação que tenho o prazer de registrar por ato meritório praticado em combate".[666]

As memórias individuais dos homens da FEB mostraram que, em algumas situações no cotidiano da guerra, foram partilhadas experiências similares às do sargento morto em campo de batalha. Nas trajetórias recuperadas da memória, os relatos relacionados à morte são os mais contundentes, pois ressaltam os valores dos amigos tombados em situações drásticas, em que vidas foram ceifadas, carreiras interrompidas, irrompendo em enorme tristeza dos familiares. Os relatos de Geraldino Werner, Salomão Naslausky e Adhemar Rivermar de Almeida colocam o leitor diante da significação e da valorização dos trágicos acontecimentos.

Octávio Costa, tenente da FEB, também se encontrava no dia 12 de abril de 1944 no observatório da Artilharia em *Monteforte*. Da sua convivência com Wolff, em outros momentos, ele recorda os motivos que levaram o amigo à testa da patrulha naquele dia. Segundo o tenente, na posição ocupada pelos brasileiros, próximo a *Montese*, o silêncio era instigante. Nenhum tiro de morteiro ou canhão era ouvido durante vários dias. 'Nosso observatório e todo o setor brasileiro – estavam impunes'.

> Era preciso medir a incerteza. Cada batalhão deveria enviar, à luz do dia, duas patrulhas fortes, até onde a reação costumava ser cruenta. Fariam prisioneiros, colheriam informações para o ataque do dia seguinte. Estranho, a guerra dos homens, melhor a intimidade do contato com o inimigo que o vazio da incerteza. [667]

Muitos, em seus depoimentos, afirmam terem visto Max Wolff morrer. Cada um a seu modo tenta descrever o que lembra da época. Provavelmente, são relatos que se mesclam à memória dos patrulheiros sobreviventes ao ataque, como o descrito pelo tenente Octavio Costa, que não estava no local:

> Dois homens rastejavam, puxando o corpo pelas pernas. Um deles ficou colado ao chão. Veio outro. Viram que Wolff estava morto, junto à cerca. E outro estava morrendo. [...] examinou o herói, ajeitou-lhe o uniforme,

[666] ALMEIDA, *op. cit.,* p. 26.
[667] COSTA, *op. cit.,* p. 179.

> colocou-lhe o capacete. [...] Inútil a peregrinação da noite dos padioleiros para encontrar o Wolff.[668]

É possível imaginar os acontecimentos desses últimos momentos, sob fogo pesado das armas que vinham da casa, de onde saíram os tiros que sacrificaram os patrulheiros. Também no alto dos morros vizinhos havia um intenso bombardeio entre as duas artilharias, a alemã e a brasileira, como bem descreve Adhemar Rivermar de Almeida, em seu relato: "A situação agravou-se com o início da barragem solicitada pelos nazistas, com intenso bombardeio de morteiros vindos de *Cassano di Mezzo*, de *Cà di Gnoco* e de uma outra localidade não identificada, cortando a retirada do reconhecimento".[669]

O 1º Tenente médico, Dr. Ivon de Miranda de Azevedo, que se encontrava na retaguarda, acompanhado de homens do Serviço de Saúde, teve permissão para socorrer os feridos nas proximidades e tentou resgatar os corpos dos mortos. Os enfermeiros e padioleiros atendiam o grupo. Duas tentativas foram feitas para resgatar o corpo de Max Wolff, mas qualquer movimento era impedido, dada a forte reação alemã.

Ainda segundo o relato do tenente Adhemar Rivermar, o regresso da patrulha ao local da partida foi acabrunhante. Os homens mostravam-se inconsoláveis com a perda do chefe amigo. "São homens afeitos ao combate, criados desde cedo na luta pela vida, homens em sua maioria simples, almas rústicas dominadas pela mística do seu sargento, que não concebem que o corpo do seu comandante permaneça insepulto na terra de ninguém".[670]

Nos dias que se seguiram à morte dos patrulheiros, a FEB desencadeou toda a sua ação sobre a cidade de *Montese* e seu entorno, onde não se podia imaginar a forte concentração alemã. O corpo de Wolff não foi resgatado, provavelmente tenha sido enterrado pelos alemães ou por colonos italianos que habitavam as redondezas.

Sobre o corpo de Wolff ter sido encontrado, ou não, as referências são poucas e o tema torna-se polêmico por não ser possível documentar uma prova circunstancial do ocorrido. Segundo alguns, seu corpo foi levado em um jipe pelos brasileiros, mas daí emerge o questionamento: onde, quando? No boletim interno do

---

[668] COSTA, *op. cit.,* p. 180.
[669] ALMEIDA, *op. cit.,*p. 34.
[670] Ibid., p. 37.

Regimento, consultado por Adhemar Rivermar, encontra-se: “A 18, foi publicado ter ficado considerado como desaparecido em 12 do corrente, quando comandava uma patrulha, às 15 horas, na região do ponto 747”.

Outros dados são incorporados à ficha militar de Max Wolff ainda na Itália. No dia 22 de abril, foi público ter passado da categoria de “desaparecido” a “morto em ação”, sendo, portanto excluído do estado efetivo do Regimento, I Batalhão e 3ª Companhia. No dia 8 de junho de 1945, foi promovido ao posto de segundo tenente “post mortem”. No dia 24 de junho, foi verificado o saldo bancário deixado por Wolff, o que reportava a quantia de quatro mil cruzeiros.

A conclusão do tenente Adhemar Rivermar, sobre o destino do corpo de Wolff, fica muito clara na sua declaração: “Ao contrário do que fomos informados na ocasião, não é verdadeira a declaração de que o corpo de Wolff tivesse sido resgatado uns poucos dias depois, pois vamos encontrar, com data de 20 de agosto de 1945, a seguinte solução de sindicância”.[671]

A sindicância do Exército expõe a conclusão a que chegaram os responsáveis pela procura dos desaparecidos:

> Pela conclusão das averiguações que mandei proceder, verifica-se que o 2º sargento Max Wolff Filho, do 11º Regimento de Infantaria, foi morto em combate no dia 12 de abril de 1945, que o corpo do mesmo ainda não foi encontrado, presumido-se que tenha sido sepultado pelos alemães.[672]

Também os correspondentes de guerra, que se encontravam, no dia 12 de abril de 1944, no posto de observação da Artilharia em *Monteforte,* puderam acompanhar a saída da patrulha de Max Wolff. Dentre esses jornalistas, Joel Silveira, dos Diários Associados, disse ter visto quando a rajada de metralhadora rasgou o peito do sargento Wolff. A distância, segundo o próprio Joel, era de aproximadamente 1 quilômetro. Tal narrativa foi reforçada pelas seguintes palavras:

> [...] vimos, com ajuda dos binóculos, quando o sargento abriu com o pé a porta de uma delas (a casa). [...] Às duas e meia da tarde, a patrulha já estava a menos de 100 metros do objetivo a ser alcançado – um novo grupo de casas alinhadas sobre uma lombada macia. O sargento Max Wolff deu

[671] ALMEIDA, *op. cit.,*p. 38.
[672] COSTA, Dalton Martins. Boletim n. 43, de 20 de agosto de 1945. *In:*, ALMEIDA, *op. cit.,*p. 38.

> mais alguns passos: e então uma gargalhada curta e nervosa estilhaçou o silêncio do vale. Max Wolff caiu de bruços sobre a grama.[673]

Joel Silveira continua o seu relato sobre os acontecimentos que encerraram o fatídico dia dos patrulheiros que acompanharam Wolff naquela manhã do dia 12 de abril de 1945. Teria também o jornalista conversado com alguns homens que escaparam com vida, dentre os quais o sargento Nilton José Facion e o sargento Alfeu de Paula Oliveira, a fim de colher informações. Joel Silveira relata também que o corpo do sargento teria sido resgatado depois de três dias, quando a cidade de *Montese* já se encontrava nas mãos dos brasileiros após violentos combates, contrariando o parecer de Adhemar Rivermar de Almeida, que aponta como válida a sindicância do Exército em 1945, ainda em terra italianas, quando Wolff foi considerado morto em ação e desaparecido.

A descrição do local também deixa dúvidas, quando Joel Silveira diz que o sargento caiu sobre a grama, contestando outras memórias, que afirmaram estar o terreno "fofo", o que dificultava o caminhar. Segundo testemunhos, os terrenos tinham sido arados para plantio, após longo inverno, uma vez que a primavera italiana apresentara ótimas condições para o plantio e os agricultores preparavam suas lavouras, não imaginando que a guerra chegasse às suas pequenas propriedades.

Outra versão sobre a morte do sargento Wolff é encontrada nas memórias de José Dequech, da companhia de Obuzes do 11º R.I.:

> À noite, quando um pelotão ainda tentou resgatar os corpos, os alemães armaram uma emboscada e não permitiram. Somente no dia 15 de abril, depois da Tomada de Montese, é que o pelotão voltou a 747, mas já encontrou os corpos minados pelos alemães e sua retirada só possível com um emprego de mineiros.[674]

Aos pesquisadores caberá sempre uma pergunta: por que tantos soldados e oficiais da FEB afirmam terem visto Max Wolff morrer? Seria uma busca incessante de reafirmação do grupo de combatentes da FEB? Mesmo os que não pertenceram ao seu regimento, que não o conheciam pessoalmente, o prantearam em seus

---

[673] SILVEIRA, Joel e MITKE, Thassilo. **A luta dos pracinhas**: A força Expedicionária Brasileira na II Guerra Mundial. Rio de Janeiro: Record, 1983, p. 82.
[674] DEQUECH, José. **Nós estivemos lá**. Legião Paranaense do Expedicionário. Curitiba: Bibliex, 1994, p. 87.

testemunhos. O relato do tenente Naslausky sintetiza o pensamento daqueles que pensavam como ele:

> [...] não havia mais dúvidas. Morrera o herói. E, ao certificar-se da triste verdade, procurou o artilheiro seu abrigo individual, único lugar em que poderia, naquele momento, ficar só. E lá não se conteve. Chorou. Chorou o Artilheiro a morte de seu herói da Infantaria.[675]

Percebe-se que as lembranças deixadas pelo sargento Max Wolff Filho foram cristalizadas na memória dos combatentes, pelos acontecimentos que marcaram a memória individual e coletiva do grupo. Tais recordações fortaleceram o sentimento de pertencimento dos homens da FEB, ligados a um passado comum.

Como soldado, Max Wolff Filho construiu, para os soldados que pertenceram à sua companhia, laços sólidos de respeito e de amizade, que muitas vezes extrapolaram suas funções. Fato marcante deu-se quando socorreu outros companheiros durante a tentativa frustrada da tomada de Monte Castello, no dia 12 de dezembro de 1944. Nesse episódio, o Capitão João Tarcisio Bueno, ferido gravemente, permanecia inerte do lado alemão. Max Wolff centrou esforços para resgatá-lo, não conseguiu, porque o capitão acabou sendo salvo por seu ordenança. Dada a representatividade que se fez em torno de sua pessoa, ele era admirado pelo espírito impetuoso, que não temia as adversidades no cumprimento de missões perigosas.

A conduta militar de Wolff, perpassada através dos tempos, aponta para várias virtudes, mas a mais admirada por todos era a do seu voluntarismo, que abraçava mesmo as causas impossíveis. Para os soldados FEB, Max Wolff Filho representou o militar de conduta ilibada, o modelo a ser seguido, assim colocado no *panteon* dos heróis, como o foram Caxias e Osório. Do heroísmo resgatado do passado, resplandecem os que se sacrificaram em campo de batalha, no amor incondicional pela pátria no cumprimento do dever. A figura do líder sempre presente impulsionou os seus homens na escalada difícil da guerra. Tão bravo e heróico se mostrou, não poderia ser esquecido.

---

[675] NASLAUSKY, *op. cit.,* p.177.

5.2 BATALHAS DE VIDA E MORTE: O SIGNIFICADO PARA A FEB DA TOMADA DE MONTE CASTELLO E MONTESE

Sob a metralha dentro das trincheiras.
Em pleno '*black- out*', eu ouvi noites inteiras.
Uma canção no céu a vibrar.
Era o inimigo a recordar.
A ti, Lili Marlene,
A ti, Lili Marlene. [676]

Suportando o terrível inverno nas faldas das montanhas dos Apeninos, vivendo nos *fox-holes* ou participando das desgastantes guerras das patrulhas, os brasileiros imaginavam que os planos do V Exército Americano, para as tropas aliadas e para a FEB, colocariam um ponto final na guerra ainda no Natal de 1944.

Mas na ânsia que estavam os norte-americanos em tomar de assalto a cidade de Bolonha, o último reduto das forças alemãs em território italiano, criava-se uma expectativa no comando da FEB. Segundo depoimento do general Cordeiro de Farias, comandante da Artilharia da FEB, em depoimento a que já se fez referência, eram explícitas as resoluções tomadas pelo comando do V Exército Americano: "Em virtude das dificuldades criadas na frente de Bolonha, as tropas americanas não podiam avançar nem recuar". Com a chegada do inverno, decidiu-se que as tropas brasileiras moveriam suas tropas na região do Monte Castello e nos morros adjacentes. Segundo Cordeiro de Farias, havia necessidade de tirar a atenção dos alemães de Bolonha, buscando minar outras tropas também consideradas de peso.[677]

Ainda no depoimento de Cordeiro de Farias: "Não se diz a uma tropa que ela vai ser lançada numa manobra sem perspectivas de vitória. Não se diz que vai lutar com prévia certeza de derrota. Assim, era natural que o general Clark não nos desse detalhes da operação que iríamos executar". [678]

A partir desses acertos, os brasileiros, no mês de novembro e, depois, dezembro, vão se envolver em vários ataques contra o Monte Castello. Os primeiros, exatamente nos dias 24 e 25 de novembro, ineptamente empregados pelo Comando

[676] N.A.: Lili Marlene é a música que fala da namorada do alemão. Já foi cantada pelo inglês, pelo americano e por muitos soldados que combateram na 2ª Guerra Mundial. Os brasileiros também cantavam.
[677] CAMARGO e GÓES, *op. cit.,*p. 319.
[678] Id.

da *Task Force* 45. A frente brasileira ampliou-se incrivelmente para 18 quilômetros de responsabilidade defensiva, incluindo a missão de conquistar a crista que corre do Monte Belvedere para Nordeste e o Monte Castello, a fim de que os alemães perdessem esses pontos estratégicos, de onde se visualizava toda a Estrada 64, local de passagem das tropas e equipamentos para o norte do país.

O tenente Celso Rosa, que embarcou para a Itália no 3º Escalão, relata suas impressões sobre o local onde os soldados brasileiros passariam por sérias dificuldades.

> O Monte Castelo é um dos mais famosos acidentes geográficos na história da Campanha da FEB. [...] Castelo não é um morro isolado, faz parte de um conjunto de elevações que se apóiam mutuamente. Isto, do ponto de vista militar, é de suma importância, [...] é uma elevação de difícil escalada por um ataque frontal, justamente por causa do terreno limpo, de excelente visão por parte dos defensores e pela facilidade de ser protegido pelas rajadas de metralhadoras.[679]

Tal situação provoca, ainda em nossos dias, muita perplexidade nos que a estudam com mais profundidade. Como é possível um jovem tenente, na época, fazer esse tipo de observação, quando o próprio comando brasileiro não se opôs a essas missões suicidas a que se referiu Cordeiro de Farias? O coronel Lima Brayner, Chefe do Estado Maior da FEB, a que já se fez menção nesta pesquisa, também não teria concordado com esses ataques, mas tanto ele como Cordeiro de Farias pertenciam ao comando. Por que não foram contrários a essas determinações, que tantas vítimas provocaram?

No Brasil, durante o mês de novembro, as notícias que vinham do *front* brasileiro na Itália chegavam por meio dos correspondentes, brasileiros e estrangeiros, e davam conta dos acontecimentos. *O Globo,* em manchete de capa, registrava: “Enfrentam os brasileiros obstinada resistência inimiga.” O correspondente da *Reuters* afirmava: “Ontem, pela manhã, uma unidade brasileira, operando em terreno montanhoso, iniciou um ataque contra algumas colinas, onde se achavam instaladas tropas alemãs”. Naturalmente, o correspondente fazia referência ao Monte Castello.[680]

Ao visitar o local, Henry Buckley descreve a situação do campo onde estavam estacionados os brasileiros. O local apresentava profundas crateras, resultantes do

[679] ROSA, *op. cit.,*p. 61.
[680] JORNAL O GLOBO, Rio de Janeiro, 27 de novembro de 1944.

fogo pesado provocado pelos alemães, vindo dos pontos estratégicos, onde se encontravam. Percebeu também a movimentação no telefone, a que acorria todo o momento o oficial comandante da unidade, que mostrava feições cansadas e barba por fazer. Aquele comando estava em ininterrupta atividade por 36 horas.

Como nessas operações, ocorridas durante as jornadas de 24 e 25 de novembro, os brasileiros estavam sob ordens diretas do comando da *Task Force,* a dificuldade de comunicação entre brasileiros e americanos era muito complicada, mesmo para os oficiais, conforme registrou Buckley.[681]

Nessa fase, devido aos desencontros e infortúnios ocorridos sucessivamente, com estratégias inadequadas para a tomada de posições, o Monte Castello torna-se uma imagem negativa para os soldados da FEB. Passou, então, a ser mencionado pela tropa com muitas denominações: o "Monte Maldito", o "Monte Fantasma", conforme reportagem de Egydio Squeff. Tais situações nefastas deixavam apreeensivas as tropas designadas para a sua conquista.[682]

Os jornais dos batalhões continuavam circulando nos acampamentos, e mesmo nas trincheiras de linha de frente. Eram lidos todos os dias, pois se tornaram fontes de informações sobre o andamento da guerra. Mesmo sob censura, sabiam os soldados descobrir o que ocorria aos outros regimentos. O correspondente Egydio Squeff, de *O Globo*, mostrava, em seu texto publicado no *O Cruzeiro do Sul,* que os alemães estavam usando tropas frescas na frente brasileira. Eram soldados especialistas em guerra nas montanhas e acostumados a combater na neve, mas salientava: "os brasileiros não sentiram a superioridade desses novos guerreiros. Também nós estamos nos preparando para a guerra no inverno, com a perícia que o soldado brasileiro tem demonstrado adquirir com presteza". Ele fazia menção ao treinamento com os 'skis', que era ministrado por oficial americano. No seu relato, escreve: "Assisti à primeira aula, e posso adiantar que nossos oficiais e soldados aprenderam com extraordinária rapidez".[683]

Esses preparativos visavam a melhorar o desempenho das patrulhas, mas também os alemães, mais adestrados nessa especialidade, programavam algumas reações, os chamados "golpes de mão", que ocorriam como ataque surpresa a uma posição já adquirida pelos brasileiros. No dia 9 de janeiro, os brasileiros foram

[681] JORNAL O GLOBO, Rio de Janeiro, 27 de novembro de 1944.
[682] JORNAL O GLOBO, Rio de Janeiro, 8 de janeiro de 1945.
[683] JORNAL O CRUZEIRO DO SUL, Itália, 8 de janeiro de 1945.

surpreendidos por um desses golpes, registrado pelo *O Cruzeiro do Sul*, quando os brasileiros revidaram e morreram dois soldados alemães.

Em janeiro de 1945, Bagley, correspondente da *Associated Press,* escreveu para *O Cruzeiro do Sul:*

> Algumas vezes a morte vem impiedosamente, no assovio de uma bomba que arrebenta e espalha estilhaços enfurecidos que rasgam e põem à mostra intestinos ou penetram nas cabeças revolvendo miolos, ou ainda por uma bala silenciosa que encontra um ponto vital. [684]

Na continuidade de sua exposição, vai descrevendo as causas que mais provocavam as mortes para quem estava na linha de frente:

> Mais frequentemente, ele morre em agonia, seu sangue derramando sobre o solo frígido. Ou talvez morra sobre uma maca, a caminho do hospital, ou sobre a mesa de operação. Muitos outros voltam mutilados para a Pátria. Naturalmente, todos sabiam que a guerra era assim.[685]

Impossível não imaginar o que se passava na cabeça dos combatentes brasileiros, diante das perspectivas do correspondente americano.

No Brasil, os jornais davam continuidade à linguagem grandiloquente das manchetes. *O Globo,* em dezembro de 1944, anunciava: 'A engenharia da FEB, em luta contra os famosos Tigres Nazistas'. Henry Bukley, da *Reuters*, publicou entrevista com os feridos brasileiros do 9º Batalhão de Engenharia da FEB, que se restabeleciam no hospital. Recordavam os soldados o papel do grupamento na guerra, quando um deles disse: "Esta guerra parece estranha. Na guerra passada, os engenheiros agiam na retaguarda. Agora, vamos na frente da infantaria que avança".[686] Durante os fortes bombardeios, os mineiros retiraram 24 minas. A reportagem fazia menção ao tanque-tigre alemão que os engenheiros não conseguiram enfrentar, dada a potência do seu canhão de 88 milímetros que, naquele momento, destruíra uma ponte.

O 9º Batalhão de Engenharia da FEB, a que Bukley faz referência na reportagem, embarcou para a Itália com um efetivo aproximado de 500 homens, em escalões diferentes, atuando com duas companhias. O comando do grupamento coube ao coronel José Machado Lopes, um homem de caráter forte que imprimiu

[684] JORNAL O CRUZEIRO DO SUL, Itália, 8 de janeiro de 1945.
[685] JORNAL O CRUZEIRO DO SUL, Itália, 7 de janeiro de 1945.
[686] JORNAL O GLOBO, Rio de Janeiro, 5 de dezembro de 1944.

rigorosa disciplina na formação de tão conturbado batalhão, que, no início, causava desconfianças, superadas com o tempo. Os homens do 9º B.E. eram responsáveis pela recuperação das estradas que haviam sido bombardeadas, bem como pela reconstrução de pontes e pela localização de minas. A montagem das pontes *Bailey-Bridge* acabou se tornando uma especialidade dos brasileiros, pela criatividade e praticidade no ato de montá-las. Tais referências são apontadas nos relatórios norte-americanos, onde se destacou a eficiência do trabalho prestado pelos brasileiros. [687]

No Brasil, a imprensa ressaltava a importância da FEB no contexto do 5º Exército Americano. Propalou-se pelos jornais o espírito colaborador do Exército Brasileiro quando propôs tomar um monte a mil metros de altura:

> Seu nome, Monte Castelo, que em outro despacho eu havia chamado de Monte Maldito. Esse setor fornece maior relevo à atuação dos soldados patrícios e maior glória às tropas brasileiras devido à extraordinária importância estratégica conferida aos nossos soldados.[688]

Egydio Squeff, com seu texto, ajudou a reforçar o imaginário da inexpugnabilidade do Monte Castello, que se reverteria, para os leitores e soldados, sempre em um mau agouro, ao ser lembrado.[689]

Os desastres apresentados pelos ataques dos dias 24 e 25 de novembro de 1944 provocaram alguns melindres entre o comando brasileiro e Crittemberger, comandante do IV Corpo de Exército Americano. Tratava-se de uma pessoa difícil, de palavras diretas e sem meios-termos, que, em encontros anteriores, muitas vezes irascível nas decisões, imputava os fracassos à responsabilidade de Mascarenhas de Moraes, esquecendo-se de que os soldados brasileiros junto à *Task-Force* eram comandados por americanos. Do diálogo difícil entre os comandantes, a serenidade do comandante da FEB, na exposição de motivos, conseguiu interromper a agressividade do chefe americano. Desse momento em diante, a FEB assume seus regimentos e batalhões, sem que haja interferência direta do comando norte-americano sobre as decisões das missões.

No dia 29 de novembro de 1944, uma nova investida ocorreu contra a montanha Fantasma, o Monte Castello. Agora, uma missão exclusivamente

---

[687] NATHAN, S. Mathewson. Storia Operativa della 1ª Divisione di Fanteria del Corpo di Spedizione Brasiliano. **Public Record Office**. Itália, set. de 44 a 45 de maio de 1945.
[688] JORNAL O GLOBO, Rio de Janeiro, 8 de janeiro de 1945.
[689] Id.

brasileira. Essa empreitada coube a 2 batalhões brasileiros, soldados oriundos dos batalhões do 1º R. I., o Sampaio, e do 11º Regimento de Infantaria de são João Del Rey, soldados 'verdes', inexperientes, que haviam chegado no 2º Escalão da FEB, fator de gravidade, caso se considere que lutariam com soldados alemães tão preparados para a guerra.

Mais uma vez, a tentativa era conquistar o Monte Castello pela frente, algo temeroso. Na véspera, os americanos haviam perdido uma posição estratégica importante, era o monte de Belvedere, logo ao lado, que serviria de apoio ao ataque, o que limitava muito o apoio desses à tropa brasileira.

Era necessário juntarem-se os batalhões. No dia 27 pela manhã, os soldados do III Batalhão do 11º R. I. partiram rumo a *Bombiana*, um pequeno povoado próximo ao Monte Castello. À noite, ocupariam as posições iniciais, uma marcha difícil para os soldados, com o inimigo à espreita e sob terreno minado. Já o outro grupo de brasileiros, a quem, se daria também a responsabilidade de apoiar o ataque, era formado pelo 1º Batalhão do 1º R. I., sob o comando do coronel Uzeda.

Os soldados do 11º R.I. chegaram à noite, percorreram as trilhas estreitas que serpenteavam morro acima com enormes dificuldades. Havia chovido e a lama, acrescida ao peso do material que os soldados tinham de levar, dificultava a marcha dos homens. Além do armamento, outros equipamentos e munição faziam a missão ficar mais custosa. As posições somente foram alcançadas duas horas antes da hora marcada para o ataque. Esses homens haviam caminhado por 17 quilômetros, não tiveram um tempo para descansar e não foram alimentados.

O soldado Geraldino Werner, incorporado ao 1º R. I. (Regimento Sampaio), recorda muito bem como foi a jornada do seu grupo no dia 27 de novembro.

> Ao anoitecer, recebemos ordem do tenente do nosso pelotão que todos estivessem prontos para deixar Sila e seguirmos a marcha a pé[690]. Atravessamos a "ponte da morte", margeando a encosta da montanha que dava a *Gaggio Montano*. Chegamos e fomos acomodados nas casas que beiravam o morro, bem abaixo da observação do inimigo.[691]

[690] N.A.: Hoje de carro, é possível sair de Sila, pela estrada asfaltada e chegar a Gaggio Montano em 20 minutos. O terreno é escarpado e tortuoso. Sila está localizada em um vale. Pela ponte a que Geraldimo faz referência, é possível chegar até Porreta Terme, onde ficava o quartel do General de Mascarenhas de Moraes.
[691] WERNER, *op. cit.*.

Aquela noite, os soldados procuraram abrigar-se nas casas oferecidas pelos poucos habitantes que lá se encontravam, pois, com o receio de fortes bombardeios naqueles dias, grande parte da população havia se retirado. Ali, passaram o dia 28 de novembro, não havia como sair dos abrigos, porque a cidade, basicamente encostada ao Monte Castello, estava sendo vigiada pelos alemães. Ainda no seu relato: "Às 18h, recebemos uma lata de feijão e avisados que deixaríamos as casas a fim de tomar posição frente ao Monte Castello".[692]

Pelo tempo que lá permaneceram, os soldados tinham outras necessidades. Geraldino recorda de que seu amigo Leônidas avisou que ia às proximidades em busca de uma bica d´agua. Foi avisado do perigo que corria. Subindo uma escada, aproximara-se da bica, tomou água e encheu o cantil. Ao retornar, já perto da casa onde estavam os companheiros, foi atingido nas costas por um estilhaço de morteiro. Com o impacto, foi jogado violentamente para dentro da casa. Gritava horrivelmente. Tentam dar-lhe o socorro. Logo abaixo da casa, havia uma enfermaria americana, mas já chegou lá morto.

Era necessário seguir o planejamento do ataque. O III Batalhão do 11º R. I., (batalhão Cândido), que saíra do acampamento de *Filetole,* já ocupava suas posições em *Bombiana*. Ao que se percebe, seriam duas frentes de ataque, ficando na reserva o III Batalhão do 6º R. I.. A estratégia parecia perfeita, mas, como diz Brayner, na guerra, o milagre é a exceção.

De acordo com Geraldino, os soldados caminhavam sob uma chuva fina.

> Costeando o morro, dirigimo-nos a um determinado ponto da estrada para começarmos a subir o terreno molhado e escorregadio. Com muita dificuldade, devido ao peso da nossa carga e ao sono que se abatia em todos, a caminhada tornava-se um tormento. À nossa esquerda, estava *Guanela* e, à direita, *Le Roncolle*. Definitivamente, estávamos à frente do nosso objetivo.[693]

Do alto, os alemães não esperaram o dia amanhecer. Um fogo cerrado foi desencadeado pela artilharia alemã. "O *front* tornou-se um verdadeiro inferno de vida e morte". Geraldino vai descrevendo em seu diário toda a dificuldade que teve ao procurar abrigo. O Monte Castello, quando visto de longe, não causa muita impressão, não é uma das escarpas mais altas dos Apeninos, mas está a cerca de

[692] WERNER, *op. cit.,* p. 6.
[693] Id.

mil metros de altitude. Somente quem está no seu sopé tem a idéia da sua real grandeza. No senso comum, poder-se-ia dizer que é um morro esparramado; com vários esporões, como dizem os especialistas, dificultando a vigilância constante a quem sobe. Vários combatentes fazem menção aos muros de pedras que circundam o morro, construídos de modo rudimentar pelos agricultores, no sentido de evitar a erosão das terras.

Conforme Geraldino, seu grupo vai se abrigando na 'pequena muralha de pedras, uma sobre as outras'. À sua direita, outro grupo se protegia, usando do mesmo expediente. À sua retaguarda, vinham outros soldados. O bombardeio tornava-se sempre maior. O tenente do seu grupo pediu que ele seguisse mais à frente, e solicitasse aos que lá estavam que continuassem a progressão. "Cumprida a missão, retorno à minha posição, em lances rápidos, sou obrigado a jogar-me no chão e a alcançar uma castanheira para defender-me do bombardeio. Nossa tática de guerra era ineficiente". [694]

Não muito longe de onde se encontrava o soldado Geraldino, os soldados do III Batalhão do 11º R.I., após caminharem 17 quilômetros do acampamento de *Filetoli* até a base da partida, abaixo de chuva e com as roupas encharcadas, enfrentaram ainda o frio cortante. Chegaram ao local do ataque sem tempo de recompor-se. Tão incrível sofrimento fica difícil avaliar.

Nesse Batalhão, estava o soldado Antonio Dombrowski. A função para qual havia sido treinado era a de rádio-telefonista, serviço muito arriscado a partir do momento que tinha de se expor mais que os companheiros para garantir as comunicações. Durante os fortes bombardeios, geralmente os fios eram atingidos ou cortados por uma patrulha inimiga. No dia 29 de novembro, Dombrowski sentiu dificuldade com o terreno encharcado e as poças d'água. Diante do forte impacto da munição dos morteiros, que vinham do alto, conseguir esticar os fios telefônicos sob terreno barrento era uma dificuldade que ele nunca esqueceu. O grupo de Dombrowski, pela posição que ocupava, não foi tão castigado pela Artilharia, como ocorreu com os soldados do regimento de Geraldino Werner.

A narrativa do soldado Geraldino prossegue: Ele viu seus companheiros serem atingidos. "Tenho dúvidas, mas parece que o sargento foi atingido pelos estilhaços. Não vi direito, pois neste momento estourou uma spirraf sobre nossas

[694] WERNER, *op. cit.,* p. 7.

cabeças, vindo atingir as duas vistas do meu colega, e faíscas sem gravidade, em mim".[695] O relato pesado e emocionado indica os amigos feridos que são nominados. Além desses, os mortos. São cenas que cristalizaram na memória do soldado do 1º R. I.. Os alemães, por sua vez, saíam de suas casamatas e enfrentavam o grupo quase corpo a corpo. "Assim vimos que desciam o morro dois alemães com cunhetes de munição às costas. Miramos a metralhadora em suas direções, mas não os atingimos devido a distância e percebemos que se jogaram para trás de uma castanheira para se protegerem".[696]

Os estrondos e a fumaça provocados pela Artilharia afogavam os combatentes e impediam a visão do que se passava logo à frente. Tal situação mexeu com os nervos de todos. O capitão do grupamento, José Barreto de Oliveira, comunicou ao comando que ia abandonar o local, o mesmo acontecendo com o tenente Euvidio Souto Silva. Tais episódios, muitos deles ocorridos diante dos soldados, criaram sensações indescritíveis, no momento em que os homens tinham de atacar e tentar sobreviver ao mesmo tempo. O que fazer se os líderes estavam abandonando a luta? Estas são as cenas que Geraldino Werner guardou do dia 29 de novembro de 1944:

> Soubemos que o capitão havia abandonado o *front*, se recusara a continuar o ataque achando impossível a tomada de Monte Castello. Seu argumento baseava-se na potência do bombardeio inimigo. Ainda neste dia, aproximadamente às cinco horas da tarde, uma grande explosão nos deixou atordoados. O tenente, completamente alucinado, empunhando sua pistola, saiu em direção ao tanque que nos apoiava e imediatamente dois soldados americanos saltaram sobre ele, desarmando-o. Diziam as 'más línguas' que foi o golpe mais inteligente para se afastar do combate.[697]

Na urgência que o momento apresentava, assumiram o comando o capitão Arnóbio Pinto de Mendonça e o tenente José Machuca. À noite, o bombardeio diminuiu, mas ninguém pôde afastar-se de suas posições. Os tiros de inquietação e as balas traçantes cortavam a noite escura. Eram os alemães a lembrar que dominavam as posições. Durante toda a noite, os enfermeiros e padioleiros trabalharam no resgate dos feridos e dos mortos.

---

[695] WERNER, *op. cit.,* p. 7.
[696] Id.
[697] Id.

No dia seguinte a esse ataque violento, Geraldino Werner, ainda ensurdecido pelos estrondos das bombas, e todo sujo de lama, mostrava sinais de neurose. Foi encaminhado pelos seus companheiros de pelotão ao hospital de *Porreta Terme*.

> Eu estava muito sujo e, após um banho, fui levado para tratamento. Não me recordo, nos dias seguintes, se comia, dormia, ou estava sonhando com a guerra. Tinha me perdido no tempo. Jamais tive vocação ao uso de armas de fogo. Quando ouvia os seus zumbidos, uma fraqueza apoderava-se do meu corpo e do meu espírito.[698]

Ao sair do Hospital de *Porreta Terme*, no dia 10 de dezembro de 1944, dois colegas foram buscá-lo. Geraldino se apresentou ao novo comandante e recebeu o material completo para continuar a guerra: "um fuzil, dois talabartes de munição, duas granadas e uma faca de campanha." Foi para um abrigo, um pequeno buraco no topo do morro, por sinal muito úmido, onde volta e meia pingava água em seu capacete. "Confesso que senti uma paúra danada só em olhar lá de cima para baixo, mas o tempo nos dá coragem e a gente vai dominando os nervos e aceitando com humildade nosso destino. Deus sabe o sacrifício que fizemos em prol da nossa Pátria".[699]

O saldo do frustrado combate do dia 29 de novembro de 1944 veio abalar as estruturas da FEB. O batalhão do 1º R.I., sob o comando do coronel Olívio Gondim de Uzeda, do qual fazia parte o soldado GeraldinoWerner, teve 25 mortos e 128 feridos. Já o III batalhão do 11º R. I. não sofreu conseqüências tão trágicas, os seus mortos somaram 5 e os feridos foram 25.

A quem caberia a culpa desses desastres que se sucederam às jornadas dos dias 24, 25 e 29 de novembro? - Este último de responsabilidade unicamente da Divisão Brasileira. - São muitas as conjeturas, mas os relatórios afirmaram: "faltou comando", além de outros problemas que se apresentaram de última hora. Os 5 tanques americanos que deveriam ter apoiado os batalhões que subiam o morro não conseguiram andar cem metros da base da partida, ficaram atolados na lama, pois o tempo chuvoso não permitiu que seguissem adiante.

---

[698] WERNER, *op. cit.,* p. 8.
[699] Ibid., p. 9.

FIGURA 15 – OUTONO ITALIANO

FONTE: ARBIZZANI *et al.* (1994, p. 117)

Segundo os especialistas que avaliaram a situação, não houve entrosamento entre os carros de combate e a infantaria, em qualquer conflito. Essa é uma situação temerosa e comprometedora. Também não foram envidados esforços para conquistar as elevações adjacentes, como *Belvedere, Gorgolesco* e *La Torracia*, os tais esporões do Monte Castello, que durante todo o tempo serviram de refúgio aos alemães, dando a eles uma defesa impenetrável.

Atacar o Monte Castello de frente, como disseram os especialistas, foi uma temeridade, um erro que persistiu ainda no combate do dia 12 de dezembro de 1944. Mas toda a argumentação acima exposta perde o sentido, como diria Brayner: "à posteriori, calcada na análise topográfica daquele 'caldeirão do inferno' não prevaleceu no espírito dos que montaram o ataque de 29 de novembro, cujo amontoado de erros deixou um lastro sangrento".[700]

O capitão comandante de Geraldino Werner, que abandonou o posto durante a luta, foi levado a julgamento pelo Tribunal Militar. Foi condenado, mas a sentença acabou sendo comutada, como em outras ocorrências militares na Itália.

[700] BRAINER, *op. cit.,* p. 261.

5.2.1 Casa *Guanella*: quando correr após fogo pesado não significa covardia

Depois dos frustrados ataques ao Monte Castello nas jornadas de 24, 25 e 29 de novembro de 1944, o monte continuava nas mãos dos soldados alemães. Nessa perspectiva, se fazia dele a imagem de uma fortificação inexpugnável, que crescia a cada dia para os soldados brasileiros. Com uma frente ampla demais para ser coberta pelos homens da FEB, mais os compromissos assumidos perante o renitente IV Corpo de Exército, comandado por Crittemberger, era necessário não só manter as posições já adquiridas, mas também conquistar o Monte Castelo, a qualquer preço.

Os episódios a serem narrados foram, durante muito tempo, considerados tabus pelos soldados e oficiais da FEB que participaram desses eventos, e estão ligados aos brasileiros que tentavam manter as posições diante do Monte Castello. O ataque sofrido pela tropa brasileira no dia 2 de dezembro de 1944 passou à história da FEB como uma página negra do seu passado e, segundo muitos, digna de ser esquecida. Entre os soldados dos outros batalhões, o incidente ficou conhecido, de forma pejorativa, como o dia em que "O Laurindo desceu o morro".[701] Nesse dia, os soldados do 1º Batalhão do 11º R. I. substituíram o 1º Batalhão do 1º R.I.. Nesse caso, diante de fogo pesado da artilharia alemã. Tomados por pânico coletivo, foram obrigados a fazer uma retirada descontrolada, mostrando como os fatos podem extrapolar a racionalidade.

O que poderia ter sido considerado um malogro, foi levado até às ultimas instâncias, cujas interpretações, dadas as circunstâncias em que ocorreram, mostraram o quão descabido foi o julgamento que se processou na avaliação dos soldados desse Regimento. Apavorados, mediante uma forte reação alemã, os jovens recrutas, soldados totalmente inexperientes, abandonaram suas posições, correndo morro abaixo, deixando armamento e munição para trás.

Tal situação deixou marcas profundas em seus participantes. O assunto, velado por uns, foi, em outras situações, discutido de forma desmoralizante e ignóbil pelos que desconheciam os fatos. O que realmente teria acontecido a esses homens? Segundo os relatórios, esse grupo deveria render outro batalhão que havia

[701] N.A.: Laurido era a personagem de um samba muito conhecido no Rio de Janeiro por ocasião da guerra. Como a letra da música dizia que Laurindo havia descido o morro, a pecha coube aos soldados do 1º Batalhão, que passaram a ser conhecidos como os 'laurindos'.

participado do ataque no dia 29 de novembro de 1944. Diante das jornadas do mês de novembro, acredita-se que substituídos e substitutos tenham conversado sobre o horror que fora o ataque alemão. Nesse dia, o III Batalhão do 11º R. I. sofrera pesadas baixas e o pessimismo imperava entre os participantes. Não poderiam, portanto, dar boas informações sobre aquela frente a ser assumida pelo recém-chegado 1º Batalhão.

É possível imaginar o que tenham sofrido seus participantes sob a pecha de medrosos, fugitivos, incapazes e outros qualificativos que lhes foram imputados. Muitos, em suas interpretações, não levaram em consideração detalhes esclarecedores dos fatos. Em 1956, o sargento Virgilino de Souza, pertencente ao mesmo batalhão, e encorajado por outros, deu o seguinte depoimento:

> Nunca tive oportunidade, até então, de manifestar-me no caso do nosso comandante (major Jacy Guimarães) e o inquérito em que se viu envolvido por força da circunstância. [...] sempre que eu ouvia falar da situação em que se encontrava o major Jacy, ficava bastante triste, porque presenciei sua atitude na guerra, a sua fibra, a sua disposição e não podia admitir fosse ele responsável pela ligeira desarticulação do meu batalhão.[702]

O episódio vivenciado por muitos soldados e oficiais no dia 2 de dezembro de 1944 passou por diversas interpretações, como ocorreu ao capitão Alfredo Betoldo Klas, subcomandante da 1ª Companhia, do 1º Batalhão do 11º R. I., que foi acusada da debandada. Após juntar suas anotações, buscou mostrar a sua visão, que, de certo modo, vem retratar as condições dos seus homens no processo de substituição de outro batalhão, diante de uma frente muito fragilizada. Tratava-se de jovens recrutas que chegaram à Itália na condição de 'tropa fresca', inadvertidamente colocados na linha de frente, sem terem o treinamento físico e psicológico que a situação exigia.

Segundo Klas, mesmo no acampamento de *San Rossore*, o contato dos rapazes da 1ª Companhia com os soldados do 6º R. I., que combatiam já algum tempo, era uma constante. Naturalmente, com mais experiência, esses últimos narravam fatos com tanta realidade que deixavam deslumbrados e pensativos os rapazes do 1º Batalhão. Tais narrativas diziam respeito à superioridade do soldado alemão, da invencibilidade no confronto, do seu armamento, dos morteiros, das lurdinhas. No pensamento de Klas, o medo foi se instalando aos poucos.

---

[702] VIRGILINO, Souza de, *apud* PALHARES, *op. cit.,* p. 210.

Como ocorreu aos demais escalões da FEB, os soldados do 11º R. I. tiveram poucos preparativos. Somente no dia 17 de novembro os soldados exercitaram o armamento com tiro real. No dia 23 de novembro, já no novo acampamento em *Filétolli,* iniciaram a instrução de campo, para se adaptarem ao terreno. Devido às chuvas, os soldados voltavam sujos e molhados, sem que se obtivesse um resultado prático nos exercícios extenuantes.

Sentindo a complexidade do momento e a gravidade da situação, em relação ao precário preparo que vinha ocorrendo com a tropa de um modo geral, às vésperas de entrar em linha, o comandante do 11º Regimento, coronel Delmiro de Andrade, emitiu uma proclamação pessoal, que foi lida no aquartelamento:

> O nosso querido regimento tem sido o último até hoje, por circunstâncias que não lhe interessam investigar, quer na organização que foi precedida na ordem numérica, quer no embarque, onde constituiu o 3º Escalão, quer ainda para o recebimento do material e do armamento a fim de se apresentar para o combate.[703]

No dia 1º de dezembro, retirados às pressas do acampamento de Filetolli, distante do Monte Castello, os soldados foram embarcados em caminhões, em viagem tumultuada. “Em plena noite, iniciamos o deslocamento. Comboio viajando às escuras, entre rampas íngremes e curvas perigosas. Estrada deslizante e lamacenta, sentíamos a dificuldade do motorista que precisava estar atento e ser perito”.[704]

Passando por Porreta Terme, os caminhões atingiram a ponte de Silla, os soldados a atravessaram a pé e em coluna, os caminhões permaneceram do outro lado. As dificuldades da companhia para alcançar o Monte Castello não haviam ainda começado. As reclamações partiam de todos os lados e diziam das dificuldades de caminhar sobre a lama, sobre o terreno íngreme, escorregadio, com armamento e munição muito pesados, além das botas apertadas nos pés e uma sede que se abateu sobre os homens, que logo esvaziaram seus cantis.

Dadas as dificuldades em se encontrar o caminho até o local onde iriam fazer uma substituição, foram recebidos mais no alto, por um grupo remanescente do 1ª Companhia do 6º R. I., aquela em que se fez referência ao soldado Geraldino

---

[703] ANDRADE, Delmiro. Proclamação, Itália 9 de novembro de 1944, *apud* KLAS, Alfredo Bertoldo. **A Verdade sobre Guanella:** Um drama da FEB. Curitiba: Juruá Editora, 2002, p. 88.
[704] Ibid., p. 91.

Werner. Na rápida palestra que tiveram com os soldados que iam chegando, devem ter demonstrado o fracasso do ataque anterior, fazendo menções à grandiosidade do soldado alemão. O que poderia ser esperado do grupo que chegava já tão precavido?

Segundo Brayner, não era necessário esperar muito. Os soldados não conheciam o local, nem as atitudes do inimigo, uma vez que não tiveram tempo de verificar essas peculiaridades.[705] Buscou o comando alertar os novos recrutas sobre os perigos que rondavam a posição do batalhão. Vários avisos e recomendações vinham dos que tinham mais experiência: “não apareça ali”, “não caminhe daquele lado”, “não se mostre, o inimigo vê”. De tanto avisarem, segundo o soldado Leonercio Soares, os soldados ficaram saturados. O local parecia tão tranqüilo, por que se aborrecer? Como os comandantes participavam de uma reunião com outras companhias, o comandante do batalhão, major Joacir, e o capitão Scheleder se ausentaram por algum tempo. Os soldados, percebendo a falta do comando, sentiram-se mais à vontade, a despreocupação foi generalizada. Segundo testemunhos, os soldados caminhavam tranqüilos, entre os abrigos de metralhadoras, ‘visitando’ amigos. Era a grande imprudência, que foi logo percebida pelos alemães. Tratava-se de ‘tropa verde’, totalmente despreparada.[706]

Mas, como os problemas nunca estão sós, havia outra situação delicada dentro da 1ª Companhia. Muitos tinham percebido um comportamento diferente do comandante, o coronel Carlos Frederico Cotrin Rodrigues Pereira, que vinha mostrando sinais de apreensão e insegurança com tudo o que se passava ao seu redor. Colocava restrições em tudo, via fantasmas e brechas onde não existiam.

No dia 2 de dezembro, segundo o relato do capitão Klas, a 1ª Companhia permanecia assim:

> A noite estava relativamente clara, prenunciando o aparecimento da lua. Calma em toda a linha de frente. Na semi-escuridão da noite, aguardávamos o monótono transcorrer das horas. A luz bruxuleante de uma vela meio encoberta, no interior do Posto de Comando, fornecia a claridade suficiente para não batermos nos objetos espalhados pelo chão.[707]

---

[705] BRAYNER, *op. cit.,*p. 265.
[706] SOARES, *op. cit.,*p. 62.
[707] KLAS, Alfredo Bertoldo. **A Verdade sobre Guanella:** Um drama da FEB. Curitiba: Juruá Editora, 2002, p. 96.

A espera dos acontecimentos foi gerando na soldadesca um clima de grande apreensão. Armas em punho, posição de combate. De repente: “Precisamente às vinte e três horas, um tiro de fuzil partiu da direita do dispositivo da 1ª Companhia e despertou a linha de frente. Logo em seguida, outros tiros foram amiudando para se generalizarem em toda a frente da companhia”.[708]

A resposta dos alemães não demorou. Os relógios marcavam três horas da madrugada. Isso significou que o tiroteio pesado, de um lado e do outro, prosseguia já há quatro horas. Ao lado da casa Guanella, a que já se fez referência nesta pesquisa, notou o subcomandante, no semblante dos homens, feições cansadas e apreensivas pela repercussão pesada dos estrondos por horas a fio, que iam, num crescente, gerando muito nervosismo e indecisão.

Nesse ínterim, uma granada atingiu o quarto da casa onde ficavam os oficiais. No deslocamento de ar, todos foram atirados ao chão. O capitão Cotrin, que já demonstrara um humor diferente, cismou que aquele ocorrido havia sido preparado pela 5ª coluna, pois alegava que a explosão se dera no sentido contrário ao inimigo.[709]

Sobre o comandante Cotrin, da companhia que esteve envolvida no incidente, há que se fazer algumas considerações, visto seu comportamento ter incidido diretamente nos acontecimentos: Antes de embarcar para a Itália, vivia uma vida estável em São João Del Rey. Era solteiro e morava no Hotel Central. Tratava-se de pessoa elegante, esportista, sedutor. Segundo alguns, cavalgava muito bem e era admirado por todos. Sempre demonstrou ser uma pessoa alegre, extrovertida, simpática e bondosa.

Na guerra, foi como voluntário, e, pelas atitudes demonstradas, sabia tudo sobre as questões de guerra. Constantemente vociferava a todos sua capacidade de liquidar com todos os exércitos. Não respeitava a hierarquia militar, buscava resolver os problemas sem consultar os superiores, vivia às turras com o comando, diga-se major Jacy Guimarães. Todos se tornaram protagonistas do lamentável acontecido, que, aliado à falta de comando, revelou oficiais descontrolados e jovens recrutas assustados diante de um inimigo tecnicamente e psicologicamente melhor preparado. Enfim, ingredientes mais perigosos que a pólvora, prestes a explodir a

[708] KLAS, Alfredo Bertoldo. **A Verdade sobre Guanella:** Um drama da FEB. Curitiba: Juruá Editora, 2002, p. 96.
[709] Ibid., p. 101.

qualquer momento. "Na segunda noite do front, em seu batismo de fogo, desmoronou-se aquele gigante de bravura e de habilidades".[710]

O bombardeio da casa em Guanella abalou consideravelmente o capitão Cotrin. Outros problemas surgiram, as armas não eram conhecidas dos soldados, muitas travaram. Diante das fortes explosões, o rádio deixou de funcionar, cortando, assim, a comunicação com as outras companhias, e não se podia mais verificar a real situação do momento.

A desordem tomou conta do *front*, não se esperava mais a ordem de retrair. Muitos soldados abandonaram suas posições, que agora sofriam também o ataque da artilharia brasileira, por trás, fato que levantou conjeturas, na época, em razão da posição em que a granada caiu sobre a casa, e pela outra que teria destruído o rádio. Nessa hora, não havia muito tempo para pensar, mas, quem teria mandado encurtar a alça[711], quando a própria artilharia dizia ser impossível tal medida"?, pergunta Klas.[712] Tudo levava a crer que seria o que se chama hoje de "fogo amigo".

Desconcerto total, sair correndo, desordenamente, "salve-se quem puder", ir o mais longe possível do caos que se instalara. Tentavam alguns oficiais encontrar seus homens pelos caminhos, pois muitos haviam se perdido. "Saímos das posições, abandonando tudo o que era de uso pessoal. Levamos adiante o nosso armamento e o sargento Souza Santos conduziu a documentação da Companhia, salvando assim as minhas anotações." [713]

Contagiadas pela onda de pânico, outras companhias abandonaram suas posições, retirando-se da frente de combate. Enquanto isso, espalhava-se a notícia de fantásticos ataques do Exército Alemão. Mas nem tudo podia ser resumido e qualificado como fantasias de recrutas assustados. A forte concentração de fogos sobre a companhia, os estrondos dos canhões e os estilhaços que passavam aos milhares zunindo sobre as cabeças dos soldados criaram condições para a imensa onda humana que se formou descendo morro abaixo.

A 2ª Companhia, comandada pelo capitão Scheleder, conseguiu retirar seus homens, com segurança e tranqüilidade. Foram orientados a seguir a estradinha

---

[710] SOARES, *op. cit.,* p 69.
[711] N.A.: Dada a proximidade dos alemães, junto à posição onde estavam os homens e armas, alguém deve ter solicitado que os tiros da artilharia brasileira fossem mais curtos.
[712] KLAS, Alfredo Bertoldo. **A Verdade sobre Guanella:** Um drama da FEB. Curitiba: Juruá Editora, 2002, p. 102.
[713] Ibid., p. 103.

asfaltada, que conduziria a todos para a segurança da retaguarda. O pânico não havia tomado proporções tão catastróficas nas demais companhias.

Pelos caminhos, encontravam-se pessoas desordenadas, alguém gritava:

> "Estamos cercados!". Difícil foi segurar a torrente humana que descia morro abaixo. Ninguém via ninguém, "todos eram iguais no medo e na fuga: oficiais, sargentos e soldados. Na ânsia atropelada da corrida, aos poucos, procuravam se desfazer de tudo que os embaraçasse, pesasse ou retardasse o avanço para retaguarda".[714]

Os soldados foram deixando as armas mais pesadas, depois as mais leves, os bornais de munição, as caixas de ração, os cantis, os cinturões, os equipamentos, os cobertores e agasalhos, tudo enfim era jogado.

Os que estavam mais distante da Casa Guanella haviam se protegido em outras casas ou palheiros, não sentiam o pânico reinante. Conseguiram permanecer nas suas posições e, por muitas razões, não fugiram. Muitos mostraram fibra e, mais tarde, se destacaram como soldados competentes nas situações em que estiveram envolvidos.

Os que haviam descido o morro e encontraram o caminho para *Porreta Therme* chegaram em estado lastimável. Chovia, estavam encharcados, enlameados, desarmados e mudos, sem saber o que fazer. A presença de tantos homens, no centro da cidade, transformou o pequeno burgo em uma 'verdadeira praça de guerra'.

Segundo Leonércio, os soldados foram chegando e ficando, sem que soubessem para onde ir, e eram olhados com desdém pelos habitantes locais. Esses, já habituados com as agruras da guerra, na insensibilidade do cotidiano, não se aperceberam do momento difícil em que aquela tropa se encontrava. Os uniformes mal ajeitados e as caras imberbes, marcadas pelos chamuscos pretos da pólvora, faziam os jovens parecerem velhos, embora a maioria tivesse em torno dos 25 anos. Foram alimentados ali mesmo, nas piores condições possíveis.

No dia seguinte, o comando da FEB providencia a prisão do capitão Scheleder e de mais alguns comandantes de companhia, todos acusados de covardia, fato que causou grande desolação aos soldados em relação ao seu

---

[714] SOARES, *op. cit.,*p. 71.

comandante, pois viam nesse ato uma injustiça contra o militar que havia se comportado com honradez, durante todo o ataque.

Segundo Klas, a 1ª Companhia foi mandada para a cidade vizinha de *Granaglione*. Não se sabe até hoje por que esses homens foram enviados para esse local. Segundo Leonércio, seria meramente um castigo. No dia 5 de dezembro, os oficiais foram interrogados e receberam a visita do alto comando, o que acabou causando grande apreensão. O general Mascarenhas de Moraes não perdeu a sua postura.

> Homem, de fina educação, cheio de nobres virtudes, disse que levava o conforto moral aos seus comandados. [...] Em seguida, falou o general Zenóbio. Iniciou recriminando a atitude da companhia e, particularmente, dos seus oficiais. As frases que saíam dos seus lábios revelavam mais uma vez o homem áspero que vê com satisfação o sacrifício do soldado, dizendo, ainda, que, como General, jamais comandava recuos.[715]

Paradoxalmente, em de janeiro de 1945, o comandante da Infantaria, aquele mesmo que se dirigia aos seus homens com impropérios, foi entrevistado pelo *O Cruzeiro do Sul* e saudou os seus comandados:

> Sinto-me verdadeiramente jubiloso com a apresentação da nossa Infantaria. Poderíamos, como o nosso grande Euclides da Cunha, dizer: 'o brasileiro é antes de tudo, um forte'. [...] Percorro amiudamente os postos mais avançados, e é com profunda emoção que verifico a fortaleza dos nossos intrépidos soldados, que alegres, destemerosos.[716]

É interessante observar o que disseram outros combatentes em seus diários ou em seus testemunhos sobre os acontecimentos do dia 2 de dezembro de 1944.

O soldado Ítalo Diogo Tavares, do 6º R. I., escreveu sobre o assunto:

> Agora vou comentar a proeza do Laurindo, pois faço questão de não me esquecer dela. Uma manhã, estava ainda escuro. [..] chega a Iella, de jipe, um capitão e ele, afobado, diz: 'Depressa, depressa! Caiu toda a frente. O nosso batalhão vem por aí, pelas estradas. Não é mais possível resistir. Já combatemos toda a noite, a nossa munição terminou.[717]

Ítalo continua sua narrativa:

---

[715] KLAS, Alfredo Bertoldo. **A Verdade sobre Guanella:** Um drama da FEB. Curitiba: Juruá Editora, 2002, p. 105.
[716] JORNAL O CRUZEIRO DO SUL, Itália, 14 de janeiro de 1945.
[717] TAVARES, *op. cit.,* 2005, p.73.

> Ficamos todos espantados, seria verdade que toda a frente havia caído, que os alemães vinham em direção a *Porreta Therme*? Rapidamente, pusemos as metralhadoras batendo a ponte, ponto obrigatório de passagem. Outras armas foram colocadas em pontos estratégicos.[718]

Outros oficiais que se encontravam em Porreta, adidos ao Quartel General da FEB, recordam, em seus testemunhos, o estado em que os soldados da 1ª Companhia chegaram após a debandada. Os homens apresentavam-se transfigurados, as faces pálidas e os olhos esbugalhados, outros buscavam abrigar-se em qualquer ponto que servisse de proteção, alguns ainda portavam seus fuzis, enquanto a maioria os havia deixado pelos caminhos.

Como diz o capitão Klas, subcomandante da companhia que sofreu os maiores problemas no dia 2 de dezembro: "Fica fácil falar do que não se viu". Tal fato leva a pensar sobre as declarações de Ítalo Diogo. Naturalmente, ele estava em *Porreta,* a sua companhia iria reforçar o 3° Batalhão do seu regimento, o 6º R. I, mas até que ponto as informações dele podem ser confrontadas com os relatórios? Há que se levar em consideração a confusão reinante na ponte e na própria cidade com a chegada de toda a soldadesca vinda da região do Monte Castello.

Também Ítalo, em sua narrativa, vai mais longe.

> Depois foram mandadas patrulhas para verificar o que havia e nada encontraram. Os alemães não tinham estado ali. Mais tarde, depois que o 3º Batalhão, do 6º R. I. entrou em posição, como substituto, acabou por encontrar equipamentos e armamentos deixados pelos soldados em fuga. Só foram encontrados cadáveres de brasileiros. Ainda, segundo Ítalo, foi simplesmente 'burro branco'. Na afobação, os que estavam atrás atiraram nos da frente.[719]

No relato do capitão Alfredo Klas e de Leonércio Soares, tal fato não é registrado.

No dia 2 de dezembro, o jornal *A Noite* destacou o *Avanço Brasileiro sob pesado fogo,* fazendo referência, sem citar a data, ao combate ocorrido em torno do Monte Castelo, no dia 29 de novembro de 1944. O correspondente Henry Buckley, da *Reuters,* considerou-o a luta mais áspera experimentada pelas forças expedicionárias brasileiras, desde que haviam entrado em linha. A reportagem mostra as dificuldades encontradas pelos soldados para atingirem o pico da

[718] TAVARES, *op. cit.,* 2005, p.73.
[719] Ibid., p. 74.

montanha, e, sem maiores comentários, encerra melancolicamente a reportagem, descrevendo o céu da Itália, naquele dia, como um 'lençol azul, apenas marcado por nuvens leves'.[720] Era sintomática a posição do jornal.

Enquanto, na Itália, a campanha centrada na conquista do Monte Castelo causava grandes dificuldades para a FEB, o jornal *A Noite*, no Rio de Janeiro, publicava como manchete: '5 brasileiros aprisionam 15 alemães'. Na descrição do jornal, o sargento brasileiro, Thomas Aguirre, com 4 soldados sob seu comando, havia flanqueado o inimigo, enquanto seus companheiros mantiveram o fogo para conservar distraídos os alemães.[721]

Já o jornal *O Globo,* no mês de janeiro, destacava a ação dos pilotos da FAB, enaltecendo os nomes dos pilotos observadores, bem como os que tinham o registro de maior número de missões. "Esses pilotos observadores sentem-se satisfeitos com os resultados já alcançados em sua missão principal de orientar o fogo de artilharia".[722]

No mesmo mês, *O Globo* informava ainda sobre as ações do grupo de Caça que estava atuando nas fronteiras da Suíça, da Áustria e no Passo de Brenner, salientando que, nos primeiros meses de operações, foram lançadas 80 mil toneladas de bombas contra objetivos inimigos. Como reforçou Egydio Squeff: "os nossos patrícios podem ficar certos de que os seus pilotos ombreiam, em decisão e perícia, com os companheiros das forças aliadas".[723]

Mas o que destino reservava aos comandantes e aos soldados do 11º R. I., após aquele fatídico dia 2 de dezembro de 1944?

A questão sobre a Casa Guanella foi julgada pelo Supremo Tribunal Militar, contra os comandantes Carlos Frederico Contrim, Rodrigues Pereira, Silvio Scheleder Sobrinho, Emilio Guimarães Tinoco e contra o major Jacy Guiamarães, buscando esclarecimentos sobre as atitudes de cada um naquela jornada. O capitão Cotrim, junto de seu advogado, mostrou que, após os ataques da artilharia alemã, havia procurado ajuda médica no Posto Avançado de Neuropsiquiatria. O seu caso foi diagnosticado como 'comportamento de inferioridade e estado ansioso'. Os depoimentos consignaram dois mortos, oito feridos e um desaparecido. Não se

[720] A NOITE, Rio de Janeiro, 2 de dezembro de 1944.
[721] A NOITE, Rio de Janeiro, 4 de janeiro de 1945.
[722] JORNAL O GLOBO, Rio de Janeiro, 13 de janeiro de 1945.
[723] JORNAL O GLOBO, Rio de Janeiro, 17 de janeiro de 1945.

entrará aqui em detalhes e considerações apontadas durante todo o processo do julgamento. Contrim foi condenado a 1 ano e 8 meses de detenção, depois transformada em prisão simples. Nesse ínterim, perdeu a patente e deixou o Exército. Foi o único condenado pela Justiça Militar.

Os demais não foram condenados, como afirma Klas,

> [...] mas tiveram as suas vidas marcadas pelos acontecimentos. Esses, mesmos absolvidos, sofreram as agonias do processo: viram seus nomes rolarem pela auditoria de guerra, nas colunas da imprensa e nas folhas dos boletins diários. Jacy Guimarães, Silvio Scheleder e Tinoco, incontestavelmente, tiveram o seu prestígio abalado perante muitos.[724]

Ainda de acordo com Klas, o inquérito em torno do caso Guanella foi uma farsa, montado com o objetivo de dar uma satisfação aos norte-americanos. "Preferiu-se o escândalo, o alarde, o sensacionalismo".[725] Mais tarde, ao regressar ao Brasil, Contrim passou a estrelar um programa de televisão como o Capitão Asa, papel que naturalmente deve ter lhe caído muito bem.

Quantos soldados ficaram à margem da história da FEB, calaram-se. Não conseguiram externar seus pensamentos, seus pareceres, buscando uma defesa que pudesse aliviar o peso da incompreensão da culpa que lhes foi imputada pelo abandono da área do conflito. Contudo, o depoimento do sargento Virgilino de Souza pode resumir o pensamento dos seus companheiros:

> Com lágrimas nos olhos, pois que, como integrante daquele Batalhão fatídico, mas sempre histórico, também tenho sofrido abatimentos de ordem moral. Devo dizer-lhe que sou testemunha ocular de todos os fatos e que, no meu modo de ver, nenhum comandante de Batalhão escaparia, por mais bravo que fosse, àquela jornada dolorosa do dia 2.[726]

O balanço que se faz hoje desses acontecimentos é de que faltou ponderação aos protagonistas das decisões tomadas contra o Batalhão. Um recuo, ou a retirada de um batalhão sob fogo pesado, como aconteceu à 1ª Companhia, da qual faziam parte Alfredo Bertoldo Klas e outros tantos soldados valorosos, como Ari Rauem, não justificam a grandiosidade que se tentou dar ao assunto. Aquela noite fria e chuvosa, com os clarões e os fortes estrondos e mais de quatro horas de

---

[724] KLAS, Alfredo Bertoldo. **A Verdade sobre Guanella:** Um drama da FEB. Curitiba: Juruá Editora, 2002, p. 128.
[725] Id.
[726] SOUZA, *apud* PALHARES, *op. cit.,* pp. 207-208.

bombardeio cerrado deixariam em dificuldade qualquer tropa experimentada. Basta se observar os jovens recrutas do 11º R. I., muitos com menos de 25 anos, para se questionar: por que tudo isto?

5.2.2 Abetaia é nome feio: quando os mortos ficaram insepultos

Cai a noite no campo de batalha
tudo é silêncio. Às vezes, um lamento,
Rouco grito de dor a calma talha,
Levado, longe, longe, logo, pelo vento.

A música sinistra da metralhadora cessou.
Só resta agora o sofrimento
Deixado pela bala que estraçalha
E lança mais alguém no esquecimento.

E quando o sol, novamente nascer,
Gloriosamente, lá por trás do morro
Só se ouvirão os gritos de socorro,

Daquele cujo sangue ainda a correr
De peito aberto numa só ferida
Tudo ofertaram à pátria, até a vida.[727]

Mais um ataque seria desferido pela FEB contra o 'morro fantasma'. Os combates anteriores haviam demonstrado o quão sacrificado foram para os brasileiros que deles participaram, com conseqüências desastrosas. Vidas foram ceifadas, criou-se um pânico generalizado nos jovens recrutas e destruíram-se carreiras promissoras dentro de Exército Brasileiro. Causa espanto que os erros cometidos durante os dois ataques do mês de novembro e o último, realizado no dia 2 de dezembro de 1944, não tivessem servido de alerta para que mudanças estratégicas fossem delineadas, ou que se usasse de bom sucesso nos preparativos dessas operações.

Prevaleciam os acordos firmados com o V Exército Americano. O comando da FEB não opinava mais. Omitiu-se um erro gravíssimo, na visão de qualquer leigo. Pela ausência de decisões mais realísticas, a FEB ainda iria trilhar por caminhos extremamente perigosos, com centenas de vítimas, entre mortos e feridos, no ataque que seria desferido conta o Monte Castello, passando por um punhado de casas em Abetaia.

[727] VARELLA, R. F. Fim de Batalha. **O Febiano,** n. 35, maio-junho. Rio de Janeiro, 1970, p. 29.

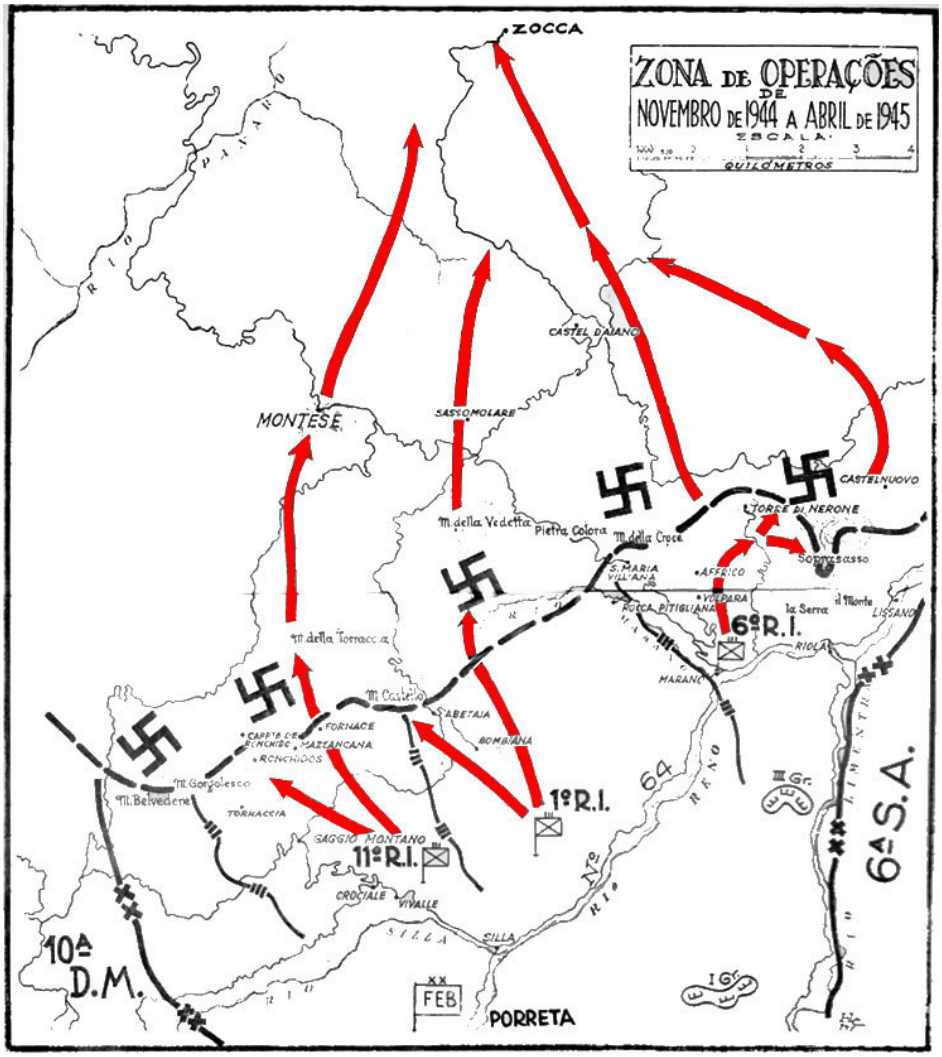
O novo ataque estava marcado para o dia 12 de dezembro. Crittemberger tinha pressa e queria resolver a questão da tomada do morro até o dia 15. O grande fator que marcou os anais da história da FEB neste combate não foi nenhum evento bélico de grandes proporções, mas a morte de 17 soldados, próximo a Abetaia, e o fato de terem permanecido insepultos até o degelo. Isso criou uma aura de representatividade heróica que, por longo tempo, tem sobrevivido nas lembranças dos combatentes. Segundo as histórias cristalizadas nas lembranças, esses homens teriam morrido em formação militar, empunhando seus fuzis e granadas.

Sobre os acontecimentos relacionados ao combate do dia 12 de Dezembro de 1942, muitos escreveram, manifestando interpretações e vivências pessoais dos acontecimentos. Outros, lá não estiveram, mas também opinaram.

Dos diários e testemunhos selecionados para consulta, chamam a atenção as anotações do capitão Alfredo Bertholdo Klas, da 1ª Companhia do I Batalhão do 11º R.I., que, no dia 2 de dezembro de 1944, havia participado dos desastres ocorridos com seus companheiros. Viu a tropa ser tomada de um pânico coletivo e incontrolável, sofreu com seus homens a desmoralização da incompreensão. Sentiu também o peso do julgamento sobre seus comandantes imediatos, homens honrados e destituídos de seus postos, situações delicadas que marcaram tantas vidas. Nesse aspecto, muito tempo depois dos acontecimentos, na maturidade das idéias e das reflexões, Klas resolveu romper o silêncio, animado por um amigo, para escrever sobre o assunto, quando recebeu o seguinte conselho: Procure, estude e, se possível, escreva.

Novamente o mesmo batalhão seria colocado à prova. É de se perguntar por que tamanho desatino? Os acontecimentos que afetaram esse grupo tinham ocorrido há menos de 10 dias. Qualquer um poderia perceber que os soldados não estavam ainda refeitos da jornada anterior. Nesse aspecto, o que se sucedeu acabou falando por si.

FIGURA 16 – MAPA DAS OPERAÇÕES BRASILEIRAS



FONTE: Acervo da autora.

Segundo Brayner, ao amanhecer dia 12 de dezembro, chovia ininterruptamente. A visibilidade era zero, pensava-se até em adiar o ataque, pois a aviação não teria condições de dar apoio, além do impedimento do emprego das bases de fogo fortemente dotadas de metralhadoras ponto 50, mesmo se empregando projéteis–traçantes. Nesse caso, falhariam pontos de apoio importantes para a infantaria conseguir alcançar seus objetivos. Tudo levava a crer que o ataque seria um insucesso, mesmo antes de acontecer.

O ponto de partida seria o povoado de *Bombiana*; na descrição de Klas, uma localidade com poucas casas, construídas ao lado de uma igreja semi-destruída pelos bombardeios. Como restassem poucas casas em pé, os soldados da 1ª

Companhia se alojaram como foi possível. No interior da igreja, o vai e vem dos soldados misturava-se ao vozerio de pessoas falando ao mesmo tempo.

O capitão Tarcisio Bueno, o novo comandante, era um brilhante oficial de carreira, com muitos cursos realizados na área militar. Homem culto e inteligente, que fazia parte do Estado Maior da Divisão. Porém, sua experiência de militar resumia-se às missões estrangeiras das quais havia participado, ou então aos gabinetes de quartéis, sempre afastado do contato com a tropa. Diante da crise provocada pelos ataques anteriores, cuja responsabilidade se imputou aos capitães, as substituições se tornaram um problema. Nesse aspecto, resolveu a FEB alçá-lo ao comando da 1ª Companhia.

Ainda no relato do capitão Klas: "O capitão Tarcisio dava impressão de estar nervoso. Comia pouco, tomava muito café e fumava bastante".[728] Provavelmente o capitão mostrasse esse comportamento em função da responsabilidade que assumira diante dos comandantes, embora sabendo que a operação do ataque que iria acontecer dentro de poucas horas fosse algo quase impresumível.

Os soldados, para atingirem as posições inimigas, teriam que passar por um terreno plano, uma relva sem arvoredo, ou qualquer acidente. Não havia como abrigar-se da fuzilaria que iria descer o morro. Lá estava a Casa de Abetaia, construída com paredes grossas feitas de pedra ferro, no estilo muito usado pelos italianos. Próxima à casa, uma cerca de arame farpado tentava proteger o avanço dos inimigos.

A noite de 11 para 12 de dezembro era para todos descansarem e dormirem, pois na manhã seguinte o ataque seria iniciado. Segundo Klas, dentro da casa que lhes servira de abrigo, o capitão deitou, mas não dormiu. Ao seu lado, o soldado Sergio. Além deles, uns quinze homens compartilhavam o improvisado alojamento, todos deitados no chão, inclusive o capitão. Na lembrança de Klas, quando perguntou ao capitão por que não dormia, este respondeu: "estou nervoso, porque temo pelo bom desempenho da missão por parte da companhia". Klas, naturalmente, havia percebido, por parte do capitão, outras razões para o estado de ânimo em que ele se encontrava.[729]

---

[728] KLAS, Alfredo Bertoldo. **A verdade sobre Abetaia:** Drama de sangue e dor no 4º ataque da FEB em Monte Castelo. Curitiba: Imprensa Oficial, 2005, p. 127.
[729] Ibid., p.130.

O capitão Tarcisio Bueno solicitou que às 24 horas fosse acordada a companhia para a saída, que, depois, foi transferida para as três horas da manhã. O capitão não conseguiu conciliar o sono. Conforme a ordem recebida, Klas acordou todo pessoal da 1ª Companhia. Foi servido um rápido café a todos. Às cinco horas da manhã, a companhia estava pronta. A visibilidade àquela hora da manhã era quase nula, enxergava-se de dois a três metros no máximo. Os homens foram formando coluna por um. "Molhados e com frio, chegamos à estrada asfaltada, onde nos esperava o capitão Tarcísio com os oficiais". O plano de combate previa uma ação surpresa, mas a artilharia americana, que estava escalada para dar apoio, "iniciou extemporaneamente uma 'brilhante' barragem, determinando a quebra da surpresa da operação".[730]

O que se desencadeou em seguida serviu de narrativa para muitas pessoas. Klas estranhou o silêncio, não houve a cobertura do batalhão Syzeno, da 2ª Companhia do 1º batalhão. Esse grupamento chegou tarde à sua base de partida, pois teve de caminhar 16 quilômetros, abaixo de chuva fina, lama, muita serração. Levou sete horas para chegar ao apoio. Sem saber desse detalhe, o capitão Tarcisio ordena o ataque. Quando os soldados de Syzeno chegaram para dar cobertura, já não havia muito que fazer.

O inimigo estava muito bem escondido, não desperdiçou tiros de metralhadoras ou de fuzis, mas despejava sobre a tropa sua munição de morteiros. Klas foi a *Bombiana* buscar mais munição. No retorno, encontrou um soldado da companhia, esfalfado, aterrorizado, quase sem forças. Como o rádio tinha sido danificado, foi por intermédio de um mensageiro que se soube das notícias nefastas com a 1ª Companhia. Já havia muitos feridos e mortos, e, sem muita possibilidade de defesa, inclusive o capitão Tarcisio Bueno, fora ferido e se encontrava caído em campo inimigo,ao lado de outro soldado brasileiro. O desastre anunciado aconteceu e a operação foi suspensa.

Na análise do acontecido, Klas manifestou a sua reflexão: "O sangue e a vida dos brasileiros não tinha muito valor. Rufem os tambores, soem as trombetas e pé na estrada para conquistar o maldito Castelo, pelo menor preço possível, com honra e glória ao 4º Corpo do Exército Americano".[731] A companhia foi obrigada a recuar.

---

[730] KLAS, Alfredo Bertoldo. **A verdade sobre Abetaia:** Drama de sangue e dor no 4º ataque da FEB em Monte Castelo. Curitiba: Imprensa Oficial, 2005, p.131.
[731] Ibid., p. 134.

Eram homens cansados, sujos, amedrontados, desesperados com as mortes ou com os ferimentos dos amigos, sem ter condições de se esconder. Na cabeça dos jovens soldados, tudo se repetia novamente, o insucesso e as frustrações. O Monte Castelo continuava nas mãos dos alemães.

Na visão de Klas, cada qual poderia dar a sua interpretação sobre o combate: "Quem saiu vitorioso não precisa pensar muito para descrever os detalhes do ocorrido. Palavras fluentes, facilidade de encaixar as ocorrências e as citações naturais de pessoas ou atos dignos de menção."[732]

O capitão Tarcisio Bueno tinha sido ferido com muita gravidade e várias patrulhas foram a campo para tentar salvá-lo. Em uma dessas patrulhas, participou o sargento Max Wolff Filho, mas não obteve sucesso. Provavelmente com os binóculos, seus companheiros pudessem ver o corpo caído do capitão. Mas perceberam também que os alemães mudavam a cada momento a posição o capitão ferido, no sentido de colocá-lo como isca para as patrulhas que iam às buscas. O que se passou depois do seu resgate provavelmente ficou por conta das palavras do próprio capitão Tarcisio, dos participantes do seu batalhão, ou de outros que lá não estiveram, mas ouviram falar.

Sobre o que teria conversado Tarcísio com um soldado brasileiro, também ferido no mesmo momento, é algo a se especular. A distância entre os feridos e o batalhão brasileiro era significativa, mas muitos diálogos entre essas duas personagens foram criados, à mercê da criatividade de cada narrador.

O tenente Gentil Palhares, também pertencente ao 11º R.I., em seu relato, buscou mostrar os últimos lances de Tarcisio Bueno no comando:

> O capitão Bueno quer dar exemplo de sacrifício e bravura aos seus subordinados, marcha à frente de sua companhia; a certa altura, o combate chega a desenvolver-se a granadas de mão, homem para homem, brutal, violento. Foi quando recebeu certeiro tiro à esquerda do peito. O explosivo era a desumana 'dundum–dum', que o atingira em cheio. Cinco costelas são partidas, um pulmão é atingido.[733]

Na explicação de Palhares, depois de algumas horas, o capitão Tarcisio, que deveria estar desmaiado, despertou com o vozerio e os risos dos soldados alemães

[732] KLAS, Alfredo Bertoldo. **A verdade sobre Abetaia:** Drama de sangue e dor no 4º ataque da FEB em Monte Castelo. Curitiba: Imprensa Oficial, 2005, p. 139.
[733] PALHARES, Gentil. **De São João Del Rei ao Vale do Pó.** Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1957, p. 237.

que retornavam às suas posições. O capitão olhou em torno e viu que estava na "terra de ninguém", deserta, tendo apenas por companheiros os cadáveres de amigos que jaziam pelo chão. Junto do capitão, um soldado muito ferido contorcia-se de dor. Mesmo assim, tentaram reunir forças para fugir do local, o que, pelo grave ferimento de ambos, tornou-se inviável.[734]

O dia passou e o escuro da noite dificultava o trabalho das patrulhas que, sob ameaça constante dos alemães, tentavam resgatar o capitão. Foi realmente extraordinário ter escapado da morte com graves ferimentos e com a hipotermia que tomava conta do seu corpo. Mais tarde, seu ordenança, o soldado Sergio Pereira, sozinho, e sem alarde, conseguiu, com cuidado, atravessar a linha inimiga e resgatar o ferido, trazendo-o para as linhas brasileiras, onde foi salvo.

Novamente, a 1ª Companhia do 1º Batalhão foi a que sofreu o maior número de baixas: 112 no total, entre mortos e feridos. O que chama a atenção é a apropriação que se fez, pelo imaginário dos combatentes, do episódio em que morreram os "Os 17 de Abetaia". Nas narrativas, os tombados naquele dia, em Abetaia, simbolizaram a dignidade do patriotismo daquele que morre pela pátria. "O heroísmo está na serenidade diante da morte, pela verdade, pela liberdade, pela honra e pelo bem".[735] Constantemente, o episódio é lembrado, não somente pelos componentes do 11º R. I., mas também por soldados de outras unidades que combateram na Itália, e tem servido de motivação nos discursos que foram proferidos no pós-guerra, como o fez Gentil Palhares.

Na narrativa de Palhares, após o combate, quando se efetuou a chamada nominal dos soldados para se apurarem as baixas, o levantamento apontou para a ausência de muitos soldados e oficiais. Na 1ª Companhia, dezesseis homens de um Pelotão não responderam à chamada. Os ausentes, que não tinham sido enviados aos hospitais, foram considerados "desaparecidos em ação", teriam sido feitos prisioneiros ou teriam ficado no campo, insepultos. Mais tarde, já por ocasião da Tomada de Monte Castello, na primavera italiana, os 16 corpos dos soldados da 1ª Companhia, e mais um de outro batalhão, foram encontrados quase perfeitos. Seus corpos tinham sido preservados pela neve. O reverendo Sorrem, com seus

[734] PALHARES, *op. cit.*, p. 139.
[735] FERREIRA, Tarcísio C. Nunes. Boletim Escolar n. 80, 23 de abril de 1952, *apud* MATTOS, *op. cit.,* 1960, p.55.

voluntários, procuraram os desaparecidos. Caso fossem encontrados, seriam levados para o cemitério de Pistóia.

Segundo Palhares, no estreito corredor de Abetaia, que flanqueava o Monte Castello, lá estavam os corpos:

> [...] em torno a uma casamata, em formação semi-circular de combate, e num campo aberto, a uns 20 metros das seteiras, jaziam 17 cadáveres brasileiros, hirsutos, agressivos, colhidos por traiçoeira ceifa de morte. Alguns comprimiam o gatilho que disparara o último tiro, e outros tinham, nas mãos cerradas, as granadas, já sem o grampo.[736]

A população italiana, que nesses dias vagava pelos pequenos povoados em busca de alimentos e roupas, sentia enormes dificuldades. O mês de dezembro, na Itália, sempre é o prenúncio de como o clima invernal vai se comportar. Sabiam os retirantes que era necessário, com urgência, organizar um farnel com alimentos e carregá-lo junto das pequenas tralhas que conseguiam transportar, atravessando ora as linhas brasileiras, ora as linhas alemãs, muitas vezes sob forte bombardeio.

Foi o que aconteceu a Caterina Bruni, a parte da sua família desestruturada pela guerra e a alguns vizinhos, que se aventuraram entrar nas linhas brasileiras. Em seu testemunho, ela diz:

> Partimos no dia 13 de dezembro de 1944, eu, meu irmão Evaristo, minha cunhada Rina (sua mulher), que estava num estado adiantado de gravidez, perto de 8 meses, e a Clarice (amiga), que era de Abetaia, e estava na casa Toschi (casas vizinhas). Em suma, saímos para ir a Abetaia (próximo ao monte Castello) e Spondella para pegar um pouco de comida e roupas, pois o capitão brasileiro, chamado Covas, havia nos dito que Abetaia estava liberada dos alemães e que ali se encontravam brasileiros. Quando passávamos por Caramella, encontramos muitos soldados e ficamos um pouco incertos e, quando nos aproximávamos da Casa Bosque (povoado), vimos uma fila de soldados mortos. A cabeça de um tocava os pés do outro. Seguimos adiante. Vi os corpos dos brasileiros. Era dia de Santa Lucia, uma coisa que não se esquece. [737]

Quando Caterina Bruni afirma ter conversado com um certo capitão brasileiro de nome Covas, e que este havia afiançado que Abetaia havia caído em mãos dos brasileiros, motivo pelo qual ela e seu grupo sentiram mais segurança para chegar às linhas brasileiras, a informação procede, pois, erroneamente, fora informado, pela

---

[736] MATTOS, *op. cit.,* 1960, pp. 249-250.
[737] BRUNI, Caterina. **Entrevista a Carmen Lúcia Rigoni.** Gaggio Montano, Itália, 8 de agosto de 2002.

fonia do rádio, que Abetaia havia caído, o que logo em seguida fora desmentido: “Abetaia e Valle continuavam em poder do inimigo”.[738]

Clarice, a mais velha do grupo de retirantes, queria dirigir-se para Abetaia, e o restante pensava seguir para o povoado de *Spondella.* Nesse impasse, quando o grupo pensou em separar-se, escutou vozes de soldados alemães dizendo:

> “Komml Kolmm” “Parem, parem...”. Eles tinham duas metralhadoras. Vendo que estava impedido de continuar o caminho, o grupo de amigos italianos resolveu passar na casa de um conhecido, Elzo Petroni. Como explica Caterina: “Os alemães nos seguiam de perto e iam fazendo acusações, dizendo: “Vocês são espiões!” Refletindo com rapidez, e temendo pela própria vida, Caterina respondeu: “Como podemos ser espiões se estamos vindo de *Seneveglio* e foram os alemães que nos deram autorização para passar em busca de todas aquelas coisas?”.[739]

Com insegurança, o grupo de Caterina foi escoltado pelos alemães até a cantina de um outro conhecido, chamado Cioni Giovanni. Os alemães haviam requisitado o estabelecimento como alojamento. Mais alemães foram se juntando ao grupo. Caterina e seus amigos, cada vez mais amedrontados, seguiram com a pequena caravana até um posto de triagem alemã. O local era *Casone Masti*, onde havia um posto para atendimento aos feridos. Naquele momento, chegava um carregamento de produtos alimentícios conduzidos pelas mulas. Segundo Caterina, na confusão de tanta gente junta, houve a possibilidade de todos fugirem, mas o receio de uma represália era muito maior.

A saga de Catarina continuou. Todos foram obrigados a seguir os soldados alemães, o terreno era difícil, “uma estrada cheia de barro que vinha até aos joelhos”. Nas proximidades, havia um lugarejo chamado *Bernardini di Maserno.* Naquele local, ficaram todos retidos para trabalharem para os alemães. O irmão de Caterina foi obrigado a seguir com os alemães para o *front*. Permaneceram no local ela, Clarice e a cunhada, Rina, que estava prestes a dar a luz. Um grande grupo de alemães chegou naquela noite para fortalecer o Monte Castello. Com 20 anos, Caterina era um jovem vistosa e chamava a atenção dos soldados, que lhe diziam “grande amor” e outras palavras. Temendo por si mesma, ela agarrava-se a Clarice, que pedia, quase rogando, que deixassem a moça em paz.

---

[738] BRAYNER, *op. cit.,*p. 291.
[739] Id.

Para Caterina e para outras mulheres, foram momentos de grande tensão jamais esquecidos e expressos mais tarde no seguinte depoimento: “Mas se vê que o Senhor não me abandonou. Neste momento, aparece um tenente ou capitão, dá uma ordem e todos obedecem. Em seguida, abandonam o local, mas antes aprisionam todas em um quarto da casa”.[740]

Na manhã seguinte, as mulheres foram soltas, mas lá permaneceram três dias descascando batatas e cozinhando verduras para os soldados. Na distração deles, conseguiram fugir e, pelo caminho, foram encontrando outras pessoas que também buscavam as frentes brasileiras. Tal caminhada não era segura. Debaixo do bombardeio americano, as mulheres não conseguiam andar muito rápido. Clarice porque era muito idosa e a cunhada de Caterina por estar grávida de oito meses. Quando o grupo chegou a Guanella, nas terras dos Berti, todos foram feitos prisioneiros novamente, mas agora de uma patrulha brasileira.

> Pela manhã, fomos encontrados pelos brasileiros que haviam ocupado o local, expulsando os alemães. Fomos feitos prisioneiros e nos levaram a Casellina di Romano, onde ficava o seu comando e, depois, para Porreta Terme, ainda como prisioneiras. Pedi para telefonarem ao capitão Covas, na Casa Toshi e disse: “Diga-lhe que é donna Caterina e donna Clarice...” Não sei o que falaram, mas logo fomos colocadas em liberdade.[741]

Os momentos de tensão que Caterina vivenciou ficaram retidos para sempre em suas lembranças. Eram as zonas limítrofes entre brasileiros e alemães, junto ao Monte Castello, justamente nos dias que sucederam ao ataque dos brasileiros a 12 de dezembro de 1944. Depois de passar pelas linhas brasileiras, Caterina foi ao encontro dos familiares que a aguardavam com muita apreensão. “Cheguei a *Poggio del Buço*, onde estava meu pai, também desabrigado, mas, com lágrimas no rosto, abraçou-me com carinho e disse: ‘sabia que você voltaria’.” Encerrando a sua narrativa, Caterina afirmou: “Nos últimos anos, agradeço a Deus todos os dias por estar viva”.[742]

Sobre aqueles dias de tristes jornadas contra o Morro Fantasma, de um lado, estavam os brasileiros com seus batalhões, jovens recrutas, muitos quase adolescentes; do outro, um inimigo experiente e uma topografia onde deveriam ter combatido apenas os homens especializados nas lutas em montanhas. Sofreram o

[740] BRAYNER, *op. cit.,*p. 291.
[741] Id.
[742] Id.

frio, a altitude, a lama, o peso do armamento e das caixas de munição. Perderam a hora de comer, ficaram atônitos, correram do improvável, ficaram surdos pelos estrondos provocados pela artilharia. Muitos ficaram mutilados ou perderam amigos. Vidas foram ceifadas, carreiras obstruídas. Mas o Monte Castello teria de ser tomado, era um desafio para a FEB, diante da incredulidade daqueles que não acreditavam nesses homens.

5.2.3 O dia em que o Castello caiu

Em meados de fevereiro de 1945, a neve e o frio já não eram tão intensos como tinham sido no mês de dezembro. As tropas estavam praticamente paradas, persistindo ainda as patrulhas que, de um lado e do outro, tentavam manter suas posições. Os alemães ainda tinham em seu poder as montanhas nas grandes alturas, das quais dominavam os vales adjacentes. Superá-los seria garantir a marcha para Milão, Turim, Alessandria e Bolonha, cidades importantes localizadas ao norte da Itália, cuja conquista poderia minar as forças alemãs, obrigando-as a um recuo ou à rendição total em território italiano. Nesse contexto geográfico, estavam os montes Belvedere e Monte Castello que, indiscutivelmente, representavam uma abertura para o vale do Rio Pó e para os Alpes. O primeiro representava uma empreitada para a tropa americana da 10ª de Montanha; e o segundo, uma missão desafiadora para os brasileiros, diante do imaginário da sua inexpugnabilidade.

O Exército aliado sabia das reais condições do Exército Alemão: de tudo faltava um pouco, desde combustíveis para os carros e munição para armamento, até roupas e calçados para seus homens. Muitos desses combatentes, envolvidos na guerra já há quase cinco anos, ansiavam também pelo fim dela. Todos haviam chegado a um limite. Sem rever suas famílias, recebendo a cada instante notícias que vinham da Alemanha, esses homens não viam perspectivas de que o exército alemão saísse vitorioso. Lutava-se pela dignidade de soldados que eram, mas o dia-a-dia apontava outras situações, muitas de cunho pessoal, para as quais a guerra não tinha resposta.

Para os brasileiros, a situação não era diferente: três meses estacionados diante do Monte Castello, a olhar aquele morro de onde partia todos os dias o martelar estrondoso da artilharia alemã, criaram uma expectativa muito grande em

relação aos regimentos que se sentiam fisicamente e espiritualmente envolvidos com ele.

Há que se avaliar também o desgaste emocional. Muitos soldados já haviam participado de patrulhas, geralmente à noite e em terreno montanhoso, coberto com espessa camada de neve, onde todo o cuidado era pouco. Todos esses são fatores de grande desgaste emocional que, nos relatórios técnicos frios e impessoais, não foram registrados.

Os momentos antes da partida para o combate pesam em seu desenrolar: o nervosismo, o suor excessivo, as roupas molhadas. Segundo o historiador militar Kellett, além desses aspectos, o soldado sente a iminência do combate, em maior ou menor escala, e está sujeito a todas as tensões: o perigo, a fome, a sede e as incertezas.[743] Essas situações envolviam o medo que o soldado experimentado tenta reverter.

Ainda segundo Kellet, em suas pesquisas sobre as questões que envolviam o pânico de uma tropa diante de uma situação de perigo, os soldados norte-americanos, respondendo a um questionamento, disseram que uma das maneiras de controlar o medo excessivo se apoiava em três situações: A fé que se deveria ter nos objetivos de guerra, a confiança no líder e o treinamento. Todos os entrevistados reconheciam a possibilidade de um futuro melhor com a vitória final.[744]

Entre os soldados brasileiros, a situação não era muito diferente, segundo o médico psiquiatra paranaense, Lacerda Manna, que atuou no *7º Station Hospital de Livorno,* na Itália. Porém, havia uma singularidade: dos jovens recrutas brasileiros entre 18 e 19 anos, muitos não haviam atingido a maioridade mental, o que lhes proporcionava a falta de maturidade para as situações que envolviam o poder de decisão, além de ser baixo o nível escolar da maioria dos homens provenientes do interior do Brasil. Nos Hospital de *Livorno,* onde atuou, existiam duas enfermarias abertas destinadas aos casos mais leves de descontrole emocional e dois quartos de segurança para os casos de pacientes mais graves. Dos registros de Manna neste hospital, constam cerca de 377 atendimentos a praças e oficiais no período entre novembro de 1944 e abril de 1945.[745]

---

[743] KELLETT, Anthony. **Motivações para o combate**. Rio de Janeiro: Bibliex, 1987, p.42.
[744] Ibid., p. 48.
[745] MANNA, Rubens de Lacerda. **Serviço de Neuropsiquiatria da Secção Brasileira.** Curitiba: Editora do autor, 1962, p. 48.

Os depoimentos dos médicos sobre este período são enriquecedores. Nesse caso, reportar-se-á ao quartanista de medicina Sebastião Diaz Cammarosano, que partiu para a guerra como voluntário, compondo a 3ª companhia do 1º Batalhão de Saúde da FEB. Como ele mesmo diz: "levado pelo espírito de patriotismo, compareci para responder ao chamamento da pátria".[746]

No posto de 2º sargento enfermeiro, durante a guerra, o estudante de medicina pode aperfeiçoar-se no atendimento aos feridos. "Verificamos que tudo o que aprendíamos não se aplicava no teatro de operações".[747] As suas lembranças buscam mostrar os procedimentos de acompanhamento ao soldado ferido, não apenas na parte física provocada pelos ferimentos graves, mas também na parte emocional, que podia, de certa forma, afetar não somente o comportamento do soldado, mas, às vezes, diante de um quadro mais violento, provocar um surto psicótico desgastante, como aquela debandada da 1ª companhia do 11º R. I., no dia 2 de dezembro de 1944 .

Havia uma cadeia de serviço de neuropsiquiatria que atendia de Porreta Terme até o Hospital de Nápoles, onde o Dr. Mirandolino Caldas prestava assistência. A maior movimentação ocorria exatamente após os combates, segundo Cammarosano, o psiquiatra Mirandolino Caldas opunha-se aos tratamentos recomendados pela clínica psiquiátrica ortodoxa, aquela que, nos casos extremos, aplicava o coma induzido com insulina e recorria ao choque de convulsoterapia elétrica. Como médico de práticas modernas, Mirandolino preferia a psicoterapia de impacto, apelando para os brios do soldado, para que avaliasse a sua situação, na perspectiva de estar na guerra representando sua pátria. Uma boa conversa convencia os doentes de que tudo era psicológico e passageiro.[748]

Não havia também medicamentos modernos como *Aldol, Tripiridol, Anatensol*. Na época, dispunha-se de *sequenol*, *fenobarbitol* e *alitol line*.[749] Trabalhava-se muito nos hospitais com a terapia ocupacional: os soldados eram tratados com música, ouviam rádio, liam revistas e praticavam jogos. Segundo as estatísticas do Hospital, havia cerca de 80% de recuperação.[750] O modelo aplicado por Mirandolino, na Itália,

---

[746] DIAZ, Sebastião Cammarosano. Entrevista. **História Oral do Exército**. Rio de Janeiro, 8 de abril de 2000.
[747] Ibid., p.118.
[748] Ibid., p.131.
[749] Ibid., p.125.
[750] Id.

era conhecido como “psiquiatria analítica”, na qual o papel do médico era ‘encarar o indivíduo, examinando sua personalidade e sua reação sem rotulá-lo como esquizofrênico, psicótico, maníaco depressivo ou neurótico.’

Os preparativos para tomar o Monte Castello já eram planejados desde o mês de janeiro. Eram produto de reuniões entre o Comando Brasileiro e o V Exército Americano, pois previa-se uma ação conjunta das duas forças, com envolvimento também do grupo de Caça da FAB. No dia 18 de fevereiro de 1945, a movimentação já era grande nas estradas que conduziam ao Monte Castello. Na cadência sincrônica, os carros de combate, os carros de assalto e os jipes foram aos poucos tomando posição e eram disfarçados dos olhares do inimigo pela fumaça artificial produzida pelos ingleses em Porreta Terme. Ao amanhecer do dia 19, a FAB fazia seus vôos com objetivo não somente de reconhecimento, mas derrubando toneladas de bombas nas posições alemãs. Agora, o segredo do ataque já não era o mais importante.

No dia 19 de madrugada, a agitação no entorno do Monte Castelo foi crescendo com a movimentação dos soldados do 1º R. I. Esses vão aos poucos galgando as posições que até então se encontravam nas mãos inimigas. O que faz um grupo de combatentes antes de sair para uma missão perigosa é algo surpreendente: além dos preparativos usuais da verificação do armamento, são checados os cunhetes de munição e os talabartes, que deveriam estar muito bem presos com as granadas. Checavam-se as metralhadoras e sua munição, um cuidado de vida ou morte, uma vez que na hora do embate o homem tinha que confiar em sua arma. Também um cobertor pequeno e bem dobrado ajudava a compor os equipamentos de quem iria subir o morro sem saber quanto tempo iria permanecer lá em cima. Apesar do degelo que começava, as temperaturas no Monte Castello ainda eram muito baixas.

Muitas vezes, antes de um ataque importante, costumavam os padres que pertenciam ao Serviço Religioso da FEB levar um apoio religioso aos soldados. Algumas fotos são reveladoras desses momentos e emocionam mais do que as palavras. Para atender aos soldados brasileiros na Itália, lá se encontravam 26 capelães católicos e 2 protestantes, ligados ao Estado Maior da FEB.

No Brasil, assim como os soldados, os capelães haviam passado por um rápido treinamento nos quartéis do Rio de Janeiro. O padre Carlos Alberto da Costa

Reis era um deles. Todos ficavam adidos a um Batalhão, e, como soldados, vivenciaram o cotidiano da guerra. Assim como a tropa, passaram pelos deslocamentos, pelo desconforto dos acampamentos, pelo frio intenso e registraram em suas mentes os momentos de maior tensão durante os bombardeios, como bem lembrou padre Alberto:

> Nunca me esqueço dos alemães quando usavam seus morteiros: os tiros chegavam perto e eu, na expectativa de morrer. E quem disser que não tem medo de morrer, soldado, ex-combatente e até general, quem disser que não tem medo da morte está mentindo ou está doido. Em alguns momentos, vi toda a vida passar num átimo de tempo.[751]

Esses religiosos estavam sempre muito unidos aos soldados. A presença deles em um acampamento tinha um alto significado para os homens: era a presença amiga do conselheiro, daquele que estava disposto a ouvir alguém em conflito, levando mensagens que acalmavam os espíritos. Atestando esses momentos, o padre Alberto aparece em várias fotografias, não somente nos locais onde os soldados se encontravam, mas também nas comunidades italianas. Retratando esses locais, sua coleção de fotos formou um acervo considerável.

Geralmente, nos pequenos povoados, havia uma junção das atividades religiosas entre os párocos locais e os padres do Serviço Religioso da FEB. As missas eram organizadas e rezadas sempre que os bombardeios cessavam, como explica o capelão padre Jacó Scheneider: “Depois de três violentos bombardeios desabados sobre nós na madrugada do dia 3 de dezembro em Sila, deixei meu refúgio para ver o que acontecera à tropa.. Estávamos todos atordoados, mas ilesos, graças a Deus e ao santo forte de cada um”.[752]

Em outra ocasião, o padre Jacó estava com os soldados na cidadezinha de *Marano.* Os dias ainda eram do outono muito gelado, chovia muito e o terreno virava um lodaçal, provocado também pelos bombardeios que não deixavam nada em pé. O seu relato coloca o leitor dentro da cidade, imaginando o que sentiram os soldados e a população após um bombardeio:

---

[751] REIS, Alberto da Costa. Entrevista. **História Oral do Exército**. Rio de Janeiro, 6 de março de 2000.
[752] SCHNEIDER, Emilio Jacob. **Vivência de um ex-capelão da FEB.** Curitiba: Edições Rosário, 1983, pp. 58-59.

> Caindo de buraco em buraco, chuvisco fino batendo, às duas e meia, alcançamos a casa, onde entramos eu, o médico Barcelos e os enfermeiros, enquanto os pracinhas se ajeitavam nos respectivos buracos... No dia seguinte, visão nenhuma, mas parei fora, ao ar livre e escutei o silêncio, percebi o som de um sino.[753]

Nesse dia, após o bombardeio, a população foi chegando, escondendo-se entre os escombros, juntou-se aos pracinhas e a missa aconteceu.

Das histórias de amizades entre os soldados e os religiosos, a de Frei Orlando foi uma das mais marcantes. Nascido em São João Del Rey, era franciscano. Quando convocado, com 31 anos, resolveu acompanhar o regimento. Embarcou para a Itália no 2º Escalão. Lá chegando, alçou a posição de capitão no 11º R.I.. Viveu no acampamento com os soldados e, antes de qualquer combate, tinha por hábito levar palavras de fé e incentivo a eles. Era uma pessoa voluntariosa, que não via barreiras para concretizar essa assistência, denotando sempre boa disposição e alegria no trabalho que realizava. Além das missas rotineiras que rezava para os soldados, o seu lado amigo e alegre era admirado por todos.

O tenente Ruy Fonseca, pertencente ao mesmo Regimento, lembra a passagem do religioso pelo acampamento e dos encontros alegres que Frei Orlando proporcionava aos soldados. Era comum reunir os católicos e os que gostavam de rezar, em algumas noites: com sua gaitinha de boca, tocava um repertório não só de músicas religiosas, como o *Louvado Maria,* mas outras do seresteiro mineiro: *Saudades do Matão, Sobre as Ondas, Saudades de Ouro Preto*, uma maneira inteligente de puxar a turma para o terço.

Os locais para rezar as missas eram muitas vezes inusitados, como explica Ruy, ainda falando de Frei Orlando: “Ele chegou ao local de reunião do pelotão, a velha estrebaria, e, improvisando um altar na baia sobre a manjedoura, explorou a situação, falando-nos que Jesus Cristo estava no meio de nós, como no dia do nascimento, onde viveu seus primeiros dias: um estábulo”.[754] Quando perguntava se os soldados haviam se confessado naqueles dias e a resposta era negativa, ele procurava tranqüilizar a turma: “Tudo que vocês iriam me dizer, Deus já sabe de sobra. Vou pedir a Deus que perdoe a todos, desde que se arrependam sinceramente daquilo que lhes pesa a consciência”.[755]

---

[753] DIAZ, *op. cit.,* p. 125.
[754] FONSECA*, op. cit.,* p. 107.
[755] Ibid., p. 108.

Também o padre Alberto da Costa Reis lembra da personagem marcante do religioso "Era jovem, físico de atleta, cabelos negros, semblante sempre alegre. Onde ele estivesse, estaria também alegria".[756]

Era comum também o Frei Orlando visitar os soldados em seus *fox holes*, como afirma Alberto Reis:

"Com tanta naturalidade, era visto como a figura do pai extremado junto dos seus filhos, na hora em que suas vidas corriam perigo".[757]

Alberto Reis lembra-se também da última vez em que se avistaram, depois de uma das reuniões na casa paroquial mais próxima do Quartel General em Porreta Therme.

> Fomos conversando sobre os mais variados assuntos, a nossa vida sacerdotal, a experiência nova de capelães em época de guerra: as incompreensões de que é alvo o sacerdote; enfim, a conversa de dois jovens sacerdotes, entusiasmados com a missão que Deus e a Pátria lhes confiaram. Parecia ser aquela a última viagem. [758]

No dia 20 de dezembro, como era de sua rotina, o Frei Orlando tinha intenção de visitar os soldados da 4ª e da 6ª companhias, que pertenciam ao 2º Batalhão. A localidade era próxima à Bombiana, muito castigada pela Artilharia alemã. Foi advertido do perigo e aconselhado a fazer um roteiro mais curto, onde não ficasse tão exposto. A 4ª companhia entraria em linha na manhã seguinte, justamente no ataque que seria desferido ao Monte Castello. A visita do frei era sempre aguardada, pois o bom humor e a alegria que envolviam a pessoa do frei eram contagiantes. Na visita, todos esperavam pela benção e muitos comungavam, com as granadas explodindo o tempo todo sobre os abrigos dos soldados. O amanhã era incerto, o melhor era estarem quites com o Senhor.

Naquele dia, teimosamente, "lá se foi com o seu bornal a tiracolo, levando consigo o ritual e os santos óleos". Como a distância onde estavam os soldados a quem ele levaria a benção era de apenas 300 metros, iniciou a caminhada a pé.

Frei Orlando não havia dado muitos passos, quando estacionou ao seu lado o jipe dirigido pelo cabo Gilberto Torres Ruas, que lhe ofereceu uma carona. A estradinha não era asfaltada, mas muito empedrada para facilitar a locomoção das

---

[756] REIS, Alberto da Costa. Morreu Frei Orlando. *In:* REVISTA MILITAR BRASILEIRA*, op. cit.,* p. 110.
[757] Id.
[758] Id.

conduções nos dias de chuva. Não tinham andado muito e uma pedra travou uma das rodas. Todos desceram para desencalhar o veículo. Além dos militares brasileiros, um partigiano, que portava um fuzil, procurou tirar a pedra que estava sob o eixo traseiro do veículo, mas, de forma desastrada, com a coronha da arma. A arma, engatilhada, com os golpes, disparou. O tiro certeiro atingiu o coração do frei Orlando. Desesperados, os que estavam presentes buscaram socorro médico, que veio às pressas. Segundo os testemunhos, Frei Orlando conseguiu apenas balbuciar "Minha Nossa Senhora!". O partigiano, descontrolado, permaneceu abraçado ao corpo, chorando copiosamente. Nos últimos momentos, segundo dizem, segurando o rosário, balbuciou algumas palavras: "Não há mais jeito, estou ferido", e, em seguida proferiu uma oração abafada, percebida apenas pelo leve movimento dos lábios. Morreu rezando.

Diante do quadro trágico, formou-se uma aglomeração de pessoas que o conheciam. Eram soldados e civis que habitavam o pequeno povoado de *Bombiana*. A notícia correu toda a frente brasileira. Ao pesar dos soldados, juntavam-se as imagens que faziam lembrar a figura jovial do frei, que soubera em vida dar conforto aos que precisavam. Como escreveu mais tarde seu amigo, monsenhor Alberto da Costa dos Reis: "Aquelas mãos contraídas segurando o terço, quantas vezes souberam perdoar, tantas vezes se ergueram aos céus para pedir pelos filhos, que, distantes da Pátria, bravamente lutavam para que o Brasil e o mundo fossem livres."

Os anos passaram em toda essa frente de guerra. Hoje, quem visita a cidade de *Bombiana*, vai encontrar, não muito longe da igrejinha que abrigou os corpos dos soldados brasileiros mortos no combate de Monte Castello, um morro não muito alto. Lá, em 1995, foi colocada uma placa de bronze onde está escrito: "Aqui morreu Frei Orlando", uma homenagem da população, dos remanescentes da guerra que nunca o esqueceram.

Às vésperas do dia 21 de fevereiro de 1945, os correspondentes de guerra se preparavam para mais uma cobertura dos eventos militares sob a responsabilidade da FEB. Há exatamente 3 meses, os alemães haviam sentado praça forte sobre o Monte Castello e não davam sinais de abandoná-lo tão cedo, haja vista os acontecimentos anteriores, nos meses de novembro e dezembro de 1944, que tantos dissabores haviam criado para o setor brasileiro.

No dia 21 de fevereiro, Joel Silveira, correspondente dos Diários Associados, amanheceu no posto recuado da Artilharia Brasileira. Havia conseguido permissão do general Cordeiro de Farias para verificar como se procederia ao ataque dos brasileiros. “Eram 8 horas da manhã, quando o general me cedeu seu lugar diante de uma luneta binocular e me disse: “Começamos a atacar às 6 da manhã”.[759]

As tropas envolvidas neste que deveria constituir o melhor ataque planejado até então, seriam constituídas pelo 1º Regimento de Infantaria, o Sampaio, sob o comando geral do coronel Caiado de Castro. Seus três batalhões seriam comandados na seguinte ordem: o 1º, comandando pelo major Olívio Gondim de Uzeda; o 2º, pelo major Sizeno Sarmento; e o 3º, pelo tenente-coronel Emilio Rodrigues Franklin. Houve apoio, ainda, do II Batalhão do 11º R.I., comandado pelo major Orlando Gomes Ramagem. A intenção era envolver o morro inteiro. Nesse aspecto, contar-se-ia com o apoio americano, que já se encontrava no monte Belvedere, e, naquele dia, tinha a missão de conquistar o Monte della Toraccia. Nesse esquema tático, a esperança era terminar tudo na mesma tarde.

Sobre esse dia, são vários os relatos, tanto dos participantes, como dos correspondentes brasileiros que se encontravam junto dos artilheiros. Das anotações rápidas que o momento lhe permitiu, dada a velocidade dos acontecimentos, Joel Silveira escreveu:

> Os morteiros nazistas rebentam nas faldas do sul, mas nossa artilharia reinicia seu canhoneio sistemático e certeiro, como fizera toda a noite. Escuto os silvos das granadas sobre nós, vejo-as explodir lá adiante, numa coroa de fumaça que cai sobre o Castelo, como uma auréola de chumbo.[760]

No esforço de guerra que envolvia todos os setores da FEB, na empreitada do ataque que objetivava ser definitivo, os pilotos brasileiros da FAB, um mês antes, no período entre 31 de outubro e 21 de janeiro de 1945, tinham cumprido 1.045 operações de bombardeio e ações de combate contra o inimigo. No levantamento efetuado pelo correspondente da *Reuters,* Henry Baglei, foram lançadas 1.620 bombas de demolição e 90 bombas incendiárias em toda a frente brasileira. O objetivo era atingir vias férreas, acampamentos militares, plataformas, depósitos de combustíveis, armazéns, cabos de alta tensão, navios, linhas ferroviárias, estradas e

[759] SILVEIRA, Joel. Aniversário da Tomada de Monte Castelo. **Revista O Expedicionário**, ano VII, n. 74, fevereiro de 1980, Rio de Janeiro, Editora do Expedicionário, 1980, p. 5.
[760] Ibid., p. 6.

uma fábrica de munições.[761] O objetivo era enfraquecer a frente alemã, que contava com todos esses meios.

Na visão do major Uzeda, comandante do 1º Batalhão, para quem tentasse chegar ao Monte Castello, por terra, com lembrou mais tarde, era necessário um esforço físico muito grande, um exagerado desgaste para os homens, além do transporte de armamento e de equipamentos muito pesados. Havia ainda o fator surpresa, que poderia ser desencadeado a qualquer momento pela tropa ocupante da posição. Na parte de trás do morro, bem protegida, havia uma numerosa instalação de morteiros alemães.[762]

Quanto ao regimento Sampaio e seus três batalhões, vinham encontrando dificuldades. Transpondo terrenos minados, venciam, passo a passo, terríveis resistências alemãs que vinham do alto do Monte Castello. Experimentados por diversos dias de campanha, os soldados sabiam como proceder diante desses percalços. Agora, coordenados, formavam um grupo coeso, auxiliado pelos soldados norte-americanos, que, ao lado do Castello, envidavam esforços na conquista do Monte della Toraccia. O planejamento havia demonstrado que, nestas características, seria garantido o cerco total ao morro, evitando as derrocadas como as dos combates desferidos no mês de dezembro de 1944.

Na sucessão das horas, e premido pela quantia de informações que iam chegando ao comando, Joel Silveira anotou:

> Sem dúvida alguma, o instante mais sensacional de toda a luta do dia 21 aconteceu às 16h20min, quando toda a Artilharia Divisionária concentrou seus fogos sobre o Castelo. Já havia lá fora qualquer coisa da noite e os obuses explodiam em chamas altas, que o binóculo me mostra tão próximas e reais.[763]

O ambiente onde estava o correspondente de guerra era de pleno mutismo, ninguém falava. Cordeiro de Farias, acompanhando pelo binóculo, num fiapo de voz, diz: "Todo mundo está andando". Às 17h45min, o general, olhando para os outros artilheiros, ressalta: "Praticamente o Castelo está conquistado".[764] "Na crista do morro, a voz do coronel Franklim vem forte pelo rádio: 'Estou no cume do Castelo,

---

[761] A NOITE. Rio de Janeiro, 26 de janeiro de 1945.
[762] UZEDA, Olívio Gondin de. A conquista do Monte Castelo. **Revista O Febiano**, n. 40, Rio de janeiro, ANVFEB, janeiro e fevereiro de 1971, p.39.
[763] SILVEIRA, Joel, *op. cit.,* p. 7.
[764] Id.

estamos aqui e ninguém nos tira daqui'".[765]

O major Olívio de Uzeda, comandante do 1º Batalhão do 1º R.I., que participou ativamente da ação, lembrou que o combate do porte de Monte Castelo não se encerrou com os brasileiros já de posse da crista do morro, era necessário mandar patrulhas para vasculhar os pontos em que se acreditava ainda haver resistência alemã. As patrulhas voltavam carregadas de muito material bélico. Nos padrões técnicos militares, era necessário também transferir constantemente armamento e equipamentos do próprio batalhão para outros pontos do Monte Castello, garantindo-se assim as posições assumidas.

Lembra também Uzeda que, ao contrário do que muitos pensam, o monte não estava desocupado:

> Era defendido por fortes elementos das famosas SS, a tropa de elite de Hitler, formada por verdadeiros fanáticos, que se abrigavam em casamatas resistentes aos numerosos tiros potentes e precisos da artilharia brasileira. O inimigo não lançou nenhum dos seus famosos contra-ataques, mas não cessava o bombardeio de sua artilharia, aumentando o número de baixas do nosso batalhão.[766]

Lembrando, anos mais tarde, as baixas que ocorreram aos homens do seu batalhão, Uzeda escreveu:

> E quanto custou ao nosso Batalhão essa conquista! De quando em vez, chega ao Posto de Comando do batalhão a notícia de mais um ferido, mais um morto! E não nos tínhamos refeito da notícia de que o valoroso Cap. Yedo fôra ferido gravemente numa das pernas, quando nos informaram de que uma granada de Artilharia tinha morto o tenente Godofredo.[767]

Na continuidade do seu registro, o major ainda expõe com emoção: "Godofredo, você morreu quando a sua pátria esperava tanto a sua experiência, do seu patriotismo, do seu destemor".[768]

No dia 21 de fevereiro de 1945, os brasileiros já se encontravam no cume do Castelo e houve a necessidade de passarem a noite lá em cima, num trabalho constante de vigilância. Os alemães, acuados, tentavam ainda impingir alguns estragos à tropa que estava no local, onde até recentemente eles haviam

---

[765] SILVEIRA, Joel, *op. cit.,* p. 7.
[766] UZEDA, *op. cit.,* 1971, p. 114.
[767] Ibid., p. 41.
[768] Ibid., p. 120.

permanecido. Além das minas, havia as armadilhas colocadas e disfarçadas das formas mais criativas: às vezes, em um palheiro dentro do abrigo, em uma cápsula vazia de granada jogada ao chão ou em algo chamativo no vão de uma janela, dentro de um armário, coisas que, na menor distração dos homens, poderiam ocasionar morte imediata.

Do dia 21 ao dia 23 de fevereiro, ainda havia resistência de pequenos, mas não menos renitentes, grupos de alemães em Abetaia, respondendo à presença dos brasileiros com um violento e concentrado fogo de artilharia. Joel Silveira relata os acontecimentos das últimas horas em que permaneceu nas vizinhanças de Abetaia. "Vinte horas depois da conquista de Monte Castello. Os caminhos lá na frente ainda não estavam inteiramente transitáveis. Havia muitas armadilhas, campos e estradas estavam minados".[769]

Nessa ocasião, foram encontrados os corpos dos brasileiros que haviam ficado insepultos na neve, durante todo o período invernal, pois os companheiros não haviam conseguido resgatá-los. Eram os mortos em ação no dia 12 de dezembro de 1944. O jornal *O Cruzeiro do Sul,* em março de 1945, relata que foram encontrados os corpos dos brasileiros, não muito longe das posições alemãs:

> 42 corpos de camaradas nossos, mortos nos primeiros assaltos. Mais de dois meses ficaram insepultos. A neve chegou para cobri-los e protegê-los. [...] os alemães os deixaram insepultos, indiferentes aos sentimentos, à piedade cristã e de respeito aos bravos. Morreram olhando de frente o inimigo".[770]

O jornal acusa também os alemães de não terem dado sepultura aos brasileiros, enquanto que os padioleiros atendiam aos feridos alemães e enterravam os seus mortos.[771]

Egydio Squeff, correspondente de O Globo, mostra também sua indignação diante do quadro que viu na região de *Abetaia,* após a conquista do Monte Castello. A localização de tantos corpos de soldados juntos, semicobertos pela neve do degelo, causava comoção aos que se encontravam no local.

---

[769] SILVEIRA, Joel. O Dia em que Monte Castelo caiu. **Revista Militar**. Rio de Janeiro, Cia. Brasileira de Artes Gráficas, março-abril, 1975, pp.7-15.
[770] JORNAL O CRUZEIRO DO SUL. Itália, 1º de março de 1945.
[771] Id.

> Retorno à estrada, e, ao ver longe *Abetaia,* lembro que ali morreram muitos brasileiros, numa emboscada nazista. Mas eu nunca tinha visto um procedimento semelhante ao que tiveram os fascistas alemães, deixando insepultos os nossos mortos, leais e valorosos adversários.[772]

Das anotações de Joel Silveira, é possível acompanhar a situação dos soldados brasileiros que se encontravam sobre o Monte Castello e dos povoados que estavam localizados nas proximidades.

> Todas as casas desta região não estão mais desertas e caladas, como lares mortos de um mundo impraticável. Agora, em todas elas, é fácil divisar a presença do pracinha brasileiro, com seu fardamento amarfanhado, a barba por fazer e um tremendo cansaço, dormindo nos olhos pesados de sono.[773]

Os soldados do major Uzeda haviam chegado a *Gaggio Montano,* o ponto de partida para o combate, no dia 19 de novembro. Durante doze horas, esses homens estiveram envolvidos na manobra do cerco aos nazistas, que envolveu a passagem por dois povoados: *Manzacana* e *Fornace*. Após quatro dias consecutivos na frente de batalha, foram substituídos para um merecido descanso.

O relato final de Joel Silveira, no qual não há preocupação com a exposição técnica dos eventos bélicos sobre os últimos acontecimentos que marcaram o bem projetado ataque às posições nazistas, conseguiu traduzir um raro momento de beleza nas palavras do coronel Olívio Gondim Uzeda, comandante do 1º Batalhão do 1º R.I., em um desabafo: "Tudo isto aqui era terra deles. É um dos locais mais belos de toda a frente. Há pequenas porções de pinheiros compridos e verdes, há pequenas árvores em fileiras que naturalmente rebentarão em flores na primavera, há o clássico riachinho de toda a paisagem italiana"[774]. Não estava sonhado o major. Muitos anos depois das ocorrências que marcaram as histórias brasileiras e italianas, os italianos conseguiram reflorestar todo o morro. As castanheiras foram replantadas e o vale se tornou belo como era antes, com seus novos moradores, os passarinhos, as borboletas e animaizinhos de pequeno porte. Na atualidade, para demarcar a memória, as trilhas do Monte Castello são demarcadas por números registrados nos troncos das árvores, indicando as trilhas a serem seguidas pelo visitante que tem curiosidade de conhecer o local onde bravamente combateram os

[772] JORNAL O GLOBO. Rio de Janeiro, 28 de março de 1945.
[773] SILVEIRA, Joel, *op. cit.*, 1975.
[774] UZEDA, *op. cit.,* 1971.

soldados brasileiros.

O dia 21 de fevereiro passou para os anais da FEB como a celebre conquista do morro do Castello, após a repercussão das diversas e frustradas tentativas. O Monte Castelo foi lembrado, pelos noticiários brasileiros, como a conquista mais brilhante da FEB, em detrimento às campanhas realizadas com sucesso no Vale do Rio Serchio, no mês de outubro de 1944, e de outras missões sucedâneas que ficaram ao encargo dos brasileiros.

Nesse caso, reporta-se a uma elevação conhecida pelo nome de *Soprassasso,* quase um fortaleza como o Castello. Durante três meses, os que viviam no seu entorno, soldados e a população, viveram momentos de grandes sobressaltos. O morro, muito alto, apresenta uma projeção na sua parte frontal, quase como um nariz. Ali estavam os franco-atiradores alemães, que dominavam uma parte da estrada 64. Nas vizinhanças do *Soprassasso,* fica o rio *Marano* e uma ponte que ligava a retaguarda ao *front*. Todo o material necessário para o abastecimento, bem como os soldados que se revezavam com outros batalhões, passava por este local. O movimento na ponte era constantemente vigiado pelos alemães. Como disse o tenente Juarez Bastos: "Como sentinela avançada, dessa ponta de linha de altura, debruçado sobre a estrada 64, com encostas escarpadas e, em grande parte, inacessíveis, dotado de observatório e vários núcleos de defesa, sobressaia-se o *Soprassasso*".[775]

A conquista dessa elevação conduziria a guerra até a cidade de *Castelnuovo,* onde a presença de alemães era dada como certa. Para invadir o local, juntaram-se componentes de dois regimentos brasileiros: o 6º R. I. e 11º R. I.. Atravessando campos minados e sofrendo a ação da artilharia alemã, os brasileiros tiveram perdas significativas. A partir do momento em que a artilharia brasileira entrou em ação, os soldados brasileiros manobraram e conquistaram o *Soprassasso* pelas laterais. Desse modo, não havia como os alemães resistirem ao avanço das tropas da FEB, ao tempo em que perdiam o poder de fogo que vinha da altura dos morros, de onde dominavam todo o vale.

Conforme lembrou Egydio Squeff, de *O Globo,* falando sobre o *Soprassasso:* "O combate começou no dia 5, às 9h, e se prolongou até as 19h, quando os brasileiros convergiram sobre *Castelnuovo.* O *Soprassasso* caiu às 18h, depois de

[775] PINHEIRO, José Juarez Bastos. *In:* A Força Expedicionária Brasileira, *op. cit.,* p. 42.

forte resistência inimiga. Durante o dia, fizemos muitos prisioneiros, quase 550".[776]

A conquista desses pontos estratégicos foi aos poucos desarticulando as tropas de Kesselring. Os soldados alemães desciam os morros, entregando-se tanto aos brasileiros como aos americanos. Os que chegavam, mostravam-se em péssimo estado, tanto física como moralmente. O Jornal *A Noite,* no Rio de Janeiro, estampava em manchete de capa os seguintes dizeres: Os brasileiros conquistam *Castelnuovo.* Trazia também a informação prestada pela *United.Presss*: "Brasileiros e norte-americanos conseguiram chegar a um ponto situado a apenas 24 quilômetros ao sudoeste de Bolonha".[777]

Ao tempo em que os brasileiros faziam prisioneiros alemães na Região de *Castelnuovo,* A Cruz Vermelha Internacional anunciava uma lista de prisioneiros brasileiros que se encontravam nos "*Stalag*", nome dado para os campos onde ficavam retidos os soldados em território alemão situados em diferentes locais. A Cruz Vermelha Brasileira, por intermédio do núcleo central localizado em Genebra, nesse período, remeteu 60 caixas contendo materiais de uso pessoal e alimentos para esses soldados.[778]

5.2.4 Montese: o último reduto alemão na Itália. Desafio aos brasileiros

> Uma fumaça negra já cobria o pequeno lugarejo e os montes que o circundam. Homens e carros blindados estavam espalhados por toda a parte. Uma compacta formação de aviões bombardeiros passou ruidosa sobre nossas cabeças e foi despejar a sua carga na retaguarda do inimigo. A gente sentia nos pés os estrondos das bombas largadas.
>
> Vicente Pedroso da Cruz - combatente do 6º R.I.

Na visão da imprensa nacional e dos discursos que se processaram nas esferas institucionais e particulares, a imagem da FEB foi aos poucos sendo processada pela representação de figuras heróicas e intrépidas transfiguradas pela nova geração de soldados que combatiam na Itália. Assim como o heróico patrono Caxias, que, diante de conjunturas diferentes, nunca esmoreceu na convicção de que autoridade e liberdade se compõem, muitos acreditavam que os soldados

[776] JORNAL O GLOBO. Rio de Janeiro, 6 de março de 1945.
[777] A NOITE. Rio de Janeiro, 7 de março de 1945.
[778] JORNAL O GLOBO. Rio de Janeiro, 5 de março de 1945.

combatentes da Itália eram as expressões verdadeiras do novo Exército, do qual a FEB era a sua expressão máxima. Em um discurso, na época, o deputado Euvaldo Lodi perguntou:

> Quem é esse soldado anônimo? Quem é, senão o homem do povo, integrado ao Exército. Quem é esse brasileiro, disciplinado, esclarecido, combativo, destemeroso, que rivaliza em terra, no mar, nos ares, com os veteranos da história militar dos povos mais aguerridos? Quem é ele senão o soldado de Caxias, que foi para os campos de ardente carnagem da Europa, servir ao povo a que pertence.[779]

Era a fusão tão aventada pelos ideais do Estado Novo, onde se entrelaçavam o povo, a nação e o exército.

O prestígio da FEB vai crescendo, respaldado, agora, pela imprensa nacional e internacional, pelas instituições de apoio, como a Legião Brasileira de Assistência, a Liga de Defesa Nacional, grupos de estudantes, bancários, comerciários e donas de casa. Até meados de fevereiro, a campanha apresentava para os brasileiros um saldo positivo. A Tomada de Monte Castelo, ocorrida no dia 21 de fevereiro de 1945, nas proximidades de *Montese*, colocava a FEB como tropa veterana e ofensiva, pronta para atuar no planejamento do IV Corpo de Exército, na chamada *Ofensiva da Primavera*.

Enquanto tais preparativos se processavam, no Brasil, chegaram os primeiros feridos brasileiros retirados do *front* italiano, após atendimento nos hospitais de evacuação. Depois dos primeiros atendimentos, decidia-se se os soldados viriam para o Brasil, ou (nos casos mais graves) se seriam transportados para os hospitais especializados nos Estados Unidos. Esses homens haviam sido vítimas de ferimentos diversos durante as patrulhas, nos combates ocorridos no mês de novembro e na penúltima e frustrada investida do dia 12 de dezembro de 1944. Os feridos nos combates do dia 21 de fevereiro de 1945 estavam ainda sendo atendidos nos hospitais brasileiros na Itália.

No Brasil, o boletim da LBA, em fevereiro de 1945, destacou a visita do Presidente Getúlio Vargas e do ministro da Guerra ao Hospital Geral do Exército no Rio de Janeiro. A manchete de capa dizia: “Visita aos heróis”. No mesmo Boletim, a senhora Alzira Vargas dirige seu discurso aos soldados brasileiros que embarcaram

---

[779] LODI, Euvaldo. Discurso proferido. Rio de Janeiro, 23 de abril de 1952, *apud* MATTOS, João Baptista, o*p. cit.,* pp. 56-57.

no 4º Escalão, com palavras que incentivavam o moral da tropa:

> Chegam até nós, diariamente, pelo rádio e pela imprensa, os ecos das vitórias estrondosas conquistadas pelas Nações Unidas, em todos os *fronts* de combate. [...] Ides partir com a mesma coragem e a mesma determinação dos vossos camaradas. [...] A LBA, que aqui nos mandou, deseja, ainda, dizer-vos: 'Ide tranqüilos, soldados do Brasil. Nós velaremos pelo que é vosso'.[780]

Quando Alzira Vargas diz: "Nós velaremos pelo que é vosso", ratifica o papel assumido pela LBA naquele momento. Ressalta ainda que nenhum sacrifício seria poupado, "nenhum obstáculo será grande, para que nada falte em vossos lares, nenhum mal atinja vossas famílias e vossos filhos não sofram".[781] Da confiança depositada nessas afirmações, o retorno dos soldados brasileiros imprimiria aos soldados da FEB uma outra visão, ou seja, do abandono provocado pela ausência de ações diretas e de uma legislação que pudesse atender aos combatentes e seus familiares.

Em outro boletim do mês de fevereiro, a LBA manifesta o seu carinho e solidariedade aos feridos:

> O Brasil inteiro, comovido, volta-se para os bravos expedicionários que acabaram de chegar da Itália e se encontram internados no Hospital Central do Exército, onde a romaria é incessante. São parentes, amigos, fotógrafos e representações que desejam render homenagens aos que regressaram, para aqui mesmo recuperar a saúde e a vida empenhadas pela Pátria nos campos de Batalha.[782]

A senhora Darci Vargas, presidente da LBA, em mensagem aos feridos brasileiros que ainda se encontravam na Itália, dirige-se ao comandante da FEB, general Mascarenhas de Moraes:

> Rogo a V. Excia., que transmita aos nossos soldados, hospitalizados na Itália, a nossa admiração pela sua bravura e pelo seu heroísmo, com que honrando as tradições da Pátria, derramaram seu sangue generoso. A mulher brasileira, com dolorosa ansiedade, está, espiritualmente, ao lado desses heróis feridos, que tombaram no campo santo em defesa da pátria, e sofre com eles sofrendo as mesmas dores.[783]

---

[780] BOLETIM DA LBA., n.2. Rio de Janeiro, fevereiro de 1945, p. 2.
[781] Id.
[782] Ibid., p. 3.
[783] Id..

O que se percebe então no boletim da LBA é a idolatria desmesurada que vai tomando conta dos discursos, em que o teatro de operações de guerra já não tem apenas o significado do embate bélico, mas vai se transformando em campo santo, onde soldado é visto como herói, quase um santo.

Na imprensa, repercutiam as notícias da Tomada de Monte Castelo. O jornal *A Noite* assinalava o valor da captura de ponto estratégico tão importante: "a limpeza dos elementos nazistas, efetuada pelos soldados brasileiros, priva os alemães de excelentes postos de observação e facilita o tráfego aliado no vale do rio Pó".[784] No mesmo jornal, a nota destacava o elogio do Departamento de Guerra dos Estados Unidos aos pilotos de caças da Força Aérea Brasileira, que: "estabeleceu um notável recorde durante três meses de ação como unidade independente da 12ª Força Área Norte-americana".[785]

A esquadrilha havia chegado à Itália em seis de outubro de 1944, ficando instalada no aeródromo de *Livorno*, cumprindo a sua primeira missão nesse mesmo mês. O primeiro vôo como unidade independente foi realizado em 11 de novembro de 1944.

Também outro grupo de pilotos, os da Esquadrilha de Ligação e Observação, a ELO, cumpria seu papel no apoio à movimentação bélica que definiria os rumos da guerra para a Artilharia Brasileira, Americana e Inglesa. Não usava, para trabalho de tanta responsabilidade, nenhuma aeronave sofisticada. O trabalho era visual e voava-se com os "Teco-tecos" brasileiros. *O Cruzeiro do Sul* salientava as vantagens do uso desse aparelho: "Com ligeiras modificações, foi esse avião aproveitado para fazer esses tipos de missões. É um aparelho de pouca velocidade, o que auxilia muito a observação: grande facilidade de pilotagem e a grande possibilidade de aterrar em curto espaço de terreno".[786]

Dos vários depoimentos que foram realizados no pós-guerra, o do major Elber de Mello Henriques, do Grupo de pilotos da ELO, sobre como ele viu o ataque ao Monte Castello, a partir do seu avião, mostra aspectos inusitados da movimentação dos soldados nas proximidades dos objetivos daquela jornada de 21 de fevereiro de 1944.

---

[784] A NOITE. Rio de Janeiro, 23 de fevereiro de 1945.
[785] Id.
[786] JORNAL O CRUZEIRO DO SUL. Itália, 22 de fevereiro de 1945.

> Meu avião alcançara altura e agora vigiava o inimigo, pronto a informar sobre os seus movimentos ou a regular, sobre ele, a sempre precisa Artilharia. Sob nós, como furiosas vespas, os Thunderbolts da FAB despejavam gasolina gelatinosa ou metralhavam o inimigo.[787]

Ainda, segundo o relato de Elber de Mello, o comandante da Artilharia pediu que os observadores voassem mais baixo, para poderem transmitir informações mais precisas sobre o campo de batalha, pedido ao qual ele teria respondido prontamente:

> Recebi a mensagem em linguagem clara pela radiofonia e a transmiti ao meu piloto, tenente Taborda, que imediatamente baixou para dois mil metros. Era uma visão dantesca. A artilharia, com seus fogos concentrados e simultâneos, transformava o Monte Castello num pequeno nódulo ebuliente e fumacento.[788]

Tanto os vôos dos pilotos brasileiros do Grupo de Caça, como aqueles do Esquadrão de Ligação e Observação, foram os responsáveis pelos movimentos coordenados que garantiram aos aliados poder executar os planos que conduziriam à fase final da Guerra, ou seja, a Ofensiva da Primavera. As observações apontavam ainda para pontos do território italiano onde a resistência alemã persistia, nas localidades de *Montese* e *Castelnuovo,* próximas ao *Soprassasso*. Era necessário também verificar uma retirada alemã que poderia ser a partir da cidade de *Montese.*

O jornal *O Cruzeiro do Sul,* órgão oficial da FEB, divulgou ainda em fevereiro a importância estratégica da conquista do Monte Castello, ressaltando o bom planejamento efetuado e a ação conjunta dos pilotos da ELO e da FAB, que resultaram na vitória: "Irmanados na luta, os infantes, os artilheiros e os aviadores do Brasil conquistam O Morro do Monte Castello. Lembrou também que a imprensa italiana, por meio do *Corriere del Mattino*, de Florença, dizia da importância daquela jornada brilhante, quando as ações empreendidas "cooperaram com entusiasmo na luta pelo aniquilamento do nazifascismo e na libertação da nossa terra".[789]

Buscando a inserção da população brasileira nos assuntos da guerra, *O Cruzeiro do Sul,* com seu noticiário, informava aos soldados e seus batalhões das

---

[787] HENRIQUES, *op. cit.,* p.148.
[788] Id.
[789] CORRIERE DEL MATTINO. Florença, 25 de fevereiro de 1945, *apud* JORNAL O CRUZEIRO DO SUL. Itália, 25 de fevereiro de 1945.

cartas que a redação havia recebido do Brasil, dando conta das ações brasileiras que vinham acontecendo em território nacional.

> Para afirmarmos de antemão que nosso povo está na guerra, bastaria lembrarmos que as famílias, parentes e amigos desses milhares de brasileiros que aqui se encontram dedicam todo o seu tempo e fazem convergir toda a sua preocupação para os seus entes queridos que estão no *front*.[790]

O jornal enumerava os objetos que eram enviados pelos familiares, informava também sobre a má qualidade do cigarro brasileiro que era enviado para a tropa combatente, alegando que, se isso acontecia, era devido à campanha feita no Brasil entre as pessoas das camadas sociais mais pobres. Nessa visão, os soldados brasileiros seriam compreensivos e aqueles que os recebiam, os guardavam como forma de recordação.[791]

Segundo o jornal, na linha de frente, próxima a Bologna, não podiam faltar os cigarros: "Lá, eles fumam do bom cigarro brasileiro e, ainda que estejam nos *fox hole*, podem contar sempre com um ou dois maços por dia".[792] A colocação do jornal deixa dúvidas sobre vários pronunciamentos dos soldados brasileiros. Tem-se a informação de que esses cigarros eram péssimos e serviam apenas de moeda corrente para trocar mercadorias com os italianos. Em uma das marcas de cigarros do Brasil, havia a figura de uma jovem loura, apelidada pelos soldados brasileiros *La Bionda Cativa.* Em italiano, seria "a loura ruim". Os bons cigarros experimentados pela tropa brasileira eram americanos.

Conclui o jornal no fim dessa reportagem: "Nosso povo está em guerra também. Quando nós chegamos a esta conclusão, esquecemos o frio, a lama, a neve e, muitas vezes, a bóia, e até mesmo o "pé de trincheira". Temos saudades da nossa terra, da nossa gente, saudades imensas das pequenas coisas, que, como grandes necessidades, já faziam parte integrante da nossa vida".[793]

Ao reforçar o moral das tropas brasileiras a quem o jornal se dirige, busca o redator atrelar a questão da vitória contra o nazifascismo aos acontecimentos do Brasil durante o período do Estado Novo:

---

[790] JORNAL O CRUZEIRO DO SUL. Itália, 25 de fevereiro de 1945.
[791] Id.
[792] Id.
[793] Id.

> Mas sabemos também que enquanto não houver a Vitória, derrotando totalmente o inimigo nazista, a carne está racionada, o leite e o açúcar um tanto difíceis, as filas aumentando e o custo de vida subindo. E tudo isso porque nós fazemos parte dele, e o nosso povo está em guerra.[794]

Aparentemente, essa era uma estratégia para conclamar os soldados para que promovessem uma ofensiva de peso contra o inimigo comum, tentando mostrar como os caminhos da uma vitória poderiam repercutir no cenário econômico brasileiro, situação que afetava principalmente as camadas menos favorecidas da população. A FEB, expulsando os inimigos do território italiano, teria também o reconhecimento da sociedade brasileira. Os homens da FEB não eram somente os heróis que lutavam e ganhavam as batalhas contra um inimigo experimentado e aguerrido, mas tinham um significado especial para os brasileiros: "Vocês, como a vanguarda do nosso povo, em armas contra o hitlerismo, são o fato mais decisivo da situação nacional".[795]

Em março de 1945, o comandante da FEB, general Mascarenhas de Moraes, comunicava, por mensagem radiotelegráfica, ao presidente Getúlio Vargas e ao ministro da Guerra Eurico Gaspar Dutra a queda de Monte Castelo: "Nossa Divisão atacou e conquistou Monte Castelo depois de um dia de séria resistência inimiga". No mesmo dia, recebeu mensagens de congratulações do próprio presidente e do ministro da guerra. Nesse dia, era estampada a resolução do Exército, por meio do seu Boletim: a criação das medalhas honoríficas a serem outorgadas aos soldados brasileiros: as Medalhas de Guerra, de Campanha e a Cruz de Combate[796].

Ainda em março de 1945, o jornal *Zé Carioca*, também redigido como órgão oficial da FEB, estampava o seu centésimo número. Seus redatores buscavam lembrar aos leitores de como ocorrera a sua criação:

> O Zé Carioca nasceu sob o teto de uma barraca numa fria e torrencial segunda-feira de outubro. O mimeógrafo, havíamos recebido no dia anterior, e ainda não tínhamos papel suficiente para a primeira tiragem. Zé Carioca, com seu nome jovial, dirá coisas sérias com a mesma alegria que os expedicionários lutam contra o inimigo.[797]

---

[794] JORNAL O CRUZEIRO DO SUL. Itália, 25 de fevereiro de 1945.
[795] Id.
[796] JORNAL O CRUZEIRO DO SUL. Itália, 1º de março de 1945.
[797] JORNAL O CRUZEIRO DO SUL. Itália, 4 de março de 1945.

Na edição comemorativa, o jornal firmava seu compromisso de bem informar os soldados, quer estivessem no front ou nos acampamentos. Os assuntos eram atualizados com notícias de todas as frentes. Nelas, estavam contidos os discursos de Churchill, as declarações de Roosevelt, as ordens do dia do marechal Stalin, os comunicados de Eisenhower e as notícias do Brasil. Para o leitor que buscava um comentário mais crítico, o *Zé Carioca* deixava a desejar. No centenário de suas edições, os redatores reafirmaram a conduta do jornal:

> O Zé Carioca tem a forma de um boletim informativo, é também um jornal democrático. Todas as suas edições vêm acompanhadas de pequenas inscrições, franceses, advertências, avisos, que preparam o ânimo dos camaradas para a luta, dando-lhes consciência e responsabilidade de sua missão.[798]

Após a conquista do *Soprassasso* e da cidade de *Castelnuovo*, os alemães remanescentes em território italiano, à medida que recuavam com suas tropas, iam tomando conta de outros pontos estratégicos, de onde poderiam ainda tentar frear as tropas aliadas. Assim, iam buscando sempre as alturas, para poder manter posições com a sua Artilharia pesada. *Montese,* localizada a mais de mil metros de altura, e a 15 quilômetros do Monte Castello, de onde tinham sido expulsos, agradava à logística dos militares alemães.

A cidade de *Montese* é um pequeno burgo medieval e está localizada nos contrafortes dos Apeninos (norte da Itália). A sua capital, *Modena,* está localizada a 58 quilômetros de Bolonha. É formada pela própria sede (Montese) e por dez povoados ao seu redor, dos quais se destacam: *Maserno, Castellucio di Moscheda, Iola, Salto, San Martino.* Naturalmente, pontos de referência na memória dos brasileiros que combateram na Itália durante a 2ª Guerra Mundial.

Nas reuniões que definiram a participação da FEB nos eventos que ocorreram no mês de março de 1945, vale lembrar os encontros promovidos entre o comando da FEB e o IV Exército Americano. No dia 20 de março, o comandante da FEB, general Mascarenhas de Moraes, compareceu ao quartel-general, em *Castelnuovo*, onde foi discutido o novo plano de operações, cujo objetivo era barrar os alemães ao norte e conquistar Bolonha. Acreditava-se que a guerra estava para

[798] JORNAL ZÉ CARIOCA, *apud* JORNAL O CRUZEIRO DO SUL. Itália, 4 de março de 1945.

terminar, mas as notícias da forte presença alemã em *Montese* geravam apreensão e nenhuma certeza.

Das ações militares efetuadas pela FEB até então, o saldo fora considerado positivo. A conquista de Monte Castello, no dia 21 de fevereiro de 1945, reforçava o pensamento de vitória entre os combatentes brasileiros, criando a imagem de um novo soldado, redimindo, desse modo, os primeiros percalços da FEB, vista agora como tropa de primeira linha.

Montese e suas fortificações naturais - como *Montelllo* e *Monte Buffoni* - asseguravam refúgio importante das tropas remanescentes que ali estavam estacionadas. O ataque aliado contra os alemães estava marcado para o dia 12 de abril, mas havia mau tempo e o dia seguinte, 13 de abril, era considerado de mau presságio para os americanos. Com essas condições, os aliados atrasaram a ofensiva contra a cidade de *Montese.*

No intuito de incentivar os seus soldados, tinham decidido os comandantes que atuavam no teatro de Operações do Mediterrâneo, desde o Marechal Alessander, até o comandante da FEB, Marechal Mascarenhas de Moraes, dirigir algumas proclamações concitando-os a mais este sacrifício, derrotando definitivamente o inimigo até o desfecho final com a vitória:

> Soldados do Brasil! A hora decisiva chegou. O fim do nosso inimigo se aproxima com extrema rapidez. A arrogante Alemanha, invadida por leste e oeste, já não suporta os duros golpes que lhes assestam os bravos Exército das Nações Unidas. [...] A nossa Divisão, que tem sabido cumprir com galhardia as honrosas missões impostas pelo 4º Corpo de Exército, aguarda o momento de lançar-se ao inimigo. E quando essa hora for indicada, quero ver os valentes soldados do Brasil, em ímpetos que o sentimento da honra militar incentiva. [...] Avante, pois. É o último esforço que o Brasil exige de nós.[799]

A FEB também encontrava grandes dificuldades nas imediações de *Montese,* porque os alemães haviam disseminado minas na zona sul, que circunda a cidade, criando, desse modo, uma barreira, fazendo vítimas não somente entre os soldados do 11º R.I. brasileiro, mas também entre os americanos da 10ªde Montanha.

O dia 12 de abril de 1945 marcou profundamente a passagem da tropa brasileira por *Montese*. Do posto de comando da FEB em *Monteforte,* batalhões deveriam enviar algumas patrulhas de reconhecimento com os objetivos de colher

[799] PINHEIRO, José Juarez Bastos**. A Força Expedicionária Brasileira**, *op. cit.,* pp. 47-48.

informações sobre a presença de inimigos, de fazer prisioneiros e de reconhecer os locais onde seriam lançadas as forças contra o inimigo.

Havia notícias de grande movimentação dos alemães na área. As incertezas nas informações nada esclareciam, pois poderia tratar-se de um reforço ou de uma retirada total das tropas alemãs ali estacionadas.

Comandada pelo sargento Max Wolff Filho, uma das patrulhas brasileiras - nesse dia, composta de 12 homens - partiu com a missão de averiguar o terreno. Ao aproximar-se de um casario (cota 747), foi seriamente atingida pelas metralhadoras postadas no interior da casa. O comandante Max Wolff morreu na hora. O terreno estava minado, ocasionando a morte de mais dois soldados. Esse episódio marcou profundamente a patrulha, bem como seus companheiros do 11º R.I. e a própria população de *Montese*.[800]

A Ofensiva da Primavera começou para os brasileiros no dia 14 de abril de 1945, quando foram empregados elementos dos três regimentos da FEB. No balanço dos três dias de combate, as baixas somaram 426, em combates considerados de grande vulto e pelos duelos proporcionados pelas Artilharias alemã e brasileira. Algumas companhias foram quase dizimadas e tiveram de ser retiradas de combate.

Após passar pela provação dos campos minados, os soldados praticamente foram obrigados a utilizar técnicas de guerra moderna: combatia-se em um *front* urbano, a partir do momento em que tiveram de tomar casa por casa dentro da cidade de *Montese*, onde os alemães buscavam refúgio. Cada recinto, ou cada porão das casas foi vasculhado. Uma missão penosa para os homens, na qual todos os sentidos tinham de estar alertas. Nessa conjuntura, a atenção do soldado significava viver ou morrer.

Os alemães receberam o ataque aliado com surpresa. Pelo menos, é o que demonstra o depoimento de Frido Von Senger und Etterlin, comandante do 14º Corpo da artilharia pesada alemã (14ª armada):

---

[800] São poucos os documentos que retratam a pessoa do sargento Max Wolff Filho. Seu nome é quase uma lenda entre os ex-combatentes que participaram da 2ª Guerra Mundial. Da sua vida como militar no Brasil antes da Guerra, pouco se sabe. Os trabalhos que tentam reconstituir sua biografia foram baseados em depoimentos dos seus companheiros do 11.º R.I.. Para saber mais sobre Wolff, vide ALMEIDA, Adhemar Rivermar de. **Max Wolff, um símbolo, quase uma lenda**. Documento manuscrito. Rio de Janeiro: 1987.

> O ataque de 14 de abril contra o lado direito, onde se encontrava o Corpo da 14ª, aconteceu tão rápido e de surpresa, com tanta surpresa que, ao tomar consciência dos fatos, o ataque já estava em andamento [...]. Depois de ter atravessado a localidade de Tolé, a tropa aliada avança para o terreno que eu sempre havia me preocupado [...], a cidade é desocupada e tomada sem nenhuma resistência.[801]

A missão de conquistar *Montese foi* entregue ao 11º R.I., na jornada de 14 de abril. Os brasileiros deveriam apoderar-se das seguintes localidades: *Montese*, cota 888, e *Montello*, além de ocupar a cota 747 (lugar onde dias antes havia morrido Max Wolff Filho). Nesse mesmo dia, a 10ª Divisão de Montanha americana iniciava vigoroso ataque às posições alemãs, com o auxílio da Artilharia Brasileira.

A resistência alemã, fortemente entrincheirada nos morros vizinhos, provocou muitas baixas na tropa americana. A Divisão Brasileira, em razão dos acontecimentos desse dia, num golpe de sorte e audácia, conquistou a cidade.

Foi um ponto determinante, naquele momento, a ação das patrulhas e de elementos mineiros (que desarmavam as minas), além do grande desempenho da artilharia.

O tenente Maurício da Silva, da cia. de fuzileiros do 3º batalhão do 11º R.I., que participou da Campanha de Montese, deixou seu testemunho:

> Atacamos a montanha à direita de Montese. Da base da partida, víamos, com muita tristeza, aquela bela cidade castigada pela nossa artilharia. Naquele momento, pensamos que seria melhor poupá-la da destruição, ainda que a custo de lutar um tempo maior e mandar embora os alemães dos montes *Paravento e Serretto*, os nossos objetivos; não obstante os intensos bombardeios sobre a cidade de Montese, tivemos embates fortíssimos, e somente a nossa tenacidade conseguiu superar a admirável dureza dos ataques tedescos.[802]

Outros combatentes narraram episódios desses dias sobre os combates em Montese. O soldado Antonio Corrêa buscou descrever o local onde a sua 3ª companhia do 11º R. I., iniciara o ataque. Disse que o local já não apresentava vegetação, nenhum pé de árvore, a artilharia alemã havia devastado quase tudo. Relatou também que para chegar à crista da montanha, onde a cidade está localizada, era necessário subir uma rampa. Nesse local, percebeu que os mineiros durante a noite tinham demarcado o terreno, indicando o caminho por onde os

---

[801] SENGER, Von Frido. Combater sem medo e sem esperança. *In:* SILVA, Maurício da. **Montese** - fascismo, guerra e ricostruzione. Il Trebbo. Montese (MO), Itália: Ed. Golinelli, 1990, p. 283.
[802] SILVA, Maurício da, *op. cit.*.

soldados deveriam passar. No meio do caminho, encontraram alguns tanques americanos que davam cobertura, segundo Côrrea:

> Como aquilo era um bom escudo protetor, nós passamos a acompanhar o tanque até um determinado trecho, onde ele chegou no topo da colina. Na saída para a esquerda, nós recebemos um forte tiroteio de metralhadoras alemãs. Então, nos acomodamos dentro de um buraco.[803]

Diz também o mesmo combatente que, muitas vezes, sentia-se constrangido de fazer a narrativa acima, pois muitos poderiam considerá-lo muito "cinematográfico". Explica também que, na guerra, quando um combate se dava em um terreno aberto, os soldados se protegiam dentro das crateras provocadas no bombardeio, pois todos imaginavam que uma "bomba não caía no mesmo lugar". Do relato de Corrêa, visualiza-se a situação do seu pelotão, fortemente atingido pelo inimigo.

> Quando nós tornamos a avançar em direção a Montese, meu pelotão foi esfacelado. Foi aí que morreu o José de Lima, meu companheiro. O Paiva, que havia chegado há cinco dias do Depósito, morreu. O meu sargento foi ferido. Um soldado comunicou isso por telefone e o comando mandou a gente se retirar. Retornamos à retaguarda. Mas *Montese* já estava quase tomada.[804]

Segundo os testemunhos dos soldados que combateram em *Montese*, o contato diretamente com os alemães acontecia principalmente quando estes se rendiam, ou eram pegos em patrulhas. Um desses episódios narrados pelo soldado Vicente Pedroso da Cruz, quando se encontravam abrigados em uma casa em *Montese*, é ilustrativo de um momento delicado. Ele e seus companheiros tinham permanecido 12 horas a fio no porão da casa, sobre chão úmido e frio, com os nervos à flor da pele. Escutaram passos que vinham em sua direção. Dos momentos tensos, Vicente lembrou:

> [...] um calor estranho percorria da garganta ao dedão do pé. Seguiu-se uma desagradável sensação de que uma patrulha inimiga estivesse se insinuando em nossa direção, até que me foi possível divisar um pedaço de pano branco na ponta de um objeto qualquer. Agitando, nervosamente, a

---

[803] CORRÊA, Antonio, *apud* MAXIMIAMO, César Campiani. **Onde estão os nossos heróis**. São Paulo: Editora Santuário, 1995, p. 79.
[804] Id.

> bandeira improvisada, o inimigo bradou a impressionante frase que lhe abria as portas para a vida.[805]

Falaram em alemão, não se entendia nada, mas sabíamos que estavam se rendendo.

Sob bombardeio cerrado, não havia como sair sem ser atingido. As casas e a cidade como um todo eram atingidas pela Artilharia Alemã e pela Artilharia Brasileira, momentos marcantes ainda no relato de Vicente:

> Quanto a mim, praticamente sem comer nada - embora trouxesse comigo uma lata de ração, simplesmente não aceitava qualquer alimento - fui tomado de uma terrível ânsia de vômito. Curioso, nunca tive idéia de como fui parar no P.C. (Posto de Comando), numa casa de pedras, para nós já na encosta do *Serreto.* Sei que atravessei *Montese*, saltando pelos entulhos, com vômitos, tiritando de frio.[806]

Ao chegar, o capitão, vendo o estado do soldado, fez com que Vicente deitasse em uma velha de cama de ferro. Naquele local, e assistido pelos companheiros, conseguiu recuperar as forças e, na manhã do dia 17 de abril de 1945, seguia novamente para a frente, com seu grupamento.

No relato do soldado Joaquim Silveira, é possível avaliar o que passa um soldado durante o bombardeio.

> Um bombardeio é talvez a pior coisa que passa o infante na guerra. Pior do que qualquer combate, porque é monótono, aterradoramente monótono. Fica-se deitado horas num buraco cavado no solo, recebendo no rosto a areia que se desprende com o estremecimento causado pelas explosões, vendo os companheiros morrer, sem nada poder fazer.[807]

O combatente Leonércio Soares, do 11º R. I., também relata sobre os campos minados que ficavam no entorno de *Montese.*

> Antes de alcançar aquela área de terra mole e revolvida, andando em chão batido e duro, o perigo de que tinham de cuidar era o de fios de aço esticados e rentes ao chão, presos a bombas. Mas os fios, quando se movimenta cautelosamente, são mais fáceis de ser percebidos, e nunca tão sensíveis como os pinos detonadores das minas enterradas. Quando o

[805] CRUZ, Vicente Pedroso da. **Revista O Expedicionário**, ano VIII, n. 100, Rio de Janeiro, abril de 1982, pp. 19-20.
[806] Id.
[807] SILVEIRA, Joaquim Xavier da, *op. cit,* p. 141.

> peso de um homem equipado calca sobre ela, a explosão é certa. E lá se vai a perna.[808]

O trabalho de localizar um terreno minado era algo muito complicado e não cabiam titubeações. Segundo Leonércio, tudo pára naquele instante: a respiração, as emoções e o medo têm de ser contidos: "o cérebro e os olhos estão nas pontas dos dedos, procurando ver e imaginar pinos e fios detonadores secundários nas laterais e no fundo da bomba engatilhada. Na guerra, não basta ser bravo, é preciso ser astucioso".[809]

Os especialistas em minas seguiam à frente de seu grupo. Prosseguiam lentamente na pesquisa do terreno. Na faixa por onde iam passando, desenrolavam um cadarço branco que ia se destacando do solo, fosse noite ou dia. Quando os soldados passavam pelos lugares, assim demarcados, tinham a segurança de saber que o terreno havia sido vistoriado.

Também o tenente Ítalo Diogo, do 6º R. I., registrou em seu diário os dias que passou com seus companheiros pela cidade de *Montese.*

> Durante três dias, estávamos sendo bombardeados dia e noite sem trégua. A cidade era um monte de ruínas. Eram poucas as casas que não estavam totalmente por terra. Numa dessas casas, estava o posto médico do Batalhão. Lá, fomos encontrar o tenente Mallet. Aí, ficamos sabendo das tragédias que tinham tido lugar. Vários mortos e dezenas de feridos, grande parte ao atravessar campos de minas que havia ao sul da cidade.[810]

O relato de Ítalo prossegue no registro que ele efetuou em seu diário no dia 16 de abril de 1945.

> O ataque à cota 927 seria o grande assassínio. Nosso 3º Batalhão já tinha sido dizimado ao substituir o 11º R.I.. Ao chegar à cidade, ainda encontramos resistência, pois os elementos passaram pela mesma, porém não fizeram a limpeza. Aí começou a tragédia. Um bombardeio sem tréguas durante todo o dia e toda a noite. Foi considerado o maior bombardeio alemão na campanha da Itália. O nosso bravo batalhão teve cerca de 200 baixas e mais de 20 mortos, isto em apenas três dias.[811]

---

[808] SILVEIRA, Joaquim Xavier da, *op. cit,* p. 141.
[809] Id.
[810] TAVARES, *op. cit.,* 2005, p. 98.
[811] Id.

Ítalo Tavares revelou também os bastidores do ataque dos brasileiros, quando os comandantes não se deram conta da situação caótica em que se encontravam alguns batalhões, principalmente os seus próprios.

> Pois bem, não satisfeito, o nosso comando resolveu que o nosso batalhão atacasse a cota 927. Na véspera, o capitão e nós, oficiais, havíamos feito um reconhecimento debaixo daquele bombardeio infernal e verificamos, desde logo, que a missão seria de sacrifício, que poucos se salvariam. O ataque seria realizado às 6 horas. Poucas horas antes, resolveram transferi-lo.[812]

O tenente Ruy Fonseca também estava nas imediações de *Montese,* quando os fortes bombardeios aconteceram. No dia 15 de abril de 1945, em um domingo, ele anotou:

> Acompanhamos por telefone os acontecimentos. As Artilharias não param de malhar. É lá e cá. Mantemo-nos abrigados e vigilantes, pois a coisa anda feia para os lados de *Serreto e Paravento* (são os morros no entorno), apesar de Montese já estar em nossas mãos. Soubemos que morreu o Tenente Ari Rauen, do nosso regimento, e o aspirante Mega, do 1º R. I., no ataque de ontem.[813]

A comida quente que chegou na noite de 17 de abril de 1945, para o grupamento do tenente Ruy, continha carne de galinha ou peru. “Sei lá!” Foi a sua expressão. Mas, para os soldados, tinha um significado que somente eles entendiam.[814] Quando se deslocavam para a região entre *Iola e Montese*, os soldados buscavam um local para descansar. As três ou quatro casas que encontraram no local estavam bem destruídas. Uma delas, um sobrado, estava um pouco melhor, como afirmou Ruy em seu relato:

> “É nele que me alojo, com os telefones e mensageiros”. Perto da casa, dois canhões 155mm. Quando atiravam, tremia tudo. Ruy sabia que seria uma noite difícil. “Deitado sobre umas palhas, tendo por travesseiro um saco de sementes não sei de quê, fico olhando para o teto, que aqui e ali deixa ver o céu através dos buracos feitos pelas granadas. Estava eu nesse devaneio, posto em sossego, com as mãos cruzadas sobre o peito, quando senti algo

[812] TAVARES, *op. cit.,* 2005, p. 98.
[813] FONSECA, *op. cit.,* p. 177.
[814] N.A.: Na crendice dos soldados, galinha e peru não param, ciscam o tempo todo no quintal. Para os soldados, a carne servida no jantar seria um presságio de que a noite seria agitada.

> que se movia sobre o meu improvisado travesseiro. Virei a cabeça e encarei... dois olhinhos vermelhos da maior ratazana que já vi.[815]

Das passagens por *Montese,* o dia 14 de abril de 1945 ficou marcado na memória do capitão Helio Amorin Gonçalves, quando ele saiu com o seu grupo com destino a *Creda,* um lugarejo à direita de *Montese*. Esse local ficava a pelo menos 200 metros das posições inimigas. Sob forte bombardeio, os soldados foram prosseguindo. Para alívio de todos, perceberam que, sob o comando do tenente Antonio Almeida Rosa, o morro *Possessione* havia sido conquistado. Com a retirada dos alemães desse ponto estratégico, a patrulha Amorim percebeu que poderia prosseguir no intento de chegar a *Creda.*

O forte bombardeio sobre o pelotão já havia provocado baixas. Estava ferido o cabo Verani e havia duas mortes: a do soldado Lucindo Cebálio e do sargento Edson Salles de Oliveira. *Creda* era formada apenas por duas casas com alvenaria e pedra, que serviam de escudo para o pelotão. Às 13 horas, mesmo protegido pelas paredes da casa, o capitão foi ferido por estilhaços de granada '88', tendo sido atingido nas duas pernas.

> Com o forte deslocamento do ar provocado pela explosão, fui lançado fora do abrigo, caindo em local exposto aos tiros diretos dos alemães, tornando-me um alvo fácil das mortíferas metralhadoras. De repente, alguém do meu pelotão, arriscando a vida, apareceu do meu lado, arrastando-me com firmeza pela gola do uniforme para o local mais protegido. Fui salvo pelo bravo cabo Raimundo Nonato.[816]

No seu relato, Amorin continua:

> Um soldado ao ver-me gritou: Ih! Olha aí! Eu estava coberto de sangue. Nessa hora, pude avaliar a gravidade do meu ferimento. A perna esquerda fora atingida e a virilha direita sangrava. Julguei ter perdido a perna, mas julguei também ter perdido a parte mais importante do meu corpo. Até ali, já me conformava em ficar sem a perna. Mas não aceitava ser emasculado.[817]

Nos momentos cruciantes que se seguiram, Amorin viu quando o cabo padioleiro Mello aproximou-se e examinou os ferimentos. "Identificou a hemorragia

---

[815] FONSECA, *op. cit.,* p. 179.
[816] GONÇALVES, Helio Amorin. **Depoimento para publicação.** Rio de Janeiro, 20 de janeiro de 1996.
[817] Id.

principal – a veia safena fora atingida – e, com habilidade e competência, salvou-me a vida e a perna".[818]

Naquele momento de grande tensão, todos acompanhavam os primeiros socorros ministrados ao tenente Amorin. O padioleiro, sob os olhares de todos, ia estancando a hemorragia, ao tempo que dizia palavras de incentivo e solidariedade ao ferido. No pé esquerdo do tenente, havia um estilhaço. A hemorragia estava contida, mas Amorin também se preocupava com a outra parte do corpo. "Finalmente, para o meu sossego, ele disse: 'O senhor foi quase castrado', não me contive e soltei um grito de alegria, seguido de alguns palavrões não publicados". [819]

Mesmo ferido, Amorin foi obrigado a permanecer no local. Deveria, no entanto, ser levado para a retaguarda para que tivesse o imediato atendimento aos ferimentos que eram considerados graves. Por telefone, ainda fez contato com outros pelotões que estavam nas proximidades. Muitos com os quais conversou acabaram perdendo a vida nesse dia. Em seu depoimento, ele cita o nome do aspirante Mega, morto por estilhaço de granada no mesmo dia.

Muito fraco pelo sangue perdido, Amorim, já quase desfalecido, não chegou a perceber quando o seu grupo, com dificuldade, conduziu a padiola até uma casa vizinha, já era quase noite.

> Levaram-me para um quarto da casa onde havia duas camas. Ocupei uma delas e, bem próximos a mim, na outra, repousavam os corpos do sargento Edson e do soldado Cebálio. Já se foram 51 anos e não consigo esquecer aquele quadro que ficou gravado em mim como a representação da violência da guerra.[820]

Os momentos que passou no quarto da casa naquele dia fatídico, com seus companheiros mortos ao lado, aliados ao estado de fraqueza em que se encontrava, pois não se alimentava há horas, fizeram com que Amorim fosse perdendo a noção dos acontecimentos, mas algo ficou retido na sua memória:

> Estava acordado e ouvi, entre as vozes dos soldados, uma voz feminina. Era a de uma jovem de 22 anos de idade – dona de casa – que, ao tomar conhecimento de que ali havia um homem ferido e que nada comera até aquela hora, mandou por um soldado dois ovos frescos para aliviar o meu

[818] GONÇALVES, *op. cit.*.
[819] Id.
[820] Ibid., p. 6.

> jejum. Só quem sabe da dificuldade de conseguir comida naquelas condições pode imaginar o sacrifício que ela fez.[821]

O tenente Amorin foi levado de jipe para a retaguarda, onde recebeu os primeiros cuidados dos padioleiros. Foi atendido no Posto Médico do Regimento, depois passou por duas cirurgias e regressou ao Brasil. Em 1995, por ocasião do cinqüentenário do fim da guerra, como convidado especial das autoridades de *Montese,* esteve na Itália e visitou o local onde foi ferido:

> Nunca imaginei que houvesse tanta simpatia, tanta amizade e tanta identidade com os brasileiros. A emoção que vivi naqueles instantes foi grande e muito maior ainda quando, ao visitar *Creda,* constatei que aquelas duas casas de paredes de pedra permaneciam ali, como as encontrei em 14 de abril de 1945![822]

Muitos habitantes que se encontravam em Montese, teimosamente, não abandonaram suas casas e foram testemunhas dos fatos narrados nas jornadas de 12 a 17 de abril de 1945. O testemunho do pároco Don Augusto Banorri diz respeito ao forte bombardeio ao qual a cidade foi submetida, sendo destruída.

> Os mesmos aliados chamaram a luta para a conquista de Montese uma segunda Cassino. Não se conhece com precisão o número de mortos, mas a voz do povo diz que foram mais de 1.000 e que os tedescos haviam colocado em prática um embuste: hastear a bandeira branca. Os alemães acreditavam que os partigianos tinham se apoderado da cidade e avançado numerosamente. Agora o inimigo começara das casas um grande disparo, matando muitos soldados aliados, principalmente brasileiros. No final, os alemães foram desbaratados e constritos a abandonar o território de Montese.[823]

Segundo a avaliação dos próprios combatentes brasileiros, em *Montese,* ocorreu a maior operação de força feita por um Regimento. Nesse caso, ressalta-se a efetiva participação da 1ª companhia do 1º Batalhão do 11º R. I., aquela dos jovens recrutas que tantos dissabores tiveram nas jornadas dos dias 2 e 12 de dezembro de 1944, quando o mau planejamento dos ataques ao Monte Castello, misturado à inexperiência dos soldados, havia redundado em sofrimentos inesquecíveis.

---

[821] GONÇALVES, *op. cit.,* p. 9.
[822] Id. N.A.: O tenente Amorin, passando por Creda, encontrou a jovem que lhe servira os ovos. Agora uma senhora de meia idade que o abraçou fraternalmente.
[823] BANORRI, Augusto. Relato. *In:* SILVA, Maurício da. *op.cit*., p. 156.

A imprensa brasileira também se fez presente na região de *Montese,* após a sua conquista pelos brasileiros. Dos correspondentes de guerra como Egidio Squeff, que representava *O Globo*; de Joel Silveira e José Leite, dos *Diários Associados*; Ruben Braga, do *Diário Carioca*; Raul Brandão, do *Correio da Manhã*; Silvio da Fonseca e Thassilo Mitke, ambos da Agência Nacional, foi possível avaliar a situação da cidade após os combates. Muitos desses jornalistas encontravam-se nas proximidades de Montese e, no instante em que a cidade fora libertada, descreveram o que viram, deixando algumas impressões a respeito de *Montese* e sobre a situação em que se encontravam os soldados brasileiros.

Escreve Egidio Squeff:

> Escrevo de dentro de Montese destruída. Montese não existe mais, nenhuma casa permaneceu intacta. A cidade é um deserto, pleno de ruínas. Nas casas destruídas, as marcas de sangue testemunham a violência da batalha. Mas a completa destruição ainda não chegou. Transcorreram mais de 48 horas, e os alemães, com a artilharia, continuam atirando as bombas sobre a cidade, quase interruptamente. A cada minuto se ouvem explosões. Tanques de guerra destruídos, paredes caídas, uma bomba aérea que não explodiu, montes de ruínas nas ruas, silêncio dos homens cansados. Esta é Montese. A sua torre é semidestruída, o cemitério é danificado. Procurei encontrar algum habitante, mas em vão. Vi somente portas arrebentadas, leitos vazios, quartos em desordem.[824]

Thassilo Mitke, por sua vez, que acompanhava seus companheiros correspondentes de guerra, deixou o seu relato: Na sua visão, a cidade se transformara em um fantasma. Pelas ruas da cidade, via passar colunas de soldados brasileiros, que já haviam feito a "limpeza da cidade", desalojando os alemães e fazendo prisioneiros. Partiam depois para os morros adjacentes, não menos perigosos, no intuito de frear a artilharia alemã que se encontrava em *Montello.* Essa mesma artilharia já tinha feito milhares de vítimas entre brasileiros e a população local.

Ainda no relato de Mitke, o avanço prosseguiu e a sensação entre os que ali se encontravam era de que seria iminente o golpe decisivo dos aliados e brasileiros para quebrar o mais importante ponto de força alemão naquela zona. Soldados descansados chegavam empenhados na operação, cujo objetivo era de caçar os nazistas próximos do vale do Pó.

---

[824] SQUEFF, Egidio. Depoimentos. **História Oral do Exército.** Rio de Janeiro, junho de 2000, p. 276.

FIGURA 17 – MONTESE ABRIL DE 1945

FONTE: Acervo da autora.

> A artilharia divisionária, apoiada pela aviação, continua a golpear severamente as posições inimigas. Montese ora é bombardeada pela artilharia alemã ou pelos canhões, como no ataque do dia 15. As estradas que levam à cidade estão intransitáveis, cheias de minas e explosivos deixados pelos nazistas durante a retirada.[825]

Rubem Braga, do *Diário Carioca*, também fez um balanço do que presenciou em *Montese.* Segundo o correspondente, o dia 14 de abril foi o mais frutífero, mas o mais pesado foi o dia 15 de abril de 1945. Registrou ainda o alto preço pago pela tropa brasileira, em relação aos mortos e feridos, a maior parte oriunda dos campos minados, que tantas vítimas fizeram. Assim como Rubem Braga, grande parte do comando brasileiro desconhecia, até a última hora, a participação de tanques americanos na conquista da cidade. Nos ataques ao Monte Castello, as ações dessas máquinas mostraram-se improdutivas, mas, em Montese, os tanques subiam as estreitas estradinhas, servindo de escudo aos soldados, e, com seus tiros certeiros, colocavam por terra as defesas alemãs.

[825] MITKE, Thassilo. Depoimento. **História Oral do Exército**, Rio de Janeiro, 6 de junho de 2000, p. 278.

Passado o desassombro, segundo Braga, chegaram as notícias dos mortos e feridos brasileiros.

> Escurece, rodo pela estrada. No acampamento, uma brisa leve faz cair as pétalas das flores de cereja, numa chuva de neve. A esta hora, os homens estão cavando abrigos nas posições que conquistaram, para passar a noite. E todas as noites, eles esperarão um contra-ataque inimigo, que não virá.[826]

As linhas inimigas estavam rompidas e os alemães em retirada foram seguidos pelos brasileiros. Na manhã de 21 de abril de 1945, o 1º e o 6º Regimentos de Infantaria, apoiados por uma companhia de blindados americanos, retomaram a progressão. Com a notícia de que os alemães haviam minado as margens do Rio Panaro, coube ao 9º Batalhão de Engenharia a responsabilidade de remoção e de reparação das estradas para que as viaturas e os soldados pudessem transpô-las.

A FEB, agora, seguia coesa em perseguição ao inimigo que tantos problemas havia criado para os aliados e brasileiros naquela parte setentrional da Itália. O alemão, em derrocada, partiu para o Noroeste da Itália. Na tentativa de reter a tropa aliada, ia disseminando minas pelos caminhos.

O major Elber de Mello, que lá do alto, no seu teco-teco, via a movimentação da tropa, registrou: “O avanço aliado era tão rápido que os observadores aéreos não identificavam, de pronto, se determinada tropa era amiga ou não”.[827]

As ordens que vinham do Comando Geral Aliado eram claras e objetivas: determinavam uma vigorosa perseguição com a utilização de todos os meios de transporte e dos carros de combate. Enfim, todos os meios possíveis para que os alemães, fragilizados, se sentissem acuados, o que de fato aconteceu, pois já não tinham muito aonde ir. Restava a eles a rendição ou a morte nas posições.

As informações que chegavam ao comando da FEB diziam que as tropas alemãs se deslocavam do sul para o norte, agora na estrada 62, onde estavam localizadas as cidades de *Sarzana, Berceto, Fornovo, Collecchio e Parma*. No dia 26 de abril, o Esquadrão de Reconhecimento, comandado pelo general Pitaluga, chocava-se com as forças alemãs que estavam na cidade de *Collecchio,* identificadas como a 90ª Divisão Panzer, com um efetivo muito superior à pequena unidade brasileira. Nessa perspectiva, e na rapidez da solução a ser dada, seguiram

---

[826] BRAGA, *op. cit.,* p. 248.
[827] HENRIQUES, *op. cit.,* p. 177.

com o reforço os generais Mascarenhas de Moraes, Zenóbio da Costa e Cordeiro de Farias.

Nesse mesmo dia, chegaram, por volta das 18h30m, as primeiras companhias do 6º e do 11º Regimentos de Infantaria. Segundo os relatos, a luta prosseguiu a noite toda, sempre revigorada pelas tentativas de violentos ataques das forças nazistas, que empregavam todas as suas armas para o rompimento do cerco em direção a Parma.

São muitos os relatos sobre os combates ocorridos em *Collecchio e Fornovo,* e o encerramento da campanha da FEB na Itália, que mereceriam um estudo à parte, pois muitas vezes foi dada grande dimensão aos eventos ocorridos em Monte Castelo e Montese, em detrimento dos fatos que levaram à Rendição de uma grande unidade militar aos brasileiros na região de Parma.

Os dois batalhões acima citados atuaram nessa área, expostos a um inimigo ferrenho, que lutou até as últimas conseqüências. Na verdade, o que se vê é que a história dos combates nessas regiões está até hoje envolta em uma penumbra de fatos ainda não revelados. Destaca-se, nessas questões, a presença de uma grande força partigiana, que colaborou efetivamente ao lado dos brasileiros e americanos, na liberação de várias localidades, dentre as quais *Collechio* e *Fornovo,* provocando a rendição da 148ª Divisão de Infantaria Alemã. Esta, com um efetivo de mais de 15 mil homens, apressou, de certo modo, o fim da guerra nessa região da Itália. Tais fatos foram minimizados pela FEB e pelo V Exército Americano. Nessa perspectiva, muitas hipóteses podem ser discutidas em função do desinteresse da história oficial em relatar a presença partigiana nessas regiões como co-participante em eventos tão importantes.

Dos brasileiros, são muitos os relatos dos soldados pertencentes aos dois batalhões que mais atuaram na região. Do 6º R. I., o tenente João Evangelista relata os momentos com seus companheiros antes da tomada da cidade de *Collecchio*. Pela primeira vez, recebiam uma missão para deslocar-se com os tanques de guerra, juntando-se nessa empreitada a uma outra companhia. Segundo as informações, na cidade ainda permaneciam entrincheirados cerca de 500 soldados alemães, que guardavam um grande armazém com armamento e utensílios.

No relato de Evangelista, na noite de 26 de abril, aconteceu o deslocamento pesado do seu grupamento, sob fogo cerrado.

> Eu fui na frente no carro de comando com o capitão americano, comandante dos tanques, e à meia-noite entrávamos em posição, para, às 4 horas da manhã, já nos deslocarmos a pé debaixo de torrencial chuva, com os homens molhados, sem manta e comida. Às 10 horas, partimos para o ataque debaixo de chuva e bombardeio. Jamais esquecerei tão bruta noite: fome, chuva, deslocamento de 30 quilômetros, sendo 2/3 de tanque e o restante a pé.[828]

Mesmo sob a exposição de grande concentração de fogos, o grupamento do tenente Evangelista ultrapassou um bosque e atingiu uma elevação que dominava a cidade. Fez 30 prisioneiros que corriam desesperadamente.

Os partigianos italianos, que se encontravam nas proximidades, também se organizaram, com suas diversas 'bandas' ou 'ripartos'. Na verdade, pequenas companhias formadas por homens armados que combatiam os fascistas e nazistas, pois pressentiam que o seu esforço junto aos aliados seria uma forma definitiva de colocar um ponto final na resistência alemã. Não fica clara para o pesquisador a omissão do reconhecimento da relevante ação partigiana nessa zona de combate. Esse é um fator ainda hoje de grande constrangimento para os homens que combateram ao lado dos aliados e brasileiros, o que tem rendido severas recriminações por parte dos participantes. Segundo consta nos documentos do Instituto da História da Resistência em Parma, durante a 2ª Guerra Mundial, a força partigiana era representativa e somava mais de 1.500 combatentes.

Recentes estudos praticados na região por estudiosos ligados a esse Instituto tentam redimir a situação, expondo os fatos, com testemunhos e documentos que mostram a efetiva ação partigiana na campanha de *Collecchio e Fornovo*. São documentos que acompanham uma ordem cronológica dos acontecimentos, destacando o nome das bandas partigianas e de seus líderes. Mapas foram organizados, também no sentido de mostrar os pontos estratégicos que, segundo os combatentes italianos, seriam de responsabilidade desses grupos.

Segundo Ettore Cosenza, autor de obra esclarecedora sobre o assunto,

> *il resoconto del Mar. Mascarenhas condotto esclusivamente dal punto di vista delle azione militari delle truppe brasiliane. Non riproduce, próprio per*

[828] ROCHA, João Evangelista Mendes da Rocha. **Senha e Contra Senha:** A 2ª Companhia do 6º R. I. na Campanha da Itália. Rio de Janeiro: Marcelo Gráfica e Editora Ltda, s/ data, p. 67.

> *questo, in lutta la sua complessità, lo svolgersi dei fatti. Si avverte súbito uma lacuna molto grave.*[829]

Quando avaliou a obra do comandante da FEB, Cosenza buscou minúcias dos combates e verificou os mapas. Nesse aspecto, acompanhou todo o cronograma da participação brasileira, dia-a-dia, destacando os batalhões que participaram dessa campanha. Há um reconhecimento público, segundo Ettore Consenza, da parte do comando brasileiro, quando reafirma que a campanha de *Collecchio Fornovo* foi uma das partes mais importantes da guerra para os brasileiros, mas, infelizmente, não pormenoriza a ação partigiana.

Ainda na observação de Cosenza, o Marechal Mascarenhas de Moraes cita três vezes a participação partigiana nesses combates: "ma sono citazione fugaci e rapidissime, dalle quali, non si può ricavare in alcun modo il peso determinante Che esse ebbero per la soluzione favorevole della Bataglia".[830] Mascarenhas não conseguiu fazer uma relação mais detalhada das ações partigianas. Ainda questiona o pesquisador: Não seria este o momento de se indagar sobre esses pontos, agora sob a luz da vasta documentação recolhida dos nossos testemunhos pessoais, da documentação, de que, por sorte, ainda se dispõe?

Ettore Cosenza, com muitos documentos, se posiciona em relação aos últimos combates em que eles tiveram participação ativa junto dos brasileiros. Ressalta que: o Comando Único da formação partigiana já tinha há algum tempo um plano para fazer o enfrentamento, compatível com os meios de que dispunham, contra os alemães que se retiravam; que os ataques empreendidos contra os alemães, em forma de guerrilha, não afetaram de nenhum modo o planejamento militar dos aliados, mas ajudaram a minar o moral dos soldados alemães que já manifestava deterioração. Ainda, na sua reflexão, muito antes da chegada dos brasileiros e americanos, os partigianos dominavam grande parte da região do rio Taro e que, mais tarde, as operações de guerra ocorridas na tomada de *Fornovo* vieram demonstrar o grau de maturidade das forças de guerrilha.

---

[829] N.A.: Na tradução das palavras de Cosenza: O testemunho do Marechal Mascarenhas de Moraes (provavelmente fazendo referência à obra *A FEB Pelo Seu Comandante*), conduzido apenas sob o seu ponto de vista sobre as ações da tropa brasileira, não reproduz, por isso mesmo, em toda a sua complexidade o desenvolvimento dos fatos. Nesse caso, cabe uma advertência imediata sobre uma lacuna muito grave para a história. COSENZA, Ettore. La Sacca di Fornovo. Aprile, 1945. **Quaderno nº 1. Istituto Storico della Resistenza per la Província di Parma**. Itália, abril de 1975, p.12

[830] N.A.: Segundo E. Cosenza, Mascarenhas de Moraes cita 3 vezes os partigianos, mas de maneira fugaz e rápida, e não é possível encontrar o verdadeiro peso da ação partigiana durante a Batalha.

Ettore Consenza conseguiu reunir diversos documentos que atestam a participação das diversas brigadas italianas no episódio da conquista de *Fornovo* e, em 1966, conseguiu fazer a primeira publicação com o título *La Sacca di Fornovo*. Em 1976, fez uma outra publicação, revisada, e com acréscimo de novos documentos.

Vários documentos são apresentados pelo autor da obra, buscando mostrar o quanto foi importante, em vários momentos, a ação das brigadas italianas que ajudaram a conter as últimas forças nazistas até a rendição final. Espera também o autor que, futuramente, esses documentos possam realmente demonstrar o valor das forças partigianas, sem que isso venha de nenhum modo diminuir a participação brasileira nesses eventos. Todos os que testemunharam esses combates antes da rendição são de parecer que os alemães usaram de todo o vigor nos combates antes de se renderem.

Na avaliação do combate em *Fornovo*, que colocaria um ponto final na guerra para os brasileiros, o major Elber de Mello diz textualmente sobre as tropas alemãs que se encontravam no local "Suas tropas já não combatiam, embora alguns comandantes mais duros ainda não se tivessem rendido". Tal declaração vai ao encontro das observações de Ettore Consenza, quando diz das ações agressivas que também foram enfrentadas pelas brigadas italianas.

O tenente Ítalo Diogo Tavares e sua companhia se encontravam em *Serreto* no dia 29 de abril de 1945.

> Pela manhã, chegaram três parlamentares alemães que vinham tratar dos termos da rendição. Sabiam que a guerra estava perdida para eles. Resistir mais significava apenas mais derramamento de sangue inútil. Faziam questão de não ser entregues aos partizans.[831]

Também o capitão Ayrosa da Silva, do 6º R.I., participou dos últimos combates e buscou sintetizar em suas anotações os últimos acontecimentos.

> A essa altura, recebíamos informações de que o grosso dos efetivos alemães, em sucessivas manobras, vinha canalizando a sua resistência para a região de *Fornovo di Taro*. [...] Na hora prevista, demos início ao movimento. O inimigo, que já havia abandonado muito material na noite

[831] TAVARES, *op. cit.,* 2005*,* p. 108.

> anterior, percebeu que, se os brasileiros tivessem êxito, as perdas poderiam ser muito maiores, por isso resolveu endurecer o combate.[832]

A tropa brasileira ia fechando o cerco e as frentes apontavam para ações diversificadas. O capitão Ayrosa, em seu depoimento, relatou:

> Aproveitando um momento em que estávamos espalhados na região, realizando buscas individuais, furtei-me das vistas do Koeller (tenente), passei um pequeno número de granadas para o jipe, soltei o reboque e parti com o sargento Apio ao meu lado e o soldado Hilário atrás. [...] Quando atingimos a região de *Gaiano,* fomos surpreendidos por dois caminhões atravessados na estrada, bloqueando-a por completo. À frente dos caminhões, encontravam-se alguns soldados alemães com metralhadoras nas mãos.[833]

Segundo o tenente Ayrosa, houve um certo impasse, quando os alemães perguntaram se os recém-chegados eram americanos. Diante da resposta negativa, eles insistiram: “São partigianis?” “Também não!” Nesse ínterim, Ayrosa, cautelosamente, tenta manobrar o jipe, buscando fazer o caminho de volta. Até ali, nada havia acontecido, até que o soldado Hilário aciona a sua bazuca à queima roupa diante do inimigo. Segue-se uma explosão de grandes proporções no jipe. Ayrosa perdeu os sentidos.

À tarde, foi retomando a consciência e percebeu que, pela dificuldade de efetuar movimentos, estava muito ferido. O sargento Apio apresentava ferimentos graves na cabeça, mas podia movimentar-se. O grupo de feridos esperava que os alemães tivessem retraído e que eles, caídos na valeta, fossem encontrados pelos brasileiros. Mas isso não aconteceu. O sargento saiu em busca de socorro e foi feito prisioneiro, o mesmo acontecendo com Ayrosa. As linhas limítrofes entre brasileiros e alemães eram muito próximas. Ambos foram conduzidos ao Posto de Comando da tropa alemã que defendia a região.

Enquanto Ayrosa era feito prisioneiro e levado para interrogatório, os brasileiros iam fechando o cerco contra os alemães. Todos pressentiam que o fim das ações bélicas estava próximo. Diante de seus ferimentos, Ayrosa foi conduzido para um depósito de cereais, no fundo da casa. Foi também atendido por um médico alemão que disse não dispor de recursos para tratá-lo. Nas horas seguintes, recebeu

---

[832] SILVA, Ayrosa da, *op. cit.,* p. 78.
[833] Ibid., p.79.

os cuidados da dona da casa, que lhe oferecia leite quente, buscando atender o jovem oficial como podia, pois não havia medicamentos.

A rendição alemã processou-se logo em seguida a esse dia fatídico e a primeira ambulância a cruzar a linha do inimigo conduziu o capitão ferido ao Posto de Socorro do Batalhão. Lá, Ayrosa recebeu os primeiros atendimentos. No hospital de Modena, durante a primeira intervenção, foram retirados estilhaços de granada do seu rim. Depois, foi encaminhado para o Hospital de Bologna, onde sofreu mais duas intervenções e se recuperou, voltando ao seu grupamento. Tempos depois, o próprio capitão perguntar-se-ia sobre o que teria ocasionado a explosão do jipe. Teriam os alemães revidado os tiros e acertado as granadas que estavam na condução? Ou o jipe teria passado sobre uma mina? Ayrosa nunca soube responder.

Tais momentos, antes da rendição final por parte dos alemães, marcaram profundamente muitas vidas, a do capitão Ayrosa também. Ele recorda os momentos mais delicados, quando estava ferido e caído na valeta, e o diálogo que se processou entre ele e o sargento Apio, gravemente ferido na cabeça. O combinado naquele momento era que Apio iria em busca de socorro, pois os brasileiros não estavam tão longe, como refletiu depois o capitão:

> A essa altura, senti que havia algo que perturbava o sargento Apio. Sabia que, ao partir, ia deixar-me só, sem apoio de qualquer espécie e ferido gravemente. Nesse estado de espírito, parecendo estar consciente de que não mais se encontraria comigo, disse com toda a pureza e simplicidade: Capitão Ayrosa, não quero partir sem lhe dizer o que todos nós praças do Batalhão sentimos pelo senhor.[834]

O sargento falava sobre as questões que envolviam o capitão comandante e seus homens, da cordialidade no tratamento com os soldados, da camaradagem nos momentos necessários e do apoio como amigo, demonstrado em várias situações.

Naquele momento, o sargento Apio prometeu que voltaria para buscar o capitão ferido e, no ato da despedida, um beijo na testa selou o compromisso do amigo. Não pôde o sargento cumprir a promessa, pois também fora feito prisioneiro. Ayrosa, em seu diário, conseguiu registrar esses momentos, que demarcaram para todo o sempre a sua existência. Do balanço da triste jornada em um jipe pelos campos da Itália, dois homens salvaram-se pela contingência da vida. O soldado

[834] SILVA, Ayrosa, *op. cit.*, p. 79.

Hilário, que acionou a bazuca inadvertidamente, foi espedaçado pela explosão das granadas.

No dia 27 de abril de 1945, na região conhecida como *Neviano de Rossi*, o comando brasileiro solicitou os préstimos do pároco local, D. Alessandro Cavali, para levar ao comando alemão, em *Respício,* uma intimação verbal para a sua rendição incondicional. A intimação brasileira tinha o propósito de salvar vidas e de evitar os horrores da destruição. Algumas horas mais tarde, o pároco retornava com o pedido dos alemães para que a intimação fosse formalizada por escrito, o que foi feito pelo coronel Nelson de Mello, comandante do 6ºR.I..

O referido documento dizia dos sacrifícios inúteis da continuidade das ações de guerra que vinham acontecendo, ao tempo em que justificava a preservação das vidas.

> Intimo-vos a render-vos, incondicionalmente, ao Comando das tropas regulares do Exército Brasileiro, que estão prontas para vos atacar. Estais completamente cercados e impossibilitados de qualquer retirada. Quem vos intima é o Comandante da Vanguarda da Divisão Brasileira, que vos cerca. Aguardo dentro do prazo de duas horas a resposta do presente '*ultimatum'*. Nelson de Mello (coronel).[835]

Ainda não foi sem resistência que os alemães se renderam. A frente brasileira continuava firme nos seus propósitos, avançando cada vez mais sobre as posições alemãs.

No dia 28 de abril, os alemães buscaram novas negociações. Representantes da 148ª Divisão de Infantaria chegaram até *Collecchio,* onde ficava o comando do 6º R. I.. Foram recebidos pelo chefe do Estado Maior, Lima Brayner e pelo Tenente-coronel Humberto de Alencar Castello Branco, chefe da Seção de Operações da Divisão; estes, encarregados de acertar os detalhes para a rendição final, o que incluía o local, a apresentação da tropa, a deposição do armamento, a concentração de viaturas e de animais, a cessação de fogos, a entrega de prisioneiros americanos e a apresentação dos generais comandantes da Divisão Alemã.

No dia 29 de abril de 1945, surgiu, na *Ponte Scodogna*, a primeira coluna de 13 ambulâncias alemãs conduzindo 80 feridos graves e, meia hora depois, outra coluna com 8 viaturas com mais 58 feridos. Todos foram transferidos para o Hospital brasileiro em *Modena.* Conforme registrou o tenente Juarez Bastos, a rendição foi se

[835] PINHEIRO, *op. cit.,* p. 61.

processando a partir das 17h do dia 29 até as 18h do dia imediato. “As tropas nazistas desfilaram diante dos pontos previstos nas regiões próximas a *Gaiano e Felegara*, com suas colunas de tropa motorizada e coluna de artilharia, ambas portando canhões de diversos calibres, colunas hipomóveis, transportando peças de artilharia e munição e sucessivas colunas de infantaria, todas depositando seus materiais, armas e equipamentos”.[836]

No dia 30 de abril de 1945, apresentou-se o comandante da 148ª Divisão de Infantaria, acompanhado de 31 oficiais do seu Estado-Maior. O general Otto Fretter Picco foi escoltado pelo general Olympio Falconiere da Cunha para o Quartel General do V Exército em Florença.

FIGURA 18 – A RENDIÇÃO EM COLLECCHIO DA 192ª DIVISÃO DE INFANTARIA ALEMÃ (29 DE ABRIL DE 1945)

FONTE: Acervo da autora.

O número total dos prisioneiros da 148ª Divisão de Infantaria Alemã, somando-se os remanescentes da Divisão Bersagliere – Itália, com suas divisões Monte Rosa e San Marco, mais a 90ª Divisão Panzer e um batalhão de Montanha, germânicos, chegaram a 14. 779 homens que, acrescidos de mais 300 alemães que

[836] PINHEIRO, *op. cit.,* p. 64.

haviam se rendido em outros pontos, fizeram o número de prisioneiros subir para 15.079.[837]

Do grande episódio que encerrou a participação efetiva da FEB como tropa combatente, os embates de *Fornovo di Taro e Collechio*, ao contrário do que muitos pensam, não trataram apenas de uma fase também conhecida como Aproveitamento do Êxito, na qual a FEB teria de vencer rapidamente as tropas alemãs e italianas que se desagregavam. Não é possível esquecer que tanto a 90ª Divisão Panzer, quanto a 148ª Divisão de Infantaria Alemã e as brigadas pertencentes à Divisão Monterosa eram constituídas por soldados muito experientes e muitas delas já haviam enfrentado tropas americanas e brasileiras na região de Garfagnana no mês de outubro de 1944, sem que ninguém conseguisse desalojá-las das alturas onde se encontravam. Eis que, em *Collecchio,* se apresentava uma oportunidade de enfrentamento a essas tropas por brasileiros, americanos e partigianos. Chama a atenção estes últimos não terem sido lembrados nos relatórios brasileiros e americanos, pergunta-se por quê.

Como diz Ettore Consenza, *"partigianos soldati di um popolo in luta, Erano uomimi che dopo lunghi mesi di lotta, cominciavano a pensare ad um domani sereno, mas non si sottrassero al combatimento*".[838]

Concluindo seu relato, diz Cosenza:

> No momento em que se conclui essa pesquisa, temos certeza de estar bem documentados na reconstrução dos fatos. Esta conclusão parecerá mais justa e fundada, quando se considerarem as particularidades que dizem respeito à batalha, à limpeza da área ocupada pelos alemães, enfim onde os eventos ocorreram.[839]

Ainda, segundo Consenza, os prisioneiros feitos pelos partigianos na região de Collechio e Fornovo somaram mais de dois mil homens.

Encerra-se aqui esse ciclo, que se reportou à fase de combates encetados pela FEB, momentos de fragilidades para brasileiros, americanos e partigianos que

---

[837] N.A.: Nos acampamentos ao redor de *Fornovo,* todo o material foi reunido pelos encarregados da rendição: Cerca de 1.500 viaturas, farto equipamento de natureza diversa e 4.000 animais. A organização e guarda de todo o material, bem como a responsabilidade sobre o volumoso número de prisioneiros, ficaram a encargo dos americanos. PINHEIRO, *op. cit.,* pp. 64-65.

[838] N.A.: Nas palavras do pesquisador Ettore Consenza: Partigianos eram soldados do povo na luta. Eram homens que, depois de longos meses de luta, começavam a pensar em um amanhã sereno, mas sem submeter aos combates. COSENZA, *op. cit.,* p. 33.

[839] Id.

deles participaram. Da longa caminhada iniciada nos quartéis brasileiros, os soldados da FEB chegaram aos campos italianos, com precariedade e sem treinamento. Fizeram o bom combate e tiveram o reconhecimento, não apenas dos seus pares, mas também dos comandantes aliados que viram, nos soldados, o senso de responsabilidade nas missões que foram cumpridas. O espírito de companheirismo prevaleceu nos instantes delicados do combate, seja nas patrulhas levadas à terra de ninguém, ou no conflito mais ousado, quando prevaleceu a união do grupo, na expressão mais pura de identidade.

Nesse subcapítulo sobre as campanhas da FEB, abriu-se espaço para as vozes dos protagonistas, que, alternadamente, foram montando o grande mosaico histórico da presença do soldado brasileiro nos campos da Itália.

Qual foi a apreensão dos diálogos proporcionados pelas fontes privilegiadas?

A história conduziu o pesquisador por terras italianas e, retornando no tempo, com a clareza dos testemunhos, passou-se pelos campos de batalha. Verificou-se o quanto a memória pode ser conflitante na narrativa de um mesmo fato. De um lado, os militares brasileiros, comandantes e comandados; do outro lado, os combatentes alemães e italianos, cada qual chamando para si os valores e méritos das campanhas realizadas. Fazendo a junção desses eventos, vai-se ao encontro da população civil - vozes de uma sociedade em guerra a registrar suas memórias, fatos evidentes que não foram esquecidos.

5.2.5 Anjos de branco: médicos, enfermeiros e padioleiros salvando vidas na guerra

> Tudo isto me veio à lembrança naquela trágica vigília que o destino me impusera. Mais calmo, passei a encará-la como natural numa guerra, em que as emoções se fazem mais violentas e a morte torna-se aceita sem muita revolta. Aquietei-me e decidi enfrentar os fatos, certo de que, se minha hora fosse aquela, a consciência estaria tranqüila com o que eu tivesse realizado.
> Capitão Erani Ayrosa, do 6º R. I., quando ferido gravemente no combate de Collecchio, no dia 28 de abril de 1944.

Enquanto a FEB ia sedimentando o seu papel na guerra dos Apeninos, seus homens, agora experimentados pela guerra, haviam levado adiante as missões que lhes foram imputadas e que muitos duvidaram chegassem a um bom termo. Agora, os seus participantes sentiam-se vitoriosos pelo empenho demonstrado em frente de

batalha e conseguiram abafar as vozes contrárias, aquelas que haviam ficado no Brasil. Os feitos agora se sobressaíam nos registros dos combates. Era inegável o sacrifício, o valor, o altruísmo e o espírito de luta que moveram esses homens em nome da pátria. “Agora é a FEB que desfila no seu verde oliva, puxando a chumbo a ‘cobra fumando’ no escudo do seu braço”. [840]

No Brasil, repercutiam ainda as notícias dos combates ocorridos nos mês de abril, a Tomada de *Montese, Colleccchio e Fornovo* e a Rendição da 148ª Divisão de Infantaria Alemã. Uma euforia quase incontida das instituições de apoio aos expedicionários encontrava na imprensa do Rio de Janeiro o espaço necessário para a divulgação das campanhas que seriam envergadas para o retorno dos soldados ao solo brasileiro. A imprensa oficial também cumpria o seu papel, provendo as redações por meio da Agência Nacional, com todas as notícias que vinham do *front*, agora de forma veloz, quase acompanhando os eventos no momento em que ocorriam. Fatos favoráveis que envolviam a FEB eram interessantes para o Exército e para o governo; portanto, divulgá-los imediatamente era a ordem.

Todas as notícias vinham estampadas com as fotografias dos locais onde os eventos ocorriam. Agora não havia mais necessidade de censura sobre elas, pois o segredo estratégico da posição das unidades militares já não constituía perigo para os homens que estavam combatendo. No mês de março, os jornais e revistas estamparam pela primeira vez uma foto do Monte Castelo, logo após o combate, na qual o morro aparece completamente arrasado, sem nenhuma vegetação. O título dizia: “Onde a cobra está fumando”. [841]

A repercussão da Tomada de Monte Castelo era assunto diário dos jornais cariocas, reforçada não apenas pelos correspondentes brasileiros que lá se encontravam, mas também pela imprensa internacional e seus jornalistas. Para esses profissionais, a FEB havia consolidado as suas posições: “Com ajuda das tropas brasileiras, as forças do 5º Exército Americano apoderaram-se de mais um trecho de terreno dominante no decorrer do ataque local. Organizaram suas posições no Monte Castelo e liquidaram vários bolsões alemães.”[842]

---

[840] PAIVA, Carlos Flores de. Discurso, *In:* MATTOS, João Baptista, *op. cit.,* p. 203.
[841] REVISTA DA SEMANA. Rio de Janeiro, 20 de março de 1945.
[842] A NOITE. Rio de Janeiro, 25 de fevereiro de 1945.

Um dia após a conquista do Monte Castelo, *O Globo* colocou como manchete de página: “As tropas brasileiras concitam os alemães à rendição”. Na reportagem, Egydio Squeff dizia que alto-falantes haviam sido colocados nas linhas alemãs transmitindo o convite da FEB para que os “boches” se entregassem.[843]

No mês de abril, a conquista de *Montese* ocupou os espaços de toda a mídia carioca. Egydio Squeff, junto dos correspondentes Joel Silveira e Thassilo Mitke vinham fazendo a cobertura dos eventos, pois estrategicamente acompanhavam os batalhões. Em *Montese*, concluídos os trabalhos de rescaldo, os jornalistas tiveram permissão para entrar na cidade. A manchete estampada pelo *O Globo* dizia: “*Montese,* a cidade fantasma que os brasileiros conquistaram”, fazendo alusão ao fato de a cidade estar abandonada.[844] Na verdade, o grosso da população, já no final de março, percebendo a movimentação das tropas alemãs que iam chegando à cidade e se instalando nos morros vizinhos, abandonou seus lares. Mas outros, imaginando que os alemães se retirassem com a chegada dos aliados, teimosamente permaneceram no local, o que resultou em mais de mil pessoas mortas e 1.500 prédios históricos destroçados pelas agressivas artilharias alemã e brasileira.

No mesmo jornal, a manchete dizia: “Vitória mais difícil que a de Monte Castelo”, ressaltando que as perdas tinham sido pequenas e que era considerável o número de prisioneiros feitos naquelas jornadas.

> As operações de ontem para a conquista de *Montese* foram mais duras do que as de Monte Castelo. Muitas vezes, os nossos infantes tiveram que investir utilizando-se dos seus próprios meios, pois a artilharia não podia protegê-los, devido ao perigo de atingir alguns ‘*tanks’* americanos muito avançados.[845]

Os jornalistas, por meio de sua função, conseguiam boa aproximação com os soldados. Observando entrevistas concedidas, foi possível avaliar conteúdos importantes sobre as ocorrências e a visão dos homens durante os enfrentamentos, situação que não caberia no relatório oficial dos escreventes da FEB. Egydio Squeff, em Montese, falava diretamente com os oficiais e soldados, obtendo dados significativos sobre a campanha. No dia 18 de abril, ainda em *Montese,* houve

[843] JORNAL O GLOBO. Rio de janeiro, 22 de fevereiro de 1945.
[844] JORNAL O GLOBO. Rio de Janeiro, 17 de abril de 1945.
[845] Id.

notícias dos interrogatórios a que foram submetidos os prisioneiros alemães. Segundo Squeff: “Nunca havíamos feito tantos prisioneiros verdadeiramente germânicos e membros do partido nazista. Isso confirma a minha informação anterior, quando afirmei que estamos enfrentando tropa de elite do Exército alemão”.[846]

A partir dos combates ocorridos na Itália no mês de novembro de 1944, cresceu o número de feridos brasileiros que eram atendidos primeiramente nos hospitais de campanha. O Serviço de Saúde da FEB fora organizado junto dos preparativos para o embarque da FEB e contava com 176 médicos, dos quais 84 eram militares da ativa. O pessoal da reserva foi recrutado por meio de estágios para médicos, enquanto os cursos de emergência de Medicina Militar foram direcionados a médicos civis, alguns realizados na Escola de Saúde do Exército, outros em algumas universidades, nos vários Estados da Federação. “Foram também feitos apelos aos estudantes para que colaborassem”.[847]

Embora não se tenha muitas notícias sobre alunos dos cursos de medicina que tenham atendido a essa convocação, o depoimento do jovem quartanista de medicina, Sebastião Cammarosano, é enriquecedor. Na guerra, ele chegou ao posto de 2º sargento enfermeiro, da 2ª companhia de Evacuação do 1º Batalhão de Saúde. Conforme seu testemunho, ele teria procurado o Serviço de Saúde da FEB, mostrando o desejo de embarcar com os soldados: “pelo elevado espírito de patriotismo, compareci para responder ao chamamento da pátria”.[848]

Cammarosano recorda que outros estudantes, de outras áreas, como o Direito e a Engenharia, haviam atendido ao chamado de recompletamento das diversas áreas de que a FEB necessitava. Como estudante de medicina, ficou adido ao 1º Batalhão de Saúde, sediado em Valença, no Rio de Janeiro. Lá já havia uma estrutura do grupo formada por oficiais da ativa e da reserva, estudantes de medicina, enfermeiros e padioleiros; uma companhia de triagem, que se encarregava do tratamento das doenças; além de três companhias de Evacuação, que deveriam prestar socorro aos feridos de guerra. Segundo Cammarosano, os

---

[846] JORNAL O GLOBO. Rio de janeiro, 19 de abril de 1945.
[847] MOURA, Aureliano Pinto de. O Serviço de Saúde do Exército Brasileiro. **Revista do Exército Brasileiro**, v.123, n. 2, abril-junho de 1986.
[848] DIAZ, *op. cit.*.

padrões de atendimento aos feridos de guerra eram de moldes franceses que, na guerra da Itália, se mostraram incompatíveis com os métodos norte-americanos.[849]

Os estudantes que desejavam embarcar com a FEB passaram por um processo de seleção. Nesse caso, foram levados em consideração: o preparo intelectual e o preparo técnico para exercer as atividades. Como não podiam ir para a guerra como soldados, fizeram um curso militar e, só depois, conseguiram embarcar. Todos foram promovidos a sargentos ou a aspirantes. "Os quartanistas foram como 2ºs sargentos e os do 5º e 6º ano foram como aspirantes. Para a campanha da Itália, os estudantes seguiram com o 2º e o 3º escalões".[850]

Durante a viagem, os estudantes de medicina ajudaram a atender os soldados. As queixas maiores diziam respeito a 'tonteiras', 'vômitos', 'labirintite' e distúrbios gástricos. No controle da parte emocional dos soldados, que manifestavam certas fobias pelo enclausuramento no porão dos navios, os enfermeiros viajavam junto dos homens e amenizavam o mal-estar com musicoterapia, técnica muito utilizada pela psiquiatria. Lembra Cammarosano que eram colocadas muitas canções nos alto-falantes, como as de Ari Barroso. [851]

Cabe lembrar que a organização da FEB era formada por uma Divisão de Infantaria, na qual todos estavam incorporados. Não caberia, portanto, uma "Divisão de Hospitais". Na Divisão de Infantaria, cabiam apenas os serviços médicos de urgência e o transporte dos feridos e doentes para a retaguarda, para um local mais seguro onde pudessem ser tratados. Desse modo, para atender à demanda de atendimentos, dentro das especialidades especificas relacionadas aos feridos, foi criado o Serviço de Saúde da FEB, que acabou se estabelecendo como seções nos hospitais americanos já existentes.

Comandava esse grupamento o coronel médico Emanuel Marques Porto, cirurgião respeitado no meio médico e militar, com especialização nos Estados Unidos sobre saúde em campanha. Cabia a ele supervisionar e controlar as seções hospitalares brasileiras, integradas aos hospitais americanos.

As seções hospitalares do S.S. da FEB eram tecnicamente denominadas S1, S2, S3 e S4, dentro das quais as tarefas eram distribuídas burocraticamente. A

[849] DIAZ, *op. cit.*.
[850] Id.
[851] Id.

primeira seção se encarregava de médicos, enfermeiros, dentistas e farmacêuticos, e era chefiada pelo capitão médico Dr. Carlos Paula Chaves.

A segunda seção consistia na secretaria, encarregada da parte burocrática, com a organização dos documentos, arquivos e fichas que identificavam os feridos, tipo de tratamento, medicamentos. Essa seção era chefiada pelo Capitão médico Dr. Fernando Mangia.

A terceira seção atendia o desenrolar das operações militares, acompanhando a movimentação dos regimentos e dos batalhões e verificando as necessidades de cada setor, visto que as emergências se apresentavam e era necessário acompanhar as ocorrências, buscando encaminhar os feridos diante de cada embate. Chefiava essa seção o capitão médico Dr. Adolfo R. Ratisbona.

A quarta seção era encarregada do material sanitário e cuidava do trâmite que envolvia a chegada e a distribuição dos materiais necessários para atender às unidades militares. Chefiava essa seção o capitão médico Dr. Nelson Rocha.

Em suma, os serviços médicos não divisionários se compunham do Posto Avançado de Neuropsiquiatria, dirigido pelo médico capitão Mirandolino Caldas, dos grupos hospitalares e do Serviço de Prótese Dentária.

As seções hospitalares brasileiras nos hospitais americanos dispunham de equipes médicas brasileiras, compostas por renomados médicos; muitos deles voluntários, como o prof. Dr. Alípio Corrêa. As seções estavam distribuídas nos Hospitais de Nápoles, Livorno, Montecatini, Pistóia e no 32º Hospital de Campo, em Valdeburra. Este último, o mais próximo da Linha de Frente. Nele, atuava um grupo de cinco médicos, chefiados pelo Dr. Alípio Corrêa, onde eram atendidas as primeiras emergências, os estados considerados graves e os considerados “intransportáveis”. Esse hospital não recebia doentes, apenas feridos.

Muitas vezes, após os ferimentos, o soldado recebia o primeiro atendimento nos postos médicos dos batalhões, chegando depois aos hospitais em situação de ser levado para a sala de cirurgia ou não. Às vezes, devido à emergência, os médicos eram obrigados a socorrer o ferido na própria padiola, colocada sobre dois cavaletes. Muitas cirurgias salvaram vidas neste hospital.

Segundo Cammarosano, em seu depoimento, as equipes cirúrgicas funcionavam tanto no hospital nº 45, em Nápoles, como no 7º Hospital de Guarnição de *Livorno.* O 38º ficava localizado em *Pisa* e o 16º, em *Pistóia.* O mais próximo da

Linha de Frente era o 32º Fiel Hospital que, de início, esteve sediado em Pisa e dispunha de 500 leitos, 12 salas de cirurgia, pessoal especializado em cirurgias toráxicas, abdômen, membros, buço facial e isolamento para doenças infecto-contagiosas. Dr. Alípio Corrêa operava com equipe muito capacitada, na qual a atuação do médico Dr. Alfredo Monteiro tornou-se admirada pelos médicos americanos, em função do uso de técnica inovadora para a aplicação de anestesia.

Para que o atendimento aos feridos se tornasse efetivo, na organização da FEB, foi composto o contingente feminino de 67 jovens voluntárias, algumas já diplomadas, outras com práticas de enfermagem, e ainda voluntárias socorristas. Foram todas submetidas a um curso de emergência de seis semanas para formação de enfermeiras militares, realizado por meio de estágio no Hospital Central do Exército, no Rio de Janeiro, e por aulas teóricas, dadas no Quartel General.

As enfermeiras foram transportadas para a Itália por via aérea e designadas para atuar nos diversos hospitais. Muitas organizaram seus diários, onde relatam em detalhes a saída de suas cidades, como aconteceu a Guilhermina Gomes, de Curitiba, Paraná. Na abertura do diário manuscrito se lê:

> Raia o ano de 1944, uma tensão de morte e assombro paira sobre o Brasil. É que os quartéis se movimentam e preparam os homens para a guerra. Devo em muito breve seguir com o 1º Escalão à Europa, a fim de ombrear com as forças aliadas, nos campos de batalha.[852]

No dia 29 de abril de 1944, ela registrou: “Dia da prova de seleção, estamos todas apreensivas, apesar de conhecermos bem a matéria. Felizmente, todas passamos e nos sentimos alegres, por vermos todas sem exceção graduadas”[853]

As paranaenses partiram de trem para o Rio de Janeiro, para os últimos treinamentos. A despedida das famílias foi algo muito emocionante e marcou muito a vida dessas jovens. Dia 26 de abril, os amigos de Guilhermina já estavam na estação férrea, para as despedidas: “Todos os meus já estão na estação. Nós chegamos depois. A Estação se acha quase repleta, até meus alunos estão lá com seus aventaizinhos brancos. Quando os vejo, meu coração se oprime e faço um grande esforço para conter as lágrimas”[854] Pelos registros que se obtiveram sobre as enfermeiras da FEB, muitas eram professoras em suas cidades antes de

[852] GOMES, Guilhermina. **Diário manuscrito**. Curitiba,1943.
[853] Ibid., p.13.
[854] Id.

embarcarem para a guerra.

A viagem marcante ficou registrada no diário, bem como as apreensões de todas aquelas jovens, como refletiu Guilhermina:

> Talvez não visse mais os pinheirais do Paraná. Isso pertencia ao futuro e só Deus é que podia saber, minha mãe já tão velha poderia me esperar? Não viria uma doença ingrata arrebatá-la antes da minha chegada? Oh! Meu Deus, que desespero. Que triste partida!.[855]

O grupo das paranaenses, chegando ao Rio de Janeiro, foi alojado em um colégio de freiras da congregação São Vicente de Paula. No Rio de Janeiro, as jovens foram recebidas com grosserias por parte dos militares. Ao menor pedido de transferência dos eventos programados para o mesmo dia, para que fossem realizados em outro momento, alegando estarem cansadas da viagem, tiveram como resposta: "Agora, as senhoras são militares e as filhinhas da mamãe deveriam ter ficado em casa e não desejarem seguir para a guerra".[856] Tal recepção deixou as enfermeiras desencantadas com o universo masculino que iriam enfrentar daquele dia em diante. E coube uma observação no diário de Guilhermina: "Esta foi a recepção que a capital do nosso país fazia às enfermeiras que tudo deixaram para atender ao chamado da Pátria".[857] Esse momento marcou o início da carreira militar das jovens enfermeiras brasileiras, como afirmou Guilhermina:

> Este é o início do nosso calvário no Exército. Infelizmente, nossos militares não estão preparados para lidar com moças de educação. Poucos são os que dispensam delicadezas às enfermeiras. Servem para lidar com animais e maltratar subalternos. A boa impressão que tínhamos dos militares do Paraná não foi suficiente para apagar a mágoa.[858]

E pensar que este mesmo oficial, major Paulino, com tanta insensibilidade, comandaria a comissão que traria de volta para o Brasil a última leva de feridos em *Lagarde,* em maio de 1945.

Após os cursos obrigatórios, consideradas aptas para a convocação do serviço ativo, foram de imediato nomeadas "Enfermeiras da Reserva" e, em seguida, convocadas para o serviço ativo como "Enfermeiras de 3ª classe", com

---

[855] GOMES, *op. cit.,* p. 14.
[856] Id.
[857] Id.
[858] Id.

possibilidades de promoções. O embarque de todas as enfermeiras deu-se por avião, com escalonamentos diferentes, passando por Natal, *Dakar, Casablanca, Oran, Argel* e *Tunísia.* Chegando a *Nápoles,* foram classificadas para os diversos hospitais americanos então existentes em *Pisa*, *Porreta Terme, Livorno, Pistóia e Nápoles.*

Esses hospitais ficavam na retaguarda e, em função dos deslocamentos da linha de combate, os feridos eram atendidos nos postos de triagem, para posterior encaminhamento aos hospitais.

Ao chegarem à Itália, experimentaram essas jovens muitas mudanças em suas vidas. Era um mundo cheio de contrastes, do novo e do velho. Muitas se ausentavam do convívio familiar pela primeira vez.

O vestuário impressionava as moças: o uniforme completo de gabardine verde oliva - composto por saia, calças compridas e túnica – e o uniforme completo de lã para o inverno - jaqueta de lã, camisa verde oliva, sapatos e botas. Os hospitais americanos eram completos, havia tudo de que uma jovem podia necessitar. As novidades eram muitas, como diz Olímpia Camerino, em suas lembranças: "No PX (Post Exchange), vários artigos eram vendidos por preços razoáveis: lenços de papel - que eram novidade -, absorventes, perfumes, chocolates, cigarros, refrigerantes, jaquetas de couro... quase tudo com tickets racionados".[859]

Os hospitais americanos – e a própria guerra - funcionavam verdadeiramente como uma empresa, em sintonia, como um departamento onde tudo tinha de funcionar perfeitamente. As enfermeiras cumpriam 8 horas de trabalho, com os horários escalonados (também os dedicados às folgas), que eram publicados em boletins e colocados em lugar público para que todos tomassem ciência deles. Segundo Olímpia, havia muito conforto:

> Nosso acampamento ficava do outro lado da estrada, de frente para o hospital e sob um bosque de eucaliptos. O trajeto que tínhamos de cumprir para ir à barraca era todo cercado, demarcado com as placas "off limits". Na entrada do acampamento, havia uma pequena sala, construída de madeira, denominada Tenda Alegre, onde podíamos receber visitas.[860]

[859] CAMARINO, Olímpia. **Manuscritos**. Livorno, 10 de novembro de 1944.
[860] Ibid., p. 23.

Para quem tinha de trabalhar em ambiente tão tenso onde afloravam situações de todo o tipo, o envolvimento entre as pessoas era algo natural. O ambiente de pronto-socorro e hospital de guerra expunha os trabalhadores, médicos e assistentes a estado profundo de estresse, na correria de dar alento a uma dor e tentar salvar vidas. Por esse motivo, as folgas eram levadas a sério pela administração hospitalar e as pessoas tinham de deixar seus afazeres,utilizando o momento indicado para descansar ou mesmo para sair do hospital.

FIGURA 19 – AS ENFERMEIRAS BRASILEIRAS

FONTE: Acervo da autora.

Virgínia Leite, de Curitiba, recorda-se da ocasião em que passou por uma situação de estresse dentro do hospital, logo no início, ao ter de participar ativamente, sem descanso ou lazer, do cotidiano massacrante do hospital: “estava ficando maluca” e, relembrando o tema, ressaltou: “o americano vai para guerra, mas tem clube, cinema, teatro... eu não saía da região hospitalar. Como é que ia me distrair, quando havia soldados feridos sentido dor?”[861]

Um dia, o diretor do Hospital lhe chamou a atenção, dizendo que ela precisava sair um pouco daquele cotidiano e que muitas enfermeiras na mesma situação dela não suportaram a situação e haviam voltado para casa. E disse: “Você está na mira!” “Eu? Por quê? O que é que eu fiz?”, perguntou ela. “Você não fez,

[861] LEITE, Virginia. **Entrevista a Carmen Lúcia Rigoni.** Curitiba, 12 de janeiro de 2002.

você deixa de fazer! Todos nós temos uma válvula de escape. Não é possível ficar só na rotina, vendo o horror que é um hospital de guerra", justificou o diretor. A partir desse dia, ela passou a freqüentar o cinema, o clube e o teatro dos americanos.[862]

Os aposentos das enfermeiras no 7th Station estavam no perímetro hospitalar, constituídos por barracas. Mesmo para pernoite eram confortáveis, apesar do frio que em novembro já estava iniciando, com prenúncios de inverno rigoroso. As barracas eram para quatro pessoas, com camas sobrepostas. As paredes eram de lona grossa, impermeável, com material isolante, luz elétrica, estufa, chaminé e piso de madeira.

O material de trabalho era farto: termômetros, estetoscópios, aparelhos para medir a pressão, material sempre esterilizado e as famosas injeções de penicilina. Os medicamentos ficavam na sala dos médicos e todo o remédio prescrito era orientado pela enfermeira-chefe americana.

O funcionamento do 7th Station Hospital dá uma idéia de como funcionavam os demais hospitais. São importantes as observações do sargento Lúcio Muniz Barreto, do 2º Grupo Hospitalar. Das suas anotações, quando foi designado para servir no Laboratório de Pesquisas Clínicas, acumulando a função de almoxarife, é possível avaliar como funcionavam a rede administrativa e as relações entre médicos, enfermeiros e pacientes.

Por dominar o idioma inglês, foi transferido depois para a seção da farmácia. Segundo Diniz, na questão do receituário, a confusão era grande, pois os médicos brasileiros se embaraçavam com o sistema de pesos e medidas dos americanos. Houve necessidade de adaptação. Quanto aos medicamentos, diferiam um pouco dos brasileiros: havia medicamentos injetáveis, comprimidos, cápsulas, mas as drogas eram as mesmas. Lá estavam os xaropes, as poções, as pomadas. "Os nomes das drogas são, como se sabe, muito semelhantes em inglês e português."[863]

Entre os dias 13 e 16 de dezembro de 1944, no 7th Station, Muniz registrou em seu diário que a capacidade hospitalar para atendimento aos feridos tinha chegado quase ao limite. Tal situação coincidia com os ataques desferidos ao Monte Castelo nas jornadas de 2 e 12 de dezembro. Foi necessário usar-se do expediente de barracas do lado externo. Ainda no seu depoimento:

---

[862] LEITE, Virginia. **Entrevista a Carmen Lúcia Rigoni.** Curitiba, 12 de janeiro de 2002.
[863] BARRETO, Lúcio Muniz. **Depois da Guerra**: Memórias de um Expedicionário. Rio de Janeiro: Edição do autor, 1946.

> Nosso hospital já está com cerca de 800 baixados entre doentes e feridos. Há feridos de todo o tipo: sem perna, sem braço, sem olho, portadores de fraturas múltiplas e variadíssimas, aleijados de toda espécie, temporária ou definitivamente. Faz pena ver os doentes do sistema nervoso, são as neuroses de guerra.[864]

Era nos Postos de Socorro dos Batalhões que o pessoal do Serviço de Saúde tinha de atender às emergências de vida ou morte. Socorrer um ferido era uma tarefa descomunal, arriscando a própria vida em situações de grande tensão. Era preciso agir em condições de grande perigo, nas proximidades do campo inimigo. Eram os médicos, padioleiros, enfermeiros e os motoristas de viaturas a correr contra o tempo, com os recursos mínimos que possuíam para a ocasião.

Os postos de Socorro dos Batalhões eram móveis, caminhavam com os soldados em seus deslocamentos. Durante as tentativas da tomada de Monte Castelo, estiveram localizados próximos à localidade de *Silla.* A *Casa Marconi* era um posto bem avançado, em plena zona de guerra, com paredes espessas, de pedra, rodeada por muitos *fox holes*. Em *Bombiana*, a uns 500 metros da Casa Marconi, havia outro posto de atendimento e, no último combate a Monte Castello, funcionou o Posto de Socorro em *Gaggio Montano*. Na continuidade da campanha, durante a tomada do *Soprassasso* e *Castelnuovo,* o atendimento aos feridos era feito em *Riola*.

[864] BARRETO, Lúcio Muniz. **Depois da Guerra**: Memórias de um Expedicionário. Rio de Janeiro: Edição do autor, 1946, pp. 58-59.

FIGURA 20 – POSTO MÉDICO EM RIOLA

FONTE: Acervo da autora.

Em função da topografia escarpada do terreno italiano, era difícil o trabalho dos enfermeiros e padioleiros na missão de resgatar os feridos sob as intempéries, como chuva, lama, neve ou frio excessivo, sob o qual o paciente poderia entrar a qualquer momento em estado de choque.

O capitão médico Dr. Gilberto Peixoto, da 1ª Cia do Serviço de Saúde, em seu relato, descreve as dificuldades de um grupamento de primeiros socorros que estava na região de *Serrasiccia,* a 1.380 metros de altura. Esse era um local onde os soldados brasileiros tinham de manter a posição dos aliados nos preparativos para a tomada do Monte Castelo. O local era conhecido também como "Quarteirão de Oeste". O desafio concreto para os enfermeiros e padioleiros era transportar os feridos por lugares quase inacessíveis, com a ausência de trilhas que pudessem facilitar o trabalho dos socorristas.

> A descida por cordas teve de ser usada algumas vezes. A tarefa era facilitada por um cabo aéreo que os americanos tinham instalado e que fazia o transporte de um pouco além do meio da montanha para baixo. Na metade superior, os feridos eram carregados nas padiolas, a braços ou nas costas de muares.[865]

[865] PEIXOTO, Gilberto Peixoto. O Serviço de Saúde da FEB no 'Quarteirão Oeste'. **Revista O Febiano,**. n. 39, Rio de Janeiro, novembro e dezembro de 1970.

A presença de tropas de elite alemãs dificultava o trabalho de seis equipes socorristas que se revezavam: "quando uma delas chegava à base do *Serrasiccia,* trazendo um ferido, vinha com as mãos em sangue e incapaz de tornar a subir. E assim se revezavam os heróicos soldados da 2ª e 3ª Companhias de Evacuação do Batalhão de Saúde. O tempo de descida em alguns casos era de oito horas".[866] Na crista do morro, permaneciam três enfermeiros que prestavam o primeiro atendimento.

Os soldados que combatiam nesse local pertenciam ao 6º R. I. e ao 11º R.I.. Eram comandados pelo major Julio Maximiliano Olivier Filho, cujo nome batizou na história essas colunas de homens que atuavam como fuzileiros. No dia 5 de abril de 1945, havia notícias de fortes tiroteios na região e de muitos feridos. Para resgatar os oito feridos que estavam lá no alto, foi necessário fabricar-se uma cortina de fumaça para disfarçar os padioleiros que se sentiam impedidos de realizar os resgates, porque também haviam se tornado alvo dos atiradores. Mesmo sob a mira dos projéteis, os enfermeiros aplicaram plasma aos que tinham perdido muito sangue. Nesse mesmo dia, com equipes diferentes de busca e traslado, os feridos chegaram a salvo em *Poggioforato*, por volta das 24 horas.

São raras as narrativas dos enfermeiros e padioleiros sobre o trabalho que realizavam com os feridos. Julio do Vale constitui um desses. Ele era do 1º Batalhão de Saúde e sua experiência ocorreu durante a conquista da cidade de *Barga*, quando o 6º R.I. enfrentava violentamente os alemães e os padioleiros eram obrigados a carregar os feridos, atravessando uma ponte sob a mira de muito armamento. Tem-se na sua explicação a idéia de como ocorriam os primeiros socorros: "Eu sabia aplicar o plasma, que, misturado à água destilada, chacoalhava-se e podia ser ministrado nos feridos em estado muito grave".[867]

Disse também que as equipes de socorro, geralmente, eram formadas por quatro homens e que, nos momentos em que o combate ficava menos acirrado, os socorristas saíam a campo em busca dos feridos, o mesmo acontecendo com os alemães. Um encontro inusitado aconteceu:

> [...] quando voltamos lá, a poucos metros, passaram quatro alemães carregando um ferido. Eles para lá e nós para cá. Nenhum ligava para o

[866] PEIXOTO, Gilberto Peixoto. O Serviço de Saúde da FEB no 'Quarteirão Oeste'. **Revista O Febiano,**. n. 39, Rio de Janeiro, novembro e dezembro de 1970, p. 39.
[867] VALE, Julio do. Entrevista. **História Oral do Exército**. Rio de Janeiro, 2 de maio de 2000.

> outro, porque o nosso interesse era igual, carregar o ferido. Os alemães com uma cruz vermelha grande no peito e nas costas para não serem confundidos com os combatentes, o nosso era só um braçal e o capacete com a cruz vermelha.[868]

O diário do infante médico Massaki Udihara, do 6º R. I., no dia 27 de novembro de 1944, registrou que um soldado ferido necessitava ser evacuado. "Serviço árduo, arriscado e penoso. Humildes componentes da arma de guerra aos quais nunca se dará o valor devido".[869] O que o tenente Udihara salientava nos seus escritos eram as dificuldades quase indescritíveis por que esses homens passavam. Na posição em que se encontrava o batalhão de Udihara, no mês de novembro, em pleno outono e com muita chuva, os homens saíam pelos caminhos escuros e barrentos, cuja lama chegava até o tornozelo, terreno liso e escorregadio, carregando a padiola, desarmados. Um trabalho desgastante sob todos os aspectos, com cuidado, escorregando, tropeçando, parando em alguns momentos. "Devagar, lentamente, a passo de procissão, venceram todo o trajeto e chegaram. Noutro dia, partiram para buscar outro. Admiráveis, espontâneos e dedicados. Nunca se dirá o suficiente deles".[870]

Os feridos, depois do primeiro atendimento, eram encaminhados para hospitais diferentes, dependendo da gravidade de cada caso. O Dr. Alípio Corrêa atuou no 32º Hospital, onde o atendimento prestado pela equipe brasileira teve início no dia 22 de novembro de 1944. Ali chegavam os feridos mais graves, geralmente atingidos por estilhaços de granada no tórax e no abdômen, ou os portadores de lesões arteriais dos membros, com grandes hemorragias - a mortalidade, nestes casos, chegava a 50%.

Os relatos do Dr. Alípio esclarecem sobre as cirurgias praticadas por ele e sua equipe:

> Vivemos em ambiente de guerra, os dias misturam-se com as noites, os dias da semana parecem iguais à nossa diária atividade. Só temos noção da data porque o calendário nos indica. Não raro, ao sairmos da longa permanência na sala de operações e atinarmos que, por exemplo, são sete horas, perguntamos se não é manhã ou à tarde.[871]

---

[868] VALE, Julio do. Entrevista. **História Oral do Exército**. Rio de Janeiro, 2 de maio de 2000.
[869] UDIHARA, *op. cit.,* 2002*,* p. 188.
[870] Id.
[871] CORREA NETTO, *op. cit.,* p.47.

Segundo o padioleiro Julio do Vale, a maior incidência de ferimentos era nas pernas, devido aos campos minados:

> [...] já os estilhaços de granada ninguém vê. O estilhaço se separa em pedaços, é tão violento que, se pega alguém, corta, porque vem assim rodando e dá a volta e fere terrivelmente. Há estilhaços grandes e pequenos. Quando pequeno, vem com mais violência que uma bala de revólver.[872]

O capitão Túlio Campello, do 6º R.I., tinha passado quase incólume durante toda a guerra, até pisar em uma mina, no dia 4 de março de 1945, durante a progressão do seu grupo na tomada de *Soprassasso e Catelnuovo*. Do momento em que perdeu a perna, ele lembra com sacrifício os momentos que se seguiram:

> Quando fui ferido, veio logo um enfermeiro que me aplicou uma injeção de morfina para que eu agüentasse a dor. A amputação de um terço da minha perna esquerda foi uma perda irreparável; mas, dentro das possibilidades, fui bem atendido. Pelos padioleiros, fui levado para a retaguarda e Hospital 32, fui operado à noite.[873]

Nesse período, iniciava a peregrinação de Campello pelos hospitais americanos. Primeiro, foi levado ao 10º Hospital de Evacuação; depois, para o 7th Station de Livorno e para o Hospital 45, em Nápoles. Por fim, seguiu para os Estados Unidos, a *Long Island, Utah*, onde eram tratados os casos de amputação de pernas, braços e ferimentos cranianos.

O cotidiano dos médicos do Hospital 32, de acordo com o Dr. Alípio, era revestido do horripilante estado em que chegavam os feridos.

> Só temos serviço de guerra, isto é, feridos, amputações traumáticas, ventres dilacerados, tórax abertos, crânios amolecidos pelo efeito da metralha, gemidos, queixas, gritos de dor, sangue a correr, olhos vidrados para a morte, faces encovadas devido ao estado de choque.[874]

A cada investida dos brasileiros sobre o Monte Castelo, O Hospital era alertado: seria mais um dia de "*push*", seja na frente de *Porreta*, de *Sila*, de *Bombiana*, de *Abetaia*, ou em outras como *Montese, Soprassasso, Catelnuovo, Collecchio e Fornovo di Taro.*

---

[872] VALE, *op. cit.*.
[873] SOUZA, Tulio Campelo de. Entrevista. **História Oral do Exército.** Rio de Janeiro, 6 de março de 2001.
[874] CORREA NETTO, *op. cit.,* p. 47.

FIGURA 21 – PADIOLEIROS

FONTE: ARBIZZANI *et al.* (1994, p. 257)

Referindo-se aos combates do mês de dezembro, Dr. Alípio anotou: “A zona de luta continua nos dias seguintes a nos enviar mais homens portadores de lesões graves e intransportáveis. O nosso trabalho vai sendo continuado dia e noite, sem distinção, a cortar, a remendar, em esforço permanente de praças, sargentos, enfermeiros, médicos, sem direito de descansar, apenas usando os intervalos para nos alimentarmos às pressas, comida fria e fora de hora.” [875]

Nos postos dos batalhões, médicos e enfermeiros corriam contra o tempo. Mesmo os padioleiros podiam aplicar o plasma, todos tinham treinamento para essa emergência. Para evitar que o ferido entrasse em estado de choque, seu corpo era agasalhado, as feridas lavadas e desinfetadas e era aplicada uma injeção antitetânica. Em alguns casos, havia possibilidade de se aplicar sulfanilamida e morfina para tirar a dor. A assepsia era necessária, para que não ocorressem infecções como peritonite, septicemia e gangrena. Os feridos tinham de chegar aos hospitais com esse mínimo de cuidado.[876]

Naturalmente, os combates provocavam um aumento de pacientes com os mais diversos ferimentos nas alas dos hospitais. Os baixados se multiplicavam. No

[875] CORREA NETTO, *op. cit.,* p. 47.
[876] DIAZ, *op. cit..*

dia 29 de dezembro de 1944, no 7th Station Hospital de Livorno, segundo os registros de Olímpia Camerino, chegavam os feridos em combate, provenientes de várias frentes. Eram doentes, acidentados, mutilados e perturbados mentais.

No dia 12 de março de 1945, Olímpia registrou, em seus escritos, que 70% dos baixados haviam se recuperado e que grande parte dos pacientes havia sido levada para hospitais na retaguarda.

A enfermeira Virginia Leite, lotada no 7th Station Hospital, foi companheira de barraca de Olimpia Camerino. Do atendimento aos pacientes brasileiros que estavam baixados, recorda que, em um dos seus trabalhos nos primeiros dias, ouviu a voz de um paciente: "Enfermeira, você não pode imaginar o que é ter uma voz feminina do lado, falando a mesma língua que nós. As outras enfermeiras (americanas) nos atendiam bem, mas não nos entendiam".[877]

Em relação aos casos mais desesperadores de pacientes que chegavam gravemente feridos, as surpresas eram muitas, como relata Virginia: "ferido dos pés à cabeça, a gente dizia: 'Ah! esse não anoitece', acontece que anoitecia e amanhecia e ele se recuperava." Segundo Virginia, eram os medicamentos modernos que salvavam os pacientes, principalmente a sulfa e a penicilina.[878]

Olímpia Camerino recordava também a história de um mutilado brasileiro, que havia amputado uma das pernas. Quando ela passava ao lado do seu leito, ele a chamou. Estava apreensivo por ter de contar à noiva que havia cortado uma perna e não se conteve em lágrimas: "Olhando para mim, murmurou: 'Não é por causa da perna... é porque minha noiva não vai querer casar comigo'. Confortei-o dizendo: sua noiva não vai lhe abandonar, ela vai ter orgulho de você, você é um bravo".[879]

Do 7th Station Hospital, os doentes tomavam três destinos: Em primeiro lugar, se estivessem totalmente curados, eram enviados para as suas unidades, por meio do Depósito de Pessoal; se estavam curados, mas necessitavam de uma convalescença, seguiam para o Hospital de Convalescentes, em *Motecatin*i; e se, finalmente, precisavam de tratamento demorado, que envolvesse uma cirurgia plástica, a colocação de aparelhos ortopédicos, ou eram considerados incapazes para o serviço ativo, eram enviados para o *General Hospital,* em Nápoles. Em casos

[877] CENTRO SUL. E Virginia foi à guerra. 7 a 13 de setembro de 2005.
[878] CENTRO SUL. E Virginia foi à guerra. 7 a 13 de setembro de 2005.
[879] CAMARINO, Olímpia. Relembrando o passado. *In*: REVISTA MILITAR BRASILEIRA, *op. cit.,* p. 131.

mais delicados, após uma avaliação, os feridos eram enviados para os Estados Unidos.

Sobre os feridos brasileiros enviados para tratamento no Exterior, são poucos os documentos a que se tem acesso. Na época, os pacientes e trabalhadores não deram depoimentos, ou, quando o fizeram, já haviam passado muitos anos. Também da parte dos participantes do Serviço de Saúde, são raros os testemunhos, não houve interesse de tratar sobre o assunto. Não é possível esquecer que muitos continuaram no Exército e não queriam envolver pessoas, ou criar situações melindrosas, pelas quais tivessem de responder depois diante de uma sindicância. Todos queriam preservar seus empregos. Cabe lembrar também que, no retorno dos combatentes da FEB, alguns setores do Exército mostraram-se hostis à presença dos febianos. Alguns quartéis chegaram a proibir o uso das medalhas, situação desconcertante para os que tiveram de entrar para a reserva. Não bastava a esses homens terem vivido uma guerra lá fora. Aqui, viveram outra.

Na verdade, alguns "boletins reservados" fizeram parte da documentação oficial da correspondência trocada entre o Ministério da Guerra e a Comissão que tinha sido instituída dentro do próprio exército com o objetivo de verificar como estavam sendo atendidos no exterior os soldados brasileiros feridos.

Tal assunto fora tratado pelo general Estevão Leitão de Carvalho, no relatório que cobria a época de 7 de dezembro de 1944 a 16 de março de 1945, enviado ao Ministro da Guerra, Eurico Gaspar Dutra. Nele, eram apontados os problemas e as humilhações a que foram submetidos os feridos brasileiros nos hospitais norte-americanos, com grandes falhas do Serviço de Saúde do Exército Brasileiro.

A equipe encarregada de providenciar o retorno da primeira leva de brasileiros sentiu dificuldade em providenciar roupas brancas, pijamas e uniformes brasileiros. Desse modo, diante da má vontade das autoridades brasileiras, foram solicitados cerca de 500 uniformes americanos, pois as baixas temperaturas incidiam no tratamento dos pacientes. Eram necessárias roupas quentes.[880] Quase um ano depois, muitos feridos, ao desembarcarem no Brasil, usavam o uniforme americano com suas insígnias.

[880] CARVALHO, Estevão Leitão. **A Serviço do Brasil na Segunda Guerra Mundial**. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1952, p. 374.

Nos Estados Unidos, os feridos mais graves, após transporte em navio hospital, eram encaminhados para *Nova Orleans*, ao Hospital *La Garde,* do Exército Americano.

> Tudo aquilo era um formigueiro humano, onde os mínimos detalhes eram previstos, no sentido de ministrar o maior bem-estar aos enfermos e ao pessoal de serviço. Quinze mil internados era a média de elementos com que se ocupava aquele estabelecimento.[881]

A maioria dos ferimentos revelava os efeitos das batalhas, sendo mais comuns os ferimentos nas pernas, nos braços e pelo corpo, causados por projéteis de armas de fogo, estilhaços de granada e minas. As primeiras fotografias dos brasileiros feridos em tratamento nos Estados Unidos foram publicadas pela Revista *Em Guarda,* cedidas pelo Exército Americano.[882]

O Hospital *La Garde* era um misto de nosocômio e campo de concentração para os prisioneiros de guerra. Os brasileiros, alguns, já se encontravam em tratamento há longo tempo. Era necessário que esses soldados retornassem ao Brasil. No mês de maio de 1945, uma missão brasileira seguiu para os Estados Unidos com esse objetivo.

Segundo Jarbas Albricker, um dos componentes da missão, havia no *La Garde* cerca de 500 soldados brasileiros. “Lá estavam os heróis abatidos pelos ferimentos ou pelas enfermidades. Com toda exceção do pessoal de serviço, era uma população que desvestira a farda e ensarilhara as armas, à procura da recuperação da saúde física e mental”.[883]

Os feridos que lá se encontravam eram, na verdade, casos desesperadores. Cerca de 80, conforme o relatório de traslado. “Uns estavam atacados pela tuberculose; outros, loucos; e, alguns, com fortes lesões. Ao primeiro contato com aquela gente, senti um impacto, todo o horror que a guerra representava”.[884] Albrinker fazia referência aos amputados, sem mãos, sem braços, sem pernas, aos queimados, aos cegos e aos loucos. No seu testemunho, ele cita o caso do soldado Hino Sadayuki, que perdera as duas pernas em condições bem dramáticas, pois estava perdido, longe das posições brasileiras e não pôde ser resgatado pelos

---

[881] ALBRICKER, Jarbas. **Memórias de um pracinha.** Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1983, p. 31.
[882] REVISTA EM GUARDA, n. 4, 12 de abril de 1945.
[883] REVISTA EM GUARDA, n. 4, 12 de abril de 1945.
[884] Ibid., p. 41.

companheiros pelo intenso bombardeio local. Segundo o próprio ferido, teria ficado atolado na neve durante 8 dias, sem alimento, derretendo neve na boca para não morrer de sede.

O embarque dos brasileiros, em Charleston, em trem especial, constituiu-se em novos sofrimentos para retorno ao Brasil. O restante da viagem seria feito por navio-hospital. Muitos desses soldados, chegando ao Brasil, desembarcaram no Rio de Janeiro, com o objetivo de continuar o tratamento. No dia 24 de março de 1945, enquanto os soldados aportavam nos hospitais brasileiros - em Recife, em Salvador e no Rio de Janeiro -, no Hospital Geral do Exército ocorria uma importante cerimônia cívica, dedicada aos feridos de guerra. Estiveram presentes o presidente Getúlio Vargas e o Ministro da Guerra, Eurico Gaspar Dutra e várias instituições, entre elas a LBA e a Cruz Vermelha, além de grande massa popular.

Nesse dia, com o objetivo de condecorar os heróis, o presidente fez um discurso emocionado:

> Soldados do Brasil, cumprindo o que prometera na visita feita a esse mesmo hospital, quando aqui chegou a primeira leva de feridos, venho hoje em ato público e solene conceder condecorações do mérito por serviço de campanha aos soldados do Brasil, que seguiram a combater nos campos de Batalha da Europa.[885]

O boletim da LBA transcreveu parte do discurso do presidente Getúlio Vargas e ressaltou o desfile dos feridos diante do palanque oficial sob o aplauso dos presentes, onde cada qual recebeu a condecoração a que fez jus no campo de batalha. No mesmo periódico, uma nota informava sobre a legislação recente que dizia respeito à 'Pensão Condicional', que iria regular a situação dos prisioneiros, desaparecidos ou extraviados, e da concessão de uma pensão condicional aos seus herdeiros, ao tempo em que o longo documento citado pela LBA discutia sobre quem eram os "considerados herdeiros".[886]

Preocupava-se também a LBA em fazer um balanço das suas atividades sociais, durante o período: "No Rio de Janeiro, cerca de 30 mil pessoas estão sendo assistidas"; o trabalho benemérito realizado com 4.459 pessoas de famílias de convocados em Pernambuco, no ano de 1944; a construção de uma creche em Belo

[885] BOLETIM DA LBA. Rio de Janeiro, 31 de março de 1945.
[886] Id.

Horizonte; a inauguração do Hospital Regional de Angicos, no Rio Grande do Norte; outras medidas incrementadas em prol das classes menos favorecidas.[887]

O boletim de 15 de maio de 1945 estampava a manchete: "Honra ao Mérito e à bravura", dizendo respeito ao decreto recém-assinado pelo Ministro da Guerra, por meio do qual eram concedidas Medalhas a oficiais e praças que se distinguiram na conquista de Monte Castelo e Montese. A Medalha Cruz de Guerra premiava os oficiais do alto Comando da FEB, cuja lista iniciava com os nomes dos generais Euclides Zenóbio da Costa, Oswaldo Cordeiro de Farias, Olimpio Falconiere da Cunha e com os coronéis Floriano Lima Brayner, Geraldo de Camino, José Machado Lopes, José Sagadas Viana, Aguinaldo Caiado de Castro e Delmiro Pereira de Andrade. Já a Cruz de Combate de Primeira Classe era repassada aos militares que haviam se distinguido nos combates acima, dentre eles dois feridos: o major João Tarciso Bueno e Ernani Ayrosa. A Medalha Cruz de Combate de 2ª Classe era uma distinção entregue aos tenentes, sargentos e soldados citados por atos de bravuras nos principais combates.[888]

Os soldados feridos que se encontravam na Itália e ainda tinham condições de ser removidos para o Brasil foram transportados em diversas levas. Os jornais do Rio de Janeiro davam ampla cobertura à sua chegada. Foi criada uma comissão especial de Readaptação dos Incapazes, uma iniciativa da Liga de Defesa Nacional. Conforme informação do jornal *A Noite*, seus integrantes estiveram no Hospital Central do Exército em visita aos feridos. Procurava-se por uma casa localizada no centro da cidade, que pudesse atender aos combatentes na sua recuperação e se cogitava a construção de um hospital com esses objetivos.[889]

O jornal *Tribuna Popular* anunciava: "Centenas de heróis da FEB chegarão amanhã pelo 'Rodrigues Alves'. O povo carioca saberá receber com demonstrações de orgulho e carinho a sua vanguarda combatente". Eram soldados que já haviam passado por Recife, feridos em vários combates, e que lá haviam chegado em aviões-ambulâncias.

A comissão de boas vindas que estaria esperando no cais do porto era composta por vários sindicatos operários, organizações cívicas, associações

[887] BOLETIM DA LBA. Rio de Janeiro, 31 de março de 1945, p.2.
[888] BOLETIM DA LBA. Rio de Janeiro, 15 de maio de 1945.
[889] A NOITE. Rio de Janeiro, 22 de maio de 1945.

desportivas, corporações de fábricas, oficiais e estaleiros, faculdades e colégios que vinham se mobilizando.

Com toda essa movimentação, é um paradoxo que, alguns meses depois, esses homens fossem totalmente esquecidos, em situações de grande dificuldade para si próprios e seus familiares.

O jornal *A Manhã* estampava o comentário do dia, em relação ao discurso do Ministro da Guerra, Eurico Gaspar Dutra, pronunciado dias antes, quando este mostrara preocupação com os mutilados de guerra. O jornal lembrava que o próprio ministro, um ano antes, justamente às vésperas da saída dos combatentes para a Itália, previa uma série de estudos, de medidas que viessem a amparar os mutilados e seus familiares. Dizia o ministro na época "O Brasil não esquece aqueles que souberam honrá-lo no instante supremo em que a Pátria deles reclamava todos os sacrifícios". [890] O jornal fez questão de lembrar as palavras ditas no passado.

O *Correio da Noite* lembrava os seus leitores sobre os mortos brasileiros que haviam sido enterrados na cidade de Pistóia, na Itália, sugerindo que fossem trasladados para o Brasil, enfatizando: "Há centenas de brasileiros. Há centenas de lares enlutados no Brasil; lábios de noivas e de esposas que não se iluminarão de sorrisos e de beijos quando os bravos desfilarem na cidade".[891] O desejo de trazer os corpos dos soldados para o território nacional foi defendido por muitos familiares. A questão foi veementemente discutida por muito tempo pelas Associações de Combatentes no Brasil, mas acabou se concretizando apenas em 1960, quando o governo e o Exército construíram o Monumento do Flamengo, no Rio de Janeiro, e os restos mortais foram assentados nesse local.

Todos os acontecimentos ocorridos nas jornadas dos hospitais de guerra marcaram profundamente as vidas não somente dos feridos, mas dos médicos, dos enfermeiros e de todos os envolvidos. São histórias de vida, demarcadas pelos acontecimentos vivenciados e registrados com impacto na memória, pelos momentos angustiantes de salvar vidas. Os rostos e os nomes jamais foram esquecidos e ajudaram a compor a narrativa, como pequenos retalhos costurados uns aos outros, histórias delicadas, antes não narradas. Assim também, os médicos, farmacêuticos, padioleiros e enfermeiras da FEB; homens e mulheres, com suas vivências, recriaram momentos delicados pelos quais passaram nos hospitais

[890] JORNAL A MANHÃ. Rio de Janeiro, 22 de maio de 1945.
[891] Id.

italianos. Ora são suas memórias, ora são as dos outros a relembrar momentos especiais, dos quais eles foram ora protagonistas, ora coadjuvantes.

5.3 HISTÓRIAS REUNIDAS: O FIM DA GUERRA

La Guerra é finita.
Viva i liberatori!

Há exatamente 64 anos, no dia 8 de maio de 1945, o mundo vivenciava os últimos dias de pesadelos proporcionados pela 2ª Guerra Mundial, que tiveram início com a invasão da Polônia, em setembro de 1939; da Noruega, Bélgica, Holanda e França, em 1940; seguidas por Iugoslávia e Grécia, em 1941. Do balanço geral desses dias trágicos, contabilizaram-se milhares de vidas ceifadas, marcas indeléveis que o registro da memória não apagou.

Na Itália, onde o Brasil combateu, os soldados brasileiros e os grupamentos que ainda permaneciam nas pequenas localidades recém-libertadas escutavam a população aos gritos: "*La guerra é finita".* Os sinos badalaram por jornadas inteiras, cortando os campos e as grandes cidades. A alegria tomava conta também dos acampamentos onde outros soldados estacionados esperavam impacientemente com emoção o momento de retornar para a pátria e reencontrar suas famílias.

No Brasil, a notícia sensacional de que a guerra havia acabado tomou conta do noticiário das emissoras de rádio e das edições extras dos jornais. No Rio de Janeiro, a cidade foi tomada de um entusiasmo incomum e o povo saiu às ruas portando as bandeiras das Nações Unidas, dando vivas aos povos livres, entre as mais ruidosas manifestações de contentamento.

FIGURA 22 – BOLONHA LIVRE

FONTE: ARBIZZANI *et al.* (1994, p. 275)

Nos oito meses de luta (1944-1945), quando a guerra já parecia dar sinais de exaustão, os brasileiros desembarcam em Nápoles em seus diversos escalões. A cidade destruída tinha sido palco de um combate ferrenho e os soldados, pela primeira vez, visualizavam a situação caótica de uma guerra.

Por terra, pelo mar e ar, os brasileiros foram adentrando o território italiano. Cerca de 25 mil soldados, testados em combates no vale do Rio Sercchio, já eram veteranos na opinião dos especialistas. Aliada ao 5º Exército Americano, a FEB foi se consagrando e ganhando a confiança dos aliados. As vitórias de *Camaiore, Monte Prano e Barga* conduziram os brasileiros para a intrincada *Linha Gótica,* com seus 250 quilômetros, situada entre o mar *Cáspio* e o *Tirreno,* fortemente armada pelos alemães, com suas milhares de minas e atiradores de elite que, em seus fortins, não queriam entregar Bolonha, o último baluarte. Esta era "a terra de ninguém", expressão máxima que designava momentos de maior tensão a qualquer combatente, o *front* brasileiro durante a 2ª Guerra Mundial.

O soldado brasileiro foi colocado à prova em outros desafios, pelas campanhas de *Monte Castello, Montese e Fornovo de Taro.* Para os combatentes brasileiros, certamente esses nomes deveriam estar inscritos não apenas nos anais

da história, mas também nos compêndios escolares, como a designar o passado recente da participação brasileira no conflito mundial, sendo motivo de reflexão para uma nação que se permite vivenciar dias de liberdade.

Na proclamação da Vitória, o comandante da FEB, João Batista Mascarenhas de Moraes, assim se expressou:

> A FEB, que representou o Brasil nesta sanguinolenta guerra, cumpriu galhardamente a missão que lhe foi confiada. Num terreno montanhoso a cujos píncaros o homem chega com dificuldades; num inverno rigoroso que a totalidade da tropa veio enfrentar pela primeira vez e contra um inimigo audacioso, combativo e muito bem instruído, podemos dizer que os nossos bravos soldados não desmereceram a confiança que neles depositavam os seus chefes e a própria nação brasileira.[892]

Para os italianos, o fim da guerra em seu território - após muitos anos de opressão, primeiro pelo regime instalado do fascismo, depois pela ocupação do seu território pelos nazistas -, e as lembranças das represálias contra as populações civis em várias cidades italianas, provocando centenas e milhares de vítimas, falam também de uma memória dividida, como diz a historiadora Patrizia Dogliani: eram as formações partigianas, os soldados enquadrados nas formações regulares ao lado dos aliados, os perseguidos, os deportados, os políticos, a comunidade hebraica que sofreu a deportação.[893] Foram questões internas, acontecendo na mesma guerra, quando da chegada dos brasileiros. A FEB e seus soldados fazendo seu próprio combate não ficaram alheios aos acontecimentos que gravitavam ao seu redor: nas narrativas das populações com que iam tendo contato, nos portões dos acampamentos, nas ruelas das pequenas cidades, nas casas onde se abrigavam nos campos junto das famílias italianas.

Para os italianos, a chegada dos americanos e dos brasileiros a suas comunidades tinha um sabor de liberdade, de uma euforia incontida, com gritos histéricos, em que as pessoas se abraçavam, chorando, disparando as armas para cima. Seu brado se ouvia por vários recantos: "*Pace! É finita la Guerra*!" Os sinos badalavam freneticamente por onde passavam as tropas brasileiras, as notícias corriam de boca em boca. Brasileiros estavam espalhados pela frente italiana de

---

[892] MORAES, *op. cit.,* 1947, p. 208.
[893] DOGLIANI, Patrizia. Associazinismo resistenziale nel primo decennio della republica: politiche ed insediamenti de uma memória, *apud* **Memória e Ricerca**, n. 10, Ponte Vecchio, Itália, 1997, p. 166.

Parma; outros, na retaguarda esperando ordens, informações que chegavam pelos rádios das companhias, diziam: “Acabou! Vencemos!”.

No dia 7 de maio, Ruy Fonseca registrou em seu diário: “Estou, no momento, ouvindo a BBC de Londres. Nos ouvidos, os fones tedescos que encontrei numa casamata. Ouço a voz do locutor José Pedra, que anuncia a rendição total da Alemanha. Tutto finito. Graças a Deus! É mais um passo na volta para casa, à medida que vamos chegando perto de ir embora, mais aumentam as saudades”.[894]

Ruy Fonseca encontrava-se em Alessandria com seu grupamento e pôde vivenciar com a população local a alegria quase incontida daquele 8 de maio de 1945. A Rendição incondicional da Alemanha aos exércitos aliados repercutia por toda a Europa. Os sinos das igrejas não paravam de repicar. Segundo Ruy, tudo era alegria e a volta da paz. “Fui à missa e agradeci a Deus pelas graças recebidas durante esses dias de sofrimento, de angústia e de incertezas que atravessei, em constante perigo”.[895]

Outros brasileiros, ainda com seus batalhões, permaneciam nos locais onde os combates em torno de *Colléchio* e *Fornovo di Taro* tinham ocorrido com uma agressividade não esperada. Em seus apontamentos, o soldado Leonércio Soares, sempre com um perfil mais crítico sobre a situação da FEB, diante de um comando que ele julgava interessado apenas em seus problemas, relata os últimos momentos ligados à tropa brasileira e à limpeza das margens do Rio Panaro, disseminadas por minas terrestres. “Estava concluída a limpeza do vale do Panaro. Uma operação que custou aos brasileiros oitenta e duas baixas: mais oitenta e dois jovens foram ali sacrificados, culminando ainda com o aprisionamento de mais de noventa e seis combatentes”.[896]

Leonércio, no final de suas anotações de guerra, critica veementemente muitas questões. Para esse soldado do 11º R.I., sempre os melhores recursos, armamentos, transportes e uniformes foram destinados a outras tropas aliadas, principalmente à 10ª de Montanha. “Célere como deslanchou, transpôs o Passo de Brener e ingressou, vitoriosa e galhardamente, pela Áustria adentro. Um fecho grandioso para ser permitido aos brasileiros – A tropa dos necessitados, dos

[894] FONSECA, *op. cit.,* p. 199.
[895] Id.
[896] SOARES, *op. cit.,* p. 326.

carentes de tudo!".[897] Tal reflexão, no enunciado dito com mágoa, foi depois corroborada por outros combatentes em seus depoimentos, que também se sentiram defenestrados da história.

Na visão de Leonércio, nas cidades italianas situadas ao norte da Itália, assim que os alemães se retiravam,

> [...] brotavam, vindos das montanhas, os bandos turbulentos de guerrilheiros, os chamado partigiani. Em muitos lugares, as tropas aliadas passavam ao largo e, em outros, assistiam, indiferentes e comprometedoramente, às degenerações de atos de vandalismo, saques e desforras criminais, guerrilheiros contra a população civil, alvoroço. Fuzilamentos, cenas aviltantes.[898]

As referências de Leonércio colocariam em xeque os documentos levantados pelo Instituto de História da Resistência em Parma, aos quais já se fez menção durante o relato da participação dos brasileiros no combates de *Collecchio* e *Fornovo di Taro*. Assim como afirma a pesquisadora Patrizia Dogliani, há a memória dividida na Itália do pós-guerra. Como combatiam os guerrilheiros e como o faziam os partigianos, é uma questão que poderia ser aprofundada, mas não constitui o foco da atual pesquisa.

O tenente Massaki Udihara, com seus soldados nas proximidades de *Collechio*, registra em seu diário, no dia 29 de abril de 1945: "Soube hoje cedo que entraram em negociações. Estavam dispostos a se render. Até tudo se resolver, passou-se o dia. Verdadeiro circo. Ambos os lados passeando juntos". Na opinião do tenente, a rendição dos alemães para os brasileiros veio em boa hora, pois se a guerra continuasse mais um pouco, o sacrifício teria sido muito maior. Nesse mesmo dia, iniciava-se a busca dos desaparecidos, estavam todos mortos, segundo o testemunho de Udihara.

Quanto aos alemães que se rendiam, segundo Udihara, havia um ar de felicidade entre eles: "Para eles, tudo terminara." Passavam sendo contados como animais. Viaturas de todas as espécies. Os oficiais formavam um grupo à parte, conservavam na derrota uma certa dignidade. Alguns demonstravam sofrimento. Os italianos, não. Despreocupados no seu aspecto, pareciam ridículos. Soldados de opereta. "A cidade estava cheia dessa gente armada de calças curtas, cabeleira

[897] SOARES, *op. cit.*, p. 327.
[898] Ibid., p. 328.

longa, a andar em todos os sentidos, a dizer impropérios e a ameçar prisioneiros. É o que sabem fazer. Espetáculo, palhaçada!"[899]. Esses talvez fossem os guerrilheiros a que o soldado Leonércio Soares fizera referência em seu diário.

Nos preparativos que iam tomando conta das companhias e dos batalhões, no sentido de aglutinar as tropas brasileiras para o retorno ao país, Massaki Udihara, no dia 3 de maio de 1945, ouviu notícias promissoras:

> Ouvi pela manhã no rádio. Ao que parece, já havia sido anunciado na noite anterior. Rendição incondicional de todas as tropas na Itália. Com isso, essa guerra está terminando para nós. Pensei fosse sentir mais alegria e fosse ver mais explosões de contentamento. Nada disso. Tomado tão naturalmente, que não se notaria que o fato se tivesse dado. É a indiferença que se sobrepôs a tudo, fazendo desaparecer a alegria.[900]

Nas proximidades, deveriam estar o sargento José Alves e alguns soldados. No rastreamento que vinham fazendo em busca de prisioneiros alemães, encontraram inúmeras ambulâncias, caminhões, caminhonetes, furgões, automóveis de vários tipos e tamanhos e uma infinidade de motos que as tropas alemãs, em perseguição, haviam abandonado.

Em seus registros, ele anotou:

> Por volta do meio-dia, subimos por uma estradinha de barro, íngreme e, depois de algum tempo, avistei no alto uma cidade de médio porte, bem desenvolvida para aqueles montes ermos. Ao nos aproximarmos mais, ouvimos os sinos da catedral repicando festivamente e, ao penetrarmos na cidade, uma grande multidão com enormes braçadas de flores nos dava as boas vindas, aos brados de 'Viva nostros liberatori', 'Viva Brasiliani liberatori nostri'.[901]

Lembrou-se José Alves, quando anotou em seu diário, dos fatos ocorridos no povoado de *Langhirano*, como se tudo estivesse acontecendo naquele momento: o copo de vinho saboroso e sorvido em vários goles, os queijos caseiros que passavam pelas bandejas vinham, com outros petiscos, nas mãos das senhoras italianas sempre muito gentis. "Fomos a primeira Força Aliada que ali chegou".[902]

Também a população tinha os seus queixumes:

---

[899] UDIHARA, *op. cit.,* 2002, p. 332.
[900] Ibid., p. 336.
[901] SILVA, José Alves, *op. cit.,* p. 166.
[902] Ibid., p 167.

> Nos contaram, um tanto envergonhados, que, na véspera, ao saber que os aliados andavam por perto, haviam destituído as autoridades e empossado as novas por aclamação. Reservadamete soubemos que haviam justiçado vários fascistas. Nada tínhamos com isso.[903]

E, prosseguindo em suas anotações, Alves conjeturou consigo mesmo: "Foram espontâneos em nos receber festivamente, porque nossa chegada representou a liberdade ansiosamente esperada e o povo oprimido explodiu contra seus algozes, sentindo-se de alma lavada quando justiçaram os culpados".[904]

Os soldados brasileiros, em muitos casos, foram testemunhas oculares dos acontecimentos políticos que vinham ocorrendo, mas, como disse João Alves: "não devíamos nos imiscuir nos assuntos internos dos italianos". "Na época, nosso coração sensível condenou o fuzilamento dos 'camisas neras', achando que os italianos eram bárbaros".

O sargento Edgard Eckert não conseguia conter a sua alegria ao avistar a população civil que ia encontrando pelas estradas. Os gritos de "Viva i Liberatori" deixavam seu grupamento com grande entusiasmo. Muitos lhes beijavam as mãos. "Muitas garotas, imitando essa expressão de regozijo espontâneo, também vinham correndo, apertando-me a mão que eu estendera, sempre sob calorosos aplausos. "Buona sera", abanavam os lenços brancos".[905]

Na busca de encontrar um lugar para abrigo e pernoite para o seu pelotão, Eckert conta que, chegando a Acerto, a uma casa de italianos, as pessoas, sob tanto anos do jugo fascista e, depois, com a intervenção alemã, sentiam-se muito atrapalhadas recebendo os brasileiros, agora novos visitantes.

> Quando cheguei com o tenente Nogueira, à procura de cômodos, saudavam-me, sempre com expressão de incerteza, afobação, mas ao mesmo tempo sorrindo e gaguejando: "*Vi-vi-va il, il Duce*", ou então: "*Kameraden*", levantando a mão direita, espalmada. Eu me aproximei, então rindo, apertei-lhes a mão dizendo: "*Noi altri siamo tutti brasiliani! Buona Sera*!.[906]

Os soldados brasileiros aproveitavam os últimos momentos em território italiano para conhecer as cidades por onde a tropa ia passando, para o que a guerra

---

[903] SILVA, José Alves, *op. cit.,* p. 167.
[904] Id.
[905] ECKERT, *op. cit.,* p. 264.
[906] Ibid., p. 265. N.A.: Traduzindo as palavras de Eckert: Nós outros, somos todos brasileiros. Boa noite!

não lhes dera oportunidade. Agora, eis que o momento se apresentava e todos buscavam usufruir dos raros momentos de liberdade. O pelotão de Eckert ia fotografando a região de *Salsomaggiore*: cenas onde estão pessoas desconhecidas, animais, paisagens, desse modo buscando demarcar as lembranças, para que, um dia, ao falhar a memória, as fotos fizessem relembrar os fatos.

O tenente Ítalo Diogo, ouvindo o rádio, no dia 7 de maio de 1945, soube que o general comandante de todas as tropas alemãs havia decretado a rendição incondicional de todas as tropas em operação. "Agora não é só para nós que a guerra terminou, porém para todos os que lutaram na Europa. Dizem que o 5º Exército, do qual fazíamos parte, vai para o Pacífico, continuar a luta contra os japoneses".[907]

Os soldados também organizavam suas festas pelas comunas onde os pelotões estacionavam. O grupo de Ítalo organizou um baile em *Casei Gerola*. Todos contribuíram fazendo uma 'caixinha' para os gastos. Da vizinhança, vinham as belas garotas. Festa alegre, com muita bebida, vermute, vinho branco, conhaque, vinho tinto e licores. "Gastamos nesse baile, só em bebida, 12 mil liras (2.400 cruzeiros). Foi servido, durante a noite, um café com chocolate e distribuíram-se chocolates, caramelos e cigarros".[908]

Segundo Ítalo, foi uma das melhores festas que aconteceram na cidade. "O salão todo enfeitado. Nas paredes e no teto, viam-se bandeiras brasileiras e italianas". Ao baile organizado pelos brasileiros, compareceram ao todo 20 senhoritas. Ítalo dançou com quase todas. "Conheci uma morena de *Voghia*, devia ter uns 17 anos, de nome Maria Luiz. Com ela, dancei grande parte da noite. Às vezes, a revezava com Irides e Antonieta. Diverti-me muito nesse dia".[909]

Esse é também o período das "tochas" para os brasileiros. Sem muita marcação por parte do comando, era possível fugir um pouco das responsabilidades e da tensão a que foram submetidos os soldados e seus comandantes. Imitavam-se um pouco os soldados americanos, era possível visitar outras cidades vizinhas pegando carona, ou até "emprestando" uma viatura para esses passeios inconseqüentes.

---

[907] TAVARES, *op. cit.,* 2005, p. 114.
[908] Ibid., p. 115.
[909] Ibid., p. 116.

O tenente Ruy Fonseca foi para Torino, que ficava a 100 quilômetros de Alessandria. As fugas tinham sempre um sabor de aventura. Ruy aproveitou também para visitar famílias amigas que havia conhecido nos deslocamentos. O passeio prometia muito e Ruy, no comércio, comprou uma máquina fotográfica para registrar os momentos que ele julgava serem importantes no seu regresso:

> No trajeto, passamos por Asti, célebre por seu vinho Moscato D'Asti, que é realmente bom, como pude verificar ao beber um *bechiere* numa tasca à beira da estrada. De Torino, demos uma esticada e chegamos a Susa, na fronteira com a França, mas não pudemos entrar, pois as fronteiras estavam fechadas. Na volta, passamos por Salvatore para matar as saudades dos Vescosi, da mamma Rita e de Mirella.[910]

O soldado Leonércio Soares havia notado que em Alessandria, onde estavam concentradas tropas brasileiras do 11º R. I., inclusive o seu pelotão, os prédios antigos serviam ao comando brasileiro lá estacionado. As paredes, ainda inscritas, continham letreiros de exaltação patriótica, extraídos do discurso de Mussolini. Como os demais soldados, Leonércio lembrou das "tochas" de brasileiros.

> Com um bornal cheio de cigarros e chocolates americanos, um punhado de liras nos bolsos – garantidas pelo governo americano –, o expedicionário estava armado e equipado para ganhar as estradas, dando início a uma tocha. Essa não tinha rigor, destino certo nem previsão de duração. Era pôr o pé na estrada, tomando o rumo que lhe desse na telha.[911]

Ainda de acordo com Leonérico, as melhores caronas eram as conduções dirigidas por enfermeiras de todas as nacionalidades, freiras e padres. Geralmente se ganhava também um mimo, podia ser uma botelha de vinho ou um pão caseiro, que garantiriam o prosseguimento da tocha. Mas havia também as piores: os veículos das polícias militares. Ao se pegar, por engano, uma dessas viaturas, "ficava-se um tempão mudo, de cara fechada, sem assunto pra falar e descia-se na primeira encruzilhada". As tochas só terminavam quando acabavam os cigarros e os chocolates.[912]

Terminada a guerra, havia necessidade de se aglutinarem os soldados em um determinado ponto do território italiano, para se organizarem os escalões de retorno à Pátria. No avanço para Oeste, durante os últimos eventos bélicos, a FEB havia

---

[910] FONSECA, *op. cit.,* p. 199.
[911] SOARES, *op. cit.,* p.332.
[912] Id.

ficado fracionada. O 1º R.I. estava estacionado em Picenza, o 6º R. I. ocupou Tortona e o 11º R.I. permaneceu em um bairro afastado de Alessandria.

Em Alessandria, a presença do grande contingente brasileiro transformou-se: eram as bandeiras brasileiras espalhadas pelas ruas ornamentadas. Aos domingos, a população era brindada com concertos de música popular brasileira. Nessa mesma cidade, foram recolhidas viaturas, armamento, equipamentos. Enfim, todo o material que havia servido à guerra. Os uniformes de lá também foram entregues, pois se adentrava ao verão italiano e os uniformes não tinham mais serventia. Para todos os regimentos, iniciou-se a marcha para o sul. O trabalho de conduzir cerca de 25 mil homens não foi tarefa fácil. O destino era chegar a Nápoles: o mesmo porto da chegada dos soldados, a eles daria as despedidas para o retorno ao Brasil.

Enquanto os soldados iam sendo deslocados de seus antigos estacionamentos; no Brasil, a Imprensa passou a destacar com grande motivação os preparativos que seriam organizados para a recepção dos expedicionários. O boletim da LBA, do dia 15 de maio de 1945, estampava uma foto dos combatentes desfilando, ao tempo em que conclamava o povo a participar das festas de recepção, com o título de capa "O Brasil receberá, com justificado orgulho, os soldados da FEB". Dizia também do entusiasmo e da vibração cívica com o término da guerra, com o regresso dos seus expedicionários e que o povo sentia-se orgulhoso com o brilhante desempenho da FEB nos campos de batalha.[913] Mais uma vez, ressaltou o papel da LBA no atendimento aos soldados brasileiros, dizendo que havia feito tudo para que nada faltasse, nos momentos em que foi chamada a colaborar. "Se falhas houve, também foram involuntárias e tudo isso já deve ter sido analisado e meditado pelos que sabem compreender os problemas complexos da guerra".[914]

O mesmo boletim realçava a outorga de medalhas de honra ao mérito e bravura, listando os nomes dos condecorados, iniciando pelos generais, seguidos pelos coronéis, majores, capitães e tenentes, concluindo com um número quase exíguo de sargentos e de soldados.

O tenente Massaki Udihara, no seu diário, no dia 19 de maio, registrou uma observação pessoal sobre a questão das medalhas.

---

[913] BOLETIM DA LBA. Rio de Janeiro, 15 de maio de 1945.
[914] Ibid., p. 1.

> Contou-me um condecorado: Sabe quem recebeu a medalha de bravura? Deu o nome de dois coronéis. Isto mostra bem a ironia e o paradoxo da guerra. Quanto mais elevados, mais impossível serem bravos, não há possibilidade alguma para isso. Por força das funções, só estão em gabinetes e só dão ordens escritas, às vezes verbais, no telefone. De como conseguiram encontrar bravura, vai um mistério insolúvel.[915]

O que se percebe eram os soldados da FEB externando as injustiças praticadas com os soldados combatentes, aqueles que estiveram na linha de frente, enfrentaram as tropas de elite alemãs, passaram o duro inverno nos *fox-holes*, participaram das patrulhas na neve, perderam as pernas nas minas terrestres, ficaram mutilados. Mais de 500 homens ficaram enterrados no cemitério de Pistóia. Afinal, quem eram os heróis?

O capitão Alfredo Klas, que enfrentou com seu grupamento a campanha em *Guanella* e *Abetaia*, talvez um dos momentos de maior tensão para comandantes e comandados na tomada de Monte Castello, tem também sua opinião sobre as condecorações efetuadas pela FEB aos que se distinguiram pelo heroísmo.

> Quando fomos convocados, o Exército conhecia o nosso endereço. Sabiam onde morávamos. Eu recebi a Cruz de 1ª classe numa sala do Quartel General em Curitiba, com um único oficial que me entregou a condecoração. Deveria ser entregue diante da tropa formada.[916]

Klas ainda relata outros absurdos a que foram submetidos os homens do 11º R. I. e, por conseqüência, os combatentes dos demais regimentos. Ao encontrar um general amigo, este lhe perguntou: "Você recebeu a Medalha Bronze Star? Você requereu?", ao que Klas respondeu: "Não requeri, por não saber que precisávamos requerer para receber uma medalha do Governo Americano".[917] Outros tantos casos aconteceram por todo o Brasil, mostrando o descaso do Exército Brasileiro para com os combatentes. Muitos receberam suas folhas corridas muitos anos depois que a guerra havia terminado e, para surpresa, lá estavam contidas as medalhas a que o soldado fizera jus. Também, para o cúmulo dos acontecimentos, da negligência, do desacato impetrado aos febianos, indicavam a Loja do Exército onde a medalha poderia ser comprada. Tais fatos amadureceram os homens da FEB que, em tempos recentes, resolveram denunciá-los.

---

[915] UDIHARA, *op. cit.,* 2002, pp. 347-348.
[916] KLAS, Alfredo Bertoldo. **A verdade sobre Abetaia:** Drama de sangue e dor no 4º ataque da FEB em Monte Castelo. Curitiba: Imprensa Oficial, 2005, p. 258.
[917] Id.

5.4 A IMPRENSA LEMBRANDO QUEM SÃO OS HERÓIS

Terminou a Guerra! Esse era o título do Boletim da LBA no dia 15 de maio de 1945. A notícia sensacional foi confirmada pelas emissoras de rádio no Rio de Janeiro. Os jornais lançavam-se à corrida de edições extras, estampadas com muitas fotos dos brasileiros, cujos exemplares nas bancas se exauriam em poucos momentos, procurados avidamente pela população em busca de notícias.

> A avenida Rio Branco, toda embandeirada pela prefeitura, cheia de alto-falantes, ficou completamente lotada por grupos humanos que expandiam livremente o seu contentamento. As repartições públicas encerraram suas atividades, o comércio fechou suas portas e o povo nas ruas demonstrava calorosamente o grande significado do momento.[918]

Grandes manifestações populares e estudantis se fizeram nas praças e em outros logradouros públicos. O povo se fez presente também no Palácio Guanabara, à noite, quando os jardins ficaram abertos para discursos e outras manifestações. Levavam-se congratulações ao presidente Getúlio Vargas pelo grande acontecimento. Vários oradores fizeram o uso da palavra. Depois deles, o presidente manifestou-se, agradecendo. Fez um discurso em que retrocedeu ao ano de 1942, chamando a atenção para o episódio do afundamento dos navios brasileiros: “Este ato de brutalidade do nazi-fascismo despertou a cólera sagrada do povo brasileiro”. Buscou também Getulio Vargas, recordar as palavras que ele pronunciara por ocasião das despedidas do 1º Escalão da FEB: “Quando percorreres esses países da Europa, sobre os quais pesam vários séculos de civilização e cultura e verificares como foram devastados pela guerra, então sentireis que nenhum país existe melhor que o Brasil”. O mesmo discurso conclamava a população para o que seria a grande recepção:

> E agora, enquanto aguardamos que regressem para recebê-los vitoriosos, precisamos lembrar-nos de que somos todos brasileiros, que devemos confraternizar cada vez mais, formando uma união sagrada e abraçando-nos fraternalmente e, ainda mais, que estamos no limite de uma época em que vamos assistir o mundo reconstruir-se democraticamente.[919]

---

[918] BOLETIM DA LBA. Rio de Janeiro, 15 de maio de 1945.
[919] Ibid., p. 7.

A campanha para recepcionar os expedicionários tomou vulto. Não se tratava apenas da LBA incrementando as ações de boas vindas, endossadas pela Liga da Defesa Nacional. A Imprensa entrava com seu noticiário, enfatizando sempre: "A recepção aos soldados da FEB, tão logo anunciada a sua volta imediata do teatro da guerra, na Itália, tornou-se uma das preocupações máximas do povo carioca".[920]

Discutia-se, nesse tempo, a promoção dos que haviam falecido em combate, bem como a campanha da casa própria para as viúvas e órfãos, um projeto da LBA, que mantinha em seus cofres a quantia de 1 milhão de cruzeiros destinados a esse objetivo. As campanhas se estenderiam aos filhos dos combatentes mortos, que deveriam ter garantidas vagas nas escolas públicas e, em determinado número, em escolas particulares. Em relação aos concursos públicos, os expedicionários deveriam ter preferências nas nomeações. As ações de reconhecimento ainda abarcavam o setor de divertimentos. Os combatentes da FEB teriam um desconto de 50% nos ingressos colocados à venda.[921]

Também os bairros cariocas entravam no rol das festividades em homenagem aos combatentes. A Sociedade Amigos de Lins e Vasconcelos dava início a alguns projetos entre seus moradores, especialmente quando três expedicionários retornaram mais cedo por terem sido feridos na guerra. Os pracinhas que haviam combatido no Monte Castelo, uniformizados, foram conduzidos às respectivas residências e devolvidos às suas famílias, na cerimônia cívica que representou a união do povo à causa expedicionária. Tal evento foi também levado a outros bairros, como aconteceu no Méier.[922]

A imprensa procurava também os heróis vivos. Muitos foram os entrevistados, bem como suas famílias. Os dados biográficos da personagem eram revelados em toda a plenitude. A família do tenente da reserva Apolo Miguel Reski, considerado o grande herói de Monte Castelo, foi entrevistada várias vezes e a história de Reski foi reproduzida vários dias em jornais diferentes. Assim ocorreu com o *Diário da Noite* e *O Globo*, quando se enfatizou a medalha recebida por Reski, diretamente do comandante norte-americano Lucian Truscott.

No dia 22 de maio, o jornal carioca *A Notícia*, querendo fazer uma analogia com o feito norte-americano ocorrido na Ilha de Iwo Jima, durante o hasteamento da

---

[920] DIÁRIO DA NOITE. Rio de Janeiro, 22 de maio de 1945.
[921] Id.
[922] Id.

bandeira dos Estados Unidos, por um grupo de fuzileiros navais e eternizada na mais célebre fotografia de Joe Rosenthal, colocou uma frase de efeito em seu editorial: “Esses bravos hastearam nossa bandeira nos cimos do Monte Castelo, como símbolo de Pátria Livre”. Seria uma maneira de dizer que os soldados brasileiros, com seus resultados positivos, não foram em nenhum momento inferiores aos vizinhos norte-americanos nos campos de batalha.

A imprensa carioca, a cada dia, imprimia com mais força os valores que uniam os combatentes ao povo. Eram os laços de pertencimento, onde a nação é o todo harmônico e indissolúvel de todos os brasileiros, pois representava a força e a tradição. Os combatentes, como sentinelas avançadas do povo brasileiro, souberam cumprir as missões que lhes foram impostas por ocasião da guerra. A FEB era a própria força e tradição. Não era possível esquecer as páginas de ouro escritas por seus homens, posto que simbolizassem a pujança da raça e o valor do povo brasileiro. Valores, segundo a imprensa, inerentes ao povo brasileiro. “A recepção aos soldados da FEB, tão logo se tornou conhecida a sua volta imediata do teatro de guerra na Itália, tornou-se uma das preocupações máximas do povo carioca”.[923]

Outra campanha de grande porte, divulgada pelos jornais cariocas, chamava a atenção da sociedade. Reivindicava-se uma condecoração de guerra para a senhora Darcy Vargas, pela sua obra patriótica diante da LBA. A obra dessa instituição foi considerada como uma das experiências mais decididas que devem os exércitos aliados às operações da retaguarda. A LBA foi comparada apenas à ‘Wafe’, corpo auxiliar feminino americano de ajuda aos combatentes norte–americanos, como disse o jornal *A Noite*:

> A Legião prestou não só assistência moral e material aos combatentes e às suas famílias, mas inspirou, animou e emprestou o seu prestígio a outras iniciativas, que, paralelamente, se seguiram, tais como a campanha de preparo do corpo de enfermagem da FEB.[924]

Ainda no mês de maio, repercutiam alguns boatos que vinham da imprensa internacional, por meio da I.N.S. (International News Service), e preocupavam as famílias expedicionárias: o jornal *A Democracia* exibia, em sua primeira página, a

[923] FOLHA CARIOCA. Rio de Janeiro, 22 de maio de 1945.
[924] A NOITE. Rio de Janeiro, 22 de maio de 1945.

seguinte pergunta: “A FEB vai ou não vai para o Japão?”[925] Na verdade, um certo imbróglio entre o que disse o jornal e o que disse o ministro Leão Veloso. O correspondente alegou que o ministro havia declarado que as tropas brasileiras estacionadas no território italiano estariam à disposição do comando aliado para o prosseguimento da guerra no Japão.

Procurado pelos outros jornais, o ministro não desmentiu suas palavras. Tal situação repercutiu não somente no Brasil, mas também nos locais onde estavam estacionadas as tropas brasileiras em território italiano aguardando o retorno para o Brasil. Era algo que não passava pela cabeça do ministro da Guerra, Eurico Gaspar Dutra, e do presidente Getúlio Vargas, que se empenhavam no retorno imediato dos combatentes ao Brasil. O jornal brasileiro não dizia maravilhas sobre a atitude do ministro Leão Veloso, por essa e por outras posturas com a imprensa. Muito inoportuna a declaração da autoridade, a partir do momento em que as autoridades e as entidades preparavam as festas para o retorno dos brasileiros.

Reiterando a intenção do retorno imediato das tropas brasileiras, não houve intenção, pelo menos por parte das autoridades governamentais, de criticar o ministro Leão Veloso. Em entrevista, o ministro da Guerra dizia que a maior intenção do Exército Brasileiro, naquele momento, era de atender o mais rápido possível os mutilados de guerra. Tratou de mostrar as etapas burocráticas que já estavam em andamento, bem como o soldo a ser destinado a esses homens. Disse também que novos estudos estavam sendo efetuados, no sentido de ser resolvido esse problema sagrado que envolvia o compromisso de honra da nação.[926] Afirmava o jornal que o Brasil não esquecia aqueles que souberam honrá-lo no instante em que a Pátria deles reclamava todos os sacrifícios.[927]

A cada dia se reforçava a questão das condecorações outorgadas na Itália aos brasileiros que haviam se distinguido por ato de bravura. Os bravos viravam heróis, os homenageados eram alçados à modalidade de autoridades. Muitas vezes, tratava-se de homens simples, muitos mal letrados e semi-analfabetos, convidados a dar entrevistas, algumas desastrosas, sem acuidade dos dados fornecidos, com exageros recebidos com admiração por quem ouvia. Foram tratados como heróis pela sociedade, não apenas a carioca, mas também de outros grandes centros.

[925] A DEMOCRACIA. Rio de Janeiro, 22 de maio de 1945.
[926] JORNAL A MANHÃ. Rio de Janeiro, 22 de maio de 1945.
[927] Id.

Heróis momentâneos, cujas fragilidades depois de um ano já não empolgavam quase mais ninguém.

Causava sensação no Rio de Janeiro a notícia da entrega de Medalhas Americanas e Brasileiras no *front*. Segundo o Ministro da Guerra, Eurico Gaspar Dutra, no dia 19 de maio de 1945, na cidade de Alessandria, os generais Truscott, do V Exército Americano e Crittemberger, do IV Corpo de Exército Americano, encabeçaram a entrega de 39 medalhas americanas, sendo uma de Cruz de Serviços Distintos, quatro Estrelas de Prata, treze Estrelas de Bronze e vinte e uma Medalhas do Ar.[928]

No dia 23 de maio de 1945, chegava à Bahia o navio Rodrigues Alves, transportando 172 feridos brasileiros oriundos da Itália, que seriam transferidos depois para o Hospital Central do Exército no Rio de Janeiro. No mesmo jornal, os editores ressaltavam as beneméritas ações que seriam implantadas em defesa dos combatentes, assim que pisassem em território nacional. Fazia-se referência ao movimento que acontecia no Serviço Público a fim de amparar os funcionários das esferas federal, estadual, municipal e autárquica que estivessem nos quadros da FEB e pudessem ter algumas regalias, ligadas a promoções em suas carreiras. Essa era uma medida que se estudava, em meio a outras.

A Comissão de Readaptação, designada pelo Presidente da República, estava encarregada de instalar o mais breve possível o Centro de Recuperação, destinado a acolher os feridos e mutilados da FEB para um estágio preparatório, antes de reenquadrá-los na vida civil, nos empregos ou ocupações antigos. Previa-se que esse centro atenderia inicialmente no Centro de Recompletamento em Deodoro. Essa comissão, por sua vez, atuaria com outra, a dos Heróis da FEB. Os feridos que já tivessem obtido a recuperação no Hospital Central do Exército seriam encaminhados aos locais de procedência. Segundo o Exército, foram organizadas fichas sobre cada ferido ou mutilado, contendo dados de orientação para o aproveitamento de todos, "serão dados empregos a todos quantos deles necessitarem. Tratando-se de convocados do interior, serão fornecidos os auxílios indispensáveis à viagem de retorno, merecendo os mesmos, durante todo o período em que se fizer necessário, todo o amparo das autoridades".[929] O jornal *A*

[928] CORREIO DA MANHÃ. Rio de janeiro, 22 de maio de 1945.
[929] A NOITE. Rio de Janeiro, 23 de maio de 1945.

Vanguarda publicava nesse mesmo dia: “Porque a Vanguarda aplaude as idéias expostas à imprensa pelo presidente da Liga da Defesa Nacional”.[930]

Outro jornal questionava os preparativos para a recepção dos soldados brasileiros, com o título na primeira página: “No Regresso dos Heróis”, afirmando que algo de mais concreto precisava assinalar as comemorações dos lutadores anti-fascistas. “Erguer um arco do triunfo, jogar-lhes flores, saudá-los com as mais quentes palavras de carinho e gratidão está bem. Mas é preciso ainda reparar nos que voltaram mutilados, nos que sofreram distúrbios neuróticos, nos que trouxeram uma cicatriz, uma doença, um sinal indelével da guerra”.[931]

Com tantas comissões formadas, não fica claro seu resultado, nem se as medidas propostas foram aplicadas. Não existe, pelo menos de conhecimento público, um estudo mais profundo sobre os feridos e mutilados brasileiros e sobre quais políticas públicas se fizeram efetivas. Há um grande hiato entre a idealização dos projetos e a concretização dos atos empreendidos por Eurico Gaspar Dutra, quando assumiu a presidência, no sentido de dar atendimento aos soldados. Como Ministro da Guerra, no governo anterior, ele tinha pleno conhecimento sobre a grave situação dos feridos e mutilados de guerra.

Ficam aqui muitas perguntas: Quais documentos há hoje no Centro de Documentação do Exército que podem ajudar a esclarecer essa situação? O que se sabe, é que as Associações de Veteranos, no pós-guerra, tomaram para si essa responsabilidade, buscando atender doentes, mutilados e neuróticos de guerra, como fez a Legião Paranaense do Expedicionário, com sede em Curitiba - PR, criada em 1954. Lá, durante muitos anos, funcionou um hotel para conduzir os febianos aos tratamentos necessários, sempre com a meritória colaboração da sua Diretoria de Assistência.

A imprensa, de um modo geral, conclamava também as autoridades governamentais a não deixarem de olhar para a sorte dos demais combatentes que haviam interrompido suas atividades na vida particular para atender à convocação militar. Também eles deveriam ser amparados no seu retorno dos campos de batalha, com medidas capazes de lhes garantir dias tranqüilos. Chamava também a atenção para o grosso da FEB, constituído por massas rurais, não possuidora de

[930] JORNAL A VANGUARDA. Rio de janeiro, 23 de maio de 1945.
[931] TRIBUNA POPULAR. Rio de Janeiro, 23 de maio de 1945.

uma atividade remunerada efetiva na qual pudesse reingressar.[932] Entre a campanha e a ação efetiva para atender a esses casos, permaneceram grandes incógnitas. Os que mais padeceram no retorno da guerra foram justamente os filhos de lavradores, a maior parte não se adaptou mais ao trabalho rural. Eram soldados e a pátria lhes negava esse direito.

As homenagens preparadas para render as boas vindas aos combatentes incluíam também a participação dos universitários da capital federal. Nesse sentido, empenhou-se o reitor Raul Leitão da Cunha, da Universidade Federal do Distrito Federal, que, em entrevista, ressaltou:

> Os universitários que, tão comovidamente, acompanharam o desenrolar das pelejas travadas no mar, em terra e no ar pelos nossos irmãos em armas, não poderiam faltar às manifestações calorosas de solidariedade com que o Brasil recebeu no regresso à Pátria os filhos que expuseram a sua vida.[933]

Também os universitários do Engenho Velho organizaram uma Comissão Estudantil de ajuda à FEB e promoveram uma visita ao Hospital do Exército, onde foram distribuídas frutas, cigarros, revistas e outras pequenas utilidades. Os estudantes organizaram um bonde especial que seguiu e foi apoiado pela Cruz Vermelha Brasileira. Ainda participaram da visita representantes da Faculdade de Filosofia do Instituto Lafayette, do Instituto Menino Jesus, do Colégio Paiva e Souza, do Colégio Batista e do Colégio Tijuca-Uruguai.[934]

Outras localidades também buscavam se organizar para receber os combatentes. Os interventores, dentro dos seus estados, preocuparam-se com os festejos e em como processar a chegada dos contingentes menores aos locais de origem. Do território do Amapá, o interventor, capitão Janari Gentil Nunes, visitou os feridos no Hospital Central do Exército, para onde levou brindes aos heróis de Monte Castelo, orientado pela LBA do Amapá. Junto dos brindes, os combatentes receberam um pergaminho com a seguinte exortação patriótica: “Os guerreiros da minha pátria, ou morrem de pé, no topo das trincheiras e vão, assim, vestidos de chamas para a transformação da história; ou voltam sorrindo e regressam cantando com a bandeira auri-verde coberta de glória”.[935]

---

[932] NOTÍCIA. Rio de Janeiro, 23 de maio de 1945.
[933] FOLHA CARIOCA. Rio de Janeiro, 23 de maio de 1945.
[934] DIÁRIO CARIOCA. Rio de Janeiro, 23 de maio de 1945.
[935] GAZETA DE NOTÍCIAS. Rio de Janeiro, 23 de maio de 1945.

Nesse dia, em nome dos feridos, falou o tenente Gilson Campos, dizendo sobre a importância do pergaminho: “É um documento. Além de ser um tema de combate, é também uma legenda de glória e, ao mesmo tempo, uma recordação do reconhecimento e simpatia do Território do Amapá, pelos feitos da Força Expedicionária Brasileira”.[936]

É notável a sintonia dos discursos, a exortação patriótica que vem da caserna e está inscrita nos corações e nas mentes dos soldados brasileiros. Mesmo entre os feridos e mutilados, prevaleceu a resignação de quem um dia deu tudo de si pela pátria, sem nada esperar dela. Foi necessário, no pós-guerra, outros porta-vozes a chamar a dignidade e o reconhecimento para esses casos.

Justificava-se o Hospital do Exército no Rio de Janeiro, na tentativa de omitir o quadro geral dos mutilados e feridos, afirmando que no mês maio de 1945, “permaneciam nas alas disponibilizadas à FEB apenas uma dúzia de incapazes e meia centena de feridos”.[937] Agora, é possível perguntar: E os feridos que ainda se encontravam nos Estados Unidos, os mutilados de braços, pernas e olhos, os neuróticos, que lá estavam sendo tratados? Foram esquecidos? Quem lembrou, no momento da declaração dada acima, da comissão médica brasileira que saiu do Rio de Janeiro com o propósito de recambiar esses soldados ao Brasil, no mês de maio de 1945, da qual participou o médico Jarbas Albricker? O próprio Dr. Albriker, em seu testemunho, no contato que teve com os mutilados brasileiros do Hospital de *Charleston,* assim se manifestou: “Ao primeiro contato com aquela gente, muito mais a que encontramos em *New Orleans*, senti como um impacto o horror que a guerra representava”.[938] A ele, a imprensa não fez a menor referência.

Presume-se que os jornalistas de *O Jornal* tenham feito uma visita ao HCE, para organizar matéria a ser publicada. Fizeram mistério ao entrarem nas alas do hospital reservadas à FEB, conforme o enunciado publicado: “Ao entrar na primeira enfermaria, estávamos preparados para tudo: para ver coisas horríveis... Nada. Na segunda, idem. Visitamos todas. Em nenhuma delas encontramos os quadros

---

[936] GAZETA DE NOTÍCIAS. Rio de Janeiro, 23 de maio de 1945.
[937] O JORNAL. Rio de Janeiro, 23 de maio de 1945.
[938] ALBRIKER, *op. cit.,* p.39. N.A.: A comissão da qual fez parte Albriker encontrava-se na Carolina do Sul, nos Estados Unidos, quando da observação sobre os mutilados de guerra. O livro do autor é um dos poucos em que há referências sobre os feridos graves brasileiros que se encontravam nos Estados Unidos. Embora o autor intitule o seu trabalho como Memórias, o leitor se perde nas divagações literárias e no aspecto turístico que o autor imprimiu ao seu trabalho.

pintados pela imaginação quintacolunista ou histérica dos boateiros".[939] Foi afiançado pela direção do hospital que não havia mais mutilados além dos que ali estavam e, dentre os 500 feridos que passaram por atendimento, apenas 11 ou 12 podiam ser considerados inválidos.[940] O que diriam os mutilados gravíssimos que estavam nos hospitais de *Charleston* nos Estados Unidos?

Enquanto tais fatos ocorriam no Brasil, as tropas brasileiras iam se concentrando para o retorno ao país. O tenente Ítalo Tavares e seus companheiros do 6º R.I., no dia 14 de junho de 1945, saíram do local chamado *Casei Gerola.* O destino era Nápoles, para lá aguardarem os navios brasileiros que fariam o transporte dos soldados para o Brasil. A despedida dos conhecidos italianos foi algo que marcou muito a passagem pela Itália. Eles e os demais, à noite, despediram-se, mas, na hora da partida, havia ainda aqueles que queriam dar o último adeus. "Promessas foram muitas de escrever mais tarde, até de voltar à Itália. Creio, porém que ninguém as cumprirá. Quem deixará o Brasil para voltar a este país onde só encontramos sofrimento e miséria?"[941]

O comboio de viaturas chega a Bolonha e todos seguem a viagem de trem, quase um retorno aos locais onde haviam passado, meses antes, momentos de tantas incertezas. O grupo passou por Livorno, o porto de chegada, quando os homens pouco sabiam da realidade de uma guerra. Passaram por Roma, e o trem foi chegando a Nápoles. Lá ficaram em um acampamento aguardando o embarque. No dia 16 de junho, Ítalo e os demais soldados do seu grupo começaram a recolher os jipes, bem como o material de intendência, transmissões, engenharia, que ficaria nas mãos dos americanos. No dia 6 de julho, o 6º R.I., o primeiro que havia desembarcado na Itália, fazia o caminho da volta para o Brasil.

Um pouco antes, havia no Brasil uma incerteza sobre como transportar um contingente de homens tão grande. Pensou-se em usar exclusivamente navios mercantes brasileiros, pois todos os navios norte-americanos estavam empenhados em seguir com suas tropas para a guerra do Pacífico, mas a Marinha Brasileira, com seus navios sucateados, não poderia arcar com essa responsabilidade. Poucos navios se prestariam a um transporte ágil e seguro para tantos homens.

---

[939] O JORNAL. Rio de Janeiro, 23 de maio de 1945.
[940] Id.
[941] TAVARES, *op. cit.,* 2005, p 124.

O tenente Massaki Udihara, do 6º R.I., no dia 1º de junho de 1945, registrava em seu diário todo o desencanto com a Itália. “Estou contente de ficar longe, de me afastar e de não ter mais relações senão de memória, com o que vai por aqui”.[942] Cada qual tinha uma reação diferente, e a deixaram registrada em seus diários.

O dia 2 de junho, Udihara passou arrumando as coisas que poderiam ser levadas. Informações desencontradas não diziam se os oficiais partiriam com os soldados. Não quis despedir-se deles, não porque não os estimasse.

> Apesar da convivência de tanto tempo, e de sentir afeição por tudo e por todos, a alegria que se sente é suficiente para ofuscar qualquer outro sentimento. Não há, por isso, a sensação de estar abandonando os companheiros de todos os momentos. Um simples afastamento e por pouco tempo.[943]

Da casa italiana onde permaneceu, levaria saudades de Maria Luiza, a criança a quem se afeiçoara. “À noite, ela veio se despedir, com um sorriso um pouco contrafeito. Também ela sentia. Veio me desejar boa viagem. Beijou-me no rosto e foi dormir”.[944]

O dia 3 de junho de 1944, para Udihara, pareceu um sonho: a sua companhia partia para *Livorno.* Seguiam somente os oficiais. No caminho, ao divisar o antigo acampamento, pôde ver que muita coisa havia mudado: os lavradores vinham trabalhando e já se via nos campos algumas culturas. Depois de muitas peripécias, chegaram a Nápoles, onde a FEB, aos poucos, foi se concentrado. No dia 8 de junho, partiu do aeroporto *Capodicino* à uma hora da tarde em avião transporte para pára-quedistas. Seguiram para o norte da África. No dia 13 de junho, de Casablanca, partiram para o Brasil. Ao todo, 29 brasileiros e um americano, com destino a Natal, uma viagem que lhe pareceu muito curta.

Aproveitando o tempo, o tenente Udihara saiu para conhecer a cidade. Foi aí que se deu conta de uma sensação estranha: “Ainda persiste a sensação de estar no estrangeiro. Andava pelas ruas imaginando que estivesse vendo um país como outro qualquer. Ao ouvir todos falarem português, parecia estranho. Com dificuldade que me compenetrava da realidade”.[945] No dia 16 de junho de 1945, acredita-se que Udihara desembarcara com outros oficiais no Rio de Janeiro. Como foi o retorno

[942] UDIHARA, *op. cit.,* 2002, p. 357.
[943] Id.
[944] Id.
[945] Id.

para casa em São Paulo, não se sabe. Como foi a recepção da família, da sua noiva Maria, a jovem que escrevia tantas cartas para a Itália, uma das maiores alegrias demonstradas pelo introspectivo tenente. O seu diário encerra nesse dia, onde ele diz: "Voltei à origem daquele dia em que saí sem saber o que seria de mim".[946]

O 11º R.I., do tenente Ruy Fonseca, aguardou o embarque para o Brasil no acampamento de *Francolise,* próximo a Nápoles. Os praças estavam alojados em barracas para 10 homens e os oficias, em outras menores, com capacidade para duas pessoas. Era início do verão italiano. Ao excessivo calor, juntava-se o pó do acampamento, que castigava os homens ali instalados provisoriamente. A movimentação das viaturas que estavam sendo devolvidas tornava a vida quase impossível. "Essa permanência nos afigurava a todos como um campo de concentração melhorado".[947] Com a concentração de tantos homens no local, havia o perigo de um surto de malária. O Serviço de Saúde resolveu prevenir a situação, obrigando o uso do medicamento *Atabrine,* o que ocasionou uma amarelado na pele dos soldados. Juntando-se a isso o pó fino, todo o acampamento tinha um ar um pouco estranho.

O sargento Edgard Eckert, do 1º R.I., no dia 4 de maio de 1945, anotou os boatos do dia, escutados no rádio do grupamento. Diziam respeito ao retorno das tropas para o Brasil e que o embarque se daria pelo Porto de *Livorno.* Não deixou de registrar a alegria pelo fato de poder sair um pouco da lida militar e conhecer os castelos de Milão, Gênova, Munique, Berlim, Roma, Paris e de outros lugares.

O grupamento de Eckert estava reunido em *Piacenza. L*á, ocupavam um antigo quartel italiano. Os rádio-operadores haviam captado, no dia 15 de maio, a mensagem do Regimento, com pedido de urgência da verificação de quantos praças necessitariam de alojamento no Rio de Janeiro, logo após o desembarque.

Nas portas do quartel onde estavam alojados os brasileiros, ainda a população miserável ficava de plantão, aguardando o resto de comida que podia ser

---

[946] Id. N.A.: O que se sabe sobre as anotações do dr. Massaki Udihara foi preparado por dois editores amigos da família, a pedido de sua filha, Maria Lucia Udihara que encontrara o diário de seu pai após o falecimento deste. Udihara já era formado em medicina quando foi convocado como oficial da reserva. Foi como infante para a linha de frente. Como ele, mais seis na mesma situação e no mesmo regimento. No pós-guerra, atuou como médico, no Hospital Santa Cruz, em São Paulo e ocupou posições de destaque no Hospital do Câncer. Atuou também no Dojinkai, Sociedade Japonesa de Beneficência. Do seu relato, extraem-se momentos significativos da guerra, da preocupação com seus homens. A sensibilidade do seu olhar conseguiu tocar a todos profundamente no mundo caótico como ele viu a guerra. Faleceu precocemente aos 50 anos.

[947] FONSECA, *op. cit.,* p. 211.

oferecido. Sensibilizado com a sorte daquela gente, no momento em que os soldados brasileiros esperançosos aguardavam o retorno para o Brasil, Eckert escreveu:

> A guerra deixou sérias cicatrizes entre a população. Às horas da refeição aqui no quartel, dá pena ver a infinidade de garotos e mulheres, crianças e velhos parados na frente do portão principal. A maioria dessa gente há uns 6 anos não vê café. Há muito tempo, não come carne, ovos ou leite. O pão, que é o seu principal sustento (100 gramas por dia por pessoa), é quase intragável.[948]

No dia 30 de maio de 1945, o 1º R.I., o Sampaio, do sargento Eckert, desfilou em *Piacenza*, com a presença dos generais da FEB. "O povo, curiosamente, se aglomerava ao longo das calçadas, batendo palmas algumas vezes, mas com pouco entusiasmo, e com razão, pois somos estrangeiros e tropa de ocupação".[949]

O destino de Eckert e seus companheiros foi também *Francolise.* O calor e a poeira no acampamento foram lembrados no diário. O comando, percebendo o mal estar que isso causava à tropa, resolveu minorar um pouco o problema, enviando grupos de 40 homens para a praia de *Mondragone*, a 25 quilômetros do local, o que foi muito bem recebido pelos soldados. O verão italiano chegou causando vários problemas.

No dia 5 de julho de 1945, passaram por *Francolise* os comboios de caminhões americanos conduzindo os soldados do 6º R. I.. Os que haviam chegado antes à Itália tiveram a primazia do embarque. "Passavam gritando e acenando como despedida para nós do 2º Escalão, que ainda tivemos de esperar".[950]

A saída do 1º Escalão da FEB reacendeu em muitos o desejo de voltar para o Brasil, foi o que expressou Eckert em seu diário. Na sua reflexão, os soldados deixaram no Brasil suas famílias e, sem muito preparo, enfrentaram um inimigo aguerrido, deixaram seus companheiros mortos em Pistóia… e se perguntou: "Será que valeu a pena?"[951]

No dia 19 de julho de 1945, os soldados retidos no acampamento de Francolise captaram as irradiações brasileiras, dando ciência da chegada do 6º R. I. ao Brasil. "O locutor gritava ao microfone e, assim mesmo, a sua voz era superada

---

[948] ECKERT, *op. cit.,* pp. 296-297.
[949] Id.
[950] Id.
[951] Id.

pelo vozerio e pelos gritos da multidão que aclamava os pioneiros da FEB que regressavam à Pátria". [952]

Finalmente, para Eckert, o dia esperado para o embarque chegou. A 11 de agosto de 1945, acordou cedo. Ele e seu companheiro de barraca deixaram tudo limpo, desarticularam as camas de campanha e saíram no primeiro comboio rumo a Nápoles. O navio que os transportaria era o "S.S. Mariposa", um transatlântico de luxo que, capturado pelos americanos, servia para o transporte de tropas. A emoção sentida pelo sargento Eckert pode ilustrar o que muitos sentiram quando o navio vagarosamente foi deixando a Baia de Nápoles: "Adeus, Nápoles! Foi por tuas portas que entramos e saímos da Itália. Adeus, *Francolise*, com a tua poeira nos proporcionaste os últimos dias amargos e empoeirados que passamos na Velha Europa".[953]

A prioridade era embarcar os soldados, obedecendo-se à ordem de chegada dos escalões. O grupamento de Ruy Fonseca ainda se encontrava na Itália durante o mês de agosto, com a promessa de embarque após o dia 25. Muitos oficiais anteciparam suas saídas da Itália. Para Ruy, foi um pouco diferente: "Quero estar com meus comandados até o momento da despedida, quando, licenciados, voltarmos para as nossas casas. Espero que Deus me conceda mais essa graça".[954]

5.5 A CHEGADA AO BRASIL: A ALEGRIA DELIRANTE DE QUEM SOBREVIVEU

QUADRA QUADRADA

Depois da guerra, a velhice.
Sossego próprio da idade
Um tanto de rabugice
E a saudade da saudade.[955]
N. Licio.

Conforme noticiaram os jornais brasileiros, no dia 11 de julho, desembarcava no Rio de Janeiro o comandante da FEB, general Mascarenhas de Moraes, que antecipara sua viagem para receber o 1º Escalão da FEB, já a caminho do Brasil. O

[952] ECKERT, *op. cit.,* pp. 296-297.
[953] Id.
[954] Ibid., p. 221.
[955] OPÚSCULO. 35 anos da FEB. **Associação Nacional dos Veteranos da FEB**, Belo Horizonte, maio de 1980.

avião não pôde pousar no aeroporto Santos Dumont, pousando em Santa Cruz. Mascarenhas desembarcou sem nenhuma manifestação, quase como um desconhecido. Essas foram feitas no dia seguinte, quando Mascarenhas foi recebido no palácio do Catete pelo presidente Getúlio Vargas e pelo general Eurico Gaspar Dutra. Na visão dos historiadores, esse já era um processo de boicote à FEB, atingindo de pronto o seu comandante.

Os combatentes do 1º Escalão haviam saído de Nápoles no dia 6 de julho de 1945, sob o comando do general Zenóbio da Costa. Junto ao 6º R.I., vinham algumas frações do grupo de Artilharia. A viagem foi muito confortável para os soldados. Não faltou comida boa e toda a sorte de entretenimentos preparados pela tripulação norte-americana no sentido de amenizar a duração da viagem. Foi instituído também o jornal *A Tocha*, com notícias que eram captadas pelo rádio, a fim de manter os soldados informados. O primeiro número, editado no dia 7 de julho, apresentava uma saudação aos soldados embarcados, assinada pelo general Zenóbio da Costa, cujo enunciado principal dizia: "Aos bravos da FEB e da FAB". Nele, o comandante da Infantaria reafirmava o papel valoroso dos homens que haviam se portado com bravura sem par e com lealdade no cumprimento do dever. "Dentro de poucos dias, pisaremos o solo sagrado da Pátria e estou certo, com o reconhecimento e admiração de nossos patrícios, de que, neste momento, ansiosamente vos esperam".[956]

As notícias dadas pelo jornal *A Tocha* previam a chegada do 1º Escalão para o dia 19 de julho e informava os passageiros sobre as grandes festividades que estavam sendo programadas no Campo de São Cristóvão. Dizia também que a LBA havia convidado o povo de um modo geral para a participação nos festejos. Uma notícia que chamou a atenção dos soldados foi o julgamento a que foram submetidos os traidores Margarida Fichmann e Emilio Baldoni, ex-locutores da Radio Auri-Verde, de Milão. Naquele momento, estavam presos em Nápoles.[957]

Os soldados e oficiais que estavam a bordo foram convidados a colaborar com o informativo. No dia 10 de julho, o artigo do sargento Theobaldo Andrade dizia sobre a 'Arte de amar... na Itália atual'. "Se as minhas idéias relembram tempos

[956] A TOCHA.USS. Gen. Meiggs. 7 de julho de 1945.
[957] N.A.. A Rádio Auri Verde, alemã, irradiava uma programação especial para as tropas brasileiras. Os locutores eram dois brasileiros e concitavam os soldados à deserção. Os envolvidos foram julgados, vieram como prisioneiros para o Brasil, mas foram depois indultados.

passados e todos cheios de pieguice e serenatas, pode o leitor amigo imaginar o meu espanto diante do 'amor scatoleta' que vi e experimentei na península itálica".[958] Explicava o autor como ocorria esse namoro: As conquistas amorosas estavam em função das latinhas, chocolates e cigarros que o pobre ser humano possuía; isto é, se ganhava um amor oferecendo à pretendente um desses regalos. Tempos de guerra. Tempo difíceis.

Ainda a bordo do navio Gen. Meiggs, foram repassadas aos oficiais as primeiras instruções para o desembarque do 1º Escalão da FEB. Davam ciência aos comandantes dos escalonamentos em que se procederia ao desfile após a descida do navio. Os soldados deveriam desfilar em coluna de seis homens. A ordem tratava do uniforme a ser usado na ocasião: deveria ser composto por calça de lã e blusão de brim, tudo verde oliva, com mangas arregaçadas, capacete de fibra. Os oficiais deveriam usar a camisa de tricoline e gravata. Essas e outras orientações foram assinadas pelo coronel Nelson de Mello, comandante do 6º R. I..[959]

O Ministério da Guerra informara também que, de acordo com as instruções, o pessoal da FEB não poderia tomar contato imediato com as famílias, devido ao desfile que ocorreria logo após o desembarque. Após o desfile, os soldados do 1º Escalão seguiriam para Vila Militar e Realengo, onde ficariam alojados nos quartéis. Os familiares e amigos teriam a sua disposição os palanques colocados nos percursos do desfile.

Ainda era madrugada do dia 18 de julho de 1945, quando pequenas embarcações saíram do porto do Rio de Janeiro indo ao encontro do navio General Meiggs, meio encoberto pela neblina. Eram 5h30min e, na aproximação, foram feitas saudações com sirenes. Os soldados no convés gritavam e faziam gestos de alegria, respondendo ao aceno dos que estavam nas embarcações. A cada momento, juntavam-se mais barcos e tudo foi em um crescente até perto das 8h10min, quando o navio transporte entrou na barra sob ruídos e aplausos da multidão que esperava na orla da baía. As fortalezas saudaram o navio, tiros de canhões soaram nos ares, era o navio respondendo à saudação, por certo um grande espetáculo para quem o vivenciou.

Na parte da manhã do dia 18 de julho de 1945, a LBA havia conseguido permissão dos militares para montar uma cantina ao ar livre, encostada ao armazém

[958] A TOCHA. USS. Gen. Meiggs, 10 de julho de 1945.
[959] P.C. USS. Gen. Meiggs, 12 de julho de 1945.

nº 9, no cais do porto. As legionárias haviam trabalhado sem descanso um dia antes, para poder proporcionar uma boa recepção aos soldados da FEB. "Às 8h30min, o general Mascarenhas de Moraes, acompanhado por oficiais do seu Estado-Maior, visitou a cantina da LBA, palestrando com as legionárias que o aplaudiram longamente, bem como o povo postado à margem e trepado nos muros".[960]

Segundo o boletim, o lanche servido aos combatentes foi muito saudável e continha duas tangerinas, dois sanduíches - um de carne e outro de queijo e galinha - duas bananas, doces diversos, um copo de café quente, um copo de mate gelado, dois maços de cigarros, uma caixa de fósforos, Coca-Cola, Guaraná e Soda.[961]

Liderava as legionárias a senhora Alzira Vargas do Amaral Peixoto, representante da senhora Darcy Vargas. O grupo era auxiliado também por funcionários da LBA. As barracas ficaram à disposição dos soldados até as 13h30min. Antes de se servirem do lanche tão providencial, os soldados depositavam suas bagagens nos caminhões, que seguiram aos quartéis. Depois, em fila ordenada, recebiam a atenção de todo o pessoal da LBA. Há que se recordar que o contingente recém-chegado era composto por 4.931 homens, e o trabalho de alimentar a todos constituiu uma boa organização da LBA.

No registro da LBA, raros foram os soldados que não aceitaram um copinho de café ou que não o saborearam dizendo: "Que cafezinho gostoso! Que saudades de um cafezinho como este!"[962]

Antes do desfile fenomenal que aconteceria à tarde, as emissoras de rádio do Rio de Janeiro irradiavam para as emissoras coligadas de outros estados, com entusiasmo, os dados sobre o desfile da FEB. Segundo os locutores, nem a data que assinalou o fim da guerra na Europa tinha repercutido com tanta expressividade como a chegada dos expedicionários do 1º Escalão da FEB. A cidade tinha uma movimentação diferente, colorida, que, segundo muitos, não se via há muito tempo. Nem as festas do carnaval sobrepujaram os preparativos. Pela cidade, um vai e vem de bondes, trens e ônibus que despejavam pelas ruas centrais do Rio de Janeiro uma quantidade considerável de pessoas.

> Todos queriam ver de perto os bravos rapazes da FEB, os jovens brasileiros que souberam lutar galhardamente contra a neve, contra o frio, contra a

[960] BOLETIM DA LBA. Rio de Janeiro, 30 de julho de 1945.
[961] Id.
[962] Id.

> lama e, sobretudo, contra os nazistas, a quem venceram em Monte Castelo, Castelnuovo e tantos outros baluartes da frente italiana.[963]

Desde o meio-dia do dia 18 de julho de 1945, a Avenida Rio Branco, no Rio de Janeiro, já estava apinhada de pessoas. Segundo os jornais da época, estava difícil conter a multidão que, não respeitando o cordão de isolamento, foi para o asfalto. Das janelas dos edifícios, viam-se senhoras, crianças e homens atirando confete, serpentinas e fogos de artifício. Rojões e morteiros arrebentavam no ar e o povo vibrava intensamente. Às 14h30min, teve início o desfile: um pelotão de choque da polícia abria um estreito corredor entre a multidão, por onde os soldados passariam. Os heróis da FEB foram abraçados e aplaudidos freneticamente.

> As senhoritas mais entusiasmadas abraçavam-se aos soldados, beijando-lhes, arrancando-lhes os distintivos. Comoventes cenas se desenrolaram durante o trajeto difícil, mas compensador para os expedicionários, pois tudo aquilo era sincero. [964]

O soldado Aristides Saldanha Vergés lembra muito bem desse dia, quando seu grupamento, o 6º R.I., estava em peso no navio. “Desembarcamos e entramos em forma de seis homens por coluna para seguir até a Estação D. Pedro II. Andamos alguns metros e foi afunilando, passando com dificuldade, mas foi a coisa mais gostosa do povo carioca, aquele carinho do povo, arrancando os distintivos do bolso, o que eles podiam. Foi uma sensação inesquecível”.[965]

Após os festejos, Vergés permaneceu por 15 dias no Rio de Janeiro, no quartel do 2º R. I.. Segundo suas lembranças, na Itália, ele recebia 200 liras por mês. Economizou, vendeu alguns “cigarretes” e o dinheiro foi depositado no Banco do Brasil. Com o que sobrou, comprou um relógio e um par de óculos. Segundo Vergés, os companheiros também saíram às compras. No dia 25 de julho de 1945, foi licenciado do Exército e recebeu o certificado de reservista.

> Recebi Cr$ 17.000,00 (dezessete mil cruzeiros). Permanecemos alguns dias aguardando o retorno. Mas os nossos comandantes foram para casa e esqueceram de nós. Foi então que eu e o meu companheiro, Vicente Fila,

---

[963] BOLETIM DA LBA. Rio de Janeiro, 30 de julho de 1945.
[964] Id.
[965] VERGÉS, *op. cit.*.

> resolvemos voltar por nossa conta. Pegamos o trem da Central do Brasil até São Paulo. [966]

Muitos dos cobradores dos bilhetes de trem tiveram o bom senso de não cobrar a passagem dos expedicionários. Tal situação trouxe muita alegria para Vergés. Contou também da pequena aventura do retorno, quando ele e seu companheiro desceram em São Paulo para comprar tecidos de casemira, dada a propaganda que os combatentes desta cidade haviam feito. "Nas ruas, várias pessoas nos abordavam, conversavam sobre a guerra. Teve até uma família que convidou para almoçarmos em sua casa. Estavam comemorando bodas de ouro, e aceitei prontamente".[967]

No dia seguinte, Vergés embarcou para Curitiba. Na Estrada Sorocabana, pagou a passagem. Só depois descobriu que havia um vagão especial para os expedicionários. No dia 5 de agosto, retornava a casa. "Fiz uma surpresa para a minha família, foi uma alegria. No dia seguinte, muitas visitas de amigos e perguntas sobre a guerra".[968]

Curitiba também se preparou para um desfile na cidade. O jornalista e combatente, João de Deus Freitas Neto, registrou o acontecimento no dia 9 de agosto de 1945.

> Hoje, cerca das 9 horas, chegará à gare da Rua Rio Branco o comboio especial que traz o primeiro contingente paranaense da Força Expedicionária Brasileira. Os heróis voltaram e a cidade parou. Ninguém prestou atenção ao cartaz do cine Curitiba, que anunciava Brian Donlevy, Allan Ladd e Verônica Lake em 'Capitulou sorrindo'. [...] Toda a cidade, como um só corpo, recebeu, agradecida, os que voltavam "dos campos tablados pela metralha do Velho Mundo". O Café Alvorada colocava um anuncio na Gazeta "homenageando os pracinhas que retornam à pátria agradecida, destina às famílias dos expedicionários a renda bruta, no dia de hoje, da venda de café em xícaras das suas casas à Rua XV de novembro e Travessa Oliveira Belo".[969]

Segundo o artigo de Freitas Neto, não foi somente o comércio e a indústria a dar uma atenção aos combatentes que retornavam, mas as autoridades os cercavam de maior carinho. "O povo via, em cada pracinha, um filho. Os do interior

---

[966] VERGÉS, *op. cit.*.
[967] Id.
[968] Id.
[969] NETTO, João de Deus Freitas. **Boletim Informativo da Casa Romário Martins.** Curitiba, 9 de agosto de 1982.

eram levados para as casas das famílias que não tiveram parentes na guerra. Curitiba recebeu seus filhos. A mãe Curitiba".[970]

O soldado Vergés participou de todas as festividades que aconteceram naquele dia para os combatentes. Com o dinheiro que juntou na Itália, conseguiu saldar uma dívida com que sua mãe havia se comprometido para a construção de uma casa. Ainda deu para comprar uns móveis e ajeitar tudo para o casamento, inclusive para a festa que a família deu aos amigos. Dias depois, retornou à empresa onde era empregado antes da guerra e lá permaneceu até 1982.[971]

Depois da saída do 1º Escalão da FEB, ainda no mês de julho, escalões menores saíram da Itália. O Escalão A. partiu de Nápoles no dia 12 de julho, no navio Pedro I, conduzindo 1.100 homens sob o comando do coronel Moraes Ancora. O Escalão B. partiu da Itália no dia 26 de julho de 1945, no navio Pedro II, sob o comando do coronel Machado Lopes, com os combatentes do 9º B.E., no total de 1.200 homens.

No segundo escalão, estava o grosso dos combatentes do 1º R. I., o Sampaio, além do I, III e IV Grupos de Artilharia e do 1º Batalhão de Saúde, sob o comando do coronel Oswaldo Cordeiro de Farias, com 6.187 homens. O navio era o americano Mariposa, que saiu de Nápoles no dia 12 de agosto de 1945 e chegou ao Rio de Janeiro no dia 22.

Nesse navio, viajaram três combatentes que fazem parte desta narrativa: José Edgard Eckert, Boris Shnaiderman e Geraldino Werner. Não se sabe se eram amigos, ou se durante a viagem chegaram a se conhecer, mas são relatos que marcaram profundamente a chegada desses homens à pátria.

Como registrou Eckert:

> E assim vamos singrando os mares, de volta à nossa Pátria, que deixamos há quase onze meses. Parece um sonho. Eu mesmo não esperava isto tão depressa. Há onze meses, viajávamos em sentido contrário, embarcados no General Mann,... Naquela viagem de encontro à morte, a incerteza do futuro calava em todas as fisionomias! Agora, porém, é a alegria estampada em nossos rostos, embora mais calejados pelos sofrimentos suportados durante os meses de guerra.[972]

---

[970] NETTO, João de Deus Freitas. **Boletim Informativo da Casa Romário Martins.** Curitiba, 9 de agosto de 1982.
[971] Id.
[972] ECKERT, *op. cit.,* p. 376.

A viagem no navio foi considerada confortável, a comida muito boa e servida duas vezes ao dia, à vontade. O diário de Eckert anotou a informação que foi dada pelo 'jornal falado' a bordo, no dia 12 de agosto, além das notícias que chegavam provenientes de várias partes do mundo. A mais marcante foi a de que se esperava a rendição do Japão dentro de poucos dias.

No dia 21, foi rezada a última missa a bordo, destacada no relato:

> Agradeci a Deus pelo fim da guerra e pelo nosso feliz regresso à Pátria. Durante a consagração, cantamos o Hino Nacional. A assistência era tão grande que se achavam repletos os três conveses da popa. Terminada a missa, cantamos o Hino à Bandeira.[973]

O sargento Boris Schnaiderman lembrou muito bem dos últimos instantes passados no navio Mariposa. Na noite de 21 para 22, quase ninguém conseguiu dormir. Após a primeira refeição, foi permitido que os soldados subissem para o convés para admirar a madrugada do dia 22 de agosto de 1945. O litoral fluminense foi aparecendo aos poucos. Na entrada da barra, os canhões dos fortes atirando, os barcos menores indo ao encontro do navio transporte, apinhado de gente que agitava lencinhos no ar.

O sargento Eckert percebeu que dois navios da Marinha Brasileira também acompanhavam o grande navio e, com salva de tiros de bateria anti-aérea, causava grande emoção entre os combatentes. Todos os navios mostravam-se engalanados, com bandeirolas verde-amarelas. No mastro principal, estava hasteada a Bandeira do Brasil. "Sem demora, começamos a avistar o Corcovado, encimado pela estátua do Cristo Redentor. Quando o Mariposa manobrou para a entrada da barra da Baia da Guanabara, estávamos cercados por dezenas (talvez centenas) de embarcações de todos os tipos e tamanhos, todas superlotadas de passageiros, iniciando-se um 'terrível bombardeio' de foguetes e fogos de artifício, com gritos e ovações, acenos de boas vindas numa tal confusão e frenesi".[974]

Na manhã do dia 22 de agosto, quem levantou logo cedo já encontrava nas bancas de revistas os jornais do dia. A *Folha Carioca* exibia na primeira página o título 'Soldados da Liberdade'. Lá estava todo o roteiro do desfile que iria acontecer logo à tarde. Ressaltava o jornal:

---

[973] ECKERT, *op. cit.,* p. 382.
[974] Ibid., p. 383.

> Nunca, entre nós, o patriotismo tinha deixado de ser uma simples palavra tão abusada e abstrata, para ter demonstrações tão concretas como agora, nessas expressivas e carinhosas homenagens que o Brasil vem prestando aos seus gloriosos pracinhas.[975]

Às 9h30min, o Mariposa começou a atracar no cais do armazém 10. Às 10h, o presidente Getulio Vargas subiu a bordo para dar as boas vindas aos combatentes. A partir desse momento, iniciou-se o desembarque. O sargento Ecckert e os demais haviam caprichado na composição do uniforme. Levando o saco 'A' nas costas, fuzil a tiracolo, capacete de fibra na cabeça, cinto de guarnição na cintura, perneiras, botinas engraxadas e todos com o distintivo da 'cobra fumando' no braço esquerdo. Iniciaram a descida da rampa do navio.

Também a este escalão foi servido um lanche pela LBA, nos mesmos moldes daquele que fora servido ao 1º Escalão. O desfile iniciou às 14h, conforme havia anunciado a *Folha Carioca.* O itinerário começaria pela Avenida Rodrigues Alves e encerraria na Estação Pedro II.

No pensamento do sargento Schnaiderman, seria quase impossível desfilar em formação. A multidão cercava os soldados, abraçava-os, beijava-os, arrancava-lhes os distintivos metálicos. A infantaria não conseguiu desfilar, foi carregada nos braços do povo, em meio aos vivas e às buzinas de automóveis que tocavam em compassos marciais. Na estação D. Pedro II, onde o desfile foi encerrado, comboios de trem aguardavam a chegada dos soldados. Saíram em direção à Vila Militar, sede do Regimento Sampaio. Os soldados foram dispensados até o dia 25 de agosto. Podiam voltar para casa. Muitos dos familiares já se encontravam nas dependências do quartel para o encontro dos parentes que haviam regressado da guerra.

A *Folha Carioca* havia publicado, no mesmo dia da chegada do 2º Escalão, a notícia que iria repercutir muito mal entre os recém-chegados e que acabou criando constrangimentos aos combatentes brasileiros

> Segundo instruções baixadas pelo Estado Maior da FEB, no interior, as praças, uma vez licenciadas do serviço ativo, não mais poderão usar o uniforme daquela força. Os oficiais e praças que vão permanecer no Exército Ativo, de acordo com a legislação em vigor, terão o prazo de 10 dias, a partir da chegada ao Rio, para readaptar os uniformes.[976]

[975] FOLHA CARIOCA. Rio de Janeiro, 22 de agosto de 1945.
[976] Id.

Esse era o segundo “presente” que recebiam os pracinhas do Exército Brasileiro. O primeiro havia ocorrido no mesmo dia da saída do 1º Escalão da FEB. Pelo aviso nº 217- 185, no dia 6 de julho de 1945, a FEB era dissolvida, seus elementos seriam desincorporados, retornando às suas atividades do tempo de paz. Tais fatos, no apagar das luzes, como lembrou certo dia um combatente, repercutiriam muito mal entre os componentes da FEB. Depois de uma volta apoteótica para a pátria, do dia para noite, já não eram mais soldados.

O sargento Eckert retomou o rumo do sul do Brasil, onde moravam seus parentes. Ao chegar, encontrou os moradores ainda um pouco assustados, quando lhe contaram da agressividade que havia ocorrido na colônia durante o processo de nacionalização.

> Fiquei sabendo que minha mãe e meus irmãos menores tinham sido perseguidos por essas mesmas autoridades, por terem falado alemão dentro de casa. [...] estava eu na linha de frente, em plena guerra, servindo de intérprete alemão, interrogando prisioneiros, enquanto, aqui, meus familiares eram punidos.[977]

O soldado Geraldino Werner, do 1º R. I., chegou também no navio Mariposa. Não participou do desfile, foi direto para o quartel. Lá, recolheu seus pertences em um armário. À noite, pegou um trem na Estação Pedro II e foi para a casa de sua tia, que se chamava Dina.

> Ao entrar, foi uma alegria só e disse da sua preocupação, pois não me viu no desfile, e pensou que eu não tinha voltado. No dia do pagamento, fui com o tio Jeremias ao seu alfaiate e mandei fazer dois ternos. Em uma loja, compramos camisas, cuecas, meias, sapatos, chinelos, um belo chapéu para viagem.[978]

No dia 13 de setembro de 1945, Geraldino Werner recebeu o certificado de reservista e não esperou as passagens gratuitas oferecida pelo Exército, embarcou para São Paulo. Depois de um dia de viagem, chegou a Curitiba e desceu a serra seguindo para a cidade de Paranaguá, onde residiam seus pais.

> Cheguei de surpresa. Minha mãe e minhas irmãs levaram um tremendo susto ao me verem, o mesmo acontecendo com meu pai na hora do almoço. Não foi moleza não, pois foram três anos, sete meses e onze dias no

[977] ECKERT, *op. cit.,* p. 392.
[978] WERNER, *op. cit.,* p. 19.

> exército. Tinha que começar pela adaptação à sociedade, pois todos que voltaram da guerra eram tratados como neuróticos. Não foi o meu caso, optei pelo trabalho de estivador no porto.[979]

O 3º Escalão da FEB partiu de Nápoles no dia 28 de agosto de 1945, no navio Duque de Caxias, que conduziu 1801 homens, sob o comando do coronel Mario Travassos. Os embarcados eram soldados e oficiais do Depósito da FEB e do Pessoal da Intendência, que ficava na retaguarda. Por esse motivo, eram chamados de "sacos B", pois os do "saco A" eram os combatentes da linha de frente.

Esse grupo saiu antes da Itália, pois tinha sido convidado para desfilar em Portugal, homenageando o país. Tal fato contrariou os demais combatentes, pois todos achavam que estes é que deveriam por merecimento ter recebido o convite. Um desses protestos partiu do sargento do 11º R. I., José Alves:

> Imagine, nós, os infantes sofridos, da linha frente, que vivíamos como animais debaixo da terra, sob a lama, a neve, a chuva gelada e os ventos cortantes dos montes escarpados, enfrentando as armadilhas invisíveis, os ferozes bombardeios... Quando a mãe pátria – Portugal – exigiu a presença dos soldados vitoriosos, quem foi mandado para lá?[980]

O sargento José Alves e o tenente Ruy Fonseca retornaram ao Brasil no 4º Escalão, que saiu de Nápoles no dia 4 de setembro de 1945, sob o comando do coronel Delmiro Pereira de Andrade, no navio Gen. Meiggs, com 5.342 homens. Como na viagem anterior, o jornal *A Tocha* foi editado durante a viagem desse escalão. Além das notícias que percorriam o mundo e eram lidas com muita expectativa, os acontecimentos a bordo eram explorados em forma de piadas e desenhos, que muito agradavam aos leitores. No dia 6 de setembro, o jornal chamava a atenção para o racionamento de água a bordo, e satirizava: "Tome mais banhos... de sol. Fazem bem à saúde e não exigem água.". [981]

O número editado no dia 8 de setembro apresentou o artigo do sargento Bruno Schakal, com o título "Sepultura de Heróis". O texto chamava a atenção para os mortos que o Brasil havia deixado no Cemitério de Pistóia:

> Naquele local, dormem o sono dos bravos os patrícios nossos que derramaram o seu sangue no cumprimento do dever. [...] Prepararam-se

[979] WERNER, *op. cit.,* p. 19.
[980] SILVA, José Alves, *op. cit.,* p. 212.
[981] A TOCHA. USS. Gen. Meiggs, 6 de setembro de 1945.

> vigorosamente para uma jornada de heroísmo e de glórias, mas quis o destino que eles penetrassem na noite, que não tem mais alvorecer, antes de o mundo livrar-se dos conquistadores que combateram.[982]

FIGURA 23 – CEMITÉRIO DE PISTÓIA (ABRIL DE 1945)

FONTE: Acervo da autora.

O último número de *A Tocha,* publicado no dia 16 de setembro, foi quase uma despedida dos editores. Após um texto abrangente sobre o histórico da FEB, em quatro páginas, relatando toda a campanha, chamou a atenção também o artigo intitulado “Adeus, Camaradas”, que dizia adeus aos praças e oficiais do Brasil, pelo espírito de amizade que prevaleceu durante toda a viagem, mas também recomendava: Esperamos que os oficiais e praças da FEB então falem com orgulho e saudades, quando descreverem aos seus filhos e parentes os acontecimentos passados e a camaradagem que mantiveram aos soldados dos Estados Unidos e dos felizes dias de viagem no USS. Gen. Meiggs.[983]

Consta que o navio Gen. Meiggs, em alto mar, reduziu a sua marcha, aguardando a aproximação do navio Duque de Caxias, que vinha de Portugal, onde desfilou o grupamento do pessoal do Depósito da FEB. O combatente Paulo Bonelli, que estava neste navio, recorda do detalhe da saída do Escalão da cidade de

[982] A TOCHA. USS. Gen. Meiggs, 8 de setembro de 1945.
[983] A TOCHA. USS. Gen. Meiggs, 16 de setembro de 1945.

Lisboa. Após o desfile, houve uma confusão generalizada no embarque e mais de vinte pracinhas não compareceram. "Quanta saudade eu senti da organização dos americanos".[984]

O sargento José Alves, mesmo revoltado pelo atraso do navio Duque de Caxias, que conduzia o 3º Escalão, conseguiu registrar os momentos finais da viagem do seu Escalão. Quando o navio Meiggs atracou no cais, ele anotou: "Estávamos em casa. Tivemos a felicidade de voltar! Naquele momento, fizemos uma prece silenciosa pelo descanso eterno dos companheiros que ficaram sepultados em Pistóia. Começamos a sentir a vibração calorosa do povo carioca".[985]

Pouco antes das 14h, o desfile dos pracinhas passava pela Avenida Rodrigues Alves, seguindo pela Avenida Rio Branco. Ao passarem diante da sede de *A Noite* e Rádio Nacional, o povo se comprimia em ambos os lados das calçadas e aplaudia entusiasticamente, enquanto do alto das janelas a multidão atirava sobre os soldados uma chuva de papel picado, confetes, serpentinas e pétalas de flores.

Como registrou José Alves: "Nossa recepção foi verdadeiramente apoteótica! Uma coisa nunca vista! Inimaginável. Ficou sobejamente demonstrado o carinho, o afeto e o calor humano do povo carioca".[986]

Ao chegar à Vila Militar, os soldados do 3º e 4º escalões foram surpreendidos pelo Boletim do Exército que proibia o uso do uniforme da FEB. Segundo José Alves, tal ordem era intolerável. Qualquer nação teria orgulho de exibir os soldados que derramaram seu sangue na Europa. Era uma vingança dos invejosos e despeitados que, na hora precisa, fugiram do dever sagrado e tudo fariam para humilhar os combatentes.[987]

O major Ruy Fonseca encerrou o seu diário no dia 17 de setembro, por ocasião da chegado do navio Gen. Meiggs ao porto do Rio de Janeiro, com essas palavras:

> Vou ao convés para acalmar-me e vejo a multidão que nos aguarda no cais. Na volta ao *lounge,* escrevo estas palavras finais. Gostaria de fazê-lo com

[984] BONELLI, Anselmo Olimpio. **Cadernos de Lembranças.** Blumenau, 20 de agosto de 2008.
[985] SILVA, José Alves, *op. cit.,* p. 212.
[986] Id.
[987] Id.

> letras de ouro e, no momento, volto o pensamento para Deus. Agradeço-lhe do fundo do coração por ter-me protegido todo esse tempo.[988]

Muitas dúvidas quanto à continuidade da carreira no Exército povoaram seus pensamentos naquele instante, mas, depois, com o passar do dias, resolveu permanecer até cumprir o tempo final e entrar para a reserva. Foi também professor durante 25 anos.

O 5º e último Escalão da FEB partiu de Nápoles no dia 19 de setembro de 1945, com 2.742 expedicionários, sob o comando do coronel Archiminio Pereira, no navio James Parker. Chegou ao Rio de Janeiro no dia 3 de outubro.

O retorno dos combatentes aos seus lares foi uma experiência, muitas vezes, dolorosa para soldados que acabavam de chegar da guerra. Muitos, com os seus Certificados de Reservistas, não sabiam o que fazer. Os Certificados não abriam portas para empregos e muitos reservistas eram olhados com desconfiança, seriam os 'louquinhos' de guerra. Como desabafou o sargento José Alves: "Se o povo carioca nos brindou com os maiores festejos e todo o carinho do seu coração generoso; por outro lado, as autoridades nos trataram friamente, com hostilidade".

Também o capitão Klas, da 1ª companhia do 1º Batalhão do 11º R. I., um defensor dos seus soldados, experiente nos campos de batalha nos difíceis dias de *Guanella* e *Abetaia,* em dezembro de 1944, faz um balanço concreto dos rumos da FEB, após os desfiles apoteóticos no Rio de Janeiro, entre julho e setembro de 1945:

> O governo teve receio dos ideais democráticos que animavam os expedicionários, com a vitória contra os países do eixo. Acontece ter o soldado raso a única pretensão de voltar ao convívio da família. Jamais pensou em derrubar o governo. O soldado, a quem chamavam de pracinha (o que nunca admiti), foi pago e jogado fora do quartel ao voltar da Itália.[989]

Os anos que se seguiram ao desembarque dos combatentes brasileiros em 1945, quando os soldados se sentiram realmente abandonados pelas autoridades e pelo próprio exército, marcaram profundamente os combatentes da FEB. As injustiças foram muitas, tanto para quem permaneceu nas fileiras do Exército, como para os que voltaram à vida civil. Pela falta de informações e assistência, muitos

[988] FONSECA, *op. cit.,* p. 228.
[989] KLAS, Alfredo Bertoldo. **A verdade sobre Abetaia:** Drama de sangue e dor no 4º ataque da FEB em Monte Castelo. Curitiba: Imprensa Oficial, 2005, p. 246.

combatentes sentiram-se desmoralizados e partiram para o alcoolismo. Não havia quem os amparasse. Outros não se adaptaram ao trabalho que haviam deixado, muitos morreram na miséria, até como indigentes, antes que a legislação federal viesse socorrê-los. Era premente a união de todos e o fortalecimento do grupo. Era necessário mostrar aos brasileiros que, além do exército de Caxias, existe um Exército da FEB, composto por homens valorosos, bons combatentes, que um dia cruzaram os mares para lutar, em terras estranhas, pelos ideais de liberdade que sempre moveram seus homens. Era mais um desafio no pós-guerra. A Força Expedicionária Brasileira agora tinha uma missão permanente.

5.6 A FEB E SUA MISSÃO PERMANENTE

> Desejaria, se fosse um poeta, se fosse dos versos um cultor, um esteta a compor um hino de glória, uma elegia da saudade, um preito de louvor à memória dos nossos mortos expedicionários. Numa estrofe, épica e altaneira, procuraria focalizar, descrever, narrar a ação desses bravos. Numa segunda estrofe, nós lhe comporíamos um preito de louvor. Seria uma homenagem do amor nacional. Um país inteiro, uma nação total a repetir seus nomes. Os Silva, os Pereira, os Chico, o Wolff. Exaltaríamos seus nomes, principalmente para a atual mocidade brasileira.[990]
>
> Celso Rosa, tenente da FEB

A participação do Brasil na 2ª Guerra Mundial constituiu para os participantes da FEB, lembranças marcantes. A grande marcha empreendida entre os anos de 1943 a 1945, a partir de seus lares, muitos ainda com pouca idade, jovens recrutas, mal preparados para a guerra, mas que no campo de batalha, se adestraram e voltaram imbuídos de ideais. Mas também eram depositários de dúvidas quanto ao futuro. Como seria o retorno à casa, o encontro com as famílias e a volta ao emprego deixado antes? Eram perguntas sem respostas no momento em que pisaram o solo brasileiro.

Para esses soldados, este período da vida significou chagas e cicatrizes que ainda continuaram vivas. Durante longos meses de agonia e sobressaltos em campo de batalha, aumentara-lhes a convicção de que eles como soldados, haviam representado a honra, a dignidade e as esperanças da pátria .

---

[990] ROSA, *op. cit.,* p. 215.

Qual combatente não sentiu um lampejo de lembranças quando ouviu falar em *Porreta Terme, Gaggio Montano, Abetaia, Soprassasso, Torre de Nerone, Bombiana, Monte Castelo, Sila, Riola, Montese, Colléchio e Fornovo di Taro*? Impossível, esquecer estes nomes tão ligados a um sacrifício humano.

A FEB para esses homens não significou apenas uma sigla, ela vai além, lembra o sentimento da perda de muitas vidas, de sangue derramado, lágrimas das mães, das esposas, e dos filhos e fazem hoje parte do acervo de misérias provocadas pela guerra. Quantas vezes, na guerra, alguém não chorou a morte estúpida de um amigo que estava ao seu lado? Os que voltaram, viram suas vidas marcadas, a juventude truncada pelo antes e o depois. Sentiram-se ainda soldados, que um dia imbuídos dos ideais democráticos, transportaram a honra, a dignidade e a esperança da Pátria.

Os soldados da FEB, não entraram na guerra por interesse ou qualquer paixão violenta e cruel.

> Cumprimos apenas nossa palavra empenhada em solenes tratados, obedecendo ao instinto profundo de nacionalidade, seguimos apenas as tradições ao longo da nossa história se foram definidas com a nossa própria razão de ser, isto é, batemo-nos pela liberdade dos povos.[991]

Para os veteranos da campanha da Itália, a guerra não constituiu apenas um dever cumprido, onde as tropas nazi-fascistas foram rendidas em *Colléchio e Fornovo di Taro* no longínquo 30 de abril de 1945. Mas tinha um significado maior e vinha em forma de reivindicação: - O reconhecimento dos feitos heróicos um dia ocorridos na Itália e dos valores que moveram seus homens.

Ao desembarcarem no porto do Rio de Janeiro e dirigindo-se para os quartéis, a curta permanência na cidade mostrou o quão difícil seria a caminhada. Sentido-se abandonados pelas autoridades civis e militares, os combatentes perceberam a necessidade de fortalecer o grupo e de perpetuar a história da FEB. Era necessário unir forças, juntar suas histórias, seus símbolos e apresentá-las às gerações futuras, como paradigmas a orientar o amor a pátria. A FEB seria como uma lâmpada votiva a iluminar as memórias, pois um dia, eles como soldados, pensaram no povo, defenderam o patrimônio moral em nome da reconstrução da paz.

---

[991] ARAUJO, Vicente Barbosa de. No Bronze, oculto do herói. **Revista o Expedicionário**. Associação dos Ex-Combatentes do Brasil. Nova Iguaçu. R.J. n.84, dezembro de 1980.

Não poderiam tais feitos cair no esquecimento. Deveriam servir de incentivo às gerações futuras, recordá-los nas escolas e evocá-los nas comemorações nacionais, desse modo revigorando o idealismo e a coesão da nobre cruzada que dispunha a FEB em sua caminhada. Não teria um testemunho mais expressivo do que o próprio combatente, volvido ao Brasil era necessário um novo enfrentamento, perpetuar a memória da FEB, não deixar dissipar os fragores da batalha.

Do conjunto de ações que vão tomando corpo, as Associações de Combatentes aos moldes do que já acontecia na Europa e nos Estados Unidos, também são criadas no Brasil. Não tinham os febianos a força que os combatentes europeus e americanos em seus países Os europeus tinham a seu favor uma sociedade que havia vivenciado a guerra, e estavam extremamente motivados a ajudá-los. Em relação ao norte americanos, dada aos grandes contingentes que saíram para a campanha na África, Europa e Ásia, contavam suas associações com o interesse da sociedade norte americana que na época havia desenvolvido o grande esforço de guerra.

No caso brasileiro, o Brasil foi alçado a tropa combatente somente em 1944, em um *front* que não era considerado prioritário, e se levarmos em consideração os 25 mil homens que embarcaram para a Itália, constituíam 0,06 da população brasileira. Em termos de uma guerra que não aconteceu no território brasileiro, não havia por parte da população conhecimento e interesse sobre a participação brasileira na guerra.

Logo no pós-guerra, várias cidades se organizaram em torno dos combatentes que haviam voltado, ou até pela lembrança dos mortos, lançaram-se à criação de monumentos expressivos que foram erguidos em logradouros públicos. O general João Batista Mattos, capitão na época da guerra conseguiu em uma obra importante, relacionar os monumentos dedicados à FEB. Localizou-os por município, destacando os pormenores da construção bem como reuniu a maior parte dos discursos que marcaram as solenidades de inauguração. Como bem disse Mattos: "a repercussão que teve tal Expedição em todo o país e que sobreviverá pelo futuro em fora, graças ao bronze que a eterniza".[992]

Os primeiros núcleos de associativismo entre os combatentes, tinha a principio o objetivo de retomar os laços de amizade, relembrar o espírito de

[992] MATTOS, João Baptista de, *op. cit.*.

camaradagem que havia iniciado na Itália e relembrar os fatos vivenciados. Em 1º de outubro de 1945, mal haviam chegado os últimos escalões que retornavam da guerra, no Rio de Janeiro era criada a Associação dos Ex- Combatentes do Brasil, sendo depois seguida por outras em todo o país. O número maior de combatentes tinha saído do Rio de Janeiro, e por ser também a capital federal da República, favorecia a instalação de uma associação que pudesse servir a todos que ela se agregassem na primeira experiência de uma instituição voltada para essa categoria. Do núcleo central no Rio de Janeiro, a Associação cresceu e acabou chegando no interior do Brasil, sob a forma de seções que podiam ser municipais ou estaduais.

No início a Associação dos Ex-Combatentes do Brasil, buscava promover a integração social entre os veteranos de guerra, e ter uma representatividade diante das autoridades. A questão da memória da FEB era algo colocado acima de qualquer proposta, e deveria estar presente nas festividades públicas, civis e militares. E outra preocupação da diretoria eleita era não assumir políticas de cunho partidário, o que mostrou inviável mais tarde. O colegiado era eleito por meio de chapas inscritas e votadas em assembléias gerais para períodos delimitados em seus estatutos. O órgão centralizador era constituído pelo Conselho Nacional, sediado no Rio de Janeiro, formado por delegados eleitos como representantes de todas as seções nas Convenções Nacionais. O período vigente de atuação de cada diretoria era por um período de dois anos. Essas seções em tempos passados, chegaram a ter um número expressivo em outra cidades, como São Paulo, Curitiba, Belo Horizonte, São João Del Rey. Hoje gradativamente estão desaparecendo junto dos últimos expedicionários, ou estão sobrevivendo com grandes dificuldades, dão o número exíguo de combatentes.

A principio, os associados eram aceitos na condição de terem ido mesmo para a guerra, mas depois, devido a legislação que foi dando cobertura à outras categorias, como os que se mantiveram de plantão nos fortes brasileiros, também os componentes da Marinha de Guerra, acabaram sendo reconhecidos como ex-combatentes e são aceitos na Associação. Neste caso, foi efetiva a posição do capitão na guerra Plínio Pitaluga,, reeleito presidente da Associação do Ex-Combatentes do Brasil para várias legislaturas, favorável a permanência nos quadros associativos dos elementos que não combateram na Itália e referendadas em suas palavras: se o individuo foi convocado, largou o emprego, a família, ficou à

disposição do Exército para tarefas de vigilância de lugares vulneráveis, de quartéis, depósitos de armas e munições. E se não foi a guerra na Itália, isso faria dele um combatente, pois estava a disposição do país.[993] Nem todas as associações que vieram depois concordariam com este posicionamento. Em nossos dias, a situação é diferente, todos são aceitos dentro das diversas associações que estão em atividade.

Das muitas formas de ações empreendidas pela Associação do Ex-Combatentes do Brasil, há que se registrar a participação efetiva dos seus membros, nos discursos proferidos, seja nos eventos públicos, onde a instituição fora convidada a participar. Além desta modalidade, foi criada a revista O Expedicionário direcionada aos sócios, com todo o tipo de informação, história e entretenimento. Neste sentido, colaborava-se com artigos, que referendavam as ações da FEB, muitos vivenciados pelo próprio autor. Entre os artigos dava-se preferência para os que usavam das narrativas de guerra. Não era apenas o incentivo pela literatura, mas também eram divulgadas as músicas, como os sambinhas que foram editados no *front,* as poesias que retratavam as pessoas, o patriotismo e os ideais que moveram os homens da FEB durante a guerra. No teatro, incentivaram-se as apresentações de peças onde a Tomada de Monte Castelo e Montese, ocorriam não somente nas unidades militares, mas nas praças públicas, por ocasião das datas nacionais. Era a FEB demarcando a sua memória.

A Associação do Ex-Combatentes do Brasil, por muitos anos manteve a edição de sua principal revista O Expedicionário em gráfica própria localizada no Rio de Janeiro. A Revista muito bem organizada, dispunha além do editorial, duas seções importantes: a da História e Noticias, ou então Atualidades e Pesquisas, mas a prioridade era dada para a seção de História, com artigos voltados exclusivamente para a exposição dos feitos da FEB. A revista recebia a contribuição de artigos provenientes de outros associados das demais seções espalhadas pelo Brasil. Além de enfatizar os dados históricos sobre a FEB, a revista servia também como tribuna das reivindicações dos combatentes perante as autoridades como o editorial publicado em junho de 1978, sob o titulo de Carta ao Ex-Combatente:

---

[993] BONFIM, Luiz Paulino. Correspondência eletrônica. Rio de Janeiro, 4 de maio de 2003, *apud* FERRAZ, Francisco. **A Reintegração Social dos Expedicionários**. Tese (Doutorado) USP, São Paulo, 2005.

> Vem, Ex- Combatente, à 17 ª Convenção Nacional, com tua alegria, com tua decepção , com tua mágoa. Mostra aos mineiros as condecorações que recebeste por tua valentia, teu heroísmo. Revela a Minas Gerais, berço de Tiradentes, a tua decepção. Mostra a ele que não subsiste a um cadafalso, porém, que te estiolas nas grande filas de beneficio, de uma pensão, de aposentadoria.[994]

Por quase uma década, de 1970 a 1980 a Revista O Expedicionário sobreviveu, sob o patrocínio dos associados e de empresas que buscavam publicidade.

Os combatentes paranaenses de inicio também organizaram em Curitiba uma seção ligada à Associação dos Ex-Combatentes do Rio de Janeiro, mas na primeira convenção veio o 'racha' por divergências políticas. Seis estados afastaram-se da representação central, foi o caso de Minas Gerais, Paraíba, Rio Grande do Norte e São Paulo, Curitiba e Santa Catarina pois não aceitavam o envolvimento dos febianos com o Partido Comunista. Era uma preocupação das delegações que se retiraram da convenção, no sentido de não verem prejudicadas as relações dos combatentes com a sociedade brasileira. Viram na Convenção uma desvirtuação dos objetivos da FEB. Outra questão observada pela delegação paranaense na época, e isto incomodava de fato, era o Sr. Pedro Sampaio Lacerda, presidente eleito, ter sido saco 'B' durante a guerra, já que este fora para a guerra como funcionário do Banco do Brasil, nunca tinha escutado um tiro. Depois, segundo os paranaenses, eles não eram nem de direita nem de esquerda.[995]

A retirada do grupo de combatentes paranaenses, acabou incentivando a criação de associação independente.O que competia aos paranaenses naquele momento?

> Sem abandonar o campo de luta, elaborariam seus próprios estatutos, trocariam o nome da Associação de modo a exprimir decisivamente sua independência, promoveriam a eleição dos camaradas que regeriam os destinos da entidade em sua nova fase. No dia 18 de março de 1947, em uma sessão no Circulo de Estudos Bandeirantes foram aprovados os estatutos da Legião Paranaense do Expedicionário.

Foram muitos os percalços da nova instituição, não havia ainda uma sede própria e tinham que contar com a boa vontade de outras entidades que lhes cediam

---

[994] PINTO, Dalton Feliciano. **Revista o Expediconário,** ano V, n. 54, Rio de Janeiro, junho de 1978.
[995] CONTI, Ítalo. Entrevista. Curitiba, 15 de junho de 2000, *apud* AMARAL, Maria do Carmo. **O Museu do Expedicionário um lugar de memórias**. Dissertação (Mestrado), UFPR, 2001.

espaços para reuniões. “Vivia a Legião, num clima de desconfiança por parte das entidades públicas”. O que veio a minorar essa questão, e dar credibilidade à nova Associação foi a vinda do general Oswaldo Cordeiro de Farias, como comandante da 5ª Região Militar.Tal fato repercutiu e novos sócios foram agregados, o que reforçou o modesto caixa da instituição que não tinha como sobreviver com tão poucos proventos.

A sociedade paranaense aos poucos vai ajudando a L.P.E., D. Herminia Lupion, esposa do governador, na época, apoiou a realização do espetáculo cinematográfico “Os melhores dias de nossa vida”, um filme que tratava da 2ª guerra mundial. “O povo curitibano correspondeu a confiança que nele depositou a L. P.E., o espetáculo constituiu um episódio de raro brilho social, ao mesmo tempo que representou um substancioso auxilio pecuniário para nossa entidade”.[996]

A L.P.E. continuava ainda sem uma sede própria, perceberam os combatentes paranaenses o quanto era necessário a edificação da Casa do Expedicionário, pois esta em termos de futuro, se tornaria depositária dos feitos da FEB. Para que tal projeto se tornasse realidade foi necessária uma aproximação da sociedade. A 2ª Guerra Mundial foi lembrada nos desfiles, que vão se tornando cada vez mais freqüentes. Á medida que a construção da Casa do Expedicionário tomou fôlego, datas e nomes de febianos eram insistentemente lembrados junto da população. Era necessário esse envolvimento como estratégia de perpetuação da memória dos que combateram na guerra. Recorreram-se a outras ações, abrem-se oportunidades a novos associados, agora não somente os combatentes, mas se permite a entrada de parentes, amigos e admiradores. “Dessa maneira, as medalhas de condecoração não estavam mais relacionadas ao uniforme militar, elas passaram a pertencer à esfera civil, como forma de reconhecimento pelo esforço na campanha em prol do grupo”.[997]

Várias campanhas em pról da construção da Casa do Expedicionário foram empreendidas. A sociedade de Curitiba se viu de certo modo envolvida com todas essas realizações, eram festas, jogos de futebol, bailes, quermesses, churrascadas e rifas de objetos. Dentre estes, talvez o mais expressivo tenha sido o sorteio de um

[996] LPE. A História da legião Paranaense do Expedicionário: Fundamentos Espirituais. **Revista do Jubileu de Prata da FEB.** Curitiba, 1970.
[997] AMARAL, *op. cit.,* p. 62.

automóvel Ford Custom de luxo, quatro portas, cor cinza–chumbo ano 1949, que rendeu recursos para a concretização do projeto arquitetônico.

Reforçando os laços de pertencimento os expedicionários do Paraná, atrelaram a inauguração da Casa do Expedicionário no dia 15 de novembro de 1951 à data da Proclamação da Republica:

> A população não faltou com sua presença. Altas autoridades civis e militares compareceram. Delegações de vários estados honraram com suas presenças. Entusiasmo indescritível quando, após o desfile em homenagem ao povo, vêm os expedicionários para a sua CASA, casa deles vivos, e também dos mortos por que a estes os expedicionários não esquecem nunca. O visitante que entrar no sacrosanto recinto onde cultuam os veteranos a memória dos que não voltaram, sentirá o respeito e saudade.[998]

FIGURA 24 – LEGIÃO PARANAENSE DO EXPEDICIONÁRIO

FONTE: Acervo da autora.

Vinte cinco anos depois da criação da L.P.E, em seu editorial comemorativo assim se expressou o seu presidente Hely Marés de Souza:

> A fim de manter viva a memória dos nossos heróis e assistir os egressos da guerra para a sua integração à sociedade, os expedicionários do Paraná liderados pelo ex-capitão Felipe Aristides Simão, criaram a L.P.E, albergue dos desajustados, templo de comunicação de civismo, laboratório da recuperação social do ex- combatente, Monumento Histórico a perpetuar a

[998] MATTOS, João Baptista, *op. cit.,* p. 174.

> lembrança daqueles que ofereceram o seu sangue nos campos de batalha.[999]

Anos de luta reverteram a situação dos expedicionários para que pudessem ser assistidos por legislação própria. A Casa do Expedicionário abdica então do seu caráter assistencialista e 1982, instituiu o seu museu, com expressivo acervo: além de armaria e munição, equipamentos, uniformes, documentos impressos e cartas geográficas catalogados de acordo com a museologia. Durante quase uma década o museu contou com o apoio de uma equipe técnica e multidisciplinar, que desenvolveu projetos educativos ligados às diversas escolas do Paraná e ainda incrementou exposições itinerantes. Estas constituíram ações paralelas, levadas a vários municípios no interior do Paraná. Neste contexto os veteranos e a equipe de trabalhadores, envolveram suas ações sobre um eixo-básico: trabalhar a guerra não como apologia ao belicismo, mas como aporte para a cidadania. A Casa do Expedicionário e o seu Museu, apresentam-se como espaço de cidadania e celebração.

O professor Dennison de Oliveira da Universidade Federal do Paraná estudioso da FEB, em artigo onde avalia a questão de Cultura e Poder nas cerimônias militares, demonstrou que a Tomada de Monte Castelo, ocorre sempre em dependências das instituições militares e de ex- combatentes.

> Não tenho noticias de outras entidades da sociedade civil ou do poder público que se dediquem a celebrar a data, pelo menos em Curitiba. Embora tais festejos sejam abertos ao público em geral podemos caracterizá-los, então como predominantemente, senão exclusivamente, de natureza militar. Nem sempre foi assim, claro, na medida em que existem indicações de que tal celebração já alcançou em outras conjunturas um público maior.[1000]

Apesar do esforço dos combatentes, a situação se repete em outros locais do Brasil onde a data é comemorada. Não há uma participação mais efetiva dos escolares e das pessoas da sociedade. Hoje é uma festa militar.

No Rio de Janeiro, onde o número de participantes da 2ª Guerra Mundial foi mais expressivo, pertencia também à Associação da Associação dos Ex-Combatentes do Brasil na sua sede central. Mas, quando a legislação que concedeu

---

[999] SOUZA, Hely Marés de. Editorial, **Revista do Jubileu de Prata da FEB**, Curitiba, 1970.
[1000] OLIVEIRA, Dennison de. **Cultura e Poder nas cerimônias militares das Forças Armadas Brasileiras**: o caso da vitória de Monte Castelo.UFPR, fevereiro de 2000.

a pensão foi abarcando outras categorias, aqueles que realmente combateram na Itália foram percebendo que lá eram minoria. Havia também problemas internos, questões doutrinárias divergentes, que, segundo os autênticos democráticos, obstruíam a ordem o os objetivos da Associação. O grupo se retira, e tenta se aglutinar. Na época formavam este grupo os componentes da FEB, do 1º Grupo de Caça, alguns oficiais da Marinha de Guerra e um oficial da Marinha Mercante. No dia 16 de julho de 1963, após a cisão, fundaram, o Clube de Veteranos, que em 1969 recebeu a denominação de Associação dos Veteranos da FEB. Em 1972, dada a sua expansão geográfica de modo surpreendente, passou à denominação de Associação Nacional dos Veteranos da FEB (ANVFEB).

A Instituição passa a ter sua marca própria, quando instituiu como presidente de Honra o Marechal João Batista Mascarenhas de Moraes e criou o Bastão Simbólico de Comando que passou pelas mãos de Cordeiro de Farias e até recentemente esteve nas mãos do último marechal da FEB, João Levi que faleceu aos 103 anos. Outro ponto de referência para os brasileiros, foi a instituição da Medalha Mascarenhas de Moraes em 1971, admirada pelas demais associações, por justamente homenagear o comandante da FEB.

O Monumento aos mortos no Rio de Janeiro foi idealizado por Mascarenhas de Moraes e teve a participação dos combatentes da ANVFEB. A construção teve início em 1957e foi concluída em junho de 1960, o objetivo de abrigar os brasileiros da FEB que tinham sido sepultados no Cemitério de Pistóia na Itália . Uma comissão foi organizada com este objetivo e ficou responsável de preparar a exumação dos 432 corpos que lá estavam. O monumento, talvez um dos mais expressivos, construídos para a FEB, foi projetado pelos arquitetos Helio Ribas Marinho e Marcos Konder Neto. O monumento ocupa uma área de 6.850 m2, em três planos: Plataforma, Patamar e Subsolo e foi inaugurado pelo presidente Juscelino Kubitschek.

FIGURA 25 – TRASLADO DOS MORTOS PARA O BRASIL

FONTE: Acervo da autora.

A ANVFEB no Rio de Janeiro possui um dos maiores acervos de material sobre a 2ª Guerra Mundial, que foram utilizados pela FEB. Também essa Associação editou uma revista com o objetivo de divulgar os episódios da Campanha, trata-se da revista O Febiano. As primeiras tiragens ocorreram em 1969, por longa data manteve a mesma estrutura editorial, publicando artigos referentes a episódios ocorridos durante a guerra, bem como crônicas, poesias, todas de cunho patriótico e músicas que relembravam os comandantes e comandados. Dada ao seu estilo versátil a revista agradava aos associados, pois seus enunciados estavam voltados todos para os ex- combatentes.

A Revista inaugurou uma seção que recebera o nome de ‘ Nossos heróis’, dedicada aos que haviam morrido na guerra. A cada publicação, obedecendo sempre uma ordem alfabética do primeiro nome, a revista destacava os dados mais importantes do biografado, desse modo cristalizando a memória para o vulto emérito entrar na história.

No início de suas atividades, a ANVFEB contou com presidentes atuantes que haviam se distinguido na Campanha da Itália, como o general Olívio Gondin de Uzêda, comandante do 1º Regimento de Infantaria da FEB e mais tarde o coronel Adhemar Rivermar de Almeida, que participou da campanha de Montese. Eram Homens comprometidos com seus soldados e detentores dos saberes episódicos do

campo de batalha. Dessas fases, os escritos tinham o objetivo de recordar os momentos marcantes, escrever sobre eles, provendo assim, o enraizamento da memória e dela tirar ensinamentos, dos valores, dos ideais e do patriotismo que conduziram esses homens para a guerra.

A ANVFEB, foi a Associação que mais cresceu em todo o Brasil, na década de 1980 e 1990, chegou a ter 41 regionais ligadas à Direção Central do Rio de Janeiro. Nesta fase as regionais eram muito atuantes e garantiam a subsistência da Associação com um número elevado de associados. No Rio de Janeiro chegou a ter 7.000 mil sócios e no interior cerca de 6.000 mil. Nesta época deram início aos Encontros Nacionais, que se revestiam de grande festa de confraternização entre os participantes de todo o Brasil. Certa independência se percebia nesses Encontros, pois eles eram os organizadores.

Hoje tais Encontros são idealizados pela ANVFEB, mas supervisionados pelo Exército, e com um caráter estritamente militar, onde Exército busca carona nos eventos da FEB, para glorificar o Exército de Caxias. Perdeu-se o brilhantismo da confraternização e do aspecto cultural que eram dados pelos combatentes. Há pressa nesses eventos, encarados como uma missão que tem que ter horários rígidos e uma disciplina hierárquica que a FEB já esqueceu.

Até que ponto a ditadura militar inferiu nos assuntos da FEB, seria uma questão a se debater. Muitos comandantes que retornaram da Itália, alçaram por merecimento e dentro da hierarquia militar postos graduados até o generalato. Quantos participaram da Revolução chamada 31 de março? Demandaria de um estudo mais profundo. Olhando os nomes com vagar, se percebe que muitos serviram à ditadura, e mantiveram silêncio. Não cabe aqui o julgamento precoce dos fatos, sem uma análise mais profunda dos fatos. Seria improcedente e inteligível envolver a FEB como um todo neste processo.

A morte do marechal Mascarenhas de Moraes 1968 constituiu um grande golpe para a FEB. As honras fúnebres, prestadas ao general se revestiu de um aparato dado apenas a nomes de grande significância na história brasileira. Mensagens de outros exércitos chegaram das partes mais longínquas do país. A revista O Febiano dedicou todo um caderno, o de número 22 em homenagem ao general. Assim como Max Wolff, Mascarenhas de Moraes, era agora homenageado pelos homens que ele comandou na Itália. Neste número foram publicados todos os

elogios da folha militar de Mascarenhas de Moraes, bem como as apreciações dos eventos em que ele participara no comando da FEB. Tais honrarias, neste dia, diferiam muito das jornadas do início do julho de 1945, quando Mascarenhas, retornando da guerra, desceu quase incógnito no aeroporto do Rio de Janeiro. Acabou recebendo os cumprimentos e as boas vindas da guerra em sua residência. Nesta perspectiva, perguntamos: Por que o relatório de guerra de Mascarenhas de Moraes, transformado em livro foi editado a primeira vez na Argentina, o que impediu a sua impressão no Brasil?

FIGURA 26 – MASCARENHAS DE MORAES COMANDANTE DA FEB

FONTE: ARBIZZANI *et al.* (1994, p. 143)

Outros tempos naturalmente, as mensagens catalogadas pela revista *O* Febiano em homenagem ao marechal Mascarenhas de Moraes, mostraram a personalidade do marechal e como ele era visto pelas pessoas. Uma delas expressa a força à mística criada em torno do comandante: “Se grande foi o General de Guerra, menor não foi o cidadão da Paz. Fiel servidor de sua FEB, primeiro escreveu a sua história, depois cuidou de seus mortos e dedicou o resto da vida a zelar pela vida dos combatentes”.[1001] Nesta perspectiva, a FEB perdera o seu condutor, grande

[1001] REVISTA O FEBIANO. Homenagem póstuma a um grande comandante. Boletim n. 22, ago., set., out. de 1968.

homem, quase um pai. Se fazia urgente escrever a sua história, registrar os fatos episódicos, lembrar de Mascarenhas era recordar da FEB, era enaltecer o soldado brasileiro.

Neste aspecto, vai buscando a FEB demarcar a sua história. Na iminência da aceleração do tempo, como disse Pierre Nora , se assegura a memória acumulando religiosamente os vestígios, os testemunhos, os documentos, as imagens, os discursos, sinais visíveis do que foi, como um dossiê prolifero a comprovar os fatos.[1002] Para os febianos constituíram-se as associações momentos oportunos para esses registros.

Dos acervos mais completos e que sobreviveram sob o cuidado dos ex-combatentes, é possível destacar a Casa da FEB no Rio de Janeiro, o mais expressivo, mas ameaçado pela falta de manutenção. Durante anos localizado na rua das Marrecas, no Rio de Janeiro, tem sofrido pela infestação de todo o tipo de insetos, que destroem papeis, livros, e toda sorte de material raro. A situação grave que se abate hoje sobre a instituição, não diz respeito apenas ao material, mas também ao destino a ser dado a todo o acervo.[1003] Por mais de 60 anos coube a eles essa tarefa. Outra confusão diz respeito ao prédio da sede construído em terreno do governo do Rio de Janeiro, um imbróglio que ninguém conseguiu resolver até o presente momento. Hoje pesa a decisão de entregar este acervo, a propensão é que seja colocado em um dos museus militares do Rio de Janeiro, provavelmente no Forte Copacabana.

Espelhando-se na Direção Central da ANVFEB no Rio de Janeiro, os combatentes das seções regionais se sentiram estimulados a criar seus pequenos museus. Os acervos foram coletados entre os combatentes, que se dispuseram a fazer o repasse das relíquias de guerra, para que mais pessoas pudessem vê-las. Para se narrar a história, não bastava o bem material, era necessário o testemunho.

Muitas das regionais da ANVFEB, funcionaram e estão até hoje em sedes provisórias. Em Florianópolis, foi cedido pelo governo de Santa Catarina, uma sala

---

[1002] NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. *In:* Les lieux de mémoire. La Republique, Paris, Gallimard. Tradução de Yara Aun Khoury, 1984. **Projeto História**, São Paulo, (10) dez. 1993, p. 15.

[1003] N.A.: As noticias mais recentes indicam que a sede central da ANVFEB passa por reforma bem como o seu acervo está sendo revitalizado com ajuda de entidades particulares. Para dirigir a Associação abrem-se perspectivas dos sócios e colaboradores comporem também os quadros diretores além dos próprios combatentes.

que funciona também como museu. Grande parte da antiga diretoria já não existe mais, e sobrevive ainda pelo esforço de parentes e amigos dos expedicionários.

Outra regional que tem se mantido com muito esforço por parte dos combatentes é a regional da ANVFEB de Belo Horizonte, que conta ainda com um grupo ativo de associados, entre febianos, parentes e admiradores. Seu pequeno museu é também expressivo na guarda da memória da FEB.

A Regional de Porto Alegre, em homenagem ao general Mascarenhas de Moraes, transferiu todo o acervo que detinha em sua sede, transferindo-o para São Gabriel, terra natal do comandante da FEB a 13 novembro de 1992. Segundo a orientação museológica o acervo se divide em duas épocas, antes e depois da guerra. "A história contada através e pelos troféus de guerra é viva e contemporânea. Cada peça é um momento de terror, de desespero, de destruição que sacrificou e marcou gerações".[1004]

Na febre da criação de pequenos museus, na verdade, acervos de guerra, as unidades menores como Petrópolis, mantém ainda hoje suas exposições. Outras unidades pelo interior do Brasil, foram desativadas pela ausência dos expedicionários e entregues às unidades do exército locais.

Junto com as Associações organizaram-se os Encontros, Convenções, Passeios, Reminiscências e Exposições, objetivos que não as diferenciava uma das outras. Pelo discurso a FEB se faz conhecida e forte como entidade de expressão pública dentro das suas reivindicações. Esta última diz respeito aos benefícios pelos quais têm se batido as associações.

Entre a legislação oficial e o enquadramento das categorias com direito à pensão dos participantes da guerra, foi uma longa caminhada. Em primeiro lugar estavam as famílias dos mortos, dos desaparecidos e das vitimas de torpedeamento em águas nacionais, seguidos dos incapacitados parcial ou totalmente, neste caso os mutilados de guerra e os que haviam adquirido doenças no *front,* e por último as aposentadorias e pensões destinadas aos que fossem considerados ex-combatentes.

Os primeiros a serem atendidos pelas pensões foram os familiares dos mortos em campo de batalha, ainda em 1945.Os familiares dos desaparecidos recebiam uma pensão condicional. Já os mutilados e neuróticos de guerra tinham

[1004] SOUZA, José Conrado de. **Catálogo da História do Museu Gaúcho da FEB.** ANVFEB de Porto Alegre, 1992.

que passar por uma junta médica e /ou psiquiátrica, para terem o respaldo da pensão. As doenças tinham de ser detectadas logo após o desembarque, as que se manifestaram depois não foram levadas em consideração pelas juntas médicas, ocasionando muitas injustiças entre os que ficaram doentes depois e morreram sem deixar qualquer tipo de assistência às suas famílias.A partir do anos 60 é que se concedeu um amparo maior aos combatentes e finalmente, em 1980 os benefícios foram extensivos a todos que participaram diretamente das operações de guerra, situação que coloca em pé de igualdade os que realmente tiveram em combate na Itália e os que ficaram de prontidão no Brasil.

Com diz o pesquisador Francisco Ferraz:

> Além das dificuldades de reintegrar-se socialmente e profissionalmente, além de competirem um espaço no imaginário coletivo com futebolistas, astros de rádio e televisão, os expedicionários ainda sofreram outra desvalorização de seus feitos, esta mais insidiosa: a extensão de vantagens concedidas por seus méritos pela participação da guerra a grupos cada maiores de não combatentes.[1005]

O que pensar do atual momento vivenciado pela FEB, da heróica expedição cantada em prosa e verso nos idos de julho de 1945 durante o desembarque do 1º Escalão da FEB no Rio de Janeiro? O porque do esquecimento, é algo que possa a remontar a diversas hipóteses, todas plausíveis de explicações, dependendo do viés que se queira analisar. Como se demonstrou nesta pesquisa, toda a mídia voltada para o embarque da FEB para a Itália, bem como a condução das noticias que alimentavam as redes jornalísticas durante o Estado Novo, ficaram praticamente centradas no Rio de Janeiro, local de onde saíra seu contingente maior. O restante do Brasil não tomou conhecimento, a não ser pelos familiares dos embarcados. Uma guerra feita fora do território brasileiro, não criou problemas para a população a nível do que passaram as populações da Europa. Aqui houve racionamento de alguns produtos, mas nada tão sério que viesse causar problemas de abastecimento.

Mesmo no empenho das Associações de Combatentes de modo geral, no sentido de prolongar através dos seus descendentes e associados o 'espírito febiano', este mergulhou no desinteresse dos próprios filhos, destaca-se neste caso a tentativa da L.P.E de Curitiba ao tentar criar o ' clube do cobrinha', onde os filhos

[1005] FERRAZ, *op. cit.*.

de combatentes participariam dos eventos da Associação. Infelizmente ficou apenas no projeto.

Por outro lado, as revistas O Expedicionário e O Febiano, com edições restritas, serviam apenas aos assinantes associados, com discursos voltados somente a essa categoria. As outras ações encetadas pela criação de museus, as exposições itinerantes e eventos localizados, ficaram restritas a pouquíssimo público e com o passar do tempo, ninguém mais se aventurou a levar adiante essas propostas.

Também as diretorias das associações, não se revezaram, eram quase vitalícias, com presidentes que se perpetuaram na administração, como aconteceu à sede central da ANVFEB no Rio de Janeiro e a regional de Porto Alegre. São explicitas as situações de que algumas associações não conseguiram acompanhar o tempo, não se modernizaram, mantiveram- se fechadas focando o mesmo discurso. Tardiamente a população foi convidada a participar. Uma guerra que ocorreu fora do Brasil, deixou como testemunho poucas pessoas que vivenciaram esses momentos, muitos já não existem mais, outros eram crianças. Quem lembra desta guerra? Por outro lado, há que se levar em consideração a análise abaixo e que incide na questão do desconhecimento da participação brasileira na 2ª Guerra Mundial:

> [...] a dificuldade de muitos historiadores profissionais em aceitar as pesquisas realizadas por historiadores militares de carreira, alem do preconceito arraigado na comunidade de historiadores, de origens, predominantemente políticas, a ' tradição' de intervenção militar na política brasileira coroada com as péssimas relações entre o mundo universitário e o regime militar de 1964 afastou os historiadores.[1006]

A historiografia não acompanhou a história da participação brasileira na 2ª Guerra Mundial e por conseqüência esta guerra não está nos compêndios escolares de forma mais didática e esclarecedora.

O tempo para a FEB tem sido inexorável, por mais esforços que tenham feito os combatentes no passado, hoje no limiar da idade em que muitos se encontram, já não tem mais condições de dar continuidade aos objetivos que se propuseram há mais de 60 anos. A medida que os anos foram passando, já não há os curiosos para

[1006] HANSON, Victor Davis. The dilemas de contemporary military histórian. *In:* GENOVESE, Elizabeth; LASCH-QUINN, Elizabeth (eds). Reconstructing History, the emergence of a New Historical Society. New York.**I Simpósio Internacional de História Militar**, *apud* FERRAZ, *op. cit.*.

perguntarem sobre a guerra de 1944-1945, quando se aborda este tema em algumas rodas, as pessoas, meio que incrédulas, podem até arriscar uma pergunta: - Mas afinal de guerra você esta falando mesmo?

Mesmo as galhofas já não existem mais: - vocês foram mesmo para guerra?- Foi um belo passeio, não? – morreu gente, estão enterrados em Pistóia?- Morreram em desastres de jeeps, dizem que os brasileiros dirigiam muito mal.

Na metodologia de pesquisa que envolveu a presente pesquisa, como instrumento de investigação, organizou-se um conjunto de 10 perguntas abertas que denominamos Cadernos de Lembranças e foram respondidas por 20 ex-combatentes. No aspecto focado, perguntamos: *Em relação à sociedade brasileira, como um todo. Você diria que*:

Houve e ainda existe um reconhecimento do valor do soldado brasileiro que combateu na Itália?

Este reconhecimento foi passageiro?

O que fizeram os veteranos para não serem esquecidos.?

De que forma o governo brasileiro poderia hoje valorizar os soldados combatentes?

Segundo o combatente Aristides Saldanha Vergés, de Curitiba-Pr, que pertenceu ao 6º RI, respondendo à pergunta disse: "Nos primeiros tempos (o reconhecimento) até que houve, mas foi passageiro. Até hoje tem gente que tem dúvidas de brasileiros ter participado da guerra na Itália".[1007]

Já o soldado Anselmo Bonelli de Blumenau-SC, disse que: "o reconhecimento veio sim, muito mais tarde. Mas foi momentâneo".[1008]

O tenente Ruy Fonseca, do Rio de Janeiro disse que o reconhecimento "veio mais tarde, mas não para todos, e que as Associações dos combatentes, foram as únicas que conseguiram apoiar o combatentes e que da parte do governo deveria ter mais atenção aos acervos e museus das instituições pertencentes às Associações".[1009]

O combatente João Albuquerque, hoje secretário da Associação dos Ex-Combatentes seção de São Paulo, respondeu que no início houve reconhecimento por parte da população, mas as novas gerações e mesmo os mais velhos ignoraram

[1007] VERGÉS, Aristides. **Caderno de lembranças,** Curitiba maio de 2007.
[1008] BONELLI, Anselmo. **Cadernos de lembranças**, Blumenau, maio de 2007
[1009] FONSECA, Ruy. **Cadernos de Lembranças**, Rio de Janeiro, maio de 2007.

totalmente o papel da FEB, 62 anos se passaram e ninguém mais lembra que o Brasil participou da 2ª Guerra mundial.[1010]

O capitão Jairo Junqueira da Silva, disse que o governo brasileiro deveria lembrar dos combatentes através dos curriculos escolares para que as gerações compreendessem o valor da FEB. Sobre o reconhecimento público, disse que a Associação dos Ex-Combatentes que ele dirige em São Paulo (capital) com recursos próprios inaugurou o monumento aos soldados da FEB. Não tiveram apoio algum do Exército ou da comunidade, e que o projeto ficou emperrado por dois anos diante do desinteresse.[1011]

Para o soldado Antonio Gonzáles, as Associações do Ex-Combatentes são as únicas que mantém a chama viva da FEB.[1012]Antonio Rolim Valença, que na guerra combateu no 1ºR.I., (O Sampaio), chama a atenção para a luta das Associações e diz que a legislação sobre as pensões deixou muito a desejar, a partir do momento em que alguns prosseguiram na carreira militar no Exército, não tiveram o reconhecimento de ex-combatente para efeito de pensão.[1013]

> Do balanço que se fez das respostas desses e de outros questionários respondidos na ocasião, é que os combatentes brasileiros, de certa forma expressaram a sua decepção, seja com a geração atual, com as autoridades, com o exército brasileiro. Mas afirmam que ainda brilha a chama do combatente que desembarcou no Rio de Janeiro em julho de 1945, cheio de planos e do amor incondicional pelo Brasil. A idade não constitui problema para esses velhos soldados. – As Associações significam os valores por quais eles sempre se bateram e que a missão do soldado assim como a da FEB será permanente.

[1010] ALBUQUERQUE, João. **Cadernos de lembranças**, São Paulo, maio de 2007.
[1011] JUNQUEIRA DA SILVA, Jairo. **Cadernos de lembranças**, São Paulo, 5 de julho de 2007
[1012] GONZALES, Antonio. **Cadernos de Lembranças,** São Paulo, 5 de julho de 2007.
[1013] VALENÇA, Antonio Rolim. **Cadernos de Lembranças**, Petrópolis, 20 de maio de 2007.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Há 64 anos, as forças aliadas que combateram contra o nazi-fascismo, durante a 2ª Guerra Mundial, faziam ruir por terra as armas do eixo Berlim-Roma-Tóquio, dando fim a uma guerra que iniciara em 1939. No maior conflito mundial ocorrido em época contemporânea, a participação do Brasil, por meio da Força Expedicionária Brasileira, foi modelar, elogiada pelo V Exército Americano, cumprindo o seu papel na defesa das liberdades.

A participação brasileira na 2ª Guerra Mundial tem suscitado pesquisas relevantes, embora o número de pesquisadores sobre o assunto seja considerado pequeno. Nesse aspecto, a historiografia disponibilizada até o momento é restrita: geralmente, são estudos com base no que foi até agora produzido sob a ótica dos comandantes, tendo como ponto de partida o relatório do comandante Mascarenhas de Moraes: um estudo complexo, que ele editou logo no pós-guerra em *A FEB pelo seu Comandante*.

Na perspectiva de conhecer e compreender a Força Expedicionária Brasileira na ótica dos combatentes, a presente pesquisa privilegiou como fontes principais seus diários e testemunhos: memorialistas, embora soldados e oficiais que estiveram em frente de batalha. Para grande parte dos pesquisadores, esses documentos durante longos foram relegados a um segundo plano, considerados de pouca consistência histórica e ufanistas demais.

Os relatos dos soldados brasileiros sobre o passado longínquo da guerra marcaram um tempo e representaram o olhar de cada um sobre os acontecimentos. Relatos singulares a dizer os motivos que antecederam à convocação, os preparativos para a guerra, a vida nos acampamentos, o enfrentamento nos pesados combates que culminaram com o fim da guerra e o retorno ao Brasil. Na condução da pesquisa, buscou-se perceber o sentido desta narrativa, como foi conduzida e que vinculação se fez da experiência do tempo passado em relação ao presente.

O sentido histórico que se procurou na narrativa dos pracinhas brasileiros dizia respeito à percepção, interpretação, e à motivação que esses homens tiveram para anotar os acontecimentos em seus diários. Mas, ao mesmo tempo, as questões instigantes buscavam a compreensão, no sentido de perceber a relação dos relatos

dessas personagens nas suas experiências e de que modo elas vieram a incidir nas maneiras de agir.

Na abordagem das fontes que direcionam a presente pesquisa, buscou-se a "cena originária", descrita pelos soldados em seus relatos. São as marcas indeléveis dos sacrifícios a que foram submetidos na guerra em terra estrangeira, em que se permite perguntar: Por quê? Como? Onde? Perguntas orientadoras da narrativa histórica proposta nesta pesquisa, lembranças dos homens, um dia soldados na Itália, compondo lições profundas do passado, emergidas do tempo a orientar o presente.

Buscou-se trabalhar com os diários já editados, pela dificuldade de abordagem da documentação original. Os diários foram publicados em fases diferentes, entre as décadas de 1970 e 2002. Poucos usaram o título "Diário", geralmente o termo usado é 'Memórias', sempre demarcadas pelas anotações feitas na guerra. De maneira geral, os combatentes fizeram uso de uma cronologia diária, como foi o caso do médico Massaki Udihara, de Edgard Eckert, de Ítalo Diogo e de Ruy Fonseca. Outros fragmentaram os assuntos por tópicos e cronologia, como ocorreu com as memórias de José Alves, Ernani Ayrosa, Alípio Côrrea e Rudimar Marconi. O combatente Klas, em suas memórias, abordou as questões da retirada de Guanella e o processo militar que incidiu sobre a retirada da 1ª Cia. do 1º Batalhão do 11º R.I. e o combate frustrado de Monte Castelo no dia 2 de dezembro de 1944. Já o soldado Leonércio Soares escreveu os episódios da FEB em forma de um conto, o mesmo acontecendo com Boris Schanairdeman. Ambos apresentaram-se como narradores dos fatos da FEB, situando-se nos episódios em que foram envolvidos com os companheiros, mas usando nomes fictícios para as suas personagens. O único diário manuscrito a que se teve acesso foi o da enfermeira Guilhermina Gomes, datado de 1946.

Há que se avaliar que os escritos produzidos nessa fase constituíram-se de um número restrito de memorialistas, em função da pouca formação escolar que detinham os soldados. Os testemunhos mostram que mesmo as cartas que eram enviadas para as casas durante a guerra, geralmente, eram escritas, a pedido, por pessoas conhecidas. O relato oral dos soldados, nos últimos tempos, tem ficado restrito aos pesquisadores e aos temas de escolha para a produção de seus trabalhos. Mesmo o Exército Brasileiro em suas pesquisa de história oral, no ano de

2000, não registrou os depoimentos dos soldados. Por questões de escolha, foram registrados apenas os depoimentos dos oficiais.

Da narrativa dos diários, percebeu-se, em muitas ocasiões, as vozes sintonizadas com os fatos que envolveram a convocação, a falta de emprego no interior do Brasil e as poucas perspectivas que o futuro apresentava, como aconteceu ao soldado José Conrado, a Oudinot Viladino e a Miguel Pereira, que viram na carreira militar, ou na convocação, uma maneira de conseguir trabalho em tempos difíceis.

Quando da instalação do Estado Novo, grande parte dos recrutas brasileiros já tinham 15 anos de idade e os oficiais eram um pouco mais velhos. Os soldados que haviam conseguido freqüentar as escolas, na cidade ou na zona rural, passaram por ensinamentos que fortaleciam as raízes brasileiras, tão defendidas pelos intelectuais que se firmaram no discurso modernista de 1924. Mais tarde, durante a implantação do Estado Novo, esses mesmos intelectuais ocuparam cargos chave na administração pública brasileira, seja no campo da Educação, Cultura, Justiça ou em outras esferas.

Os pensadores do Estado Novo viam a sociedade civil como um corpo conflituoso, indefeso e fragmentado. Nessa perspectiva, se corporificou no Estado a idéia de ordem, de organização, de unidade, pois somente o ele poderia fazer funcionar com harmonia todo o organismo social; portanto, era o cerne da nacionalidade. Do Estado, partiram as intervenções em um caudal considerável que se estendia da política econômico-financeira à política trabalhista, à reforma administrativa, abarcando a política externa, as forças armadas e a educação. Os idealistas esboçaram uma nova concepção de mundo, e o projeto político pedagógico vai educar coletivamente. A mola propulsora de todo esse empenho foi a valorização das coisas brasileiras.

O Ministério da Educação, dirigido por Gustavo Capanema, se ocupou da educação formal e erudita e contou com as figuras expoentes da literatura, ligadas aos projetos modernistas, como Carlos Drummond de Andrade, Lucio Costa, Oscar Niemeyer, Candido Portinari, Mario de Andrade, dentre outros. O D.I.P., por sua vez, foi assessorado por intelectuais como Cassiano Ricardo, Menotti Del Picchia e Candido Motta que, com seus pensamentos centralizadores, organizaram a política cultural destinadas às camadas populares.

Do D.I.P., partiram as ações mais concretas e sofisticadas de que se lançou mão. Os meios de comunicação como o rádio, o cinema, o teatro e a imprensa, principalmente a escrita, foram as formas adotadas e objetivas no cumprimento de metas adotadas em relação ao grosso da população. Da Agência Nacional, partiam as notícias que o D.I.P. permitia publicar e que eram repassadas a outras sucursais jornalísticas. Durante a guerra, as notícias sobre a atuação da FEB passaram pelas censuras militares norte-americana e brasileira e chegaram às redações. Lá, foram adaptadas a uma linguagem grandiloqüente, que enaltecia a FEB malmente desembarcada no porto italiano.

Do projeto de brasilidade, a intenção de aproximar o poder público da população foi aos poucos se concretizando. As várias estratégias chegaram aos centros maiores, por meio do cinema e de documentários de propaganda, também pelo rádio, música e teatro. No interior brasileiro, embora os meios de comunicação não facilitassem tanto, o rádio era o centro divulgador das notícias. Os eventos cívicos eram estimulados e as paradas escolares tinham a participação não apenas dos escolares, mas da comunidade como um todo, em cujas homenagens os vultos históricos eram encaixados e o grande herói Caxias, o soldado de vida exemplar, era lembrado, como a mostrar um passado heróico, que o novo Estado se propunha a recuperar. A sociedade brasileira e, por conseqüência, os soldados que depois iriam para a guerra, não fugiram a esses ensinamentos. Às ações desencadeadas pelo Estado Novo, juntavam-se sociedades organizadas como, por exemplo, a Liga de Defesa Nacional e a Legião Brasileira de Assistência, que, em seus discursos patrióticos, perpassaram à sociedade brasileira os valores em que acreditavam.

A partir de 1930, as mensagens vinculadas a Caxias não enfatizaram apenas a legalidade e a disciplina, mas a fusão do Exército e da Nação. No Estado Novo, a imprensa brasileira assumiu o discurso patriótico, tão enfatizado pelas correntes idealistas e, na condução de seus editoriais, reforçou os laços de pertencimento. Projetou-se a imagem da FEB como a vanguarda da nação.

A inserção da imagem de Caxias nos discursos dos combatentes brasileiros é explícita quando da chegada do 1º Escalão da FEB ao território italiano. No acampamento de Vada, no dia 25 de agosto, o Dia do Soldado foi comemorado e citado em vários diários. Poucos tiveram um aporte mais reflexivo e crítico nesse sentido da comemoração. De certa forma, a celebração havia sido introjetada, não

apenas pela tomada do enraizamento da memória pensada pelo Estado Novo, mas paulatinamente trabalhada já há quase uma década pelos mesmos intelectuais que serviram à ditadura.

Nos discursos efetuados no acampamento de Vada, onde estavam acantonados os recrutas do 6º R.I., do 1º Escalão brasileiro, por ocasião do Dia do Soldado, a presença do general Mark Clark é lembrada, afirmando que naquele momento estava presente a nata do exército brasileiro. 'Estais bem equipados'. Tal afirmativa não condizia com a realidade. A FEB havia desembarcado sem armas e equipamentos. O general americano sabia que antes de armar a Divisão Brasileira que estava chegando à Itália, e mesmo as forças norte-americanas lá estacionadas, teria, por prioridade, preparar as Divisões Americanas que iriam participar do desembarque na Normandia. Nesse dia, segundo os diários de vários pracinhas, após muitos ensaios, o Batalhão cantou com orgulho o "Deus Salve a América". Os soldados estavam contrariados, não com a presença do general, mas pela obrigatoriedade de cantar. Eram as ordens emanadas do comandante da infantaria, Zenóbio da Costa.

Nos quartéis brasileiros, funcionou, até 1890, o Regulamento Benjamim Constant. Nesse ideário, o soldado era visto como um cidadão armado, corporificador da honra nacional e cooperador do progresso, na garantia da ordem e da paz públicas. Duas décadas depois da Proclamação da República, o ideário dos jovens militares tinha o mesmo peso do discurso positivista, que prevaleceu em muitas fileiras, mesmo após a Missão Francesa ter passado pelo Brasil. Incorporou-se nesta fase, entre os oficias de carreira, uma nova visão de mundo, adquirida nas leituras indicadas pelos militares franceses, cujo objetivo era incutir e reproduzir entre os militares brasileiros as qualidades do exercito francês, um dos maiores do mundo. O simbolismo do exército nacional é reforçado pela representatividade de figuras militares, dentre as quais Luiz Alves de Lima e Silva, o Caxias, ocupa o patronato mais importante do Exército Brasileiro.

A aproximação de Vargas com os militares colocou em evidência a pessoa de Góis Monteiro, que ocupou o cargo de Ministro Chefe do Exército. Muitas das ações empreendidas dentro dos quartéis passaram a existir também fora deles. Preocupava-se o Ministro da Guerra, Eurico Gaspar Dutra, com o entrosamento entre os militares, os demais órgãos do governo e a sociedade civil. De acordo com

os novos padrões educativos, buscava-se o cidadão soldado. Nesse intento, o governo e o Exército contaram com apoio dos intelectuais, como Olavo Bilac, um dos defensores do serviço militar obrigatório, pois, a seu ver, esse seria um triunfo completo da democracia e iria proporcionar o nivelamento das classes, a disciplina, a coesão, um laboratório de dignidade e patriotismo.

Na polissemia dos discursos que gravitaram em torno da sociedade brasileira, os soldados acabaram reproduzindo o pensamento nacionalista, que chegava de várias frentes, seja do ideário estadonovista ou do positivismo, que ainda era vigente nas fileiras do Exército. Na trilha do projeto educativo, reforçou-se a tutela pedagógica dos jovens, em que deveriam se sobressair a educação cívica, o asseio e a higiene. Os jovens até 17 anos constituíam o alvo do governo. Nesse aspecto, os soldados brasileiros, futuros recrutas da FEB, de alguma forma, receberam os ensinamentos voltados para a Juventude Brasileira, que reafirmavam o amor ao dever militar, a consciência e a responsabilidade do soldado, o cultivo de valores cívicos.

O discurso perpassava a ação. É assim que os soldados, mesmo nos momentos mais angustiantes, expõem em seus diários e testemunhos o destino reservado aos soldados. Nas suas reflexões, mesmo os mortos e mutilados cumpriram o mais elevado dever patriótico, aquele da mocidade que se aprestou a servir a nação. Para muitos combatentes, a dignidade do patriotismo armado não estava no matar, mas no morrer. O heroísmo estava na serenidade demonstrada diante da morte, de alguém que combatera pela verdade, pela liberdade, pela honra e pelo bem. Essa atitude de resignação aparece em vários testemunhos, por ocasião da perda de um companheiro.

Não havia entre os combatentes uma forte convicção das lutas pela liberdade e do seu significado. Repetiam-se os slogans da democracia. Poucos descrevem uma situação mais reflexiva e crítica em seus diários e memórias. A guerra lá fora do país fora encarada como uma missão da FEB. Nos questionamentos de hoje, quando perguntados se iriam à guerra novamente, a maioria respondeu positivamente.

O civismo e o comprometimento com a pátria brasileira estão em quase todos os diários. Mesmo por ocasião da convocação, quando da chamada pelos meios de comunicação, os que aderiam ao chamado para compor os quadros da FEB citam o

civismo como a maior motivação que os impeliu a gesto tão comprometedor. No Rio de Janeiro, na imprensa local, repercutiam ainda as notícias de torpedeamento dos navios brasileiros em águas nacionais e o grande número de vítimas. Movido por essa questão, o renomado cirurgião carioca, Dr. Alípio Côrrea, deixou registrado em suas memórias: 'Dentro desse pensamento e impelido por esse sentimento, julguei, por obrigação cívica, pôr-me à disposição das autoridades'.

Entre a posição dos combatentes e os motivos que os levaram a combater na Itália, estavam interesses particulares da participação brasileira na guerra. De um lado, o presidente Getúlio Vargas, tentando reestruturar seu governo e fugir um pouco do foco das atenções. Era notório que a imprensa brasileira, com a saída dos escalões da FEB para a Itália, buscaria outros alaridos para colocar nas manchetes. Por outro lado, também os militares tinham o seu interesse em aderir à guerra na qual a FEB seria coadjuvante. Significaria, no futuro, ter acesso a técnicas modernas de combate, além da projeção internacional, que alçaria o exército brasileiro à condição de vanguarda em relação aos outros exércitos sul-americanos que não participariam da guerra.

Sobre as lembranças dos quartéis cariocas que deveriam abrigar os soldados durante os preparativos para a guerra, há quase uma unanimidade nos depoimentos quando se faz referência às péssimas condições encontradas. Isso dizia respeito aos alojamentos e à falta de higiene em todo o acantonamento. A aglutinação de milhares de homens em um mesmo lugar dificultou os preparativos finais dos regimentos antes da partida. Como disse um combatente, poucos irão esquecer as condições em que encontraram o quartel do Capistrano. As filas intermináveis do rancho e dos banheiros criaram um ambiente de descontentamento, que era contido apenas com a rígida disciplina militar. Faltavam armários para se colocar objetos pessoais e foram usadas até estrebarias para acomodar os homens. Triste situação para quem estava para embarcar para a guerra. Como registraram os soldados, as pessoas de elite fugiram da convocação. A FEB foi constituída por homens simples, trabalhadores, em sua maioria, vindos da zona rural.

Do relato da seleção médica, os dados obtidos mostraram a diversidade como os exames foram realizados nas diversas seções de saúde do Exército espalhadas pelas regiões brasileiras. Dos cento e vinte mil examinados, uma minoria foi aprovada, pois, em alguns lugares, os critérios foram rígidos demais, enquanto

em outros serviram de facilitadores para compor os quadros da FEB. Muitos não reuniam condições de embarque. Até portadores de doenças venéreas adentraram aos navios. Mal chegados a Nápoles, baixaram nos hospitais americanos para se curar do problema. Pelos relatos, verificou-se quanto se bateram os médicos, na fase da seleção médica, para atender às premissas do aliado norte-americano, do qual o Brasil era signatário: Os recrutas deveriam ter saúde perfeita, altura e dentição. É intrigante esse comprometimento do Exército Brasileiro há sessenta anos, com o sério histórico das questões de saúde do brasileiro que sempre pesaram na sociedade.

A partida dos combatentes para a guerra constituiu um dos momentos mais emocionantes dos depoimentos, somente suplantados pelo retorno da FEB e pelas recepções que aconteceram em julho de 1945. A despedida das famílias mostrou como foi difícil o momento da separação. A figura dos pais foi sempre muito forte nos depoimentos. Os homens partiam para uma guerra que não lhes fora muito bem explicada, não tinham muito conhecimento do que os esperava. Foi natural que colocassem essas apreensões no relato de seus diários. O que os esperava na guerra? A viagem em si, feita com navios descomunais, e a ameaça constante da presença de submarinos alemães causavam uma sensação de insegurança para aqueles que viajavam pela primeira vez.

No desembarque dos escalões em Nápoles, a dura realidade foi exposta aos brasileiros. Das narrativas, emerge o impacto de verificar o que os bombardeios haviam feito à cidade. A miséria da população foi escancarada aos soldados. A falta de alimentos era gritante, as cantinas e bares vazios mostraram o inimaginável. O câmbio negro grassava pelas ruas: tudo tinha valor de troca, mas a prostituição das jovens italianas, muitas com a aquiescência das famílias, foi a questão mais chocante, mesmo para os que não tinham padrões morais tão definidos.

A presença de outros exércitos pela cidade, as fardas multicolores, tudo era uma grande novidade para os soldados brasileiros. Muitos, pela primeira vez, saíram de suas casas e, movidos pela curiosidade natural dos jovens, buscaram desvendar a cidade, mas também ir além dela, percorrendo as vizinhanças em busca de aventuras. Segundo os depoimentos, os pequenos lugarejos ao redor de Nápoles foram praticamente invadidos pelos soldados brasileiros.

Nos acampamentos, em Agnaro, em Nápoles, depois em Tarquinia, Vada e San Rossore, bem como nos povoados por onde os soldados iam passando com seus regimentos, o contato com a população italiana passou a ser mais amiúde. A facilidade da língua latina permitia essa aproximação. Não faltou o espírito generoso da tropa brasileira em alimentar essa gente, quando houve oportunidade. As aglomerações nas portas dos acampamentos, formadas por mulheres, velhos e crianças, aparecem em todos os depoimentos. Os clamores da população famélica não passaram despercebidos e são descritas em várias passagens. A cantilena sensibilizou os corações dos jovens recrutas que, mesmo contrariando as ordens dos comandantes, buscaram atender a essa gente. Alguns regimentos, como o 1º R. I., comandado pelo coronel Olívio Gondin de Uzeda, tomou para seu grupo a responsabilidade de distribuir alimentos pelos povoados que estavam em seu caminho. No registro das memórias, ele destacou o colégio de freiras na cidadezinha de Samona, onde crianças órfãs eram atendidas. Muitos anos depois da guerra, Uzeda manteve correspondência regular com as freirinhas da cidade, quando se explicitaram o reconhecimento e o agradecimento pelo belo gesto do Batalhão.

Muitas vezes, as famosas escatoletas eram reservadas pelos soldados especialmente para ajudar à população faminta, mas também serviram de escambo para produtos de outro interesse ou mesmo para venda no mercado negro. Em Porreta Terme, onde estava localizada a retaguarda brasileira e o Quartel General do comandante Mascarenhas de Moraes, o pão era distribuído diariamente à população local. Ele vinha de Florença, localizada a 30 quilômetros de Porreta, pois os bombardeios diários dificultavam qualquer atividade dentro da cidade que não fosse a bélica. As escatoletas serviram depois também para a aproximação dos jovens recrutas às moças italianas, com chocolates, caramelos e outras delícias, que conquistaram os corações. Muitos dos casamentos que ocorreram entre brasileiros e italianas decorreram dessas oportunidades.

Na passagem dos brasileiros pelos pequenos povoados localizados na Linha Gótica, o contato com a população passou a ser uma constante, eram os *sfollati* que tentavam retornar com suas parcas tralhas para as antigas residências, sem ter idéia sobre se as casas ainda estariam em pé. Laços de solidariedade são descritos pelos soldados, quando a população retribuiu o que recebeu. Os que ainda tinham suas casas ofereciam a melhor parte e, no inverno rigoroso, as conversas animadas ao pé

das lareiras constituíram momentos significativos onde a figura da *mamma* italiana substituía algumas vezes a família brasileira que havia ficado tão distante. Os soldados se afeiçoavam às pessoas e sentia-se a correspondência neste ato: eram as crianças, as mulheres e os velhos que, na despedida, anotavam os endereços com a recomendação de não serem esquecidos.

Também os partigiani estiveram presentes nas memórias dos soldados brasileiros. Muitos foram confundidos com terroristas e, na época, eram conhecedores profundos da topografia do relevo italiano. Serviram de guias para os brasileiros, assim como os bersaglieri, encarregados da condução de alimentos, transportados pelas mulas que chegavam até aos soldados de prontidão nos escarpados montes italianos.

Os primeiros enfrentamentos dos soldados brasileiros com os experimentados soldados alemães, combatentes das frentes russa e do norte da África, mostraram o quão incipiente tinham sido os preparativos para a guerra. O revés de Somocolonia, sofrido pelos combatentes do 6º R. I., em 30 de outubro de 1944, colocou em xeque as primeiras vitórias da FEB. Os soldados desse regimento, em seus testemunhos, não aceitam a condição de revés pelas condições em que os fatos se sucederam. Nessa questão, também os combatentes italianos que se encontravam no local expõem os momentos cruciantes que passaram durante o ataque brasileiro. A imprensa brasileira não noticiava problemas. Após passarem pela censura brasileira e norte-americana, as notícias chegavam à central de distribuição do D.I.P. que as liberava ou não para a cadeia de jornais. O recuo da tropa brasileira não foi anunciado pelos jornais.

Enquanto tais fatos ocorriam na frente brasileira, no Brasil era criada a Legião Brasileira de Assistência, pelo presidente Getúlio Vargas, sob a presidência da senhora Darcy Vargas, com o objetivo de atender aos combatentes. Do seu amplo leque de atividades, moveu ações em prol dos expedicionários, por meio de várias campanhas de arrecadação, seja de produtos que enviou por ocasião do natal de 1944, surpreendendo até os mais céticos, seja por outras ações meritórias. Apenas algumas associações norte-americanas tiveram a conotação de um voluntariado tão bem organizado como a L.B.A.. No Rio de Janeiro, por meio do seu boletim, patrocinou a campanha das ‘madrinhas de guerra’, que se organizaram em várias frentes, inclusive proporcionando o contato das famílias expedicionárias com os

soldados que se encontravam na Itália. Foram também as senhoras da L.B.A. que estiveram presentes no recebimento dos feridos brasileiros que chegaram ao Hospital Central do Exército e se mantiveram firmes na recepção de pelos menos três grandes escalões por ocasião do retorno ao Brasil. Sobre elas, pesou o preconceito dos críticos pela posição que ocupavam na elite da sociedade carioca.

Também nesse tempo, buscaram as patronesses da L.B.A. uma aproximação com o Exército Brasileiro, no sentido de desencadear as suas ações beneméritas. A L.B.A., no seu esforço de guerra, demonstrou que ora ela é benemérita, ora é patriótica. Seu trabalho foi truncado no pós-guerra, lamentavelmente, quando Darcy Vargas deixou a presidência e os projetos não foram levados adiante por seus sucessores. A partir desse momento, a L.B.A. cumpriu apenas o papel assistencialista de um modo geral.

As mensagens e as cartas recebidas pelos soldados brasileiros, intermediadas ou não pela L.B.A., constituíram os momentos de maior alegria na frente italiana. De início conturbado por parte do Correio Brasileiro, as cartas chegavam atrasadas. Não foi incomum o destinatário receber a correspondência de maneira invertida, ou seja, notícias novas diziam respeito à carta anterior que não havia chegado. As correspondências constituíram-se no elo familiar entre o soldado e o Brasil e, raramente, os testemunhos não fazem menção a elas. Também o Boletim da L.B.A. cumpriu a mediação entre os familiares e os combatentes, o mesmo fazendo *O Globo Expedicionário,* que abriu espaços para mensagens, enquanto a BBC de Londres irradiava em determinados momentos as mensagens em português que eram ouvidas nos acampamentos.

Na Itália, os brasileiros enfrentaram situações de grande desgaste. O destino dos brasileiros, após serem alçados à condição de tropa combatente em substituição às divisões norte-americanas que se dirigiram para a Normandia, foi a aproximação da zona de combate conhecida como Linha Gótica. Traçada nos mapas, ela cortava a Itália Setentrional, do litoral do Mar Tirreno ao Mar Adriático. Durante os anos de 1943 e 1944, os alemães a reforçaram com todo o tipo de barreiras imaginadas pelos engenheiros da TODT, a empresa alemã responsável por toda a linha defensiva alemã. A linha constituía-se de fortins e milhares de minas terrestres, que durante todo o período da Ofensiva da Primavera constituíram momentos de sofrimento para os brasileiros e norte-americanos.

Aproveitando as vitórias iniciais da FEB, interessava ao governo brasileiro uma FEB ostensiva, a galgar notoriedade como força de vanguarda do Exército. Nesse aspecto, organizou-se a saída dos correspondentes de guerra, que representariam o *pool* de jornais brasileiros, a maior parte com sede no Rio de Janeiro. Os correspondentes foram submetidos a uma seleção, não apenas pelo D.I.P., mas pelo próprio Exército. Já no 2º escalão brasileiro embarcado para a Itália, partiram os primeiros jornalistas. Além desses, a central de notícias do exército aliado também acompanhava de perto o noticiário a ser distribuído para outros países. Nesse caso, funcionava a poderosa *Public Relation Office,* localizada em Roma. As notícias que chegavam ao Brasil, muitas vezes, tiveram a cobertura de correspondentes estrangeiros que desconheciam totalmente a FEB, a ponto de confundir os brasileiros com os negros norte-americanos da 92ª Divisão de Infantaria Americana, que combatia no mesmo *front*.

Conforme se verificou neste estudo, a imprensa brasileira desencadeou no Brasil um caudal de notícias que colocava a FEB 'ombreando' todos os exércitos na Europa. A situação era vista com ceticismo pelos mais críticos a partir do momento em que FEB mal desembarcara e ainda não fora dado nem o primeiro tiro. Alimentavam essa situação os repórteres estrangeiros, autorizados pela *Associated Press e United Press*. Grande parte dos escalões brasileiros encontrava-se ainda nos acampamentos para adaptação e treinamento e a imprensa, com seu alarido usual, criava uma aura de invencibilidade em torno dos soldados. Um dos slogans dava a dimensão do fato: 'Cobras Fumando, o Brasil está presente', publicado no dia 19 de julho de 1944. No Rio de Janeiro, os familiares que tinham seus parentes na guerra recorriam à imprensa brasileira para obter informações e notícias do front.

Até que ponto isso veio a influenciar os leitores não se tem idéia, mas muitos tinham a séria convicção de que FEB, dentro dos seus propósitos, estava preparada para qualquer enfrentamento.

Na representação que a imprensa brasileira fez do soldado da FEB, materializou-se a imagem de pessoa com muitas qualidades: aquela resoluta e convicta do seu papel de guerreiro, do homem intrépido, cordial e sensato, mas pronto a usar a sua arma, desde que fosse para defender a democracia. A partir do momento do desembarque dos brasileiros na Itália, se perpassou essa imagem, tão bem descrita e convincente, que empolgou os soldados e leitores. Poucos se

opuseram a essas imagens e buscaram alertar o quão era perigoso estar diante de um inimigo experimentado como o soldado alemão, travestido de um aparato imaginado pela imprensa.

Também a imprensa brasileira atrelou a participação da mulher brasileira na guerra, com o objetivo de qualificar as ações da FEB. Nesse caso, as enfermeiras destinadas aos campos de batalha na Itália constituíram-se em baluartes da família e da pátria brasileira. Tal discurso foi depois assumido também pelas profissionais da saúde em seus testemunhos, pois sentiram-se na obrigação de ombrear com os soldados aliados na guerra contra o nazismo.

Por outro lado, o cotidiano dos soldados, que não encontrava espaço no relatório frio dos escreventes da FEB, preocupados apenas com os dados técnicos, foi depois lembrado pelo olhar arguto dos correspondentes de guerra. O estilo jornalístico transpareceu em forma de notícias, entrevistas, crônicas e artigos publicados tanto pela imprensa nacional quanto, de forma mais incisiva, pel*O Globo Expedicionário* e pel*O Cruzeiro do Sul,* órgão oficial da FEB, em Florença.

Dos grandes relatos e testemunhos que envolvem as memórias febianas, estão os combates de Monte Castelo e Montese, todos localizados na Linha Gótica. A idéia da inexpugnabilidade do Monte Castelo cresceu diante das primeiras tentativas mal preparadas, e que custaram tantas vítimas entre mortos e mutilados. Os combatentes questionam em seus depoimentos as condições em que a campanha fora levada adiante, e reveladoras se tornaram essas impressões e análises. Os jovens recrutas, ainda em idade de amadurecimento, se viram na campanha, diante de um soldado alemão preparadíssimo para o combate. Nas vozes dos envolvidos em situações episódicas, tem-se uma noção do que os combates significaram para esses homens, e de como a volta por cima, com altruísmo e amadurecimento, ajudou os homens a se tornarem verdadeiros soldados. Objetivos concretos que ajudaram a coroar de êxito as missões enfrentadas pela FEB.

Tais enfrentamentos tiveram um alto preço. Eles surgem nos diários, nos testemunhos, nas memórias. Falam dos companheiros mortos, das marcas da guerra, no corpo e no espírito, atestados por todos os participantes. Falam também da fé, de se apegar com Deus nos momentos cruciantes que antecediam a batalha.

Mas as lembranças não são tecidas apenas de tristezas, elas acenam também para momentos significativos e alegres, em que se inclui o primeiro natal passado na neve, falam das cartas e das mensagens transmitidas pelas famílias, e de que maneira elas apontavam para a esperança insofismável de voltar para casa. O espírito de companheirismo cresceu a cada dia e as últimas missões apontavam para o final da guerra. Chegou o Armistício, em maio de 1945, a lembrar que os últimos momentos estavam ali para ser vivenciados. A idéia então era aderir às tochas, fugir pelos caminhos, viver a alegria dos vivos, conhecer outros lugares, comprar presentes para a família, voltar para os acampamentos, mas com muita esperança de que o pior havia passado.

Nada foi mais emocionante nos relatos do que achegada no Brasil. Ela transparece no sorriso que, lido, não se viu, não se presenciou, mas se pôde sentir. O ardor cívico concluía mais uma etapa. Agora, eles desembarcavam como heróis. O desfile pelas avenidas principais do Rio de Janeiro, proporcionou a sensação do reconhecimento, do dever cumprido por tudo aquilo em que eles acreditavam e por tudo que realmente valera a pena. O povo se engalfinhava diante das colunas formadas pelos soldados que passavam, arrancando seus distintivos. As pessoas conversavam com os soldados como se fossem velhos conhecidos, até como filhos.

O breve retorno aos quartéis denotou nos relatos as primeiras decepções. Nada havia sido preparado para a adaptação desses homens. Pelo contrário, muitos comandantes foram para as suas casas. Nem o uniforme foi permitido usar e uma portaria, assinada em julho de 1945, também dissolvia a FEB. Para todos os efeitos, ela não existia mais. A desmobilização abrupta viria a acarretar muitos problemas.

O retorno às casas foi outro grave problema. Como poderiam homens soldados voltar para a antiga lida de antes da guerra? Não havia muita convicção sobre o que fazer e muitos não conseguiram retomar à vida normal. Sentiam-se mais soldados do que cidadãos e os empregos haviam desaparecido. Os mutilados de guerra, nos casos mais graves, foram tratados nos Estados Unidos e retornaram ao Brasil. Não se tem notícias da continuidade da assistência prestada, nesses casos, no Hospital Central do Exército.

Os mais jovens, que foram levados para a guerra durante o recrutamento, possuíam o certificado de reservistas, mas não tinham qualificação para o trabalho. Muitos, desajustados, gastaram todo o soldo que haviam conseguido na guerra e,

decepcionados, não viram condições de manter o padrão de vida correspondente ao imaginado e ao esperado. Nos discursos de partida, lembraram os expedicionários as promessas feitas pelo governo, quando este lhes garantira a segurança necessária para o futuro.

Terminadas as festas, as inaugurações de placas e monumentos, já não existiam mais os heróis. Na memória curta, atropelada pelo tempo, não havia mais quem quisesse perguntar alguma coisa sobre a guerra acontecida. Muitos até duvidavam de que os brasileiros tivessem participado da guerra no território italiano. Sentiram os combatentes a necessidade de reforçar a unidade do grupo e de dar continuidade ao companheirismo iniciado na Itália. Nessa perspectiva, nasceu a idéia do associativismo. Primeiro, entre os combatentes do Rio de Janeiro, quando fundaram a Associação dos Ex-Combatentes do Brasil, em 1946, com a adesão de grande maioria de praças e de oficiais subalternos. Aos poucos, suas seções se espalharam por todo o Brasil. A partir desse momento, sentiram os homens da FEB que a única forma de sobrevivência era a união.

Os objetivos e as diretrizes políticas, nem sempre apoiadas pela maioria, provocaram o 'racha' da primeira Associação de Ex-Combatentes, surgindo depois a Legião Paranaense do Expedicionário, em Curitiba, no ano de 1951, e o Clube de Veteranos da FEB, no Rio de Janeiro, em 1963, depois transformado em Associação Nacional de Veteranos da FEB, a maior delas, que chegou a ter, nos seus primórdios, cerca de 13 mil associados, com regionais representativas em todo o território nacional.

Além da luta pela pensão, os ex-combatentes se batiam também nas associações pela valorização histórica dos feitos na Itália. Constantemente, foram surpreendidos pela legislação que, a cada dia, abrigava outras categorias de soldados que haviam ficado de prontidão no Brasil. "A lei da praia" favoreceu não somente os soldados que haviam ficado nos fortes e nas divisas de fronteiras, mas também os que pertenceram à Marinha de Guerra. Caía por terra a conquista da pensão aos febianos que as Associações acreditavam, por direito e por mérito, serem extensivas apenas os homens que estiveram na Itália.

Agora se fazia premente uma outra guerra, a do reconhecimento, dos valores, das ações empreendidas durante a guerra. Seriam as associações as porta-vozes dos febianos abandonados pelo governo, dos desassistidos, das famílias, dos

mortos e dos mutilados. As Associações buscavam o bom combate, mas, diante de uma sociedade conservadora, alguns atos de maior enfrentamento com os órgãos públicos foram vistos com desconfiança de uma ameaça comunista e mesmo de subversão. Retrocederam os combatentes e receberam, em conta-gotas, os benefícios que deveriam estar assegurados assim que os Escalões da FEB desembarcaram no Porto do Rio de Janeiro.

Mas, como soldados, sabiam os homens da FEB que na vida se perde uma batalha, mas não se perde a guerra. Era necessário levar ao conhecimento dos outros cidadãos o significado do que fora a FEB. Aos poucos, os ex-combatentes foram se fazendo presentes nos eventos sociais, nas quermesses, nos bingos, nas festas de um modo geral. Desse modo, granjeando amigos e admiradores. As Associações criaram as suas revistas divulgadoras, relataram os fatos ocorridos na guerra, escreveram crônicas, fizeram poesias, proferiram discursos nas escolas, nas universidades. Demarcaram o tempo, escreveram memórias.

O Diário de Campanha, como disse o capitão Thorio de Benedro, do 11º R. I., de São João Del Rey, constituiu algo íntimo e sagrado para quem o escreveu. 'Lá estão expostas as alegrias e tristezas, um amigo inseparável e leal a quem se pode confiar as decepções, as amarguras e as vitórias'. No elenco das datas, incluíram-se os episódios alegres e as passagens divertidas, as esperanças, os ideais. Enfim, o sentimento dos instantes que passaram e foram fixados com toda a franqueza possível. Momentos que marcaram a mocidade, de entusiasmos e ações.

Buscaram os combatentes, nos Diários de Guerra e nas suas Memórias, registrar "a cena", o momento histórico dos eventos marcantes, dos sofrimentos proporcionados por uma guerra de que eles não se sentiram convictos, nem preparados para participar. As cenas descritas constituíram os lugares da memória a mostrar às gerações futuras os aspectos da partida dos soldados nos navios, as lembranças dos acampamentos, os momentos tensos ocasionados pelas patrulhas em território inimigo, provocando uma reflexão sobre a luta empreendida, para dela tirar os ensinamentos que transformaram os ideais e valores em missão permanente da FEB.

GLOSSÁRIO

ACANTONAMENTO - Local onde permaneciam os soldados durante os preparativos para combate, seja no Brasil , seja na Itália.

ARMAS DE FOGO - Fuzil, arma individual, metralhadora leve ou pesada.

ARTILHARIA - Instrumentos bélicos compostos por canhões, equipamentos e munições.

BALAS TRAÇANTES - A extremidade da bala tem a ponta vermelha. À noite, deixam um traço de luz. Servem como tiros de inquietação.

BARCAÇA LCI - Serviu para o desembarque dos aliados na Normandia. Na Itália, transportou os brasileiros. Capacidade: 200 homens.

BATALHÃO - Composto por três companhias. É a parte mais tática da Infantaria. Havia também o CPP - Companhia de Petrechos Pesados, com 166 homens, comandados por um capitão. Já o Batalhão de Engenharia contava com cerca de 655 homens. Todos com equipamentos diversificados, desde tratores e reboques.

BIVAQUE - Acampamento provisório ao ar livre.

CASAMATA - Fortificação subterrânea.

COMPANHIA - Composta por 100 a 200 homens. Pode ser dividida em três pelotões de fuzileiros e um de petrechos leves (metralhadoras e morteiros de menor calibre) e ser comandada por capitão ou tenente.

DIVISÃO - Formada por 10, 15 ou 20 mil homens. Geralmente comandada por um general.

ESCALÃO – Grupamento de embarque para a Itália.

FORTIM - Pequeno forte.

GRANADA - Globo de ferro, lançado à mão. A carga é de trotil fundido, com peso e carga total de 500 gramas, com o raio de ação de 30 metros.

MINA ANTITANQUE (Teller) - A detonação ocorre por pressão. Media 9 cm de altura e 34 cm de diâmetro. Dificilmente um veículo escapava da explosão.

MINA SCHUMINE – ANTIPESSOAL - Consiste em uma caixa de madeira, de dimensão pequena. Sob a pressão dos pés, detona uma carga poderosa capaz de arrancar a perna do combatente. Foi apelidada de ‘quebra canela’.

MORTEIRO 60 mm – De emprego coletivo, com alcance de 1.000 m, aproximadamente.

OBUS - Peça de Artilharia em forma de Morteiro.

PRAÇA - Soldado sem graduação.

PRACINHA - Nome pelo qual são conhecidos os expedicionários.

REGIMENTO - Unidade Militar. Geralmente, uma Divisão possui três regimentos. Cada regimento tinha três batalhões.

SACO A - Onde os praças levavam seus pertences de primeira necessidade para a Linha de Frente.

SACO B - Onde eram guardados os pertences não tão necessários. Ficava na retaguarda. Serviu de apelido para os soldados que não atuaram em combate.

SCATOLETTA – Caixa, em italiano. Continha alimentos para os soldados quando não podiam receber comida preparada vinda da retaguarda.

TORPEDO - Engenho de guerra por meio do qual se produzem explosões submarinas.

UFANISTA - Que é ufano, que se orgulha de alguma coisa. Sinônimo de patriota.

REFERÊNCIAS

ANAIS, BOLETINS, CARTAS, CATÁLOGOS E DOCUMENTOS DE ARQUIVOS

ANAIS DO EXÉRCITO BRASILEIRO. **O Exército e o Estado Novo.** Rio de Janeiro: Biblioteca Militar, 1940.

ANDRADE, Argentina Costa. **Carta**. Curitiba, 8 de dezembro de 1944.

ANDRADE, Argentina Costa. **Carta**. Curitiba, 20 de dezembro de 1944.

ANDRADE, Argentina Costa. **Carta**. Curitiba, 22 de dezembro de 1944.

ANDRADE, Argentina Costa. **Carta**. Curitiba. 24 de dezembro de 1944.

ANDRADE, Argentina Costa. **Carta**. Curitiba, 31 de dezembro de 1944.

BOLETIM DA LBA. Rio de Janeiro, fevereiro de 1945.

BOLETIM DA LBA. Rio de Janeiro, 31 de março de 1945.

BOLETIM DA LBA. Rio de Janeiro, 15 de maio de 1945.

BOLETIM DA LBA. Rio de Janeiro, 30 de julho de 1945.

BRITISH NEWS SERVICE. Boletim, 348, Rio de Janeiro, 1 de junho de 1942.

CAMARINO, Olímpia. **Manuscritos**. Livorno, 10 de novembro de 1944.

CARVALHO, Estevão Leitão. Memorando da delegação brasileira, escrito por Gen. Estevão Leitão de Carvalho, Washinton DC, 22 de dezembro de 1942. **Relatório da Comissão Mista Brasil Estados Unidos.** Museu do Expedicionário, Curitiba, Paraná, 1942.

CARVALHO, Leitão de. Carta do gen. Leitão de Carvalho ao ministro das Relações Exteriores Oswaldo Aranha. Rio de janeiro, 27 de janeiro de 1943. Correspondência do chefe da Delegação, **Arquivo do Museu do Expedicionário**, Curitiba, Paraná, 1943.

FOLDER MUSEU DA FEB. Força Expedicionária Brasileira (FEB) Sumário Histórico. Casa da FEB, 1986.

MINISTÉRIO DA GUERRA. **Relatório Secreto.** vol.I. Gen. Mascarenhas de Moraes.

SOUZA, José Conrado de. **Catálogo da História do Museu Gaúcho da FEB.** ANVFEB de Porto Alegre, 1992.

DISSERTAÇÃO E TESES

AMARAL, Maria do Carmo. **O Museu do Expedicionário um lugar de memórias**. Dissertação (Mestrado), UFPR, 2001.

BORGES, Daniel Cabral. **A imagem e comunicação visual no discurso político da Era Vargas.** Dissertação (Mestrado), PUC, Rio de Janeiro, 2006. Disponível em: http://www.dbd.puc.rio.br/ pergamum/tesesabertas. Acesso em: 12 mai. 2008.

FERRAZ, Francisco. **A Reintegração Social dos Expedicionários**. Tese (Doutorado) USP, São Paulo, 2005.

JAHNEL, Claudia Bettina Irene Römmelt. **O arquivamento do Eu**: O Diário de Hugo Delitsch e as lembranças de Emma Antom.(1844-1859).Tese (Doutorado),Curitiba, UFPR, 2002.

NEVES, Luis Felipe da Silva. **A Força Expedicionária Brasileira uma perspectiva histórica.** Dissertação (Mestrado). UFRJ, Rio de Janeiro, 1992.

DOCUMENTOS ELETRÔNICOS

SALLES, Ricardo. **Memórias de Guerra: guerra do Paraguai e narrativa nacional.** Disponível em: http://www.guerragrande.com. Acesso em: 31 jan. 2008.

WIKIPEDIA. Disponível em: http://wikipedia.org./wiki/AnÃ,lise _do_ Discurso. Acesso em: 01 ago. 2005.

ENTREVISTAS

ALBUQUERQUE, João. **Cadernos de lembranças**, São Paulo, maio de 2007.

ANDRADE, Rubens Leite de. Entrevista. **História Oral do Exército**, 19 de setembro de 2000.

BARROS, Jorge Luiz G. de. **Entrevista concedida a Carmen Lúcia Rigoni**. Curitiba, 24 de maio de 2007.

BENEDRO, Thorio. Entrevista. **História Oral do Exército**. Tomo 8. Rio de Janeiro: Bibliex, 2001.

BERTI, Francesco Arnaldo. **Entrevista***.* Gaggio Montano, Itália, 30 jun. 2001.

BONELLI, Anselmo Olimpio. **Cadernos de Lembranças.** Blumenau, 20 de agosto de 2008.

BONELLI, Anselmo. **Cadernos de lembranças**, Blumenau, maio de 2007.

BRUNI, Caterina. **Entrevista a Carmen Lúcia Rigoni.** Gaggio Montano, Itália, 8 de agosto de 2002.

CAVALCANTI, Eduardo Ulhôa de. **Entrevista.** Rio de Janeiro, 20 de agosto de 2000.

CECHELLI, Giuseppe. **Entrevista.** Gaggio Montano Itália, 30 jun. 2001.

CONRADO, José. Entrevista. **História Oral do Exército.** Rio de Janeiro 27 de abril de 2000.

COSTA, Octávio Pereira da. Entrevista. **História Oral do Exército**, Rio de Janeiro, 15 de agosto de 2000.

CRUZ, Eronides. **Entrevista.** Curitiba, 20 dez. 2000.

DIAZ, Sebastião Cammarosano. Entrevista. **História Oral do Exército**. Rio de Janeiro, 8 de abril de 2000.

DIVALDO, Medrado. Entrevista. **História Oral do Exército**, Rio de Janeiro, Janeiro de 2000.

DOMBROWSKI, Antonio. **Depoimento**. Vídeo-documento. Museu Atílio Rocco. São José dos Pinhais, PR. out. 1994.

FONSECA, Ruy. **Cadernos de Lembranças**, Rio de Janeiro, maio de 2007.

GODOY, Irene. **Entrevista.** Curitiba, 5 de fevereiro de 2002.

GOMES, Guilhermina. **Diário manuscrito**. Curitiba, 1943.

GONÇALVES, Helio Amorin. **Depoimento para publicação.** Rio de Janeiro, 20 de janeiro de 1996.

GONZALES, Antonio. **Cadernos de Lembranças,** São Paulo, 5 de julho de 2007.

GUALANDI, Fabio. **Entrevista.** Gaggio Montano, Itália, 3 jun. 2001.

GUIMARAES, Ayrton Viana Alves. Entrevista, **História Oral do Exército**, dia 3 de maio de 2001.

JUNQUEIRA DA SILVA, Jairo. **Cadernos de lembranças**, São Paulo, 5 de julho de 2007.

LEITE, Virginia. **Entrevista a Carmen Lúcia Rigoni.** Curitiba, 12 de janeiro de 2002.

LIMA, Thorio Benedro de Souza. Entrevista. Rio de Janeiro, 14 de novembro de 1978 *apud* **História Oral do Exército**. Rio de Janeiro, 2000.

MARCHI, Maria. **Entrevista.** Gaggio Montano, Itália, 30 jun. 2001.

MATTOS, Meira. Entrevista. **História Oral do Exército**, Rio de Janeiro, 22 de fevereiro de 2000.

MEDRADO, Divaldo. **Entrevista.** Rio de Janeiro, 20 de maio de 2000.

MITKE, Thassilo. Depoimento. **História Oral do Exército**. Rio de Janeiro, 6 de junho de 2000.

NEVES, Lucila de Almeida. Memória, história e sujeito. **Revista História Oral,** n. 3, São Paulo, 2000.

REIS, Alberto da Costa. Entrevista. **História Oral do Exército**. Rio de Janeiro, 6 de março de 2000.

RIGONI, Carmen Lúcia. **Cadernos de Lembranças**: Depoimentos escritos dos veteranos da FEB Curitiba, maio de 2007.

RODRIGUES, José Maria. Entrevista. **História Oral do Exército**, Rio de Janeiro, maio de 2000.

SETTON, Maria da Graça Jacintho. A teoria do *habitus* em Pierre Bourdieu, uma leitura contemporânea. **Revista Brasileira de Educação,** n. 20, maio, jun., jul., agosto de 2002.

SOUZA, José Conrado. **Entrevista**. Rio de Janeiro, 27 de abril de 2000.

SOUZA, Tulio Campelo de. Entrevista. **História Oral do Exército.** Rio de Janeiro, 6 de março de 2001.

SQUEFF, Egidio. Depoimentos. **História Oral do Exército.** Rio de Janeiro, junho de 2000.

STANKEVECZ, Paulo. **Entrevista.** Curitiba 28 de fevereiro de 2002.

VALE, Julio do. Entrevista. **História Oral do Exército**. Rio de Janeiro, 2 de maio de 2000.

VALENÇA, Antonio Rolim. **Cadernos de Lembranças**, Petrópolis, 20 de maio de 2007.

VERGÉS, Aristides Saldanha. **Entrevista.** Curitiba 25 de outubro de 2000.

VERGÉS, Aristides. **Caderno de lembranças,** Curitiba maio de 2007.

VILLADINO, Oudinot. Entrevista. **História Oral do Exército**, 23 de maio de 2000.

JORNAIS

A DEMOCRACIA. Rio de Janeiro, 22 de maio de 1945.

A NOITE, Rio de Janeiro, 19 de julho de 1944.

A NOITE, Rio de Janeiro, 20 de julho de 1944.

A NOITE. Reportagem de David Brown da Reuters. Quartel General da Itália, 24 de julho de 1944.

A NOITE, Rio de Janeiro, 16 de agosto de 1944.

A NOITE, Rio de Janeiro, 21 de agosto de 1944.

A NOITE, Rio de Janeiro, 26 de agosto de 1944.

A NOITE, Rio de Janeiro, 2 de outubro de 1944.

A NOITE, Rio de Janeiro, 17 de outubro de 1944.

A NOITE, Rio de Janeiro, 19 de outubro de 1944.

A NOITE, Rio de Janeiro, 31 de outubro de 1944.

A NOITE, Rio de Janeiro, 2 de dezembro de 1944.

A NOITE, Rio de Janeiro, 26 de dezembro de 1944.

A NOITE, Rio de Janeiro, 7 de janeiro de 1945.

A NOITE, Rio de Janeiro, 4 de janeiro de 1945.

A NOITE, Rio de Janeiro, 9 de fevereiro de 1945.

A NOITE, Rio de Janeiro 4 de setembro de 1945.

A NOITE. Rio de Janeiro 21 de julho de 1944.

A NOITE. Rio de Janeiro, 20 de julho de 1944.

A NOITE. Rio de Janeiro, 22 de maio de 1945.

A NOITE. Rio de Janeiro, 23 de fevereiro de 1945.

A NOITE. Rio de Janeiro, 23 de maio de 1945.

A NOITE. Rio de Janeiro, 25 de fevereiro de 1945.

A NOITE. Rio de Janeiro, 7 de março de 1945.

A TOCHA. USS. Gen. Meiggs. 7 de julho de 1945.

A TOCHA, 17 de julho de 1945.

A TOCHA. USS. Gen. Meiggs, 10 de julho de 1945.

A TOCHA. USS. Gen. Meiggs, 6 de setembro de 1945.

A TOCHA. USS. Gen. Meiggs, 8 de setembro de 1945.

A TOCHA. USS. Gen. Meiggs, 16 de setembro de 1945.

ASSOCIATED PRESS, setembro de 1944.

CENTRO SUL. E Virginia foi à guerra. 7 a 13 de setembro de 2005.

CORREIO DA MANHÃ, Rio de Janeiro, 23 de dezembro de 1942.

DIÁRIO CARIOCA, Rio de Janeiro, 24 de dezembro de 1942.

DIÁRIO CARIOCA. Rio de Janeiro, 23 de maio de 1945.

DIÁRIO DA NOITE. Rio de Janeiro, 22 de maio de 1945.

DIÁRIO DE NOTÍCIAS, Rio de Janeiro, 1 de novembro de 1944.

DIÁRIO DE NOTÍCIAS. Rio de Janeiro, 18 de julho de 1944.

DIÁRIO DE NOTÍCIAS, Rio de Janeiro, 19 de julho de 1944.

DIÁRIO DE NOTÍCIAS, Rio de Janeiro, 13 de agosto de 1944.

DIÁRIO DE NOTÍCIAS, Rio de Janeiro, 15 de outubro de 1944.

ESTADO DE SÃO PAULO, São Paulo 20 de agosto de 1942.

FAUSTO, Boris. Soldados Desconhecidos**. Folha de São Paulo**, 1 de junho de 2008.

FOLHA CARIOCA. Rio de Janeiro, 22 de maio de 1945.

FOLHA CARIOCA. Rio de Janeiro, 23 de maio de 1945.

FOLHA CARIOCA. Rio de Janeiro, 22 de agosto de 1945.

GAZETA DE NOTÍCIAS. Rio de Janeiro, 23 de maio de 1945.

JORNAL A MANHÃ. Rio de Janeiro, 22 de maio de 1945.

JORNAL A VANGUARDA. Rio de janeiro, 23 de maio de 1945.

JORNAL L'OPINION, julho de 1944, *apud,* A NOITE, Rio de Janeiro, 3 de agosto de 1944.

JORNAL O CRUZEIRO DO SUL, Itália, 7 de janeiro de 1945.

JORNAL O CRUZEIRO DO SUL, Itália, 14 de janeiro de 1945.

JORNAL O CRUZEIRO DO SUL, Itália, 1º de fevereiro de 1945.

JORNAL O CRUZEIRO DO SUL, Itália, 11 de fevereiro de 1945.

JORNAL O CRUZEIRO DO SUL. Itália, 22 de fevereiro de 1945.

JORNAL O CRUZEIRO DO SUL. Itália, 25 de fevereiro de 1945.

JORNAL O CRUZEIRO DO SUL. Itália, 1º de março de 1945.

JORNAL O CRUZEIRO DO SUL. Itália, 14 de março de 1945.

JORNAL O CRUZEIRO DO SUL. Itália, 4 de março de 1945.

JORNAL O GLOBO EXPEDICIONÁRIO, Rio de Janeiro, 7 de setembro de 1944.

JORNAL O GLOBO EXPEDICIONÁRIO, Rio de Janeiro, 14 de setembro de 1944.

JORNAL O GLOBO EXPEDICIONÁRIO, Rio de Janeiro, 21 de setembro de 1944.

JORNAL O GLOBO EXPEDICIONÁRIO, n. 3 e 4. Rio de Janeiro, 28 de setembro e 5 de outubro de 1944.

JORNAL O GLOBO EXPEDICIONÁRIO, Rio de Janeiro, 6 de outubro de 1944.

JORNAL O GLOBO EXPEDICIONÁRIO, Rio de Janeiro, 12 de outubro de 1944.

JORNAL O GLOBO EXPEDICIONÁRIO, Rio de Janeiro, 19 de outubro de 1944.

JORNAL O GLOBO EXPEDICIONÁRIO, Rio de Janeiro, 10 de novembro de 1944.

JORNAL O GLOBO EXPEDICIONÁRIO, Rio de Janeiro, 7 de dezembro de 1944.

JORNAL O GLOBO EXPEDICIONÁRIO, Rio de Janeiro, 17 de janeiro de 1945.

JORNAL O GLOBO, Rio de Janeiro, 27 de julho de 1944.

JORNAL O GLOBO, Rio de Janeiro, 8 de setembro de 1944.

JORNAL O GLOBO, Rio de Janeiro, 12 de setembro de 1944.

JORNAL O GLOBO, Rio de Janeiro, 20 de outubro de 1944.

JORNAL O GLOBO, Rio de Janeiro, 21 de outubro de 1944.

JORNAL O GLOBO, Rio de Janeiro, 22 de outubro de 1944.

JORNAL O GLOBO, Rio de Janeiro, 21 de novembro de 1944.

JORNAL O GLOBO, Rio de Janeiro, 27 de novembro de 1944.

JORNAL O GLOBO, Rio de Janeiro, 5 de dezembro de 1944.

JORNAL O GLOBO, Rio de Janeiro, 8 de dezembro de 1944.

JORNAL O GLOBO, Rio de Janeiro, 8 de janeiro de 1945.

JORNAL O GLOBO, Rio de Janeiro, 13 de janeiro de 1945.

JORNAL O GLOBO, Rio de Janeiro, 17 de janeiro de 1945.

JORNAL O GLOBO, Rio de Janeiro, 23 de janeiro de 1945.

JORNAL O GLOBO, Rio de Janeiro, 22 de fevereiro de 1945.

JORNAL O GLOBO, Rio de Janeiro, 5 de março de 1945.

JORNAL O GLOBO, Rio de Janeiro, 6 de março de 1945.

JORNAL O GLOBO, Rio de Janeiro, 28 de março de 1945.

JORNAL O GLOBO, Rio de Janeiro, 17 de abril de 1945.

JORNAL O GLOBO, Rio de Janeiro, 19 de abril de 1945.

KAMIA, Ushitaro. Envelhecer dói. **Folha de São Paulo,** 22 de junho de 2008.

LUSTOSA, Isabel. A Verdade que vem impressa nos jornais. **Folha de São Paulo,** 30 de abril de 2008.

NOTÍCIA. Rio de Janeiro, 23 de maio de 1945.

O JORNAL, Rio de Janeiro, 23 de maio de 1945.

O JORNAL, Rio de Janeiro, 19 de julho de 1944.

O JORNAL, Rio de Janeiro, Domingo, 30 de julho de 1944.

P.C. USS. Gen. Meiggs, 12 de julho de 1945.

TRIBUNA POPULAR. Rio de Janeiro, 23 de maio de 1945.

LIVROS

ALBRICKER, Jarbas. **Memórias de um pracinha.** Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1983.

ALMEIDA, Adhemar Rivermar de. **Max Wolff, um símbolo, quase uma lenda**. Documento manuscrito. Rio de Janeiro, 1987.

ARIÉS, Philippe. Uma nova educação do olhar. *In*: **L´Histoire Aujourd´hui.** Tradução de Carlos da Veiga Ferreira. Lisboa: Editorial Teorema, 1986.

ARRUDA, Demócrito Cavalcanti de. Nossa participação na primeira e segunda guerras mundiais. *In:* **Depoimento de Oficiais da Reserva**. Rio de Janeiro: Cobraci, 1949, pp. 42-58.

ARRUDA, Demócrito. **Depoimento de Oficiais da Reserva sobre a FEB**. Rio de Janeiro: Cobraci, 1956.

ATAIDE, Vicente. **O Modernismo**. Curitiba: Artes Gráfica Unificado, 1983.

BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. São Paulo: Hucitec, 2004.

BARONTINI, Roberto. **Miguel Pereira e la Força Expedicionária brasileira sull´Appennino Tosco Emiliano.** Istituto Storico della Resistenza e della Società Contemporânea nella Província di Pistóia, Itália: Editrice C.R.T.Pistóia, 2005.

BARRETO, Lúcio Muniz. **Depois da Guerra**: Memórias de um Expedicionário. Rio de Janeiro: Edição do autor, 1946.

BERTAGNONI, Giuliana. Condizioni materiali e consumi a Monzuno fra guerra e doppo guerra. *In:* **La Montagna e la Guerra.L´Appennino Bolognese fra Savena e Reno.** 1940-1945. Bolonha, Itália: Aspázia, 1999.

BERTOLDI, Silvio. **I Tedeschi in Itália**: Álbum di uma occupazione (1943-1945). Milano-Itália: Rizzoli Libri.S.p.A, 1994.

BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade**: lembranças de velhos. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

BOURDIEU, Pierre. **A Economia das Trocas simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 1987.

BOURDIEU, Pierre**. O Poder simbólico.** Tradução de Fernando Tomaz. Rio de Janeiro: Bertrand do Brasil, 1998.

BOURDIEU, Pierre. **Coisas Ditas.** São Paulo: Brasiliense, 2004.

BRAGA, Rubem. **Crônicas de guerra.** (Com a FEB na Itália). Rio de Janeiro: Ed. do autor, 1964.

BRAGA, Rubem. **Crônicas da Guerra na Itália.** Rio de Janeiro: Record, 1996.

BRANCO, Manoel Thomaz Castello. **O Brasil na II Grande Guerra.** Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1960.

BRAYNER, Floriano de Lima. **A verdade sobre a FEB**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968, p.312.

BRESCIANI, Maria Stella Martins. **O charme da ciência e a sedução da objetividade**: Oliveira Vianna entre os intérpretes do Brasil. São Paulo: UNESP, 2005.

BRESCIANI, Stella; NAXARA, Márcia. **Memória e (re)sentimento**: indagações sobre uma questão sensível. São Paulo: Unicamp, 2001.

BURKE, Peter. A história dos acontecimentos e o renascimento da narrativa. *In*: **A escrita da história.** Novas perspectivas. São Paulo: Unesp, 1992.

CAMARGO, Aspásia; GÓES, Walder. **Meio Século de combate**: diálogos com Cordeiro de Farias. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1981.

CAPELATO, Maria Helena. Propaganda política e controle dos meios de comunicação. *In:* **Repensando o Estado Novo**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1999.

CARVALHO, Estevão Leitão. **A Serviço do Brasil na Segunda Guerra Mundial**. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1952.

CARVALHO, José Murilo de. Vargas e os militares: aprendiz de feiticeiro. *In:* ARAÚJO, Maria Celina d'. (org.) **As Instituições Brasileiras da Era Vargas.** Rio de Janeiro: EDUERJ/FGV, 1999.

CASALI, Luciano; BERNADOTTI, Maria. *In:* ARBIZZAN, Luigi (a cura di) **Al di qua e al di là della Linea Gótica:** 1944-1945. Aspetti socialli, politici e militari in Toscana e in Emiglia-Romagna, Bolonha: Itália, 1993.

CASTRO, Celso. **A invenção do Exército Brasileiro**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

CLARK, Mark. **Risco Calculado**. Rio de Janeiro: Bibliex, 1970. p.1.

COGGIOLA, Osvaldo. **Segunda Guerra Mundial**: um balanço histórico. São Paulo: USP, 1995.

CORREA NETTO, Alípio. **Notas de um expedicionário médico.** São Paulo: Almed, 1983.

COSTA, Octávio. **Trinta Anos depois da volta:** O Brasil na 2ª Guerra Mundial. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1976.

COSTA, Otávio. **Trinta Anos depois da Volta.** Rio de Janeiro: Expressão e Cultura, 1977.

CRITTEMBERGER, Willis D. **Campanha ao Noroeste da Itália**. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército,1952.

DENYS, Odylio. **Ciclo revolucionário brasileiro.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

DEQUECH, José. **Nós estivemos lá**. Legião Paranaense do Expedicionário. Curitiba: Bibliex, 1994.

ECKERT, José Edgar. **Memórias de um ex-combatente.** Florianópolis: Insular, 2000.

FACCI, Mario; BORRI, Alessandro. **Porreta dall' Unità alla Repubblica. (1859-1948)** Bolonha-Itália: Zampighi, 1998.

FARACO, Carlos Alberto. **Linguagem e Diálogo, as linguagens linguísticas do círculo de Bakhtin.** Curitiba: Criar Edições, 2003.

FARIA, Antonio Augusto; BARROS, Edgard Luiz. **Getúlio Vargas e sua época**. São Paulo: Global, 1982.

FARIA, Luiz de Castro. **Oliveira Vianna:** De Saquarema à Alameda São Boaventura, 41- Niterói. O autor, os livros, a obra.

FAUSTO, Boris. **Getúlio Vargas**: o poder e o sorriso. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

FÁVERI, Marlene. **Memórias de (uma) guerra**: cotidiano e medo durante a Segunda Guerra em Santa Catarina. Florianópolis: UFSC, 2005.

FÁVERI, Marlene. **Memórias de uma (outra guerra)**: cotidiano e medo durante a Segunda Guerra em Santa Catarina. 2 ed. Itajaí: Univali, 2005.

FERREIRA, Jerusa. **Armadilhas da memória**. Salvador: Fundação Casa Jorge Amado, 1991.

FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucila de Almeida Neves**. O Brasil Republicano:** o tempo do nacional estatismo do início da década de 1930 ao apogeu do Estado Novo. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

FIASCHI, Cesare. **La Guerra Sulla Linea Gotica occidentalle Div. Monterosa 1944-45.** Itália: Lo Scarabeo, 1999.

FONSECA, Ruy de Oliveira. **Uma face da glória-reminiscências e diário de campanha**. Rio de Janeiro: Editora Agora da Ilha, 2002.

GABRIELE, Mariano. La Forza di Spedizione Brasiliana (FEB) Sulla Linea Gótica. *In:* **Linea Gotica 1944 esercite populazione partigiani**. Milano-Italia: Angeli, 1986.

GALLIANO, Guilherme. **O método científico**: teoria e prática. São Paulo: Harbra, 1979.

GAMBERINI, Caterina**. Entrevista**. Di qual à sel Savena, Rastignano Bolonha, 1996, *apud* DALLA CASA, Brunella e PRETI, Alberto. **La montagna e la Guerra**: L' Appennino Bolognese fra Reno e Savena (1940-1945) Bolonha: Aspazia,.

GAMBINI, Roberto. **O duplo jogo de Getulio Vargas**: Influência americana e alemã no Estado Novo. São Paulo: Símbolo, 1977.

GONÇALVES, José. Nosso Revés em Somacolonia. *In:* **Depoimento de Oficiais da Reserva Sobre a FEB.** Rio de Janeiro: Cobraci, 1949.

HALBWACHS, Maurice. **Memória Coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990.

HENRIQUES, Elber de Mello. **A FEB doze anos depois**. Rio de Janeiro: Bibliex, 1959.

INNOCENT, Michela. **Miguel Pereira e a Força Expedicionária Brasileira no Apenino Tosco Emiliano.** Pistóia, Itália: Editrice, C.R.T., 2003.

KEEGAN, John. **Uma história da guerra.** São Paulo: Cia das Letras, 2006.

KELLETT, Anthony. **Motivações para o combate**. Rio de Janeiro: Bibliex, 1987.

KLAS, Alfredo Bertoldo. **A Verdade sobre Guanella:** Um drama da FEB. Curitiba: Juruá Editora, 2002.

KLAS, Alfredo Bertoldo **A Verdade sobre Abetaia:** drama de sangue e dor no 4ª ataque da FEB ao Monte Castelo. Curitiba: Imprensa Oficial do Estado, 2005.

LIMA JUNIOR, Raul da Cruz. **Quebra Canela**: a Engenharia Brasileira na Campanha da Itália. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1962.

LINARDI, Antonio Gomes. **De Caçapava a Fornovo di Taro**. Missão Velha Ceará: Editora do autor, 1998.

LINHARES, Manoel Antonio. **A cobra vai fumar**: memórias de um soldado da Força Expedicionária Brasileira. Florianópolis: Rocha, 2004.

LOPES, José Machado. **Em 100 vezes responde a FEB.** Curitiba: Imprensa Oficial do Estado do Paraná, 1980.

MAGALHÃES, J.B. **A evolução Militar no Brasil**. Rio de Janeiro: Bibliex, 1958.

MAJOY. **Seguindo a Primavera**. Rio de Janeiro: Bibliex, 1951.

MALAN, Alfredo Souto. **Missão Militar Francesa de instrução junto ao Exército Brasileiro**. Rio de Janeiro: Bibliex, 1988.

MANNA, Rubens de Lacerda. **Serviço de Neuropsiquiatria da Secção Brasileira.** Curitiba: Editora do autor, 1962.

MARTINS, Wilson. **O modernismo** - A literatura brasileira. vol. 6. São Paulo: Cultrix, 1969.

MATTOS, João Baptista. **Os monumentos nacionais**: A Força Expedicionária no Bronze. Rio de Janeiro: Imprensa do Exército, 1960.

MATTOS, Raul A Simões. **A presença do Brasil na 2ª Guerra Mundial.** Rio de Janeiro: Bibliex, 1966.

MAXIMIAMO, César Campiani. **Onde estão os nossos heróis**. São Paulo: Editora Santuário, 1995.

MCCANN, Frank. **A Aliança Brasil Estados Unidos 1937-1945.** Rio de Janeiro: Editora Biblioteca do Exército, 1995.

MELLO, Newton C. de Andrade. **Conferência**. Causas e conseqüências da participação do Brasil na segunda grande Guerra. Rio de Janeiro: Bibliex, 1958.

MIGNEMI, Adolfo. **La Seconda Guerra Mondiale.** Storia Fotográfica della Società Italiana. (1940- 1945). Roma- Itália: Editora Riuniti, 2000.

MORAES, João Batista Mascarenhas de. **A FEB pelo seu comandante.** São Paulo: Instituto Progresso Editorial: São Paulo, 1947.

MORAES, João Baptista Mascarenhas de. *In*: GONÇALVES, Carlos Paiva. **Seleção médica do pessoal da FEB.** Rio de Janeiro: Bibliex, 1951, pp.14-15.

MORAES, Eduardo Jardim de. **A Brasilidade Modernista**: sua dimensão filosófica. Rio de Janeiro: Graal, 1978.

MORAES, João Batista Mascarenhas de. **Marechal J.B. Mascarenhas de Moraes:** Memórias. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1984.

MORGADO, Sergio Roberto Dentino. **A II Guerra Mundial**: O Brasil e Monte Castello. Por quê? Como? Pra quê? Memória do Exército Brasileiro e do Jornal do Brasil. São Paulo: Bibliex, 2005.

MOURA, Nero. A doutrina de Góis: síntese do pensamento militar no Estado Novo. *In:* **Repensando o Estado Novo**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1999.

NUNES, José Horta. Manifestos Modernistas: A Identidade Nacional no discurso e na língua. *In:* ORLANDI, Enni Puccinelli. **Discurso Fundador**. Campinas: Pontes, 2003, p. 43.

OLINTO, Heldrun Krieger**. Histórias de Literatura**: as novas teorias alemãs. São Paulo: Ática, 1966.

OLIVEIRA, Dennison de. **A Ditadura do Estado Novo e a luta contra o nazi-fascismo (1942-1945).** Curitiba: UFPR, 2002.

OLIVEIRA, Lucia Lippi. Os intelectuais e as raízes da ordem. *In:* ARAUJO, Maria Celina D'. (org) **As Instituições Brasileiras da era Vargas.** Rio de Janeiro: FGV, 1999.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Discurso Fundador, a formação do país e a construção da identidade nacional**. São Paulo: Pontes, 2003.

PALHARES, Gentil. **De São João Del Rey ao Vale do Pó.** São João Del Rey: Gráfica do Comércio, 1951.

PALHARES, Gentil. **De São João Del Rei ao Vale do Pó.** Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1957.

PANDOLFI, Dulce; BOMENY, Helena M.B. Três decretos e um ministério: a propósito da educação no Estado Novo. *In:* **Repensando o Estado Novo**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1999.

PATICCHIA, Vito; ARBIZZANI, Luigi (org). **In Combat Photo** (1944-1945). L'Ammnistrazione militare alleata dell' Appennino e la liberazione di Bologna nelle foto e nei documenti della 5ª Armata Americana. Bolonha: Grafis Edizione, 1994.

PÊCHEUX, Michel. **O Discurso.** Estrutura e Acontecimento. São Paulo: Pontes, 2002.

RAMOS, José de Oliveira. **A Epopéia dos Apeninos**. Rio de Janeiro: Gráfica Laemmert, 1947.

RAMOS, Rudemar Marconi. **Diário de um paisano na Segunda Guerra Mundial.** Rio de Janeiro: H.P Comunicação Editora, 2003.

RIGONI, Carmen Lúcia. **Monumentos brasileiros na Itália, honra e glória aos veteranos da FEB.** Curitiba: Torre de Papel, 2005.

ROCCA, Gianni. **L"Itália Invasa (1943-1945).** Milano: Arnoldo Mondatori Editore, 1998.

ROCHA, João Evangelista Mendes da Rocha. **Senha e Contra Senha:** A 2ª Companhia do 6º R. I. na Campanha da Itália. Rio de Janeiro: Marcelo Gráfica e Editora Ltda, s/ data, p. 67.

ROSA, Celso. **O Pracinha na Guerra**. São Paulo: Café Editora Expressa, 1999.

ROSA, Celso. Um gostoso cafezinho. *In:* **O pracinha na Guerra.** São Paulo: Café Editora Expressa, 2000.

RÜSEN, Jörn. **História Viva.** Teoria da História III: formas e funções do conhecimento histórico. Tradução de Estevão Rezende Martins. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 2007.

RÜSEN, Jörn. **Razão Histórica.** Brasília: Editora UNB, 2007.

RÜSEN, Jörn. **Reconstrução do Passado.** Teoria da História III, os princípios da pesquisa histórica. Brasília: UNB, 2007.

SANTOS, Francisco Ruas**. Fontes para a história da FEB**. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1983.

SCHENEIDER, Jacob Emilio. **Vivência de um capelão da FEB.** Curitiba: Edições Rosário, 1983.

SCHNAIDERMAN, Boris. **Guerra em Surdina**: histórias do Brasil na Segunda Guerra Mundial. São Paulo: Brasiliense, 1995.

SCHNEIDER, Emilio Jacob. **Vivência de um ex-capelão da FEB.** Curitiba: Edições Rosário, 1983.

SEIXAS, Jacy Alves. Percursos da Memória em terras de História: Problemáticas atuais. *In:* BRESCIANI, Stella; NAXARA, Márcia. **Memória e (re)sentimento**: indagações sobre uma questão sensível. São Paulo: Unicamp, 2001.

SILVA, Benício da. (org.) **Comemoração do Dia do Soldado.** Rio de Janeiro: Biblioteca Militar, 1940.

SILVA, Ernani Ayrosa da. **Memórias de um soldado**. Rio de Janeiro: Bibliex, 1985.

SILVA, José Alves da. **A saga de um catarina na FEB**. Itajaí: Edição do autor, 2001.

SILVA, Maurício da. **Montese** - fascismo, guerra e ricostruzione. Il Trebbo. Montese (MO), Itália: Ed. Golinelli, 1990.

SILVEIRA, Antorildo. **O Sexto Regimento de Infantaria Expedicionário**: Fatos da Campanha do Território da Itália. Rio de Janeiro: Gráfica Lambert, 1947.

SILVEIRA, Joaquim Xavier da. **Cruzes Brancas:** o diário de um pracinha. Rio de Janeiro: José Álvaro Editor, 1963.

SILVEIRA, Joel e MITKE, Thassilo. **A luta dos pracinhas**: A força Expedicionária Brasileira na II Guerra Mundial. Rio de Janeiro: Record, 1983.

SOARES, Leonércio. **Verdades e Vergonhas da Força Expedicionária Brasileira.** Curitiba: Edição do autor, 1982.

TAVARES, Ítalo Diogo. **Nós vimos a cobra fumar.** Salvador: P&Gráfica e Editora Ltda, 2003.

TAVARES, Ítalo Diogo. **Nós vimos a cobra fumar**: Diário de um jovem tenente brasileiro na Itália durante a II Guerra Mundial. Salvador: P&A Gráfica e Editora Ltda, 2005.

TROTA, Ezio. **Cronache di guerra fra Reno e Samoggia (1943-1945**). Modena, Itália: Edizione Il Fiorino, 2000.

UDIHARA, Massaki. **Um médico brasileiro no front**. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 2002.

UDIHARA, Massaki. Um médico na Infantaria. *In:* **Depoimento dos Oficiais da Reserva.** Rio de Janeiro: Cobraci, 1949, pp.134-155.

UZEDA, Olívio Gondin. **Crônicas de Guerra**. Rio de Janeiro: Bibliex, 1952.

VARGAS, Getúlio. **As Diretrizes da Nova Política do Brasil.** Rio de Janeiro: José Olimpio, 1942.

VARGAS, Getúlio. **Getúlio Vargas:** Diários. São Paulo: Siciliano, 1995.

VELLOSO, Mônica Pimenta. Os intelectuais e a política cultural do Estado Novo. *In:* FERREIRA, Jorge e DELGADO, Lucilia de Almeida Neves. **O Brasil Republicano**: O tempo do nacional estatismo do início da década de 1930 ao apogeu do Estado Novo. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

VELLOSO, Mônica. Cultura e Poder Político. Uma configuração no campo intelectual. *In:* OLIVEIRA, Lúcia; VELLOSO, Mônica; GOMES, Ângela. **Estado Novo.** Ideologia e Poder. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.

VELLOSO, Mônica. **Cultura e Poder político**: uma configuração do campo intelectual. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.

VENTUROLI, Cinzia. **La guerra sotto il sasso**: populazione, tedeschi, partigiani (1940-1945). Bolonha: Aspásia, 1999.

WERNER, Geraldino. **Tomada de Monte Castelo...** Memórias de Geraldino Werner. Documento digitalizado. Curitiba, 12 de setembro de 2008.

WEYGLEY, Russel F. **Novas Dimensões da História Militar**. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1981.

ZANINI, Dario. **Operazione Militare sulla Línea Gotica-Resistenza nelle Retrovie.** Bolonha: Instituto della Storia da Resistenza, 1975.

REVISTAS

ADES, César. Múltipla Memória. São Paulo, **Psicologia,** USP, vol. 4, n. 1 e 2, 1993.

ANDERSON, Bendict, (1991) Imagined communities. London. STEIN, H.F (1987) Developmental Time, Cultural Space; Studies in Psychogeography, London, *apud* FERRANTE, Antoinette. *In:* Mas afinal, a memória é de quem? Histórias Orais e Modos de Lembrar e Contar. **Revista da História da Educação.** ASPHE/FAE/UFPel, Pelotas(8): 141-174, setembro de 2000.

ANDRADE, Carlos Drummond de. **Reunião Drummond**. Rio de Janeiro, 1969.

ANPI. **Resistenza Oggi,** n. 1, Bologna, Istituto Storico della Resistenza, 2000.

ARAUJO, Vicente Barbosa de. No Bronze, oculto do herói. **Revista o Expedicionário**. Associação dos Ex-Combatentes do Brasil. Nova Iguaçu. R.J. n.84, dezembro de 1980.

AUTOR DESCONHECIDO, *apud* Coquetel de Línguas. **Revista Militar Brasileira,** Brasilia, 1973.

ÁVILA, Affonso. Nas Vertentes da Semana de 22: o grupo mineiro de A Revista. **Revista Cultura,** Vozes, Rio de Janeiro, 1972.

CAMARGO, Aspásia; GOÉS, Walder. Cordeiro de Farias. **Revista de Ciências Sociais,** Rio de Janeiro, FGV, 1981.

COSENZA, Ettore. La Sacca di Fornovo. Aprile, 1945. **Quaderno nº 1. Istituto Storico della Resistenza per la Província di Parma**. Itália, abril de 1975.

CRUZ, Vicente Pedroso da. **Revista O Expedicionário**, ano VIII, n. 100, Rio de Janeiro, abril de 1982, pp. 19-20.

DOGLIANI, Patrizia. Associazinismo resistenziale nel primo decennio della republica: politiche ed insediamenti de uma memória, *apud* **Memória e Ricerca**, n. 10, Ponte Vecchio, Itália, 1997.

ELMIR, Claudio Pereira. A narrativa e o conhecimento histórico. R.G.S. **História Unisinos**, vol. 8, nº 10, jul/dez. 2003, pp.35-52.

FÁVERI, Marlene de. Dossiê Guerra e Nacionalização. Fronteiras. **Revista Catarinense de História,** n. 13, UFSC, ANPUH-SC, 2005.

FIORI, Neide Almeida. A nacionalização do Ensino em Santa Catarina: tempos de guerra e de controle político-cultural. Dossiê: Guerra e Nacionalização. Fronteiras. **Revista Catarinense de História**. UFSC, Associação Nacional de História, 2005, p.105.

GUALANDI, Fabio. Rita da Silva um silêncio que durou 50 anos. **Gente di Gaggio - Storia e Luoghi d'Appennino**, nº 15. Gaggio Montano (BO) Itália, 1997.

HISTÓRIA DA GUERRA. Fascículo n. 33, Cap. LXXII, Lisboa, Editorial Século, 1957.

KREUTZ, Lúcio. A nacionalização do Ensino no Rio Grande do Sul: medidas preventivas e repressivas.in Fronteiras: **Revista Catarinense de História**. UFSC.Associação Nacional de História (ANPUH-s.c), n 13, 2005.

LPE. A História da legião Paranaense do Expedicionário: Fundamentos Espirituais. **Revista do Jubileu de Prata da FEB.** Curitiba, 1970.

MOTTA, Jeovah. *In*: SANTOS, Miriam de Oliveira. Um olhar sobre as instituições escolares militares brasileiras do fim do século 19 ao início do século 20. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos,** Brasília, vol.88, 2007, PP. 310-330.

MOURA, Aureliano Pinto de. O Serviço de Saúde do Exército Brasileiro. **Revista do Exército Brasileiro**, v.123, n. 2, abril-junho de 1986.

NASLAUSKY, Salomão. Cota 747. *In:* Revista Militar Brasileira. Ano LIX. Volume CII, Brasília, Ministério do Exército, 1973.

NATHAN, S. Mathewson. Storia Operativa della 1ª Divisione di Fanteria del Corpo di Spedizione Brasiliano. **Public Record Office**. Itália, set. de 44 a 45 de maio de 1945.

NETTO, João de Deus Freitas. **Boletim Informativo da Casa Romário Martins.** Curitiba, 9 de agosto de 1982.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. *In:* Les lieux de mémoire. La Republique, Paris, Gallimard. Tradução de Yara Aun Khoury, 1984. **Projeto História**, São Paulo, (10) dez. 1993.

OLIVEIRA, Dennison de. **Cultura e Poder nas cerimônias militares das Forças Armadas Brasileiras**: o caso da vitória de Monte Castelo. UFPR, fevereiro de 2000.

OPÚSCULO. 35 anos da FEB. **Associação Nacional dos Veteranos da FEB**, Belo Horizonte, maio de 1980.

PEIXOTO, Gilberto Peixoto. O Serviço de Saúde da FEB no 'Quarteirão Oeste'. **Revista O Febiano,** n. 39, Rio de Janeiro, novembro e dezembro de 1970.

PINTO, Dalton Feliciano. **Revista o Expedicionário,** ano V, n. 54, Rio de Janeiro, junho de 1978.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. **Caderno de Estudos de História,** n. 3, FGV, Rio de Janeiro, 1989.

PORTELLI, Alessandro. O que faz a história oral diferente. **Revista Projeto História**, n. 14, São Paulo, 1997.

REVISTA DA SEMANA. Rio de Janeiro, 20 de março de 1945.

REVISTA EM GUARDA, n. 4, 12 de abril de 1945.

REVISTA O FEBIANO. Homenagem póstuma a um grande comandante. Boletim n. 22, ago., set., out. de 1968.

SANTOS, Miriam de Oliveira. Um olhar sobre as instituições escolares militares brasileiras do fim do século 19 ao início do século 20. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**, Brasília, vol.88, n. 219, p.310-330, 2007.

SETTON, Maria da Graça Jacintho. A teoria do habitus em Pierre Bourdieu, uma leitura contemporânea. **Revista Brasileira de Educação,** n. 20, maio, jun, jul, agosto de 2002*,* p.67.

SILVEIRA, Joel. Aniversário da Tomada de Monte Castelo. **Revista O Expedicionário**, ano VII, n. 74, fevereiro de 1980, Rio de Janeiro, Editora do Expedicionário, 1980.

SILVEIRA, Joel. O Dia em que Monte Castelo caiu. **Revista Militar**. Rio de Janeiro, Cia. Brasileira de Artes Gráficas, março-abril, 1975, pp.7-15.

UZEDA, Olívio Gondin de. A conquista do Monte Castelo. **Revista O Febiano**, n. 40, Rio de janeiro, ANVFEB, janeiro e fevereiro de 1971, p.39.

VARELLA, R. F. Fim de Batalha. **O Febiano,** n. 35, maio-junho. Rio de Janeiro, 1970.

VELLOSO, Mônica Pimenta. Os intelectuais e a política cultural do estado Novo. **Revista de Sociologia,** n. 9, Curitiba. UFPR, 1997.